Testemunhos de ex-presos políticos da cadeia de Caxias.

Pessoas que, devido às suas atividades anti-fascistas, foram presas e torturadas durante a ditadura do Estado Novo em Portugal (1933-1974).
O percurso de vida dalguns dos que resistiram, lutaram e contribuíram para o fim da ditadura.

As entrevistas foram realizadas pela Memoria Imaterial CRL em parceria com a URAP para o projeto MURAL da Câmara Municipal de Oeiras.

Seguem-se as transcrições integrais das 42 entrevistas editadas e publicadas em vídeo no **e-Museu MEMORIAMEDIA**.

Repositório online: https://memoriamedia.pt/index.php/memoria/mural-caxias

Local de referência: **Forte-prisão de Caxias, Oeiras.**

Registo de testemunhos (2021, 2022)

Realização **Filomena Sousa**
Vídeo **José Barbieri**
Entrevista **Filomena Sousa, José Barbieri**
Transcrição **Laura del Rio**
Consultoria **Rosário Rosa**

Coordenação

Câmara Municipal de Oeiras e **URAP – União de Resistentes Antifascistas Portugueses**

Edição e versão web
Memória Imaterial CRL
em **www.memoriamedia.pt**

Índice

Testemunhos de ex-presos políticos da cadeia de Caxias. 1
Afonso Assunção Rodrigues 4
Alfredo Rodrigues de Matos....9
António Rodrigues Canelas 16
António Diamantino Raimundo Nabais 24
Apolónia Maria Pereira Teixeira....29
Armando de Sousa Teixeira....44
Arnaldo Silva 55
António Borges Coelho....67
António Carlos da Costa Cerqueira....74
Carlos Coutinho....81
Carlos Cruz 90
Clemente Alves 102
Maria da Conceição Rodrigues de Matos Abrantes....110
Daniel Isidoro Figueiras Cabrita....122
Domingos Abrantes Ferreira 128
A Fuga de Caxias....140
Eduardo Batista....148
José Ernesto Cartaxo 160
Eugénio Manuel Pacheco da Costa Ruivo....172
Fernando António Pinheiro Correia 181
Maria Georgina Maia de Azevedo 185
Gilberto Henrique da Silva 191
Humberto Rui Ramos Moreira 201
Joaquim Pólvora Garcia Labaredas....204
Joaquim Augusto dos Santos (Mocinho) 211
José Ribeiro Sineiro 217
Manuel Maria Candeias 221
Manuel Custódio....230
Manuel Martins Pedro 233
Maria Guilhermina Pereira Galveias....246
Mário José d'Araújo 250

Miguel Dantas Serra Machado Guimarães 259
António Modesto Fernandes Navarro 266
Óscar Manuel Martins Romualdo 282
Óscar Fernando Gonçalves Vieira 292
José Pedro Correia Soares 308
Rafael Galego 321
Sérgio José Ferreira Ribeiro 335
José Tavares Marcelino 342
José Duarte da Silva Vaz Teixeira 358
Vicensa Ferreira Marques 370
Vítor Manuel Alves Agostinho 373

Afonso Assunção Rodrigues

Ano nascimento: 1943
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 11-10-2021

"Como vivíamos na nossa sociedade, com a repressão que havia, com um irmão já também com consciência política e que foi preso - teve também aqui em Caxias, só em Caxias - tudo isso me foi moldando de certa maneira.

Uma coisa que determinava muito isto era a questão da Guerra Colonial, os recursos, eram jovens. Nessa altura eu, com a idade que tinha e mesmo já antes pensava assim: «então, mas isto não pode ser pá. Nós somos um país pobre e pequeno. A Inglaterra, os franceses, os holandeses, os belgas, todos tinham abandonado e eramos nós a manter aquilo?». Sabia que isto acarretava perigos, não é? Porque havia a repressão, nós eramos uma sociedade sem liberdade. Ainda por cima com um peso enorme da guerra colonial.

Durante todo o meu tempo de militância foi mais ou menos sempre desta forma: transporte de materiais, transporte de funcionários do Partido, casa de apoio. Fundamentalmente foi isto. Por vezes alguns trajetos maiores para fora de Lisboa, bastante para fora. Alguns eu até nem sabia o que é que eu lá ia fazer.

Eu e a minha mulher trabalhávamos na TAP. Eu era mecânico de avião, a minha mulher era assistente de terra.

No dia 30 batem à porta muito cedo, mesmo antes das 7 da manhã. Eram quatro PIDEs, que entraram em casa para vasculhar tudo. Curiosamente eu transportei tanto Avante, tanto Militante, tanta coisa, mas por saber do cuidado que era necessário ter, eu quase que descansei quando eles entraram à procura de qualquer coisa. Lembro-me nomeadamente de eles estarem a vasculhar até a literatura dos aviões, porque tinha esquemas elétricos e coisas assim e eles eram, se calhar, um bocado boçais e pensaram que aquilo pudesse estar ligado a alguma coisa que não era aquilo que era a minha atividade. Vasculharam a casa toda, levaram algumas coisas. Como calcula quatro PIDEs em casa e dois a movimentarem-se para ali - ainda ontem a minha mulher me estava a dizer que eles foram à despensa, eu nem dei por isso. Mas depois apercebi-me que houve coisas que levaram lá de casa (...)Tinha lá uma fotografia, salvo erro, do Ho Chi Minh e outras coisas do género, mas não conseguiram apanhar nada que me pudesse incriminar. Se encontrassem um Avante - isso para eles era uma coisa muito [incriminatória]. Não tinha rigorosamente [nada]. Eu lia o Avante e pronto. Mas eu levava, levei malas e malas e malas de Avantes.

Lá em baixo estavam mais dois PIDEs - um deles eu até conhecia, porque tinha estado a trabalhar em Moçambique uns 6 meses antes de ir para a TAP. Eu trabalhei

também nas oficinas de Alverca que é também de aviação e andei lá num ginásio. Havia um individuo da PIDE que ia lá ao ginásio e eu conhecia-o. E eu [pensava] assim: «Epá, eu devo ser muito perigoso. Agora tenho em casa [4 PIDEs]». (...) Eu [quando] fazia a coisa que achava que era a mais mundana, sabia que era preciso muito sigilo, muita atenção. (...) Puseram-me num posto da GNR, porque depois foram buscar mais um outro camarada a uma fábrica - que agora já não existe, que era a Olaio que fabricava móveis, que era ali à saída de Sacavém. Foram buscar mais esse. O posto da GNR era mesmo ali ao lado de mim e alguns GNRs com certeza que me conheciam. Para eles deve ter sido a coisa mais estranha. «Mas o que é que se passa?» [perguntaram] - e era a PIDE - iam lá espreitar com curiosidade. Aquilo era um prato.

E levaram-me para a António Maria Cardoso, onde eu estive nesse dia até à noite - há coisas que eu já não me recordo, como é óbvio. Levaram-me para Caxias e depois ainda mesmo nesse dia, já à noite, trouxeram-me novamente para a António Maria Cardoso. Eu passei o dia todo sem comer. E eu estava assim: «Mas isto é mesmo [duro]... Será assim?». Foi porque coincidia - quando cheguei a Caxias foi já depois de almoço, (...) quando saí de Caxias foi antes do jantar ou coisa assim. O que eu comi, nunca mais me esqueço, foi uma sopa de caldo verde. Não me apetecia nada comer uma sopa caldo verde, mas tinha de comer qualquer coisa, não é? O organismo precisa.
(...) Aí foi só pela identificação. Levaram-me novamente para Caxias. Eu penso que ainda vim mais duas vezes a António Maria Cardoso, porque a António Maria Cardoso estava a acabar com as instalações para fazer os interrogatórios. Aquilo passou tudo para o Reduto Sul aqui de Caxias.

Fui para Caxias. Acho que estive nalgumas 3 celas diferentes. As celas eram assim coisas pequenas - dois metros por três. Tinham uma mesita, tinham uma cama. E ‘tive ali sozinho um mês e pouco, sempre sozinho, mas mudei para três celas diferentes. Essa parte aí foi a mais difícil, porque as sevícias eram bater e eu acho que o bater foi sempre aquilo que eu senti menos. Eu lembro-me de alguns três objetos diferentes, desde o cavalo-marinho, a uma moca e assim. Não sei se eles até sentiam alguma vergonha por estarem a praticar aquele ato. Mas depois o que era difícil era a gente estar sempre a pensar. ‘Tive lá acho que 3 noites e 4 dias. E depois voltei várias vezes, sei lá quantas vezes é que eu fui a interrogatório. Umas 3 ou 4 noites sem dormir. Depois os PIDEs... vinha um, vinha outro. E eu penso que a partir de um certo tempo a gente começa a baralhar muito a cabeça, não é? Já nem vê bem ou vê coisas esquisitas no chão. Mas a pessoa de qualquer maneira está sempre um pouco consciente e é a angústia. [Pensava]: «Mas eu vou-me aguentar, o que é que vão fazer mais?». E depois cada vez que ia para a cela estava sujeito aquela grande angústia: «Vão-me chamar outra vez?». Cada vez que se ouvia a ramona da polícia... E aquilo era uma constante, que devia ser mais do que um carro, não é? E entravam por um túnel, que ia para o interior, para um pátio. Esse pátio foi onde houve aquela fuga de Caxias. Eu nunca entrei por aquela entrada principal que as pessoas hoje veem, por onde saíram os presos políticos e por onde entrava a minha mulher e os advogados, quando iam ter com os presos.

Mas o que foi doloroso, e volto a repetir, realmente era aquele tempo de espera sem saber quando é que se ia para interrogatório e como é que a gente se ia comportar, se ia resistir, o que é que iam fazer. Porque o interrogatório era feito de muitas coisas. A polícia também estava cega. Aquilo que eles andavam mais à procura foi aquilo que eles talvez nunca encontraram. Mas prenderam muita gente. Houve uma denúncia que levou, naquele período, muita gente à cadeia.

Eu, sozinho, sozinho estive [um] mês, mês e pouco, já não sei precisar bem. Depois continuei a ir, mais o isolamento dentro daquelas celas pequenas [que] foi talvez até aos 3 meses, porque, entretanto, eu fiquei acompanhado com outro camarada e as coisas aí começaram a melhorar, digamos assim.

Enquanto estive sozinho, eles nunca me punham na mesma cela não sei porquê, ou porque me punham numa qualquer. Numa cela eu só via era uma parede, noutra cela já via a estrada, noutra cela também só via a parede.

A minha mulher também a levaram para Caxias. Teve em interrogatório. Ela sabia da minha atividade, mas não conseguiram nada. Apreenderam também o carro na altura, mesmo antes do tribunal assim decidir. O carro foi logo apreendido - que fazia muita falta. A minha mulher, depois, para [ir para] Caxias era de comboio, sujeita às provocações dos PIDEs, ou então... Porque havia muita gente a apoiar as famílias dos presos políticos. Foi formado nessa altura o Socorro aos Presos Políticos. Eu tive o apoio da Amnistia Internacional, com a qual ainda hoje me relaciono, com pessoas com quem fiz amizade.

A minha mulher, entretanto, eu até nem sabia, também abortou na altura, o que foi para ela um grande trauma. Eu fiquei sem saber, eu nem sabia. Até me recordo de uma vez um PIDE: «Então a sua mulher, como é que está?», e eu disse: «A minha mulher está bem» - como quem diz, o que é que eu vou responder? Eu respondia. A estas coisas eu respondia, não assumia uma atitude daquelas… - [havia] camaradas que era nem bom dia, nem boa tarde.

A visita era com vidro duplo. O som até circulava era do lado de uma rede. Era uma vez por semana, uma hora. Com um PIDE do lado dela e um guarda do meu lado. O PIDE para ouvir o que é que a gente dizia. E era assim.

Mais tarde, quando se começou a formar o processo, também o advogado - José Carlos Vasconcelos, salvo erro, não sei se era irmão do Carlos Vasconcelos que era jornalista. Decorrido aquilo, eles formaram o processo, procuraram ligar ali … porque, veja bem, eu fui ter a um processo de atividade sindical em que estava o Daniel Cabrita, que fazia parte da direção do sindicato dos bancários - tinha havido uma grande movimentação de bancários na rua nessa altura. E isso incomodava muito, não é? Junto às outras coisas todas que se faziam contra a ditadura.

E então depois vim para uma sala para baixo onde já eramos oito ou dez presos, que era a parte mais - aquilo é um forte, não é? está a ver um forte? Tem aquelas grades, muito grandes. E era aí que a gente estava, num beliche, uns em cima

outros em baixo. E ali fizemos a nossa vida, o resto da prisão - que se estendeu por muito tempo, por razões que se prendem, não sei com certeza, por causa de formularem um processo para fazerem uma incriminação de ligar os comunistas à atividade sindical, acho que foi por essa razão. De qualquer forma havia muitos jornalistas que vinham. A minha mulher serviu muito de intermediária [para] falar com eles. Franceses, suecos, holandeses…

É claro que o tribunal... aquilo era um proforma. A PIDE dizia que eu tinha dito isto e aquilo, PIDEs que eu nunca tinha visto: «Ele disse e assinou de livre vontade». «Eu nunca vi isto na vida».

Depois do julgamento fomos logo para Peniche. O forte de Peniche, aquilo é uma coisa de bradar aos céus. Com certeza que já lá foram, não sei.
Sabe que a composição prisional naquela altura era diversa, porque era um misto de trabalhadores como eu, operários especializados, com intelectuais, com operários da Lisnave e da [H.] Parry & Son, [Lda] com pessoal que vinha da província. E em Peniche as coisas caricatas também aconteciam.

Normalmente conto este episódio: antigamente os relógios eram todos uma máquina - agora [é que] têm uma pilha. Os guardas a quererem desmontar o relógio por causa das mensagens. Eu dizia: «Mas você abre-me isso, estraga». Com 26 anos (...) a gente atrevia-se a dizer aquilo (...).

O chefe dos guardas lá tinha sido o guarda que tinham posto o clorofórmio no nariz quando foi da fuga de Peniche - de Peniche, digo bem, com o Álvaro Cunhal. (...) E esse homem para connosco foi sempre muito pianinho, muito pianinho. Não havia grandes conflitos lá com os guardas. As coisas eram assim, a gente de lá não podia sair. Sei lá quantas portas é que aquilo tinha, e grades…

Depois eu fui despedido, assim que foi a pronúncia do tribunal eu recebi uma carta da TAP a dizer que face à condenação cortavam o contrato comigo.

Entretanto tive uns amigos que residiam na Suécia e me convidaram para ir. Na altura houve um jornalista sueco que deu também algum apoio nisso. E fui para a Suécia até ao 25 de abril. Quase que foi um ano que lá estive quando deram a permissão para residir no país.

Então frequentava cursos, primeiro tive de frequentar cursos para aprender alguma coisa de sueco, mas não aprendi grande coisa - a minha mulher já ia no quinto ano e eu não passava do primeiro.

Eu lembro-me de ter visto o 25 de abril. Vi qualquer coisa num jornal sueco, ia num autocarro [e vi]: «Portugal, ...», e eu assim: «Epá, há qualquer coisa em Portugal». E depois, com outros amigos, havia ali uma comunidade portuguesa, falamos uns com os outros, telefonar. E rapidamente percebemos que tinha havido o 25 de abril. Chamemos-lhe revolução que não foi tanto assim. Mas que a aderência do povo

transformou rapidamente a nossa sociedade, de uma sociedade fechada e sem liberdades, numa coisa diferente".

Alfredo Rodrigues de Matos

Ano nascimento: 1934
Local do registo: Barreiro
Data do registo vídeo: 27-01-2022

"Em [19]56 eu comecei a ter contactos com pessoas que eram filiadas ou eram aderentes ao MUD Juvenil - Movimento de Unidade Democrática Juvenil - que era, digamos, o sector jovem do Movimento de Unidade Democrática e, portanto, aí comecei de facto também a aderir a algumas ações de convívios no âmbito do MUD Juvenil. Convívios e ações de natureza já política, mas elementar, muito juvenil, muito insipiente. Eu lembro-me que distribuíamos alguns panfletos pelo chão, pelas ruas; fazíamos grandes piqueniques com dezenas de jovens aqui no Barreiro. Havia pinheirais que não há hoje, eucaliptais que não há hoje. Grandes eucaliptais e pinheirais, eram espaços arborizados que permitiam um convívio aberto. Deslocávamo-nos pela rua cantando aquelas heroicas do Lopes Graça «Não fiques para trás ó companheiro», todas aquelas cantigas lindíssimas que o Lopes Graça musicou e divulgou e estão também editadas.

Lembro-me que uma vez fomos colar cartazes a pedir a libertação do Doutor Agostinho Neto, que estava preso na altura. Andava assim. Fizemos uma excursão, um passeio de autocarro, muitos autocarros, três ou quatro autocarros, já não me lembro bem. Fomos centenas de pessoas do Barreiro, jovens, a Alpiarça comemorar o armistício da Guerra 14/18 [Primeira Guerra Mundial], para conviver com os jovens de Alpiarça. Aí a GNR prendeu alguns jovens. Estávamos em convívio. Um deles, do Barreiro, António Espírito Santo Silva, foi preso nessa altura. Foi mais ou menos assim, essa atividade curta que eu tive.

E a minha casa foi assaltada. Eu morava no bairro novo da CUF com os meus pais, no bloco Soure, e foi assaltada em [19]57 em janeiro. Nós não tínhamos cuidados conspirativos. Apontávamos numa agenda os passeios, tudo isso. Foi assim, fui preso em 57.

Meteram-me logo num cubo no Aljube, chamávamos nós uma gaveta, que era no fundo um cubículo, não tinha mais que 1,80 / 1,90m por 2 metros. E tinha um bailique, que era uma tarimba, uma camita. Então havia uma luta entre o preso e o bailique. Ou o bailique estava em pé e também nós estávamos em pé, ou então estava na posição horizontal e não se conseguia andar, só sentar. Foram 60 dias ali metido de uma assentada. Inesperadamente. Eu não esperava nada disso. Mas isto não deu nada, não deu em nada, porque 3 meses depois eles libertaram-me, porque a lei dizia que eles não podiam ter mais de 3 meses sem haver um processo, creio eu. No dia 17 de março, pronto, fui libertado, mas com condições. Tinha que me apresentar diariamente à GNR aqui no Barreiro. O elemento torturante foram os 60 dias isolado numa das gavetas do Aljube.

Houve na altura um evento no dia 8 de março, no Dia da Mulher, creio que em [19]58. E nessa altura sou novamente preso. Depois disso casei. Eu casei na cadeia, casei no Calhariz, porque não tinha visitas da minha namorada e para ter visitas tínhamos que casar. Quem foi fotografar, no Calhariz, foi uma pessoa a mando do meu querido amigo

Augusto Cabrita, que mandou o Patacas fazer a reportagem. Mas eu percebi, a certa altura, que a polícia queria deitar a mão ao Patacas. Disse-lhe de uma forma não notada e ele zarpou, e não aconteceu nada. Há a reportagem desse casamento.

Fui novamente preso e requeri, como tinha casado e como ia a julgamento ainda, requeri a minha saída, uma liberdade condicional. E o tribunal [concedeu].

Depois fui condenado. Fui julgado, fomos julgados vários, e fomos 3 condenados. O Armando José da Cunha Santos - que já faleceu, que foi presidente do cineclube - apanhou 2 anos de prisão maior e de 6 meses a 3 anos de medidas de segurança renováveis; o Lenine Maria Sobreiro apanhou 22 meses de prisão correcional, também com medidas de segurança de 6 meses a 3 anos; e eu fui condenado em 18 meses de prisão correcional e medidas de segurança de 6 meses a 3 anos. Portanto cumpri 4 anos e meio de cadeia.

Um castigo que me foi aplicado, não só a mim como a todos os que foram à visita nesse dia, no Aljube, que se não tinham fato preto levaram gravata preta e uma braçadeira preta no braço. Quem tinha fato preto, levava fato todo preto: toda a gente foi de preto para a visita. Então fomos castigados, um castigo coletivo sem visitas, 3 meses ou 4 meses e sem jornais. No Aljube ou em qualquer outra cadeia para que fossemos transferidos. Toda a vida por um jornal... Por essa atitude de irmos de preto, assinalando de negro a chapelada eleitoral que o General Humberto Delgado sofreu.

Só fui para Caxias no dia 21 de outubro, depois das eleições para Presidente da República em que concorreu o General Humberto Delgado contra o Almirante Américo Tomás. O Doutor Arlindo Vicente, tinha desistido em favor do General.

Portanto fui para Caxias. Eu, mais o Lenine, sempre, porque o Armando da Cunha Santos foi para Peniche. Puseram-me logo num sítio onde estivessem pessoas perigosas do ponto de vista policial, membros do comité central do PCP ou dirigentes do PCP. Então fomos colocados junto do Rolando Santos Silva Augusto Verdial, o filho do Verdial que era arquiteto no Porto. Este senhor Verdial veio a fugir de Caxias e a trair profundamente o PCP.

Houve uma altura em que, na sala onde eu estava, estávamos oito. Íamos ao recreio logo de manhã, mas eu atrasei-me um bocadinho. A malta foi saindo por um corredor, sobe-se as escadas, tem lá o pátio de onde fugiram, o pátio interior. A certa altura eu saio, vou no corredor atrás deles, 50 metros atrás deles. Quando eles descem a escada e vêm [embora, eu perguntei]: «Então o que é que se passou?». Responderam: «Mandaram-nos vir embora. Estávamos a correr, mas só podíamos correr na vertical». Já não fui ao recreio também. Passado 6 dias o chefe dos guardas chama-me a mim. De vez em quando ele chamava-me: «É para comunicar que foram castigados, 30 dias». Uma coisa assim bárbara, por uma infração coletiva. Disse: «Mas eu não fui ao recreio, não estive lá. Essa aludida infração eu não cometi, não posso ser castigado». «Não cometeu, mas cometia se lá fosse com eles, portanto é também castigado». A prepotência desta gente!

Estive em Caxias até 61, 22 de janeiro, e fui para o Porto. Mandaram-me para o Porto a mim e a 39 outros presos de Caxias, porque houve uma rebelião em Caxias. Essa

rebelião teve origem na proibição de visitas em comum no Natal de 61. Foi por causa da fuga de Peniche que cortaram as visitas, nós depois ligamos tudo. Porque é que as visitas foram cortadas em 61? Porque antes tinha havido a fuga, portanto eles eliminaram qualquer possibilidade de contacto com a família. Havia visitas em comum no Natal e no Ano Novo, porque o resto eram visitas de meia hora, afastados 1 metro e meio dos familiares, na presença de um estranho - um estranho para a conversa, um estranho para a visita. Ou era um polícia, um PIDE, ou era um carcereiro. Em Caxias era mais ou menos sempre um carcereiro. Proibiram as visitas e as famílias, que eram dezenas de pessoas, muitas dezenas de pessoas, sobretudo mulheres e crianças. Foram corridas. Começaram aos gritos: «Quero ver os meus familiares. Quero ver o meu pai. Quero ver o meu filho. Quero ver o meu irmão». Mas gritavam! A Maria Isabel Aboim Inglês, várias mulheres… o Carlos Aboim Inglês estava preso também, aos gritos. E nós ouvíamos esses gritos, porque tínhamos grades. A fachada é voltada para o Jamor, então ouvíamos. A GNR pega nas mulheres e corre com elas a torto e a direito para a estrada do Jamor - mas isto demorou muito muito tempo, muitos minutos. E nós começámos a bater nas grades: «Bandidos! Queremos visitas!» Aos gritos. Impressionante. Então batemos nas grades, nas portas, murros em todo o lado. Todos, mas todos! Não era só a cela onde eu estava. Havia celas de oito pessoas, muitas, e havia uma de 14. O forte estava repleto, não sei quantas pessoas estavam, mas estava tudo cheio, estava lotação esgotada. Um chinfrim danado. E eles entraram nas celas com pistolas. [Reagimos]: «Então querem-nos matar ainda por cima». Um berreiro, um chinfrim danado. E aquilo não acabava.

Depois cantávamos o hino de Caxias, de noite, aquele célebre hino, lindíssimo hino da Caxias. Mas é exatamente como eu o aprendi, como eu estive lá muitos anos, alguns anos, é assim que se cantava e não é o que às vezes os coros cantam que, enfim, fazem bem em cantá-la, não seguem esta estrutura. São duas quadras, o estribilho, duas quadras, o estribilho. E acaba. Eu não tenho voz nem para falar, nem para dizer, quanto mais para cantar.

[Canta o Hino de Caxias]
«Longos corredores de trevas percorremos,
Sob o olhar feroz dos carcereiros.
Mas nem a luz dos olhos que perdemos
Nos faz perder a fé nos companheiros.

Como da noite irrompe a madrugada,
Como uma flor furando o chão de escória,
A nossa voz nas celas soterrada
Já traz no canto a estrela da vitória.

Vá, camarada, mais um passo!
Já uma estrela se levanta!
Cada fio de vontade são dois braços
E cada braço uma alavanca.

Cada fio de vontade são dois braços
E cada braço uma alavanca.
Ouço ruírem-se os muros

quebrarem-se as grades de ferro da nossa prisão.
Treme, carrasco, que a morte te espera
na aurora do fogo da libertação.

Podem cortar meu corpo à chicotada.
Podem calar o meu grito enrouquecido.
Para viver de alma ajoelhada
Vale bem mais morrer de rosto erguido.

O sol da luta aquece os nossos dias.
Para o cobrir desdobram-se as montanhas.
Quando o fascismo aguça as garras frias
Já traz a morte a arder-lhe nas entranhas.

Vá, camarada, mais um passo!
Já uma estrela se levanta!
Cada fio de vontade são dois braços
E cada braço uma alavanca.
Cada fio de vontade são dois braços
E cada braço uma alavanca.

Ouço ruírem-se os muros
quebrarem-se as grades de ferro da nossa prisão.
Treme, carrasco, que a morte te espera
na aurora do fogo da libertação.»

As pessoas não gostavam nada do hino da Caxias, não é?

Depois as coisas foram amainando e nós (…) Nós estávamos como se estivéssemos na mesma sala, porque os meios de comunicação entre nós, de dirigentes por um núcleo muito restrito de presos, sob orientação do José Alves Tavares Magro, mais conhecido pelo Zé Magro, que eram um homem delicioso, determinado.

A luta em Caxias, já em janeiro de 61, foi espetacular. Nós começámos a fazer [greve de fome]. Primeiro numa dada segunda-feira, não tomámos o pequeno-almoço. Devem ter pensado - estes gajos não comeram o pequeno-almoço, isto deve ser um levantamento simples, desarmado, não é? No dia seguinte tomámos o pequeno-almoço, almoçámos, mas não jantámos. No outro dia tomámos o pequeno-almoço, não almoçámos e jantámos. Andámos assim 4 ou 5 dias, até que eles caíram na asneira de não nos dar comer. Nós num dado dia, creio que numa sexta-feira, não tomámos pequeno-almoço e não nos deram almoço. Aquilo levantou em pé de guerra! «Não nos dão almoço, querem-nos matar à fome!». A gente desmanchava camas, batia com os ferros das camas, aquilo tinha 3 camas, era um chinfrim danado. Entrámos em pé de guerra. Depois amainou, eles voltaram a dar-nos comer. Amainou, [mas] pensámos: isto não vai ficar por aqui, a vitória não vai ficar do nosso lado. Então a certa altura, no dia 23 de janeiro de [19]61, disseram a 40 presos: «Preparem as vossas coisas, vão mudar de cadeia». Então assim fizemos. No carro onde eu fui, eramos mais 19. Gente boa, gente magnifica. Fomos um pouco perturbados, não sabíamos para onde íamos. No fundo eles atacaram-nos, castigaram-nos. Esse castigo existe, rebelião coletiva. Esse castigo foi um castigo que nos atingiu em cheio, mesmo no ponto mais querido que um preso tem: falar com a família, receber visitas da família e ver outros presos. E lá fomos para o Porto. Fomos 40 em dois carros celulares 20, 20. Vinte não sabiam que também iam mais 20.

Fomos para o Porto, mas não sabíamos que íamos para o Porto. Fomos para o Porto pensando que íamos para o Bié - o Tarrafal não, que já tinha encerrado - mas que íamos para qualquer colónia portuguesa onde tinham cadeias. Chegámos ao Porto, entrámos na sede da subdiretoria da PIDE no Porto, na Rua do Heroísmo, Largo Soares dos Reis. E nós fomos colocados 20 presos numa casamata. Eu já fui lá depois disso, as casamatas existem ainda. Agora são arrecadações. São construções quadrangulares em betão armado, com a cobertura também de betão. Aquilo era uma frigideira de Verão, um calor insuportável. Estive lá 11 meses.

O arejamento era inteiramente insalubre. Tinha uma porta de entrada que tinha um postigo! Vinte pessoas estiveram ali meses e meses. O ser humano adapta-se a tudo. Uma vez fizemos uma peçazinha de teatro, que uma vez eu vi mais o Lenine. Ele era bom declamador, o Lenine. Já desapareceu, coitado. Nós tínhamos as nossas conversas, ocupávamos o nosso tempo.
A esta distância, a crueza, o crime refinado, a desumanidade está muito esbatida, tudo está muito esbatido.

Ao fim de 11 meses, no fim de dezembro, eu tinha de sair no dia de 21 de janeiro de [19]62, portanto fui outra vez para Caxias.

E assisti à fuga de Caxias. Assisti, estava lá. Eu ia para o recreio sozinho, [no] pátio superior. Caxias tinha dois pátios. Um pátio intermédio, para o qual se acedia por um túnel, donde saiu o carro [da fuga], e por uma escadaria (…), e acima desse pátio havia um outro pátio dividido em dois. Eu ia para o recreio num desses meios-pátios, em frente lá estavam os sete ou oito, que eu conhecia.

Houve a fuga de Caxias. Eu no dia 1 saí. Foi interessante, porque eu saí e não disse à família, porque queria sentir a liberdade. Saí com a minha sacola e fui por aí por essa vereda e desci para a estrada, para a marginal. E daí fui apanhar um autocarro.

A terceira prisão deu-se em 3 de maio de 1970 e sucedeu a um evento extraordinariamente comemorado, que foi o 1º de maio. No largo frente ao cemitério do Lavradio, que é o início da Baixa da Banheira. A Moita e o Barreiro estavam aí representados aos milhares. Um camião de caixa aberta cheio de brita foi bloqueado no meio da multidão, em frente ao cemitério, na estrada que aí havia que hoje é uma estrada nacional. E inesperadamente apareceu a polícia de choque e a GNR, logo ao ataque e aos tiros. Aquelas pedras que estavam em cima do camião, começaram a ser arredadas. Aquela malta jovem em cima do camião com as pedras, defendia-se à pedrada. Começou um cerco, começaram a disparar. Depois a malta começou a debandar, mas a debandar de uma forma desordenada, como é evidente.

Dois dias depois (…) 3 de maio, assaltam oito casas no distrito. Quatro em Setúbal, uma em Alhos Vedros, uma na Moita e duas no Barreiro. Um deles, no Barreiro, fui eu. Fomos oito presos.

Morava no centro do Barreiro, na Rua Salvador Correia de Sá. Por acaso íamos à praia nessa manhã e estava lá o Jorge do Carmo, que era um prisioneiro. O Jorge do Carmo mais a Vitória, também estavam lá para nós irmos para a praia esse dia, creio que foi um sábado ou um domingo. Fomos levados todos os oito para Coina, onde entramos num carro celular, em Coina. Foi aí que nós nos vimos, que já nos conhecíamos. Foi esta a prisão de 70, depois do 1º de maio.

Nesta prisão não fomos para Caxias, nem para o Aljube, fomos para o Porto. Porque o Barreiro estava cheio, estava para rebentar. Pouco depois de [sermos] presos houve uma manifestação no Barreiro com milhares de pessoas contra as prisões, para pedir a libertação. Também deu

GNR, deu invasões de cafés… Isto no dia 3 de maio. Porque nós fomos presos de madrugada, isto deu-se a partir de contactos com o Presidente da Câmara a pedir a libertação, marchas a aumentar de volume, milhares de pessoas. [Eu] já não estava lá, já estava no Porto.

Passámos pela António Maria Cardoso para identificar. Não sabíamos que íamos para o Porto, mas a certa altura começamos a dizer: Ah, isto deve ser Porto. Tiraram-nos do Barreiro, tiraram-nos de ao pé das famílias, tiraram-nos do [nosso] ambiente. Isto foi depois de 69, em que o Barreiro ganhou as eleições à União Nacional, com fiscalização. O delegado da CDE era eu, da Câmara, e o (…) Madeira, não havia hipótese nenhuma, [contávamos] a urnazinha toda e ganhámos a eleições, 60 e tal por cento, para 30 e tal.

Chegámos ao Porto, calabouços. Começamos a ter visitas do Barreiro, a maior parte ia de automóvel. Nas visitas não sabiam o que é que o outro estava a fazer, sabia que estava no calabouço. (…) A certa altura um guarda prisional que me conhecia de há 9 anos, que há 9 anos tinha lá estado. Estive lá em 61 e em 70 fui para lá outra vez. Um dos guardas que me conhecia primeiro veio dizer (…) no dia 22 disse-me (…): «Senhor Alfredo, amanhã vai você para a tortura lá para cima. Vai amanhã». Então estive de 23 a 30 [de janeiro] em tortura do sono, como é evidente. Não me permitiam dormir e em pé, às vezes, e espancado durante 3 a 4 horas por noite. Das 2 da manhã, até às 3, 4, 5 da manhã espancado de uma forma barbara. Eu pensava que com a Primavera Marcelista isto já não [acontecia], que as regras, embora fascistas, seriam cumpridas. De facto, as regras queriam cumpri-las, queriam num mês resolver o problema.
Fui espancado de toda a maneira e feitio. Fui queimado, superficialmente. Cassetetes, vergões, aqueles cabos de aço envoltos em borracha já desfeitos, em todo o lado. Enfiavam-me o caixote de lixo, o caixote em verga, na cabeça. Metiam-me 3 e 4 em cima de uma cadeira. Uma coisa... eu pensava que já tinha desaparecido com o Marcelo, era a Primavera, não é? Pior, é que isto foi na base de terem formado uma brigada, de propósito, de assassinos. Uma brigada de polícias assassinos. Alguns deles diziam: «Eu já matei tantos pretos, tirava-lhes a pele! Não tem hipótese nenhuma, tem de falar». Eu dizia: «Eu respondo às vossas perguntas. Perguntem-me o que quiserem, eu respondo e assino e subscrevo aquilo que eu disse. Mas vocês não me estão a fazer isso, vocês estão a colocar-me aqui um texto para eu assinar».

Do que é que eles me acusavam? De eu ser membro do PCP, por acaso até era; de eu me dirigir a uma manifestação; de ter lá posto um camião de brita. De tudo aquilo que lá aconteceu eu era acusado, especialmente acusado. Eu, claro, dizia que não.

Eu a certa altura estava tão desfigurado, que havia uma casa-de-banho - agora aquilo está tudo mudado, está tudo mudadinho - havia uma casa-de-banho que tinha uns espelhitos e eu via: «Como estás pá! Estás acabado, [mas] vais aguentar». Eu, no fundo, estava a sentir que tinha uma força danada para não dizer nada. Zero, zero, zero. Então o que é que eu fiz? Dou três passos e mando-me contra a parede. Caio. Acabou aí. Mas já era para acabar, porque ia fazer um mês. Eles tinham de aprontar um processo. Vim algemado, o único algemado, para Caxias, num carro particular, um Volkswagen, e vim irreconhecível. Cheguei a Caxias fui posto em isolamento, numa cela em Caxias. Sei bem qual é a cela, até se via o Jamor. Mantinham-me interrogatórios na António Maria Cardoso. Então um individuo chamado Inácio Afonso, que era o chefe de brigada, pontapeava-me de toda a maneira. No fundo não disse nada. Estive 45 dias isolado aí. Nada. E assim foi. Depois em Caxias vim para a cela onde estavam os meus companheiros, os outros sete.

Fomos julgados em dezembro, no dia 21 de dezembro e fomos absolvidos. Absolvidos. Zero, zero! Se eu [tivesse] dito alguma coisa apanhava aí uns oito anos. Zero. E só me mostraram à

família um mês depois. Eu estava irreconhecível. Depois a nossa pele vai ao lugar. E foi aí que eu adquiri um problema pulmonar, foi aí nesse período.

O meu carácter alterou-se. A minha perspetiva de vida alterou-se, com o conhecimento que eu tomei. Como eu estava castigado desde o Aljube, metiam-me sempre no meio do comité central. Com o Carlos Aboim Inglês, Francisco Miguel Duarte (o Chico Miguel), o José Alves Tavares Magro (o Zé Magro), o Manuel Pedro, o Rogério de Carvalho, o Guilherme da Costa Carvalho, o Domingos Abrantes Ferreira (que é meu cunhado), o Afonso Gregório, o António Gervásio… A nata que estava presa, passei por esses todos. A vida social não se deu sem estes cérebros, sem este olhar sobre o mundo".

António Rodrigues Canelas

Ano nascimento: 1931
Local do registo: Torres Novas
Data do registo vídeo: 17-01-2022

"Eu tinha 17 anos, tinha 17 - vejam lá não me engane aí - 17 ou 16 quando fui trabalhar. Fui para uma empresa muito grande que havia em Torres Novas, que já não existe, que era João Claro Companhia e Irmãos. Fui para lá trabalhar como aprendiz. Nessa altura havia muitos operários - agora veem-se poucos operários. Às horas da refeição, ao meio-dia e às 17h as avenidas por onde saiam as pessoas pareciam procissões, havia muito trabalhador. A diferença entre essa altura, 1947, e agora é que agora a gente não dá pelos trabalhadores! Eram vestidos de ganga azuis - agora nem há trabalhadores, nem há fatos de ganga, não tem comparação nenhuma.

Eu ganhava poucochinho dinheiro, ganhava 25 tostões por dia. Ora, 25 tostões hoje já não têm comparação nenhuma com nada, era muito pouco. Um operário de primeira ganhava 47 escudos - isso ainda não chega a meio euro. Meio euro é 100 escudos, está a ver a diferença.

Entretanto aprendi a profissão de torneiro mecânico e aos 15 anos já trabalhava com uma máquina, já fazia trabalhos com máquina.

Queria introduzir aqui uma nota para se ver a diferença: a segurança social ainda estava a nascer. Como é que se resolvia o problema? Tinha havido um surto de tuberculose muito grande. Naquela altura quem não tinha dinheiro morria. Havia casas [em] que morria tudo: pais e filhos - eu pelo menos conheci uma casa dessas. O ambiente de apoio à saúde não existia. Entretanto os trabalhadores defendiam-se: organizavam comissões de fundos nas tabernas, que eram lugares onde normalmente depois do trabalho os trabalhadores se encontravam - não digo todos, mas muitos - aí organizava-se a maneira de arranjar dinheiro. Quando o dinheiro era para ajudar as famílias, havia uma subscrição. Estava na taberna. Normalmente as pessoas já sabiam, ao sábado [tinham] lá o papel com a listagem dos nomes para quem era - é para fulano, está doente, é para beltrano… Outras vezes era para organização política, que era preciso arranjar dinheiro e serviam-se deste artificio. Diziam na altura, as más-línguas de alguns trabalhadores, [que] para arranjar dinheiro, fundos e coisas havia duas instituições: a igreja e o PCP. Portanto só uma grande solidariedade é que podia sobreviver no regime policial que nós vivíamos, que era uma coisa que hoje nem - os senhores são mais novos, não fazem uma ideia. Este é o princípio da minha vida de trabalho. Fui para o trabalho sem nada, só com a 4ª classe.

Entretanto desenvolvia-se a ação antifascista. Eu tinha poucos anos, tinha 16 ou 17 anos - é assim uma coisa - e fui abordado por um colega, julgo que seria talvez do PC. [Perguntou-me] se eu não me importava, à noite, de me encontrar com ele na avenida marginal. Eu disse que não - fui sempre um rapaz muito amigo da brincadeira e não via mais nada se não isso. Mas fomos lá ver, aquilo parecia uma coisa muito séria. [Diziam]: «Com cuidado, não digas para onde é que vais. Diz só à tua mãe, se te acontecer alguma coisa». Cada vez me aguçavam mais o apetite.

Quando chegámos à Avenida, que é aquela avenida marginal de Torres Novas, estava mais uma pessoa ou duas sentadas num banco. Chegámos, sentámo-nos ao pé deles. Então um colega de uma outra empresa, que era o responsável pela organização do MUD Juvenil - o Movimento Unidade Democrática Juvenil, estava na altura numa grande força - esse senhor era o responsável em Torres Novas, que era o Francisco Canais Rocha. Francisco Canais Rocha, que mais tarde é preso comigo, é ele que organiza na altura o trabalho mais responsável, que era a unidade entre o Juvenil e o PCP. No nosso combate dizia-se: «És comunista?». «Não sou comunista, sou do MUD - Movimento Unidade Democrática Juvenil». Para nós era assim, para a PIDE era tudo comunista.

Foi-me dado um panorama da situação. Foi-me dado um panorama do MUD Juvenil e do que é que se pretendia. Era um movimento de unidade entre todas as forças antifascistas, não era de nenhum partido. O MUD Juvenil e até o PCP, preparavam as pessoas, davam informação e [para] depois verem a possibilidade que tinham de também aderirem e colaborarem. Todos tinham uma tarefa e todos tinham de pagar uma contribuição - a contribuição seria sempre para as organizações onde estavam, onde se tinha aderido.

A repressão policial era enorme. Bastava que um individuo lesse o Avante ou alguém dissesse que fulano lia o Avante, que a polícia atuava logo. E havia pessoas - eu conhecia um ou dois - que estavam presos porque o vizinho dizia que eles tinham... Era a organização da «bufaria» - e havia muito. Sobretudo havia uma crise de trabalho. Os trabalhadores, [estavam] desinformados, mal pagos, com uma vida desanimada. Mas lutava-se com alegria. Havia alegria no movimento e depois, no resultado. Havia uma greve, ou um levantamento, ou coisas de solidariedade com outros povos…. Claro que isto depois trouxe alguns maus resultados, uma meia dúzia de prisões. Porque Torres Novas era uma terra que fornecia muito a PIDE. Havia muita organização. O PCP era uma força muito grande. Muita gente séria que a PIDE, os agentes da PIDE, ou pessoas influentes, arranjavam empregos. E quem arranjava emprego era o patrão, era o diretor, eram pessoas que tinham algum acesso ao poder. As pessoas sérias e com tudo aderiam à legião portuguesa e depois não tinham dúvidas - tinham emprego.

Isto era o ambiente…

Havia uma coisa que é preciso aclarar. Então as pessoas, era na taberna que se organizavam? Era em qualquer lado! Eu tinha muitas reuniões, quando o tempo estava bom, nas propriedades, de noite. Com um certo cuidado, com cuidados conspirativos muito afinados, porque não se podia pôr o pé em ramo verde… Com uma grande orientação dada por um político - que em Torres Novas era operário e que foi depois um grande dirigente político, o primeiro responsável da Intersindical - o Francisco Canais Rocha. Foi ele que, já membro do Partido Comunista, deu-me um grande impulso. Porque era um operário intelectualizado, (…) o operário que se elevava intelectualmente e, portanto, tinha conhecimentos que os outros não tinham. Portanto, eram pessoas que auscultavam a situação e não só traziam a informação como também davam orientação. Este é o panorama de um jovem que entra nesta vida.

Ali por [19]52 houve um congresso, acho que era na Áustria, um Congresso da Juventude Antifascista. Portugal também mandou representantes. Eu nessa altura era

operário. A minha vida depois dá muitos saltos até hoje e deixei de ser operário, passei a ser empregado de escritório. Mas foi a vida política que orientou sempre a minha vida. Desde que entrei para o MUD Juvenil nunca mais, até hoje, deixei de lutar em organizações e outras coisas que eram precisas, conforme os trabalhadores iam adquirindo, não só conhecimentos, como também amor às coisas. Dizia a gente: «É o amor à casa», a brincar. Íamos brincando com coisas sérias.

Nós entrámos dentro da dinâmica do congresso fazendo colagens e reuniões. Eu, depois, deixei-me prender. Fomos fazer a colagem ao pé das igrejas. Torres Novas tinha nove igrejas - agora tem oito, porque alagaram uma - e tinha uma grande atividade religiosa. Hoje não se compara nada. E iam à missa de manhã. A gente já sabia que os papéis duravam pouco nas paredes, mas as pessoas de manhã ficavam logo com esse conhecimento.

Olhe, não sei como é que eu fiz aquilo: fui preso.

Pus-me a pintar as paredes, não tomei cuidado a colar os papéis. A polícia que havia era a Polícia Municipal. A Polícia Municipal viu-me e eu é que levantei as ondas - quando vi a polícia pus-me a correr. Ora, denunciei-me… A polícia andou e apanhou-me. Não sei o que é que me deu. Em lugar de fugir parecia que os pés não andavam. Nem eu sei dar a explicação de porque é que [não fugi]. Só sei que conforme ia indo, eles punham a gente nos calabouços e já lá estavam alguns, ou não estava ninguém e chegavam depois.

A minha primeira prisão foi essa, que foi uma coisa inglória. Fui preso e depois de manhã já cá estava a PIDE, já estava tudo. Já havia outras prisões. E levaram a gente todos para, deixe cá ver, que uns foram para interrogamento e outros foram nas carripanas da PIDE. Fui na carripana da PIDE, fui logo para Lisboa. Na António Maria Cardoso fizeram a receção das pessoas, o cadastro e tudo. Depois fomos para o Aljube. Eu ia com mais dois ou três. A primeira cadeia, o meu primeiro batismo - tirando aqui estas tascas da polícia aqui perto - foi o Aljube.

O Aljube era uma prisão com celas. Também tinha umas salas grandes que estavam cheias de gente presa, mas eu fui para a cela mais pequena. Era um corredor que havia com as celas todas ali e eu fui para a primeira, que era a mais pequenina - quase que nem cabia lá. Estive aí uns 15 dias até aos interrogatórios.

Os interrogatórios começaram e havia uma coisa, que depois se alterou por força das circunstâncias. [Perguntavam]: «Você é do Partido? Quando é que entrou?» e os presos diziam «Não senhor, eu não sou do Partido. Eu sou do movimento juvenil de Unidade Democrática». E faziam isto com um certo impulso, uma certa dinâmica. A polícia irritava-se com isso, porque os jovens diziam: «Eu não sou comunista. Eu sou antifascista aliado» - diziam isto alguns que tinham mais coragem, porque isto saía caro. Quem era aliado do PCP, depois nos julgamentos também pagavam na mesma moeda. Aquela arrogância e aquela vaidade: «Eu sou isto!» - depois tudo isto se modificou.

Estive um mês em interrogatórios. Não eram todos os dias. Os interrogatórios normalmente começavam de noite, porque havia o castigo da estátua e do sono. Eu estive nos dois, mas (…) não fui muito maltratado. Levei umas bofetadas, armei-me

uma ou duas vezes assim em mais corajoso e eles castigaram-me. Passado mais seis meses fui entregue ao Tribunal e fui julgado. Nessa altura houve alguma falta de conhecimento e também o terror de estar preso. A polícia era uma polícia científica, organizada pelos alemães e pelos italianos, que viviam antes de nós em fascismo organizado. O corporativismo vem da Itália com o Mussolini. O Salazar era um aprendiz ao pé destes indivíduos, mas era um fervoroso fascista. Muita gente dizia que ele não sabia o que é que se passava, que ele não sabia. Mas ele é que organizava e era responsável como um Capitão que organizava a PIDE. Há pouco tempo uma televisão deu um [programa] sobre a organização da PIDE, com o Capitão que me esquece agora o nome.

A PIDE era muito feroz. Assassinava-se com muita facilidade, apareciam pessoas nas valetas com tiros na cabeça.

Entretanto no dia do julgamento, eu fui para o tribunal. Há o interrogatório do Juiz e eu fiz o mesmo alarido que fazia na PIDE. [Perguntavam]: «Então o senhor quando é que entrou para o Partido?». «Eu não sou do Partido. Não tenho nada com os partidos. Eu sou do Movimento de Unidade Democrática Juvenil. Sou um jovem que ganha pouco mais do que o dinheiro para comer uma sopa». [Respondiam]: «O senhor é mas é um cachopo, não sabe o que é que quer!». E eu disse: «Eu sei o que é que quero. Eu ganho tanto. Vivo com a minha mãe - o meu pai divorciou-se da minha mãe. A minha mãe trabalha noite e dia. De noite trabalha a arranjar roupa e durante o dia trabalha noutros trabalhos domésticos e ganha X. Mal dá para a gente comer». «Isto não é discutido aqui!». «Pois, eu estou preso por causa disso». [Respondiam]: «O senhor está preso por andar a colar». «Não fui não. Foi porque fui a um Congresso».

Eu, como estava preso com o Salgado Zenha, ele preparou-me para o julgamento. E fiz um julgamento que julgo que teve alguma importância. O Juiz a certa altura disse: «Você não sabe o que é que quer». E eu disse: «Sei. É a situação económica em que a gente vive que não dá» (e depois levava tudo preparado, porque ele dizia «Vais ver que o gajo pergunta-te isto, pergunta-te aquilo»). [Perguntavam]: «Então e o senhor não tem pena da sua mãe?». «Tenho. Tenho mais pena de vossa excelência, que está aqui». «Olhe que eu retiro-lhe a palavra!». Não retirou e acho que o Juiz estava a achar piada ao cachopo que se estava ali a armar. Entretanto ele irritou-se comigo e às tantas ele [diz]: «O senhor cale-se, porque está a dizer coisas que não sabe». «Sei. Sei porque vivo nessa situação. E digo-lhe mais, senhor doutor, se o senhor fosse operário, ganhasse tanto como eu, visse a sua mãe a trabalhar noite e dia, também era do Juvenil». [Diziam]: «Você é uma criança, não sabe o que é diz». O julgamento foi um escândalo, na altura falava-se muito nisso.

Apanhei 13 meses de cadeia correcional, pena correcional. E uma multa de 300 escudos. Saí logo nesse dia em liberdade, eram 23h quando a PIDE me largou. Lá arranjei onde dormir, não sei já onde é que foi, e lá passei a noite. Foi assim a primeira prisão. Estava muita gente do Juvenil preso, porque para a PIDE e para o poder não havia mais nada se não comunistas, qual juvenil, qual meio juvenil. Depois acabou por isso, acabou porque eles [o movimento] não tinham força legal.

O Canais Rocha veio-me convidar para entrar para o Partido. Eu estava desertinho. Era uma coisa nova, o Partido era o auge dos trabalhadores - não todos, mas uma

quantidade razoável. E eu disse: «Sim senhora». Depois fiz muitas perguntas e ele respondeu-me como eu queria. Em [19]52 eu entrei para o Partido.

O Canais Rocha e as organizações que já cá estavam do PCP e do Juvenil organizavam com facilidade, porque o Canais Rocha era um líder - era um dirigente do Partido com uma grande capacidade. Organizou - ele e o Partido - o Movimento Campista, que ainda existe aí com grande força; o Cineclube onde a gente está e mais coisas de menos importância, mas também de cariz político. Foi muito vigiado o associativismo em Torres Novas. As assembleias, os filmes, as conferências, tinham todos a honra de serem assistidos por membros da PIDE. Ainda hoje me recordo: eles chegavam, sentavam-se nas primeiras filas com um descaramento. Pronto, era a PIDE, a repressão era oficial.

Eu, uma das coisas que gostava era de ir a França, porque já muitos campistas iam a França, não tinham problemas políticos e conseguiam o passaporte. Eu andei até que o patrão me conseguisse arranjar um passaporte. Consegui falar com o governador civil e ele simpatizou comigo. Simpatizou comigo e disse: «Você veja lá, vive sozinho com a sua mãe. O senhor engenheiro falou comigo, ele dá-lhe uma certa proteção, vai dar-lhe mais dinheiro». E deu, aumentou-me, mas de 47 para 50 escudos, por muito que me desse era sempre pouco. Eu agarrei no passaporte, convidei a minha mãe. A minha mãe não quis ir. Fui até França. Isto já era um acontecimento em Torres Novas - «O Canelas foi para França?!».

Depois havia a má-língua: «Pois foi. Alguma coisa é, porque a PIDE não deixa ir». Havia pouca confiança nos trabalhadores, a bufaria era muita. Até se dizia: «Até com as paredes é preciso cuidado, porque as paredes têm ouvidos».

Eu fui a França, vim. Quando vim, quando ia para trabalhar, a Segurança Pública fez um cerco à minha casa. Eu vivia num ponto onde chegavam quatro ruas - olhei e vi que cada rua tinha dois guardas. Se fugisse não tinha grande hipótese. Continuei a andar. O guarda foi muito simpático e disse: «Ó senhor Canelas, eu queria falar consigo, se não se importasse». «Vamos lá conversar» [respondi]. Vi muitos polícias, mas não me apercebi que só voltaria a casa passados meia dúzia de anos.

Cheguei lá, não me fizeram cadastro nenhum. Meteram-me dentro de uma cela e à tarde a PIDE veio-me buscar, sozinho. Levaram-me. A coisa foi a mesma: entrei para a António Maria Cardoso, saí pelas traseiras, fui para o Aljube. Meteram-me lá numa cela e passado uns dias - era uma cela dupla - veio um rapaz de Alpiarça, também do Juvenil e do PCP, veio de Torres Novas.

Veja lá o descaramento dos cachopos! Quando fui preso e depois me entregaram à guarda no Aljube, puseram-me lá na cela. Passado um bocado veio o guarda de serviço - estavam 4 horas de serviço - «Ó senhor Canelas, chegue aqui». Tinham uma mesazita pequena no corredor. «Como é que te chamas?» para o outro. E eu já muito alto, porque havia sinal [tosse propositadamente] «A tosse..!» - eu sabia o que eles queriam. [Perguntavam]: «Então como é que se chama?». «António Dias Canelas!». «Não fale tão alto. Ó senhor Canelas, não fale tão alto». «Eu estou um bocadinho constipado, dói-me a garganta ó senhor guarda». Toda a gente ficou a saber que o Canelas tinha sido

preso - eu já era conhecido nessa altura - isso correu logo. Veja lá em situações daquelas, que são situações sérias, eu ainda me dava para brincar.

Os interrogatórios para mim duraram mais de um mês. Encontrávamo-nos na sala da paciência. A sala da paciência era uma sala onde esperavam. Os presos tinham ali umas cadeiras e esperavam a altura de serem interrogados.

Começaram os interrogatórios e eu não sabia o que é que me ia acontecer. Tinha a consciência que aquilo ia sendo cada vez mais difícil. Os tempos [em] que eu ia para a sala da paciência… estava lá um dia inteiro sentado à espera e depois levavam-me outra vez para a cadeia. Era [para] cansar, preparar o terreno para os interrogatórios. Isto tudo se alterou com a pancada, perto de 10 dias de estátua e [tortura] do sono. Eu fui aprendendo. Chegava a altura em que o chão - era madeira, a madeira tem aqueles nós - tudo aquilo andava a bailar. Era influência já de um certo cansaço. Depois lá me atiraram contra uma parede. Eu já não reagia, já era um farrapo. Fui outra vez. Passado um mês é que eu estava em condições de ser outra vez interrogado. Fui levando esta vida. Fui resistindo, até que a PIDE [me] deixou. Achavam-me um bocado cachopo.

Passado 6 meses fui julgado. O julgamento foi plenário. Eram 20 e tal pessoas, foi tudo julgado no mesmo dia. Começou o julgamento e o engenheiro Clara era na altura membro da Câmara Corporativa e entendeu que me havia de ajudar. Lá lançou a ideia de que eu era um menino, era um cachopo, andava enganado. E o Juiz perguntou-me: «Ó senhor Canelas, como é que é a sua vida?». «Eu não tenho vida nenhuma. Fui denunciado» - e sabia por quem tinha sido denunciado, por um individuo chamado Tino. «Deixe-se de paródias» [diziam].

Como viu uma certa resistência minha, porque eu continuava a dizer que não era do Partido - e já era - não era do Partido, eles não tinham muita matéria, só tinham [aquela] informação, não fizeram grande barulho. Eu fui julgado, fui condenado em 2 anos e 3 meses de prisão maior e medidas de segurança. As medidas de segurança era um processo que a PIDE tinha. No fim dos presos acabarem a pena, faziam um requerimento ao tribunal para repetir e serem castigados com as medidas de segurança.

Fui para a cadeia e nessa altura mudei do Aljube para Caxias. Já tinha estado em Caxias quando foi do Juvenil, já conhecia aquilo. Depois entrei na vida normal dos presos. Quando andava ali uns meses de cadeia todo satisfeito - porque eu levava a vida toda a brincar, era muito novo, não tinha as responsabilidades e também não tinha a noção delas - «Senhor Canelas», «Diga, senhor guarda». «Prepare as suas coisas, vai mudar de cadeia». Eu até julgava é que ia para liberdade, estavam a acontecer coisas tão estranhas... Foi transferência. (...) Fui transferido para Peniche. Foi o meu batismo em Peniche.

Em Peniche fui integrado na vida prisional. Que também havia. Havia a organização toda e muito completa, onde eu fui imediatamente colocado. Era preciso fazer algumas ações com caráter de gente desinformada, que pudesse naquela altura dar uma dinâmica a certo trabalho de comunicações entre os presos e que não fosse um preso que desse muito nas vistas. Eu cheguei naquela altura, o Carlos Brito - está a ver quem é - estava no pavilhão onde eu estava. Passado poucos dias aliciou-me logo para um

determinado trabalho, que não há necessidade estar aqui a dizer o nome dos organismos. Devo dizer que era um trabalho desagradável. Quando ele me pôs [ao corrente] da missão que era eu disse logo que não - ele deu-me oito dias para pensar. Ora, ao fim de oito dias eu estava maduro. [Pensei]: «Se é uma missão que é preciso fazer, vou correr esse risco». Era uma coisa perigosa. Devia encontrar-me com duas ou três pessoas que estavam a ser aliciadas para o mesmo organismo. Porque houve uma grande manifestação dos presos e houve greves e a orientação era a gente não ir à greve. Mas a organização que estava a trabalhar já sabia o que é que deviam de fazer - e eu não sabia. O Carlos Brito disse-me: «Só te mexes quando eu te disser». E eu nessa altura não aderi à greve. Fiquei como ligação aos outros. Esta informação não é pública e eu não a devo dar - mas é para ficar de certeza com a ideia que eu corria até riscos de vida, se fosse preciso fazer alguma coisa. Veja o Tereso e veja a fuga de 62 [fuga de Caxias em 1961]. Correram aqueles riscos… era uma coisa parecida que era preciso começar já a trabalhar. Quando saí, já passado dois ou três anos, quando saí para liberdade também estava em liberdade o Canais Rocha. O Canais Rocha era um individuo de uma capacidade de absorver os materiais escolares que era uma coisa grande. Arranjou um explicador e fez logo nesse ano o 1º ciclo. Eu saí nessa altura. Fui ao professor para ele me dar também aulas se pudesse, que a minha mãe disse-me: «Queres continuar a estudar, eu pago-te isso». Porque a minha mãe a única coisa que fez quando eu estive preso foi trabalhar e juntar dinheiro para [que] quando eu saísse, fazer aquilo que queria. O homem disse-me que não tinha vaga para mim. Eu fiquei com a ideia que não era ter vaga. Fiquei com a ideia que ele não me queria dar [aulas] por causa da fama que eu tinha. Tinha fama de ser malcriado para a PIDE, contavam-se histórias, uma grande parte delas não eram verdadeiras. Entretanto falei com o Canais Rocha. O Canais Rocha disse: «Não há problema» - ele já estava a fazer o 5º ano - «Não há problema que quem vai fazer o 1º ciclo és tu e mais fulano. E eu vou-vos ajudar». Assim era. Algumas coisas que ele tinha dúvidas perguntava ao professor. Quando saía das aulas, dava aulas à gente. Tínhamos a vantagem de ter um professor nosso amigo e não pagávamos as aulas. Fomos fazer exame ficámos todos bem. Entusiasmados fomos logo no outro ano para o 5º ano.

Os presos, normalmente quando saiam da cadeia, faziam uma informação política ao Partido, ao comité central. Tomávamos medidas conspirativas quando as pessoas eram presas, logo para as prisões não terem consequências. Eu não fiz essa informação logo, mas fiz mais tarde. Foi quando o Partido resolveu criar a ARA.

Eu fui aliciado para colaborar nesse organismo - que fiz muito pouco, depois fui preciso noutros trabalhos, fui desviado daí - no norte do Ribatejo. Fui o primeiro dirigente do norte do Ribatejo da ARA. Aquilo teve o seu andamento, os aviões, os helicópteros, mas eu nessa altura já nem estava na ARA. Para o senhor ficar a saber que fui responsável por isso.

Entretanto deu-se o 25 de abril. Ora o 25 de abril apanhou-me na cama! Mas havia em Torres Novas um oficial militar que se dava muito bem comigo e andava-me sempre a bater nas costas [disse] «Desta vez é que vai». Porque eu tinha-lhe dito que quando os organismos revolucionários nas suas decisões chegam a meu conhecimento a revolução está perdida. [Respondeu]: «Então porquê? Não tens confiança em ti?». «Não, não tenho é confiança em vocês! Já fizeram tantas revoluções...!». Até que uma foi a sério. O 25 de abril foi a sério.

Só houve uma coisa que mudou [a liberdade], [porque] continuaram as responsabilidades políticas, a reorganização de alguma coisa que não estava bem organizado por causa das dificuldades e a vida continuou até hoje".

António Diamantino Raimundo Nabais

Ano nascimento: 1937
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 21-10-2021

"Eu nasci em Alpedrinha. Aos 16 anos vim embora para a Póvoa de Santa Iria, sozinho. Não estava zangado com os pais, eles entendiam que eu devia fazer-me um homem, embora tivesse o apoio do diretor da fábrica para onde fui trabalhar.

Trabalhando de dia, estudando à noite na Escola Industrial Afonso Domingues. E, de facto, comecei a sentir como era difícil viver. Porque naquela altura - agora não - mas naquela altura os comboios eram raros, saía da escola às 23 horas e tinha um comboio que chegava à Póvoa às 2h da manhã - e às 7 horas tinha de me levantar para às 8h ir para o trabalho. Isto, muitos dias seguidos, acontecia.

O ambiente na empresa onde trabalhava, era um ambiente do tempo do fascismo, mas de gente que sabia o que queria - e onde o partido [PCP], em princípio, já tinha certa implementação na clandestinidade. Na Afonso Domingues também encontrei pessoas já com uma visão de esquerda. E foi assim. Fui, aqui na Póvoa de Santa Iria, habituado a um ambiente reivindicativo - na fábrica principalmente, na escola não tanto - e com todas as dificuldades que apareciam para nós nos podermos deslocar para a escola. Aconteceu naturalmente. Depois com o contacto - evidentemente que eu não inventei nada - o contacto com pessoas que me foram mentalizando.

Na escola Afonso Domingues era com amigos que me convidaram para aderir ao MUD Juvenil [Movimento de Unidade Democrática Juvenil]. No MUD Juvenil estive dois anos, até ser convidado para integrar o PCP. Portanto é aí, com responsabilidade já na empresa - porque eu fazia o contacto de organização da empresa com um funcionário do Partido. Com o qual reunia num Olival que agora é uma urbanização de 20.000 pessoas, mas que era um extenso Olival onde nos encontrávamos e onde havia transmissão de mensagens, a quotização dos que eram militantes e a entrega do Avante, que eu no outro dia distribuía, cautelosamente, pelos camaradas da empresa.

No Partido, aí sim, já foi uma coisa a sério. Já com a consciência de que corria perigo de ser preso, porque eu via o exemplo de algumas pessoas que tinham sido. Umas que eu conhecia e outras por conhecimento, por ser transmitido que tinham sido presas pela PIDE. E a PIDE, claro, não brincava em serviço.

Vou para a tropa em [19]58, em Caldas da Rainha. Depois fui tirar o curso de Sargentos Milicianos para Tavira. E em Tavira, em determinada altura, pediram voluntários para a Força Aérea. Aí bati palmas, ponham-me já. Sabia que na Força Aérea era diferente do Exército - e eu quis-me libertar. Fui convocado para a Força Aérea, para o aeródromo de Base [aérea] nº 1, no aeroporto de Lisboa. Numa situação muito agradável, que foi serviço de secretaria. Como andava a estudar... Passei assim um tempinho agradável, até chegar uma altura em que o Comandante me chama e me diz: «Tenho aqui a indicação que vais recolher ao estabelecimento prisional da Trafaria». «Então, mas porquê?». «Eu não posso dizer mais nada. Não sei». Claro que sabia que havia ali o dedo da PIDE.

Ali estive um mês. O facto de ter andado a estudar deu a possibilidade de fazer serviço na secretaria, portanto, foi um mês «bem passado» - preso, mas estava liberto, porque não estava sempre na cela.

Até que, passado um mês, regresso à unidade - passam-me à disponibilidade, como se costumava dizer. O Comandante - nós na Força Aérea podíamos usar a nossa roupa civil e quando saíssemos podíamos mudar a farda para roupa civil - mandou-me entregar a farda e [diz-me]: «Estás disponibilizado, podes ir embora». Claro que, quando vinha a sair do portão, dois agentes - que eu vi que eram da PIDE - [colocam-se] um de um lado, outro do outro [e perguntaram]: «António Nabais?». Meteram-me dentro do carro a caminho da PIDE. Pronto, o meu contacto inicial com a PIDE foi assim.

Levam-me logo para a sede da PIDE. Identificação (...) - para começar logo cinco dias e cinco noites sem dormir, sujeito a pressões, a chapadas. A exigência de eu dizer aquilo que eles queriam que eu dissesse. Havia até um fulano da PIDE com uma certa piada - piada, enfim, entre aspas – dizia: «Epá, não dizes nada? Eu estou aqui 4 horas só. Agora tu continuas eternamente por aqui fora, até resolver». [Risos] Eles até gozavam assim, desta maneira - e era verdade.

Foi muito difícil. A tortura do sono. Aquilo é duro. Do sono e estátua - mas a estátua era variável. Eu estava sentado, chegava um tipo da PIDE: «Sentado? Vamos lá pôr de pé, vamos lá conversar de pé». «Mas eu não tenho nada para dizer». «Está bem, mas de qualquer maneira, de pé». Era capaz de estar assim umas 4, 5, 6 horas, até que chegava outro fulano da PIDE [disse]: «Vamos lá sentar e conversar». Era assim que as coisas se faziam.

Eu lembro-me até do episódio de um fulano, um individuo da PIDE, que parecia um bocado conversador. [Eu]: «Não tenho nada para dizer». [Ele]: «Não tem nada para dizer?» - esse é que dizia assim - «Eu estou aqui 4 horas, você continua por aí fora. Agora, se me dá licença, vou ler aqui», e pôs-se a ler um livrinho. Parecia ser um PIDE «sociável» - esse homem participou no assassinato do Humberto Delgado. É conhecido, o Tienza - já falecido. Um homem que, pelo menos para mim, parecia ser um PIDE menos agressivo e teve esta ação no assassinato do Humberto Delgado. Portanto era gente assim, muito esquisita.

Em determinada altura tive um ataque de tosse, que depois acentuei. Eles aí reconsideraram e mandaram-me para a cela. Foi o primeiro contacto que tive com a cela. A cela - os chamados curros. Essa cela do Aljube, 3 metros de comprimento, por 2 de largura. Agora quando penso nisso, penso que se fosse agora eu não aguentava. Eu não tenho problemas de claustrofobia, mas quando me lembro... Como é que é possível? Eu e muitos outros camaradas, estarmos naquelas condições, durante um mês. Sem comunicação com ninguém a não ser com o guarda que nos abria a porta. Sem um lápis, sem um papel, sem um contacto com a família - sem nada absolutamente. Foi horroroso. Foi um mês terrível.

Ali assim, num corredor. Essa cela dava para a Sé de Lisboa, portanto eu via a fachada da Sé, mas mais nada, porque tinha um corredor até à janela. Foi um mês terrível. Durante esse mês eram interrogatórios constantes. Com esta particularidade - reparem nisto - às 3h da manhã: «Prepare-se para ir à PIDE». E eu assim: «Mas agora?». «Sim, agora, agora». Faziam isto muita vez. Foi, de facto, um mês terrível.

Depois, passado um mês, passei para um regime mais ou menos normal, já com a companhia de outros camaradas. Um regime onde já tínhamos visitas da família- controladas, claro - já podíamos comunicar, já podíamos escrever - controlado pelo serviço da PIDE. Tínhamos direito a ter um jornal, que era lido por 12 ou 14. Então numa maneira curiosa. Aquela era a nossa vivência ali e tínhamos que superar toda aquela situação. O jornal vinha, passava para as mãos de um camarada que selecionava as notícias que considerava importantes sobre um ponto de vista político, depois o jornal passava de mão em mão. Depois disso íamos então comentar as notícias que tinham sido selecionadas - que era uma coisa formidável. Fazíamos o mesmo até com livros, livros importantes, que conseguíamos lá meter. O livro era lido por todos aqueles que queriam e depois discutíamos o livro. Esta era a nossa maneira de passar o tempo de uma forma interessante. Para além disso era ler, ler muito e fazer esta coisa formidável. E jogar xadrez. [Mostra uma imagem] Este é um diploma de um torneiro de xadrez. [Risos] Tínhamos de arranjar maneira de passar o nosso tempo da forma mais agradável.

No Aljube estive um ano. Ao fim do ano fui a julgamento. No julgamento fui condenado e passei para Caxias - os torneios de xadrez já eram em Caxias. Fui condenado em dois anos de pena maior, que implicava as medidas de segurança que prolongavam por três anos. Havia esta particularidade quando tínhamos pena maior, perdíamos metade do tempo - não sei porquê, não há explicação para isso.

Tive um advogado famoso, o Arlindo Vicente. Havia uma série de advogados que se disponibilizavam. Tínhamos o advogado oficioso, mas depois se nós arranjássemos um advogado melhor para nós, havia uma série de advogados que se disponibilizavam gratuitamente a defender-nos. O Arlindo Vicente foi um deles. Fez uma defesa boa. Tive duas testemunhas a dizerem que era bom rapaz, enfim, o costume. Eu neguei a acusação, mas isso não impediu que o Juiz, secamente, porque tinha as ordens da PIDE, condenar-me a dois anos de prisão, com medidas de segurança que concretamente passou para cinco anos e meio. Passados em Caxias.

A passagem do Aljube para Caxias foi assim desta forma. Tínhamos assim outra possibilidade de contactar com outras pessoas, com a família até. Com um sistema, os chamados parlatórios: rede de um lado, rede do outro, afastados um metro - assim comunicávamos com a família. Mas não era só um, eramos uma série deles a falar. Imagine a falarmos, era uma barulheira. Ainda com mais uma particularidade, parecia que estávamos a fazer algum mal a alguém, com um guarda a circular no intervalo entre as duas vedações.

Na prisão era diferente. Havia uma solidariedade bastante grande. Quando recebíamos um lanche da família era distribuído por todos. Um exemplo: nós podíamos estar 12 numa sala e havia alguém da família que levava seis laranjas - era metade a cada um. Isto é um exemplo que não seria exatamente assim, mas era assim que funcionava. Tínhamos sempre um responsável pela cantina. Os lanches que vinham da família, depois ele é que distribuía equitativamente por todos, depois da refeição. Eram umas coisas assim, uns mimos, umas bolachinhas ou uns bolos. Eu quando saí não encontrei isso cá fora, aquela amizade, aquela solidariedade.

Como eu dizia, portanto, presos injustamente por uma causa justa. Nós tínhamos um processo de passar o tempo, estudando. Eu dava lições a camaradas com menos

preparação. Eu recebia lições, nomeadamente lembro-me de um camarada que vivia em França e ensinou-me francês. Estudávamos, não era de qualquer maneira - depois da leitura do jornal vinha o estudo. Uma mesa grande. De tal modo que, quando eram as 7 horas, dizia o responsável lá para chamar da cantina: «Camaradas! Levantar a mesa! São 7 horas». [Risos] E havia sempre alguém que dizia: «Já 7 horas?!». Vejam o que isto quer dizer, para alguém dizer «Já 7 horas», parece que não queriam que passasse o tempo, imbuídos como estávamos. Depois da refeição do jantar eram estas brincadeiras, o xadrez, as leituras, as conversas, etc.

Lembro-me de certas situações. Em Caxias tínhamos o hábito de comemorar, por exemplo, a Implantação da República. Então às 9 horas da manhã, no render da guarda, todas as salas - não era preciso combinarmos, que aquilo já se sabia que era assim - cantávamos A Portuguesa. Sabendo que íamos ser castigados - 15 dias ou um mês sem visitas, ou sem nos podermos corresponder, escrever. Lá íamos para o castigo. Há o episódio de um camarada, que era mais velho, que quando foi aplicado o castigo - o guarda veio indicar-nos, abriu a porta e disse: «O castigo tal» - [Risos] e ele dizia: «Mas eu não cantei! Quero falar com o chefe dos guardas». Foi falar com os chefes dos guardas: «Fulano, eu não cantei». [Responderam]: «Se não cantou, cantasse!». Isto parece ficção. Na próxima oportunidade era o que cantava com mais força [Risos] Eu dizia ao Mário Augusto, já velhote: «Epá, não é preciso tanto» [Risos]. [Ele]: «Está bem, mas eu da outra vez não cantei, fui castigado. Agora vão pagar».

Não deixávamos de fazer exigências de mais tempo de recreio. O recreio que deu a possibilidade daquela fuga famosa de Caxias. Nós quase que presenciámos isso, porque foi naquela altura. Nós ouvimos e apercebemo-nos, com os tiros que se sentiam, que havia qualquer coisa. Depois ouvimos a conversa de um guarda com o outro: «Epá, fugiram seis gajos!» - seis ou sete - «Até o mais velho!» - o mais velho era o Chico Miguel. [Risos] Ficámos aí a saber. Foi, de facto, um momento de euforia e de entusiasmo formidável.

Uma história, o famoso Tereso, um camarada que esteve preso. Em determinada altura o Tereso passou-se para o inimigo. Dizendo que não queria estar com os comunistas, que queria estar numa situação favorável, afastado. Aquilo foi uma sensação, para nós, desagradável. Ele era motorista da Carris e começou a mexer nos carros dos funcionários, nomeadamente no carro blindado do Salazar. Punha-o a trabalhar de vez em quando, para não ficar sempre paralisado. Quando ele passava no carro até se ria para nós - a gente chamava-lhe todos os nomes. Até que, em determinada altura, quando sai essa fuga, foi conduzido pelo Tereso. [Risos] Portanto aquilo tinha sido combinado, previsto, muito tempo antes. Ele conseguiu convencer os tipos da cadeia e da PIDE - porque os guardas e os PIDEs eram maus, mas também eram burros. Então convenceu-os que estava feito com o inimigo. Conseguiu aquela proeza, mesmo uma proeza.

Eles libertaram-me. Estava em Caxias e entregaram-me à rua. Venho por ali abaixo, apanhar o comboio. Fui para Lisboa - que eu morava em Póvoa de Santa Iria, mas tinha família em Lisboa. A minha namorada esperava-me em casa de uma tia. Imaginem, esta mulher, que agora somos casados, tínhamos 21 anos. [comove-se] Acompanhou-me cinco anos e meio a visitar-me todas as semanas. Exceto nos primeiros tempos, que não havia autorização. Claro, era ela que me estava à espera, que os meus pais viviam em Alpedrinha. Foi aquele encontro... imagina-se. Politicamente não estava envolvida como eu

estava, mas tinha uma consciência política que a levava a esperar por mim cinco anos e meio.

Eu, para além da atividade política - claro, com todos os cuidados que mantive - recorri muito às coletividades. Uma coletividade, que é o Grupo de Trabalho Povoense, da Póvoa de Santa Iria, dedicado a convívios, à cultura. (...) Nessa altura constituíram-me uma comissão cultural. Dizíamos comissão cultural, mas agora podemos dizer comissão politico-cultural. Todas as atividades que desenvolvíamos legalmente eram com esse fito. Nós, quando convidávamos para fazer palestras naquela coletividade o Alves Redol, o Igrejas Caeiro, o Bernardo Santareno… Portanto, era gente assim de esquerda. Representávamos e fazíamos sessões de poesia, por exemplo: o José Carlos Vasconcelos com o Carlos Paredes. Uma sessão formidável. De tal maneira que passado um mês tive de os convidar e convencer para voltarem outra vez. Recorria muito a isso e ao teatro. E com esta idade a mania do teatro continua. Ontem tive ensaio.

Depois tive dificuldade a arranjar emprego, porque a empresa onde eu trabalhava, a Companhia Industrial Portuguesa, que agora já não funciona, foi comprada pela CUF. E quando eu procurei, naturalmente foi-me dito que não. A administração da CUF não consentia. E depois recorri à PIDE, [e eles]: «Nós não temos nada com isso. Você está liberto, agora já não é connosco». Resumindo e concluindo, não consegui ir para aquela fábrica. Então, passado relativamente pouco tempo, arranjei emprego na MEC, empresa onde trabalhava o Jerónimo de Sousa. Aí é que estive empregado até ser reformado. Foi aí que passei o 25 de abril, estava nessa empresa.

Nós soubemos que havia qualquer coisa, qualquer movimento. Havia assim uns rádios pequeninos e eu levei o rádio para a secção, para ir acompanhando. As trabalhadoras - era uma seção só de senhoras, umas 15 ou 18, - com aquela situação que iam relatando, choravam. «O que é vai acontecer?». [Risos] A determinada altura eu ouço uma canção do Zeca Afonso e digo: «Pessoal, isto é nosso! Vamos lá parar com o choro e vamos rir, que isto é nosso!» - a confirmação. Claro, foi um alvoroço naquela fábrica, com 150 pessoas - metade pessoal feminino, metade masculino. Um desassossego que já ninguém tinha sentido. Nessa altura tínhamos constituído, ainda no tempo do fascismo, com o Jerónimo de Sousa e o Cartaxo, uma comissão de unidade - que agora são comissões de trabalhadores - naquela altura comissão de unidade, que era aceite pelo patrão. Porque ele pensava e muito bem, que era preferível reunir com a comissão de trabalhadores, do que estar sujeito a ser interpelado por um trabalhador ou outro em relação a isto ou aquilo. Então resolvemos: «Isto não há maneira de trabalhar». E fomos falar com o patrão: «Olhe que aconteceu isto assim e assim. O pessoal não está...». [Ele]: «Então vamos fechar a fábrica e até amanhã». Foi assim [Risos]. Depois saímos e cada um foi à sua vida. Eu já não vim para Lisboa, passei foi para Vila Franca, na zona onde eu vivi. Depois imagina-se o que é. Foi logo um comício que organizámos e depois foi a liberdade.

Inicialmente foi um golpe militar heroico, no tempo do fascismo não era para brincar. Mas claro, só o golpe militar não chegava. Foi este povo que aderiu de uma maneira extraordinária, de norte a sul do país, a apoiar. E que transformou, repito, o golpe militar numa revolução a sério, porque transformou toda a estrutura do país".

Apolónia Maria Pereira Teixeira

Ano nascimento: 1950
Local do registo: Barreiro
Data do registo vídeo: 19-01-2022

"Nasci numa pequena aldeia que se chama Parragil, (…), do concelho de Loulé. A minha origem: sou filha de pequenos comerciantes. Somos seis irmãos: três de um primeiro casamento de meu pai, os três de um segundo casamento. O meu pai era viúvo quando casou com a minha mãe. Eu sou do segundo casamento.

Com oito anos de idade os meus pais foram para o Litoral, para Quarteira. Instalaram-se em Quarteira. Portanto, com 8 anos deixei a aldeia onde nasci e fui então para Quarteira. O meu percurso fez-se nesta ligação do mundo rural com uma zona urbana em expansão, no início do turismo.

Fui estudar para Loulé, fazer o meu ensino. Fiz a primária, parte na aldeia, depois terminei a primária em Quarteira e fiz o ensino secundário em Loulé. Loulé que tinha apenas, na altura, uma escola industrial para rapazes e raparigas. Naturalmente, na nossa época, separados. [Para] os rapazes eram cursos técnicos de máquinas e só havia um curso para as raparigas que prosseguiam estudos, que era o curso da formação feminina. Foi o meu curso de formação feminina. Na época, para o regime, era o curso ideal para as mulheres: serem boas donas de casa, boas cozinheiras, enfim. Prosseguir os estudos naquela região, sobretudo naquela zona, era a única alternativa que existia para as raparigas, exceto um colégio particular, bem caro naturalmente.

Eu termino o secundário em [19]67 / 68 e, na altura, os dois últimos anos já com uma influência. Também é uma época em que os jovens começam a despertar, sobretudo ali no Algarve, começam a despertar para outro tipo de relação social em termos de troca de impressões, de música. O próprio turismo trouxe-nos algumas influências. E também influências da própria televisão, rádio. É a música, é o convívio. E depois a influência dos próprios jovens que estavam a estudar em Lisboa e que regressavam nas férias e tinham influência sobre os jovens.

Portanto, começa a haver um certo despertar e a própria troca de impressões, de leituras, livros. Eu lembro-me que no último ano em que eu terminei o secundário em Loulé, foi quando eu li dois livros que me marcaram: A Mãe, do Gorki e Os Subterrâneos da Liberdade, do Jorge Amado. Foram dois livros que me marcaram, emprestados por um jovem estudante universitário, que já tinha aquela influência, outros horizontes relativamente aos jovens da província. Hoje o Algarve não tem nada a ver com o Algarve daquele tempo.

Isto a propósito de chegar ao final do ensino secundário, do curso de formação feminina, e colocar-se a questão: e agora, que fazer? O meu irmão não era assim muito amigo da escola, era um jovem que tinha uma outra filosofia. Era mais para empreendedor, seguindo um bocado a veia do pai, de comerciante. E eu era a rapariga que gostava de estudar. Eu dizia aos meus pais: «Eu quero continuar a estudar». E a minha mãe dizia: «Vamos».

O que é que as raparigas que prosseguiam estudos naquela época, qual era a oportunidade? Também com algum sacrifício dos pais, naturalmente. Era de seguir o magistério primário, que existia em Faro. Ser professora primária.

Como a minha mãe tinha sido [professora], no tempo de juventude, naquela aldeia era quem dava escola. Tinha alguma escolaridade, era uma jovem muito curiosa e preparava na aldeia - não havia escola ainda na altura - preparava as crianças da aldeia para irem fazer exame de terceira classe e de quarta classe a Loulé. Portanto a minha mãe tinha uma sala de aula por conta própria. Então tinha sempre esta ideia. O objetivo dela na altura era seguir o Magistério, mas, entretanto casou, as coisas alteraram. Então depositou em mim o seu objetivo de vida. Então a Apolónia Maria ia para o Magistério Primário.

Mas a Apolónia Maria não tinha como visão ficar no Algarve. Queria conhecer novos horizontes, ter outros projetos. E fui muito influenciada por um avô materno que dizia sempre: «A Apolónia Maria tem muito jeito, tem muita habilidade de mãos. Gosta de desenhar, gosta de escrever». Então disse assim: «Vais ser…» (ditou-me de algum modo um percurso que eu queria seguir) «…engenheira. Tu vais ser engenheira». Porque eu era muito maria-rapaz quando era miúda, então a única oportunidade era fazer as secções preparatórias em Lisboa e seguir o Instituto Industrial - cá vem a questão do Instituto Industrial - que era o ensino médio, que era o percurso lógico para quem vinha das escolas industriais, das escolas técnicas.

Houve uma certa tensão, porque ainda por cima, naquela época, uma rapariga vir para Lisboa, sem família. Os rapazes ainda... Mas uma rapariga, vir sozinha para Lisboa. Lisboa era assim um mundo, para uma rapariga, que era a perdição, havia aquela mentalidade. Eu sou muito determinada. Fui desde miúda muito determinada nas minhas opções, e defini a minha fasquia. «Eu vou. Quero seguir. Vou estudar para Lisboa. Se não me deixarem ir agora que estou com 18 anos, quando tiver 21» - que na altura era quando se atingia a chamada maioridade, podia decidir o que queria na vida - «Quando tiver 21 vou para Lisboa, vou trabalhar e vou estudar». E fiz o que eu chamo greve de fome. «Ou vou estudar para Lisboa ou não como». O que é certo é que convenci os meus pais. Convenci os meus pais, lá conseguiram.

Então vim estudar para Lisboa, porque encontrei uma solução intermédia, de uma prima casada com um Sargento do exército, que morava da Trafaria. Uma prima direita com quem nós tínhamos uma boa relação e que nesse ano ele tinha vindo da Guiné, julgo que tinha estado na Guiné, e tinham sediado na Trafaria.

Em [19]68 / 69 vim estudar para Lisboa, fazer o primeiro ano nas secções preparatórias da Escola Josefa de Óbidos, em Lisboa, em Campo de Ourique. Fiz esse primeiro ano fazendo esta travessia Trafaria - Lisboa. Só que o meu primo foi entretanto mobilizado de novo para África, então eles foram embora no meu segundo ano. No segundo ano colocava-se a questão aos meus pais: «Apolónia, como é que é em relação ao segundo ano das secções preparatórias?». A solução que eu encontrei foi um lar de freiras [Risos] na Ferreira Borges, não sei se conhece a zona. Era relativamente próximo, soube desse lar ligado a um colégio de freiras da Guarda, que tinham este lar para apoiar as raparigas, as jovens, que vinham do colégio e que prosseguiam estudos - filhas da burguesia, da camada média da Guarda.

Entretanto lá fui para o lar de raparigas estudantes. (...) Havia duas que eram trabalhadoras-estudantes e depois o resto eram tudo universitárias. Um lar muito elitista. Aí eu comecei

logo a sentir esta questão das desigualdades e da discriminação. Tinham duas jovens trabalhadoras, órfãs, protegidas daquela congregação e faziam delas uma coisa... Não podiam falar com as meninas, uma proibição completa de relação entre as jovens e as estudantes que estavam no lar. Eu comecei logo a contestar esta questão, como deve calcular. Ou seja, começo a ganhar alguma consciência relativamente à questão destas disparidades, destas desigualdades, a forma como as coisas estão organizadas, o percurso. Eu também tinha colegas na aldeia que nunca tiveram a oportunidade que eu tive, que mesmo assim eu tive alguma oportunidade, a maioria das jovens não tinha, não conseguiam estudar.

Comecei a ir com uma outra colega, que era muito extrovertida, da Faculdade de Ciências, e então começamos a ter contactos com jovens estudantes, nomeadamente jovens estudantes do Instituto Industrial - para onde eu iria no ano seguinte - um deles o Armando de Sousa Teixeira. O Armando de Sousa Teixeira que, logo na fase inicial, claro que era apenas um conhecimento, a curiosidade, que aparece já como dirigente estudantil.

Ele era presidente da Associação de Estudantes, associação essa de estudantes que tinha sido encerrada. O Instituto Industrial estava num processo de mudança para as novas instalações, para Chelas - Buenos Aires ia terminar. E portanto, os jovens associativos, dirigentes associativos, juntavam-se muito na esplanada da Estrela. Começo a envolver-me um pouco neste grupo de conhecimento, de troca de impressões. Depois é o que uma pessoa vive, aquele período era o movimento da libertação. Os acontecimentos, as questões do Marcelo Caetano, o Salazar e a queda da cadeira, todas estas coisas. Não me esqueço a questão de o Papa ter recebido os movimentos de libertação - aquilo era motivo de conversa entre os jovens.

Entretanto nesse período, em meados… no primeiro período, já no ano de 70, há uma delas que anda na Faculdade de Ciências e que vem com o nosso grupo dizer: «Vamos convencer a Madre a deixar-nos ir a uma sessão de convívio na Associação de Estudantes na Faculdade de Ciências». E convencemos a Madre a deixar-nos ir a uma sessão de convívio na Associação de Estudantes na Faculdade de Ciências, desde que levássemos uma freira connosco a acompanhar-nos. Claro que apanhámos um raspanete da Madre nesse final de ano, eu e a da Faculdade de Ciências. Eu porque andava a desviar as jovens de bem e a da Faculdade de Ciências porque foi considerada responsável por levar o resto das meninas para esta iniciativa da Associação de Estudantes. E então fomos convidadas a sair. Não fomos expulsas, como elas diziam elas não expulsavam ninguém. Mas fomos convidadas a sair no ano seguinte.

Portanto eu no ano seguinte vou com essa minha colega da Faculdade de Ciências, que nessa altura muda para o Instituto Industrial também, deixou a Faculdade de Ciências, e alugamos um quarto na Frei Miguel Contreiras. Os meus pais: «Sim senhora». Os meus estudos tinham corrido bem, passei para o Instituto Industrial e no ano de 70 / 71 entro no Instituto Industrial.

Entro no Instituto Industrial, já em Chelas, e é um primeiro ano, meu Deus, de agitação. Porque abrem as novas instalações, com excelentes instalações, sem dúvida, mas já eu conhecia os dirigentes associativos ligados à Juventude Comunista, como o meu marido ainda há pouco referiu, organizadores, lutadores. Todo o processo inicia com a luta pela reabertura da Associação de Estudantes do Instituo Industrial.

Foi um processo de luta, de consciencialização, de repressão. É um processo em que desde a entrada da polícia de choque, a proibição de qualquer reunião, de qualquer intervenção, de perseguição aos estudantes, aos jovens e às jovens que de algum modo se envolvessem naquele processo. Fizemos uma reunião geral de alunos em que reivindicávamos a abertura da associação, as instalações, comissão de sebentas, a cantina - não tínhamos cantina! Abrem umas instalações sem cantina, sem nada. Em que as refeições são precárias, ainda por cima numa zona de Chelas, em Cabo Ruivo, onde não há grandes alternativas. Tudo aquilo foi um processo de mobilização e de envolvimento dos estudantes fantástico. Foi um entusiasmo e um envolvimento. E uma direção retrógrada, reacionária, conservadora. O diretor, o Bettencourt, um homem execrável que tudo fazia para perseguir, para reprimir.

O meu primeiro ano salda-se por: uma reunião geral de alunos, estava eu a dirigir. Quem era o meu colega de direção mesa? O Álvaro Pato - que toda a gente conhece - é meu colega, mas ele já está a trabalhar, já está numa fase de trabalhador e estudante. É ele que está a dirigir e sou eu que estou a secretariar essa reunião geral de alunos, que é proibida. Temos ordem do diretor para encerrar o pátio, mas aquilo tinha uma adesão de estudantes extraordinária. Estávamos exatamente ali a debater os nossos problemas, as nossas reivindicações, as nossas exigências e o senhor diretor do Instituto Industrial manda e proíbe, fazendo a ameaça de que chama a polícia se não acabarmos com a reunião. O que é certo é que não acabámos, continuamos a debater os nossos problemas. E o diretor chamou mesmo a polícia de choque, já era habitual na Academia de Lisboa, já tinha acontecido no Técnico, já tinha acontecido em Direito, portanto em várias faculdades da Academia de Lisboa, para não falar de Coimbra ou Porto.

É que ainda por cima foi mesmo um massacre: a polícia de choque entra e o diretor mandou fechar os portões. Aquilo foi uma coisa impressionante. Aquilo tinha dois grandes corredores: o corredor para o lado da Química e o corredor para o lado da [engenharia] Civil. Entretanto os estudantes, com a entrada da polícia de choque que começou a desancar forte e feio, fugiram, uns para um lado e outros para outro. E eu fugi para o lado esquerdo. Vem um grupo de polícias, faziam mesmo uma barreira em andamento atrás dos estudantes. Eu a correr nunca fui muito boa e só pensei: «Pronto, vou levar». Eu já sentia o cassetete na cabeça. E a minha atitude reativa foi: em vez de levar... e voltei. O que é certo é que eu volto e por isso é que eu vejo aquela massa atrás. Eu passo por eles, pela polícia de choque e ficam assim dois por onde eu passo, porque eu fiz isto imediatamente quando tinha o cassetete quase em cima da cabeça, é a sensação que eu tenho. Faço repentinamente, eles ficam tão atarantados que vão para trás da massa de estudantes que corre, ficaram ainda na dúvida se iam atrás de uma só pessoa. E safei-me e voltei a descer.

Entretanto há um grupo de polícias que vem atrás. Eu só sei que tinha um casaco que se usava na altura, um saia-casaco, usava-se muito com a boca-de-sino. Então tinha uns botões de metal brancos, grandes. Eu consegui trepar, com a ajuda de um colega, que agora já sei quem foi, que me ajudou a trepar pela rede de proteção. Trepei pela rede acima, com a ajuda dele. Foi a minha sorte, porque já vinha a polícia a desancar nos estudantes que estavam a tentar saltar a rede. Foi a minha sorte. Fiquei sem botões, fiquei sem nada, que aquilo roçou.

Mas isto a propósito da tomada de consciência. Logo a seguir, havia já um conjunto de estudantes que estavam suspensos, como eu lhe disse, mas depois continuamos o

processo. Fazer os meetings, meetings relâmpagos. E depois, mais tarde, pouco tempo depois, o que é que acontece? Planificámos a continuação da luta, com organização a nível de comissões de turma, envolvimento dos estudantes. E há um dia que eu estou com a minha colega Isabel a distribuir o comunicado que tínhamos feito para a organização de comissão de estudantes. Nessa altura o PIDE Silva, que era os olhos e os ouvidos do diretor, vem-me chamar e à colega para irmos ao diretor.

Fomos ao diretor, claro, suspensão. Suspensas. Praticamente a partir daí a minha vida passa a ter uma outra direção. Suspensão. Eu tive cerca de 3 meses em casa, para apanhar 8 dias de suspensão, mas estivemos a aguardar o processo.

Entretanto entro para a Juventude Comunista em 1970, nesse mesmo ano. É um ano que marca a minha vida. Envolvo-me em toda esta dinâmica, todo este processo de luta estudantil. A academia de Lisboa tinha entre 70 e 74 todo um processo, embora todo muito contraditório com o surgimento daqueles movimentos esquerdistas radicais, mas era uma vida completamente de paixão, de revolta perante tudo o que acontecia e que nos íamos apercebendo.

Nós temos um apoio do Movimento Estudantil, sobretudo da Associação de Estudantes do Técnico. Esse apoio reside na cedência de instalações para que continuemos a organizar a luta dos estudantes do Instituto Industrial de Lisboa. E, portanto, integramos em todo o processo, toda aquela movimentação, as reuniões interassociações, os plenários, as reuniões gerais de alunos, os plenários na Cidade Universitária, a polícia, a polícia de choque. As reivindicações, a repressão. São momentos que uma pessoa recorda. Regressar ao passado é qualquer coisa de fantástico em toda esta consciencialização que se vai tomando perante um sistema altamente repressivo que nos condicionou e que nos procurava condicionar a nossa vida, a ânsia de liberdade que tínhamos, as reformas que queríamos ver feitas nesta sociedade, a justiça, a liberdade. A liberdade era uma coisa... Lutar pela liberdade! Então tudo girava à volta deste processo.

O primeiro processo que eu tenho com a PIDE é em 1970, em que eu estou no quarto alugado com a colega da faculdade, a Isabel, e recebo uma contrafé para me apresentar na António Maria Cardoso, numa data logo seguinte. Fico sem saber: «Uma contrafé?» Há uma colega do Instituto, que não a Isabel, chamada [Maria] Suzel, que nos comunica que também recebeu uma contrafé, para ir prestar declarações à PIDE na António Maria Cardoso. Claro que ficámos todos: «Mas o que é que se passa? O que é que aconteceu?». O único acontecimento que tinha ocorrido comigo e com a Suzel, com esta nossa colega do Instituto, era [que] tínhamos ido à Faculdade de Direito imprimir um documento desta tal Comissão Democrática Estudantil. Entretanto tinha sido presa a direção, dirigentes da Faculdade de Direito. Portanto era a única situação em comum que nós associávamos.

Então lá fui para a António Maria Cardoso, com o meu marido, que já era meu namorado, que me acompanhou para prestar declarações. Bem, foram declarações em que me acusam de ter ido à Faculdade de Direito imprimir um documento subversivo. Entretanto tínhamos combinado as duas, se fosse esta a situação, que não sabíamos o que era, íamos negar, negar até ao fim. Tomámos esta decisão: «Vamos negar, é a única forma de nos defender-nos, vamos negar». Neguei. Foi o primeiro contacto que eu tive com a PIDE

propriamente dita. «É mentira, é mentira, é mentira». Dois PIDEs permanentemente naquela pressão.

Depois houve ali uma cena, uma encenação. Já era tarde, passar com umas marmitas de refeições, com ameaças de que ficaria presa. Toda esta encenação. Depois deixavam-me sozinha. Há uma altura [em que] abre-se uma porta e quem é que vem com dois PIDEs - um PIDE de cada lado - o colega que tinha estado connosco, que nos tinha apoiado e que tinha sido preso. E que confrontado com a pergunta: «Conhece esta rapariga?». [Respondeu]: «Sim». «Foi esta?». «Sim». E eu neguei. A imagem que eu tenho é uma imagem de tristeza e ao mesmo tempo sentir a humilhação daquele jovem. Uma pessoa nunca sabe até onde chega a coragem, controlar o medo. Não sabe. Ficamos sempre sem saber até onde vai o nosso limite. Aquilo é pavoroso. Quem é que não tinha medo? Toda a gente tinha medo da PIDE. A PIDE matava, a PIDE torturava, a PIDE perseguia. Aquela imagem daquele jovem, que eu não esqueço, não consegui ter uma reação de critica. Eu tive uma reação de pena. O sentimento que me veio - e eu tenho este sentimento ainda hoje - é ter tido pena.

Eu continuo a dizer que não: «Não. É mentira, é mentira. Não é verdade». E vão buscar a Suzel. Então juntam-nos as duas. Eu aí fico muito mais à vontade porque a Suzel continuava: «É mentira. Não é verdade!». Portanto nós desmentimos o que ele dizia. Levaram-no embora. Ameaçaram-nos, claro. Disseram claramente: «Não ficam agora, mas vão [voltar], porque não nos enganaram. Vocês são isto, são aqueloutro e dentro de pouco tempo estão cá outra vez».

Isto fez com que tivesse logo aquela mobilização, organização de defesa. [Aconselharam]: «Vocês agora não podem ir para casa, porque eles agora podem ir buscar-vos. Isto foi muito sério». Então arranjaram-nos um apoio, um *chauffeur* da Carris, que morava em Lisboa, naquela parte baixa de Campolide, que era ainda primo desta nossa colega. E tivemos lá com todo o apoio, (…), ainda por uma semana. Ali a ver como é que as coisas evoluem.

Depois as coisas acalmaram, viemos embora, mas está a ver como é que toda esta... porque fazer isto também era um ato de coragem. Quem apoiava, quem se disponibilizava para testemunhar a favor de um preso político era um ato de coragem e às vezes pagava-se com a própria liberdade. Isto são registos que ficamos para a nossa vida.

Entretanto enamorei-me do marido, claro. Enamorei-me, apaixonámo-nos. [Risos] Portanto também houve aqui uma opção de vida em comum que fizemos e casámos relativamente cedo. Casámos a 5 de outubro de [19]71, nas vésperas dele ir para a tropa. Tudo isto é tão rápido, mas ao mesmo tempo muito intenso. Ele vai para a tropa, entra em Mafra, a 7 de outubro de [19]71. Dois dias. A minha lua de mel foi um dia.

A nossa lua de mel - eu vou contar esta - foi no dia 5 de outubro. A família foi ver a revista, foi para o Parque Mayer [Risos] e nós fomos à procura de uma sessão que tinha sido marcada sobre o 5 de outubro - que também era proibido. O Regime proibia as comemorações do 5 de outubro, do Dia da República. O aniversário da primeira república. Resumindo e concluindo: chegámos lá, estava a porta fechada. Foi a nossa forma de nos organizarmos.

Os meus primeiros contactos com a atividade político-partidária - que eu nunca entrei na clandestinidade, mas tinha encontros clandestinos - os meus primeiros contactos são para receber propaganda clandestina e entregá-la e outra propaganda clandestina para divulgar para os estudantes.

Tive sempre o mesmo pseudónimo. O meu pseudónimo era Luciano. Foi-me atribuído o pseudónimo Luciano e até [19]74 nunca me alteraram o pseudónimo. Sabe que ninguém era conhecido pelo nome próprio. Mesmo os funcionários clandestinos não nos conheciam pelo nome próprio. Eu iniciei na juventude comunista, na juventude do PCP e para não haver qualquer hipótese de identificação de rapazes e raparigas só havia pseudónimos masculinos. Não havia femininos. Se calhar essa foi a razão que também me defendeu nalgumas situações mais complexas.

Entretanto o meu marido foi para a tropa. Há todo este processo da tropa, de convulsão. A nossa vida é uma convulsão permanente até [19]74. O processo dele em Mafra - que ele já estava identificado como Politicamente Suspeito, PS. Há o Politicamente Suspeito e há o Politicamente Ativo. Na altura as fichas, a que nós tivemos acesso após o 25 de abril, em que ele tinha PS e PA, era as duas coisas. O Politicamente Ativo a vermelho, que ele está identificado. E é mobilizado para Moçambique.

Entretanto tivemos uma filha em junho de [19]72, nasce-nos a nossa filha Sofia Catarina. O meu marido fez um poema à filha, isto a propósito. Nós tínhamos uma ardósia em que num dos lados tinha «5 de outubro» - que foi o dia em que casámos - «Viva a República», e no outro lado tinha «Sofia Catarina, 28 de junho. Viva a Sofia Catarina». E depois fez-lhe um poema que diz (mas não estava na ardósia): «Catarina era ceifeira / Sofia trabalhadora / Lutou e morreu a primeira / a outra vive lutadora». Isto foi o poema que ele fez à filhota.

Vai para Moçambique e é preso logo um mês depois. Já tinham toda a informação da suspeita, aliás, ele não era só suspeito, ele tinha sido denunciado por um colega de tropa. Portanto isto tudo é um processo... Ele tem a prisão no norte de Moçambique. Eu sei da prisão dele através de um telegrama que recebo em casa - entretanto vivia com a sogra à beira da praia. Esse período era um período em que não havia capacidades nem meios para podermos ter vida própria. Recebo um telegrama a dizer apenas laconicamente: «Detido hoje. Darei notícias». Fiquei preocupada sem saber. «Detido? O que é que aconteceu, o que é que não aconteceu». Ninguém sabia de nada, não sabíamos que tinha havido aquela prisão. Então a minha preocupação foi ver o que é que tinha em casa, o que é que não tinha, embora nós fossemos muito cuidadosos em relação à documentação - tínhamos sítios em que escondíamos material da propaganda clandestina e apoios espetaculares da minha sogra. Eu tenho de fazer este registo, porque a minha sogra era analfabeta, mas era uma mulher extraordinária.

Desde a primeira hora, porque me marcou muito aquela Mãe do Gorki, transferi para ela de algum modo aquele sentimento de uma mulher excecional em termos de consciência, de apoio ao filho. E ela escondia-nos a propaganda. Primeiro ao filho, depois fui eu. O filho foi para a tropa, fui eu continuando a fazer. Propaganda que eu trazia, que não podia ficar em casa, ela escondia em sítios que tinha, muito próprios, fora de casa. De forma... sem questionar, sem nada. Uma coisa fantástica. Eu tenho que prestar esta homenagem à minha sogra que faleceu há pouco tempo com 100 anos.

Falta-me aqui um pormenor, quando me integro em todo este processo, que nós chamamos semiclandestino de algum modo, é-me proposto que prepare e que organize um movimento estudantil, uma organização estudantil que se chamava Comissão Democrática Estudantil. Para que os estudantes aí se envolvessem mais noutros tipo de dinâmicas de denúncia do Regime, com ações de rua, com envolvimento já a outro nível, que não fosse só na Faculdade. E eu sou responsável por esta dinamização da Comissão Democrática Estudantil. Entretanto, simultaneamente, com outras atividades no interior da escola.

Esta Comissão Democrática Estudantil tinha muito contacto com a Comissão de Socorro aos Presos Políticos. E quem era o meu contacto? A Cecília Areosa Feio e o António Areosa Feio, o marido. Sobretudo a Cecília, que eu registo como uma mulher extraordinária. Aliás, foi considerada a mãe dos presos políticos. Tive uma ajuda excecional. Puseram-me logo em campo quer na Comissão de Socorro aos Presos Políticos, quer nas próprias associações de estudantes, nomeadamente na Associação de Estudantes do Técnico.

O Armando tinha sido dirigente associativo, presidente da associação do Instituto Industrial, com uma excelente relação com o Técnico. E, entretanto, os dirigentes de então foram extraordinários (…). Havia uma reunião geral de alunos no Técnico e numa dessas reuniões gerais de alunos, eu não sabia o que é que ia acontecer ao Teixeira. Estava em África, tinha sido preso. Dois dias depois de estar na prisão - dois dias de eu receber o telegrama - a PIDE vai fazer busca a casa da minha sogra. Aí é que eu tive a certeza que tinha sido prisão política, porque a detenção uma pessoa fica sempre na dúvida, se foi detenção militar não foi, o que é que houve. Mas a partir do momento em que eles fazem uma busca a casa da minha sogra, toda a família ficou a saber.

Ele é preso, é transferido para o campo de concentração da Machava, onde esteve 22 dias, se a minha memória não me falha. E no campo de concentração da Machava há um guarda prisional extraordinário que o põe em contacto com um irmão - eu tenho um irmão mais velho, do primeiro casamento do meu pai, que é Polícia de Segurança Pública em Lourenço Marques, na altura, atual Maputo. O próprio guarda manda-me um telegrama dizendo que ele iria ser transferido para Lisboa, para a PIDE em Lisboa.

Tenho a informação que ele veio, então dirijo-me para Caxias. Vou para Caxias exigindo ver o meu marido. Fecharam-me os portões. Ameaçaram-me que eu ficava lá, que eu ia ficar presa. O que é certo é que tempo depois deixam-me entrar para o ver. E fui ver e então o que me aparece é um homem magro, todo cortado no pescoço - porque lhe fizeram a barba, a barba devia já estar muito grande - olheirento. Uma figura, uma coisa... Tivemos um contacto rápido, naturalmente, mas uma imagem que não esqueço.

E pronto, depois todo o processo de prisão, de apoio.

Depois o que é que temos a seguir? Temos vários acontecimentos que nos marcam. Marcou e recordo como registo muito marcante o assassinato do estudante de Direito no Instituto Superior de Economia, na Associação de Estudantes de Económicas - o Ribeiro Santos. O assassinato do Ribeiro Santos, que abalou toda a academia mais uma vez. Estava a haver um meeting na Associação de Estudantes e o estudante Ribeiro Santos é morto à queima-roupa. Isto movimentou e mobilizou os estudantes da Academia de Lisboa de forma extraordinária para o funeral do Ribeiro Santos, no cimo da calçada dos Santos, aliás, está lá uma placa na própria casa, quem sobe, naquela igreja. Entretanto eu lá fui também, como foram todos. Foi uma mobilização extraordinária.

Na altura, a palavra de ordem era fazer o desfile com a urna às costas pelas ruas de Lisboa. Não permitir que impedissem aquela manifestação de pesar e de revolta pelo acontecimento, pela ocorrência. O Ribeiro Santos é assassinado em outubro de [19]72.

Fomos cercados pela polícia de choque, mais uma vez, que dispararam com metralhadoras. Envolvendo todo aquele largo, a polícia de choque. Lembro-me perfeitamente, estava muito próximo da entrada da casa. Os estudantes a saírem da porta pegaram na urna em ombros, eu só via a cabeça e a urna. A polícia a disparar para o ar e a fazer um cerco, a espancar os estudantes. Aquela massa estudantil a tentar fugir. Os estudantes a segurar aquela urna em ombros. Eu só via a urna andar de um lado para o outro e a pensar quando é que aquilo ia cair no chão. É uma visão que não esquecemos ao longo da nossa vida, foi por pouco. Entretanto são eles próprios [a polícia] que vêm pegar [na urna]. Tiram [a urna], enfiam com brutalidade no carro funerário e arrancam para o cemitério da Ajuda.

Os estudantes fogem, uns para um lado, outros para o outro - eu fico. Nunca mais me esquece desta cena, em que depois - aquilo tem calçada - a polícia de um lado, os estudantes do outro, pedras por tudo quanto é sítio. Os jovens jogavam pedras. E eu no meio caí. Havia uma casa com fruta à porta, caí em cima de uma coisa, fiquei completamente... Nem sei como é que me safei, que houve prisões de estudantes nessa altura, foi um massacre.

No meio disto tudo fui candidata pela Oposição Democrática, pelo distrito de Setúbal em [19]73. Fui candidata juntamente com a Ercília Talhadas pela CDE, pela Comissão Democrática Eleitoral. Isto ao nível das mulheres. Fomos as duas mulheres pelo distrito de Setúbal.

Em [19]73 sou cooptada como responsável da direção regional das estudantes comunistas - uma estrutura clandestina, naturalmente, embora nós fossemos empregadas, tínhamos a nossa vida própria. Então integro a direção regional dos estudantes comunistas da universidade técnica de Lisboa. Estão comigo na altura: um responsável de Económicas, um responsável do Técnico e eu. Somos três. Três elementos desta estrutura, que é uma estrutura restrita. Reuníamos em casas clandestinas, fazíamos o balanço da luta estudantil, programavam-se as atividades. Portanto em [19]73 integro já a estrutura regional da UEC [União dos Estudantes Comunistas].

É nesta altura que, julgo que no início de [19]74, o funcionário com que eu tinha contactos diz-me: «Olhe camarada Luciano, (...) tu tens que, a partir de agora, reduzir atividade. Vamos deixar de ter contactos. Mas de qualquer forma vou-te comunicar que há um processo em movimento que vai levar em termos militares…» - repare bem, isto é-me transmitido nesta altura - «…e que vai levar à liberdade. Vamos ter a libertação dos presos políticos». Então define uma série de ideias centrais, ideias força, daquilo que viria a ser o Movimento das Forças Armadas. Eu achei aquilo uma coisa tão... Sabe que a ideia que eu tive, porque tinha tido contacto com a PIDE, a prisão do meu marido, todo aquele processo violento - que ele teve duas prisões, a civil e a militar - a despromoção, o ir para a guerra outra vez, em vez de dois anos, já levava três. Bem, era todo um processo, que eu achava que aquilo era uma ilusão. E ele diz-me assim: «Bem, eu estou-te a comunicar. Estás atenta. Vai ficando atenta aos acontecimentos, mas temos que deixar de ter qualquer contacto, porque tu foste mencionada por um dirigente comunista…» - com quem eu tinha

tido contactos anteriormente a este, clandestinos, o João Resende «… e que falou no teu pseudónimo. Falou em ti, com o pseudónimo». Ele não sabia o meu nome. «Luciano. E, portanto, agora deves suspender toda a atividade. Suspende toda a atividade, não há mais encontros até novas indicações».

Naquela altura eu fiquei sem saber o que é que tinha acontecido, o que é que ele teria dito, esse alto funcionário do PCP, clandestino, que tinha sido responsável por toda a direção regional da União de Estudantes Comunistas. Enfim.

Passou-se este período. Entretanto há aquela história do golpe das Caldas. (...) Vim a suspender toda a minha atividade, mas não suspendi atividade... Suspendi os contactos clandestinos, porque em termos associativos continuei. (...) Lembro-me que no dia 6 de abril, tínhamos recebido um conjunto de documentos de vários colegas e ter andado com outro colega a fazer distribuição de comunicados já sobre o 1º de maio - sobre a preparação do 1º de maio de [19]74.

Entretanto tinha sido convidada, por um colega também, que ia haver uma reunião em Benfica com um conjunto de democratas. É assim que a Apolónia Teixeira vai para a reunião em Benfica. Uma reunião que é feita num prédio em construção, numa cave. Vamos e juntamo-nos ali, eu tenho ideia de serem 60 / 61. [Mostra um documento] Por acaso tenho a ideia que é 61, pela notícia que aqui vem. Esta é uma notícia censurada sobre esse acontecimento.

Somos cercados pela polícia de choque. Estávamos em reunião a preparar toda a agitação para Lisboa. Vem a informação de que estamos a ser cercados pela polícia de choque. Imediatamente é dada a ordem: «Atenção, documentos que tenham, por favor desfaçam-se da documentação. Nada de documentação. Vejam lá o que é que vocês têm. Atenção, todos vamos ter a mesma posição: estamos aqui para preparar a constituição de uma cooperativa. Atenção é isto que vamos dizer todos, vamos manter isto. É uma cooperativa». E somos cercados. Empurrados para dentro das carrinhas da polícia de choque.

Levam-nos para o Governo Civil nessa tarde, isto foi a um sábado, para os calabouços das rusgas. Aquilo era, de facto, deprimente. Metem as mulheres para um lado, homens para outro. Enfiam-nos nas celas das rusgas noturnas habituais de Lisboa. E ficamos ali. Somos identificados e ficamos ali. Nunca mais me esqueço, antes de nos enfiarem nas celas, o pátio do Governo Civil - eu nunca tinha entrado no Governo Civil - ouvi o festival de Eurovisão. Estava a dar o festival de Eurovisão - já não tenho presente se era o Eurovisão, se era o Nacional. Mas não me esquece, dia 6 de abril.

Estivemos ali todo o tempo até de madrugada sem saber o que é que nos ia acontecer.

De madrugada vêm dar ordem para entrarmos nos carros celulares. Aí já são os carros celulares da PIDE. Entramos em magotes para os carros celulares. Bem, eu só sei que mesmo nesses carros celulares - aquilo é tudo escuro, não tem janelas, tinha só umas frestas - íamos várias mulheres. Aí separavam mulheres e homens. Conduziram-nos para Caxias, ficámos com uma ideia clara para onde é que íamos. Não me esqueço: nunca comi tanto papel na minha vida. Porque mesmo assim houve quem tivesse ainda apontamentos ou alguns documentos. Aquilo tudo escuro, eramos várias - agora já não consigo dizer quantas estávamos sentadas - e então só dizia assim: «Mais este. Come mais aquele».

Olhe, eu nunca tinha comido papel - e não foram papéis que eu tivesse, aliás era muito cuidadosa. Aprendi com o meu marido a ser muito cuidadosa nestas coisas.

A única coisa que eu tinha era um pequeno livrinho, era uma coisinha deste tamanho, com várias folhinhas (...) - estou a dizer, porque há de estar no meu processo. Ainda hei de ir consultar o meu processo, que ainda não o fiz. Já pensei em ir à Torre do Tombo consultar o processo, mas ainda não fui. Era assim uma coisa deste tamanho - que lá está - tinha esta coisinha feita em letra miudinha de poemas do meu marido para mim. Eu tinha isto na minha mala. Poemas íntimos, como deve calcular, dois jovens apaixonados, uma vida muito intensa e ele com um jeito para a escrita extraordinário e, sobretudo, uma sensibilidade. E eu tinha aquele, que andava permanentemente comigo, aquele pequeno livrinho de poemas do meu marido e pensei: «Não quero perder isto». E escondi no soutien. Escondo aquele livrinho no soutien e lá vou. Foi a única coisa que me preocupei, quer dizer, eu não fui comer os poemas, naturalmente. Escondi-os. Comi foi os papéis e os documentos, que nem sei o que eram.

Chegámos a Caxias, ao Reduto Norte, de madrugada, sem comermos, sem nada. Uma porta de grades, a abertura daquelas grades. Entrar um corredor, um corredor escuro, frio. Começaram-nos a separar. Enfiaram-me para uma sala. Nessa sala vem um fulano tirar fotografias: posição de frente, posição de um lado, posição do outro lado. Depois enviam-me para outra sala. Carcereiras, duas PIDEs, jovens. Gostava de saber os nomes, mas não sei. Duas jovens. Registei a fisionomia, porque sempre me acompanharam durante o tempo que lá estive. Sempre que me iam buscar eram aquelas duas. Mandam-me despir. Eu tinha um casaco xadrez castanho (...), lembro-me de despir o casaco. «Tire a camisola!» [ordenaram]. Tirei a camisola. «Faz favor, dispa-se toda!» começam-me a falar a gritar «Tira a roupa toda!». E eu tirei a roupa toda, fiquei com as cuecas e com o soutien. «Tira o soutien!». Estavam lá os poemas do meu marido. Tirei o soutien. «Dá cá isso!» sacaram-me aquilo. «Tira as [cuecas]!». Tirei. Fiquei completamente nua, mandaram-me tirar as cuecas. Isto é um embate, que ainda hoje mexe connosco. Mandaram-me dobrar, para espreitar se eu tinha alguma coisa escondida no ânus. Isto é violento. Eu estou convencida que eles sabiam que eu não teria nada no ânus. Isto é violento! (…) Era técnica de humilhação, enfraquecer-nos completamente naquele primeiro embate. É o efeito psicológico. Eu estou convencida que é para efeito psicológico, quem é que vai esconder um documento subversivo naquela altura?

Mandaram-me vestir, cela. Vou para a cela com mais duas colegas, por sinal estudantes, lembro-me perfeitamente do nome delas. A nossa cela é uma cela com três camas: um beliche e uma cama. Uma cela pequena. Colocam-me com duas colegas que foram presas no mesmo sítio, que eu não conhecia. Conhecia uma que era a Áurea Sampaio, jornalista. E a Manuela, uma jovem que tinha sido estudante da faculdade de Direito e que estava em trânsito, curiosamente. Ia casar e estava em trânsito por Lisboa e que tinha ido aquela iniciativa, amiga da Áurea Sampaio. Metem-nos as três juntas. Umas instalações exíguas. Uma pequena casinha de banho com uma sanita minúscula e um lavatório e nada mais. Nem me lembro de mais nada, julgo que tinha ali o sítio onde se comia, uma coisa qualquer exígua. Enfiaram-nos para ali. Ficamos sem nada, nem malas, nada lá para dentro. Iniciou-se assim o processo.

A Ala das Mulheres. Esta cela dava para as traseiras da prisão de Caxias, do Reduto Norte. Os primeiros dois, três dias íamos falando as três: «O que é que nós fazemos?». Então íamos trocando impressões. «Temos de nos aguentar, temos de ter coragem». E depois era lembrar toda a nossa cartilha. Toda a gente sabe que «Não jures, camarada» - era uma cartilha fundamental. Que desde a primeira hora nós liamos, tínhamos, passávamos a palavra, tentávamos motivar os outros para não desistir, para não desanimar, para ter coragem. Enfim, tudo isto para ganhar forças, resistência, para lutar naquela situação. Os primeiros dois, três dias, enquanto elas estiveram.

Só que ao fim de três dias uma saiu - a Áurea foi a primeira a sair. A seguir sai a outra e eu fiquei sozinha. Elas foram lá abaixo, foram ao Reduto Sul, que é onde eram os interrogatórios. Tudo isto era feito com todo um processo. As próprias portas!... Aquelas portas tinham uma vigia que as carcereiras de vez em quando vinham abrir. Todo o barulho, os sons, a chave na fechadura, aquilo mexia psicologicamente connosco. «É agora? É agora que vamos a interrogatório. É agora que nos vêm chamar». Está a ver? Tudo isto era um processo psicológico e a tentar demolir a resistência do preso político.

O inspetor do processo de interrogatório foi o mesmo do meu marido, o Tinoco. A minha dúvida era o que é que a PIDE sabia a meu respeito. Esta era sempre a minha interrogação, o que é que eles sabem a meu respeito. Eu própria ia criando a minhas defesas. [Mostra um documento] Esta foi a minha ordem de busca e apreensão, quando fui presa vieram a casa da minha sogra, mais uma vez, fazer a busca. Não encontraram nada que me incriminasse. A casa estava limpa, não tinha nada. [Mostra outro documento] Isto foi o que eu fiz e construí em Caxias, enquanto estive presa. Agora há coisas que já não me consigo lembrar, o que é que significam algumas das minhas observações, mas tenho presente como é que eu assinalei as vezes que eu ia a interrogatório - é este sistema que eu faço, está a ver? Tenho um, dois, três, quatro, cinco. Aqui foi só uma passagem. Outra passagem. Está a ver? E depois ainda tenho aqui esta, seis tardes. E depois a minha saída a 24 [de abril].

Depois tenho aqui algumas referências, contei o único recreio que eu tenho. Só tive recreio de meia-hora no dia 23. Não tive nenhuma visita pessoal da minha sogra. Os meus pais viviam no Algarve, da minha sogra não cheguei a ter nenhuma visita, o recreio foi de meia hora - o que tive foi cartas. Eu escrevi e recebi cartas da minha sogra.

O período da solidão, do isolamento, a partir do momento em que as minhas colegas de cela se foram embora eu mantive-me na mesma cela, sem nada. É-nos retirado tudo. Até para escrever a carta nós tínhamos autorização para escrever, desde que fossem só questões de família - avisavam-nos logo: «Só questões de família, não pode dizer nada, se não são retidas». Então eu escrevi duas cartas, que foi as que me foram permitidas, à minha sogra. [Mostra uma carta] Esta primeira carta no dia 15/04/74. E depois escrevi uma segunda carta no dia 21. Foi quando foram permitidas: uma a 15 e outra a 21. Nestas cartas eu pergunto pela família, pela filha.

Há uma coisa que quero dizer-lhe. Desde sempre, desde que tivemos a nossa filha, que eu a levei a ver o meu marido, o pai, quando ele esteve preso, eu dizia sempre à minha sogra: «Filomena, se eu um dia for presa nunca leve a Catarina a visitar. Nunca, por favor, garanta-me isto». E a minha sogra a dizer-me: «Fique tranquila Apolónia. A menina nunca vai lá vê-

la». Esta era para mim a questão fundamental: que ela nunca me levasse, para eu ter a certeza que não teria qualquer efeito psicológico de me estarem a fazer mal à filha. Era uma das formas deles conseguirem, sobretudo as mães, de conseguirem dar a volta. Uma violência. Provavelmente era o meu único ponto fraco para a resistência. Então era uma coisa que estava sempre na minha memória. Eu tinha sempre presente: a minha sogra garantiu-me que nunca a trazia. Então isto foi claro para mim, dava-me força, eu sabia que aquela fragilidade eu não a tinha.

Depois ia para interrogatórios sempre na expectativa de o que é que eles sabiam. Tinha aquela informação que tinha sido denunciada. Não me fizeram qualquer referência, nada, zero. Só me pressionavam com o meu colega, o célebre Álvaro Pato, que tinha sido meu colega no Instituto e que estava preso na altura em Caxias, e passaram a vida a pressionar-me. «O Álvaro Pato...».

E depois foi com a história dos poemas, nem imagina. Aquela história dos poemas - que faz parte do meu processo - eles diziam: «E quem é lhe escreveu estes poemas? E quem é lhe escreveu estes poemas?». E eu, como aquilo era tão íntimo e achei que era uma fragilidade, em vez de dizer que eram do meu marido disse: «São poemas do Bertolt Brecht». Você acredita? Está lá. Eu julgo que eles nem conheciam os poemas do Bertolt Brecht, foi o que me ocorreu. [Disse]: «São poemas do Bertolt Brecht, é um poeta». A minha preocupação era que não me pressionassem, não me humilhassem com algo que era íntimo, que era meu, era da família. Por um lado, a filha, por outro lado, o marido.

Como é que eu ocupava o meu tempo? Repare, eu praticamente todo o resto do tempo fiquei sozinha, sem nada. Eu fumava, na altura era fumadora. Ficaram lá os cigarros. A minha sogra, entretanto recebi uma carta dela a dizer que tinham deixado lá comida, tinham deixado cigarros, todo o apoio e havia toda uma solidariedade nomeadamente aqui do Barreiro, jovens da época, da altura, nomeadamente o Luís Carvalho - um amigo que já faleceu e que ia de propósito entregar à António Maria Cardoso coisas para mim. Mandava à minha sogra. Então uma das questões era: para fumar um cigarro tinha-se de pedir, para escrever uma carta tinha de se pedir, para comer um bolo, uma fatia, um chocolate ou algo que tivessem deixado, tinha de se pedir. Eu as primeiras vezes pedi, mas depois há uma vez seguinte em que a carcereira abre o postigo e insulta-me de tudo: «Sua puta, o que é que você quer? Não tem nada cigarros!». Foi uma coisa, um insulto... E eu, ela fecha-me aquilo, penso: «Nunca mais. Não peço mais nada». Até sair nunca mais pedi um cigarro. E não tínhamos nada.

O que é que eu tinha? O pão que era distribuído - eu gosto só de côdea, não gosto de miolo. Comia a côdea e guardava o miolo atrás da sanita, que aquilo não era visível da vigia da porta. Aquilo tinha parede, era um pequeno espaço de casa de banho e atrás da sanita escondia o pão. E comecei a fazer as minhas habilidades com miolo de pão. Pensei: «Vou fazer um regime. Eles não me vão quebrar. Não vão».

Então comecei a fazer o meu regime: levanto-me, tomo banho - um duche frio. Controlava as horas com a mudança das sentinelas, que eu tinha sempre um guarda prisional que fazia todo aquele espaço em volta. Comecei a contar os passos, que cada um fazia, quando é que eles faziam. E depois fazia a organização do tempo em função das refeições. Comecei a funcionar com o meu relógio - o meu relógio era quando eles faziam a entrega das refeições e a mudança das sentinelas, era a minha noção do tempo. E olhando, por aquelas

grades, duas grades sobrepostas, olhando para o céu: o sol, o dia. Depois era fazer o meu horário de atividades: fazia ginástica, fazia a minha atividade com um bolinho de pão - sentadinha na sanita, quando ouvia alguma coisa parava logo. Então fiz um jogo de xadrez. Eu sempre gostei muito de jogar xadrez. Fiz um jogo de xadrez e fiz um jogo de damas. Então com o meu tabuleiro fictício ia fazendo os meus jogos. Depois criei o hábito - acho que isto é o hábito de muitos presos políticos, o meu marido tem o mesmo hábito - que é sempre que estou numa refeição pego no miolo de pão e começo a fazer trabalhos. Fiz florinhas, faço desenhos. Já lhe disse que fui para construção civil, porque gostava de modelar, gostava de desenhar. Então foi a forma como ocupei o meu tempo e vencer a ansiedade, controlar o medo de algum modo. Ter sempre esta preocupação de me manter lúcida. E não fui delatora, que é uma coisa que me orgulha. Mas também não tive a pressão, nem a tortura, que outros tiveram. Essa é também uma realidade.

Vem o 24 de abril, vêm-me chamar na parte da tarde, ao fim do dia. Comunicar que vou sair com caução, que já comunicaram à família, aos contactos lá registados como familiares que poderia sair desde que pagasse a caução. Saí de Caxias já era noite, de tal maneira que a minha preocupação primeira foi de ir aos Restauradores, que era o único serviço dos CTT que estava aberto, para mandar um telegrama ao meu marido, que era a minha grande preocupação. «Fui libertada» [dizia o telegrama].

E, depois, seguir para o Barreiro. E chegar a casa da minha sogra e a minha sogra dizer-me assim: «Apolónia…» - eu tinha uma saudade imensa de ver a minha filha, como deve calcular - «…o Luís Carvalho passou aqui, eu já lhe disse que ia ser libertada. Ele disse: «A Apolónia que não se deite antes de ir a minha casa. Quando chegar que vá a minha casa.» «Então mas que coisa, mas eu tenho tanta coisa..!».

Deitei a miúda, adormeci a Catarina. Eu peguei e fui a casa do Luís Carvalho. Este Luís fazia parte do grupo mais ativo desta agitação militar. Estava na tropa, era Oficial Miliciano. E diz-me: «Apolónia, hoje não te deites.». Digo assim: «Ó Luís, por favor». «Não te deites! É hoje!...» (porque nós brincávamos muito com a história do golpe das Caldas) «…é hoje, não te deites. Estou-te a dizer!». «Ó Luís, lá estás tu. Eu com as saudades que eu tenho da minha cama, da minha filha, de dormir agarradinha a ela. Depois destes dias todos, Luís?». «E como é que foi Apolónia?» - a vontade de saber tudo, como é que foi [na prisão], como é que não foi, o que é que aconteceu. E eu relatando e digo assim: «Bem, Luís, vou-me embora».

Às 7 da manhã estava eu, na primeira noite em liberdade. Na primeira noite depois daquela tormenta, a minha sogra, a minha velhota, acorda e diz assim (ela acordava cedo e a primeira coisa que fazia era abrir o rádio): «Apolónia, Apolónia. Acorde!». Eu digo assim: «Mãe Filomena, o que é que aconteceu?». [Ela]: «Acorde! Passa-se alguma coisa! Não há música, não há rádio, não há nada! Passa-se alguma coisa! Eu parece que ponho ali e é sempre a mesma música, não há nada. O que é que se passa?». Eu dei um salto e disse assim: «Ai meu Deus que o Luís Carvalho com a verdade me enganou! Mais valia não ter adormecido!». [Risos]

E pronto, são registos, são marcos. São testemunhos que é importante que transmitamos às novas gerações. Como foi tão violenta a luta por todos, pela democracia deste país, pela liberdade deste país. Tocou muita gente, homens, mulheres. Uns com muitos mais. É bom termos presente, para que isto não se repita.

O último registo que eu faço, porque também é um registo importante, é a participação no Congresso de Aveiro. O III Congresso de Aveiro da Oposição Democrática em [19]73. As teses do Congresso da Oposição Democrática, onde fui integrada em duas excursões que se fizeram da Academia de Lisboa, dos jovens estudantes. Fomos intercetados permanentemente a caminho de Aveiro e que nos deram ordem expressa da polícia para regressar a casa e não continuar. O registo dos motoristas extraordinários, que foram por caminhos secundários e chegámos a Aveiro. A chegada a Aveiro em estado de sítio, aquela cidade em estado de sítio. Proibiram os autocarros de entrar. Saímos dos autocarros e fomos em grupo, atravessamos a ponte e fomos direito ao centro da cidade. A participação no congresso, as intervenções. E depois a emoção de uma intervenção que é feita no congresso sobre os presos políticos. A emoção, sobretudo porque ouvir testemunhos reais, rigorosos, feitos pelos próprios presos de Caxias, que estavam presos. E fui eu e o meu marido que fizemos chegar à organização aquele testemunho. E quero dar o testemunho aqui que foi feito por três presos políticos que estavam em Caxias: o Armando Teixeira, o Carlos Domingos - ex funcionário clandestino do PCP - e o João Pedro -estudante de agronomia. Os três fizeram em conjunto a tese ao Congresso de Aveiro, a repressão fascista e a situação dos presos políticos em Caxias. Ao mesmo tempo a emoção de ver e saber que aquela tinha feita por eles, saído lá de dentro, aquilo que ninguém achava que era possível transmitir, saiu. Saiu aos pouquinhos nas mortalhas dos cigarros esta intervenção que aqui está, sabe como? Nas carcelas das calças de cada um - neste caso do meu marido. Cada calça que vinha para lavar entrava sem nada, mas saía com os registos. Depois foram montando as mortalhas juntas e deu azo à tese que foi apresentada, feita por presos políticos que estavam presos efetivamente. A emoção e ao mesmo tempo a revolta neste congresso.

Quando no desfile, íamos a caminho do cemitério para fazer homenagem a um democrata, um resistente. As cenas de pancadaria, a violência que foi visível. E a solidariedade, também, daquela população que foi capaz de proteger muitos. Eu fui, juntamente com um grupo de outros antifascistas, para dentro de um café que fecharam as portas, mas vimos as cenas todas do lado de dentro do café, com uma vitrina. As cenas de violência... uma coisa que nunca mais me esquece. Pessoas caídas no chão, ensanguentadas. Há um que se levanta, que faz isto, uma cacetada que levou, era a camisa branca cheia de sangue. E depois era ver aquelas expressões da polícia de choque completamente louca em frente à montra do café, que estava fechado. Nós encostados todos, era um grupo encostado ao fundo, porque eles estavam para partir a montra, mas vá lá, tiveram bom senso, não partiram! (...).

Eu queria terminar com isto, entre a emoção daquilo que era a capacidade de lutar, de resistir, de participar e a revolta pela repressão".

Armando de Sousa Teixeira

Ano nascimento: 1949

Local do registo: Barreiro

Data do registo vídeo: 19-01-2022

"A minha maior escola foi o Movimento Associativo Estudantil chamado MAE, no Instituto Industrial de Lisboa, cuja associação ADAIIL [Associação Desportiva dos Alunos do Instituto Industrial de Lisboa] estive ligado desde [19]68. Entrei na escola em [19]66 para um curso médio. Sou filho de gente operária. Trabalhadores de uma classe com poucas posses económicas, muito poucas posses económicas. Eu tinha uma bolsa de estudo da Gulbenkian, desde a escola industrial. Tirei o curso industrial numa escola aqui do Barreiro muito conhecida, a Alfredo da Silva, e tinha uma bolsa da Gulbenkian. Foi essa bolsa que me permitiu ir para Lisboa, para o ensino médio, para o Instituto Industrial. Lá contactei com uma realidade diferente. Digamos que os estudantes já tinham preocupações de outra ordem cultural, reivindicativa, social. E contactei com a associação de estudantes, a chamada Associação Desportiva do Instituto Industrial de Lisboa.

Eu fiz um livro, só para mostrar [mostra o livro], foi publicado agora em dezembro com a história desta associação. A tal associação, a ADAIIL, é a minha grande escola, embora eu já tivesse participado anteriormente no Movimento de Juventude, o Movimento Democrático de Juventude. É lá que eu fui encontrar o Partido - aliás neste sítio, neste terreiro [mostra uma foto]. A contracapa é uma fotografia de uma concentração de estudantes em 1968, na altura da chamada Primavera Marcelista, que nunca passou do outono, e que já reivindicavam, com um caderno de reivindicações com uma série de pontos, junto do ministro que tinha continuado.

O Hermano Saraiva, ministro da educação de Marcelo Caetano é o mesmo que vinha já nomeado do tempo do Salazar, só que adaptou-se muito bem à chamada demagogia liberalizante, é assim que alguns chamavam, primavera marcelista como outros chamavam - que de primavera teve muito pouco. O Hermano Saraiva tinha uma grande lata. Aliás como nós o conhecemos uns tempos depois nos teatros televisivos que fazia. Era um comunicador, não há dúvida nenhuma que era um bom comunicador, e já era assim connosco. Então nas reuniões com as associações recebia toda a gente, prometia tudo a todos: eram bolsas, eram subsídios para as cantinas… estava tudo prometido.

É nesta altura que há aqui uma concentração, porque simultaneamente nas escolas continuavam estruturas reacionárias. A nossa escola pertencia à Direção Geral do ensino técnico, o que é incrível, sendo ensino médio. Hoje já é ensino superior. Naquela altura era médio, pertencia a uma direção altamente reacionária. Queriam-nos na altura para ajudar a pagar a energia que nós gastávamos na associação. É por isso que há esta concentração, que depois vai junto do diretor e que o arranca - primeira e última vez, nunca mais caiu nessa - o arranca para a reunião lá nos pavilhões. Então ele lá

tem de reconhecer, pressionado pelos estudantes, tem que reconhecer que a energia era gasta a fazer sebentas e que os estudantes não tinham que pagar energia para estudarem. Retira essa, mas depois não retirou outras e a guerra continuou e agravou-se. A Apolónia é capaz de falar mais nisso.

Este terreiro foi onde eu fui recrutado - convidado, melhor ainda - para o Partido Comunista Português. Havia uma tradição grande de comunistas no Instituto Industrial, que já vinha de trás, dos anos 1962 / 63. Houve aqui um hiato, uma solução de continuidade. Eu enterrei-me, porque os ciclos eram de quatro anos e havia para aqui uma nova célula com base em gente de Vila Franca de Xira. Curiosamente não era do Barreiro, era de Vila Franca. O principal elo de ligação chamava-se Tito Baptista Pereira, filho do grande nadador Baptista Pereira que é um dos protagonistas dos Esteiros, do livro que nós conhecemos da nossa juventude. O Baptista Pereira é um dos homens que nunca foram meninos. Um grande nadador, um grande campeão que fez o canal da mancha, também fez aqui Lisboa - Barreiro, fui vê-lo ali chegar ao clube naval. Tito Baptista Pereira é o elemento que vem, com outros, recriar em 1967 / 68 a célula comunista do PCP no Instituto.

Mas a atividade política tem ainda outros contornos. Tem a ver com o que eu chamo aqui [lê do livro]: «*Frente ao rio do nosso contentamento, a casa tremia quando passavam os tanques Patton, da segunda guerra mundial, com lagartas rangentes que acordavam cedo o sono de menino e deixavam sulcos profundos no alcatrão e na alma. Estávamos inequivocamente em vésperas do 1º de maio. Era a demonstração de forças na vila operária ocupada pela GNR desde 1943*».

Eu nasci no bairro velho, à beira do rio e em menino ouvia passar e tremia a cama, como se fosse um tremor de terra, quando passavam os tanques da GNR que vinham fazer as demonstrações de força nas vésperas do 1º de maio, que na altura não era um feriado, naturalmente, mas eram datas de luta para comemorar o dia dos trabalhadores. Havia prisões na altura, sempre. Havia manifestações quase sempre, houve muitas. Agora não conto isso, já deve estar contado com certeza. E eu nasci numa família antifascista. O meu velho avô era ferroviário ainda dos tempos do anarco-sindicalismo. Era republicano com uma costela anarcossindicalista, já escrevi sobre isso também. Há um livro sobre isso que escrevi. Julgo que interessante, enfim, quem sou eu para dizer que é interessante, chamado 'A Primeira República e o Movimento Operário no Barreiro'. Conta, entre 1910 e 1926, entre outros, as histórias dos velhos ferroviários.

Em 1969 durante a preparação para a campanha democrática para as «eleições» de outubro, quando Marcelo Caetano, na sua primavera, resolve fazer eleições. Como diria Salazar: «Mais livres do que em Inglaterra». Não foram livres, mas permitiram que o governo democrático se organizasse e trabalhasse, - aproveitasse aquele buraco de funil. Porque com a primavera fizeram um funil: tinham a boca larga, mas a saída era muito estreita, normalmente com prisões e repressão. Fui um dos organizadores da Comissão de Jovens de apoio à CDE que deu origem nessa altura ao Movimento Democrático de Juventude, que é um antecedente do MJT, Movimento Juventude Trabalhadora, que é formado em 72 / 73. Estamos a falar em 1969. Este movimento democrático de âmbito regional ainda chegou a ter reuniões locais e regionais, na Baixa

da Banheira nomeadamente em Alhos Vedros e em Vila Franca. Nunca conseguiu estruturar-se enquanto movimento nacional, mas teve um papel importante na organização da juventude. Aí nascem uma série de jovens da minha idade, alguns mais novos, outros mais velhos que integram-se no Movimento Democrático ou vão para as coletividades, vão para o cineclube, vão para o Luso, vão para a associação de estudantes da escola Alfredo da Silva, sobretudo os estudantes noturnos. São uma geração que tem ainda muita gente pela vida fora lutando até ao 25 de abril, pelo derrube, e depois do 25 de abril, na construção da democracia.

Fui preso no dia 20 de novembro de 1972, no aquartelamento de Chipera em Tete [Moçambique], o chamado perímetro de defesa próxima da Cahora Bassa. Muito longe para onde depois fui parar. No dia 20 fui detido no próprio aquartelamento, em Chipera, onde estava na altura como furriel miliciano - embora tivesse começado no COM nessa altura para furriel miliciano. Nessa altura foi a polícia militar numa avioneta. Um alferes e um soldado, armados, foram deter-me. O comandante do batalhão interino, um obscuro major, passou por lá. Poucas falas e com um comportamento pouco humano, manda-me chamar à porta do quarto - estava a dormir ainda - manda-me chamar na manhã do dia 20 e diz só: «Acompanhe este senhor alferes da polícia militar».

Vim de avião para a cidade de Tete e em Tete passaram-me à disponibilidade - uma coisa extraordinária. Quão difícil era passar à disponibilidade na tropa, na altura, e ali bastou um carimbo a óleo num papel, metade de uma A4, que me entregaram na chamada ZOTE - Zona de Operações em Tete. Entregaram-me dizendo: «Passa nesta data à disponibilidade». Mandaram-me vestir à civil e a seguir foram-me entregar à delegação da PIDE na cidade de Tete.

Na altura o responsável da delegação era um facínora chamado Videira, conhecido da história, que no 25 de abril fugiu para África do Sul, para ir integrar a polícia do Apartheid. Era um conhecido torturador e assassino que me recebeu aos berros quando cheguei à delegação. Aos berros: «O que é que está aqui a fazer?! Se foi preso é porque fez alguma coisa!». E eu respondi mais ou menos no mesmo tom: «Diga-me o senhor o que é que eu estou aqui a fazer. Não tenho nenhuma notificação, não recebi nenhum mandado de captura, não sei o que é que estou aqui a fazer». [Ele]: «Se anda aqui é porque fez alguma coisa!». Entretanto fiquei ali um dia e tal, mandaram-me para uma pequena cela onde estava lá um guerrilheiro e um homem da junta da (…) estavam presos provavelmente por apoio à FRELIMO, não cheguei a apurar isso.

O que é curioso é que ao transitar da sede da delegação - a cidade de Tete é uma cidade muito pouco arborizada, com um aspeto assim amarelado, onde faz muito calor, uma zona muito quente, aquilo já fica para o interior de África é aquela parte de Moçambique que entra por África dentro. Uma terra amarelada, assim de uns tons acastanhados. Então quando ia a caminho da cela onde pernoitei passámos por um vale, aquilo era perto do Zambeze, a cidade de Tete fica na margem do Zambeze. Não se via o rio, mas aquilo devia estar muito perto - um planalto e surpresa, fiquei completamente surpreendido: estavam dezenas de celas, jaulas de ferro, nem cobertura tinham e estavam centenas de negros às portas das jaulas. Era fim de tarde,

estávamos quase no pôr do sol - o pôr do sol é uma coisa muito rápida em África, não é como aqui (...) - e pergunto ao PIDE: «O que é isto?...» (ao agente da PIDE que me acompanhava, um agente que eu não conhecia) «… o que é isto?» e o fulano: «Isso são as turmas de reeducação, o contingente de reeducação». Quer dizer, aqueles homens estavam ali, durante o dia trabalhavam em machambas que tinham dentro do perímetro da delegação, suponho eu, e de tarde iam dormir em jaulas sem qualquer tipo de cobertura. Eram tratados como animais. Foi uma coisa que me impressionou, nunca deixei de me lembrar deste episódio.

No dia seguinte mandaram-me, sob prisão, de avião para Lourenço Marques. Em Lourenço Marques sou colocado na célebre prisão da Machava. Prisão da Machava que era célebre porque era a prisão da PIDE, embora tivesse uma prisão que era também de delitos comuns, estava dividido. A cadeia da Machava fica a uns quilómetros de Lourenço Marques, onde também havia as turmas de reeducação, que eu conheci graças à solidariedade de um guarda prisional - coisa que eu sempre recordo, já escrevi sobre isto. Já procurei a sua origem em Arcos de Valdevez, não encontrei. Fomos lá à junta, mas não encontrámos. Era guarda mesmo contratado da PIDE, do quadro - está em documentos da PIDE. Era guarda contratado. Artur Cerqueira.

Eu cheguei ao fim do dia, mandaram-me para a cela - uma cela de 3 [metros] por 1,5 metros com um beliche, com um buraco para as necessidades, um balde - e adormeci, com aquelas emoções daqueles dias, adormeci. Acordei a ouvir assobiar os vampiros [música de Zeca Afonso]. E eu achei aquilo...! De repente eram para aí, sei lá, eu não tinha relógio, tinham-me tirado o relógio, eram para aí 8h / 9h da noite, achei aquilo estranho. «Será provocação?» pensei a primeira coisa «Ou não!». Fiquei curioso. Assobiaram. Ali em baixo tinha uma rede com grades. Ainda cheguei a cama, pus-me em cima, só se conseguia ver um bocadinho mais além - eram uns pavilhões elipsoidais onde estavam as celas, havia vários pavilhões na Machava. Bati à porta, para chamar o guarda. Bati, bati, bati e o guarda prisional nunca apareceu. Também já estava com fome, ainda por cima não me deram jantar. À meia-noite ouvi barulho nos corredores, pensei: «Bom isto deve ser a mudança de turno do guarda». Bati à porta, ouvi barulho - a porta abriu. E vem um homem com uma farda, já assim de meia-idade, com bigode grisalho e eu digo assim: «Peço desculpa, mas trouxeram-me para aqui e não me deram jantar». [Ele]: «Ah não deram? Então não mandaram vir jantar para si?». Eu pelo tom vi logo que era uma pessoa diferente. [Diálogo]: «Não, nem sequer me abriram a porta, já protestei, não me deram jantar». «Então não se preocupe. Deixe estar que eu trouxe uma bucha avantajada, eu vou buscar». «Não, não». «Um café com leite e um bocadinho de pão, eu trago para si». «Não, não se esteja a incomodar».

Comecei a perceber que era uma pessoa diferente, embora não tivesse experiência anterior, mas por aquilo que nós conhecíamos dos guardas prisionais que normalmente eram gente ligada à PIDE, gente carrasco - com algumas exceções naturalmente - e este era uma honrosa exceção. Entretanto eu ainda me atrevi a perguntar: «Eu, há bocado estava a dormitar, mas pareceu-me ouvir assobiar aqui perto da cela». [Ele]: «Ouviu? Está bem, não se preocupe. O senhor é militar, não é?» - começou-me a fazer perguntas - «Sou militar» [respondi]. «Pois, estava à espera. Já me tinham contado que

ia chegar um militar. Mas veio da guerra?» «Vim da guerra diretamente. Olhe, vim ontem!» «Como é que está a guerra?» «Não está bem. As guerras nunca podem estar bem não é? De vez em quando somos atacados, outras vezes são os alarmes, que é como se fosse um ataque» - muitas vezes o que a FRELIMO fazia era manter aquela malta toda sob respeito, fazia parte da quadricula de defesa de Cahora Bassa. [Ele disse]: «Não esteja preocupado, que está aí mais um Furriel e um Alferes a cumprirem pena». E estavam. Eram dois militares que lá estavam e com os quais ele me pôs em contacto nos dias seguintes.

O Artur Cerqueira levou-me bananas, levou-me papel e caneta para eu escrever; eu tinha os meus cunhados, irmãos da Apolónia - ele era polícia lá em Lourenço Marques - foi à procura; tinha um casal amigo, que eu conheci desde pequenino, que estavam lá como cooperantes na altura a trabalhar, ele foi à procura. Porque ele era distribuidor durante o dia, andava com um carro de distribuição de refrigerantes e à noite, para ganhar mais uns tostões, ia fazer o turno de guarda - ou então o contrário, porque ele era mesmo guarda prisional efetivo e fazia o biscate durante o dia. Então como calcorreava e conhecia bem, foi à procura e encontrou a minha cunhada! Entregou as cartas, que a minha cunhada mandou para a Apolónia, para cá [Portugal], a contar o que é que se tinha passado. Creio que ainda recebi uma carta, que eu ainda estive 20 e tal dias - até ao dia 16 de dezembro - na Machava.

Eu depois vim a Lourenço Marques que é a cerca de 10 km da Machava. Vínhamos na carrinha da PIDE a interrogatório. [N]esses interrogatórios disseram[-me] do que é que era acusado: de ter sido responsável de agitação durante o curso de Oficiais Milicianos em Mafra, no quarto turno de [19]71. A PIDE não inventou, isto tinha sido denunciado. Na altura não descobriram nada. Na altura da agitação ninguém descobriu nada, ninguém sabia de nada. Alguém depois denunciou, ao ser preso. Tinha sido, aliás, uma iniciativa unitária com gentes de várias orientações políticas.

No dia 16/12/1972 vim sobre prisão com um PIDE ao lado - não me algemaram, para não parecer mal - num avião da TAP. Estive sempre acompanhado pelo PIDE, a viagem toda. Um pormenor curioso, que eu conto no livro, é apenas uma questão mais da ficção, mas como diz o João Tordo, a ficção é mais verdadeira que a verdade da realidade: eu nesse dia, sob prisão no avião, dormitei, porque nós fizemos escala em Luanda e depois Luanda - Lisboa. Dormitei e tive um pesadelo. Sonhei com ataques, com coisas da guerra. O dia 16/12 é o dia dos massacres de Wiriyamu, que foi um dos motivos de grande denúncia da tropa colonial, daquilo que lá fizeram. Está testemunhado até no filme da televisão do Joaquim Furtado. E, portanto, é o massacre em que matam mais de uma centena de habitantes de duas aldeias, a propósito de uma perseguição a guerrilheiros, de forma completamente sinistra, terrorista. Inclusivamente metralharam, mandaram-nos para dentro das palhotas e deitaram fogo às palhotas.

Na chegada a Lisboa estava uma carrinha da PIDE em plena pista de aeroporto, onde me enfiaram. Ainda olhei para ver se via a companheira, mas ela não sabia. Tinha andado à procura, tinha andado de roda da PIDE para saber onde é que eu estava. Tinha posto a hipótese - ela vai falar nisso - de ir lá para Moçambique para me apoiar, porque não sabia bem o que me tinha acontecido, se eu estava bem, só sabia onde é

que eu estava. Só soube quando recebeu as cartas que eu mandei através do guarda Cerqueira e da cunhada que pôs no correio, que eu estava preso na Machava. É claro que não estava [à espera no aeroporto de Lisboa].

Fui levado imediatamente para o Reduto Norte da prisão de Caxias, onde começaram logo as humilhações. Primeiro são as fotografias do costume, tirar o registo fotográfico. Logo acompanhado por um PIDE que me puxou - eu tinha na altura um fiozinho - que me puxou violentamente, (...) porque queria saber se eu tinha pendurado no fio uma cruz. Nós conhecíamo-lo pelo Católico. Fez parte de várias torturas. Às duas por três a gente começava a transmitir, era «O Católico». Eu tinha uma estrelazinha com o nome da companheira, as iniciais, uma estrelazinha de cinco pontas pendurada no fio e ele começou logo a interrogar se eu era católico, se não era católico, se era batizado, se não era batizado. E eu fui respondendo: «Batizado sou, mas isso não é uma questão importante, cada um tem a sua fé».

Meteram-me logo na sala de torturas ainda no dia 16, ao fim da tarde do dia 16, onde estive até ao dia 23, vésperas de Natal, sob tortura do sono, tortura da estátua. Tiravam-me a cadeira, empurrões contra a parede. É o período das alucinações, as paredes caem. Os gritos que eles punham em gravações, de propósito, parecia que estar a ouvir os gritos da família. As ameaças sobre a família. Uma violência continuada sem poder dormir, com consequências terríveis. Já estava ofegante, as arritmias estavam a aumentar. Eu pedi apoio médico dizendo que, se não, morria ali.

Depois havia, num moinho de quatro em quatro horas, os 'PIDEs bons' e os 'PIDEs maus'. Os PIDEs bons vinham: «Diga o que tem a dizer para ir ter com a sua família. Está aqui...». Depois chegava outro aos pontapés e aos empurrões: «Ainda aqui está, seu filho da puta?! Ainda continua aqui?! Vai ter já de vomitar tudo!».

Ao fim de sete dias decidi confirmar a minha participação na tal agitação, que tinha ficado como um osso atravessado, porque eles nunca tinham sabido quem é que tinha sido a não ser da denúncia de um outro fulano que tinha participado e tinha sido preso e que não tinha nada a ver comigo politicamente - aliás, de uma outra formação política, mas tinha sido uma ação unitária, em que tinham participado, [como] eu há bocado referi.

Essa agitação contra a guerra colonial. Colocámos vinhetas, fizemos documentos. «7500 mortos já bastam. 30.000 filhos estropiados. Fim da guerra colonial», e depois numa segunda fase: «Não jures, camarada» - essa foi a mais célebre. Portanto, na preparação para o juramento de bandeira pusemos a circular a palavra de ordem e espetámos nos corredores de mármore de Mafra. Aquilo era só pôr o mínimo cuspe, espetava ali, ficava uma maravilha. «Não jures, camarada». E de facto no juramento de bandeira, que era feito ali à frente, tinha uns jardinzitos - continua a ser, tem ali aquela escadaria em frente da entrada do convento. Tinha PIDEs alinhados para cada linha dos cadetes para ver quem é que mexia os lábios, então a malta mexia os lábios a dizer: «Filhos da puta, cabrões». Só juravam os prontos que estavam postos de

propósito à frente dos soldados, que era para se ouvir. Aquela coisa do juramento que os militares preservam muito, mas era miliciano… nunca tive espírito de militar. Respeito alguns milicianos, alguns homens do quadro que foram extraordinários; tenho toda a consideração pelos militares que fizeram o 25 de abril, mas estas ações também ajudaram à consciência dos militares de carreira em relação ao papel [que tinham] e em relação àquilo que depois desencadeou o levantamento militar no dia 25 de abril.

Esta confirmação que eu fiz da participação enquanto militante do Partido Comunista Português, nessa condição eu tinha participado nessa ação, procurou apesar de tudo, não sendo uma atitude muito corajosa nem recomendável - eu já tinha lido o «Se fores preso, camarada». Apesar de tudo eu socorri-me da existência de pessoas que eu conhecia que tinham desertado, que tinham fugido para não irem à guerra e estavam fora do país. De tal maneira que num dos casos, já depois de me terem mandado dormir no fim do dia 23, no dia 24 voltei lá outra vez para me interrogarem a propósito de uma coisa que eu tinha dito e porque tinham ido bater à porta de uma das pessoas que eu tinha referido e não tinham encontrado. Dizia nessa altura o Tinoco: «O senhor está aqui a gozar com a gente, não é? Só fala em fantasmas» - não eram fantasmas, não estavam e eu sabia que não estavam. Portanto mais ninguém foi preso por minha causa. Não é uma coroa de glória de que eu me orgulhe. A prisão e estes acontecimentos marcam-me para o resto da vida. São traumas que não se perdem.

No dia 28 de junho de 1973, eu tinha saído há pouco tempo, nos finais de maio, princípios de junho tinha saído da cadeia de Caxias. Condenado já, mas com 18 meses de prisão correcional remível a multa, portanto fiquei em liberdade. Nesse dia a minha filha Sofia Catarina fazia um ano e nós combinamos que faríamos um piquenique no monte sobranceiro [á prisão de Caxias], que também se via do Reduto Sul, para assinalar esse dia e para saudar os que tinham ficado.

Eu estava numa sala com mais dois companheiros, dois camaradas que ficaram entretanto à espera de julgamento. E lá fomos. Fomos as famílias dos que estavam e a minha, com a Sofia Catarina ainda num carrinho, e fomos fazer um piquenique. Fomos acampar num monte em frente, muito próximo, aquilo ficava a menos de 1 km do Reduto Sul. (...) Lá fomos e lá sentamos. E a dada altura, como combinado, começámos a acenar. Começámos a acenar para o Forte. O João Pedro e o Carlos Domingos já sabiam do acontecimento, estavam à janela, da parte de dentro das grades, a assistir e também começaram a acenar. Não é que de repente estavam todas as janelas do Reduto Sul, do primeiro e do segundo andar a acenar para nós? Foi uma festa, foi um momento... É claro que daí a um bocadinho ouvimos os apitos da GNR, que fazia a guarda da cadeia, e saíram dois jipes com os GNRs armados para virem reprimir ou impedir aquilo que estava a acontecer. Nós tínhamos combinado já a saída, aquilo ainda ficava um bocadinho longe, sobretudo porque ainda tinham que dar uma volta, portanto levantámos o bivaque e fomos andando a caminho da estação por aquelas ruelas, afastados uns dos outros. Quando o jipe nos abordou, quando o Comandante nos abordou a perguntar se tínhamos visto alguém que tinha estado ali no monte, [dissemos]: «Não, não vimos ninguém. [Risos] Viemos aqui de passeio, não vimos ninguém». Pusemos o Forte de Caxias em polvorosa.

Isto, no fundo, para transmitir duas ideias: da prisão nunca se sai. Apesar de eu nessa altura ter saído em liberdade, fica sempre algo de nós ligado a um período - como sabe quem lá passou e os que não sabem irão contar - fica sempre algo de nós, ficamos sempre muito ligados aquela situação tremenda de privação de liberdade.

O dia 25 de abril é uma data, para todos os antifascistas, para todos aqueles que lutaram contra o Regime, não só histórica, como gloriosa. É o início da libertação da pátria e de todos aqueles que foram ofendidos, humilhados e perseguidos, torturados e alguns mortos de que nos resta a memória.

Estes documentos têm o carimbo do dia 25 e têm o carimbo da PIDE. Porque a minha companheira, a Apolónia Teixeira que vai também fazer um depoimento, tinha sido presa aqui no continente no dia 4 de abril, numa reunião da CDE em Lisboa. A CDE na altura estava muito ativa - tinha ficado desde [19]69, também irei referir um bocadinho isso. Tinha ficado muito ativa e estava na altura a aproximar-se o período em que ia haver, novamente, 'eleições para a assembleia nacional', promovidas pelo Marcelismo - nós chamávamos demagogia liberalizante, muito demagógica e pouco liberalizante. [A Apolónia] estava detida também. Enviei um telegrama lá de Nangade que chegou a Caxias no dia 25 - e tem aqui o carimbo da cadeia. E escrevi uma carta que foi enviada por avião no dia 22 de abril e que tem aqui uma nota escrita por um PIDE: «Já não se encontra nesta cadeia. 25/04/1974» - também é curioso. Não se encontrava porquê? Porque saiu no dia 24 à noite. A Apolónia saiu com uma fiança, depois de interrogatórios durante vários dias. Foi das últimas a sair. Tinham sido presos 50 e tal nessa reunião. Tinha sido ali para Benfica, estavam a formar uma cooperativa - não estavam nada, estavam a estruturar o trabalho da CDE para o período eleitoral que viria a seguir.

Há aqui um outro documento, também um telex do dia 25/04, também histórico. Eu tinha feito uma exposição lá onde estava, na guerra, no aquartelamento, dirigida ao Diretor Geral de Segurança, que era o Major Silva Pais, meu conterrâneo de triste memória - ele era natural aqui do Barreiro. Era na altura diretor da PIDE, foi até ao 25 de abril desde 1962. E ao Presidente do Conselho, o Professor Marcelo Caetano. Uma exposição em que solicitava / quase exigia a libertação da Apolónia, porque tínhamos uma filha com um ano e ela era o único amparo que tinha. Eu estava na guerra, lá no cu de judas, como dizia o nosso escritor que também esteve na guerra e também fala muito sobre isso, também teve a sua experiência. A minha foi mais prolongada. Portanto estávamos numa situação muito complicada. Os meus pais já eram idosos e achava que por uma questão de justiça e também de direito que a deviam libertar.

Em [19]77 / 78 participei no julgamento como testemunha de acusação do inspetor adjunto da PIDE - DGS como nós chamávamos. Era DGS na altura, mas nós, o povo português, antifascistas, conheciam há tantos anos a PIDE que começaram a chamar à PIDE DGS. Sobretudo porque a DGS não mudou nada em relação ao que era a polícia política e o que era a PIDE. Pelo contrário, acho até que pela parte final antes do 25 de abril refinaram a atuação. O senhor Adelino Tinoco era inspetor adjunto e era o chefe

da brigada que me interrogou e torturou em Caxias. Era um mangas de alpaca, vestido com pele de cordeiro - dos poucos que foi julgado apesar de tudo e que tinha estado preso. Teve uma pena de prisão maior, de 4 anos, a maior parte já tinha cumprido. Era no tribunal militar de Santa Clara e as testemunhas de acusação eram os presos que tinham estados ligados à brigada, ao moinho, era como nós chamávamos. Lá em Caxias, moinho era forma como de quatro em quatro horas eles iam substituindo os agentes. O preso é que é sempre o mesmo, eles é que se iam substituindo. O Tinoco ia todos os dias, muito referenciado pelos agentes, com falinhas mansas do tipo: «Nós sabemos, o senhor está aqui a perder tempo. É melhor ir ter com a sua família». Pediu um médico - eu na altura senti-me muito mal, já tinha arritmias e incharam-me os pés, ao fim de não sei quantos dias e pedi assistência médica e o cínico do Tinoco, do Adelino «O senhor diga o que tem a dizer e depois logo o mandamos ao médico».

Curiosamente o Tenente-Coronel que era um militar de carreira, aprumado, fardado - depois tinha mais dois Juízes assessores - estava à frente. Eu estava de perna cruzada, a primeira coisa que fez foi mandar-me, aos berros, descruzar a perna. Eu estava sentado e ao meu lado estava sentado o Tinoco. Duas cadeiras, não tinha separação nenhuma - naquela altura não havia Covid - ao meu lado. Reconheci-o e ele também me reconheceu. Eu tinha estado numa sala próximo, onde estavam os fuzileiros a tomar conta, onde estavam todas as testemunhas que iam sendo chamadas uma a uma. Vindo à porta nós ouvíamos perfeitamente o que é que se passava na sala do tribunal. Antes de eu ser sido chamado, foi chamado um comunista conhecido, antifascista, Blanqui Teixeira, um homem formado em engenharia química. Depois esteve aqui no Barreiro a trabalhar muito tempo, que tinha estado preso muitos anos e um homem que tinha vindo da clandestinidade. Era um alto dirigente, na altura, do Partido Comunista Português. Tinha-me enervado porque a dado altura o Juiz Presidente interrogava as testemunhas como se fossem ainda presos! Nomeadamente porque é que tinha estado na clandestinidade, se tinha ou não tinha documentos falsificados, que falsificação era crime. Estava a interrogar, estava a amesquinhar, no fundo a humilhar as testemunhas de acusação. Eu enervei-me e quando lá cheguei ia em ponto de rebuçado.

O advogado de defesa do PIDE, do Adelino Tinoco, era o Anselmo. O doutor Anselmo fazia as perguntas às testemunhas. Então perguntou-me se tinha estado preso, o que é que tinha [feito] e se tinha a certeza que era aquele o responsável. [Diálogo]: «Está no processo do tribunal, está lá o nome das pessoas, dos agentes e do inspetor, isso não há qualquer dúvida». «Mas o senhor alguma vez lhe bateu, alguma vez o violentou?». «Não vale a pena estarmos aqui a fingir. O senhor esteve lá alguma vez preso?». «Não». «Então se estivesse, devia saber como é que era. É claro que o inspetor não batia. Alguns até bateram, neste caso ele ia lá apenas para aprofundar o trabalho dos outros. Batiam os outros que estavam na vigilância. Portanto este homem é o responsável pela tortura, é o responsável máximo e foi ele que acompanhou e orientou essa violência que eu sofri durante sete dias». O Juiz a seguir pergunta-lhe se ele me conhecia e ele caiu na asneira de dizer que se lembrava de mim: «Eu lembro-me que na altura esteve lá um militar, que tinha vindo das colónias, tinha vindo da guerra. Passou por lá, mas que não foi maltratado». Depois o Juiz perguntou-me a mim, se eu o conhecia. Aí eu falei com voz grossa em relação aos crimes da PIDE - daquele e de muitos outros que ficaram por julgar e por condenar. Neste caso eram muitas

testemunhas, eram mais de 30, o Adelino Tinoco foi condenado a quatro anos de prisão maior.

Em 2017 o Barreiro atribuiu-me a medalha 'Barreiro – reconhecido na área da resistência antifascista e na democracia'. Portanto, vale o que vale, nunca estive muito preocupado em relação a essa distinção, mas creio que vale a pena a passagem pela cadeia, uma experiência traumatizante em relação à tortura e aos métodos que, na altura, a PIDE DGS utilizava e que deverão ser lembrados. E que esses tipos de distinções sirvam também para que isso não se esqueça, para que se possa trazer essas questões à luz do dia. Eu escrevi parte dessas memórias em 2009 num livro que conta isto em pormenor, além de contar também a passagem pela Guerra Colonial. O livro chama-se "Guerra Colonial, a memória maior que o pensamento". Sendo como pano de fundo a questão da passagem na Guerra, também se conta aqui, em pormenor, a passagem pela prisão porque foi nesse período.

Um episódio em 2010 / 2011 que eu acho interessante também relatar. Fui consultar o meu processo à Torre do Tombo, onde estão depositados os processos individuais. Tive duas surpresas desagradáveis. Uma, que o processo estava aparentemente incompleto, com rasuras e omissões em relação a nomes de vários denunciantes, de gente que tinha estado connosco e que trabalhava para a PIDE. Ou estavam riscados, os nomes, ou faltavam páginas - faltava qualquer coisa para jogar a bota com a perdigota. Eu sei que houve essa preocupação, isso foi anunciado. Que no estudo, no trabalho que foi feito na Torre do Tombo, omitiram determinadas coisas. Mas eu creio que isto é castrar um pouco a verdade, porque isto omite uma parte da história e nós ficamos na dúvida: «Porque é que isto aconteceu? Quem é que denunciou? Quem é que foi? Quem não foi?». Muitas coisas se souberam depois do 25 de abril. No meu caso eu não consultei o meu processo essa altura, não fiquei a saber de nada.

Outra questão interessante é que eu fui lá também com o intuito de pedir um certificado, ia pedir daí a pouco tempo a apresentação da reforma, então pedi um documento que atestasse o tempo de prisão - convencido de que o tempo de prisão contava para a reforma. Curiosamente o documento que me entregaram dizia *ipsis verbis*: «Condenado a 18 meses de prisão correcional, com 10 anos de perda dos direitos políticos por atividades subversivas contra a segurança do estado». Eu achei aquilo muito interessante, quer dizer: criminoso uma vez, criminoso para a vida toda. Fiquei com o labéu de ter atividades contra a segurança do estado. Isto foi amnistiado, portanto não devia ser escrito nesta forma e creio que hoje já não é assim que isso é feito.

Ainda nessa altura, um outro episódio - está tudo relacionado. Apesar de existir legislação, nomeadamente o decreto de lei 173/74 sobre reintegração na função pública dos que tinham sido afastados por razões políticas; o decreto 180/64, que amnistia os crimes por deserção; o 656/75 que regulariza a situação dos refratários, daqueles que não cumpriram o serviço militar, ou que se afastaram; o 171/77, este é muito interessante, que depois foi revogado por 189/2003, sobre a pensão por méritos excecionais na defesa da liberdade e da democracia. Alguns camaradas da época na

altura solicitaram, com todo o direito, e até me telefonaram a chamar à atenção. Eu decidi não fazer isso, porque eu na altura quando fui preso já tinha uma formatura, era agente técnico de engenharia no ensino médio, porque queria uma carreira profissional, mais tarde de licenciatura. Estive no ensino, estive na vida profissional, digamos que adquiri um estatuto que me permite ter uma pensão hoje, acho que não tenho necessidade de recorrer a essa pensão - que de resto é muito complicada. Obriga a ter dez testemunhas, tem que ter uma requisição ao Ministério, antigo, do Interior que é hoje da Administração [Interna], mais ao Ministério das Finanças, depois mete mais um parecer do Presidente da Câmara - uma coisa complicada, acho que demasiado complicada. Acho que o estado devia, que se achasse que as pessoas tinham esse direito, reparar isso. Não são assim tantos, não fazer percorrer esta via-sacra. Entendi que não tinha paciência para isso, embora tivesse provavelmente direito também".

Arnaldo Silva

Ano nascimento: 1953
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 07-10-2021

"A consciência política, ela vem na sequência do início do trabalho. Eu comecei a trabalhar oficialmente aos 13 anos, mas após o ciclo eu fazia trabalhos de mercearia, de drogaria, com canastras às costas. Portanto, ocupei a minha consciência da vida proletária. Além da vivência familiar, que éramos 8 irmãos. Éramos pobres, como a grande maioria das pessoas. E depois vim trabalhar para Lisboa, para a Praça do Chile, aos 13 anos. Já tendo passado por oficinas de mecânicos e ser, digamos, maltratado. Inclusivamente era violência, porque batiam nos miúdos, não é? E, portanto, isto tudo levou a... foi um acumular. E aos 13 na Praça do Chile, quando estive quase a chegar aos 14, porque só podíamos trabalhar em empresas grandes só com os 14 anos. A Praça do Chile era uma empresa, era uma casa mesmo na Praça do Chile, era uma drogaria de ferragens, mas no logradouro havia oficinas de metálica e era aí que eu estava a trabalhar. (...) Comecei-me logo a revoltar aí. Portanto revoltei-me logo contra as chefias nessa altura e não sou despedido, mas despedi-me logo eu, e as coisas foram acumulando ao longo do tempo. Depois comecei a trabalhar aos 14 anos já numa metalomecânica já média. E aí com 14 anos (...) comecei também a estudar de noite, já tinha o ciclo feito, comecei a estudar de noite na Escola Industrial de Vila Franca. E as coisas foram-se acumulando ao ver o tipo de tratamento que nós tínhamos nas oficinas, os salários, as regalias, tudo isso levava a... E depois havia também aquelas pessoas que a gente veio a conhecer mais tarde que eram pessoas ligadas a instituições políticas, neste caso muito concretamente ao Partido Comunista português e, portanto, davam sempre uma dicazinha entre dentes para nós, enfim, ganharmos alguma consciência do nosso posicionamento.

Muito concretamente é a partir das eleições de 1969, que eu vou de livre vontade fazer uma visita a um - não é plenário, aquilo não se chamava plenário - um encontro dos candidatos em Vila Franca de Xira. Vou de livre vontade, portanto, sem ninguém atrás de mim e apercebi-me dos movimentos todos da GNR a proibir e da violência que se estava a estabelecer. E aí eu tomei consciência que havia qualquer coisa que não estava bem do ponto de vista das liberdades, se bem que era muito ténue, porque também não percebia patavina daquilo, não é? Mas havia qualquer coisa que me dizia: «Então mas eu não posso vir? A gente não pode vir? Não podemos assistir? Há eleições...». Pronto, e foi a partir daí em 69 que se dá exatamente o clique para a minha intervenção.

Em [19]69 além de estar integrado numa empresa de metalomecânica média começamos a desenvolver também numa casa que havia, que nós designámos pela «Casa 34», porque era o número 34 do bairro do CASI, que era o bairro do Padre Vasco Moniz. E essa casa era uma casa tipo república, em que havia as cantorias, havia a cultura ali e havia também intervenção política. Naquela casa passaram pessoas, pá, desde o Fanhais, o Pedro Lobo Antunes - o que morreu, não é este o escritor, era o irmão - a Sophia de Mello Breyner, a filha, a Maria também [ia] lá. Lembro-me perfeitamente dela, uma ou duas vezes lá. Depois toda aquela dinâmica, era uma casa de liberdade e de cultura, coisa que nós não tínhamos. E ainda mais, é que na escola industrial os nossos cursos industriais não havia Literatura, não havia Línguas. Portanto, nós éramos a classe inferior dos trabalhadores. Porque o

comércio sempre tinha uma língua, sempre tinha literaturas, nós não tínhamos nada disso. E aquela casa era o nosso escape e ao mesmo tempo o sentido de reposicionarmos em termos cívicos, de cidadania, não é?

Isso leva que dentro das próprias empresas nós começamos a ter consciência dos deveres e dos direitos, coisa que estavam esquecidos, os nossos direitos - era deveres, deveres, deveres e direitos não tínhamos nada. Aí começa também a situação da escola industrial noturna. A escola industrial de Vila Franca tinha uma particularidade: é que as raparigas entravam pela estrada de baixo e os rapazes entravam pelas traseiras e não havia junção entre eles, à exceção da parte comercial que era de dia. Portanto havia esta separação de rapazes e raparigas e inclusivamente havia no pátio o chamado, que nós lhe designámos, o Muro da Vergonha que separava as escadas de acesso, para nós não olharmos eventualmente para as pernas das meninas - era essa a teoria. Portanto havia essa separação.

Depois, com esta dinâmica toda, começa a aparecer através do 34 o apelo ao sindicalismo, o apelo à libertação dos presos políticos e o apelo, também, à libertação e, digamos, à liberalização do próprio funcionamento de uma escola industrial. Basicamente isto tem esta dinâmica, tudo em muito pouco tempo, não é? Depois há também o Clube União Desportivo Vilafranquense que tem uma secção cultural que é semiautónoma dentro da estrutura e que tem, também, a divulgação dos livros, dos vídeos - neste caso filmes. Tudo isto cria aquela dinâmica naquela juventude que era o sentir de um sonho, que era nós sentirmo-nos mais libertos.

Isto depois dá origem a muitas coisas. Por exemplo: no 34, dali saíram os chamados grupos de intervenção para a libertação dos presos políticos, através da divulgação da amnistia e para pedir a amnistia dos presos; os chamados abaixo-assinados para a libertação dos presos, que normalmente era sempre o Octávio Pato, o Dias Lourenço (...) mas digamos, o grosso da coluna eram estes, porque eram os principais de Vila Franca; e depois, nas empresas, era a luta pelo contrato coletivo de trabalho. A regalia que os aprendizes, os ajudantes, tinham direito a sair 2 horas mais cedo, para quem andasse a estudar de noite. E as empresas não faziam nada disso. Portanto havia levantamentos de jovens.

Lembro-me perfeitamente daquela empresa aí - era um grupo de 30 talvez, 30 miúdos - a almoçarem em 15 minutos para depois irem para o Ribeiro fazer a reunião [sobre] como é que devíamos de atuar a partir das 4 da tarde, coisa assim. E fazermos isso, reivindicar o direito. E conseguimos. Conseguimos fazer isso, conseguimos que a empresa nos concedesse aquilo a que nós tínhamos direito. Isso depois deveu-se a um despedimento. Eu fui despedido sem justa causa, fui dado como indesejável. Foi assim que o patrão - que se chamava Mário Ramos - disse quando lhe fiz a pergunta: «O que é que eu tenho para ser despedido? Não tenho faltas, não tenho nada». [Ele]: «Não. É indesejável, simplesmente indesejável». E fui despedido. E continuámos a fazer todos estes movimentos.

Depois sou integrado numa oficina do CASI. O CASI é uma história muito engraçada, não é pra agora, mas talvez para ser contada de outra forma. Que tinha umas oficinas e que o Carlos Cruz - que já foi aí - ele meteu-me lá, como eu tinha sido despedido, ele meteu-me lá também como serralheiro. E lá eu tive um contacto com o Afonso Dias. O Afonso Dias foi deputado da Constituinte, que é um baladeiro também ligado ao 34. E nós começamos a

ter ligações com outras pessoas que estavam na órbita, digamos, da secção cultural do União e começamos a falar em termos de que: vai haver, vamos criar, vamos avançar com o movimento alternativo ao Partido Comunista.

É evidente que eu nesta altura estava ligado, mais ou menos, ao Partido Comunista através daqueles chamados movimentos juvenis. Onde nós fazíamos todo este trabalho nas escolas. E, portanto, nasce aí a ligação da possibilidade de nós virmos a criar o movimento, o MRPP. Ainda não existia do ponto de vista do conhecimento exterior - havia embriões dos chamados intelectuais da esquerda democrática estudantil. E, portanto, nós começámos a integrar nessa fase.

Mas antes disso, curiosamente, tivemos uma coisa bastante importante na escola industrial, quando foi da greve. Nós fizemos uma greve em que a polícia de choque - estamos a falar entre [19]69 e 70, o ano letivo de 69/70. Embora em 68/69 tenha havido um pequeno movimento, mas como estava no final do ano a coisa não avançou, também com a intervenção de uma greve. Mas mais pesado foi no 69/70 com a intervenção da polícia de choque, em que a escola está praticamente mais de uma semana ocupada sem haver aulas. Em que há mesmo invasão dentro das aulas, a correr com os professores e a acabar com a aulas. Em que eu também sou dado como... Quando a polícia de choque entra com os cães o diretor aponta para mim e eu sou preso dentro do pátio e levado lá para uma sala, embora não tenha ido ao posto - ficaram na condição de eu ir, coisa que eu nunca lá fui, não é?

Dá-se esse conflito e a escola cede às nossas proteções. É criado a pró-associação, uma escola técnica e a pró-associação de estudantes, que era assim o nome dela. É derrubado o Muro da Vergonha e começámos todos a entrar pela mesma porta: rapazes e raparigas. E fizeram um bar, uma sala de convívio e tudo. Portanto, foi uma grande conquista e que ficou na história de Vila Franca. Pronto e eu depois tenho estes pequenos contratempos, a prisão lá dentro do pátio e depois a identificação dessas coisas todas.

O MRPP começa a nascer. Nós, no grupo de Vila Franca é dentro do CASI - eu com o Afonso Dias e depois cá fora com outros. Começamos a reunir, a vermos a forma de atuarmos de outra maneira - havia ali já alguma coisa que dizia que o Partido Comunista não estava muito virado para as questões daquilo que era o nosso futuro da Guerra Colonial. (...) Nós já não tínhamos dúvidas, íamos mesmo ter que ir para a guerra, não é? E ali já começava o embrião de «Não à guerra. O que é que nós temos a ver com as províncias?» (...) E depois todo o sistema de liberdade. E é assim que nasce o nosso núcleo de Vila Franca do MRPP. Quando o MRPP é dado a conhecer em termos nacionais, Vila Franca está na primeira linha com toda a força, no que diz respeito à cintura industrial.

Nós depois começamos a organizar por grupos, por células. Inicialmente o nosso embrião eram uns 5 ou 6, embora houvesse também algumas pessoas que estavam ligadas - nomeadamente as moças que eram estudantes universitárias, estudantes de medicina e outras, que estavam ligados à secção cultural. Porque tínhamos de fazer uma diferença entre os que dão apoio e os que vão fazer intervenções. Portanto as casas de apoio - todas as pessoas eram úteis. Davam o que podiam. Em termos de tempo, em termos de espaço, em termos de apoio - cada um dava o que podia, não era exigir. Agora havia era o sigilo, o secretismo, mais ao nível das células formadas.

E depois formamos várias células. Havia a pessoa que controlava para o chamado comité central, neste caso - mais tarde é que fiquei a saber que era o Arnaldo Matos e o Fernando Rosas e outros, a gente não sabia esses nomes, não é? E formámos assim. A partir de uma certa altura começamos a dividir as células, cada elemento que se ia tirando de um sítio ia formando a sua célula noutros locais e outras empresas. E depois havia os elos de ligação.

Eu fiquei como sendo o, digamos, o elo de ligação para a propaganda, era eu que ia buscar a propaganda que me aparecia em determinados locais que estava previamente combinado para levar depois essa propaganda aos locais para entregar a determinadas pessoas. Em casas inclusivamente. Havia duas casas a quem eu tinha de ir pessoalmente lá entregar através de uma senha. Coisas muito curiosas. Chegava a estar, sei lá, numa paragem do autocarro ali uma hora ou duas à espera que chegasse o carro e depois dizer a senha. E depois ter que levar às vezes com carregos bastante grandes com quilómetros às vezes de distância, para levar para um determinado sítio, não é? Portanto isso também fez com que a gente fosse ganhando arcaboiço, não é?

A partir de uma certa altura é um dos nossos elementos que passa à clandestinidade - que é conhecido - que é o João Machado que estava ligado às TLPs, aos telefones de Lisboa. Que passa à clandestinidade e eu sou o elo de ligação entre as células da zona que estava compreendida entre a Póvoa de Santa Iria e o Carregado, portanto, sou o elo de ligação dessas pessoas. Embora depois houvesse outras células que também estavam interligadas, mas eu aí já não... Quer dizer, nós estávamos também em situações restritas, digamos (...). Não conhecíamos tudo, nem conhecíamos todos.

Mas tinha um peso já, para a minha idade, já tinha um peso grande atendendo a que se houvesse alguma coisa - como veio a acontecer - a responsabilidade era muito grande porque já podia acabar com algumas famílias. Famílias mesmo e casas que eu sabia onde é que elas eram, não é?

Todo o historial do Partido Comunista, aquilo que era transmitido já dava para perceber que nós não andávamos ali a dar milho aos pombos, numa linguagem popular. Não andávamos. Portanto nós sabíamos os perigos e aquilo que nos podia vir a acontecer. E no MRPP foi mais que evidente, porque era uma estrutura nova, uma estrutura que já lutava contra a guerra colonial, que era uma coisa pesada. Uma coisa muito difícil mesmo de lidar. Lutávamos mesmo já com uma situação em que o pacifismo já não é solução, portanto há que avançar já para outro tipo de atuações, de tipo mais violento. Tudo isto já se questionava. Ora, nós também já sabíamos a história da FAP [Frente de Ação Popular] do Chico Martins - do Pulido Valente, Francisco Martins e Rui D'Espiney - quando saíram do Partido Comunista e formaram a Ação Armada. E que era um dos que foram talvez com mais anos de cadeia dentro da PIDE. Uma pequena ideia. Atendendo aquilo que aconteceu aos outros e inclusivamente a mim, eu faço ideia o que é que aqueles homens passaram. [Choro] Já estava à espera.

Pronto, e isso tudo deu para nós percebermos o que é que estávamos a correr. [Choro] Estava consciente, não havia nada a fazer. Já estava predestinado a seguir com aquilo para a frente.

As nossas ações de rua era a distribuição de tudo o que era os panfletos, a divulgação do Luta Popular - que era o jornal que saia todos os meses - as pichagens nas paredes. Nós

fizemos coisas que estavam na altura completamente fora do controlo da polícia. Pintámos numa noite o Largo da Praça Municipal. Era uma obra, quer dizer, ninguém tinha conseguido fazer isso, não é? Estudávamos a atuação da polícia. Nós sabíamos quantos polícias é que andavam na rua, quais eram os percursos que eles tinham. Sabíamos os carros do lixo, a que horas é que eles iam para a rua. Em que circuito é que eles faziam. Sabíamos quando é que as varinas vinham para a rua. Tudo isso nós tínhamos, digamos, estudado os percursos. Atuávamos sempre quando havia, por exemplo, os bailaricos nos Bombeiros Voluntários, que sabíamos que ia até às 2 ou às 3. E é naquela fase intermédia que nós fazíamos estas atuações, porque andavam pessoas na rua e que não eram levados como suspeito. E depois era uma questão de controlar estrategicamente os locais e darmos sinais para que, se houvesse algum movimento estranho, sairmos. Portanto era uma espécie, se quisermos, da pré-preparação da chamada guerrilha que nós depois, mais tarde, vínhamos a saber.

É evidente que nós tínhamos também apoio literário. Eu lembro-me perfeitamente que nós - e no meu caso que me foi apreendido o livro de Guerrilha Urbana do Marighella, acho que é Marighella (...) e era os livros sobre a ditadura militar da Grécia, um livro que nunca me saiu da cabeça que era O Calvário, que é derivado também das estruturas, não é? Os Subterrâneos da Liberdade do Amado, Jorge Amado. Todas estas literaturas também nos davam o poder da consciência para nós podermos saber o que era a liberdade e o que é que nós tínhamos de lutar pela liberdade. E portanto nós fazíamos este tipo de atuações. E fizemos coisas.

Agora a prisão dá-se (...) bem, de uma maneira geral dá-se por descuido, não é? Eu posso dizer que pode ter sido um descuido, mas hoje sei que não foi descuido. Porque até sei quem foi que me denunciou. Alguém que estava de guarda num sítio - que devia ter passado noites lá a dormir, para ter que apanhar as pessoas que faziam aquilo. Porque nós não fazíamos nem às mesmas horas, nem nos mesmo dias. Mas fazíamos percursos fundamentais - para a população que ia para os comboios - para no percurso poderem apanhar, não é? Inclusivamente púnhamos nos tetos dos autocarros, por exemplo, [n]os autocarros que iam para Alenquer, subíamos as escadas e púnhamos lá em cima e depois quando o autocarro começava a andar ia espalhando os papéis naturalmente. Debaixo dos camiões, nas rodas suplentes, púnhamos (...) e depois os camiões iam espalhando também, não é? Portanto tudo isto eram as táticas que nós fazíamos.

Agora eu sou preso em casa. Sou preso no dia 2, exatamente porque no dia 1 foi o feriado, na minha empresa - eu já trabalhava em Lisboa, trabalhava numa sala de desenho e, portanto, tinha liberdade para entrar e sair a qualquer hora, trabalhar ao sábado e ao domingo, recuperar horas. Era completamente diferente para a época - vim a saber que afinal aquela rapaziada que lá estava (...) eram tudo homens de Esquerda. [Risos] Inclusivamente havia um do Partido Comunista que eu nem sabia, que era o Veiga de Oliveira - o célebre Veiga de Oliveira que tinha sido preso - e ele trabalhava comigo. Nem ele sabia o que é que eu fazia, nem eu sabia quem era ele! As coisas eram assim. E o Álvaro Pato, o Alvarito, também trabalhava lá comigo e eu sabia onde é que ele andava - ele na altura era militar, já na parte final.

E dá-se a prisão na minha casa, na altura em que eu estou praticamente para sair para ir apanhar o comboio para Lisboa. Eu ouvi um barulho um bocado estranho nas escadas, mas como estava na hora de praticamente sair - 7:30/7:45 mais coisa menos coisa, já não

me recordo muito bem em termos do horário, mas era por essa hora. Quando eu vou para sair vejo dois grandes homens altos, enormes. Ora eu era um magricelas, um pequenino, era mesmo magrinho. E quando eu me apercebo daquilo vou tentar já fechar a porta, mas já estava lá o pé. Eles usavam uma coisa que eu nunca me esqueci e é por isso que eu digo quando tem biqueira, um sapato de biqueira, é para não deixar fechar portas. Portanto ele coloca exatamente o pé, a biqueira, na porta e eu já não consigo fechar a porta. E faço a força possível e grito, estou a gritar, e viro-me a eles logo ali. Eles puxam da pistola, portanto, de pistola na mão. Entram pela casa adentro com a pistola na mão. Tinha lá a minha irmã, que era a mais nova, que devia ter os seus 13 anos, mais coisa menos coisa - era a minha irmã mais nova de todas - e que desata também a chorar. Estávamos sozinhos em casa, porque a minha mãe vendia peixe no Mercado do Chile, mercado de Arroios. Vinha às 6 da manhã para Lisboa com o peixe do rio. E a minha irmã depois ficava sozinha em casa com aquela idade, aliás, nós criámo-nos uns aos outros, era assim.

E não deixo eles fazerem a revista à casa. Não deixo eles fazerem a revista à casa, viro-me a eles pá. Eles tiveram, na realidade, muito cuidado para não entrarem no coiso, porque a situação poderia ser muito complexa. E lá me acalmei e saí. Mas eles não fizeram a revista à casa. Quando eu chego cá fora tenho oportunidade de agarrar nas chaves e mandar para o capim. [Risos] As chaves mando-as para o capim e, portanto, eles não têm outra solução se não meterem-me dentro do carro. Ir para o posto da PSP de Vila Franca.

A ideia era criar um clima de alerta e simultaneamente ver se haveria alguma hipótese de alguém lá ir a casa acalmar a minha irmã e simultaneamente ver se - porque havia algumas pessoas que eu sabia que eram pessoas (...) com alguma confiança, embora não houvesse o falar diretamente, havia alguma confiança nelas. Portanto fique com essa esperança. E o mandar a chave fora é exatamente isso, para evitar que eles lá fossem a casa. E foi o que aconteceu, não conseguiram lá ir a casa. Tiveram de esperar até às 2, 1 e tal, quando a minha mãe chegou de Vila Franca, que normalmente chegava sempre nessa hora do comboio, para eles lá irem lá a casa. E encontraram, na realidade, a casa cheia do Luta Popular, além dos livros todos - que nós fazíamos a venda e divulgação dos livros todos que eram editados pela Livrop e a (?), eu agora faço sempre confusão entre aquela que era da universidade e a outra que era uma casa tipo cooperativa, que era Livrop (?) e (?). Nós recebíamos esses livros para fazermos as divulgações. Era também um trabalho político de leituras e de consciências.

E, portanto, quando chego ao posto da PSP é evidente: eu sou um saco. Sou um saco, mas também um saco de reação. Nunca gostei que me batessem - nunca, nunca, nunca. Nunca bati em ninguém à exceção de quando me batiam, não é? Aí é evidente que o saldo era sempre negativo para o meu lado [Risos] (...) Depois sou metido dentro do carro com os PIDEs e vou diretamente para Caxias. Nesse primeiro dia foi até tarde. Não me avançaram muito. Digamos, as ofensas, tirando aquele inicial de dizer que era «um valentão. Estamos aqui perante um valentão! Vamos ver o que é que ele faz», aquelas provocações e uns pontapés e uns murros. Depois a partir de uma certa altura eu acalmei, deixei de dar a reação. Porque comecei a ver que eu não tinha a certeza se eles tinham conseguido encontrar documentação ou não - não tinha nada. Portanto deixei avançar as coisas. E havia contradições nas linguagens - eu deixei-me ir atrás das contradições, deixei-me andar ali. Não houve assim mais nada. E sou metido na cela individual virado para as traseiras,

onde há uma rampa, um velado, onde passava sempre um guarda republicano ali por cima. Estava virado para as traseiras, não é?

Foi desde dezembro até fevereiro. O Tinoco era uma das pessoas que lá ia, embora o interrogatório não fosse ele a fazer - era um outro, que eu não sei o nome - e depois mais os outros capangas. Ficávamos ali, não me deixavam sentar, não me deixavam parar - porque eu tinha uma tendência para fazer um autocontrole de estar a olhar para um ponto e quase que adormecia ali sem vacilar. E eles aperceberam-se, porque enquanto eu estava ali estava a descansar. Então sempre que eu parava eles batiam nas mesas, nas cadeiras, ou empurravam-me. E só raramente me deixavam sentar - era um aliciamento para dizer qualquer coisa. Então apercebi-me de que eles tinham detetado tudo lá em casa e, portanto, já estava perante um facto consumado e eu declarei mesmo a dizer que era do MRPP. Disse mesmo: «Sou do MRPP».

E eu depois fiquei a saber que eles não tinham ido lá - há uma outra casa onde nós tínhamos os documentos principais do MRPP - nem à vacaria. Uma vacaria onde eu tinha entregue ao Tio Joaquim, que era o homem que guardava umas coisinhas - sem ele saber o que era, mas desconfiava. Dizia: «Fica guardado!». Hoje sei que o Tio Joaquim agarrou naquelas caixas e meteu no meio dos dejetos das vacas, que ele tinha um monte de dejetos e meteu aquilo lá no meio. Portanto, só vim a saber já depois do 25 de Abril.

Exatamente. Depois do 25 de Abril é que eu vim a saber. Uma conversa que eu tive com o Tio Joaquim, que o homem para além de uma vacaria fazia fretes com uma carroça e uns cavalos - neste caso eram cavalos, não eram mulas - com fretes de areia, cimentos e não sei quê. E fazia isso no Cais de Vila Franca, ia entregar às obras. Ele depois começou-me a dizer que lembrou-se da tal caixinha e abriu uma cova no meio daquela coisa toda e meteu aquilo lá tudo debaixo. E, portanto, aquilo acabou por apodrecer ali, ninguém soube de nada. O Tio Joaquim é uma das figuras que eu guardo. [Choro] Eu guardo mesmo. Nunca tinha contado esta. Já contei uma vez esta história assim, mas não, não com... porque a confiança era uma confiança grande.

De maneira que, a partir dali eu sabia onde é que estava entregue. A minha preocupação era saber até que ponto é que eu iria resistir, digamos, às torturas. Tortura do sono, às ofensas, aos murros, aos pontapés, tudo isso.

Eu lembro-me perfeitamente da minha mãe tentar-me dizer, lá nas visitas, pronto a minha mãe a tentar-me aconselhar a não perder a minha vida - porque a minha mãe não andou na escola, não é? O meu pai também nunca andou na escola. Eu já era órfão, aos 10 anos eu fui órfão. A minha mãe estava a criar-nos a nós, não é? E portanto a minha mãe o que queria era ver se eu saia dali, portanto tentava-me... eu não digo que ela dissesse para eu dizer, mas dava a entender que eu tinha que olhar para mim naquelas condições. O meu irmão também dizia que ia escrever para não sei quem. Eu rejeitava sempre isso. E lembro-me perfeitamente de deixar uma vez a minha mãe sozinha lá na vidraça da visita - porque aquilo era um vidro em frente. Deixei-a sozinha a dizer: «Mãe, eu não sou coitadinho, não. Eu não sou coitadinho. Eu sei o que é que ando aqui a fazer, não quero cá nada, não quero cá papéis escritos não quero cá nada. Eu sei o que é que estou a fazer, não sou nenhum coitadinho que estou aqui». Lembro-me que deixei a minha mãe sozinha lá no outro lado e vim-me embora. Ela depois deve-se ter apercebido, com alguns aconselhamentos, que não era uma solução melhor para me falar numa situação daquelas.

Depois desenrola-se todo o comportamento de «Quem é quem, não é?». Depois disseram-me que havia pessoas que estavam presas, que já tinham falado. Eu ficava assim: «Quem é que pode ter falado? Se eu não falei em nenhum...». Depois era o clandestino. O clandestino já estava referenciado - o João Machado. Quando eles me vêm com o nome João Machado é que eles me - vou dizer aqui um palavrão - caiu-me tudo. [Pensei]: «Se ele está preso estamos aqui perante dois factos um com o outro, não é?». Ainda por cima ele é de Vila Franca, eu ia a casa dele, (...) sabia das outras casas, sabia de uma casa na Póvoa, outra casa em Alverca, sabia mais ou menos uma localização na zona do Rego, mais ou menos sabia a localização de uma casa onde me encontrava com ele também. Tinha uma série de coisas que não eram nada favoráveis para mim.

E cada vez mais os interrogatórios são mais violentos. A tortura do sono começa primeiro com dois dias, depois passa a três. Depois sou espancado, sou não sei quê. Até que há uma altura em que eles me vão buscar às 7 da manhã, 6 da manhã, sei lá - eu regulo-me mais ou menos pelo sol, pela claridade - e sou levado lá pra Caxias, lá para os interrogatórios. E aí sim, estou uma semana. Mas acho que não fiquei mais de uma semana. Sei que isto deve ter sido a uma segunda-feira e ao domingo acordo numa maca. Portanto acordo numa maca, lá na sala de interrogatórios. Aquilo era uma sala quadrada, quando se entrava a porta ao nosso lado direito tinha os sanitários, ao lado esquerdo tinha a salazinha onde estava uma marquesa, uma cama. E no meio estavam os PIDEs sentados. A imagem que eu tenho é que eu estou virado para a parede, viro-me para a parede, estou ali (...) a descontrair-me eu mesmo: «Não falas, não dizes nada». Aquilo que eu inicialmente pensava, a tentar resistir. Até que há um que vem tem comigo e manda-me um encontrão. E é a partir desse encontrão que eu mando-me a ele e acho que aquilo descambou completamente e só acordei no outro dia, já a sentir picadas. (...) Saio dali e vou para o hospital de Caxias. Vou várias vezes ao hospital de Caxias.

Quando entrava na cela, pá, tiraram-me as mesas, tiraram-me a cadeira, tiraram-me o beliche - que aquilo era duplo - tiraram-me a cama de cima, porque eu sozinho punha aquilo tudo de pantanas. Não conseguiam entrar dentro da cela depois. (...) Quando eu ouvia qualquer coisa estranha, um movimento, um pensamento diferente a minha coisa era pegar naquilo tudo e vai tudo à frente. Tudo à frente, era assim o meu procedimento.

E nos interrogatórios foi sempre assim depois. Sempre assim. Maior parte das vezes não me lembro de nada, perdia-me completamente. Acordava sempre. (...) Apareciam-me papéis brancos para assinar. Apareciam folhas semipreenchidas. Algumas vezes iam-me ditando coisas para eu…: «Então escreva. Nós vamos ditando e você vai escrevendo». Lembro-me de estar com papéis e uma caneta na mão, lembro-me. Agora, o que é que era não sei.

«- Mas perdeu a noção?»

Estava completamente fora de mim. Eu estava lúcido, mas sempre que entrava naquela casa ou sempre que havia qualquer coisa, um pequeno sinal - aliás ainda durante muitos anos, eu devo dizer que nunca fui a um psicólogo. Durante toda a minha vida nunca fui a um psicólogo nem um psiquiatra. Portanto fiz eu a minha recuperação sozinho, digamos assim. Acompanhado com amigos, com as minhas coisas. Mas nunca tive o cuidado de ser consultado, ou ir, ou procurar. De maneira que as pequenas coisas que me faziam eram o suficiente para eu saltar logo e depois a partir de uma certa altura não sei o que é que fazia.

Só sei aquilo que me contaram depois. Aquilo que eu sei é aquilo que me contaram. A minha preocupação era... Eu tinha a sensação que não tinha dito nada, tinha a sensação, tinha qualquer coisa, mas não havia certezas.

Eles deram o interrogatório como acabado, em alturas de fevereiro, finais de fevereiro. Vou para a sala coletiva que não me lembro quantos é que eram. Onde está o Fernando Rosas - que eu não conhecia - está o Pedro Soares - que esse sim, eu conhecia muito bem. Aliás nós tivemos sempre muitas coisas iniciais. Foi ele o primeiro que me mostrou o Avante, aquela célebre folhinha (...). Foi ele, naquela altura em que nós andávamos naquelas coisas do 34 e da CDE. Portanto, estava lá o Pedro Soares, estava lá um moço que eu sei que é o Raimundo, porque nós encontramo-nos depois mais tarde. E lembro-me do Raimundo hoje me dizer que quando eu entrei dentro da sala a primeira coisa que eu disse é que: «Eu sou do MRPP». [Risos] (...) O Raimundo hoje conta - Raimundo Santos - ele conta essa história de que quando eu entrei [pel]a porta olharam para mim: «Quem és tu?». E eu: «Eu sou do MRPP!». [Risos]

E fiquei lá um par de dias, não sei quantos dias é que eu lá estive. Sei é que eu fui para uma cama do primeiro andar, neste caso uma dupla, um beliche, e sei que eles tiveram que me pôr cá em baixo, porque aquilo era camas, era tudo. Saltava tudo à minha frente. Bastava eu ouvir um barulho ou sentir uma coisa qualquer, ou pensar uma coisa, era o suficiente para eu [pegar] a primeira coisa que estivesse à mão. E depois a partir de uma certa altura deixava de... (...) não sabia. Não sei, não sei o que é que acontecia, o que é que fazia. A partir dali os presos daquela sala fizeram uma petição (...). Eles depois disseram-me que foram eles que - o próprio Fernando Rosas, porque como o Fernando Rosas era uma pessoa já de peso, até do ponto de vista académico, eles tinham um bocadinho mais de respeito, não é? Porque era assim, a PIDE tratava também as pessoas - a não ser que houvesse outro tipo de práticas mais violentas... Mas o Fernando Rosa e os outros fizeram uma petição para eu ser internado. E eu fui internado no Miguel Bombarda.

E aí [Choro] foi a parte mais dolorosa que eu depois comecei... Numa primeira fase do Miguel Bombarda lembro-me de poucas coisas. Depois tive uma visita, que vim a saber mais tarde que era primeira companheira do Fernando Rosas, que me deu um livro que ainda o lá tenho em casa, que é a obra completa do Soeiro Pereira Gomes. Mas escusado será dizer que não li nada, absolutamente nada. Eu não sabia quem era a senhora, eles diziam-me, mas para mim dizer ou não dizer era a mesma coisa. E depois comecei a ter uma «calmia» maior à espera do julgamento. Porque eu fiquei preso à espera do julgamento.

Depois havia dois enfermeiros, que um deles era muito curioso, fazia coleções sobre as viagens à Lua. Fazia recortes das viagens à Lua. Fazia recortes de jornais, colava. E eu também gostava destas coisas das ciências. (...) Assim naqueles momentos de conversa, eles deixavam-me entrar dentro do cubículo deles para ele me mostrar aquilo. E aqui ia-me descontraindo. Eu acho que aquelas pessoas não estavam do lado de lá, estavam deste lado de cá. Penso eu. E comecei a ter um bocadinho mais de «calmia». Comecei a melhorar. Mas também sei, porque a minha mãe me ia dizendo, que eles estavam constantemente a pedir a minha reentrada na cadeia. Portanto hoje sei que os pareceres médicos do Hospital Miguel Bombarda foram sempre negativos à minha saída.

Tive um advogado que corri com ele, não sei quem é. Depois apareceu-me um advogado no julgamento que eu também não sei quem é. Portanto não conversava com ninguém, não dizia nada a ninguém. Estava ali. Apareceram-me uma série de amigos como testemunhas. Professores, o meu patrão - um dos meus patrões, neste caso, um engenheiro - como minha testemunha, tiveram coragem de ser... Um universitário que estava a acabar Medicina, (...) também foi minha testemunha. No tribunal plenário. Não me lembro o que é que eles disseram, sinceramente. Lembro-me de eu dizer que não queria ninguém a falar. Eu disse qualquer coisa relacionada com a minha prisão e as torturas, isso eu recordo-me. Deve ter sido coisas inconsequentes, sei que os que estavam à minha frente estavam-se todos a rir, portanto neste caso os Juízes, tudo a rir. Era um julgamento de fantoches, não dava em nada, não é?

Entretanto sou condenado a 1 ano de cadeia, com o pagamento do restante em dinheiro. Porque a indicação é que eu não podia ir para a cadeia. Portanto teria de regressar ao hospital. A indicação que me deram depois é que eu tinha que sair dali, condenado, tinha de ir para o hospital. Provavelmente, digo eu, eles devem ter feito as contas: é melhor receber a massa e mandá-lo embora [Risos] do que estarmos ali a perder tempo com ele ali no hospital. Portanto os meus patrões deram-me o dinheiro para eu poder pagar a caução e sair. Com a condição de eu pagar *à la longue*, que eu creio que nunca cheguei a pagar a totalidade [Risos]. E hoje estou aqui muito agradecido por aquelas pessoas que são únicas.

Cá fora foi um pouco complicado de início. Tudo era diferente. Desconfiava de todos, desconfiava de toda a gente. Não sorria, não havia sorrisos, não havia nada. Nunca fui abordado pelo MRPP para saber efetivamente o que é que se tinha passado e se havia alguma coisa, nada. Senti-me um pouco rejeitado. É evidente que eu tinha de deixar passar um tempo, não é? Porque a pena estava suspensa. Mas senti-me ali um bocadinho...

Depois progressivamente fui entrando... voltei a estudar. Voltei a 5º ano da escola industrial, os meus colegas já estavam todos finalistas, já iam no outro ano a seguir entrar todos nas secções industriais, que na altura havia as secções industriais. E eu tinha ficado para trás, não é? E voltei aí. Mas sempre ligado, continuei sempre ligado à secção cultural do União. À secção cultural, continuei sempre ligado aquela atividade cultural, à divulgação de livros, à divulgação da Guerra do Vietname, os livros sobre a guerra, o cineclube - também nasceu o cineclube de Vila Franca a partir da secção cultural, depois mais tarde é criada a associação do cineclube.

Até que tinha duas hipóteses: ou ficava e ia para a tropa, e era muito complicado eu a ver-me na tropa, muito complicado atendendo exatamente ao meu antecedente não me estava a ver na tropa. Estava-me a ver na tropa, mas a ir parar ao Forte de Elvas ou a uma coisa qualquer desse género, era isto que vinha-me à memória. Até que decidimos - cinco de Vila Franca, da secção cultural - irmos para fora em 73. Portanto em finais de setembro de 1973.

O objetivo na altura, dos jovens, era a Suécia. Por causa da, vou dizer, falava-se muito da liberdade, na social-democracia, nas loiras! [Risos] Nós eramos jovens! Não vivíamos! Para darmos um beijo a uma miúda tínhamos de estar a olhar para o lado. [Risos] Tudo isso era assim! Eu recordo-me de ter levado um dia uma falta disciplinar na escola industrial porque o diretor me apanhou na estação a falar com uma aluna! Com as alunas, estávamos ali num grupo. Porque as alunas andavam identificadas com aquelas fatiotas e nós estávamos

com aquelas calças jardineira, com o peitilho, né? (...) O ciclo era assim. Portanto era facilmente identificado. Isto era a nossa vivência, não é? Portanto a Suécia era o paraíso.

Quando chegamos à França, eu era o único que não levava identificações em termos de para onde é que ia. Era lógico para salvaguardar os outros. Seguia com um à distância um dos outros. E fomos para França e eu acabei por decidir ficar em França e os outros seguiram, com o destino deles, mas ficaram todos em Bruxelas. Já não foram para a Suécia. [Risos] Ficaram em Bruxelas e eu fiquei de livre vontade em França.

Posso dizer que fui uma pessoa de sorte. Porque andei numa primeira fase no Metro a distribuir papéis, ganhava para uma sandes. Andei a pintar o hotel La Molière que é na zona ali do Quartier Latin ali para aquela zona, a pintar as paredes e as portas. [Risos] E ela dava-se um determinado valor em francos e dava-me a alimentação. Conheci uma brasileira que estava casada com um bretão e que me deram todo o apoio para eu ficar com o estatuto de refugiado político, uma vez que eu tinha a hipótese. Porque tinha saído nos jornais eles tinham inclusivamente encontrado os jornais a falar sobre isso e servia de dados para me darem o estatuto de refugiado político. E, portanto, eu fiquei como refugiado político. Ainda lá tenho os documentos de Genève.

Depois começo a frequentar aqueles bairros de Montparnasse ali naquela zona. Ando ali à procura. E conheci uns portugueses que a empresa andava à procura de pessoas. E quando eu disse que era desenhador de construção civil, eles disseram [diálogo]: «Epá, a gente trabalha com construção civil, mas é elétrica!». «Construção civil elétrica tem parte de construção civil?». «Então e queres ir fazer o...?». «Então não quero?!». Depois logo se vê, eu nem sabia falar francês. [Risos] E vou fazer exame a Nanterre, à empresa de construção elétrica, de pré-fabricações e de construções de edifícios, mas da parte elétrica.

Eu vou fazer exame e qual é o meu espanto: sou aceite! [Risos] Sou aceite! E um ano depois passo a ser projetista de pequenos estudos [Risos] Fui um privilegiado! As instituições não queriam passar o papel do contrato de trabalho, diziam que eu era um emigrante. Mas foi a secretária da administração, que o administrador colocou, o engenheiro Rolland - nunca mais me esqueço destes nomes, estes nomes são impossíveis de eu me esquecer - pôs a secretária dele a tratar do contrato de trabalho nos serviços públicos. E quando eles [viam]: «Desenhador? Chegar sem falar francês..!» e a resposta dela é «Sim, sim, sim. *Oui, oui, oui*». A palavra que eu mais conhecia da secretária era «*Oui, oui, oui*». E, portanto, passei assim. Eu era considerado o emigrante, o refugiado de luxo, não é? E fui, na realidade.

Depois liguei-me a associações. Comecei a ligar-me a associações, ao grupo de teatro operário, que era o Hélder Costa - que eu não sabia que ele era o Hélder Costa! Só vim a conhecer o Hélder Costa, nome Hélder Costa, já em Portugal na televisão. Numa televisão que eu olho e conheço aquele tipo! Quando eles dizem «Hélder Costa», sabia lá quem é o Hélder Costa! [Risos] Eu já disso isso a ele várias vezes, somos amigos. Um grupo operário do teatro, depois o jornal que publicámos - O Alarme - que era o jornal de emigrantes que foi feito em Grenoble.

Depois mudo para uma casa em Courbevoie que é perto de La Défense. E na nossa casa, a nossa cave era serigrafia. Fazíamos os cartazes para a deserção, para a luta contra as ditaduras. Fazíamos os cartazes numa altura manual, mas já com alguma sofisticação, já fazíamos três cores, já não era brincadeira, serigrafia! Já tínhamos túnel de vento com

secadores para secar as tintas. E havia dois dos nossos - o outro também de chamava Arnaldo - o Arnaldo Franco e o Victor, que eram os homens das caricaturas. Desenhavam muito bem e faziam aqueles cartazes todos... E nós éramos os ajudantes, para o resto das outras coisas. Isto é uma história muito...! E vendíamos os jornais no mercado, fazíamos os mercados dos portugueses e teatro e essas coisas na associação.

Quando se dá o 25 de Abril, nós tínhamos o hábito de no gabinete a primeira coisa que nós fazíamos era discar o telefone para sabermos as notícias (...). Soubemos do primeiro golpe de março através daí e depois soubemos o 25 de Abril também pelo disco de telefone".

António Borges Coelho

Ano nascimento: 1928
Local do registo: Parede, Cascais
Data do registo vídeo: 13-10-2021

"Comecei numa vila de Trás-os-Montes, onde nasci. Uma vila, no tempo do fascismo, sem instrução. Havia a instrução primária e uma dúzia é que tinham acesso ao liceu e ao ensino superior. Fui seminarista, fui frade - fui para Franciscano. Estive 5 anos na ordem como candidato e era um crente profundo. Fui, não propriamente para me safar da vila, mas depois de uma leitura das Florinhas de São Francisco, que eram poemas do santo e que me entusiasmaram e inconscientemente, claro, também a fuga da vila.

O primeiro ano foi formidável, isto é, de alto sofrimento, porque estava habituado à montanha e à liberdade e [ali] estava enclausurado. Isto era no período da Segunda Guerra Mundial. Eu vivi no seminário no período da Segunda Guerra Mundial. Chegavam lá ecos e só no mês de férias - nem chegava a um mês, que nós devíamos evitar o contacto com a família - é que tínhamos um contacto mais direto com o que se estava a passar no mundo. No quinto ano eu quis-me ir embora. Estava cansado daquela disciplina e não me sentia realizado e acabaram por me expulsar do seminário.

E é na vila que tenho, depois com alguns amigos, uma consciência da miséria. Um dia falando com um desses amigos, eu dizia-lhe que era necessária justiça e, para isso, era necessário a justiça divina. Ele disse-me: «Olha, o inferno vivemo-lo nós na Terra e o paraíso não há». Durante um mês debati-me. Por vezes os fantasmas saiam-me debaixo da cama à noite, ao deitar. Até que eu disse assim: «Mas és um cobarde. Então tu achas que isto é impossível. Estás com medo do quê?». E a partir daí, a partir desse mês, o meu problema com a divindade ficou esclarecido. Ainda mais quando li as provas da existência dele, as 5 provas de São Tomás. As provas não provam absolutamente nada, são um amontoado de palavras.

Ainda em Murça fiz um primeiro ato político. Fui discursar, impulsionado pelos amigos, à Câmara no dia 28 de maio em que atacava o Regime do 28 de maio - mas terminava com uma frase de Salazar. Levei uma multidão de jovens. Eles ficaram, a princípio, muito agradados, ainda telefonaram para Vila Real a dizer «Foi uma sessão fantástica». Depois viram que aquilo não era nada disso e foram-me pedir o papel da conferência, eu disse que já tinha rasgado a conferência.

Fiz do 3º ao 6º ano num ano e quis fugir da vila. A família não aceitava as minhas ideias. Criei uma biblioteca popular em Murça. Os ricaços do estrangeiro diziam que os camponeses só precisavam de aprender a cavar bem a terra, não precisavam de instrução. A biblioteca depois foi assaltada pela PIDE e foi uma das acusações que me fizeram, foi ligada à biblioteca de Murça.

Vim para Lisboa, não tinha emprego, não tinha dinheiro. Vinha tirar Direito. É claro que conheci amigos de Medicina que me davam sandes - tive 3 meses desempregado - e que me matavam a fome com sandes. Dormia no quarto de um deles, onde não pagava nada. Fiz anos nesse período e o amigo quis-me fazer um bonito: levou-me aos Restauradores e deu-me um cachorro, num balcão de uma daquelas casas. Eu comecei a comer o cachorro e ele notou que havia qualquer coisa que não estava bem [Risos] e disse-lhe: «Opá. Poças!

Dás-me um cachorro para comer?» - eu estava convencido que estava a comer carne de cachorro. [Risos] Isto é só para vos dar a ideia do jovem apetrechado que tinha chegado a Lisboa!

(…) Os estudantes de Medicina - um deles era da minha terra - envolveram-me no MUD Juvenil. Já antes, em Murça, um sobrinho do Militão Ribeiro me tinha dado um Avante. Portanto, a partir daí, eu faço parte do MUD Juvenil.

Rapidamente abandonei Direito nas provas orais, porque não queria aquele ensino burguês, não queria mais aquela marmelada.

Então os estudantes de Medicina matricularam-me em Histórico-Filosóficas. Andei no primeiro ano e, no segundo, abandonei os estudos e tive de fugir do emprego, que a PIDE foi à minha procura.

Tive dois anos como funcionário não pago do MUD Juvenil. Depois fui convidado para funcionário do Partido Comunista, onde estive meio ano - estava ligado à imprensa: ao Jovem Trabalhador e ao Juventude, que era o órgão central. Estive ligado a zonas operárias: à Marinha Grande, ao Baixo Ribatejo, ao Alentejo e ao Algarve. E, com as prisões da Direção do MUD Juvenil, eu fui o único que ficou em liberdade, também estive a controlar a universidade. Portanto tive um período muito intenso de atividade política total e foi o período mais entusiasmante da minha vida. O resto da vida, comparado com isto, é difícil. Foi uma entrega total.

Na juventude, no MUD Juvenil, um dia disseram-me que havia uma luta das enfermeiras em torno do casamento. O Salazar não deixava que as enfermeiras casassem e foram expulsas várias por terem casado. Eu pedi que me trouxessem a uma reunião a enfermeira que dirigia. E foi um encontro, o chamado encontro à primeira vista. Ela continuou como enfermeira. Qual era o trabalho da enfermeira? Eram horários de 8 a 12 horas, por vezes eram três velas seguidas, três e quatro. Recebiam o almoço, o jantar e a dormida, não tinham salário. Era uma situação extrema.

Ela, claro, participou no MUD Juvenil. Houve eleições - pseudoeleições - em [19]53. O MUD Juvenil abriu uma sede próxima da Almirante Reis. Houve um jantar de mulheres e ela ia discursar nesse jantar, mas decidiu ir à sede do MUD Juvenil. Eu disse-lhe: «Não vás, que a PIDE deve lá estar a assaltar a sede». E, de facto, quando ela chegou a sede foi assaltada e descobriram que era ela que estava à frente do Movimento e detiveram-na em Caxias.

Sofreu tortura, agressões físicas. Foi um advogado para a defender. Houve um grande movimento entre os jovens, havia cartazes, inscrições nas paredes: «Libertem a Isaura Silva!». Foi julgada e o Juiz considerou que ela era comunista - e não era. Foi condenada a dois anos de prisão maior e esteve lá 4 anos. Portanto ela foi presa em novembro de [19]53, eu fui preso em janeiro de [19]56. Havia bilhetes clandestinos trocados na prisão cá e lá. Depois fui eu.

Estivemos nove anos cada um para o seu lado. Vimo-nos uma vez quando eu estava a ser julgado no Porto e ela, violando a regra que não podia sair, foi ao julgamento ao Porto e vimo-nos por momentos durante o julgamento. Só quando eu saí em [19]62 é que recomeçamos a nossa vida, porque já tínhamos tido vida em comum.

De maneira que foi uma luta de vários anos, até que, finalmente, me deram autorização para casar. A mim e ao Carlos Costa. No dia aprazado a noiva aparece com um grande acompanhamento de Lisboa - no dia 4 de janeiro de 1959, um ano antes da fuga de Peniche. Foi o notário ao Forte, as minhas testemunhas foi o Alexandre O'Neill e a Maria Alçada Padez e da minha mulher foi a irmã e o cunhado - o Campos Lima e a Hortênsia. Os meus sogros estiveram presentes e ficaram indignados, porque a noiva e os assistentes estavam de um lado e eu estava do outro lado, fora das boxes. Então o meu sogro começa a andar todo indignado [a dizer] que não havia direito e lá deixaram passar a Isaura para o meu lado - os outros continuaram. Eu levava um fato que tinha vindo do exterior - um colega da cela ao lado, que era alfaiate, arranjou-me as calças, porque as calças eram muito curtas e prolongou-me o fato. [Risos] E lá fui eu com um fato de noivo, fiquei com um fato para o casamento.

Acabou a cerimónia. Ela foi-se embora para um lado e eu fui novamente para a cela - fiz um poema, por acaso nessa altura. Os presos que davam para o largo fizeram «Adeus» à comitiva. Um deles era um irmão do Carlos Monjardino (…).

Esta é a história do meu casamento. A história da Isaura é mais comprida.

O Partido pôs-me na casa de um homem que já tinha sido preso e que dava para os dois lados. Estive lá meio ano, até que duas brigadas da PIDE entraram, de repente e subitamente em casa. A dona da casa nada sabia, ia-lhe dando um ataque. Eu dei três gritos, os gritos maiores da minha vida: «Viva a Liberdade! Abaixo o PIDE!». As pessoas que iam na rua começaram a fugir para o outro lado com medo e eu fiquei calmo como um passarinho.

Quando me levaram para a PIDE, eu subi as escadas. O bolso das calças estava roto e o lenço caiu-me pelas pernas abaixo. Eu baixei-me para apanhar o lenço e os PIDEs deram um salto [e perguntaram]: «Onde é que está a pistola?!». Eu nunca usei pistola na minha vida, nem nunca tive pistola na minha vida. E cheguei acima.

O primeiro interrogatório: «Quem é? Identifique-se». [Respondi]: «Não tenho nada a dizer a esta polícia», não me identifiquei. Levaram-me até a um Juiz e eu exigi ao Juiz que pusesse o PIDE no olho da rua, que não tinha nada que estar a assistir ao interrogatório. Aplicara-me mais um X e lá me levaram.

No ato de prisão fui para o Aljube. No Aljube vi à volta de 30 traços numa porta e pensei: «Epá, 30 dias é impossível. Eu estar aqui metido nesta gaiola», que tinha esta largura [abre os braços], tinha uma altura mais razoável e o comprimento pouco mais era que o comprimento de um corpo. A luz era baça. Havia duas portas que davam para o corredor, havia o guarda permanente no corredor e a vigiar. Só havia uma saída da cela para o balde - para despejar o balde. O bailique ficava pendurado na parede - um dia ele caiu e ia-me atingindo na cabeça, mas ainda me apanhou.

Passou um dia, passaram vários. Não tinha visitas, não tinha correspondência e a dada altura - a alimentação era o horroroso que vocês possam imaginar - fiz greve de fome. Fiz greve de fome e os gajos tiveram medo, estava com uma pulsação horrorosa tiveram medo e levaram-me para a enfermaria.

Na enfermaria eram janelas em guilhotina e davam para o pátio do Aljube. Eu levava aparos de lápis e consegui, com papel higiénico, escrever uma mensagem para o exterior: «Estou

preso há tantos dias». E gerou-se, eram 3 raparigas, gerou-se um diálogo durante vários dias com o papel higiénico. Elas deitadas no chão da janela - porque em frente ficava o chefe do Aljube. Até que um dia um militar, que era namorado de uma delas, fez uma grande agitação na janela e entram-me os guardas, o chefe - vinham aos gritos - e taparam, pregaram a janela.

Mudaram-me para uma cela, onde estive 14 dias, onde não se acompanhava nem o dia, nem a noite, porque era a escuridão total. Ao cabo desses 14 dias voltei outra vez para a cela. Ao cabo de 6 meses levaram-me o Diário Popular que trazia o relatório do (...) do vigésimo Congresso. Foi um relatório que deu um grande brado e em mim próprio teve um grande efeito. Eles julgavam que me abatiam, mas eu fiquei na mesma.

Fui para Caxias. Em Caxias, em altura da Guerra do Suez, houve a hipótese de nos mandarem para o Tarrafal - ainda sem julgamento, sem nada - mas não fomos.

Entretanto a direção do MUD Juvenil tinha sido presa. Eu tinha controlado no Partido o MUD Juvenil, portanto, a juventude. E a PIDE ligou-me ao processo do MUD Juvenil, que era julgado no Porto. Eram 51 jovens que iam ser julgados. Fui transferido de Caxias para o Porto, em dezembro. Ia com outros presos, mas eu era o mais acusado. Tinha dirigido uma espécie de congresso do MUD Juvenil.

Na PIDE do Porto, na Rua do Heroísmo, juntaram-me aos rapazes que eram da Comissão Diretiva do MUD Juvenil - de que eu tinha sido vários anos. O julgamento durou quase seis meses - de meados de dezembro a 12 de junho - com sessões de manhã, de tarde e, por vezes, à noite. Participaram advogados do Porto e alguns de Lisboa. Foram testemunhas o Ferreira de Castro, o Vieira de Almeida.

No final os juízes pediram aos réus se alguém queria dizer alguma coisa e eu fui o único que fui falar. Disse que nunca compreenderia - eles tinham pedido compreensão - e eu disse que não compreenderia se fosse condenado - se fossemos condenados - por defender a paz, por defender a juventude. Eles a mandarem-me calar e eu a falar. Na altura sai um assistente e vem abraçar-se a mim, a soluçar. (…)

Também recebemos durante o julgamento milhares e milhares de assinaturas, que vieram de França, encabeçadas pelo Sartre - dos intelectuais de esquerda em França.

Fui condenado em dois anos e nove meses. Os outros réus em dois anos. A grande parte foi libertada.

Vamos para Peniche, parámos na PIDE de Coimbra e chegamos ao pátio. Era o Veloso, o Pedro Ramos de Almeida, o Hernâni Silva do [Futebol Clube do] Porto e era eu. O Veloso começou aos gritos, dizendo que a paisagem era lindíssima - a chamar por mim aos berros. Os PIDEs logo de metralhadora. Enfim, fomos metidos nas celas e às 5 horas saíram os dois presos que lá estavam: era o Cunhal e era um outro fugitivo, que agora não me vem o nome.

Havia um período de uma hora em que podíamos escrever à família juntos - cada um estava na sua cela. Nesse período podíamos fazer uma pergunta por intermédio do guarda. Mas é claro, o Cunhal foi a sensação para os quatro. Já estava um pouco grisalho. Apertou-nos a mão, passou pelas celas.

E começou o martírio dos quase cinco anos e meio que eu passei. Não há vida, os dias são iguais. É o apito para levantar, é o balde das fezes, na altura. Não havia secretária, havia a cama, não havia mais nada. Não se podia escrever na cama. Não se podia estar deitado durante o dia. Havia uma hora de recreio, quando não estávamos castigados. Por vezes havia a descasca da batata e havia os quatro presos da faxina - que lavavam a louça e iam despejar os restos à muralha para o oceano.

A fuga foi um momento extremamente dramático. Tinha havido um movimento internacional favorável a defender os presos políticos. Vieram de França e de outros países e visitaram o Forte de Peniche. Então deram autorização para entrar um gira-discos. Entrou um gira-discos e pudemos falar durante as refeições e naquela hora de escrever à família. Só que um mês depois dá-se a fuga e o gira-discos ficou a tocar no vazio.

A primeira vez que ligamos o gira-discos era uma música esquisita à brava. E nós (…) [dissemos] que era uma música chinesa. O que era? O disco não estava nas rotações que devia estar [Risos] e, de facto, era música de Tchaikovsky, creio eu.

Os Avantes chegavam a Peniche! Eu tive a confirmação. Não os recebia pessoalmente, mas sabia que chegavam. E a fuga foi combinada por fora e dentro clandestinamente. Eu apercebi-me que estava em preparação a fuga. (...) Os líderes era o Cunhal, era o Jaime Serra - que era o rei da fuga. Eu não quis fugir, embora estivesse já quase no final da pena, mas não quis, queria levar outra vida. E ficamos quatro - saíram dez.

No dia aprazado tinha vindo a comida - eles fugiram no dia 3 de janeiro do ano [19]60. E tínhamos comida vinda de fora. O jantar estava a prolongar-se, o guarda prisional estava impaciente, começou a bater com os pés cá fora. O guarda prisional que estava a dar-nos o jantar, que estava meio bêbedo - tinha havido um jogo de futebol do Benfica com o Peniche - ficou assim atrapalhado e então o jantar acabou abruptamente. O Guilherme da Costa Carvalho, que era o mais alto - não, foi o Carlos Costa, perguntou ao guarda: «Ó senhor guarda!». E o Guilherme pôs-lhe o lenço com clorofórmio no guarda. O guarda, desculpem o termo, mas fez uma borrada monumental até à primeira cela e lá ficou, coitado. E foi saindo preso a preso pela porta. O guarda levava-o debaixo da farda. Mas ele julgava que era só o Cunhal e mais um ou dois. Quando ele viu que eram 10 que iam - fugiu, foi-se embora e ia entregar-se. O Guilherme ao cair magoou-se seriamente, porque a malta fez uma corda com lençóis e os lençóis não chegavam ao fundo. E claro que a dada altura, só duas horas depois, há um dos presos que vai buscar o guarda republicano, a caminho, já próximo da esquadra da GNR. Disse: «Ó homem, vais prejudicar a vida toda?». E conseguiu trazê-lo.

Os carros saíram, um dos carros era de um ator, o Rogério Paulo, que foi quem deu o sinal que a operação ia fazer-se. E nós fomos fechados os quatro nas celas. E toda a noite carros a entrarem, carros a saírem, carros a baterem lá ao fundo. E nós apercebemo-nos que a fuga tinha resultado.

Na manhã seguinte fui eu e o Saboga fazer a faxina. E o Saboga disse ao guarda: «Senhor guarda, a faxina são quatro, não são dois» (estávamos lá quatro). E o guarda disse: «Olhe, vocês ontem tiveram mais trabalho e não se cansaram». O Saboga dá um grito enorme - mas isto foi dito, estava o chefe dos guardas republicanos, o chefe da PIDE, cães a

cheirarem as celas. Deu um grande grito, disse: «Eu não admito que que me faltem ao respeito». Deu um berro: «Eu sou um homem!» (uma coisa assim). O Saboga era um homem excecional.

Depois, dos que ficaram, dois foram para as celas do Aljube. Fui eu e foi um advogado de Estarreja. Primeiro foi o advogado para a estátua e depois fui eu para a estátua. Mas é claro, a minha mulher não sabia o que era feito de mim. Nós estivemos para ir para Izeda, para Bragança, para a prisão dos presos comuns. E ela mandou um lanche para o Aljube sem saber se eu estava lá ou não, mas o lanche foi aceite de maneira que ela ficou a saber que eu estava lá. Fez um grande (…) por toda a parte. Chegou a Murça. E o meu pai aparece estava eu a fazer estátua. (...)

Levaram-me de noite para a PIDE. Estava de pé, não podia dormir. Batiam com réguas na... Por acaso não estive dias, porque com a ida do meu pai os gajos mandaram-me novamente para o Aljube. Já na primeira vez, quando tinha estado no Aljube da primeira vez, eu cheguei lá acima. Uma sala, uma cadeira - e eu fui sentar-me na cadeira. E o PIDE: «Não pode sentar-se na cadeira!». [Eu]: «Só se me arrancarem dela, porque eu daqui não saio». Foi sempre esta a minha atitude. Nem me identifiquei, nem assinei, durante muito tempo, os autos. Depois assinei os autos. Aí os autos o que é que tinham? «Não presta declarações a esta polícia».

Depois voltei novamente para o Aljube e do Aljube fui para Peniche outra vez. Fui para uma sala do rés-de-chão com presos do Baixo-Ribatejo - de Alhandra, de Póvoa de Santa Iria. Metidos na cela com um guarda permanente no gradeamento dos cinco presos e outro lá mais atrás. Portanto eramos vigiados de dia, de noite, sonhos… O passeio de uma hora, um dia era daqui ali, noutro dia era daqui aqui. As provocações eram absolutamente constantes.

Eu estive dois anos e tal, até que um dia, foram-me lá chamar e disseram-me: «Vais sair em liberdade». Tiveram de me dizer três vezes, porque eu só ouvi à terceira. Eles disseram, de facto, mas só à terceira é que eu ouvi. E disse assim: «Epá, parece que me querem pôr em liberdade». Eu estava tão longe de uma afirmação daquelas… há dois anos que não saía nenhum preso de Peniche. Estava tão longe, que foi preciso repetirem três vezes para eu acreditar que devia ser verdade afinal! Mas quando me disseram e eu ouvi, disseram: «Daqui não sai nada do que você escreveu». E eu disse: «Ai sim? Eu também não saio. Têm que mover outro processo, que eu não saio daqui». E estivemos ali num «vai não vai» até que eles disseram: «Bem, economia política não sai nada». Economia política o que era? Era um livro que tinha vindo traduzido de economia política, mas que para mim não tinha importância nenhuma - em liberdade, faltavam lá livros de economia política… O que me interessavam eram os papéis, que eu tinha uma série de cadernos - ainda tenho. Só era permitido a entrada de um livro de cada vez e para entrar um novo livro tinha de sair o livro que tinha entrado. É claro que eu comecei a estudar e a aprofundar a história de Portugal, a Idade Média - em Peniche. E os dois primeiros livros que publiquei são em boa parte resultado desse trabalho preparatório e foi isso que me levou a não fugir. Eu queria seguir outra vida. Queria seguir a vida que acabei por seguir.

Enfim, deram-me os papéis que tinha, poemas e tudo. Vim até à sala - estava numa sala nessa altura - que estava vazia para não me despedir dos presos. Mandaram-me despir

para ver se eu não levava nenhuma mensagem. Recusei-me a despir-me. E o guarda, que era dos mais ferozes: «Mas é do regulamento!». [Eu]: «Não sei se é do regulamento, se não é do regulamento, eu não me dispo!», e não me despi.

À saída passei por uma zona onde estava o Américo de Sousa, que me tinha levado a funcionário do Partido. Tinha sido preso novamente e estava sozinho a passear de um lado para o outro. Eu dei um grito e disse: «Adeus Américo!» e ele estremeceu da cabeça até aos pés. E ele disse: «Adeus Borges Coelho!».

E pronto, ao atravessar aquela ponte da fortaleza uma mulher de Peniche aproxima-se de mim e diz-me: «Está a sair da prisão, não está?». Estava o chefe dos guardas atrás, mais uma série de guardas atrás. [Respondi]: «Estou, estou». Eu levava duas malas. [Ela]: «Deixe-me dar-lhe um abraço», e abraçou-me nas barbas daqueles gajos. Eu atrevi-me, custou-me a levar as malas. Ela indicou-me para onde é que eram as camionetes. Tinha uma dificuldade enorme em atravessar um largo, mas um largo que não tinha referências, sentia-me a cair. Aqueles seis anos e tal praticamente sem sair, sem ver a rua, um largo era uma confusão na minha cabeça. A minha mulher não sabia de nada e eu fui ter com ela. Eu sabia dos tempos, que ela ia almoçar a um café ali na rua próximo do Marquês Saldanha, do Duque de Ávila. Havia ali um café. Eu entrei no café e ela estava, de facto, a almoçar com uma colega. Eu olhei para ela e ela olhou para mim. Olhou para mim e ficou assim com um ar estranho. Eu virei costas e saí para a rua. E ela dá um grito: «Epá! Aquele gajo!». E veio atrás de mim [Risos] (…?) E abraçamo-nos cá fora na rua. E vivemos até ela morrer, coitadita.

Nunca mais fui dirigente, mas fui militante toda a vida - durante toda a vida não, até a um certo passo da minha vida. Mas fiquei sempre ligado. Tenho um poema: «Nem a vida nem a morte nos podem mais separar. Foram anos que nos ligaram profundamente».

O que eu quero destacar a isto é que as pessoas que entraram na clandestinidade, que lutaram - e os que cá fora não lutaram na clandestinidade e que eram continuamente presos, que era uma vida de um raio - não lutavam por benesses, não lutavam para serem recompensados. A recompensa era a prisão, podia ser a morte e se não quisessem trair tinham que estar preparados para morrer. Sem isso acabavam por não resistir e entregar-se ao inimigo. Era isso que eu queria dizer. Era gente especial e muitos dos que traíram eu compreendia-os. Porque não se tinham preparado, isto é, eram apanhados de choque. Muitos recuperaram e muitos depois sofreram ainda mais".

António Carlos da Costa Cerqueira

Ano nascimento: 1934

Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 22-10-2021

"Eu sou de Monção. Natural de Monção, uma vila raiana, do Alto Minho. No tempo em que eu nasci e até aos cinco anos vivi numa vila onde se vivia com muitas dificuldades. As pessoas andavam descalças, as pessoas tinham fome. Muitas pessoas tinham fome, não eram todas naturalmente, mas era uma miséria completa nos anos 40. Antes da guerra, um pouco, e a seguir à guerra, à II Guerra Mundial.

Eu teria cinco anos, isto em 1943, [quando houve] o surto grevista em Portugal - antifascista, da época. Talvez por isso uma vez vi um grupo de homens e mulheres com varapaus, alfaias agrícolas, enxadas, picaretas, toda a sorte de utensílios agrícolas, em manifestação na rua gritando: «Queremos pão! Queremos pão! Temos fome! Temos fome!». Eu teria aí cinco anos e isso marcou-me para toda a vida. Até hoje!

Outra questão que me marcou foram as ideias socialistas do meu pai. Eu e os meus irmãos crescemos ao som do hino da internacional, do hino da União Soviética, d' *A Marselhesa*, que o meu pai ao fazer a barba assobiava lá na quintarola que a gente possuía. De tal modo que eu tinha 10 anos, 9,10,11, e já também assobiava esses hinos marcantes da civilização, que todos conhecemos.

O meu pai, à noite, punha um copo de água em cima do rádio, porque dizia-se que a PIDE tinha um aparelho na mala do carro que apanhava quem estava a ouvir a Rádio Moscovo. E o meu pai ouvia a Rádio Moscovo, a BCC de Londres - na altura era o célebre locutor Fernando Peça, que falava de Londres - e era proibidíssimo, como sabem.

A consciência social - não política, social - foi evoluindo, como eu disse, ouvindo o meu pai, apercebendo-me da miséria que havia à vista. As pessoas, como eu dizia há bocado, descalças, malvestidas, mal alimentadas. Algumas iam lá a casa, nós eramos pessoas que tínhamos uma vida razoável - o meu pai tinha um armazém de vinhos, exportava vinhos para o Brasil, para África e para Lisboa. Não sei se se lembram daquela vinha célebre, o Alvarinho. Foi o meu pai que lançou no mercado esse vinho que pouca gente conhecia. Foi o meu pai que lançou esse vinho no mercado e no mundo, que o exportou para o Brasil, para África e para vários países. Socialmente fazíamos parte da média burguesia, digamos assim, da zona.

O gosto pela história, que eu tive sempre desde criança, o gosto pela história. Mais tarde licenciei-me na Faculdade de Letras de Lisboa em História.

Lembro-me de, ainda criança, me chamarem para fazer discursos. Quando fazia anos um filho da burguesia lá da terra - «Convidem o Toninho Cerqueira» - que era eu, o Toninho - «convidem o Toninho Cerqueira», que eu cantava e discursava. E falava contra o governo sem grande consciência social e muito menos política, mas era aquilo

que eu sentia e via: a injustiça social, o fosso que havia entre a vida de algumas pessoas que ostentavam riqueza e a miséria franciscana da maioria esmagadora das pessoas.

É isso que me leva a cada vez mais falar, denunciar o regime fascista opressor que vivíamos nessa altura e vivemos muitos anos depois.

Não tinha medo. Eu até tinha certo gosto em confrontar os adeptos da ditadura. Confrontava-os e ouvia: «Não faças isso António, olha que não sei quem, foi preso». «Pois se foi preso, que me prendam a mim. Mas eu não me calo». Foi assim, é mais ou menos neste registo que eu me recordo.

Saí então de Monção para Lisboa tinha 17 anos, vim para casa de uma irmã que eu tinha aqui em Lisboa. Houve um aspeto também muito importante da minha vida política. Comecei em Lisboa a frequentar os centros republicanos. Aí ouvi de viva-voz o professor Mário de Azevedo Gomes, o Aquilino Ribeiro… Conheci e ouvi discursar. Eram homens da primeira república. O professor Mário de Azevedo Gomes, António Sérgio… Frequentei assiduamente e empenhadamente, no tempo que conseguia retirar à minha atividade profissional - nunca tive assim atividade profissional. Porque nunca cheguei a aquecer o lugar. Ou era despedido ou era perseguido.

Aos 18 anos aparece, em [19]58, as eleições do General [Humberto] Delgado, em que eu participei. O que é que eu fiz? [Risos] Fui à sede de candidatura, em Lisboa, do General Delgado e disse: «Estou aqui para ajudar». Ainda fiz comunicados - a escrever metia os dedos pelos buracos da máquina, porque eu escrevia muito mal, mas a minha vontade era ajudar. Demorava muito mais tempo, mas fazia. E ajudei no que pude a distribuir propaganda. Estive em Santa Apolónia à espera do senhor General quando veio do Porto. Estive ao pé dele quando a PIDE e a PSP o barraram e não o deixaram prosseguir para as dezenas, pelo menos, milhares de pessoas que ali o esperavam no Rossio. Ia sempre perto dele quando foi barrado. Ele disse [ao polícia]: «Ponha-se em sentido». Eu ouvi, eu estava ao pé dele. «Eu vou por aqui. Eu não recebo ordens do governo. E quanto a si lembre-se das minhas estrelas de General», qualquer coisa assim do género. Mas eles insistiram e o General, as pessoas chegadas a ele, convenceram-no que era melhor desviar-se e fomos pelo Alto de São João.

Sempre me preocupei. Sempre tive a perceção de que os democratas tinham e têm, ainda hoje, de se unir. É uma necessidade que eu notei desde criança quase, adolescente pelo menos.

Em Loures, eu vivia no concelho de Loures, que é um concelho progressista. Tínhamos uma organização democrática, mas cheirava-se o Partido Comunista Português em todo o lado. Eu nunca pertenci ao Partido Comunista Português, não tenho filiação partidária, pelo motivo de que disse há pouco. Sentia-me em melhor posição em fazer a unidade não sendo filiado em nenhum partido, sentia-me em melhor posição para levar a mensagem da unidade antifascista por uma sociedade moderna, anticolonialista. Isso pareceu-me sempre muito difícil e se nos uníssemos as coisas podiam chegar lá mais depressa.

Depois dá-se um facto: há uma ocupação de um bairro em Odivelas. Há as cheias de 1967, em Odivelas, concelho de Loures. As cheias que ocorreram nessa época, dia 25

de novembro de 1967. Democratas, que não nos conhecíamos, juntámo-nos e criámos um núcleo de apoio aos sinistrados das cheias. Esse apoio era humanamente compreensível, mas tinha um fundo político, que era criar dificuldades ao governo e lutar contra o governo fascista. Eu consegui - eu e outros conseguiram outras coisas - arranjar médicos, enfermeiros, iam lá ver as crianças. Depois começámos a alargar o apoio com cobertores. Para evitar que a repressão caísse sobre eles, fizemos uma propaganda imensa à volta disso. Porque é um ato revolucionário ocupar um bairro em pleno fascismo - é preciso notar isso. E fizemos uma ação [risos] ainda hoje parece incrível como é que a gente conseguiu fazer isso e blindar o bairro, com pessoas de todo o lado. Até pessoas da própria situação como se chamava na altura.

Eram seis da manhã tocaram à porta, na Rua Gil Eanes em Odivelas, onde eu morava com a minha mulher e duas filhas pequenas - tinham aí dois anos uma e outra quatro. Bateram à porta. Eu tinha estado numa reunião em Moscavide e tinha alguns papéis, uns apontamentos de eleições que fazíamos lá no conselho, que tinham uns apontamentos da reunião. Quando tocaram à porta e ainda era escuro, eu levantei-me de um salto da cama e disse: «Ó Lena, é a PIDE». Tive esse pressentimento. Fui logo buscar os papéis da reunião que tinha tido nessa mesma noite em Moscavide, e cortei, meti-os na sanita, puxei o autoclismo duas vezes. Não fui abrir logo a porta. Quando eu abro a porta ele meteu logo o pé entre a porta e a ombreira e disse: «Porque é que não abriu a porta?!» e eu disse: «Quem manda aqui na minha casa sou eu. O que é que os senhores querem?». Empurraram-me, abriram a porta e entraram dois. [Gritavam]: «Onde estão as armas?» - aos berros - «Onde estão as armas?». E eu disse: «Tenho aí uma arma, mas é da caça, que sou caçador, tenho os documentos. Eu não tenho armas, sou uma pessoa pacífica». Acordaram as filhas, levantaram os colchões, cada miúda tinha uma caminha. Da minha cama. Depois foram a uma dependência da casa onde eu tinha uma estante e começaram a arrancar. Primeiro a *Guernica*. Tiraram a *Guernica* que eu tinha na parede. O Che Guevara, verde oliva, que me trouxeram de França, que eu gostava imenso. Levaram-me um poster dos direitos da criança. Tiraram-me um poster da declaração universal dos direitos do homem. E livros, alguns livros. Deixaram *Os Subterrâneos da Liberdade* e outros livros do Jorge Amado e levaram os do Sttau Monteiro, livros. Que eu conhecia o Sttau Monteiro muito bem. Os livros revolucionários mesmo, não levaram, o que demonstra que culturalmente eles deixavam muito a desejar.

Estiveram até às 11 horas da manhã - 4 horas em casa, ou cinco. Houve a certa altura o chefe deles, que ainda me lembro do apelido, Martins, pegou numa máquina de escrever portátil e pôs em cima da minha mesa da sala de jantar, para escrever um auto e ia-se sentar. E eu disse: «O senhor não se senta aqui na minha casa. Faz favor, se quiser escrever, escreve, mas não se senta aqui na minha casa. Quem manda na minha casa sou eu». Ele olhou para mim e escreveu de pé. (…) [Pensei]: «Olha, esta é a minha primeira vitória com estes filhos da mãe». Depois obrigaram-me a ir com eles para a António Maria [Cardoso], para a sede da PIDE.

Cheguei à sede da PIDE, levaram-me para o 3º andar e meteram-me numa cela com um postigo. Tinha um postigo e uma cadeira. A primeira coisa que mandaram fazer foi mandar tirar a cadeira. «Como eu não o deixei sentar na minha casa, agora também não te sentas aqui» pensei eu. Disse: «Estive a pensar e eu vou fazer greve da fome.

Não vou comer em 8 dias, ainda me devo aguentar» disse cá para mim. E comecei-me a mentalizar para fazer greve da fome, isto eram aí umas 11h da manhã, ou meio-dia.

Ao meio-dia vem um PIDE com uma travessazinha com pescada cozida, batatas e ketchup por cima, era assim uma espécie de molho vermelho. Eu disse: «Eu não como. Pode levar para trás. Enquanto estiver aqui não como, escusa de vir com comida». «Ai não quer? Mais fica!» diz o PIDE. Lá estive. Depois pedi uma água das pedras - eu é que pedi uma água das pedras, que estava um bocado maldisposto - e eles trouxeram-me a água das pedras e disse: «Quanto é que custa?». «É oferta desta polícia» [responderam]. «Eu não quero ofertas desta polícia», peguei no dinheiro, mandei assim por baixo do postigo e ouvi tilintar no chão. São pequenas coisas que a gente faz, grandes lutas a partir de pequenas ações.

Vieram-me buscar para o meu interrogatório. Eles pensavam que eu era um peixe mais graúdo. Na sede da PIDE o interrogatório foi feito pelo inspetor Adelino da Silva Tinoco. Nunca mais me esqueci deste nome, nunca! Adelino da Silva Tinoco. Era um individuo magro, estatura abaixo da média, era pequenote, avermelhado, com olhos amarelos. Eu até pensei: «Parece uma cobra, este gajo!». Lá me interrogou, sempre com a perspetiva do Partido, era uma obsessão. Fizeram-me interrogatórios em Caxias e em Odivelas - que eu já lá chego, no posto da GNR - sempre com uma obsessão do Partido. [Diziam]: «Você é do Partido e não é de agora. Está-nos a enganar. Escusa de nos enganar, que nós vamos saber», e ameaças. Nunca me bateram. Fisicamente não fui torturado. Fui torturado é psicologicamente e [com] isolamento. Estar 15 dias numa cela pequenina, virado para uma barreira, 15 dias e 15 noites, mexeu comigo.

De madrugada soltaram-me. Decidiram-me soltar e eu vim embora para casa. Foi a primeira vez que fui incomodado.

A seguir a esta, eu fui notificado para me apresentar no quartel da GNR em Odivelas. E eu não fui, não me apresentei, porque achei logo que podiam ter ligações à PIDE então não fui. Estava na minha rua a falar com um jovem, que se reunia connosco num café que havia em Odivelas chamado Café Pato, na cave. O rapaz que se reunia connosco estava sentado num banco de pedra, na rua, quando veio um jipe da GNR. Parou, saíram GNR lá de dentro, agarraram-me e atiraram comigo para dentro do jipe. Levaram-me para o posto e meteram-me numa cela pequeníssima que tinha uma tábua que me permitia deitar se quisesse, e uma pia para as necessidades, uma coisa incrível. Puseram-me lá dentro e eu: «Mas estou aqui porquê?». «São ordens!». Passei lá a noite. No outro dia de manhã levaram-me para uma sala, quem é que estava à minha espera? O chefe de brigada Capela. Estava o Capela, um individuo alto, magro, numa sala. Olhou para mim, cruzou os braços e disse assim, com um ar de tristeza: «Ó homem, mas porque é que você se mete nisto? Você até é de boas famílias!» [Risos] disse o Capela. «Você até é filho de boas famílias, porque é que você se mete nisto?». Eu claro, não lhe respondi. Lá esteve ali a interrogar-me, sempre, como eu disse há bocado, o papão, o Partido Comunista. Até que acabou, deixaram-me ir embora sem me levarem para outro lado. Foi a segunda vez que me prenderam e fui interrogado por um PIDE.

A seguir foi em [19]73, houve o congresso democrático de Aveiro. Eu apresentei lá uma tese coletiva de democratas do concelho de Loures. Emocionadíssimo, apresentei ao congresso essa tese. Ao sairmos, como se sabe, fomos encurralados numa rua sem saída. Eu, ao tentar ajudar uma advogada que conhecia da CDE - Lucília dos Santos, advogada de Torres Vedras - eles estavam a bater na gente com pingalins. (…) era o Maltês, um filho da mãe da pior espécie. Eles com bastões, os guardas. Eu estava a ajudar a Lucília quando o Maltês, que me conhecia de ginjeira, veio molhar a sopa com o pingalim. Fiquei de um lado negro, sangue pisado desde o ombro até à perna do meu lado esquerdo. Andei assim semanas. Depois fui levado por dois polícias para ser identificado e solto.
Em [19]73 concorremos às eleições. Eu levava numa carrinha cartazes e outras coisas mais. Fomos intercetados em Loures e daí fomos sob escolta para o Governo Civil e do Governo Civil fomos para Caxias.

A primeira vez que estive em Caxias foi nessa altura. Mandaram-me tirar os atacadores e o cinto e dar ao individuo, enorme, que lá estava. Depois disseram: «Tu vais para a cela tal». «Falta outro». E disse eu «Pode ser aquele?» - apontei o Tengarrinha, porque eramos amigos. Eramos muitos e eu fui com o Tengarrinha para uma cela, onde passámos uma semana a ser interrogados. Então íamos numa Ramona - nunca tinha experimentado isso - iam-nos buscar à cela e íamos para o Reduto Sul. Uma vez era uma sala branca, toda branca, com uma mesinha muito pequenina e uma cadeira. Às vezes eram doces: «Você é uma pessoa nova, não se meta nisso», outras vezes «Você é um filho da mãe!». Jogavam assim de maus e de bons.

Eu vou contar uma coisa. Na minha terra, no dia de Páscoa, há um grande almoço e há um borrego no forno, lá no Alto Minho. Come-se o borrego no forno e faz-se uma grande festa. Eu passei lá a Páscoa, nessa altura, com o Tengarrinha. Quando, no dia de Páscoa, veio uma cabeça de chicharro frita com um arroz vermelho, uma porcaria completa, e eu chorei. Vieram-me as lágrimas aos olhos, comovi-me ao lembrar-me da minha terra. Lembro-me que o Tengarrinha foi à casinha de banho, com dois copinhos de água, e pôs um alka-seltzer em cada copo e disse: «Vamos brindar pelo fim do fascismo, António! Isto qualquer dia vai cair, isto está podre! Viva a revolução!». E fizemos uma festa com o «champanhe» que foi a efervescência do alka-seltzer.

O que me mais ficou dessa primeira vez foi as chaves da cela, o eco. Junto à porta, acordava com aquele [barulho] das chaves. Andei meses com aquilo na cabeça. Não me bateram. Insultaram-me. Fui várias vezes interrogado de noite, outras vezes de madrugada, outras vezes de dia - é quando lhes apetecia. Até que nos soltaram a todos.

Estávamos reunidos em Benfica, naquilo que julgo que era uma garagem desativada, grande. estávamos lá todos dentro e (...) tínhamos um alibi. Se a polícia aparecesse dizíamos que estávamos a discutir os estatutos da cooperativa, futura livreira, A Forja. E assim foi. Estávamos a meio da nossa reunião quando deram murros nas portas. Olhámos uns para os outros e sabíamos que só podia ser a PIDE. Éramos muitos, éramos 70 e tal ou 80. Eu estava numa cadeira perto da mesa, dei um salto para cima da mesa, peguei nos papéis todos - já tinha aprendido isso em minha casa, na primeira vez que tive contacto com a PIDE - fui rasgar esses papéis e fui à casa de banho pôr na sanita esses papéis. Puxei o autoclismo, não tinha água. Havia ali uma vassoura e estive ali a inutilizar aquilo.

Levaram-nos a todos em carrinhas Mercedes, as chamadas Ramonas. Eles já tinham cinco ou seis carrinhas Mercedes na rua. Consoante saíamos da garagem íamos para dentro das carrinhas. Fomos para o Governo Civil. Dizíamos nós assim: «Despejam-nos em Algés e depois nós, cada qual arranja um táxi e vai para casa». E disse eu: «Ai é? Vais daqui direito a Caxias que é um sonho, é um consolo!». E assim foi, fomos direitos a Caxias. Como éramos muitos, fomos metidos numas naves subterrâneas que, quando se levantava uma manta, era um pó de dezenas de anos acumulado ali. Até que o Ruben de Carvalho, que sofria um bocado de asma, por causa disso teve que sair, porque sentiu-se mal. O Ruben foi preso nessa altura também.

Dali fomos para outros lados. Mandaram-me para uma cela muito pequenina, virada para uma barreira, muito pequenina. Sozinho estive lá 15 dias. Aí, nessa última prisão, levavam-me muitas vezes para interrogatório. De noite, de dia, talvez para me cansarem. Vinham os bons, vinham os maus, ameaçavam-me, chamavam-me nomes, e não sei quê, que eu era do Partido… Um enervava-se [e dizia]: «Você não sai daqui com vida, que eu dou cabo de ti!». À volta disso, não me bateram.

Até que, eu escrevia para a minha família, e marcámos o dia para a minha visita. Chegaram a visita do meu irmão do Porto, uma irmã de Viana do Castelo, a minha mulher, as minhas filhas, pessoas, o meu cunhado, juntaram-se lá no outro lado do parlatório. E fui enervadíssimo, porque estava há 15 dias [à espera] - eu sou um bocado nervoso - e cinco minutos depois acabou a visita. Chamei-lhes bandidos, assassinos. Eu chamei-lhes tudo quanto pode haver de pior! E estava preparado para eles me baterem. A minha família pensava: «Eles agora vão bater ao António». Nem me recordo, [dizem] que eu ia a gritar e que se ouvia os gritos lá para dentro, mas eu não me lembro. Estava num estado... sentia uma excitação terrível.

Dois dias depois sou chamado ao Tinoco - o Tinoco foi outra vez a Caxias para me interrogar. Houve um dia que me apresentaram um papel azul de 25 linhas ou 35 linhas onde eu fazia um depoimento que era do Partido, para eu assinar. [Disse]: «Eu assinar isto? Isto é mentira!». E o Tinoco, nunca mais me esqueci, disse-me assim entre outras coisas: «Senhor Cerqueira. Este dedinho nunca me enganou» - a expressão que ele foi buscar - «… este dedinho nunca me enganou. Você é do Partido e não é de agora. Este dedinho nunca me enganou. Você vai sair» (hoje ou amanhã, não me lembro, sei que foi no dia 17 de abril) «… vai sair, mas quero-lhe dizer uma coisa. Vou-me despedir de si até ao dia 1º de maio». Portanto a ameaçar-me que sabia que eu e outros comemorávamos o 1º de maio.

Claro que no dia 1º de maio estava lá ele, em vez de ser eu, estava lá ele na cadeia. E é aos militares que devemos isso e aos antifascistas. Alguns deram a vida, outros a liberdade, outros tudo, para abrir as avenidas da liberdade e da democracia.

Depois do 25 de abril incorporei brigadas de esclarecimento, um pouco por todo o país. Houve uma reunião em que eu não estive, não pude, nos Olivais, onde se juntaram centenas e centenas de pessoas para escolherem uma comissão administrativa para a Câmara Municipal de Loures e o meu nome foi um dos mais votados para pertencer a essa comissão administrativa para a Câmara Municipal de Loures. Eu, o José Gouveia - meu querido amigo - veio ter comigo e disse: «Cerqueira, tu foste um dos mais votados

para a comissão administrativa da Câmara de Loures. Não podemos fazer o 25 de abril e deixar nas Câmaras Municipais, em contacto com o povo, os fascistas. Nós ainda fomos eleitos em assembleia popular, numa altura revolucionária em Portugal. Eles foram nomeados. De maneira que nós vamos aceitar e preparar eleições democráticas e quem ganhar, ganhou. Mas não vamos consentir fazer a revolução e deixar os fascistas no poder, isso nunca». De maneira que fui para a Câmara, reparti o gabinete da presidência com o José Gouveia por proposta dele. Estive lá, substituía-o quando era necessário, 2 anos e 9 meses.

Preparámos eleições democráticas, que foram ganhas pelo Partido Socialista. As primeiras eleições democráticas em Loures. Andei por todo o país com o Zeca, nas cantigas, na política - aí a fazer política - um pouco por todo o país, sobretudo no norte e Minho. Na minha zona e Loures e na parte do Vimeiro, que é o Oeste. Fiz a campanha com militares de abril e com democratas, mas sempre, como eu disse inicialmente, com a ideia central da unidade dos democratas portugueses. Para fazermos a descolonização, para criarmos um regime democrático, solidário, moderno…"

Carlos Coutinho

Ano nascimento: 1943
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 06-10-2021

"Eu, por sorte ou por azar, nasci numa aldeia do alto Douro bastante politizada, ou seja, a aldeia estava dividida na influência de duas famílias: os republicanos e os monárquicos.

Por acaso o meu pai era afilhado do chefe monárquico. Mas era uma pessoa com uma consciência muito, muito lúcida. E, portanto, evitava associar-se ou pensar nessas ligações.

A outra família, a família republicana, eram vizinhos - até eram amigos do meu pai e, portanto, eu nasci nesse contexto de... de mútua rejeição de duas famílias que dominavam tudo. Uma das famílias acabou por dar presidente da câmara, imposto pelo Salazar, não é? E um filho também presidente da câmara em Vila Real. Os outros, os republicanos, tinham..., portanto estavam marginalizados. E sofriam uma certa, uma certa rejeição por parte do resto da população da aldeia por influência dos outros - dos grandes lá do sítio. Isto mexeu logo comigo, desde miúdo. Eu achava aquilo uma coisa inexplicável. A minha consciência começou a levedar, digamos, neste contexto. Depois, já na minha adolescência, no começo da minha juventude, eu estou em Vila Real, estou num colégio, e vejo grandes movimentações de tropa e de polícia... e já me dava com outros jovens, como eu, que estavam contra tudo e contra todos. Eu precisava de estar contra tudo e contra todos nesse tempo. Menos contra o meu pai que me parecia cá a única pessoa com a cabecinha limpa.

Chega a notícia de que tinha havido a fuga de Peniche. Com os polícias, os tropas... Então eu e mais outro jovem fizemos uma coisa com piada. O que é que foi? Irmos aos sítios onde havia sinais de trânsito, virávamos ao contrário e as movimentações das tropas e das polícias ficavam todas baralhadas e deu uma grande confusão nessa noite. Ao ponto de, no dia seguinte, o Governador Civil ordenar uma investigação ao que tinha acontecido. Não apanharam ninguém, portanto eu como esse jovem - que já morreu, era um poeta muito conhecido, o Eduardo Guerra Carneiro, autor daquela frase «Isto anda tudo ligado» - escondemo-nos em casa dele. Íamos para casa dele, mas quando íamos a chegar a casa dele, vimos umas pessoas esquisitas à porta. [Eu] disse: «Alto, isto deve ser para nós». Então em vez de irmos para ali, fomos para minha casa, que era perto e que ninguém certamente suspeitaria.

Começou assim a minha atividade política. Foi com esta... Com estes episódios. Que depois tiveram um desenvolvimento grande quando eu (...) vou para a tropa. Depois vou para... primeiro vou para Caldas da Rainha. E deu-se naquele ano mudança de fardamento e andamento, adotaram-se os métodos, ordenamento e fardamento NATO, essa coisa toda, e houve uma certa confusão no quartel. De maneira que quando chegou o... Uma cerimónia qualquer, que agora já não me vem, não me recordo bem o que era. Eu e mais dois aproveitámos a situação e fomos festejar para um café, deixamo-los lá com eles. Pronto isto foi, parece agora uma brincadeira, não é? Mas naquela altura isto era um ato de rebelião muito característico e passível de castigo, não é? Castigo sério.

Isto é o começo, digamos, da minha atividade política. Que não é uma atividade, é uma atitude!

A seguir quando eu vou para Moçambique, mobilizado, à chegada a Lourenço Marques assisto a uma cena terrível lá, que é um velhote, que está - um negro, não é? - velhote,

cabelo carapinha já meia cinzenta que está a engraxar os sapatos de um branco. Por acaso nem sequer era Português, devia ser Sul-Africano ou assim. E veio a polícia e disse-lhe: «Você está num sítio onde não pode, estás num sítio onde não podes estar» e ele, se calhar não percebia, levou uma carga de pancada... Eu não sei como é que o velhote não morreu. Levou pontapés, levou cacetadas e tal! Pronto. A caixa onde ele se sentava para engraxar também levou pontapés partiu-se toda, na Avenida do Infante, em Lourenço Marques. Isso então virou-me do avesso. Mas eu não podia fazer nada. Ainda por cima, na esplanada estavam vários outros militares todos de patentes superior à minha, de maneira que fiquei a remoer aquilo.

Dali, depois segui para Nampula. Em Nampula também assisti a cenas mais ou menos idênticas. Um dia qualquer ficamos a saber que tinham desaparecido instrumentos da Clínica de Cardiologia no Hospital Militar de Nampula. Que era, nessa altura já estava quase no coração da guerra, havia ali 2500 homens estacionados. Era uma coisa... E Nampula tinha sido transformada na sede do comando militar de Moçambique com o Costa Gomes. Ficamos... Perante isso, o que é que a gente fez? Eu e mais um outro fulano - que era um médico com menos uma cadeira, portanto não era médico, mas como tinha uma atividade política conhecida como da oposição e não o deixaram fazer a cadeira, mandaram-no prá tropa e ele estava como Alferes de Comunicação, salvo erro. Éramos amigos. Encontrávamo-nos no café. E ficamos a conhecer-nos porquê? Porque andávamos com livros idênticos. [Eu] disse: «Oh, isto alguém com livros destes aqui não pode ser de direita, não pode ser do regime». Acabámos por ficar amigos. Um dia quando sabemos desta notícia ele arranjou um escantilhão, portanto um conjunto de peças cada uma com a sua letra. Então pegámos num papel, num não, nuns sete ou oito. E com o escantilhão escrevemos uma frase em que contava o paradeiro daqueles instrumentos: «Os instrumentos que faltam na Cardiologia do Hospital estão numa clínica particular no Marrere» que era como se chamava essa zona. E, pelas três, quatro da manhã, ninguém - Nampula às escuras - os quatro com pioneses fomos pela Avenida do Infante pôr nas árvores até ao Café Portugal - que era onde tomavam café as altas patentes e as PIDEs e essa gente toda e os colonos assim ricos. Pelas oito da manhã, quando começa a haver movimento e vêm aquelas denúncias nas árvores - grande movimentação! Um inquérito, perguntas, respostas! [Risos] Mais perguntas, mais respostas, toda a gente! Eu por acaso fui um dos interrogados, não sei porquê porque ninguém me viu, mas fui eu e esse tal meu amigo também. [Nós]: «Não, a gente não sabe de nada, mas se isso foi assim olhe, esta tudo explicado!». O fulano que me estava a interrogar era um Capitão dos Serviços de Informação do Exército - pronto, uma espécie de Serviço Secreto, de Polícia de Informação própria das forças armadas - que deve ter dito ao Comandante militar, que era o Costa Gomes, a minha resposta. Que ele achou estranha, achou... O Costa Gomes mandou-me chamar: «Foi você que disse não sei quê?». [Eu]: «Disse sim e posso voltar a dizer, então isso não explica o resto?». O Costa Gomes olhou assim para mim...: «Você tem pinta! Vá, vá lá embora!». Você tem pinta?!

Pronto a partir daí nunca mais acabou. As coisas horrorosas que por lá vi assentaram-me a ideia de que... quer dizer, fizeram-me ter vergonha de ser português! Porque eu vi fazer as coisas mais, mais incríveis! Eu vi um fulano com um chicote estar a tentar cortar, assim de golpe, os mamilos…de uma jovem! E não conseguiu. Bom, vi assim coisas desse género.

Quando regressei a Portugal eu... Depois de dois anos e tal, a gente fala com muita gente. Eu apercebi-me do que era o universo ideológico, as regras, tudo o que fazia deste país aquilo que ele era. Não! Eu sou português e vou continuar português. Agora isso tem de mudar. E já não muda com greves nem com eleições, tem de ser com mais alguma coisa!

E quando chego a Portugal encontro um fulano, que depois há de vir a estar preso comigo, que era membro do PCP e tinha sido meu colega em Moçambique. Há uma manifestação no 1º de Maio nesse ano, eu tinha chegado um mês antes. E fui ver, mas não sabia de nada. Fui à procura de ver se havia uma movimentação e o que é que eu vejo? Vejo no Rossio - aí mesmo em frente ao Teatro Nacional - assim um grupo de pessoas que mandam uns gritos e tal. E de repente sai da parte de trás daquela rua da Betesga, não é? Onde estava a Polícia. Sai dali um grupo de polícias, fardados como se fossem prá guerra. E desatam a malhar em toda a gente! Quem fosse nos passeios de um lado ou de outro, levou pancada de criar bicho! Derrubaram tudo! Havia ali a esplanada da Suíça, do café Suíça, onde as pessoas que lá estavam fugiram todas! Mas uma velhota estrangeira, que não percebia aquilo, nem tinha nada a ver com coisa nenhuma deixou-se ficar. Bom... ela e a mesa dela e a cadeira dela foram parar uns metros mais à frente. Não sei como é que aquela velhota não morreu, porque também levou umas cacetadas.

Então e quando esse meu amigo de Moçambique me vem.... que eu encontro nessa tarde a seguir a isto - encontro na descida da Boa do Carmo. E ele me diz, porque ele depois participou comigo em Moçambique, lá em Vila Cabral, nalgumas coisas, como ele era o Comandante do pelotão, o chefe da Polícia Militar. Às vezes emprestava-me o jipe para eu dar uma voltas e fazer por lá assim umas malandrices. E então ele «Ah tal, grande abraço, não sei quê. Agora a vida é outra, agora temos que fazer as coisas doutra maneira», disse-me ele [diálogo]: «Tu não queres, não sei quê?». «Calma lá, eu já estou a ver o que é que tu queres dizer! Eu desconfiava, mas não sabia que tu estavas nessa». «Pá, tu estiveste no mesmo sítio que eu, viste o mesmo que eu, já percebeste que isto não vai lá só com greves e manifestações. Tem que haver mais alguma coisa». «Só estou disponível para esse mais alguma coisa». «Ah 'tá bem, pronto, sim senhor». Marcámos encontro para outro dia, porque ele disse que ia falar com alguém. Marcámos. Fui a esse encontro. E ele apresenta-me, aponta-me um fulano com quem eu devia falar. Sim senhor. Era um fulano chamado Lindolfo, que depois me entregou à PIDE. Esse fulano marcou encontro, foi em minha casa. Tivemos uma discussão enorme, para aí duas horas no meu quarto. Ele era funcionário clandestino. Discutimos muito. Porque a questão da luta armada, derrubar o regime pela força, para mim era indispensável. Tinha que acontecer! E não havia nenhuma outra forma que produzisse esse resultado. Ele depois no fim: «'Tá bem. Não concordo com muitas das tuas opiniões, mas já vejo o que é mais importante é aquela que me interessa. Eu vou levar isso para outro lado e depois alguém há de vir ter contigo». Rasgou uma carteira de fósforos, entregou-me uma parte e ficou com a outra parte e disse-me: «Olha, quando alguém aparecer com esta parte que vai comigo, tu pegas na tua parte e vês se bate certo. Se bater certo é a pessoa». Assim aconteceu. Aparece-me algum tempo depois uma pessoa com a outra parte da carteira de fósforos. Também no meu quarto. Novamente uma discussão de ordem político-ideológica. E ele no fim diz-me assim: «Bom, já vejo que tu discordas de algumas coisas que eu penso, mas no fundamental estamos de acordo e é por isso que eu estou cá. Portanto vamos a elas!». Começou assim a organização chamada ARA [Ação Revolucionária Armada] a que eu pertenci.

A partir dali fizemos muitas operações, de reconhecimento. Eu, a minha mulher e a minha filha, que tinha uns mesitos, fizemos essas operações, com um ou dois civis num Fiat 127 verde, a ver isto e a ver aquilo. Fizemos levantamento de muitas questões, de muitos pontos que eram utilizáveis para operações anti-regime. E um dia qualquer faço a primeira operação, que foi estragar um navio. Que era, na altura, a Jóia da Coroa. Considerado o cargueiro mais - não sei se é verdade, mas era o que se dizia - os próprios gajos diziam que era o cargueiro mais moderno do mundo e não sei quê. E aí fomos então... Isso foi pensado com grande cuidado. Fizeram-se estudos, preparou-se tudo. E quando chegou a hora - eu com um naviozito, com um barquito entrámos naquele... no cais da Rocha! Ele

estava ali ancorado - o Cunene. Portanto, eu peguei naquelas cargas que levava, coloquei-as em dois pontos do navio - éramos dois, eu e o meu condutor. Pus as cargas, que eram uns baldes de pescador com uns terminais de imanes fortíssimos, que ao encontrar o casco do barco ficaram ali presos. Para aí oitenta centímetros, um metro abaixo da linha de água. Pronto, quando chegou a hora que a gente marcou aquilo estoirou. Mas há um episódio engraçado. Porque aquilo estava cheio de barcaças e barcos de transportes e tal. Assim batelões e coisas... E nós tivemos de saltar por cima dos batelões! E quando chegamos ao último alguém lá de dentro, alguém que estava a dormir lá dentro de um deles - era o guarda: «O que é que há?!». Diz esse meu companheiro: «Não há nada! 'Tá tudo nos conformes! Olhe, missão cumprida! Felicidades!». E fomos embora.

Depois seguiram-se várias outras operações, algumas de grande repercussão, como quando fui com mais dois - um ajudante e um guarda-costas - fomos a Tancos estragar uns aviões que lá havia e uns helicópteros. Dezassete helicópteros e onze aviões, de vários tipos. Foi tudo muito estudado. A minha mulher alugou um apartamento - caro - ali na Praça de Londres onde a gente se instalou para fazer estudos e testes ao material. E quando saímos dali sabíamos tudo. Quem era o meu ajudante? Era um piloto que naquele dia ia jurar bandeira como piloto de um helicóptero. Que também por vias idênticas à minha também se associou ao partido. E um guarda-costas que era um soldado. Éramos todos civis, mas eu ia fardado de Tenente com condecorações e tudo, ele ia com a sua farda normal e o outro soldado - todos da Força Aérea. Ao chegar à porta de armas perguntaram quem era. E diz ele lá dentro: «Epá, não vês quem é? A malta é de Cortegaça!». «Ah, 'tá bem, sim senhor! Pode entrar!». Entrámos. Nem sequer pediram mais nada. Ah! Fizeram-me a continência! Então fomos lá ao sítio, tínhamos todas as hipóteses, estavam pensadas. Ele tinha arranjado uma chave - porquê? Porque naquele hangar estavam depósitos de combustível onde oficiais e sargentos iam roubar combustível para os respetivos carros. E havia quem tivesse aquela chave. Ele arranjou uma também. Entrámos, fizemos um primeiro estudo da situação, vimos o que havia e sabíamos já, porque ele disse-nos, que do outro lado de uma das paredes era uma camarata de uma caserna onde dormiam militares. Portanto tivemos que organizar a colocação das cargas de maneira a que estragassem o máximo de coisas, mas não fizessem nem um risquinho naquela parede. Porque não podia haver feridos nem magoados de lado nenhum e a própria parede devia mostrar que foi respeitada. Conseguimos isso, ou seja, era eu o comando que tratava daquelas coisas. Portanto, escolhi os helicópteros, os pontos do helicóptero, os caças que lá estavam - eram Fiats. Pronto, e as cargas tinham nas suas costas um grande volume da máquina de aço do helicóptero ou do avião que seria uma espécie de um biombo para o efeito da expansão dos gases e portanto as paredes seriam poupadas. O que é que aconteceu? Foi que o telhado voou, porque todo o efeito foi canalizado na vertical. A porta, que era de aço, ficou côncava, mas não... Se morreu alguma formiga é porque andava lá perto, porque não houve mais nada. A partir daí viemos embora, chegamos à estação de caminho de ferro de Santarém e eu mudei de carro. Portanto, voltei para o meu carro, porque fui num Volkswagen alugado ali, aqui em Algés. E pronto, dali vim pra Lisboa.

Há aqui um episódio engraçado: é que ao passarmos na portagem - que antigamente, naquele tempo, só havia uma que era aquela - a seguir um bocado à frente sai-me um velhote, desce-me um velhote de trás de umas giestas que mandou parar. E eu parei, porque vi que aquele velhote não vinha fazer mal nenhum. Quem é que era? Era o Francisco Miguel, o Chico Miguel. Que era o responsável, digamos, mais acima daquela operação. E diz-me ele, eram para aí já umas quase, quase 5 da manhã, diz-me ele: «Pá, tinha de vir aqui! Eu não conseguia adormecer! Precisava de saber se estava tudo bem!». Eu disse: «Tudo nos conformes». [Ele]: «Ah, camarada! Que peso me tiraste de cima! Olha,

felicidades e tal!». E voltou a esconder-se. Este episódio é único. É uma coisa que eu recordo com um sentimento de uma ternura incrível.

Pronto, depois dessa fizemos muitas mais. Eu tinha feito tropa, né? Portanto não era desconhecedor de muitas coisas. Mas depois as pessoas que se prepararam para lançar a ARA fizeram a sua preparação própria. Uma delas esteve em Moscovo e depois esteve em Havana. Outra esteve só em Havana. Nós a partir do momento em que decidimos iniciar operações tínhamos dois princípios que não podiam falhar. Primeiro: ninguém pode ser ferido com a nossa operação. Desistimos de muitas e importantíssimas só porque não tínhamos a garantia de que ia haver alguma vítima de fora; Segundo: temos que castigar isto o mais profundamente possível de maneira que o próprio regime imagine que é de dentro de si que sai isto.

De tal maneira que a certa altura havia militares que deixaram de ficar a dormir nos quartéis porque pensaram que talvez não estivessem seguros. Eu lembro-me de quando foi a operação de Tancos, que estragamos aquelas aeronaves todas, no dia seguinte ou dois dias depois estreou um filme num cinema ali ao pé na Avenida de Berna - agora não me lembro o nome - e eu fui ver o filme. E no intervalo estão dois fulanos à paisana, que eu via - portanto vim para o intervalo fumar e eles também- que estão a conversar sobre a questão de Tancos. E eles não imaginam como me forneceram os dados todos que eu precisava para um relatório! [Risos] E fiquei a saber o que é que tinha acontecido. Pronto, uns anos mais tarde eu vou a caminho de Berlim e vai no meu avião um fulano que a certa altura olha para mim e tal. Eu achei aquilo esquisito e a certa altura quando ele olhou para mim, olhei eu para ele. E ele: «Ah! Você não sabe a vida que me arranjou!». [Eu]: «Então porquê?». [Ele]: «Já estou a ver quem é que você é. Eu estava de Oficial de prevenção na noite em que você foi lá estoirar os aviões. Fui logo preso! E até me liberar disso, você nem quer saber pelo que eu passei!». Quer episódio mais caricato do que este? [Risos]

Outra foi uma muito interessante, que eu foi... Houve cá uma cimeira da NATO em Lisboa. Ao fim de muitos anos de tentativas o Marcelo Caetano conseguiu que, pronto, eles cedessem e viessem a Lisboa - a capital de um país que era uma ditadura fascista - viessem a Lisboa - mas era da NATO - viessem a Lisboa lá fazer a cimeira. E fizeram. Foi na Ajuda. E no elevador onde vinha a descer o Ministro dos Negócios Estrangeiros português - um homem de estudo que falava assim «grrr» [voz embargada] - e o seu correspondente americano, o William Rogers, deu-se - é outra que fizemos nesse dia também, já é outra né? - e que cortou a luz e o elevador parou entre duas saídas. E agora?! [Risos] Bom, o William Rogers deve ter dito qualquer coisa desagradável ao nosso Ministro dos Negócios Estrangeiros.

Outra também, que essa é possivelmente a que teve mais importância. Foi quando nessa cimeira fomos ali à Praça Dom Luís cortar as comunicações. Tínhamos também feito um estudo daquilo tudo. Chegamos lá, pronto, fui eu o operacional. Que não era exatamente como me tinham dito, mas como era uma coisa muito, muito regular, muito técnica, eu percebi perfeitamente donde é que vinha a água e para onde é que ela ia. E, portanto, vi quais eram os cabos coaxiais - grossíssimos, um molhe deles - que saiam de dentro dos correios e os que seguiam noutra direção. Então coloquei uma carga, coloquei várias cargas entre eles, em que a do lado direito ficava por baixo, a do lado esquerdo ficava por cima de cada eixo de modo a provocar o efeito tesoura. Quando rebentassem uma fazia assim e outra fazia assim, cortava como se fosse uma tesoura. Correu tudo perfeitamente e durante não sei quanto tempo, umas horas largas, Portugal ficou completamente isolado do mundo. E as próprias Embaixadas tiveram de comunicar com os seus respetivos países por meios de recursos frágeis. Mas isso causou um grande abalo, um grande abalo político relativamente a Portugal dentro da NATO.

Eu estava no Século, não é, na altura. Portanto ouvia as versões mais incríveis, havia aquele - como ainda há hoje - aquele jornalista muito especial que há nas redações que cheira tudo, sabe sempre de tudo e depois não sabe de nada, não é? Mas os outros todos, o normal, olhavam para ele e tal... Então esse levou para lá uma boca que alguém lhe disse, não sei quem foi, de que um submarino soviético tinha largado um sabotador muito especial, frente a Cascais, que veio por ali fez aquilo e depois, o submarino ficou à espera, voltou e foi-se embora. O outro fez aquilo e coiso e tal. Isto tudo não tem pés, nem rabo, nem cabeça, não é? Mas havia quem acreditava! Conclusão: passado pouco tempo esta anedota era a que se ouvia nos cafés (...) e que a PIDE, ou foi quem a criou, porque precisava de coisas assim, ou que a alimentou. Quer dizer, pelo país todo havia quem dissesse isso. Um submarino soviético e não sei quê. Pronto, mas histórias destas ui...! Eu chegava ao café e ouvia as coisas mais incríveis a meu respeito, sem saberem que era eu. E eu achava muita piada aquilo e tal, pronto, sim senhor. Claro, há uma coisa que tenho de dizer: se havia um funcionário, um trabalhador do [jornal] O Século cumpridor rigorosamente de todas as normas era eu. Era uma pessoa ultra bem comportada. Portanto não havia hipótese nenhuma de alguém desconfiar de mim.

Quando eu ia para uma operação eu era de uma frieza absoluta. Eu podia contar as pernas de uma mosca. Quando a operação estava cumprida, eu chegava a casa e me deitava na cama ao lado da minha mulher, com ela a dormir, me punha assim de barriga ao ar, vinha ao de cima toda a emoção que tinha sido estancada. E então eu tinha ali uns minutos de fortíssima, fortíssima emoção. Fortíssima emoção. Sentia-me como se estivesse a ser estrangulado. Aquilo passava e eu entrava na normalidade. A minha vida no dia a dia era normalíssima.

Aquela pessoa que me deu a carteira de fósforos, é que um dia foi preso e disse à PIDE quem eu era, e a PIDE foi-me buscar. E depois claro, tratou-me muito mal. Mas, a verdade é que eu estou aqui. Mas tratou-me muito mal. Quer dizer eu estou a sair de casa com a minha filha mais velha - que nessa altura era a única - tinha 14 meses, estava com 39 de febre e ia com ela para o médico. Quando chego ao passeio está ali um dispositivo com fulanos com pistola metralhadora e tal. Como se fossem buscar o Al Capone. E meteram-me dentro de um... sacaram-me a miúda pró colo da mãe, porque ela veio depois de mim, desceu depois de mim as escadas e eu vinha à frente com a criança. Sacaram-na para o colo da mãe, pegaram em mim, algemaram-me. Meteram-me na parte de trás dum carro (uma enguia) um Volkswagen que é um carro só de dois lugares, mas atrás tem um espaço para meter malas. Meteram-me ali, algemado, e obrigaram a caber ao meu lado a minha mulher e a minha filha. E ali fomos nós para Caxias. Quando chegamos a Caxias fomos logo separados.

Fui fotografado, elas também foram. E por volta das 11h da noite foram libertadas. A mãe e filha. Porque verificaram que aquilo era assim e se calhar não tinham condições de ter duas pessoas assim e podia haver alguma coisa que para eles seria negativa e então foram pô-las na estação de caminho de ferro. E vieram para casa, chegaram a casa já eram praí umas 6h da manhã. E eu fiquei logo lá preso e dali fui para uma cela, uma dessas de isolamento, onde fiquei, até que eram umas 9h da noite chega um PIDE que veio... um PIDE não! Um guarda prisional que veio dizer: «Venha-se embora que tem de ir à polícia». Fui à polícia. Lá me levaram. E aí então foi uma conversa que durou quase 8 dias, sem dormir. Com situações absolutamente incríveis. A partir da quarta noite, quinta noite comecei a ter alucinações. Via a água a subir. Chegar-me quase aos joelhos. Peixes a nadarem à minha volta. As paredes a aproximarem-se umas das outras, eu ia ficar quase dentro de uma chaminé. E depois não sei o que é que acontecia, alguém me acordava. Lembro-me de haver uma coisa que era horrível - ainda hoje não posso ouvir - que é: nós

ficamos com uma acuidade auditiva terrível por causa da falta de sono, do não dormir. O mais pequenino ruído é doloroso. Uma moeda assim a girar em cima da mesa onde eu estava faz um ruído insuportável. Agora imagine o que é alguém dar uma palmada no tampo da mesa. BUM! Eu via fogo sair-me dos olhos. Ao fim de 7 dias, 300 horas de interrogatório, assim de conversa, eles lá perceberam que as coisas já não estavam bem, suspenderam. Puseram-me numa cama que havia lá ao lado onde... onde caí a dormir. E por aquilo que vim a saber estive assim 40 horas.

O médico que dava apoio lá à PIDE, achou que aquilo era complicado. Mandou-me fazer um eletroencefalograma. A PIDE não sei se gostou, se não gostou, sei que obedeceu. E eu vim aqui ao Júlio de Matos fazer um eletroencefalograma. Pronto, as coisas não estavam lá muito bem, mas estavam escapatórias. E voltei para Caxias. E ao fim de uma semana ou isso, quando acharam que já estava possível - porque o médico também ia dizendo como se faz, não é? - fui para mais um interrogatório. Mais 4 dias. Pronto. Sem dormir, sem me poder sentar. Portanto, na posição de estátua, não é? E então nessas horas todas, nesses dias todos passei por coisas que eu nem sei contar. Porque são, são demasiado horríveis. E também para ser franco, não sei se alguém precisa de saber isto tudo.

Eles acreditavam naquilo, nas aldrabices deles! Acreditavam que eu era uma pessoa com capacidades especiais, como as do tal submarino soviético. E então, eu estava lá em cima no isolamento, de X em X tempo, de X em X dias mudavam-me de cela, mudavam-me de quarto. Algemado de pés e mãos a um PIDE, com outro à frente com uma pistola metralhadora, outro atrás com uma pistola metralhadora! E mudavam-me de cela. E ali ficava ali mais uns dias. Depois tornavam a mudar-me! Quer dizer, eles quiseram garantir a si próprios de que eu não fugiria.

Fizeram uma separação em acrílico, não havia a menor hipótese de contacto. Falávamos por telefone, essa coisa toda. No dia em que eu fiz anos tive direito a ter visita em comum com a minha filha. E então estávamos na, lá nessa coisa, trazem a criança e quem é que se senta ao meu lado? É o Padre. O Padre Mário de Oliveira. O Padre Mário de Oliveira, Pároco da Lixa. E aconteceu mais vezes ele sentar-se ao lado nas visitas. E então ele fazia sempre um afago na cabeça - fazia naquela vez, não é? - fazia um afago na cabeça da criança, um bebé de poucos meses. E dizia-lhe qualquer coisa com piada. Dessa vez eu tinha feito um relatório em letra quase microscópica numa tira de papel, que embrulhei num pedacinho de plástico, daquelas... numa folhinha de plástico, de uma embalagem qualquer que recebi, já não me lembro bem. Aquilo formou uma espécie de um cigarro. Que, ao saber que ia ter visita em comum com a minha filha, preparei aquilo e quando ela chegou para o meu lado, aproveitei aquele movimento do Padre para lhe meter entre a fralda o cigarrito. A PIDE costumava inspecionar tudo, eu também sabia disso, tentei meter num sítio onde eles não iriam ver nada. Como não tinha metal, mesmo com Raio-X não veriam. Esse cigarro chegou à minha mulher. A minha mulher fê-lo chegar a quem devia. E aquilo era uma letra quase microscópica, mas quando foram, quando ela conseguiu passar aquilo, aquilo ainda deu umas folhas dactilografadas, com o relatório todo de tudo o que tinha acontecido, da situação que havia.

Eu fui julgado, foi um julgamento com grande impacto nacional e internacional. Estavam cá diversas equipas de televisão de várias origens. Foi bem conhecido o meu julgamento. Na Europa eu estava a ser tratado quase como o tal submarinista soviético, como fosse assim uma pessoa [que] não era normal, algum bicho esquisito. Quando eu sou a pessoa mais comum que existe e que vocês estão a verificar com os próprios olhos. [Risos] O julgamento durou muito tempo, como imaginam. O julgamento começou pouco depois do Natal e era dois dias por semana que éramos levados lá para o Tribunal da Boa Hora e, portanto, o julgamento durou meses. Daí que a atenção internacional da comunicação

social para o julgamento começou a adensar-se. Não só porque eu era apresentado como um super-homem, como o próprio julgamento tinha "trutas". Era o Salgado Zenha que era advogado de um fulano, era o Palma Carlos que era advogado de outro fulano. O Palma Carlos, o irmão do que foi Primeiro Ministro, o que foi depois Embaixador em Havana. Sei lá ... eram advogados de altíssimo gabarito! O meu era o Luso Soares. E, portanto, o julgamento foi engrossando de impacto internacional. Daí estarem cá televisões de vários sítios, não é?

Eu quando ia para julgamento ia no autocarro, no autocarro fechado da PIDE, portanto algemado com um braço e uma perna a outro preso, que era filho de um Coronel. [Risos] Que estava a par dos acontecimentos e, portanto, eu procurava ir para a Boa Hora algemado a esse, para podermos trocar alguma coisa. E ele ia-me dizendo o pouco que sabia. Mas que era o suficiente para eu perceber que o 16 de Março, que tinha acontecido antes e que foi um flop, não tinha parado e as coisas estavam-se a complicar mais. Portanto estávamos muito ansiosos por ver os resultados.

Na noite anterior ao último dia de julgamento, o guarda que vinha com um PIDE atrás e com uma barra de ferro martelar nas grades todas das celas, a ver se alguma estava serrada fez isso - aquilo era um barulho desgraçado dentro da cela, eu tapava os ouvidos porque aquilo doía-me até - pronto, ele fez isso e à saída fechou a porta. E depois voltou a abrir, olhou assim pra mim [diálogo]: «Olhe, desculpe lá, queria-lhe dizer uma coisa. Queria-lhe perguntar uma coisa». Disse: «'Tá bem, pergunte lá». «O senhor de mim não tem queixa nenhuma, pois não?». «Bom, em princípio, pessoalmente não. Mas você faz parte de um aparelho que não é nada simpático para mim». «Ah, 'tá bem, mas de mim não tem queixa nenhuma, pois não?». «Não». «Então durma bem».

Quando na manhã do 25 de abril um moço da LUAR, o Abraço, salta do seu beliche para vir à janela fazer a mesma coisa que fazia todos os dias - saltava do beliche, ia descalço, atirava-se para as grades, ficava pendurado como um macaco e esperava que o GNR passasse à frente; quando ele passava mandava-lhe um grito de dentro da cela: «Vivá República!» e o GNR ficava sem perceber o que se passava - até que, nessa manhã, manhã de 25 de abril, ele faz o mesmo às 7 horas da manhã. Saltava, ia, atirou-se para as grades e disse: «Vivá...! Eh malta, a GNR hoje está de camuflado!». Já não era a GNR. Estávamos pra ir para a última sessão do julgamento, era o dia 25 de Abril não é? Às 7h da manhã lá vem o mesmo fulano - tim, tim: «Estejam prontos para partir para a Boa Hora às 8 horas». «Sim senhor». Chegou as 8 horas, e as 9h e as 10h e não aparecia ninguém. Depois o meu advogado, que era o Luso Soares, é que me disse que o Presidente do Tribunal - um juiz sinistro, sinistro, chamado Morgado Florindo, que eu tantas vezes vi a tomar café no mesmo café que eu tomava ali em Entrecampos - esse Morgado Florindo vem com os outros dois juízes ao lado. Entra, não chega a sentar-se, de pé diz: «Meus senhores…» - isto para quem? Prós PIDEs e prós advogados, para mais ninguém, nós não estávamos lá ainda - «… Meus senhores, não há condições para que este julgamento prossiga. Fica em suspenso até novas ordens». Até nova situação, ou nova clarificação, assim do género. E eles vieram-se embora! E nós chegamos à... Não chegamos a sair das celas. E quando chegou a hora de almoço o guarda disse: «Não, o julgamento acho que foi suspenso». Depois estes pormenores vim a sabê-los depois pelo meu advogado.

À noite, depois abriram as celas e tal, há uma série de situações. E há uma luta terrível política entre o MFA e o Spínola, o Spínola é finalmente vencido. Mas, quando vem um Coronel lá dizer que iam ser libertados todos menos uns quantos e que seria a PIDE a fornecer a indicação de quem eles eram - os que saíam e os que não saíam. Houve um alarme dentro da cadeia, já estavam... as celas já estavam abertas. Fizemos uma reunião - eu fui eleito para representar os presos, não é? No contacto com quem viesse. E a

mensagem era: ou saímos todos ou não sai ninguém. E foi isso que eu disse ao Coronel. E o Coronel ficou assim com cara de... Saiu, 'tá bem, saiu. Passado, isto eram para aí quê? 10h da noite, não, mais. Para aí 11h da noite. Depois da meia-noite então vem - já no dia 26 - então vem a ordem de saída, e pronto, e saímos todos. Porque se não saíssemos todos não saía nenhum. Estavam cá fora centenas de pessoas, muitas centenas de pessoas que estavam ali quase há 24 horas a gritar para nos salvar, para nos soltarem. Quando se abriu a porta e nós saímos aquilo... Eu a certa altura fui pelo ar às costas de não sei quem, até perdi uma bota. Foi assim. O meu advogado também lá estava - que fomos logo para minha casa em Lisboa e ficamos a conversar um bocadinho. E pronto, a partir daí foi vida nova, não é? Foram tempo de alegria constante, permanente. Às vezes nem dava para adormecer. Até hoje! Nós hoje temos, depois há o 25 de novembro em que a direita provoca alterações. A partir daí inicia-se um período com sucessivas mudanças, alterações na Constituição. Fizeram-nos perder muita coisa, mas o que existe ainda hoje é uma Democracia - e é uma Democracia das mais sólidas da Europa! Portanto eu estou muito feliz, apesar de tudo o que a Direita nos conseguiu roubar já da Constituição, dos aspetos legais e sociais, apesar disso, o

que ficou ainda é, ainda dá, enfim, os traços de uma das Democracias - Democracias Capitalistas - mais, mais consolidadas do Mundo! Onde ainda, onde ainda é bom viver! E quem não souber o que isto é, que vá a Espanha, ou que vá a França, ou que vá à Alemanha, ou que vá ao Reino Unido ver como é que são as Democracias lá. A ver se são melhores do que esta. E vão ter surpresas. Porque onde é que há um serviço - apesar do que tudo o que lhe têm feito - onde é que há no resto do Mundo um Serviço Nacional de Saúde como o nosso? E quem é que o criou? Quem diz isso diz outras coisas, não é? E é bom ser português e viver em Portugal. Porque não conheço nenhum País onde qualquer cidadão tenha melhores condições políticas do que eu tenho para continuar a viver".

Carlos Cruz

Ano nascimento: 1938
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 07-10-2021

"Comecei a trabalhar com 12 anos. Nasci perto de Aveiro e vim no comboio para Vila Franca de Xira para uma padaria - tinha lá umas pessoas conhecidas e lá fiquei a trabalhar e aí entrei num movimento chamado JOC - Juventude Operária e Católica - que eu, costumo dizer que é, foi a minha primeira universidade.

Aí tomei consciência dos problemas dos operários. Tomei consciência de que de facto na política nem tudo ia bem porque... ainda sou do tempo do Carmona. Vi o Salazar e o Craveiro Lopes num dia em que eles foram inaugurar a ponte de Vila Franca de Xira, a primeira vez que os vi. Mas já nessa altura sentia que não gostava deles.

Portanto, neste movimento JOC - Juventude Operária e Católica - aí sim, nós fazíamos uma reflexão semanal sobre os problemas laborais, sobre a situação das pessoas, dos trabalhadores. E aos 17 anos resolvi - influenciado também por este movimento - entrar no Seminário. Fiz um percurso de 12 anos. Quando saí voltei outra vez para Vila Franca de Xira, contra a vontade do Patriarca Gonçalves Cerejeira que diz [diálogo]: «Não, não vás para aí, porque isso é uma paróquia com sabor operário, (…) portanto não vás para aí.» Eu disse: «Vou. É para aí que eu quero ir». «Mas eu não te nomeio». «Mas eu não preciso da sua nomeação. Vou». E fui. Ele diz-me assim à saída - morava ali no Campo Santana, Mártires da Pátria, não é? - «Então vais, vais por tua conta e risco. E quando tiveres fome hás de vir cá pedir-me pra te pôr numa paróquia onde possas comer». Tudo bem - e fui-me embora.

A minha primeira decisão quando cheguei a Vila Franca de Xira foi voltar para a padaria donde tinha saído 12 anos antes, portanto já com cabeção de Padre (…) — e aí trabalhei 3 meses. Acumulava o trabalho da Paróquia - os casamentos, os batizados, aqueles... o chamado trabalho clerical. Trabalhava de noite na padaria e de dia na paróquia. O Patriarca soube, por queixas que fizeram e mandou-me chamar: «Quem te deu ordem pra ires trabalhar?» e eu disse-lhe: «Pra trabalhar é preciso ordem? Não me disse que quando tivesse fome que viesse cá ter consigo? Eu, eu ganho o dinheiro com a... Nós da Paróquia não recebemos nada, todos os serviços litúrgicos são gratuitos. Trabalho para viver». E foi assim a minha entrada.

E, mas ainda voltando um bocadinho atrás, a minha consciência política de que era preciso fazer alguma coisa, politicamente, porque pra mim a religião, naquela altura, pensava eu, que iria modificar o Mundo.

A minha consciência política nasce no dia em que, ou na noite em que se anuncia a tomada de Goa, Damão e Diu. Porquê? Em dezembro de 1960. Porquê? Porque, aí sim, o Patriarca, no fundo, acabou por se juntar às preocupações do Salazar e colocou-nos todos na Sé a rezar, a fazer penitência, para que os nossos soldados na India tivessem coragem para resistir à invasão determinada por Nehru que era o primeiro-ministro. E há uma frase importante que o Salazar no discurso diz: «A vossa missão é defender o Porto de Mormugão até ao último homem». Isto de facto impressionou-me. Quer dizer, era uma

condenação à morte pela pátria daquela gente. Ainda hoje sou vizinho duma pessoa que esteve prisioneiro lá na India, ele conta coisas maravilhosas - ainda está vivo.

Portanto a minha consciência política começou aqui: há aqui qualquer coisa que está mal na igreja e no poder político. Como é que se junta tudo com aqueles discursos emocionais, coitadinhos estão todos a morrer? (…) Foi aqui de facto a minha tomada de posição, de consciência.

Em 1966 terminei o curso, comecei em 55, e vou outra vez para Vila Franca de Xira, por decisão minha. E é aí então que, com o trabalho (já estamos em período de Guerra Colonial - que começa em 61 como sabem) - e aí a minha preocupação era, não era ensinar a Religião e Moral às pessoas, quer dizer… era… era a vida, era pensar o Mundo, o problema da fome - e com os jovens depois preparamos uma grande exposição sobre a fome, o problema da Guerra Colonial. Portanto, mas tudo isto era perigoso, complicado e… esta foi a minha preocupação, foi depois formar os jovens para isso. (…)
Em Vila Franca de Xira para que os jovens na Paróquia não ficassem só pelas rezas, só pela parte litúrgica, criamos um jornal chamado Rampa. Criámos um jornal chamado Rampa - ainda existem alguns exemplares, não há coleção completa - que depois foi proibido. Enfim, teve pouco tempo, não sei se saíram alguns 5 ou 6 números, depois foi proibido também. Onde os jovens, enfim, analisavam os problemas da cidade, da terra.
Criámos também um espaço físico para eles se poderem reunir chamado Secretariado Paroquial, o movimento de jovens chamava-se SEJO - Secretariado Paroquial, de resto em consonância com um outro que existiu em Santarém liderado pelo Padre Chico Nuno, que ainda hoje é muito conhecido, muito lembrado, que se chamava o SCOJE e era neste âmbito que os jovens, portanto, se encontravam mesmo com jovens ligados a partidos políticos (um deles o conhecido Pedro Soares).

Aí fizemos várias atividades, várias intervenções. Na escola onde eu era professor, a certa altura há um problema, o diretor exigia a cada aluno trimestralmente 7 escudos e 50 centavos. Parece hoje uma coisa ridícula, mas na altura era importante e era difícil encontrá-los. Houve duas ou três jovens que não pagaram porque não tinham dinheiro, ou enfim os pais não podiam, foram expulsas da escola. Foram expulsas. Aí nasce um movimento de solidariedade pelos jovens da escola, mas naturalmente também pelos jovens do Partido Comunista como pelos jovens da Paróquia, do tal SEJO e aí.

Eu era professor de Religião e Moral. É melhor separar, porque às vezes juntando - juntando-se é capaz de dar resultado, de dar certo [Risos]. E moral, portanto. O diretor até dizia: «Você vem para aqui para ensinar a Religião, e o Credo e o Pai Nosso, não é pra andar para aqui a falar de política e da fome e da guerra, etc.». Pronto. Estes jovens, quando estas colegas foram expulsas resolveram manifestar-se, resolveram de facto tomar posição. De dia paralisaram a escola. Os meus alunos da noite chegam e perguntam-me: «Os de dia estão em greve, o que é que a gente pode fazer?». (Mas os alunos da noite eram operários da Cintura Industrial de Vila Franca de Xira, de Lisboa até Vila Franca é de facto uma zona cheia de operários e poderosa). E eu disse-lhes: «Vocês é que têm de pensar. Juntem-se aos colegas e vão perguntar ao diretor o que é que ele faz ao dinheiro que exige». E foi assim que paralisaram a escola durante uma semana inteira. Foi de facto um movimento... isto em 60 ... 68 provavelmente, não tenho a data exata que estas coisas, como eu não as escrevia... (Um anarca nesta... não as escrevia). Mas penso que será 68, eu sou expulso em 69, por estas coisas todas.

Juntam-se, paralisam a escola. A polícia, comandada pelo chefe Lopes, que era meu conhecido, aparece de noite - que para a escola tinha de se subir uma escadaria grande - com as suas, os seus soldados, os seus polícias. E queria invadir e correr com as pessoas do parque da escola, (estavam lá de noite, sentados ali à espera que o Diretor aparecesse, de noite não apareceu e os alunos ficaram). E eu quando vejo o Chefe Lopes a subir disse: «Ó Chefe Lopes, tenha cuidado que isto é tudo gente operária, isto é gente de força. Você, veja a desproporção das forças. Além do mais estão lá sentados, eles não fazem nada, eles só querem o Diretor». E então o Chefe Lopes diz-me assim: «Ó Padre Cruz, você garante que não fazem nada?». [Eu]: «É claro que garanto. Garanto, não fazem nada». E de facto não fizeram. Só que esta minha posição arrojada de dizer «eu garanto», (de facto garanti e não houve nada), mas fui inculpado de mentor da greve, que não tinha sido. Foram os alunos. Não fui. Pronto, esta foi uma das primeiras vezes em que tive depois de dar explicações à Polícia porque é que tinha tomado esta decisão.

Vila Franca de Xira era uma paróquia de poucos ritos. Tínhamos uma casa de rapazes da rua, criada em 44 pelo Prior de quem eu tive a honra e a felicidade de ser coadjutor [Vasco Moniz]. (…) Chamava-se CASI - Centro de Assistência Social Infantil. (…) Convém registar também, era uma obra de acolhimento a jovens sem família, mas não era um lar só para dormir. Tinha escola primária lá dentro. Os professores eram pagos pelo Estado, claro. Os rapazes eram caldeados da vida, e lá de dentro. Tínhamos oficinas, carpintaria, serralharia, sapataria, tipografia, onde eles aprendiam ofícios. Os que quisessem e tivessem capacidade para estudar iam estudar.

O grande lema do Padre Moniz era assim: «Carlos Cruz você quando for às barracas, não leve nem pão, nem colchões, nem cobertores. Traga os rapazes para cá. Ponha-os a estudar. Eles depois vão tratar da vida dos pais». Portanto esta era a pedagogia do Padre Moniz, era a cultura, a formação profissional e não só. Ensinava-os a pescar, e eles depois que fossem, de facto, tratar da (…), dava-lhes os instrumentos e eles depois iriam...

E então um dia - ia a dizer há bocadinho e dei este salto - havia em Vila Franca apenas uma procissão na rua por ano, que era o chamado Encerramento do Mês de Maio. E ficámos a pensar, mas vamos pôr os andores todos na rua, mas a propósito de quê? O que é que a gente há de fazer? Portanto surgiu a ideia de os andores ficam todos dentro da Igreja, como isto é homenagem à Nossa Senhora vai só a Nossa Senhora. E na vez dos andores vamos pôr cartazes com frases, com estatísticas de falta de camas de hospital, com faltas de... infelizmente não há uma fotografia desse acontecimento. Que foi de facto, foi chocante para os beatos, para os praticantes, foi chocante também para o poder político que não tolerou aquilo. O próprio Prior, que era um homem que falava muito bem, ia ouvir as homilias de fora e dizia: «Você fala e depois eu é que vou preso». Mas, portanto, eu era mais ativista do que ele. E ele diz-me: «Carlos Cruz você coloca-me sempre dentro de factos consumados». Ele só se apercebeu disto no próprio dia, já na rua, na procissão. [Risos] Ele não via os andores. Portanto isto foi com os jovens. (…)
Eu penso que a procissão foi aí em 70. Também não há datas exatas. Como isto não foi escrito e não há fotografias. Têm andado atrás de mim a ver se eu me recordo. Recordo-me disto: do cenário, das datas. Não tenho hipóteses agora de…mas foi entre 69, 70 que isto deve ter acontecido. Este tal CASI, uma das preocupações que teve também para ocupar profissionalmente os rapazes, foi arranjar trabalho. E então transformou-se também em construtor civil (por isso é que o Patriarca não queria que eu fosse para lá que isto Padres Operários isso é coisa que, é impensável, é inadmissível). E então estes da Construção Civil, construíram bairros de casas económicas, uma série de vivendas, ainda lá estão, ainda existem.

E a certa altura, já estava eu como professor, há um amigo - um Padre que tinha sido meu professor de Filosofia no Seminário dos Olivais, que me perguntou se eu podia arranjar trabalho também como professor de Religião e Moral, na escola de Vila Franca de Xira. E arranjei. E consegui, tive a sorte de uma das tais vivendas vagar e ficou para ela. Só que essa minha amiga (que morreu, era uma ativista espetacular, grande guia cultural do património de Santarém chamava-se a Rosalina Melro. Ainda hoje pessoa de memória) ficou lá dois anos (portanto do ano 68/69 ela resolveu ir para Santarém, exatamente no ano em que eu também sou expulso da escola e da função pública. Ela não foi expulsa porque mudou para Santarém). Quando ela foi embora eu cativei o espaço exatamente para dar a possibilidade de jovens poderem usar aquilo. Esse é o tal 34.

O 34 tem uma função espetacular na vida cultural da terra, quer dizer, porque tornou-se um Pólo por onde passaram figuras — estou a lembrar-me do Jaime Gralheiro, que foi depois Presidente da Câmara de São Pedro do Sul (o Cineteatro tem o nome dele). Que veio ali estrear peças proibidas, a ler as peças proibidas de teatro que ele escreveu ali. E o Fanhais, a Catarina Pestana, que foi diretora da Casa Pia. Passou por ali muita gente, alguns, muitos deles já morreram. Esse 34, portanto, lá viveu o Pedro Soares também e muitos outros jovens. Eu tinha lá sempre um espaço cativo, para dar um bocado a imagem de que aquilo não era... estava arrendado em meu nome, eu estava a pagar a renda ao CASI, estava arrendado em meu nome.

Aí viveram, aí enfim, aí conviveram, aí conheceram as namoradas e as companheiras, como o caso do Chico Braga com a Rosa Braga. Ainda hoje muitos destes jovens de lembram do bem que foi e têm manifestado em testemunhos a importância que [o CASI] teve na vida deles, na formação deles. E era um espaço onde veio o Zeca Afonso duas vezes, naquelas noites de baladas. De resto, o Zeca Afonso foi uma personagem importante na minha viragem, aí sim, política, não é? O Zeca Afonso vai lá e até estávamos ligeiramente ligados a um movimento chamado LUAR, na altura do Camilo Mortágua, etc. (...) agora que me lembrei do Camilo Mortágua, que me lembrei da LUAR, conto um episódio. A certa altura o Palma Inácio estava preso na cadeia do Porto e conseguiu fugir, conseguiu evadir-se de lá. E então aparece em grandes parangonas nos jornais, primeira página que davam 50 contos, em 1967, 68 talvez, ou 69 já, não me lembro (...) e então 50 contos a quem denuncia-se o paradeiro de Palma Inácio. E eu agarrei este tema dos jornais para o trabalhar com os alunos nas aulas de Moral. Dizendo: «Olha, houve um traidor de Jesus Cristo - o Judas, também por 30 dinheiros vendeu-o. Agora vejam lá, de facto, a decência destas atitudes». Portanto, aproveitava estes factos para despertar a consciência das pessoas, a consciência critica.

A minha preocupação não era por estar ligado a partidos - nunca estive ligado a nenhum partido a não ser à CDE que ajudei com uns jovens de Vila Franca, da Paróquia, também a fundar. Viemos a várias reuniões ao Palácio Fronteira, quando se começou a formar… a constituir a CDE. Lá conheci o Presidente que morreu, o Jorge Sampaio. Aí foi preso um amigo que não está cá infelizmente, está em Paris (que também devia ser ouvido que é o Joaquim Alberto). E o Jorge Sampaio acompanha já nessa altura, ficamos a noite no Governo Civil. Ele foi preso pelo Capitão Maltês, porque estávamos no Palácio Fronteira nestas reuniões - semiclandestinas, claro - e o Capitão Maltês dá ordem de dispersar do Palácio Fronteira e este Joaquim Alberto, mais aguerrido, acaba por ... enfim por provocar o Capitão Maltês. Ele prendeu-o... veio pró Governo Civil.

Com o aparecimento do 34, (...) há necessidade também de tentar combates à Guerra Colonial. E aí, ligado também à LUAR, qual foi a minha participação com este tal Joaquim Alberto que estava em Paris? (…) O Joaquim Alberto teve que desertar para Paris - e aí criou uma casa (que era a dele, mas também uma casa de acolhimento). Principalmente de apoio a portugueses que chegavam — na altura era a época da emigração clandestina. (A gente hoje esquece-se quando recebe os emigrantes que vêm, coitados, mas esquece-se daquilo que passou e o que viveu, o que foi Champigny, o que foi de facto essa exploração). Tínhamos lá essa casa, mas sobretudo para recolha, para acolhimento e apoio a oficiais desertores do exército. Portanto uma das coisas que eu tentei (ligado a este movimento) foi… não era eu que os aliciava, eles eram aliciados, mas iam ter comigo à paróquia de Vila Franca de Xira. E daí eu fiz um estágio, entre aspas, numa terra chamada Quadrazais, lá prós lados de Sabugal, que é, era a zona dos contrabandistas. Aí acampei e curiosamente o Padre Moniz quis ir comigo e fomos. Tivemos ali assim uns dias para ver como é que se podia passar a fronteira, dar apoio a esta gente. Não resultava porque as pessoas eram muito curiosas: «O que é que estão aqui a fazer?», portanto pensámos: «Somos descobertos logo à primeira, na primeira passagem».

Então depois descobri um outro processo, como eu já tinha saído no SudExpress para França, verifiquei que a PIDE acompanhava até Vilar Formoso, mas depois saía. E o comboio ficava ali parado meia hora, ficava um tempo razoável.

Eu tinha uma 4L que foi de facto uma carrinha da resistência, não é? Uma 4L. E então na 4L o que é que eu fiz? (...) As primeiras pessoas que me chegaram a Vila Franca e queriam..., veio um Oficial da Guiné e lá o fui levar. A ele e a outros. Meti-os na minha 4L com um lanchezinho, uma merenda. Na altura levava-se um dia inteiro para chegar a Vila Formoso, porque [Risos] a estrada era... não é o que é hoje! Não [havia] autoestrada! Parávamos pelo caminho para comer alguma coisa e quando chegava a Vilar Formoso eu ouvia o comboio chegar, não estava por ali perto, sabia o tempo que aquilo... E então estava parado para partir e no momento da partida já não havia PIDE dentro do comboio, portanto eles saiam ali, fiz essa análise. Metia-os dentro do comboio e, sem bilhete, sem malas, sem nada, portanto só com a roupa e alguns trocos, digamos assim - e compravam o bilhete na estação (...) seguinte - penso que é Fuentes de Onor, já não me lembro bem qual é a seguinte onde o comboio parava, pronto.

Uma das tais pessoas, desertoras que eu levei, um dia em 72 (…sim é 72), veio comandado pela LUAR para algumas ações. Portanto havia (...) gente cá dentro. Nessa altura havia um sujeito que também morava aqui em Algés em casa de quem me apanharam (nessa altura eu vivia com a mãe do meu filho, Madalena Pestana, irmã da tal Catalina Pestana. E esse, o pai estava no Alentejo, numa herdade que tinha também em nome da LUAR, para uma herdade, armado em grande senhor) (…). Para quê? A LUAR tinha aí dez mil quilos de explosivos não para pôr pontes abaixo, como a PIDE depois dizia: «Vocês querem é tal tal tal…». [Eu]: «Não, a gente não quer nem pôr pontes abaixo, nem escolas abaixo. Olhe eu não quero nada, eu quero é que o Mundo seja bom». E pronto, foi assim. Mas esse tal Agostinho Pestana depois acabou por saber que nós tínhamos sido presos aqui, foi avisado, e foi-se embora, fugiu, conseguiu passar. Portanto, e um desses tais jovens que eu tinha ajudado a passar, veio, é apanhado aqui num dos cafés, aqui assim em Lisboa. E é apanhado com agenda e com nomes e com contactos. E são esses contactos que vão levando dia após dia gente pra Caxias. Eu ficava admirado, mas porque é que isto está a acontecer?

Portanto eu fui apanhado aqui de surpresa. Eu vivia em Vila Franca de Xira e vinha aqui, na Duarte de Almeida já aqui ao cimo desta subida à esquerda, numa destas ruas. Fui apanhado de madrugada, eles arrombaram a porta, entraram e depois instalaram-se lá dentro. Levaram-me a mim, à Madalena que estava grávida quase de... eu fui preso em maio, o meu filho nasceu a 29 de Julho, portanto ela estava com uma barriga razoável. Levaram a mim, a ela e à mãe. Fomos todos presos todos na mesma carrinha, lá nos separaram.

Mas eles mantiveram-se dentro de casa durante vários dias. Recebiam o pão, recebiam o leite, desmontaram as janelas para ver se via... reviraram os vasos porque estavam à procura dos tais explosivos. (…) Porque esse tal Nelson… não sabia onde é que estava o homem dos explosivos, mas resolveu falar. (Pronto, ... isto aqui não é um julgamento, porque quem lá esteve é que sabe o que é que é difícil, como é que consegue safar-se ou não). E esse Nelson deu algumas indicações e, portanto, andavam à procura do homem dos explosivos. É por isso que me encontram ali. Quando me encontram conheciam-me como coadjutor de Vila Franca - estou a lembrar-me da expressão do Chefe Capela: «'Tão você está aqui? 'Tá aqui?». Pronto e levaram-me. E aí estive também esse tempo razoável.

Como eu tinha sido preso com a Madalena grávida do meu primeiro filho, do Mário. (E que está hoje a fazer um exame na Ordem dos Médicos, deve estar aflito [Risos]). Disseram: «Você enquanto não falar, não só não sai daqui, mas a sua companheira também não sai. Também não sai». E aí fiquei um bocado preocupado, porque pensei assim...: «Bem, grávida, cá dentro».

E outra preocupação que eu tinha: eu já tinha abandonado, de facto, o serviço paroquial e tinha sido convidado por um ex-aluno meu (também já faleceu, metalúrgico) a trabalhar com eles, com os metalúrgicos. Portanto, nesse âmbito ainda de coadjutor abri-lhes a Delegação dos Metalúrgicos em Vila Franca de Xira, que ainda hoje existe. Existe a União hoje. Ainda existe. E era aí que eu ia buscar o meu ordenado, para meu sustento e da família. Portanto a minha preocupação quando fui preso: «Agora como é que a Madalena e a mãe vão sobreviver?». Mas aí tive a sorte que a direção do Sindicato - um deles era este Jerónimo de Sousa, na altura foi meu patrão, digamos assim. Eu era secretário interino do Sindicato nessa altura. Mas eles garantiram-me. (...) Houve dois que conseguiram entrar e falaram comigo e disseram: «Fique descansado, que nós garantimos o salário até ao julgamento. Depois se for condenado...». E aí fiquei tranquilo. Mas fiquei tranquilo também por outra razão. É que a Madalena tinha um xaile daqueles de Viana do Castelo, das minhotas, não é? É um xaile espampanante. E a certa altura eu estava virado para o Estádio Nacional. Portanto as pessoas podiam vir a pé até quase à entrada, vinham a pé. E há um dia que eu venho à janela e vejo a Madalena com o xaile. E pensei: «Pronto, afinal ela está livre». Eles continuavam a dizer que ela estava presa, e eu não reagia. Disse depois: «Vocês acham que fazem bem a uma criança que está, que isto é…», enfim. Ia também jogando a minha chantagem. Mas fiquei tranquilo e assim.

Depois disto tudo é que eu vou estar lá os tais 10 dias e 10 noites na tortura de sono. Aí os diálogos foram interessantes e graças à minha (...) enfim, tenho impressão de que inspiro um certo ar de bondade. E um dos PIDEs que me guardava, era um tal de Benquerenças guardava-me enfim, da meia-noite às duas. Depois aquilo mudava de duas em duas horas. «Ah, você uma pessoa tão boa. Diga o que tem pra dizer. Escreva pra estes gajos. Você nem imagina como eles são», e tal. E depois começou-me a falar dos problemas familiares dele. E eu transformei-me em conselheiro dele. E é, nestes diálogos, durante 4 noites que eu consigo saber quem é que tinha fugido, que eles queriam prender, quem é que estava

preso. E, portanto, a partir daqui, julguei eu, eu consigo saber quem é que não…: «Está aqui um tal Nelson, está aqui um tal Anjos que sabe tudo de si e já falou e já escreveu». E disse ao senhor Benquerenças: «Eu anjos, só conheço o meu anjo da guarda, não conheço mais anjo nenhum». E de facto não sabia quem era. Mas penso que lá para terceira noite ele diz o nome Nelson. Quando ele diz o nome de Nelson eu digo: Nelson de Rosário Anjos - fixei o nome do tal que fui levar. E aí é que eu soube que ele estava preso, pronto. E pensei: «Bem, por aqui estou um bocado tramado, ele também não sabe muito da minha vida, nem sabe que eu que sei da história dos explosivos lá em baixo em Portel». Mas pronto, foi assim. Joguei, mas joguei à conta do meu corpo. Isto é, não me safei da tortura do sono. Que eles queriam que eu dissesse, que eu escrevesse. Sobretudo violência verbal. E ameaças físicas, sim, sempre no intuito de me fazerem falar. Mas a tortura mais [difícil], de facto, foi a tortura do sono. De resto não me chegaram a bater. Atiravam-me as cadeiras para os pés. Quando a gente descai com o sono e qualquer ruído é uma coisa, de facto, pavorosa. Psicologicamente ficamos muito perturbados. Portanto, a partir de certa altura a sala de interrogatório é praticamente metade, deve ser metade desta. Portanto andamos pra trás e pra diante. Lembro-me porque de facto o grande drama era ver nascer o sol: «Como é que eu vou passar isto até à noite?». E quando caía a noite: «Como é que eu vou passar a noite?». Era isto. Era estar de dia, começar o dia sem saber como é que ia acabar o dia. Depois sempre na esperança de que me mandassem embora.

Certa altura, ao fim desses dias, mandaram-me embora... mandaram-me embora, quer dizer, mandaram-me em isolamento pró quarto. Não obtiveram nenhuma informação nem verbal nem escrita, mandaram-me pró quarto. A certa altura apareceram, para fazer a barba, fizeram-me a barba. E depois foram-me buscar para ir ver… tinha visitas. A primeira e única vez que tive visitas. E quando chego, de facto, aquilo era, portanto, uma sala com um vidro ao meio. E quando vejo, quando entro, vejo a minha mãe, que veio de Aveiro, coitada. Aquelas pessoas, vir de Aveiro... Nem sei como é que chegaram a Caxias! Tenho uma irmã gémea, também vinha. Um outro irmão, que morreu o ano passado, também veio. Mas o que me ficou na memória e no coração foi: «Como é que esta gente chegou aqui? Com dificuldades económicas, não é? Como é que chegou aqui?» E a outra coisa foi a minha mãe dizer: «Vês? Há tanto tempo que te ando a dizer para não te meteres nisto», e o PIDE a ouvir. Disse: «Ó mãe, mas eu não estou metido em nada. Olhe, vão-se embora, vão pra longe e não voltem cá porque não é preciso cá voltar». E de facto não voltaram. Portanto tudo isto são torturas, são torturas.

Estive praticamente um mês no isolamento, depois passei ao regime comum. E foram-me um dia buscar à noite (...) e eu pensei: «O que é que será agora?». (...) Insultaram-me, maltrataram-me. Eu tinha tido 10 dias e 10 noites de tortura de sono antes, não é? Enfim, passar outra vez a noite nisto. Mas não passei a noite, passei só a meia-noite. Maltrataram-me. Insultaram-me. Enfim, com aqueles palavrões todos deles: «Afinal andou práqui a mentir. Você foi buscar uma mala a Pombal. O que é que a mala tinha?». Eu assim «Mala a Pombal?». Quer dizer, comecei a tentar dar voltas à memória - eu sabia exatamente o que é que era. (…) Aconteceu eu ir a Pombal, com a tal 4L, coitadinha, levantar uma outra mala. Mas com essa 4L eu tinha tido um acidente. Tinha tido, isto é, ia uma outra pessoa a guiar (uma Charlotte que mais tarde também andou embrulhada nisto, uma francesa). E tinha tido um acidente e a carrinha ficou em Pombal, eu vim de ambulância para Lisboa. E então tive que voltar à oficina já com a carrinha e aproveitei para levantar uma mala em Pombal. A mala era deste Francisco, deste Chico Braga). Mas lá lhes disse: «Pois, já me lembro, eu tive um acidente em Pombal. E um dia que tive de ir à oficina. E uns amigos pediram-me para levantar uma mala que tinham despachado de Paris. E eu... Mas eu a mala não a abri». Pronto, eles depois souberam da mala, lá fui um bocado mais… tive um

mau bocado porque senti que tinha mentido. E nós no seminário temos esta formação de que mentir é mau, é feio.

Estive no isolamento, mas aí ao fim de talvez uns 10 dias, entrou-me um sujeito pelo quarto (...) — e o que é curioso é o seguinte, eu estudei 6 anos no Seminário dos Olivais, 3 num lado - 3 em Santarém, 3 em Almada e 6 no Seminário dos Olivais. E quando chego a Caxias, Caxias é exatamente - tem a mesma configuração do Seminário dos Olivais. Um quartinho, com uma casa de banho. Eu pensei: «O arquiteto foi o mesmo, lá o grande homem, Nuno Teotónio Pereira - que já morreu também, que foi um grande ativista». Tinha beliches, que nos Olivais é um quarto, não há beliches, é uma cama, de resto nós não podíamos (...) não se pode partilhar quarto no Seminário. (…) Caxias tem, de facto tinha beliches. Tinha e devem ter os quartos em beliches. E a certa altura eu vejo entrar pelo quarto dentro um sujeito com uma toalha debaixo do braço, e eu pensei: deve ser algum PIDE pra me espiar. Portanto ficamos os dois desconfiados um do outro, durante tempo. Comíamos lá dentro - iam lá trazer-nos o comer. Pra nos entretermos, (ele era casado - tinha aliança pelo menos, eu achei que era casado). Tinha uma aliança. Nós com moedas tentávamos enfiar as moedas dentro da aliança. Ficou com algumas mossas para nos irmos entretendo. «Mas porque é que estás aqui preso?» [pensei], e a gente cautelosamente não diz tudo, até que lá percebi que ele estava ligado ao mesmo movimento da LUAR, é um tipo de Árgea, ali perto de Torres Novas (...) que é o Quintas. Lá esteve preso também comigo ali, até passarmos depois ao regime comum. E conheço outros que tiveram presos, claro. Conheci várias pessoas. (Este Quintas também sugeri que o contactassem, para ser entrevistado também. Depois ele saiu para a Bélgica e teve ao serviço do Rei da Bélgica como motorista, e agora está reformado).

Encontrei um documento de quando eu fui preso no dia 12 de maio de 72, quando estava à procura de uns documentos. (...) E encontrei um texto que o grupo de Vila Franca de Xira, (…) mais gente ligada ao Partido Comunista, que fizeram um documento, no fundo de protesto da minha prisão e um pedido ao Patriarca - que já era outro, era o Dom António Ribeiro - para ele intervir. Dizendo as razões: que tinha sido preso, não sabia de mim, que estava doente, enfim…, está lá escrito. E que foram ao Dom António Ribeiro pedir-lhe para ele intervir. E ele responde-lhes que em Caxias não podia fazer nada, mas havia uma coisa que ele podia fazer e ia fazer. (...) Quando nós nos desligamos da Igreja ou pedimos, ou não pedimos nada. A minha tese era não pedir nada: «Eu acho que tenho vocação para ser Padre e é assim que eu quero ser. Não me querem assim, mas não saio daqui». Então eles elaboram um processo chamado Processo de Redução ao Estado Laical, portanto uma saída compulsiva. E ele diz: «Há uma coisa que eu posso fazer. Vou parar este processo, porque se ele sair agora eles vão buscá-lo, vai pra tropa e vai pra Guerra Colonial». E pronto, de facto o processo... oficialmente sou ligado ainda [à igreja]. Não estou desligado de nada, nem ligado a nada, mas continuo a ser um ativista. Costumo dizer que eu não sou um Cristão praticante, sou um Cristão militante.

Mas esse foi de facto, foi um mau bocado também que passei. Lá estive. E depois graças à intervenção deste homem que morreu ontem, o Padre Vítor Feytor Pinto, lá consegui daí a uns dias sair. Mas saí com esta ameaça do Inspetor Tinoco: «Você tem muitas velas acesas lá dentro. E não conseguimos ter provas políticas contra si. Mas só pelo muito mal que fez à juventude em Vila Franca devia ficar cá preso». E eu disse: «Oh, um bonito critério para prender uma pessoa». «Mas vá, daqui a pouco voltará a estar cá» [concluiu o Tinoco].

Esta situação, quando eu fui preso a última vez, não fui condenado por razões políticas porque de facto tive a sorte de conseguir saber quem estava preso e quem não estava

preso. E percebi que quem não estava preso, ou melhor, quem conseguiu fugir não estava, e, portanto, não me podia incriminar a mim. Tive a sorte de sair afiançado para assistir ao nascimento do meu filho. E foi este tal Padre Vítor Feytor Pinto que morreu ontem, amigo da Catarina Catalina Pestana, que me conseguiu. Emprestaram-me aqui 30 contos pra eu sair. Saio afiançado. Depois a PIDE elabora um outro processo por passador clandestino. Uma vez que eu tinha levado as pessoas. Disse sempre que não, que não levei, mas enfim. Quer dizer a certa altura a tal 4L também servia para distribuir cadernos que se fazia aqui (...) em Belém, era o Padre Felicidade, chamado GEDOC. E eu fazia, tinha uma rede de distribuição. E disse [diálogo]: «Não, um dia apareceram umas pessoas, dei-lhes boleia até à Guarda». «Ah, estenda mais um bocadinho, vá até Vilar Formoso». «Não, não fui até Vilar...» Pronto, isto para dizer que depois acabei por ser julgado na Guarda e foi o próprio Juiz, quando estava lá a sala cheia de PIDEs e de gente, que me diz: «Você vem acusado como passador clandestino, sabe o que é que é passador ...?». «Olhe, não sei, nunca passei, quer dizer não sou passador». E ele foi-me fazendo as perguntas para desmontar a tal figura do passador clandestino. E a certa altura termina assim «Pronto então, afinal você não é passador clandestino. Você ajudou a passar pessoas ilegais, mas por canais legais». A expressão dele, portanto o problema de facto foi este. [risos]

As outras [prisões] anteriores passei sempre pela António Maria Cardoso. E a primeira semana que fui preso, a primeira semana certamente em 68, talvez, ou finais de 67. Isso posso ver aí depois nos papéis, mas... mas é pela António Maria Cardoso. Esta foi diretamente para Caxias. Foi pra e lá fiquei em Caxias.

Desde a primeira, que fui apanhado na Faculdade de Letras - ia pra uma frequência de francês havia lá grande convulsão. Mas tinha levantado umas malas que vinham de Paris em Santa Apolónia. (...) Eu nessa altura conduzia uma camioneta de 3500kg, daquelas camionetas de caixa aberta, para entregar as tais obras que os rapazes do CASI faziam. E fui prá frequência, levei a camioneta. Tinha toldo, meti as malas lá dentro. Houve paralisação de aulas, não houve frequências nenhumas e, portanto, a polícia viu as camionetas, viu as malas. Comigo tinha um casal que eram os donos das malas, que ela era francesa ele tinha sido meu colega do curso do Seminário, o Jorge Vilaça. E pronto levaram-nos. Quando eu tento arrancar com a carrinha, o Jorge Vilaça e a Dominique, a companheira, entraram para dentro, para a cabine. E dispararam dois carros, um da frente outro de trás e encurralaram-me. Fiquei a olhar. Mandaram sair o casal. E meteram-se os polícias lá dentro e mandaram-me conduzir a carrinha para (...) - no fundo da Universidade (...) naquela rotunda de Entrecampos, não é? Havia aí um posto de polícia, não sei se ainda há se não. Fui para ai. E daí a carrinha desapareceu, ninguém me viu mais. Fui pra António Maria Cardoso. Andaram uma semana à minha procura, procuraram o Tejo a pensar que eu tinha caído dentro do Tejo... Até que há um amigo, um colega que passa pela António Maria Cardoso e vê a carrinha, conheceu e foi dizer a Vila Franca o que viu lá e que eu estava preso, pronto.

Essas malas eram porquê? Havia necessidade de fazer entrar em Portugal coisas de uma forma clandestina e nós à procura de vários processos. Um deles era despachar malas, mas ver em que estação é que as malas não eram abertas. Estas vieram, estas que eram do Jorge Vilaça e da Dominique, que eu fui levantar no dia de manhã e ia fardado de Padre, que era para, enfim, para incutir mais crédito. E eles [os despachantes] queriam...: «Mas isso não pode ser assim, isso tem que ser aberto». E eu disse: «Mas, aberto como? O que vem aí é de um colega meu, que vem de Paris, são livros dele. E eu tenho agora um exame na faculdade… Tenho agora um exame na faculdade às 9 horas tenho de me ir embora». E tanto insisti que os homens deram-me as malas sem as abrir. Mas verificamos que elas

aí seriam abertas. É com essas malas que eu sou preso. E como eles andavam à procura de outras malas - malas que hipoteticamente passariam com explosivos. Apanharam-me essas. Não podia negar que não andei com essas malas. Eram só essas. Eles abriram as malas e só viram propaganda, revistas, que eram de facto textos de intervenção, portanto eram feitos para a LUAR mas eram impressos lá e vinham para cá. Era isso, é subversivo, mas enfim não há explosivos. Havia roupas …

Aí foi muito difícil porque era a minha primeira, o meu batismo de prisão. Nem imaginava o que é que aquilo era, nem como é que era. E pronto, houve aqui uns momentos muito difíceis. Quer dizer, sou uma pessoa... perco o medo quando estou a agir, mas depois quando me prendem fico em pânico. Fiquei um bocado em pânico. E em pânico porquê? Porque nesta minha primeira prisão, que foi a uma segunda-feira, nunca mais me esquece. Na sexta-feira anterior tinha recebido uma guia que vinha de Lovaina trazer-me uma carta também de um ex-colega de curso de Seminário. Leio a carta e a pedir-me para ir a Alhos Vedros logo que pudesse, ver se arranjava uma bicicleta pra uma família que eram pais de uma militante que tinha participado no assalto ao banco da Figueira da Foz, portanto os pais não podiam ter trabalho e queriam ir pelo Alentejo abaixo ver se arranjavam trabalho e precisavam de uma bicicleta. Eu guardei a carta e deixei-a em cima da secretária, no meu local de trabalho, onde eu dormia. O meu quarto era quarto e escritório lá nesse CASI também. Quando eles me começam a interrogar, não no dia em que me prenderam, mas no dia seguinte. E dizem-me assim: «Pronto, nós fomos ao seu quarto e encontramos as provas de tudo o que precisamos, portanto escusa de perder muito tempo a negar». E aí eu lembrei-me da carta e pensei: estou desgraçado [Risos]. Nunca mais daqui saio. Pronto, entretanto batem à porta, a brigada, que era o Chefe Capela e o Inspetor Tinoco. Saem e estiveram aí uma hora sem aparecer. Era o PIDE de guarda que me sentiu um bocado perturbado: «Eh, você tenha calma e tal, mas fale rapidamente se não eles dão cabo de si».

Nem o podia ouvir falar, estava tão perturbado. Quando voltaram começaram a conversa, mas já de outra maneira, a dizer: «Portanto como estávamos a dizer há bocadinho, encontramos lá os stencils da propaganda política que anda a ser distribuída por Lisboa». Eu aí respirei. E nunca falaram da carta. (...) O meu grande drama era a carta. Stencils disse: «Olhe, se lá estavam...». (Stencils porquê? Porque havia uma máquina, uma policopiadora já elétrica, já avançada, que eu tinha comprado ao Padre Felicidade aqui no Mosteiro dos Jerónimos quando ele deixou a paróquia. Levei-a para Vila Franca. O Pedro Soares, esta gente toda depois viu a máquina e enfim, ainda a utilizou. Mas dentro das gavetas estavam de facto stencils e eu nem tive tempo de ver o que estava dentro das gavetas. Portanto e eles encontraram e disse: «Olhe se lá estavam, é porque alguém os lá pôs. Ou os senhores os puseram para me incriminar, mas eu não tenho (...)». Assim passou a primeira semana: confessa, não confessa; nega, não nega. Esta foi a primeira semana.

Portanto, várias vezes me soltavam no mesmo dia, sem perguntar se eu tinha dinheiro para a viagem ou não. [Risos] Era assim. Naqueles tempos era assim.

As outras, olhe, uma vez foram-me buscar ao cemitério, tinha acabado de enterrar um morto e foram-me buscar a cemitério, mesmo de batina e tudo. Uma das vezes foram-me buscar por causa do Pedro Soares, porque ele vivia lá no tal 34 e tinham encontrado (...) até devem ter exagerado. Encontraram uma divisão, que era a despensa, juncada de Avantes e levaram-me para a António Maria Cardoso pra justificar aquilo. Eu felizmente não sabia: «Não sei, não sei, não sei». Uma outra, foram encontrados uma série de documentos, desses tais documentos de propaganda e houve um jovem, que já morreu, coitado, há

pouco tempo, que disse que eu é que os tinha dado. Portanto foram-me outra vez buscar para justificar isso tudo. Era assim, eram prisões rápidas. Uma vez foram-me buscar a uma coisa chamada, um restaurante chamado Flora, que era também do CASI. 'Tava a almoçar com o Prior, chamaram-me à porta. Caí na asneira de vir, ingénuo. E olhe: «É só para ir aqui ao posto, justificar umas coisas Já volta». Nunca mais voltei, fui outra vez para... era assim que eles faziam as coisas.

Ainda tinha um bocado a proteção da Igreja e eles tinham algum, enfim, algum cuidado.

Eu saio da prisão e continuo a pensar que é preciso fazer alguma coisa. Portanto saio da prisão em julho de 72 e as coisas começaram a complicar-se não é? Nessa altura eu já não vivia com a mãe do meu filho, ou melhor ela é que já não vivia comigo (para sermos mais corretos). Portanto estava, continuava a trabalhar no Sindicato dos Metalúrgicos, donde tinha saído para a prisão. Eu ainda tentei o ensino em estabelecimentos particulares, só que era obrigatório pedir uma coisa chamada Diploma do Ensino Particular. E quando ia o requerimento para o Diploma, no Ministério, logo viam a ligação à PIDE, portanto os colegas despediam-me logo: «Olhe desculpe lá, gostamos muito do seu trabalho…» - estive a dar latim e grego ali no Rato, num colégio que havia ali na Rua de Salitre, depois vim aqui pra Belém. Quer dizer, logo que eu pedia o Diploma do Ensino Particular para regularizar a situação era despedido, portanto. Ainda comprei um pedacito de terra ali perto da Azambuja assim: «Bem, ao menos vou plantar alfaces e feijão para me governar». Quer dizer, era assim que a gente pensava na altura.

Havia uma coisa em que eu também estava envolvido e tentei envolver jovens de Vila Franca lá da Paróquia, que era a Capela do Rato. Para dizer de facto que no sector Católico havia gente que estava alerta e que lutava contra as injustiças que via, tanto sociais como, de facto, na guerra. Os jovens estavam a ir pra guerra e... Havia a Capela do Rato e há um célebre dia em que eu vou para a Capela do Rato, mas aquilo já tinha, já a polícia tinha intervindo lá. Já não havia... e ainda bem que não cheguei a tempo. Safei-me dessa também. (…) Quando a malta foi presa lá na Capela do Rato em dezembro de 72. (...) Era a missa, a chamada Eucaristia, mas depois era pra discutir o problema da guerra. Que não se podia. De resto, antes tinha-se feito uma ocupação da Igreja São Domingos. O Papa Paulo VI instituiu o Dia Mundial da Paz. E no primeiro Dia Mundial da Paz nós fomos para a Vigília da Paz. Nós enchemos a igreja, muita gente veio de Vila Franca e tudo. Na Vigília da Paz e no final é até o Fanhais mais uma Conceição Moita, que também morreu o ano passado - esta gente vai morrendo, é normal. Vamos ter com o Bispo, com o Patriarca e a dizer-lhe: «Pronto, fez-se a Vigília da Paz. Nem uma palavra sobre a Guerra Colonial, a que estamos há tantos anos. Nós agora vamos continuar a nossa vigília contra a guerra». O Patriarca disse: «Nem pensar, vão-se embora», e a gente ocupou aquilo. O Prior era o célebre Cónego Asseca, destes títulos nobiliárquicos e lá ficamos até sermos corridos lá pra fora, já de Madrugada. Pronto, e estes gestos, estes atos… portanto no sector Católico havia, de facto, grandes movimentações.

Gostava que os jovens tomassem consciência de que independentemente das suas filiações partidárias, tomassem consciência da importância da bondade. De resto o José Saramago diz que: «Se houvesse bondade, a justiça não era precisa. Nem a religião». Portanto, de facto a bondade é um fator importantíssimo, também muito divulgado pelo Papa Francisco, falando que Deus é exatamente isso. Que os jovens se empenhassem de uma forma dada, doada ao bem público. Mais do que… Hoje fala-se muito do poder, poder local, poder local. O poder é de facto a palavra que corrompe. Portanto, quando as pessoas se sentam nas cadeiras para serviço público tudo vai, quando é para poder, é o que a gente

vê: ou estagnação, como na cidade em que eu vivo, Santarém, ou então corrupção. Que se combata a corrupção, que se ponham os bens e os dotes pessoais ao serviço do bem público."

Clemente Alves

Ano nascimento: 1952
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 18-10.2021

"Eu passei a minha juventude numa vila predominantemente operária - Moscavide, ali perto dos Olivais. Onde a população, em geral, sofria de muitas carências. Era uma vila cercada de bairros de lata, de gente que trabalhava, mas que era miserável nas condições de vida. Eu era filho de uma família que tinha seis filhos. Os meus pais eram analfabetos, trabalharam desde que se conheceram. Esta realidade em determinado momento começou a questionar-me: se isto era assim para ser assim ou se alguma coisa tinha de mudar.

Comecei a trabalhar aos 12 anos, mal saí da escola primária, por necessidade material, de ajudar ao orçamento da minha família. Mal entrei na oficina comecei a ser politizado pelos operários, que colocavam questões já em termos de reivindicação de melhores condições de trabalho, de melhores salários, etc. Este confronto todo obrigou-me a despertar para a necessidade de, também eu, participar nestes processos, que visavam melhorar as condições materiais da vida das pessoas que trabalhavam. Mas também ia mais longe.

Havia um operário muito velhinho, já reformado, tinha trabalhado no arsenal do Alfeite, onde tinha adquirido formação política. Como se sabe, o arsenal do Alfeite tinha uma grande organização clandestina do PCP. Ele era membro do PCP, soube-o muito mais tarde, que tratou de mim, digamos, [Risos] tratou de me transmitir algumas noções básicas do que era o PCP, o que é que ele se propunha fazer.

Simultaneamente eu e um grupo de jovens frequentávamos um centro social e cultural em Moscavide, onde demos início a um conjunto de atividades. O centro estava praticamente morto em termos de atividade e um grupo de jovens, de que eu fazia parte, sentiu necessidade de criar ali alguma atividade para, por um lado nos ocuparmos e para, para outro lado, transmitirmos algum conhecimento.

Começámos por formar uma biblioteca. Cada um trouxe de sua casa os livros que tinha, eu trouxe os meus. Também havia umas salas - nós aproveitámos as salas para fazer exposições de arte, para convívios a que levámos os cantores da época - Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira, o Francisco Fanhais. Esta atividade começou a dar nas vistas, porque começou a atrair muita gente para ali e, naturalmente, que os informadores da PIDE também se aperceberam disto e começaram a fazer informação para a PIDE sobre a atividade que nós - este grupo de jovens - ali realizava. Não só a PIDE, mas também os membros do PCP que havia em Moscavide. Também notaram esta atividade e aproximaram-se. Uma noite, um jovem que eu desconhecia, abordou-me para falar do Partido Comunista e para me propor que aderisse ao Partido Comunista.

Eu tinha muitas reservas, apesar das conversas que o meu [Risos] mestre operário ex-arsenalista tinha tido comigo, eu tinha algumas reservas. A minha formação era católica, na igreja ouvia dizer que os comunistas eram [Risos] parentes afastados do Diabo - eram vermelhos e o vermelho era conotado com sangue, com o Diabo, com essas coisas todas. E eu tinha as minhas reservas. No entanto, decidi aderir ao Partido Comunista, porque este

jovem me disse que o Partido Comunista era a única organização que lutava contra o fascismo, que se propunha a construir uma sociedade democrática, onde todos pudéssemos falar à vontade, onde houvesse liberdade de expressão, onde pudéssemos manifestar as nossas opiniões. Isto para mim, na altura com 14 / 15 anos, era importantíssimo, porque eu não concebia que eu não pudesse falar com um amigo meu de tudo aquilo que eu e esse meu amigo quiséssemos falar.

Como se sabe, não havia liberdade de expressão em Portugal e quem fosse «apanhado» a falar de temas como a guerra colonial… por exemplo - que era uma questão bem presente, sobretudo para a juventude no meu tempo. Nós sabíamos que assim que tivéssemos 18/ 19 / 20 anos eramos incorporados no serviço militar e iriamos combater numa das três frentes de guerra que se travavam em África e isso era uma questão que nos preocupava a todos, porque eu já achava que estas guerras não eram justas. Se eram guerras contra povos naturais era porque esses povos sentiam a mesma necessidade que eu sentia, de ter coisas que eu não tinha. Esses povos também, de certeza que teriam as suas razões para fazer guerra, contra um país que era ocupante. Perante isto decidi aderir ao Partido Comunista.

Passei a desenvolver atividade clandestina, naturalmente, de acordo com o que o Partido me pedia. Que consistia em quê? Em fazer agitação. Em distribuir propaganda em vários locais, nomeadamente os locais de trabalho, onde passasse muita gente - obviamente não iriamos distribuir livremente: «Toma lá!», porque isso não era possível [Risos]. Mas deixar propaganda nestes locais, de forma que, quando alguém passasse, pudesse encontrar e levar. Fiz esta atividade até, aproximadamente, aos 20 anos. Poucos meses depois de ter completado 20 anos a PIDE, que tinha entretanto prendido este meu amigo que me tinha recrutado para o PCP e outros, decidiu vir ter comigo e prender-me.

Fui preso na empresa onde trabalhava. Ia-me casar num sábado e a polícia foi à empresa onde eu trabalhava, prender-me na sexta-feira anterior. Portanto, na véspera do dia do meu casamento a PIDE prendeu-me. Fui transportado para Caxias e aí fui sujeito aos interrogatórios, que já foram de certeza relatados por outros ex-presos.

Fui diretamente para Caxias, para o Reduto Sul, onde estive um dia inteiro. Fui preso às 10 horas da manhã, onde estive até por volta das 20 horas em interrogatório consecutivo. Logo no primeiro dia fui agredido, violentamente agredido, porque a PIDE entendeu que eu estaria a provocar, com uma atitude que tinha assumido.

Eu quando fui colocado dentro da [sala] fui deixado sozinho. A sala de interrogatório tinha uma mesa com um banco de um lado, outro banco do outro e eu decidi sentar-me e fiquei sozinho. Eles saíram e eu fiquei sozinho. Pensei: «Deixam-me sozinho aqui porquê? É porque devem ter por aí algum processo para me observarem o comportamento, se eu estou nervoso ou não estou, para depois me interrogarem de acordo com o perfil que eles traçarem» - este foi o meu pensamento - «então o melhor a fazer é mostrares-te calmo». Eu que tinha dormido muito mal na noite anterior, [Risos] pus a cabeça em cima do tampo da mesa e instantaneamente adormeci. Desliguei completamente do sítio onde estava, de tudo. Adormeci profundamente, não sei quantos minutos. Sei que quando acordei estava no chão e a ser pontapeado. Um PIDE tinha entrado, tinha tirado o banco com o pé - eu caí e começou a agredir-me, com outro a assistir. Foi a minha estreia na PIDE e em Caxias.

Depois fui transferido para o Reduto Norte, onde estive cerca de uma semana sem qualquer contacto. A PIDE desinteressou-se completamente de mim - o que me levava a pensar: «O que é que eu estou aqui a fazer? Porque é que não me interrogam?» - entretanto também - «Como é que estará a minha família? Como é que estará a minha noiva?». É um desespero muito grande, o estar nesta incerteza: «Ter-se-ão esquecido de mim?» - o que era ainda pior. [Risos] Ao fim de uma semana voltaram a ir-me buscar, de novo para o Reduto Sul, para um interrogatório profundo.

O que é que procuravam saber? Que atividades é que eu desenvolvia, quem eram as pessoas com quem eu contactava, quem é que me tinha levado para o PCP. E eu recusei-me: «Chamo-me Clemente Alves, trabalho no sítio que os senhores conhecem, foram-me lá buscar. E não tenho mais nada. Não conheço essas pessoas, não conheço ninguém». [Eles]: «Mas você é do Partido Comunista?». «Não sei o que isso é», procurei fazer resistência. Entenderam de novo [Risos] que eu estaria a gozar com eles e voltaram a agredir-me, à chapada. Estive neste processo durante três dias e três noites, neste processo de interrogatório. Voltavam sempre à carga. Saiam, voltavam, saiam, voltavam.

Fiz a tortura do sono, sim. Com alucinações, aí a partir do segundo dia e noite sem dormir, começamos a ter alucinações. Lembro-me que uma alucinação que eu tinha e era persistente - eu tinha acabado de ler um livro de um autor francês, o [Anatole France], que se chamava A Ilha dos Pinguins. Então ao caminhar na sala, o chão era de cimento com uma gravilha, umas pedrinhas com cor diferente, e eu olhava e aquelas pedrinhas eram pinguins. Olhava para a janela e via os pinguins a entrar e a sair da janela, uns entravam, outros saiam. Ao caminhar, porque eles também estavam no chão, levantava muito os pés para não pisar os pinguins. É a passagem da nossa consciência, ou da nossa subconsciência já, para um outro estado, quase de alucinação.

Voltei de novo para o Reduto Norte, para a cela, onde estive mais dois dias. Ao fim de dois dias chamaram-me porque tinha visitas. Era o meu pai e a minha mãe, que me iam visitar. Fui visitado, ainda estava marcado das pancadas que tinha recebido e, quando entrei no parlatório - estava o meu pai num lado, a minha mãe no outro - a minha mãe mal me viu começou num pranto a chorar: «Ai, o meu filho. Coitadinho do meu filho!». O meu pai não. O meu pai abriu um sorriso muito largo, olhou para mim, viu-me naquele estado e disse: «Estás-te a portar como um homem, fico orgulhoso de ti». Isto foi uma prenda que eu guardo até hoje. A coragem que o meu pai - que é um homem analfabeto, com uma consciência política primária, não elaborada, mas de uma dignidade muito grande - foi capaz de me transmitir num momento em que nós sentimos as nossas forças e as nossas certezas próximo de nos abandonarem. Guardo esta memória do meu pai para toda a vida. E sempre que me refiro a ela os meus olhos brilham, não podem deixar de brilhar.

Relativamente à minha noiva, soube entretanto, pelos meus pais, que ela tinha sido informada no dia em que eu fui preso. Os meus colegas tiveram a atenção de a contactar, dizendo o que é que se tinha passado. Só consegui ter visita dela cerca de um mês depois da prisão. Para ela foi extremamente doloroso, como se calcula também.

Esqueci-me de referir este pormenor: quando cheguei à cela, no Reduto Sul, logo que entrei, me disseram: «Nós sabemos que você se vai casar amanhã, de maneira que vamos lá a despachar isto. Vamos lá despachar isto. Diga-nos aquilo que nós queremos, que você daqui a bocado vai-se embora e ainda se vai casar amanhã». E pronto, eu não fui casar

amanhã, [Risos] porque não lhes disse aquilo que eles pretendiam. Era uma forma de pressão.

Durante a tortura do sono, isto é importante referir também, eu ouvia gemidos de quem está a fazer amor. E eles diziam-me que era a minha noiva e eles tinham gravado, que ela estava com outro. Usavam também estes processos.

Continuei na cela sozinho até que o processo de interrogatório foi encerrado e passámos ao [que eles chamavam] regime comum, em que nós passamos a estar numa cela com outros presos. Onde fui depois encontrar um camarada de organização, também de Moscavide, e outros presos.

O julgamento começa, salvo erro, em novembro. O grupo a que eu pertencia tinha oito elementos - tinham sido presos oito elementos. 6 de nós fomos condenados - eu a 14 meses de prisão, outros dois ou três a 14 meses e dois a 18 meses de prisão.

Eu já tinha sido condenado. Caxias não era uma prisão para cumprimento de penas, era uma prisão até à instrução do processo, até à condenação. (...) Os meus camaradas tinham sido transferidos para Peniche e [pensava]: «Porque é que eu ficava ali? Porque é que eu estava aqui e não ia para Peniche?». Decidi escrever uma carta ao Diretor da prisão, dizendo que as condições da prisão não eram boas, aqui em Caxias. Eu era mantido num regime de semi-isolamento - não era completamente isolamento, via alguns presos, que eram sempre os mesmos, e geralmente antagónicos. Colocavam na mesma cela gente de outras organizações políticas para que nós nos déssemos mal e para que o estar ali fosse doloroso para todos - e acabava por ser. E eu entendia que Peniche tinha melhores condições para eu estar. O meu anseio também era poder estar em coletivo com os meus camaradas, poder conversar com eles e ler, ler livros. Foi isso que fiz, escrevi ao diretor da prisão pedindo-lhe a transferência. Passado uns dias concedeu que eu fosse para o forte de Peniche.

Só mais tarde é que eu vim a saber a verdadeira razão de me deixarem para trás. Na origem da minha prisão está um recrutamento que eu fiz para o Partido. Na empresa onde trabalhava - era uma grande empresa, o Casino do Estoril, cerca de 1800 trabalhadores - e também junto dos jovens da minha idade, comecei a desenvolver atividade. Deu um bocado nas vistas a um determinado individuo, que era chefe da secção de pessoal que tinha acesso à informação dos processos de todos os trabalhadores. Era agente da PIDE e formador da PIDE, altamente qualificado, com formação na escola da PIDE para detetar situações destas, que se aproximou de mim. Fez-se muito meu amigo, eu tinha por ele uma consideração sem limites, porque era um individuo muito prestável. Era ele que me levava, pela mão quase, às livrarias onde se compravam os livros que estavam clandestinos, os livros que estavam proibidos pela censura. Era um individuo que para mim estava acima de qualquer suspeita, era um homem de confiança. E sendo um homem de confiança merecia ser recrutado para o Partido e eu recrutei o informador da PIDE, altamente qualificado, para membro do Partido. Foi este homem que deu origem a todas as prisões. Eu fui o último a ser preso, propositadamente, para que não se pensasse que tinha sido aquele homem. Porque o Partido iria sempre tentar investigar o que é que estaria na origem da prisão de um grupo. Quem é que estava ligado, quem é que foi preso e não foi preso, se os primeiros presos falaram e depois foram os outros em sequência, em resultado das declarações dos

presos anteriores, etc. Para que se escondesse esta fonte, eu fui o último a ser preso. Procuraram sempre, mesmo no meu interrogatório, não ir muito longe nas torturas, na pressão, para que eu não decidisse falar e falar no nome dele. Porque se eu falasse no nome dele a PIDE tinha que fazer alguma coisa, e se não fizesse estaria a deixar a descoberto, porque eu, logo que possível, transmitiria aquilo que se passou no interrogatório - quando chegasse a Peniche, por exemplo - aos meus camaradas mais velhos, que estavam encarregues de fazer passar a informação para o exterior. Esta também é a razão pela qual eu sou deixado para trás em Caxias, depois de condenado, para que não fosse a Peniche e não transmitisse a origem da minha prisão.

Fomos transferidos para Peniche, onde passámos a estar e a cumprir aí a pena. Em condições também muito duras, mas ao mesmo tempo muito realizadoras para o preso. Para quem tem uma consciência política, para quem está a adquirir uma consciência política. Nós vamos estar em contacto com presos com uma experiência de luta, com uma cultura muito grande, que nos transmitem - que fazem os possíveis para nos transmitir. Este é um processo que, para mim, foi determinante na forma como eu depois me vim a desenvolver como ser humano, até hoje. Foram exemplos muito grandes de abnegação, de amor ao próximo. Eu utilizo ainda esta expressão do amor ao próximo, que vem da minha formação cristã, mas de facto é este o sentimento que existe entre quem luta por uma sociedade mais justa. Uma sociedade mais justa não é para si, é para todos. Isto gera fraternidades muito grandes entre aqueles que se irmanam neste propósito. Estive com homens de uma grandeza inexcedível. Ouvi histórias que foram verdadeiras, que toda a vida me acompanharam.

Nós tínhamos celas que eram comuns. Haviam presos que viviam isolados, estavam em isolamento, mas estava num outro pavilhão. Os presos de maior responsabilidade, os dirigentes do Partido. Eu estava numa cela onde estavam mais oito presos, que durante a noite era fechada com um gradeamento, de manhã abria. Abriam as celas todas e nós, naquele pavilhão, circulávamos. Podíamos circular, falar uns com os outros. Tínhamos um refeitório em comum. Discutíamos uns com os outros. Já podíamos jogar xadrez, que era uma coisa que, noutro tempo, foi considerada subversiva e deu origem até a uma célebre fuga de Peniche, do António Dias Lourenço. O xadrez foi proibido durante muitos anos nas prisões, porque permitia uma libertação do espírito muito grande - para quem sabe jogar xadrez, sabe que é assim. Nós definíamos, em Peniche, o xadrez como demasiada ciência para ser jogo e demasiado jogo para ser ciência. É um jogo muito evolvente que nos permite a evasão do espírito. Nós não estávamos presos quando estávamos a jogar xadrez - e isto era proibido.

Nós fazíamos os tabuleiros de xadrez com um cartão, desenhávamos os quadrados, fazíamos peças com o miolo de pão: amassávamos o miolo de pão e esculpíamos as peças: as torres, os cavalos, os bispos, os peões. Éramos nós que fazíamos as peças. E fazíamos jogos de xadrez. No tempo em que não era permitido, o Dias Lourenço decidiu - estava proibido, já tinha sido castigado por ser apanhado a jogar xadrez - decidiu um dia, no recreio, desenhar um tabuleiro no chão e com umas pedrinhas brancas e umas pretas pôs-se a jogar sozinho. Os guardas apanharam-no. [Diálogo]: «Você está proibido de jogar xadrez». «Mas não estou a jogar xadrez, você não vê que isto não é xadrez?». «Isto é xadrez! Você estava aí a dizer Xeque-mate!». [Risos]. Ele foi levado para o isolamento, que é um torreão no forte de Peniche, de onde depois - ele já estava preparado para isso - de

onde depois se evadiu, atirou-se ao mar, nadou - ele era um nadador exímio - nadou até ao pontão e depois escapou.

Eu, em Peniche, sofria muito da garganta, tinha infeções recorrentes nas vias respiratórias, sobretudo na garganta, com as mudanças de temperatura constantes. Peniche era muito frio no Inverno. Não tinha condições nenhumas em termos de conforto, nenhumas mesmo. Nós muitas vezes tínhamos que apanhar água do mar que entrava dentro das celas, quando batiam as ondas, se nós não tínhamos as janelas bem fechadas a água entrava lá dentro. Era difícil e isso afetava-me a minha saúde. Fiquei com uma infeção muito grande, a ponto de eles se terem preocupado - não fosse eu, se não fosse tratado, ter um problema muito sério que depois lhes causasse problemas. Então transferiram-me, um mês e meio antes de expirar a pena, para o hospital-prisão de Caxias. Onde estive com outros presos, que estavam aí a receber tratamento. E fui libertado. Quando fui libertado, fui libertado já no hospital-prisão de Caxias.

O ato da libertação é um deslumbramento. Parece que nascemos de novo para a vida. Quando estamos presos e confinados, sobretudo quando estamos sozinhos, o tempo dói-nos.

Recordo-me que quando passei o portão de entrada do hospital-prisão - de entrada e saída, neste caso era de saída - tinha cá fora, à minha espera, a minha noiva, os meus pais e corri para eles. Atravessei a estrada, corri para eles, dei-lhes um abraço. Mas lembro-me perfeitamente da primeira golfada de ar que eu respirei quando passei o portão. E achei que o ar era uma coisa magnifica, era extasiante: foi este o sentimento da liberdade. A liberdade tinha sabor, tinha cheiros a que eu já me tinha desabituado. E aqueles abraços. Foram uma sensação maravilhosa: estou vivo, estou cá e estou forte - era este o sentimento que tinha.

Casei-me passado uns dias. Uma semana depois de ter sido libertado fui incorporado no serviço militar, já no regime especial. Eu deveria ter sido incorporado antes, em julho, salvo erro, e como não tinha comparecido à incorporação sou considerado refratário - um individuo que aparece tarde a uma coisa qualquer. Sou colocado numa companhia de instrução, onde rapidamente sou objeto de discriminação. Tenho um tratamento diferente daquele que é dado aos outros recrutas. Eles tinham a informação da PIDE, que eu tinha estado preso e, portanto, seria um elemento a ter um tratamento especial em termos da instrução militar. Por exemplo, nos exercícios de tiro - é suposto um soldado saber disparar uma arma, não é? Isto é das primeiras coisas que transmitem ao soldado: primeiro é ensiná-lo a marchar, a obedecer, e depois, a disparar. Eu disparei dois ou quatro tiros. Quando estava a fazer tiro, a determinada altura, o sargento veio-me bater no ombro a dizer para eu parar e para recuar. Quando recuei estava um oficial com um papel na mão, com instruções da PIDE, a dizer-me: «Você já não dispara mais». Durante o período de instrução davam-me uma arma, porque não era bonito ver um soldado, no meio de 50 soldados, num pelotão, ou 30, todos com uma arma para mostrar e eu não ter arma - então a minha arma não tinha culatra, não tinha a peça que faz disparar a bala. Tinha uma coisa que fazia de conta que era, porque eu ter uma arma na mão que disparasse era perigoso. [Risos] Foi assim a minha tropa, até a um determinado ponto.

Num momento em que já não estou na fase da instrução, fui enviado para um curso. Eu tinha habilitação para poder ir para um curso de sargentos milicianos - fui impedido de o

fazer. Fui para amanuense do exército, fazer a especialidade de amanuense, ainda em Leiria. A meio da especialidade, com mil e tantos soldados na parada, veio um oficial, também com dois soldados de G3, e chamaram pelo meu número. Eu avancei. No momento em que avancei, os soldados já tinham instruções - algemaram-me. Algemaram-me em plena parada, levaram-me à caserna, tiraram as minha coisas, sou metido numa carrinha e levado para uma Companhia disciplinar em Penamacor. Transferido para Penamacor, onde fui colocado no meio de outros soldados que também estavam em regime - não prisional, mas pós-prisional, pelo cometimento das mais diversas faltas, alguns até crimes de sangue. Gente que nas guerras em África tinha perdido juízo e matado outros soldados, gente que na vida civil eram carteiristas, eram ladrões de qualquer coisa - e apenas estava eu mais dois ex-presos políticos.

Foi uma experiência interessante. Assim que chego a Penamacor os outros presos reúnem-se todos para interrogar o novato, para saber qual era a nossa especialidade. [Risos e reproduz diálogo]: «Qual é a tua especialidade?» «Especialidade em quê? Eu estava como amanuense...». «Não é nada disso! A tua especialidade, o que é que roubas?». E eu lá tive que lhes explicar que não roubava nada [Risos] não estava ali por isso. Estava ali porque era membro do Partido Comunista, tinha estado preso em Caxias e em Peniche. E há um que em determinada altura me pergunta: «Partido Comunista? Mas isso dá?». [Risos] Foi interessante a relação com aquela gente diferente, com vidas completamente fora do meu mundo, mas ao mesmo tempo também humanos. Tinham um fundo de humanidade muito grande. Eles sabiam que eu era diferente. Eles roubavam-se todos uns aos outros - os relógios, as peças de fardamento, tudo aquilo que eles vissem que podia render qualquer coisa num mercado qualquer, eles tratavam de arrebanhar isso para si - a mim nunca me tiraram coisa nenhuma. (...)

Penamacor fica próximo da Serra da Estrela, é muito frio no Inverno. Uma caserna que não tinha a mínima condição, com vidros partidos. Entrava o vento por todo o lado, o frio por todo o lado. Nós estávamos constantemente a tremer. Fazia-se uma fogueira no meio da caserna - eles arranjavam lenha para isso - e havia dois ou três que saiam para ir roubar galinhas e assavam as galinhas ali, na lata. [Risos] Eu tinha sempre direito a uma perninha ou uma asa de galinha.

Ao fim de estar três meses em Penamacor sou chamado ao Comandante, que, sem ter dado um tiro sequer - porque isso era proibido para mim - me disse que tinha sido classificado como atirador de primeira [e refere]: «E digo-lhe já, vai estar mobilizado para a Guiné, e se não apanhar um tiro pela frente, apanha pelas costas de certeza». Ele não me disse isto para me alertar, disse-me isto para me acusar: «Você é um criminoso!». Eu era o mais criminoso que ali estava, para ele, porque eu combatia o Estado que lhe tinha permitido chegar de soldado a capitão. Ele sentia que era um dos poderosos do Regime e, portanto, ele tinha de defender o regime contra os seus inimigos - e eu era o inimigo. Portanto, ele transmitiu-me que «Lá ajustamos contas. Apanha um tiro pelas costas, de certeza absoluta». Eu sabia mais ou menos que as coisas se iam passar assim e tinha já tratado de saber o circuito para poder sair do país. E fui para França.

A meio do caminho ainda fui preso, fui detido na passagem de fronteira de Irún para Hendaia, salvo erro. Sou colocado num comboio para voltar para trás. Entretanto o agente da DGS espanhola que me tinha detido - porque na passagem era suposto as coisas terem corrido bem e estar do lado de cá um espanhol que deveria facilitar a passagem e, do lado

francês, estar um francês que estaria no sistema de passagem destes clandestinos. O francês falhou. Eu sou devolvido e então a DGS espanhola meteu-me no comboio, que entretanto nunca mais arrancava. Então [o agente] da DGS espanhola lá me convenceu que quando chegasse a Paris lhe enviaria 10.000 francos, porque de outra maneira ele mandava-me para trás. [Eu]: «Juro-lhe que lhe mando os 10.000 francos! Assim que lá chegar. Tenho lá amigos que têm dinheiro». [Ele]: «Então dê-me lá a morada para onde vai». Eu dei-lhe uma morada que não era [Risos]. «Olhe que eu tenho os seus dados, se você não me mandar os 10.000 francos, eu tenho maneira de chegar ao sítio para onde você vai e depois ajustamos contas». Até hoje não ajustámos. [Risos]

Estou em França. Um mundo completamente diferente do de cá, mas ainda assim onde se sente opressão. Opressão sobretudo sobre os emigrantes. Comecei a ver muita gente de manhã, em Paris, gente cinzenta a passar. Gente meã de tamanho, como os portugueses eram aqui na altura - nós agora já somos mais altos, porque as farinhas que comemos e a alimentação já nos dá mais proteína e nós crescemos. Naquele tempo não. Nós eramos atarracados e eramos acabrunhados. O Regime acabrunhava-nos. Quem estava a trabalhar em França tinha, geralmente, família aqui. Tinha filhos, tinha mulher. Tinha aqui uma vida desgraçada e lá trabalhava desgraçadamente para poupar e enviar para aqui. Os portugueses viviam, como se sabe, em bidonvilles - bairros de lata gigantescos em Paris, nos arredores de Paris. E de manhã víamos este [cenário]. Era a segunda cidade com maior população de portugueses, na altura, em [19]73. Calculava-se que residiam à volta de Paris cerca de 250.000 portugueses. O Porto tinha menos habitantes do que portugueses em Paris. Estes seres cinzentos víamo-los de manhã, víamo-los depois à noite, a regressarem. Não se ouvia falar português nas ruas de Paris.

No dia 25 de abril - eu apercebi-me do 25 de abril porque procurávamos ouvir as notícias. Ouvia-se um fiozinho de português e de música portuguesa no Rádio Clube Português e na emissora nacional da altura. Eu apercebi-me de que havia um movimento de tropas em Portugal e ouvi o primeiro comunicado do MFA [Movimento das Forças Armadas] - ouvi-o em Paris - e fiquei numa excitação tremenda. Lembro-me que vim muito cedo para a rua e já via gente a abraçar-se na rua, já ouvia falar português. Ouvia-se falar mais português do que francês naquela altura - os escravos estavam a sair dos seus tugúrios e a falar uns com os outros: «Já sabes o que é que aconteceu?». «Houve um golpe em Lisboa!». «É o Spínola!». Isto é um deslumbramento, como calculam. Foi o dia mais feliz da minha vida.

O 25 de abril foi o dia mais feliz da minha vida, vivido ali, em Paris. Com gente a abraçar-se, com gente a festejar a liberdade de que eles tinham tanta falta. Passavam a sentir naquele dia que já eram gente, que já podiam mostrar que eram gente, porque também em Portugal ia haver liberdade. Era esta a esperança, logo nas primeiras horas, mesmo no estrangeiro".

Maria da Conceição Rodrigues de Matos Abrantes

Ano nascimento: 1938
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 18-10-2021

"Eu nasci em São Pedro do Sul e fui com três anos para o Barreiro. O meu pai era operário lá na central - fechou - e foi para o Barreiro à procura de trabalho. Só mais tarde é que nos mandou, quando teve trabalho, nos mandou vir para o Barreiro. Então viemos para o Barreiro, seis filhos - embora a minha mãe tivesse tido muitos filhos, mas foram morrendo pelo caminho. (...) Foi no Barreiro que eu fui, realmente, criada e fui vivendo.

Trabalhei em várias coisas. (…) Fui à escola, só fiz a quarta classe - com muita pena minha, não podia ser. Era uma vida muito difícil. Era uma terra operária, de luta. E era muito fácil as pessoas entrarem na luta, porque havia muita exploração, muita fome. O meu pai era o único a trabalhar, a minha mãe não tinha emprego e tinha muitos filhos. E o meu pai foi operário na CUF e trabalhava normalmente em turnos de noite para ganhar mais qualquer coisa. (...)

Nós mudámos de casa, vivíamos no centro do Barreiro, numa casa - uma casinha pequena - e tínhamos um vizinho que era sapateiro. Depois fomos morar para o bairro das Palmeiras, no Barreiro, um bairro operário. E o que é que acontecia? Nós tínhamos tantas dificuldades que esse vizinho, o sapateiro, nos costumava dar os restos do pão que sobrava deles. Eu ia do Bairro das Palmeiras - que ainda é bastante longe - miúda, buscar o pão que eles juntavam, para a minha mãe fazer açorda ou outras coisas com aquele pão. Isto revela, realmente…

Foram coisas destas que me fizeram... Mas não só, a exploração. Houve uma altura em que o meu irmão começou a entrar no MUD Juvenil [Movimento de Unidade Democrática Juvenil]. Era muito ativo e eu [segui] os passos dele. Juntei-me também e participei no MUD Juvenil.

O que é que nós fazíamos? Pichagens nas paredes, distribuíamos papéis, cortávamos os papéis muito fininhos, como o Avante clandestino, mas folhetinhos e íamos despejá-los em qualquer lado. E houve uma altura [em] que nós fazíamos assim: havia a escavadeira - a escavadeira era um campo enorme, mesmo muito grande – (…) e havia uma ponte entre as palmeiras e a vila. Esse campo era tão grande que nós íamos ver onde é que estava a GNR – porque andavam sempre dois GNRs a bater aquilo tudo, a toda a hora, a cavalo - e quando víamos a GNR lá no fim de tudo, despejávamos. Tirávamos as mãos dos bolsos, que levávamos os bolsos cheios dos papéis, despejávamos nesse campo, aquilo esvoaçava tudo e ia parar não sei quando. Nessa altura a GNR já não podia apanhar-nos, que nós fugíamos. E por outro lado também não podiam apanhar os papéis, porque era à noite. E para que eram os papéis? Era porque os operários da CUF do Barreiro, a grande maioria, tinham de passar ali.

E fazíamos muitas outras coisas. Era aquela luta contra a guerra colonial. Queriam reabrir o campo de concentração do Tarrafal, também lutámos contra a reabertura, também fazíamos pichagens nas paredes sobre isso. E outras coisas mais.

Depois mais tarde passei para o Partido, que nunca se sabe quando é se passa de uma coisa para a outra. E nessa altura já distribuía o Avante na casa das pessoas. Ali naquela altura era porta sim, porta sim, como eu costumo dizer em vez de ser porta sim, porta não. E ia a casa de algumas pessoas distribuir o Avante. Cheguei a ir por propaganda. Ia ter encontros no cemitério para ser mais fácil passar, não nos verem, não é?

Esse meu irmão foi preso. Era muito jovem, nessa altura nem era do Partido, era da Juvenil. E eu, claro, cada vez lutava mais. Depois ia vê-lo. Houve uma grande luta na prisão de Caxias, em 1960 na altura do Natal, que eles não davam a visita de Natal em comum. Era através do Parlatório. E os presos resolveram fazer uma luta. Então havia protestos da família. Juntámo-nos, muita gente das famílias, junto ao portão de Caxias. Veio a GNR, muitos GNRs, que tentam impedir - nós também não podíamos entrar. Mas começámos todos aos gritos: «Quero ver o meu irmão!». A história que me lembro, que me marcou muito nesse dia, foi a Maria Isabel Aboim Inglês. Que estava para ver o filho. Levou tantas… com coronhadas. Atiravam-na ao chão, ela levantava-se outra vez e gritava: «Eu quero ver o meu filho, mas eu quero ver o meu filho». Continuavam a bater-lhe. Foi uma cena terrível para mim na altura, era muito jovem.

Depois correram connosco dali de cima de ao pé do Forte e fomos todos para a marginal. Na marginal ficámos em frente do Forte e víamos então eles com os lenços às janelas. Nós começámos a cantar coisas revolucionárias - revolucionárias, isto é, coisas do Lopes Graça - precisamente para os ajudar e animar. Eles tiveram muita força. (…)
Entretanto o meu irmão saiu, mas nessa altura já eu estava no Partido. Já fazia outras tarefas, como já contei.

Até há uma história da minha mãe(...). Ela devia ter-se apercebido tanto, porque já tinham assaltado a casa da minha mãe por causa do meu irmão, que um dia disse-me assim: «Ó filha, onde é que vais com esse embrulho?». «Ó filha, deixa-me ir levar o embrulho». E eu disse «Ó mãezinha, mas porquê?». [E ela]: «Porque tu podes ser presa». «Então e é a mãe?», e ela disse: «Sim, antes quero ser presa eu, que tu». Havia estas coisas assim.

Todos os meus irmãos trabalharam na CUF e o meu pai. Eu trabalhei lá 6 meses, estava a contrato - mas muito mais tarde. Trabalhei numa fábrica de cortiça, mas comecei por andar na costura - aprender costura, nem ganhava. Depois mais tarde ganhei uns tostões.

Até dentro da própria fábrica da CUF havia um posto GNR e uma coisa da PIDE, onde a PIDE fazia interrogatórios! Dentro da própria fábrica. Isto era horrível. Isto, no dia a dia, é aquela repressão e também chamar a atenção aos trabalhadores: «Vocês tenham cuidado, que nós estamos aqui».

Depois fui por aí fora até chegar a altura da clandestinidade. Viver clandestina é o seguinte: a maioria das mulheres - muitas que 'tiveram a trabalhar na organização, outras não tinham esse trabalho. Era muito difícil ter esse trabalho da organização numa mulher. Porque à noite não podiam sair, porque eram vistas como prostitutas, não podiam andar sozinhas, era muito mais complicado. De modo que havia a primeira defesa das casas - e muitas outras coisas. Por exemplo, batia à máquina, fazíamos a vigilância da casa, tínhamos que ver se a vizinhança não desconfiava de nada. E realmente conseguíamos fazer esse trabalho. E depois havia a falsificação - quem alugava a casa, se fosse ao senhorio e fosse preciso assinatura, tinha que alguém dar uma assinatura, tinha de ser a falsa. Uma coisa que se passava na clandestinidade é que nós perdíamos o nosso próprio nome. Eu, por exemplo, fui Benvinda, Marília, Maria Helena e talvez outros que não me lembro.

A primeira prisão. Eu vivi em várias casas, ia saltando de umas casas para as outras, na clandestinidade. Nessa altura vivia no Montijo. Foi a 21 de abril de [19]65. Nessa altura eu estava sozinha, completamente. O Domingos Abrantes, que era o meu companheiro, estava fora há uma semana e regressava nesse dia.

(...) Às 4:30 da madrugada tocam à campainha e eu pensei: «Só pode ser a PIDE». Fui espreitar à vigia e vejo homens. Voltei para o quarto, não abri a porta. Tinha uns papéis, um montinho de papéis, para queimar. Normalmente eu levava para o quarto uma panela, uma caixa de fósforos e um frasco com álcool. Como não tinha, esqueci-me de levar a panela, não fui à cozinha buscar a panela, tive medo de não ter tempo. Pus os papéis no chão, num canto do quarto, pus o álcool e os fósforos - escusado será dizer que, anos depois, fui lá a essa casa e ainda estava o chão queimado. E nessa altura, queimei os papéis.

Eles arrebentaram a porta com um pé-de-cabra, caiu a porta e um bocado da parede, e entraram por aí adentro com GNRs, vários GNRs e uma brigada de PIDEs.

A GNR pôs-me as pistolas em punho junto ao peito. Começaram: «Mãos ao ar, mãos ao ar!». Não é falsa modéstia, mas quanto mais eles diziam «Mãos ao ar», mais eu baixava as mãos. [Diziam]: «Quer morrer? Vai morrer! Vai morrer! Identifique-se!» e depois começaram os interrogatórios e ficou por aí.

Assisti a encaixotarem as coisas de casa. Só me deram a roupa que eu tinha vestida - nessa altura estava em pijama, mas fui-me vestir à casa de banho. Não me queriam deixar, mas acabei por ir. Só me deram a roupa que tinha no corpo. Eu, por acaso, agarrei num casaco comprido de fazenda - isto era em abril, nem 'tava frio, mas pensei assim: «Se eles não me derem, pelo menos este casaco vou precisar dele no inverno. Não tenho outro». [Risos] Não vivíamos bem. Portanto vesti aquele casaco comprido e fui com essa roupa que tinha vestida.

À hora de almoço a minha vizinha veio perguntar: «Olhe deixe-me dar almoço à dona Conceição…[risos] à dona Maria Helena» e ele disse: «Não. Ela não precisa de comer» e não comi. Estive o dia todo até às tantas da noite sem comer.

O que é que eles fizeram? Não acreditaram que fosse eu que tivesse queimado os papéis, então começaram a perguntar: «Onde é que está o gajo? Deixaram fugir o gajo!

Mas ele deve ter saltado. Vejam lá se ele saltou pela janela da vizinha». E, aquela hora, foram à casa da minha vizinha - essa tal vizinha que depois foi perguntar [se podia comer]. Não encontraram ninguém. Aí descontraí mesmo, porque [estava a] pensar que ia ser presa, mas ia ser presa sozinha. Porque eu tinha que ir pôr um sinal para o Domingos entrar essa noite - e eu não fui por o sinal porque estava presa. Como não fui por esse sinal, para mim, ele não era preso. E não estava mais nenhum camarada em casa.

Só às 21:45 é que me levaram para a [António] Maria Cardoso. Depois, claro, começaram as torturas. Aparece-me um PIDE, um inspetor, que me diz: «Está em sua casa, esteja à vontade», mas logo a seguir começou com os interrogatórios. Eu nada respondi. Eles batiam muito na identificação - eu como não me identifiquei em casa, também não me ia identificar ali.
Em Caxias eu sabia que tinha de ir à PIDE, e os dias passavam. Comecei a pensar «Como é que eu vou fazer para saber quantos dias é que eu estou aqui até ir à PIDE?». Não era o isolamento, era o isolamento daqueles dias até ir à PIDE, porque eu estive isolada dois meses e tal. Como não tinha nada, não tinha lápis, não tinha caneta, não tinha nada para escrever, nem relógio, para saber quantos dias estava ali até ir à PIDE. Havia lá um armário e comecei a riscar com a unha, a contar os dias. E era uma tortura completa, porque não sabia quando é que era para mim. Eu estava no rés-de-chão e via passar as carrinhas a trazer presos e levar presos. E ia sempre ouvir ao corredor, se era para o meu corredor ou não, para me virem buscar a mim… E não era…

Há uma altura em que eu vejo passar uma carrinha e vejo, na carrinha, uma pessoa que me pareceu o Domingos. Mas digo assim: «Não, não é», mas vi a passar tão de repente, que eu tirei daí a ideia, porque a pessoa não tinha cabelo, estava completamente careca. Eu, como não tinha posto o sinal, também não pensava que era ele mesmo. De modo que só soube que ele estava preso dois meses e tal [depois]. E essa carrinha que o trouxe a ele - que eu não sabia que era ele e, portanto, pensei que não era - levou-me a mim, para a [António] Maria Cardoso.

E aí começam a tortura de sono, as alucinações. Ouvi gritos de pessoas que eu não sabia se eram a ser torturadas. Mas antes de começar a tortura de sono entra o Tinoco, que era inspetor, e diz: «É assim, daqui só saí ou para a morgue ou para o Júlio de Matos. Não tem outra alternativa. Se não falar é isso que acontece. E mais…» - isto depois do interrogatório - «…todas as necessidades que fizer no chão vão ser limpas com a sua própria roupa. Portanto agora tem que decidir». E assim foi. Eu não estava nada à espera, pensava que não ia fazer isso, porque eu estava à espera de espancamentos, que também os tive. De outro tipo de torturas, mas isto eu não estava à espera.

Os PIDEs são revezados, homens ou mulheres, e o preso está sempre ali. Quando eu começo a tentar urinar, entram-me os PIDEs por ali adentro e eu levantei-me - não fiz. E fui adiando. Fiquei realmente com um problema de urinas, que depois mais tarde até me urinava nos corredores.

PIDE - às vezes juntava-se um PIDE homem e uma mulher. E as conversas entre eles eram miseráveis, vergonhosas, que eu até hoje ainda tenho dificuldade de comentar. A

falar na vida deles, sexual, dele a dar-lhe elogios, que ela era boa… Tudo isto para me amachucar. Eram conversas mesmo nojentas, do pior.

Até que chegou a altura em que eles começam a... de vez em quando vem o escrivão - um homem com uma máquina de escrever - e a fazer as perguntas: quem é que eu conhecia do Partido, de quem é que é a casa, aquelas coisas todas do costume, como é que fui para a clandestinidade. E eu nada respondi. Nunca respondi. Em todos os interrogatórios nunca respondi. Recusei-me sempre a responder fosse aquilo que fosse. De modo que começam espancamentos. Chega uma altura que eles dizem: «Assina, ou não assina? Não precisa de falar, basta assinar». Depois faziam chantagem psicológica. Deram-me uma carta que diziam ser escrita pelo Domingos, que eu pensava que ele não estava preso e não acreditava naquilo, como é evidente. E a dizerem para eu falar: «Porque é melhor colaborares, pensemos na nossa vida». Mais tarde vim a saber que fizeram o mesmo com ele. Chantagem com… se eu não queria ir embora, porque se eu quisesse sair, saía já mas era preciso falar. Enfim, várias coisas deste tipo.
Há um PIDE que entra a cantar o 13 de Maio. Mais novo que eu, na altura. Então diz-me: «Não acha que eu sou melhor que o Abrantes? Podemos ir tomar um café, diga qualquer coisa», a tentar convencer-me.

Há o problema das necessidades no chão, que me queriam obrigar a levá-las para a... Portanto, iam-me tirando a roupa. Eu fui despida duas vezes. E quando estava a roupa encharcada queriam obrigar-me a levar a roupa para a casa de banho. Eu aí gritei, disse: «Não. Se não me deixam ir à casa de banho, nem sequer lavar as mãos, nem sequer lavar a cara, também não sou eu a levar as roupas para a casa de banho. Portanto, façam o que quiserem, matem-me, façam-me o que quiserem, acabem comigo, mas eu não vou levar nada». E eram eles que levavam aquilo a arrastar.

Espancaram-me várias vezes. Até que chega uma altura, uma noite, que estava com um PIDE e no dia seguinte iam render esse PIDE. A pessoa que entra naquele dia de manhã, diz: «Ó inspetor, ela ainda cá está? Ainda não falou?», o outro disse que não, o Tinoco. E ela disse: «Ó inspetor, porque é que não chama a Leninha? Traga a Leninha, com a Leninha ela fala de certeza». Nessa altura eles vestiram-me a combinação (...) - uma coisa que se usava antigamente de nylon transparente. Fiquei assim o dia todo, até que eles disseram: «Bom, maluca já ela está. Levem-na para Caxias. Mas o espetáculo é só para aqui, vistam-lhe o casaco. E mais, quando voltar vai ficar completamente nua e depois reúnem-se os homens. Saem as mulheres e entram os cavalheiros». E depois, então, mandaram-me embora.

Quer dizer, não estou a contar tudo, porque não é fácil. Nunca se conta tudo.

Até que lá fui para Caxias. Quando eu ia para Caxias vejo a minha mãe - eu acho que nunca falei nisto - vejo a minha mãe com as mãozitas nos bolsos. Não tinha nada, não sei se trazia um porta-moedas na mão ou não. Saía com a cabeça baixa, vinha a sair da António Maria Cardoso. Devem ter feito isto de propósito, para eu ver a minha mãe. Eu, que julgava que ninguém sabia que eu estava presa, porque era clandestina, afinal já me tinham posto nos jornais, a mim e ao Domingos, que eu não sabia, nunca soube.

Vejo a minha mãe e comecei aos gritos. Há um que me põe a mão na boca. Eu estava de tal maneira transtornada que comecei (isso eu lembro-me perfeitamente): «Bem feita canalha, eu vi a minha mãe, bem feita» (…) Lá fui e aí soube que a minha mãe me procurava.

Depois fui outra vez para a mesma cela, onde continuei. Nessa altura, não sei se adormeci, se não adormeci, porque eu deixei-me ir completamente, foi horrível. Parece que continuei a tortura de sono e oiço bater na parede. Eu sem poder fazer nada e oiço bater na parede. Comecei a ouvir, tentei perceber o que é que era. Só sabia que cada pancada correspondia a uma letra. Comecei a contar as pancadas e comecei a perceber, que disse: «Tens um selo que vendas a um camarada nosso?».

Soube depois mais tarde que eram estudantes universitários que tinham sido presos, que estavam a comunicar entre eles. Depois comecei a ver como é que eu o podia chamar e comecei a bater na parede. Bati, bati, que eles tiveram de interromper entre eles e perceberam que havia uma pessoa que estava a querer entrar. E depois perguntaram-me: «Quem és tu?». Eu disse quem era. «Onde foste presa?». Eu disse «No Montijo». «Já foste à PIDE?». Eu disse que sim. «Foste torturada?». Eu disse que sim, já tinha sido, claro. E eles disseram: «Amiga, coragem hoje e abraços amanhã». E isso ajuda muito, parecendo que não, ajuda. Depois comecei a fazer também com outras pessoas, a ajudar…

Antes disso abriram a porta e atiraram lá para dentro um embrulho grande, que eu fui ver o que é que era - fecharam a porta - era a minha roupa toda suja. Tive de lavar a roupa, que eu não tinha nada para vestir.

Esqueci-me de dizer o seguinte: na altura da tortura do sono e que estava a fazer as necessidades no chão, apareceu-me a menstruação. E eu não tinha nada para me proteger. E o Tinoco com as provocações, vendo que eu estava menstruada, disse: «O Abrantes» - nunca disseram Domingos, era sempre o Abrantes - «Está muito preocupado, que lhe venha a menstruação e não tenha pensos higiénicos, mas tem, não tem?». (...)

Nessa altura a roupa estava toda suja e eu tive de lavar a roupa para vestir. Pendurei nos cacifos que havia ali, para poder levar a roupa vestida quando fosse. Lá consegui lavar o pullover, a blusa, a camisa, aquelas coisas todas.

Passado uns dias voltei outra vez para a Maria Cardoso, outra vez para a PIDE. Nessa altura, quando cheguei, aparece o Tinoco outra vez. Veio primeiro o individuo com uma máquina de escrever e faz o interrogatório. E eu recusei-me a responder. Nem sequer dizia nada. Então veio o Tinoco e disse outra vez: «Agora aqui é que vai começar o espetáculo. Agora vai ficar completamente nua. E mais, enquanto não falar, fica aqui com vocês» - que eram duas mulheres, uma delas era a Madalena, a tal Leninha que a outra sugeriu. E então começa a insistir para eu falar: «Fala, ou não fala, sua puta? Sua merda?». Era tudo assim, o tratamento era só assim. E eu, nada.

Ela começou-me aos murros de tal maneira… além de me ir despindo. «Fala ou não fala?» Tirava uma peça. Depois tirava outra «Fala ou não fala?». Tirava outra. Mas tudo acompanhado de murros e pontapés. Pontapés nas canelas das pernas. Murros de tal

ordem que, ainda hoje, a minha irmã - que ainda é viva, mais velha que eu - ainda há pouco tempo dizia assim: «Ai São, nunca me esqueço quando te fui ver a primeira vez. Ainda estavas toda negra». Mas claro que eles deixam passar algum tempo, para que desapareçam as marcas. Mas nessa altura eu ainda tinha algumas marcas, claro.

Os murros eram de tal maneira que eu comecei, devia estar tão transtornada, comecei a rir à gargalhada. E ela então aí: «Não te rias, sua puta! Tens de chorar!». Sempre aos murros, sempre aos pontapés. Murros de tal ordem e pontapés, que as dores eram tantas, que chegou uma altura que as lágrimas correram-me e eu a rir à gargalhada. E elas: «Não te rias! (...) Tens de falar!». Tentou tudo para eu falar. Só descansou, quando se cansou de me bater.

Entretanto, quando eu fiquei completamente nua, fiquei de tal maneira de cabeça baixa e envergonhada… entraram montes de PIDEs e eu, naquela altura, não posso explicar o que é que senti. Sei que baixei a cabeça e corri para me encobrir na tal mesa que lá estava, ao pé delas. E nessa altura em que me encobri com a mesa ela empurra-me para o meio dos PIDEs. Então nessa altura lembrei-me, nem sei como é que me passou, só sei que me lembrei de um livro que tinha acabado de ler, na clandestinidade, que era o Arco-íris da Wanda Wasilewska - nunca mais me esqueci do nome. Então levantei a cabeça e comecei aos gritos: «Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez!», isto tudo aos berros. Quando cheguei ao décimo era o Tinoco, e havia mais. E eu disse: «Dez monstros. Vocês não são homens, não são nada. São uns monstros! São uns bandidos! Mas um dia o povo há de se vingar!». Acabaram por sair.

Elas depois vestiram-me, continuaram sempre aos murros. Uma agarrou-me e outra vestiu-me. Até que, eu já estava vestida, ela disse: «Vamos embora que esta merda não fala. Mas se eu fico mais tempo, eu espatifo-a toda». Entretanto entrou um homem com uma máquina fotográfica e um outro. Chegaram ao pé delas e disseram: «Já está vestida? Eu que vinha para a fotografar nua». E a Madalena respondeu «É uma merda que não vale nada. Vinhas ver uma merda destas? Não vale nada». Para eles qualquer merda serve, basta que tenha um buraco e que faça os movimentos.

Elas saíram, fiquei com eles. Então fui submetida a uma coisa que chamam a tortura do flash, que eu não sabia se existia, se faziam, se não faziam. Sei que me encostaram junto da parede, o PIDE na minha frente e o outro ao lado. Então começam a tirar fotografias - não sei se tiraram, se não tiraram, não devem ter tirado coisa nenhuma - só sei que foram horas. Não tenho dúvidas que foram horas, com o flash a bater-me nos olhos. Com murros no queixo, para levantar o queixo. O flash continuava a bater. Às tantas levantavam-me pelos sovacos e atiravam-me para o chão, depois tiravam-me do chão e sentavam-me na cadeira, depois levantavam-me outra vez sempre aos murros no queixo - mordi a língua várias vezes. E sempre o flash a bater-me nos olhos. De vez em quando interrompiam e vinham os PIDEs: «Assina ou não assina? Fala ou não fala? Tem que falar! Para isto acabar tem de falar!». E eu comecei aos gritos: «Matem-me! Façam o que quiserem, podem matar-me! Acabem comigo!», que eu cheguei a uma altura em que julgava que não saía dali com vida, julgava mesmo que não saía com vida. Então comecei a gritar: «Acabem comigo, mas eu não tenho nada a dizer à polícia! Não digo nada à polícia. Façam o que quiserem! Fixem isto: podem-me cortar aos bocadinhos, que caiba ali naquela rede, que eu não vou falar à polícia!». Eles vinham de vez em quando, continuavam os murros e o flash, até que depois

acabou. Passado um bocado, ao fim do dia, levaram-me para Caxias outra vez, onde fiquei. Depois fui para outra cela, fui estrear uma cela lá no último andar.

Mas depois fui ao médico, que eu tinha pedido médico. Houve uma altura em que eu deixei de comer, lá na PIDE. Houve outras coisas, mas já não vale a pena continuar. E o medico diz-me, o Dr. Barata - que era um verdadeiro PIDE - e diz-me: «Olhe, vá à PIDE, vá à polícia, despeje o saco que fica boa». Mas depois começaram-me a dar injeções. Entravam pela sala adentro e davam-me injeções, davam-me medicamentos. Lá mesmo na PIDE eu estou convencida que eles me drogaram, porque eles tentaram que eu bebesse, que tomasse um comprimido com água. Eu deitei a água fora, não engoli. Tentava sempre não engolir aquilo que eles me davam lá na PIDE. E ali o médico portou-se desta maneira.

Depois fui para uma cela, onde estavam 4 beliches.

Nessa altura fiquei sem visitas. Portanto houve uma altura, não sei se foi logo a seguir. Sei que foi mais tarde, mas fiquei de castigo um mês sem visitas. Agora há dias encontrei uma carta que dizia: «Só vou ver a minha irmã daqui por um mês, mas tenho que me aguentar. Já tenho tantas saudades dela». Portanto um mês sem visitas, depois tive outra altura sem recreio. Os castigos eram constantes.

Não se podia falar à janela. Houve uma amiga que me costumava falar à janela, a cantar - e nós também fazíamos o mesmo, a cantar à janela - e essa amiga, deixamos de a ouvir. E no dia seguinte, quando ela voltou, ela começou a cantar outra vez à janela - éramos castigadas, mas continuávamos a ajudar uns aos outros. Ela começou a cantar à janela e eu perguntei-lhe - eu ou outra camarada da cela - perguntei-lhe onde é que ela esteve, pensávamos que ela tinha ido à PIDE. Ela diz: «Não, fui para o Segredo. Estive lá na tumba», por estar a falar à janela. Eram constantes estes castigos assim.

Depois fui para essa cela onde estavam mais três, eram dois beliches. Num lado estava a Alice Capela, (...) a mãe e a Custódia do Couço. Essa Custódia estava no beliche em baixo, mas quando eu entrei foi para cima. (...) Quando eu cheguei, mas já com dois meses e tal de isolamento. E eu comecei a dizer que estava ali um aranhiço, porque na tortura de sono uma das alucinações que tive foi ver aranhiços enormes nas pernas das mesas.

Uma das mulheres que lá estava - eu não assisti, porque ela já lá não estava - foi presa com uma criança, que era o Alfredo. Teve lá um tempo com o filho, não sei quanto. Eles não poupavam as crianças. Houve crianças até que assistiram, que foram para a PIDE com as mães. Há uma criança que tirou uma fotografia - aquela fotografia que nós temos, que eu tenho duas, das duas prisões - essa fotografia foi tirada com uma criança, que é o filho da Albina. O Rui e a Isabel Pato foram presos com a Albina. Eu estive presa com a mãe da Isabel e do Álvaro, na mesma cela.

Depois houve o julgamento. Fui condenada a ano e meio de prisão. E pronto, continuei na prisão aquele tempo todo, fui mudando de cela. Nunca tive muito tempo na mesma cela. Depois passaram-me para uma outra sala, logo a seguir, onde estava a Amélia e a Lourença Cabecinha - que ainda é viva, mas não está em condições [faleceu a 08/01/2022]. Ainda há pouco tempo a Lourença dizia que assistiu ao estado em que

cheguei à cela - que eu não me consigo lembrar se fui primeiro para essa, se fui para a outra, mas acho que fui para a outra. Aí entravam os enfermeiros a dar-me injeções. Estive sempre muito debilitada. As primeiras visitas que tive eu ia agarrada às paredes, quase não conseguia segurar de pé.

Saí de Caxias, estava muita gente à minha espera. Quem é que estava? Um jovem que quis passar à frente dos meus pais. Estavam os meus pais, estava uma moça angolana, a Astride, que tinha estado presa na mesma cela comigo, que era do MPLA e era estudante universitária de Engenharia do Técnico e era da Casa do Estudante do Império. E a Astride também estava lá à minha espera. Mas há um jovem, um homem, que passou à frente da família e quis ser o primeiro a chegar ao pé de mim. E então, quem era? Era um preso que tinha saído de Peniche, a quem o Domingos pediu para ele passar, nas coisas dele, com um quadro feito pelo Domingos em fósforos - o caixilho era todo feito em fósforos – e tinha Os Amantes, do Picasso. Com uma dedicatória muito gira, que dizia: (...) «Uma história de amor» e «muitos beijinhos» (...) que eu não tinha recebido correspondência dele. E com uma malinha de mão, que ele sabia que eu não tinha. Tinha mandado comprar pela mulher de um preso, para entregar a este quando saísse. Então quis ser o primeiro.

Voltando atrás: eu nunca recebi correspondência, nós nunca nos podemos escrever, nunca nos pudemos ver. O Domingos tinha julgamento nesse dia - eu fui ao julgamento, mas ele não foi. Foi julgado à revelia, através de (...)
Ele [Domingos] escrevia-se com o meu irmão. Escrevia para o irmão dele e o irmão dele entregava as cartas ao meu irmão. Eu, mais tarde, escrevia também (…) depois de sair, que continuei a não o poder ver. Depois de sair escrevia, no nome da irmã ou da mãe, para ele. E ele escrevia-me como se fosse para a mãe.

Houve uma altura lá em Caxias que a minha cunhada me diz se tinha recebido uma carta - que eu não falava daquilo. E eu disse: «Não, não recebi nenhuma carta tua». «Tens que ver, tens lá uma carta», ou da minha cunhada ou do meu irmão. E eu disse que não sabia, que não tinha recebido. Volto à visita e volta-me a perguntar se eu tinha recebido a carta, eu disse que não. «Mas tu tens de receber essa carta». E eu comecei a protestar, a dizer que queria ir ao diretor. Protestei tanto que acabaram por me dar a carta, mas isto muito tempo depois. Então o que é que era a carta? Era o Domingos que tinha escrito uma coisa para mim numa das cartas como se fosse para o irmão dele. Então era: «Na minha frente tenho a fotografia dela. Por um lado, é um bem, mas por outro faz-me sentir mais a sua falta. A vida a seu lado é mais bela e mais fácil. Quero-lhe muito muito muito».

Depois tive um tempo sem poder vê-lo. Tivemos de casar em Peniche, para nos podermos visitar. Porque até aí não nos deixaram visitar.

O casamento foi muito simples. Não houve boda, não houve nada. Recusaram ao Domingos os padrinhos. Ele tinha escolhido o Tengarrinha, não deixaram. Tinha escolhido depois um preso que estava com ele - que estavam separados, mas juntavam-se nas refeições, porque eles estavam todos sozinhos, estiveram sempre isolados, só se juntaram nas refeições. Um preso, que era o Jorge (…) - recusaram. À última da hora teve de ser o meu irmão [Risos]. Teve de ser o meu irmão e a mulher do que era para ser padrinho e não foi. Eu não tinha nada de jeito, não tinha assim grandes

coisas para vestir, porque tinham ficado com tudo. Depois fui arranjando umas coisas. Foi com o vestido, que era uma sainha, um casaco e um blusão, que era da filha da minha madrinha. Então não houve nada, fotografias não deixaram tirar. As fotografias que existem, porque existem fotografias, foram tiradas na rua: eu, com os padrinhos e outras pessoas mais familiares.

A segunda prisão. Eu ia trabalhar. Arranjei trabalho a muito custo, porque era muito difícil para uma pessoa que saiu da prisão poder arranjar trabalho. Mas consegui arranjar trabalho na Medicamenta, porque um dos responsáveis da Medicamenta era um homem que tinha estado preso. E quando ia a chegar perto da Medicamenta há um individuo que me põe um cartão à frente da cara. E a Felisbela, que era a minha colega, viu aquilo pensou que era um amigo meu qualquer - que às vezes ia almoçar com amigos ou amigas - e pensou que era alguém conhecido e começou a andar, deixou-me. Eu depois olhei para ele e vi que era o Pereira André, o PIDE. E disse: «Acompanhe-me, acompanhe-me». E eu disse: «Não, não. Não o acompanho. Eu vou trabalhar». «Não, não vai. Já volta, daqui a bocadinho já volta, mas agora tem que ir comigo». «Não, não. Tenho que ir dizer ao meu chefe». Então como vi que não deixaram [disse]: «Não entro no carro!», eu comecei aos gritos e disse: «Felisbela! É a PIDE! Diz aí que é a PIDE». E essa minha colega chegou lá, disse ao chefe que tinha sido presa e o chefe disse-lhe isto: «Felisbela, não se fala aqui mais na Conceição. Não vais falar nisto a ninguém. Não se fala na Conceição». E então porque era? Porque eu podia sair e se ela dissesse e fosse espalhado, fosse aos ouvidos do patrão, que era o (…) eu não entrava [novamente]. Então pedia para me resguardar. E assim foi, quando saí voltei para ali.

Depois levaram-me para Caxias, começaram os interrogatórios. Há um chefe de brigada que me diz: «Olhe, é assim: não a conheço de lado nenhum, nunca a vi mais gorda». E eu nessa altura nem o deixei acabar, disse: «Então quero-lhes dizer que não passo aqui pela primeira vez. E foi aqui, nesta sala precisamente, que me deram cabo da saúde. E agora, tal como da outra vez, podem fazer o que quiserem, podem-me matar, que eu não tenho nada a dizer à polícia. Tal como da outra vez eu não falo à polícia». E o individuo saiu. Passado uns segundos, entra-me com o Tinoco e diz: «Trago-lhe aqui o homem que lhe deu cabo da saúde». Então entra o Tinoco, e o Tinoco diz: «Fui eu que lhe dei cabo da saúde. Tenho muita honra em lhe ter dado cabo da saúde. Só tenho pena de não lhe ter dado cabo da vida completamente, como prometi. Mas um dia, se for minha presa eu aguardo isso». Entretanto começam os interrogatórios e o outro sai. «Mas agora não é minha presa, é aqui do meu amigo Mortágua. Fique na sua vida que eu vou à minha» [disse] e saiu.

Mas antes disso começou com umas provocações. Foi a primeira vez que eu vesti calças, então diz: «Uma mulher, uma operária da CUF, de calças? O que é que os seus colegas da fábrica diriam de uma mulher de calças?», aquelas provocações do costume.

Bom, entretanto começam os interrogatórios. Sei que eu recusei-me sempre a responder. Estive completamente isolada durante dois meses e tal. Fui várias vezes à PIDE, nunca tive contacto com ninguém. Sempre fazer interrogatórios, ele queria-me obrigar a falar. Ainda me deram umas bofetadas, mas comparado não era nada, não

dou muita importância a isso. Acabaram por me pôr em liberdade, ao fim de dois meses e tal.

Eu só levava o dinheiro que levava para a Medicamenta que era para o almoço, não tinha dinheiro para o táxi. E eles puseram-me na rua ali na [António] Maria Cardoso. Eu saio para a rua e aparece logo um táxi, que eu hoje estou convencida que era um táxi da PIDE, estou mesmo convencida. Ele diz-me: «Então veio dali?». «Sim, sim, são uns bandidos», eu era assim ainda jovem e era assim um bocado. «Sim, tive presa dois meses e tal, são uns bandidos». E ele diz-me: «Ó minha senhora, mas isso agora acabou. Agora não é a mesma coisa. Agora com o Marcelo vai ser diferente». Foi através de um chauffeur de táxi que eu soube que tinha havido a mudança, tal foi o isolamento que tive.

Depois lá fui de táxi. O meu irmão trabalhava no hospital da CUF naquela altura, trabalhava no economato. Eu saí no hospital da CUF, para estar com o meu irmão e depois ir com o meu irmão, porque não tinha dinheiro para mais táxi - o meu irmão é que pagou.

Quando saí da prisão, então o Partido decidiu que nós íamos continuar na clandestinidade, mas dessa vez não ficávamos no interior. Ficámos fora, fomos para França, para os arredores de Paris. Nessa altura tive nesse ponto de apoio, tinha encontros clandestinos. E foi nesses encontros clandestinos que soube - tive um encontro com um jovem, na altura, que era estudante de advocacia, que era um jovem que tinha estado preso com o meu irmão - e foi ele que me disse que havia o 25 de abril. Começou a gritar: «Maria! Maria! Caiu o Marcelo! Caiu o Marcelo!». E eu pensei assim: «Caiu o Marcelo? Então querem ver que também caiu da cadeira como o outro?» [Risos] e ele diz: «Caiu, Maria, caiu!» - só me tratava por Maria, [porque] Marias há muitas.

O Domingos (…) não estava em Paris, tinha ido à Bélgica em trabalho. Eu disse: «Então nesse caso vou-me embora!...mas o que é, o que é?» (...) «Não sei bem o que é, mas caiu o Marcelo. Depois aparece o Zeca Afonso a cantar e o Spínola!» E eu fiquei mais baralhada ainda.

De modo, que o que é que eu fiz? Fui comprar um gravador ao Lafayette - ao pé do metro (…), foi aí que eu soube - para gravar as coisas pela rádio e comecei a ver televisão.

Fui para casa e comecei a ver o Spínola, o Zeca a cantar e comecei a ficar…[Pensava]: «Mas o que é que se passa? É bom? É mau? O que é que será? Mas está o Zeca...». Até que chegou o Domingos, dei-lhe as coisas para ele ver, assistimos à libertação dos presos só no dia seguinte. Aí comecei a ver que era bom. E pronto, foi a coisa mais bela que aconteceu nas nossas vidas. Foi uma alegria imensa.

Depois quando viemos apareceu um camarada a dizer que o Partido tinha decidido que nós íamos assistir ao 1º de Maio e iriamos com o Álvaro Cunhal. E assim foi, nós viemos no mesmo voo com o Álvaro Cunhal. O Álvaro Cunhal vinha no meio de nós os dois. Onde vinha o Luís Cília, o Mário Branco e muitos outros cantores. O avião vinha cheio de gente.

Ao chegar só o Álvaro podia sair, nós não podíamos sair. E o Álvaro disse: «Mas eu não venho sozinho, somos três». Então acabou por nos deixar, saímos os três e o resto ficou. Daí fomos para a sala dos VIPs, onde estava o Mário Soares. E quando vimos aquele povo todo à espera do Álvaro - não era à nossa espera, era à espera do Álvaro, porque ninguém sabia que nós vínhamos e onde é que estávamos. E então vejo a alegria daquele povo. Foi a maior alegria. Nem se pode traduzir aquele momento de tanta alegria. Aquele povo alegre, sorridente, com bandeiras, a gritar. Fantástico, uma coisa maravilhosa. E nessa altura eu vi passar a minha cunhada, a mulher do meu irmão. Ela olha para o carro onde eu estava. Quando eu a vejo, saí, agarramo-nos. Ela a chorar, a chorar agarrada a mim. Porque é que ela chorava? Não só de alegria de me ver, mas também não sabia que eu estava a chegar, foram todos à espera do Álvaro e depois vê-me a mim. De modo que foi uma surpresa muito grande.

Há uma coisa muito importante que eu gostaria de dizer. Que as novas gerações às vezes dizem assim: que nós somos agarrados ao passado. Eu não estou. E até digo mais, é das coisas que mais me custa fazer na vida, é ter de ir a escolas, ter vindo aqui e noutros mais, falar das coisas, remexer nestes problemas. Porque só me lembro deles quando venho fazer estas coisas. Mas também nunca me recusei, porque acho que é um dever de todos nós contar a história. Porque onde não há história não há futuro. Mas não é só, é que as novas gerações precisam saber. Quando eles nasceram já tinham a papa feita toda e não souberam o que é que foi. E eles precisam de saber que a liberdade teve muito custo, muita gente. Eu estou aqui para contar a história, mas há muitos, muitos, muitas pessoas que morreram e foram tão torturadas ou mais. Só no Tarrafal foi o que foi. E é preciso que eles saibam, para poderem lutar pela liberdade conquistada com tanto sacrifício".

Daniel Isidoro Figueiras Cabrita

Ano nascimento: 1938
Local do registo: Barreiro
Data do registo vídeo: 27-01-2022

"O facto de ter nascido no Barreiro há 83 anos. O Barreiro, era uma terra essencialmente operária e era muito difícil ser insensível ao ambiente social e político que se vivia na altura. A minha juventude foi passada aqui. Eu estudei aqui no Barreiro. E talvez a primeira reação que eu tive, ainda sem qualquer conteúdo político, mas uma reação que já denotava algum sintoma de rebeldia - talvez seja o termo mais adequado - era o facto de, ainda na minha juventude, deparar-me com o policiamento. A ocupação militar e o policiamento constante que havia nas ruas do Barreiro e as histórias que iam chegando das pessoas que eram presas… de quando ficava na rua até mais tarde, a própria circulação de uma carrinha, os polícias sempre armados de espingarda. Tudo isso, em jovem, um pouco um sentimento de uma certa incomodidade por assistir a esse plano.

Por outro lado, em minha casa respirava-se um ambiente oposicionista. O meu avô tinha uma costela republicana, o meu pai tinha fortes simpatias pelo anarco-sindicalismo. Eu digo o meu pai e o meu avô, porque nós vivíamos - o meu pai, o meu avô, a minha mãe - vivíamos conjuntamente na mesma casa. Portanto o ambiente familiar era esse. E portanto, comecei a sentir isso. Ouvia as histórias das pessoas que trabalhavam na CUF [Companhia União Fabril].

Depois de fazer o liceu aqui no Barreiro, empregaram-me na Companhia União Fabril como escriturário. Essa minha entrada na Companhia União Fabril, acentuou e permitiu-me chegarem mais os testemunhos de pessoas que tinham um comportamento e um pensamento claramente contra o Regime. Eu tive o meu batismo político em [19]58 - eu entrei para a CUF em [19]56, tinha 18 anos. E eu em [19]58, com um amigo meu aqui do Barreiro fui assistir, no Teatro da Trindade em Lisboa a um comício da eleição - eleição entre aspas – da campanha do Humberto Delgado. Esse simples facto de ter assistido a um comício naquela altura. Ouvir os oradores que estiveram presentes - sobretudo isso - acentuou-me alguma coisa que eu já vinha sentido de vontade de ter uma atividade política. O que veio a acontecer, ainda estava a trabalhar na Companhia União Fabril. Acabei por ter contactos e uma ligação ao próprio Partido Comunista no início dos anos 60 - já não estou muito seguro. Sei que em [19]62 quando fui assistir em Lisboa às manifestações do 1º de maio eu já estava ligado ao Partido. Agora o ano exatamente em que me liguei, como é que foi - eu acho que foi um processo com o contacto com várias pessoas aqui na CUF e acabei por me ligar ao Partido.

Em [19]62, se eu já vinha com o vírus de ouvir o comício do Humberto Delgado, aquela manifestação do 1º de maio impressionou-me muito. Impressionou-me sobretudo pela dimensão que as manifestações do 1º de maio em [19]62 em Lisboa tiveram e pela grande participação das pessoas. Isso tudo encorajou-me muito e levou-me a pretender ter uma atividade política - comecei a ter atividade política.

Comecei ligado ao Partido a ter as chamadas atividades clandestinas e as atividades que na altura o Partido considerava atividades legais. Eu fui dirigente do cineclube do Barreiro a partir de [19]63 - de [19]63 até [19]65. Portanto há este percurso todo – [19]58, 62, 63,

65. A par das atividades que tinha como membro do Partido, com aquelas atividades que um militante tinha de fazer inscrições nas paredes, que fiz algumas, da distribuição do Avante, de contactar pessoas para aderirem ao Partido, acabei por ser dirigente do cineclube. O que também me permitiu melhorar a minha formação, a própria formação política, porque os cineclubes na altura eram de facto um centro da oposição. Tudo isso ajudou.

Mantive-me [19]63 a [19]65. E nessa altura fiz a tropa, fiz o período da tropa. Com um episódio que eu me lembro, até quando estava aqui de uma segunda chamada que eu tive depois de ter feito o período normal do serviço militar. Como não fui para as colónias, como não fui para fora, chamaram-me uma segunda vez para ir para a tropa. Estava aqui no quartel de Brancanes em Setúbal quando houve o ataque ao quartel de Beja. Na altura o Brancanes era um quartel que pertencia à arma de artilharia de costa, era a arma a que eu pertencia. Portanto era um quartel praticamente sem atividade, não era como o quartel de Infantaria 11, onde as pessoas iam lá porque depois iam para as colónias. Na altura o Comandante do Regimento, que raramente aparecia, apareceu nesse dia muito aflito mandando pôr armas na porta de armas. Acho que tive um papel muito interessante nessa altura, porque em conversa com o sargento do quadro, o cabo miliciano que estava a tirar a formação para sargento e um oficial miliciano acabámos por ter uma conversa toda, que no fundo se concluía no seguinte: é que se o quartel fosse assaltado, [Risos] porque quem assaltou o quartel de Beja, ali entraria sem qualquer problema de certeza. Foi um episódio que eu nunca mais me esqueci, porque obrigou a este contacto com pessoas, que eu conhecia de lá, mas não conhecia sequer qual era a posição ideológica deles. Teve este resultado, que não foi nada de especial, mas teve o seu significado.

O problema é que, depois disso, eu deixei a CUF e passei para o banco TOTTA, já como elemento do Partido. No banco TOTTA - que pertencia ao mesmo grupo da CUF, aquilo acabou por ser uma transferência - eu continuei a desenvolver as minhas atividades, mas gerou-se um movimento entre os bancários de Lisboa para ganharem a direção do Sindicato dos Bancários de Lisboa. Na altura houve contatos comigo e eu acabei por incorporar a lista que se candidatou para a direção do sindicato. Ganhámos as eleições, por uma margem relativamente pequena - porque na altura concorríamos com o antigo presidente, o presidente que lá estava. Mas ganhámos as eleições, embora estivéssemos que estar um ano à espera antes de poder tomar posse. Quem conhecia a situação anterior ao 25 de abril, percebe o porquê: as direções que ganhavam as eleições tinham de esperar por uma homologação pelo Ministério das Corporações, que era feita debaixo de informação da PIDE. O que aconteceu foi que, na lista da qual eu fazia parte, houve dois elementos que foram cortados, portanto, o Ministérios das Corporações não autorizou que lhes fosse dado posse - porque a informação da PIDE era no sentido de que eram elementos suspeitos. Aliás, eu mais tarde vim a ver o despacho da PIDE e o que lá se escrevia era exatamente isso: eram indivíduos suspeitos e não podiam.

Curiosamente eu, que mesmo já depois de ter ganho as eleições, fui detido pela PIDE no 1º de maio de 1968. Vieram aqui a minha casa onde eu morava no Barreiro, com um aparato muito grande, com um GNR. Entraram-me em casa dois funcionários da PIDE com um GNR, durante a madrugada, prenderam-me, levaram-me para a António Maria Cardoso - na véspera do 1º de maio de [19]68. Estive lá uma noite, fizeram aqueles procedimentos normais, as fotografias, um interrogatório bem breve e no dia seguinte libertaram-me. É

curioso que embora tenha acontecido este facto, eu que já tinha concorrido no mesmo ano às eleições de [19]68, eu não fui cortado da lista, foram outras duas pessoas.

Foi uma coisa que me deixou sempre alguma interrogação, eventualmente a PIDE saberá porquê. Talvez pensando numa tática que era vulgar: «Um tipo referenciado, deixa cá ver com quem é que ele contacta», essa pode ter sido [a tática], mas não sei se foi essa se não.

A partir do momento em que acabei de tomar posse em [19]69, praticamente deixei de ter as chamadas atividades clandestinas. Aquilo que eu fazia, distribuições de Avantes, inscrições nas paredes, a mobilização, participação, agitação - tudo isso acabou por uma questão de segurança, quer para mim quer para as pessoas que me acompanhavam na direção do sindicato. Portanto a minha vida passou a ser feita em função das atividades do próprio sindicato, que acabou por ter uma grande importância política, na altura antes do 25 de abril, na medida em que se gerou nessa situação (...) uma orientação do Partido Comunista que era: as direções dos sindicatos corporativos serem ganhos por direções, por pessoas da confiança dos trabalhadores. Isso gerou um movimento que levou a que vários sindicatos fossem ganhos por pessoas ligadas à oposição democrática. Aliás, as «eleições» de [19]69 da oposição democrática, onde se constituíram as comissões socioprofissionais, acabou por ter um grande efeito na dinamização desse movimento para ganhar as direções dos sindicatos corporativos.

A partir do momento em que se ganhou as direções dos sindicatos corporativos, passou a haver uma atuação claramente política que foi marcadamente no sentido de: por um lado, tentar entrar no campo das reivindicações, obrigando as entidades patronais a cederem perante as propostas que eram apresentadas pelas direções sindicais; mas simultaneamente colocou-se uma outra questão, mais política, que ultrapassava o plano reivindicativo que era uma luta pela liberdade e pelos direitos sindicais.

Isto num quadro corporativo em que os sindicatos faziam parte do aparelho - aliás, não é por acaso que o Estado se chamava Estado Corporativo. Os sindicatos eram uma criação do próprio Regime. Os sindicatos criados pelos trabalhadores tinham sido todos extintos, com a constituição de [19]33. A célebre história do 18 de janeiro de [19]34, que ainda tentou haver uma resistência contra o encerramento dos sindicatos - não foi possível perante a correlação de forças que existia. O próprio facto destes serem os sindicatos oficiais, controlados pelo Regime, faziam parte do aparelho da estrutura corporativa. Fazia parte, era uma parte do Estado.

Esta luta pela liberdade sindical e pelos direitos sindicais assume uma importância muito grande e um significado político muito grande, que levou no desenvolvimento desta ação à constituição daquilo que foi as reuniões intersindicais - foram já em 1970. É uma coisa que alguns historiadores não, com exceção de alguns mais ligados às questões do trabalho, deem importância. Mas teve uma grande importância, pelo objetivo que perseguiu - estar a lutar pela liberdade e pelos direitos sindicais num quadro, num regime que não coabitava com as liberdades - isto por um lado. E por outro com a mobilização que isso gerou entre os trabalhadores, com a sua participação muito numerosa ao nível das assembleias gerais.

Os sindicatos corporativos eram uma coisa morta. A partir dessa dinamização os sindicatos passaram a ser um instrumento mobilizador da capacidade reivindicativa dos trabalhadores, com grandes concentrações no plano das assembleias gerais dos sindicatos, que reclamavam, reivindicavam - coisa que nas características daquele regime era sempre uma coisa não estava de acordo com a própria natureza do regime. Colidia, digamos assim, com o regime.

O direito de serem os sindicatos que estavam agrupados na Intersindical a designarem os representantes dos trabalhadores para a Conferência Anual do Trabalho, indicando concretamente os nomes que tinham sido eleitos na própria reunião. E foram comunicados ao Ministério das Corporações. Claro que Ministério não aceitou. Nomeou, como era habitual, alguns dirigentes de sindicatos que o próprio regime continuava a controlar - mas isto permitiu que houvesse da parte das direções que faziam parte das reuniões intersindicais uma queixa direta ao Secretário-Geral da Organização Internacional do Trabalho [OIT]. Que levou a que este respondesse ao próprio governo acentuando a necessidade, no fundo fazendo uma critica ao próprio governo no sentido de que o governo deveria respeitar os princípios inerentes à constituição da OIT. Isto levado para o plano internacional criou um incómodo muito grande.

Por outro lado, o desenvolvimento destas reuniões intersindicais levou à aprovação de um documento em que se reivindicava claramente, neste plano dos direitos e liberdades sindicais, o direito à greve. Isso era uma coisa que não podia ser aceite pelo próprio governo. Estes dois factos conjugados levou o governo… que, se até aí, já se vinha verificando alguma repressão com a chamada de dirigentes sindicais à PIDE, com proibição de reuniões, com destituição de uma própria direção - a direção do sindicato dos metalúrgicos de Lisboa foi destituída. O aumento da contestação originou, como era esperado, um aumento da repressão. Essa repressão vem acentuar-se com a minha prisão, já em [19]71, e a prisão do António Santos do sindicato dos jornalistas.

Era lógico ou virem-me prender ao sindicato, ou virem-me prender aqui a casa. Mas não! Foram-me prender a Sesimbra, onde eu estava a iniciar as minhas férias - é verdade. Prenderam-me a mim, o António Santos, o Manuel Candeias - que era do Sindicato dos Metalúrgicos, o Manuel Maria Candeias, que depois esteve preso comigo. Fui preso em 30 junho de [19]71. [Vou para a] António Maria Cardoso, onde começam os interrogatórios e passam-me para Caxias, onde continuam os interrogatórios.

Durante 22 dias eu sou sujeito a interrogatórios em Caxias. Com a chamada tortura física e psicológica que resultava de uma prisão feita pela PIDE. Durante 22 dias estive sujeito a essa repressão, aos interrogatórios. Depois estive em regime de isolamento completo praticamente dois meses e meio, até que finalmente, já no final acabei por estar numa cela com o jornalista, o António Santos - era jornalista d'A Capital. Foi o primeiro companheiro de prisão, foi o António Santos. Depois ainda ficámos em Caxias algum tempo e depois passámos para Peniche.

Eu fui libertado com medidas de segurança, o que significava que a prisão podia ser prolongada, que era prática na altura.

Aliás, há um episódio curioso. A minha prisão suscitou um movimento internacional muito grande, criou grande incómodos aqui ao governo. Porque as três centrais sindicais mundiais enviaram cá observadores ao meu julgamento, além de organizações

internacionais, o comité internacional, juristas internacionais, comité dos direitos humanos. A imprensa internacional noticiou, fez um noticiário muito grande. Porque na altura havia uma atenção muito grande por causa das guerras coloniais - as guerras coloniais favoreciam muito este apoio internacional. Na minha prisão - na minha e na do Candeias, que também foi dirigente sindical - suscitaram da parte da imprensa internacional, dos organismos internacionais e particularmente das organizações sindicais internacionais - a CMT [Confederação Mundial do Trabalho], a CISL [Confederação Internacional dos Sindicatos Livres] e a CGT [Confederação Geral dos Trabalhadores] francesa, que teve cá um representante permanente, que ficou cá muito tempo.

A atitude dos bancários perante a minha prisão foi uma coisa nunca vista em Portugal, porque além das manifestações que houve na Rua do Ouro, em plena sede da finança portuguesa. Tem maior significado - na altura estava tudo concentrado ali na baixa, hoje já não está. Houve manifestações permanentes com repercussão policial, mas muito concorridas. Houve manifestações interessantíssimas de gravata preta - todos os bancários andavam de gravata preta, as mulheres de lenço preto. No Porto foi rezada uma missa por graça dos presos.

A situação política em [19]71, quando eu fui preso, em que havia já uma contestação muito ampla ao regime, em que as eleições de [19]69 e [19]71, o Congresso de Aveiro - tudo isso tinha mobilizado muita gente. Tinha-se perdido muito medo. Um dos grandes méritos que eu acho que teve esta situação de termos ganho as direções dos sindicatos e fazer as assembleias gerais foi: muitos bancários perderam o medo de participar em coisas públicas, coisas que lhes interessava diretamente. Perdeu-se o medo.

Nessa altura havia muita gente ligada à oposição democrática, já acompanhavam de perto. A oposição ao próprio Regime tinha crescido muito. E, portanto, tudo isso dava animo às pessoas.

Acho que da parte da própria direção do sindicato, até ao sindicato ser encerrado - porque na decorrência das manifestações que foram feitas a pedir a minha libertação o regime encerrou o sindicato dos bancários de Lisboa e do Porto, eu tinha-me esquecido desse pormenor que é muito importante - mas enquanto isso não aconteceu, da parte da direção houve uma atitude muito corajosa de todos os meus colegas, que diariamente informavam, conseguiam chegar a todos os locais do banco com informação escrita sobre a situação em que eu estava. Isso criava nas pessoas uma informação completa e uma revolta muito grande, porque entendiam que tinha sido preso um dirigente sindical, porque nós tínhamos estado na direção a obter bons resultados na contratação coletiva.

Portanto, tínhamos feito um bom trabalho, que tinha resultado em benefícios para as pessoas e as pessoas não entendiam porque é que se prendia uma pessoa que tinha estado a trabalhar a favor delas, tinha conseguido [resultados] e depois era preso. Essa informação da parte dos meus colegas, foi uma coisa muito bem feita e da parte deles foi muito corajosa, levou a criar este ambiente e depois estas coisas são contagiantes - o problema é esse. Quando alguém começa e as coisas começam bem, o resto vem tudo atrás. A história das gravatas: não havia ninguém que não quisesse pôr gravata - isto não fui eu que vi, é o testemunho dos meus colegas - não havia ninguém que não pusesse gravata, e quem não pusesse... era muito mal visto. Aqui as coisas viraram-se já ao contrário. O ambiente político na altura, a boa condução feita enquanto sindicato e mesmo

depois do sindicato encerrado - porque houve um trabalho muito bem feito da parte das pessoas que tinham sido retiradas dos cargos de direção, mas continuaram a exigir ir ao sindicato e reunir, mantiveram a contestação. Da parte deles, houve um trabalho exemplar.

No dia em que eu fui libertado um grupo de bancários, numeroso, deslocou-se a Peniche para me receber. Só que na noite anterior a PIDE trouxe-me aqui para Caxias. Eu já não saí de Peniche, acabei por sair aqui sozinho de Caxias - quando ali deveria ter saído com uma receção dos bancários. E pronto, foi assim. Saí em [19]73, felizmente passado muito pouco tempo apareceu o 25 de abril.

Regressar à atividade sindical não podia, porque a lei não [permitia]. A perda de direitos políticos decorrente da sentença do tribunal plenário implicava também a não possibilidade de concorrer a cargos sindicais. O banco TOTTA admitiu-me sem qualquer reserva, da parte da administração da altura houve essa demonstração clara de compreensão. Uma posição que não se identificava com os propósitos do regime, de certeza, embora da parte do regime também desconheço se houve alguma pressão na administração, mas julgo que não - não sei, devem ter deixado ao critério da [administração]. Porque naquela altura também já se acentuavam as dificuldades do Marcelismo, acho que estas coisas também se explicam percebendo qual é o momento político em que as coisas ocorrem. Regressei à atividade bancária. A ligação ao Partido passou a ser feita praticamente sem militância, digamos assim, até chegar o 25 de abril".

Domingos Abrantes Ferreira

Ano nascimento: 1936
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 21-10-2021

"Eu nasci em Vila Franca, que é uma terra de grandes tradições revolucionárias, mas não foi aí que eu comecei a minha atividade política - até porque eu vim muito miúdo para Lisboa, para um bairro operário. Na altura, um grande bairro operário na zona oriental de Lisboa. Havia naquela altura dois grandes polos operários, que era aqui a zona ocidental - Alcântara sobretudo - e a zona oriental - que aquilo, como se costuma dizer, era fábrica sim, fábrica não. Era um polo mesmo de operários, do mundo operário. Não era só haver operários, porque há muitos sítios onde há operários, mesmo hoje, mas não há consciência política e não há consciência revolucionária. Ali não, ali eram pessoas que tinham hábitos de luta, tradições de luta - a minha própria mãe. O primeiro grande contacto com uma ação de massa são as greves de [19]43, que me impressionaram muito, porque eu era pequenito, tinha sete anos, e conhecia aquela gente toda.

A minha mãe trabalhou na fábrica tabaqueira e os tabaqueiros eram uma classe muito revolucionária - ainda hoje existe a Voz do Operário, ligada aos tabaqueiros. Era um trabalho de exploração brutal, muita tuberculose. Aliás, uma tia minha morreu de tuberculose. Se os fumadores soubessem o que era manipular tabaco, nem fumavam, porque aquilo é um cheiro terrível. Muita doença e falta de proteção. Nessa greve, as mulheres tabaqueiras tiveram um grande destaque. Para mim eram pessoas normais - algumas minhas vizinhas - e depois vejo centenas de mulheres, com a GNR.

Foram para a Praça do Campo Pequeno, a GNR meteu-as no passeio. Na rua a GNR e junto da parede [as pessoas] e assim conduziam [a manifestação]. Nem tinham camionetes para conduzir tanta gente. Elas pela rua fora, muito combativas. Normalmente só gritavam: «Temos fome! Queremos pão!». Não diziam quase mais nada: «Temos fome! Queremos pão!». Naquela altura da guerra, era uma fome tremenda - era a luta contra a fome. (...) Aquilo impressionou-me muito. Pela coragem. A GNR era uma coisa que metia medo, com cavalos, com espadas porque eram da cavalaria. Uma vez já tinha levado uma espadeirada de um GNR. A saltar ao eixo íamos pela rua fora, que era uma coisa de miúdo. Parámos em frente do quartel e ele não teve mais que demasia, com a espada, pumba! Aquilo metia medo. E para um miúdo, estamos a falar de uma criança de sete anos. Mas depois via aquelas mulheres, [com] uma altivez enorme. Não se impressionavam nem com os cavalos, nem com as espadas, nem com as ameaças e gritavam. Eram indomáveis, uma força que me impressionou muito. A greve e aquelas lutas tornavam-se motivos de conversa. Para uma criança aquilo «bebe-se» tudo. Aquilo parece quase uma aventura que as crianças bebem, e os comentários e a ferocidade da GNR. Comecei logo a aprender que a GNR é uma flor que não se cheira.

Fui crescendo num meio operário e pobre. Mas não foi por sermos pobres que me fiz comunista. Já uma vez me perguntaram se a pobreza [estava relacionada]. Fiz-me comunista, porque tive a sorte de ser acompanhado por pessoas que viviam mal, que não se conformavam com isso, que não gostavam daquilo - que há muita gente que não gosta de uma sociedade de miséria, de fome. É preciso ser muito perverso para se sentir bem

numa sociedade de miséria, de guerra, de pobreza. Eram pessoas que achavam que isso não devia existir e se propunham a transformar. Portanto, o destino dos comunistas não é o não gostar de uma sociedade onde há fome, onde há miséria. É não quererem aquela sociedade e lutarem.

Foi nesse meio de gente que não se conformava com a miséria, com a exploração, mas que lutava por isso. Então comecei a andar naqueles meandros…

O meu segundo contacto foi na campanha do Norton de Matos, que houve o que chamo o meu primeiro batismo de fogo. Os miúdos misturam-se. Cheguei à rua e vi gente - incluindo o meu irmão, que eu não fazia ideia nenhuma que andasse metido naquelas andanças - com baldes de cola, umas escadas, uns pinceis altos, com uns cartazes do General: «Vota General Norton de Matos». Aquilo tinha de ser colado a uma grande altura, porque depois vinha a GNR a cavalo e, com a espada, [risos] tiravam os cartazes. Aquilo era um espetáculo: andávamos a colar e a andava a GNR a tirar com a espada. Portanto aquilo tinha de ser posto a uma altura enorme, com uma escada enormíssima. (...) E os miúdos começam a ser úteis. Quem fazia a cola para as colagens dos cartazes era o farmacêutico do bairro. Era um democrata, um antifascista. Pediram-me para - como aquilo eram várias ruas, a farmácia ia ficando distante - pediram-me para ir renovar o balde da cola. [Risos] Os miúdos faziam tudo a correr. Tudo o que se pedia aos miúdos, eles faziam os recados sempre a correr - tinham mais essa vantagem.

Eu fui com eles. O bairro era praticamente azinhagas, não é como hoje. Marvila não era um cento urbano. Havia alguns polos à volta das fábricas, mas não havia o centro urbano que existe [hoje], havia alguns polos habitacionais, geralmente pessoas das próprias fábricas. Uma das vantagens é que muita daquela malta trabalhava junto à fábrica, é por isso que toda a gente se conhecia, na vida de bairro. Eu deixei-os junto de uma fábrica que já não existe, que era a fábrica dos sabões. Acabou a cola e eu vim a correr ao posto buscar a cola. Quando cheguei já não os vi. Então a polícia foi sempre à distância a acompanhá-los e, quando entraram numa azinhaga, atiraram-se a eles. Espancaram-nos. Levaram-nos. Levaram a cola, a escada, os seus cartazes - de maneira que quando eu cheguei, já não encontrei ninguém. Só depois mais tarde é que soube que tinham sido presos.

Entretanto, nessa altura já trabalhava na fábrica da manutenção militar. Naquela altura os miúdos começavam a trabalhar muito cedo. Eu costumo dizer que fui um felizardo, que comecei a trabalhar aos 11 anos. [Risos] Naquela altura nenhum pai pensava que aquilo era trabalho infantil. O meu primeiro ordenado foram 20 escudos por semana. 20 escudos são hoje 2 cêntimos, ou 10 cêntimos - não há comparação possível. Era nada. Ganhava 20 escudos por semana. E esses 20 escudos faziam-me jeito, que às vezes eram o único dinheiro. Faziam-se as compras ao fim de semana e muitas vezes era o único dinheiro que entrava em casa.

Portanto fui trabalhar para a manutenção militar, para uma zona de operários especializados. Eu fui para aprendiz de torneiro. Tinha um mestre muito humano - porque os mestres nem sempre eram humanos, porque [com] as frustrações, em vez de descarregarem nos encarregados, descarregavam nos miúdos. Depois havia também o problema da concorrência profissional. Aquele não. Só depois, mais tarde, vim a saber que era comunista. Aquele acarinhou com os miúdos, não estava a pensar no profissional que se estava a fazer concorrente. E conversava com os miúdos, sobre a vida, sobre as

perspetivas, sobre a moral, sobre a vida dos explorados. Ele tinha uma forma muito primária, mas muito assertiva, de fazer política.

Naquela altura a malta que era antifascista começava logo por dizer: «Eu de política não sei nada» - [Risos] por causa dos bufos - «… a minha política é o trabalho». Ele começava sempre assim: «Não sei nada de política. Não sei nada de comunismo, mas se os capitalistas não gostam de comunismo é porque não é bom para eles. E se não é bom para eles, deve ser bom para a gente». [Risos] Tão simples como isso! Isto é uma forma quase primária, mas que obriga a um raciocínio lógico: porque é que os capitalistas não gostam? [Risos] Com pequenas coisas deste modo, punha a miudagem a pensar. Esta história do «ninguém enriquece a trabalhar» era uma outra coisa, porque toda a gente que a gente conhecia - a minha mãe trabalhava, trabalhou quase até morrer - só conhecia pobres, gente a trabalhar que se fartava, mas nunca enriquecia! [Risos] A minha mãe até costumava dizer que o dinheiro nas mãos de uns é macho e nas mãos de outros é fêmea, quer dizer, nas mãos de uns reproduz-se e nas mãos de outros não.

Até que encontrei, tropecei, digamos assim, para usar um termo popular - porque aquilo eram comunistas porta sim porta não. Malta do MUD Juvenil [Movimento de Unidade Democrática Juvenil], que nessa altura era o grande movimento da juventude - até hoje a maior organização juvenil que existiu no nosso país. Nenhuma, nem mesmo depois do 25 de abril, atingiu a dimensão do MUD Juvenil. Uma organização fantástica. Chegou a ter 20 mil membros, o que é uma coisa muito curiosa, porque é um movimento que nunca foi legalizado. Tinha uma atividade legal, sem nunca ter sido legalizado. Claro, nasceu no quadro do fim da guerra, na impossibilidade do fascismo tinha de ter algum cuidado até para a credibilidade democrática. Naturalmente as potências ocidentais também devem ter dado alguns conselhos. O MUD [Movimento de Unidade Democrática], que surgiu uns tempos antes, foi ilegalizado logo em [19]47 e o MUD Juvenil resolveu não aceitar a ilegalização e manteve-se. Depois andávamos nisto. Eram presos, depois iam a tribunal ou não iam. Isto durou até 1958. Sempre cada vez mais presos, cada vez mais presos. Mas era uma grande organização e uma organização muito avançada para a época - estamos a falar de há 70 anos. Desde logo porque era uma organização de rapazes e raparigas - repare que na época onde havia rapazes não havia raparigas. Aquilo era logo uma pedrada no charco - era a única organização mista, de rapazes e raparigas. E de operários e de estudantes, porque havia muita malta estudante de origem burguesa. Naquela altura não havia estudantes filhos de operários, isso é uma coisa que veio depois, sobretudo depois do 25 de abril. Contavam-se pelos dedos os filhos de operários que chegavam à universidade (…). Mas eram jovens progressistas, que queriam uma vida diferente. Ainda que, como eu costumo dizer, viviam da mesada dos papás - portanto tinham uma atividade antifascista. Filhos de grande burguesia e filhos até de gente do regime que eram presos, aquilo era um escândalo. Mas era gente muito empenhada, muito corajosa e lutavam por uma vida diferente.

Mas esta realidade, uma organização de rapazes e raparigas e de operários e estudantes, fazia a diferença. Repare, se começar a ver a quantidade de gente que depois do 25 de abril foram figuras públicas que foram do MUD Juvenil - foram grandes figuras públicas - o Mário Soares, etc.

Foi aí, no meu bairro, [que] um companheiro que trabalhava comigo na fábrica propôs-me aderir ao MUD Juvenil - e aderi com todo o entusiasmo. Como eu costumava dizer, fazia parte daqueles jovens altruístas: «A revolução é a minha amada». Todos nós sonhávamos

com a revolução. Vivendo em fascismo, a conquista da liberdade era grande inspiração de quem não queria esta sociedade e que não se revia nela e de quem não acreditava que o nosso povo estivesse condenado a não viver em liberdade. Portanto tornei-me membro do MUD Juvenil e fui-me destacando. Pelo entusiasmo, pelo empenho. Também pela consciência política que tinha, era um leitor compulsivo, digamos assim. Porque naquela altura, a minha geração lia livros uns atrás dos outros e discutíamos aquilo tudo e tornávamo-nos apaixonados pelas personagens - uma coisa riquíssima, de uma geração de luxo, como eu costumo dizer - bebia aquilo. Os livros nos deram alimento. Eu até fazia parte de um grupo de jovens bastante sectários - não eram sectários do ponto de vista ideológico, era do ponto de vista comportamental. Para nós a revolução era a nossa amada, o dever revolucionário era toda a vida a revolução. Quando começavam a namorar e a casar: «Alto! Isso é um desvio pequeno burguês! Lá se vão as energias revolucionárias para o casal, depois vêm os filhos». [Risos] mas claro a realidade era mais forte do que práticas idealistas sobre os desvios pequeno burgueses. Eu às vezes farto-me e rir, porque era assim.

Ainda me lembro de um camarada jovem, magnífico, mas que a certa altura teve uma daquelas paixões de caixão à cova e eu era: «Há alguma rapariga que mereça o sacrifico da vida revolucionária?». [Risos] Claro, depois quando chegou a minha vida e o meu momento lá se foi a teoria sobre «a revolução é a minha amada». Continuei sempre a ter uma enorme confiança que o nosso povo iria viver diferente e conquistar a liberdade. Foi o mesmo camarada que depois me trouxe para o partido. Na nossa linguagem é «passou ao partido», isto é, saiu da Juventude. Podia-se estar na Juventude e no partido - que era o meu caso - no caso dele não, ficou só no trabalho do partido. Depois vim eu substituí-lo, fiquei na Juventude, com o trabalho do partido.

Tornei-me funcionário do MUD Juvenil - estive ainda funcionário do MUD Juvenil até 1959. Portanto vivi toda a (…) do Arlindo Vicente, do Humberto Delgado.

Nessa altura, 1957 / 58, o MUD Juvenil foi a alma dessa campanha, do Arlindo Vicente e do Humberto Delgado. A PIDE depois resolveu que era altura de acabar com isso e, portanto, prendeu praticamente toda a direção do MUD Juvenil - praticamente só fiquei eu de fora. Muitos intelectuais, o Óscar Lopes, o Agostinho Neto, dessa geração. 55 ou 56, já não me lembro. Foram julgados no Porto e foram condenados. Foi aí que foi decretado ilegal. [Risos] Uma coisa que nunca tinha sido legalizada, o tribunal ilegalizou por atividades subversivas.

Ainda tentámos, naquele rescaldo do Humberto Delgado… - porque o Humberto Delgado despertou um entusiamo grande na juventude, sobretudo juventude estudantil, muitos filhos de burgueses. Católicos - os jovens da JOC [Juventude Operária Católica] e da JUC [Juventude Universitária Católica] tiveram aqui um grande papel. Apareceu o Manuel Serra na altura - … e nós ainda tentámos ver se impúnhamos ao fascismo um MUD Juvenil B, mas eles não foram nisso. A direção da organização que se chamava União das Juventudes Portuguesas, passado uns dias, foi tudo preso.

Passei ao trabalho do Partido, a funcionário do Partido. Passei à atividade partidária. A acompanhar a zona operária. Vivi aqui clandestinamente na zona de Santo Amaro. Tive aqui várias casas - acompanhava estas fábricas, a Carris, na Amadora, em Carenque.

Curiosamente quando fugi da cadeia estive aqui em Carenque, numa casa de um camarada que era da fundição de Oeiras. Portanto comecei por aí.

Depois em [19]59 fui preso. Eu acompanhava umas fábricas da Venda Nova, a Sorefame, a Cometna, fábricas que infelizmente já não existem - e havia um fulano que nos pôs a casa à disposição, mas eu comecei a desconfiar dele. Ele era um fulano que tinha sido seminarista, dava apoio às missas - isso não havia problema - mas eram facilidades a mais e eu comecei a desconfiar dele, porque uma vez que saí de casa dele fui seguido. Apanhei o comboio da Amadora, apercebi-me que a polícia tinha entrado e antecipei-me. Quando cheguei à Buraca desci eu primeiro e eles já não tiveram tempo. Mas ficou-me. Uma outra vez que eu fui a casa dele também fui seguido. Comecei a julgar que era um fulano da polícia e não me enganei. Marquei-lhe um encontro ali para Campolide, junto ao Aqueduto das Águas Livres. Fui mais cedo, pus-me a num morro e vi andar ali um carro [faz um movimento com a mão, em círculo] para um sítio descampado. Dois e dois são quatro e fiz a confirmação. Ele quando chegou ao pé de mim perguntou-me: «Anda aí um carro, não desconfias?». E eu: «Não. É um carro normal, deve andar aí no engate», mas a polícia não deve ter comido. Mas ele sabia que ia haver uma reunião com camaradas da Cometna. Foi aí que eu cometi o erro. Fui à Amadora para avisar os camaradas que ele era bufo, mas a polícia já devia ter desconfiado e resolveram antecipar-se. Quando eu lá cheguei, já lá estavam.

Estava à espera que eles saíssem da fábrica e a polícia tinha montado uma encenação: um casal a fazer um piquenique com um bebé, a tirar a fralda ao bebé - e eu disse: «Isto é que é um sítio bestial para eu me pôr». [Risos] E fui-me sentar ao lado da polícia, à espera de que saíssem da fábrica. Entretanto chegou a brigada da polícia, ainda os vi ao longe, ainda tentei fugir. Havia um rio, ainda pus um pé do lado de lá, mas cai. Claro, puxaram da pistola e disseram: «Agora a seguir». E foi assim que eu fui preso. Começou aí a minha guerra com a polícia.

Eles não sabiam quem eu era. Sabiam que eu era clandestino, mas não sabiam como é que eu me chamava, de onde era. Sobre mim, zero. A única coisa que sabiam era que eu era clandestino, porque o outro tinha dito que eu era funcionário do partido. Perguntaram-me o nome e eu moita-carrasco [expressão popular para silêncio absoluto / teimosia em não falar]. Lá foram, meteram-me num carro.

Cheguei à [António] Maria Cardoso - nem fui para o Aljube, fui logo direito à Maria Cardoso. Naquela altura não havia telemóveis, mas já sabiam que me iam buscar. Apareceu-me um inspetor, ainda no rés-de-chão e perguntou aos PIDEs quem era. E eles: «Ele não diz». E ele: «Quem você é?». E eu, moita-carrasco. Da minha boca nem nunca ouviram o nome - nem nome, onde é que mora, zero. Então subi para o terceiro andar e entrei logo na tortura de sono. Foi logo direto. O grave problema deles é que não sabiam quem eu era. Tinham ali um preso, sabiam que era clandestino, mas zero. Portanto aquilo era de hora a hora ou meia-hora: «Quem é que você é? Onde que mora?». E eu, moita-carrasco. A certa altura, já sabiam quem eu era. Não sei porquê, lá concluíram quem eu era, até apareceram com umas fotografias da escola e tudo. Mas continuavam a perguntar quem eu era [Risos] queriam ouvir da minha boca quem eu era. Moita-Carrasco. Nem bom dia, nem boa tarde - zero. [Risos] Da primeira vez que fui preso ainda foram uns três dias, depois mais seis dias - 15 dias de tortura de sono, mas em tranches, não foi tudo seguido.

Não havia nenhum crime em eu dizer como é que me chamava, a única coisa que era crime era denunciar camaradas ou onde moravam. Aliás, não dizer quem era também dava um processo [Risos] era tudo a somar. «Recusou-se a identificar-se» era um processo. Cada um tinha a sua própria estratégia, eu por aquilo que ia ouvindo de outros camaradas cheguei à conclusão que era tudo mais fácil [se não falasse]. Zero, nem nome nem bom dia, nem boa tarde, zero. Mas, claro, quem começa por aí não pode sair disso, porque se não diz o nome e depois diz o nome, a polícia agarra-se a isso - é um enfraquecimento. É por isso que eles me perguntavam o nome (...) para ver se eu queria falar. Zero. Fiz essa estratégia. Às vezes também era um bocado petulante, porque era jovem, tinha de mostrar à polícia que era mais forte que eles - e isso tem um preço.

Um dia estava lá eu e um PIDE, e eu disse: «Vocês são uns ladrões pá». Deram-me um enxerto - porque eles tinham-me roubado tudo, portanto eram ladrões. O dinheiro, as coisas - ladrões. Não gostaram. Mas é curioso, quando lhes chamava assassinos não se sentiam ofendidos - «Sim, sim. Matamos e se alguma coisa temos a lamentar é não termos morto mais». Achavam que o nome assassino encaixava bem neles, ladrão é que não. [Risos] Essa foi uma das vezes.

A outra vez estava com (...) alucinações. Quando se está muito tempo sem dormir, começam-se a ver coisas - as casas a mexer, no chão estas pintas tornam-se numa coisa enorme, parecem bichos, aparecem coisas que não são reais. E eu vi um PIDE a violar uma jovem. Mandei-lhe um pontapé. Ele tinha quase dois metros, mandou-me um murro, até vi estrelas - vê-se mesmo estrelas [Risos] para quem não sabe, eu posso-lhe garantir que se vê mesmo estrelas. Um murro e um pontapé, até saí pela porta fora. Apareceram logo uns 10 ou 15, mas viram que eu estava com alucinações e o inspetor Tinoco, esse bandido, olhou para mim - pequenito o outro [PIDE] - e me disse: «Você escolheu mal!» [Risos] mas ali não havia escolha possível.

Outra vez tentaram que eu fizesse estátua. A «estátua» é estar de pé. É não dormir, mas é diferente do que estar sentado, a pessoa enfraquece mais depressa. Tiraram-me a cadeira e eu deitei-me no chão. Claro, a cadeira é uma inutilidade, porque ao fim de certo tempo a gente adormece mais depressa sentado e depois leva caroladas, leva uns murros na cabeça - mas o conforto apesar de tudo... Mas como tiraram a cadeira, eu tinha que reagir: deitei-me no chão. Vieram os PIDEs e disseram: «O senhor inspetor não vai gostar disso», e eu disse: «A mim que me importa». Não tinha nada a perder! Mas depois de me deitar no chão já não me podia levantar. Mandaram-me levantar e eu, moita-carrasco. Ameaçaram-me, entraram com os cassetetes - e eu nada. Disse: «Daqui, só à força». Lá se foram embora e disseram: «Dá lá a cadeira ao gajo» - lá me deram a cadeira.

Até que se convenceram que dali não levavam nada. Ao fim de 16 dias deixaram-me os interrogatórios. Mesmo assim ainda estive quase cinco meses isolado nos curros do Aljube.

Para quem não viveu isso - meses e meses sem visitas, sem jornal, sem lápis, sem falar com ninguém. É preciso estoicismo. Eu quero dizer com toda a franqueza que prefiro o isolamento à tortura do sono. [Risos] E prefiro espancamentos à tortura do sono - mas depois cada um é como é. É preciso recriar a vida. É preciso pensar que as pessoas estão lá fora, que a vida continua, que a luta continua, que há outros camaradas lá fora - se não dá-se completamente em doido.

Depois fui para Caxias em outubro, fins de outubro. Convenceram-se que eu não lhes dizia nada e, portanto, mandaram-me para Caxias, para a sala dos funcionários [do partido] - que na altura os funcionários estavam isolados de todo o resto da cadeia, a célebre sala do rés-de-chão. Era uma ala só connosco. Estavam 10, outras vezes cinco. E ali estive até fevereiro de 1960.

Um mês antes tinha-se dado a fuga de Peniche. Eu tive a honra de ir inaugurar as novas instalações, fomos ocupar as celas dos que tinham fugido. Ainda hoje não sei porque é que fui parar [a Peniche] - isto, porque não estava julgado - presumo que qualquer coisa que julgaram, na visita, que eu estaria a dizer à família. O guarda interrompeu a visita e lá fui nessa leva. O único que não estava julgado e que foi para Peniche. Peniche nessa altura era de cortar à faca. Os outros fugiram, vocês agora pagam as favas - a teoria era essa. Aquilo era um regime inimaginável, de provocação, isolamento, 20 e tal horas de isolamento por dia - coisas mesmo para massacrar. Tiraram-me os livros - eu ainda protestei, mais outro camarada, mas não, o guarda, que era um imbecil, disse «Aqui só entram gramáticas e 'cionários». ele nem dizia dicionários, era 'cionários. [Risos] Ficámos logo esclarecidos.

Ali estive em Peniche quase um ano, porque não estava julgado. Não estava julgado, tiveram de me trazer para trás. E é nessa altura que começou a fuga no estado [primário]. Em boa hora que vim para baixo para ser julgado.

Eu era desertor. Portanto o processo que a PIDE me tinha feito, formalmente não me servia, porque eu era militar e devia ser julgado no tribunal militar. No tribunal militar formalmente as perguntas são rigorosamente as mesmas. Tinham lá o processo, só que eu formalmente sou ouvido pelos juízes militares e julgado em tribunal militar.

Os tribunais plenários ou militares eram emanações da PIDE. O processo, a prova era a PIDE que fazia. Aliás, a PIDE era uma instituição que investigava, prendia, torturava, acusava e redigia a sentença. E depois do julgamento passava-se para as mãos da polícia, porque as cadeias eram privativas da polícia. Desde que se entrava até sair, sempre nas mãos da polícia - os tribunais ali não eram nada.

Para ver como a polícia mandava nos tribunais: eu, na primeira vez que fui ser ouvido no tribunal militar, fui algemado. O meu advogado, que era o velho Manuel João Palma Carlos, uma figura da advocacia de grande prestígio - também esteve preso. Até foi preso em tribunal. [Risos] Houve um julgamento que passou de advogado de defesa a réu. Também podia acontecer disso. E protestou que era ilegal eu estar a ser ouvido em tribunal algemado, até citou os códigos. O juiz esteve-se nas tintas para os códigos e disse: «Se a polícia o algemou é porque acha que é preciso!». Nem mais, nem menos! Ele até renunciou em protesto. Fiquei sem advogado. Logo na primeira audiência fiquei sem advogado. Também no tribunal foi expulso.

Fui julgado - eu era acusado de atividades políticas subversivas. Comecei a falar e diz-me o Juiz: «Isto aqui não é para falar de política». [Risos] Um político acusado não podia falar de política. E, claro, comecei a mandar vir - fez um sinal à polícia e lá fui retirado do tribunal. Eu fui julgado, fui a tribunal, quatro dias ou três antes da fuga. Isso foi muito útil, porque nós quando fugimos - falaremos mais adiante disso - a fuga de Peniche introduziu várias modificações estruturais na cadeia de Caxias. Repare que a fuga de Caxias é a última fuga (...) - nunca mais houve fugas. A fuga de Peniche, porque era uma fuga de alta segurança,

mas havia uma fragilidade que eles não viram - viram os presos. Em Caxias também havia uma fragilidade que eles não viram. Só se pode fugir descobrindo aquilo.

[Descrição da fuga de Caxias no vídeo "Domingos Abrantes (A Fuga)". A fuga da prisão de Caxias foi em dezembro de 1961. Domingos Abrantes esteve fugido quatro anos, é novamente preso em 1965]

Depois fui preso em abril de 65. Vivia no Montijo, naquela altura era uma pessoa célebre. Era engenheiro do plano de rega do Alentejo. [Risos] Alugar casas, naquela altura, era um bocado difícil, porque exigiam normalmente um fiador. Os senhorios seguravam-se com os fiadores. A gente não podia ter um fiador. Se a gente fosse preso, o fiador também era preso. De maneira que tinha de se ser uma pessoa acima de qualquer suspeita e ter a capacidade de convencer o senhorio que eramos pessoas respeitáveis. [Risos] Então um camarada do Barreiro tinha oferecido ao filho um sobretudo inglês daqueles de alta gama, emprestou-me o sobretudo, arranjei um carro que me emprestaram - também tinha carta clandestina - e apresentei-me lá. Aquilo era um prédio novo, um camponês tinha feito um prédio, e disse que era engenheiro do plano da rega do Alentejo: «O Alentejo, não preciso de lá ir todos os dias. Quero estar distante, que lá o clima... não me dou bem com o calor». E o homem olhou para mim, não me conhecia de lado nenhum, disse-me assim: «Vê-se logo que você é uma pessoa séria». [Risos] E assinou logo a casa, fez logo o contrato - em nome falso, claro. Aliás, até depois tornou-se bastante amigo da minha companheira, que eles tinham uma filhita. Alugámos a casa.

A casa foi assaltada durante a noite. Só estava a minha mulher em casa. Eu já não estava em casa há uma semana, portanto eles quando assaltaram a casa não me devem ter visto sair. Já deviam vigiar a casa e ficaram surpreendidos, eu não estava em casa. Eu estava fora, mas nunca se entrava nas casas sem um sinal. A minha companheira tinha de por um sinal a uma certa distância - se eu dizia: «Amanhã chego às 11h», ela às 10:30h punha lá um sinal, era prova que a casa [estava segura]. Claro, podia ser assaltada, mas a probabilidade era menor.

A casa foi assaltada às 3 / 4h da manhã. A minha companheira não abriu a porta. Numa casa clandestina tocarem à campainha, só podia ser a polícia. A família não sabia onde é que estávamos, a gente não recebia visitas, só podia ser a polícia. Portanto foi ao quarto queimar os papéis - a gente dormia sempre com álcool e caixa de fósforos para queimar os papéis. Enquanto ela estava a queimar os papéis, os gajos - já levavam, já sabiam - meteram um pé-de-cabra, rebentaram a porta, assaltaram ali pra dentro. Eu não estava em casa, mas eles mantiveram-se em casa. Ora eu, quando cheguei ao sítio do sinal, não tinha sinal. Estava presa, já estava presa há quase 24 horas. Portanto o meu dever era ir-me embora - que era assim, não está o sinal, vai-se embora, que a casa ou foi [assaltada] ou depois se vê. Só que eu tive azar, porque aquilo era uma caixa de fósforos que se punha num poste de eletricidade da EDP. E nessa semana a câmara teve uma ideia genial que foi jardinar a rua, no local onde estava o poste - e tirou o poste. E, portanto, eu quando cheguei não vi poste - e fiquei na dúvida: a caixa não está porque ela não tinha onde pôr? Fiquei na dúvida. Isto também era 1h da manhã, o Montijo era uma vila operária, não havia ninguém na rua. Só havia eu e a polícia. Uma terra de trabalho, de gente comum, não havia vida noturna, terra de corticeiros e operários - zero, na rua zero. Fui-me aproximando a ver se havia sinais, vi logo que tinha a polícia atrás de mim. A polícia tinha montado um cerco nas entradas da vila e eu vi que estava cercado. Encaminhei-me para casa e meti-me lá, sob o

vão da escada. Claro que eles me tinham visto entrar para ali. [Risos] Começaram a bater o prédio todo e lá me encontraram, agachado debaixo da porta.

Levaram-me para a polícia logo. E aí é a segunda prisão e é bastante mais complicada, porque cheguei à polícia - tinha fugido, era mais responsável - ao célebre terceiro andar e apareceu-me o Tinoco, esse malandro, e disse: «Você agora se quiser falar sabe mais. Tem mais coisas para contar, se quiser contar». Eu disse: «Vocês estão a perder o vosso tempo, que eu não vos vou dizer nada. Vocês já me conhecem, portanto mandem-me para Caxias. Estão a perder o vosso tempo, não vos vou dizer nada, zero». Mas a polícia não se convence disso e disse-me assim: «Você agora vai ficar aqui até ao 1º de maio, porque o partido (...) está a apelar ao 1º de maio, se houver sururu você paga as favas». Assim, como quem diz: «se houver alguma coisa lá fora, você paga». E eu fiz as contas: estamos a 23, ao 1 de maio... ultrapassa - o tempo máximo que tinha estado na tortura do sono tinha sido seis dias seguidos - pá, isto passa a marca. E ali entrei. Mal sabia eu que ia parar aos 16, mas quando se passa um certo dia...

Há os problemas da chantagem, depois vem um médico ver se a pessoa aguenta, se não aguenta. O médico ali não é para tratar, o médico ali é para dizer: «O gajo ainda aguenta», vai vendo os olhos... Mas está-se cada vez mais enfraquecido. Tem de se tirar os sapatos. Há uma história do Jaime Serra, em que as botas tiveram de ser cortadas à faca. Caiu na asneira de não tirar os sapatos e [os pés] ficam uns trambolhos enormes, uma coisa descomunal. [Levanta as calças, mostrando a perna esquerda] Eu tinha umas meias - que despareceram na exposição dos 60 anos, alguém as roubou - que tinham sangue colado. A pele racha [aponta para a pele da perna]. Este soro parece ácido, queima mesmo. A certa altura não há ninguém - nem com pancada na cabeça - não há ninguém que mantenha ninguém acordado. Só ao pontapé.

A certa altura, já andavam duas alminhas comigo ao colo, aguentavam-me, porque se me deixassem caía no chão. Andavam ali aquelas alminhas, nunca mais se convenciam que eu não lhes dizia nada.

A certa altura entrou um cientista, todo engravatado, um PIDE. E diz-me assim (reparem, que hoje as pessoas riem-se, mas estamos a falar para uma pessoa que está mais lá do que cá): «Vais morrer. Isso é de uma inutilidade, o partido não merece isso. Estás a dar a vida por uma coisa que não tem sentido. Depois os gajos ficam lá fora, tu é que vais à vida. Vais morrer, a gente vai-te matar». Vão incutindo uma ideia que pode entrar na cabeça: «Vais mesmo morrer!». Não estão a brincar, estão a incutir o temor. Os gajos andam bem vestidos, bem calçados: «Este sacrifício não vale [a pena]. Vai mas é tratar da tua vida». Depois vem uma carta da minha companheira: «Vamos tratar da nossa vida. Eu já disse tudo». Aquelas coisas.

Então entrou o senhor e diz: «Então está aí a sacrificar-se, a sofrer. Isso é uma inutilidade. Isso é uma coisa inglória, porque nós comprámos uma máquina aos americanos. Você não fala, mas essa máquina vai buscar o que você tem na cabeça». Isto parece uma anedota, mas eles estão a falar para uma pessoa que está cada vez mais debilitada. Tão debilitada que está mais lá do que cá. É nesse contexto. E ele começava-me a dizer: «O cérebro é assim à frente, acumula-se atrás». - dava uma lição sobre o cérebro de forma a tornar credível a existência da máquina. Além do mais falava-se, na altura, que os americanos andavam à volta de uma máquina. Aquelas lições tinham alguma credibilidade. Comecei a

ficar com uma perturbação enorme: «Não vou dizer nada a estes gajos e estes gajos vêm cá buscar o que eu não quero dizer. Um gajo não abre a boca, que se está a sacrificar, que se arrisca a morrer e depois vem cá um gajo com uma máquina».

Quando eles acharam que eu estava maduro, entrou uma quantidade de PIDEs, um cientista - que não era nada cientista, era um PIDE que devia ter alguns conhecimentos - e disse: «Vamos lá levar o gajo à máquina». Lá me levaram ao colo, que eu já não andava. Aquilo era umas águas-furtadas, sentaram-me, puseram-me um capacete cheio de coisas, uns cordões [finge colocar fios no peito] - como se fosse um astronauta - e o PIDE: «Liga a máquina!». Zero, nada, não saía nada. [Risos] E eu a cambalear. E ele diz: «Há aqui uma avaria, levem-no para baixo, vamos consertar a máquina». Lá vim outra vez para baixo, para os gajos consertarem a máquina. Mais um dia, dois dias, três dias. Lá vinha o senhor do cérebro, aquela história: «Vais morrer». «Vai à máquina». O mesmo aparato, o capacete, como se fosse o de astronauta. [Risos] Liga a máquina - zero. E eu cambaleava, eles até tinham que me segurar, mas já meio grogue [pensei]: «Isto é tanga». Tive o discernimento que aquilo era tanga. Então, uma coisa patética, fiz assim à Cristo [abre os braços, como se estivesse crucificado]. Eu devia estar sujíssimo, só tomei banho ao fim de 27 dias, uma barba, os olhos deviam estar encovadíssimos - felizmente não me vi ao espelho. E então disse assim [abre novamente os braços]: «Isto não treme. Vocês daqui não vão levar nada. (...) Vocês têm máquina, mas é merda». Riram-se. Lá convenceram que não tinha máquina. Disseram-me mesmo que não tinham máquina - o que era uma evidência.

Lá me trouxeram para baixo e então tinha um colchão no chão à minha espera. Olhei para o colchão e o inspetor: «O gajo agora... vocês só o podem aproximar até meio metro do colchão». [Risos] É como a água no deserto. Um fulano está ali há 16 dias sem dormir, o colchão é uma tentação. Quando me disseram: «Deixem-no lá dormir». Olhe, ainda hoje, quando acordei não sei quantas horas depois - nem sei se fui à casa de banho, comer não comi, de certeza - quando acordei não sei ao fim de quantas horas, sei que era de manhã. Lá estavam os PIDEs sentados: «O gajo acordou!». Lá entraram uma quantidade deles e ainda me perguntaram se queria falar, se não queria falar. [Risos] Se eu não falei antes de dormir, quanto mais depois de dormir: «Vocês estão a perder o vosso tempo. Eu não vos vou dizer nada, não insistam. Eu não vos vou dizer nada. Vocês podem-me espatifar todo, eu não vos vou dizer nada». [Eles]: «Você é um fanático!».

Veio a vingança do chinês. [Risos] Eu tinha uma cabeleira, usava uma poupa (...), tinha um cabelão enorme - cortaram-me o cabelo rentinho, rentinho. Uma coisa mesmo... vingança de chinês.

Eu tinha fugido, portanto tinha defraudado a fazenda pública. Tinha fugido, tinha arrombado um portão, tinha roubado um carro do Estado. [Risos] Portanto tinha um castigo. Fui para Caxias. Meteram-me 10 dias no Segredo.

A minha companheira não sabia que eu estava preso. Eu sabia que ela estava presa, ela é que não sabia que eu estava preso. Ela foi presa 24 horas antes de mim, não sabia que eu estava preso. Ela veio para interrogatórios na carrinha em que eu fui para Caxias. Ela pareceu-me ver - estava à espera de ser chamada para interrogatório, quando vinha uma carrinha vinha sempre à janela ver. Mas como me tinha deixado com uma grande cabeleira e depois vê um fulano careca [pensou]: «Não é ele». E eu só sei os dias que eu estive na polícia pela minha mulher, porque ela foi com a unha cortando no armário os dias que

esteve lá presa - 17 dias, no isolamento- e como se sabe que ela foi no carro em que eu vim, é por isso. Se não, eu não tinha noção. Não é possível, perde-se a noção do dia e da noite.

Então fui para o Segredo de Caxias - o sítio onde tinha fugido. O Segredo de Caxias é uma coisa - já disse uma vez numa entrevista - é como se fosse enterrado vivo. É uma coisa subterrânea, debaixo daqueles morros, sem luz. Não chega ali o mais leve som. É uma enxerga no chão. Aquelas casas de banho tipo romanas no chão. Para se ir à casa de banho tinha de se ir ali. Quando ia a entrar diz-me o guarda: «Você não pode cantar». Nem sei para que é que ele me disse isso. [Risos] A vontade de cantar não devia ser muita. «Você não pode cantar». «Ai não?» Eu tinha que cantar - ele disse que eu não podia cantar, eu tinha que cantar. Então passava o dia a cantar a internacional. Que era a forma também de ver alguma luz, porque o gajo de vez em quando vinha à porta: «Você não sabe que não pode cantar?!», era a forma de ver alguma claridade. Tive 10 dias ali, porque tinha de pagar o castigo da fuga.

Voltei para Peniche, de onde saí oito anos depois. Quando foi do julgamento, julguei que ia ver a minha mulher, mas já não me levaram a julgamento. Recebi a sentença por correio. [Risos] O tribunal aprovou tudo na base do que disse a polícia. O Jorge Sampaio é que foi o meu advogado, mas já depois do julgamento. Não tive julgamento.

Portanto ela [a sua companheira, Conceição Matos] andou ali, até que a autorizaram [a vir visitar, para casar]. Mas até ao último dia foi uma encrenca, porque todas as testemunhas [de casamento] eram cortadas. Estávamos a ver que mesmo depois de autorizado, não havia. E foi um casamento sem boda. Se vocês forem a Peniche está lá no museu a nossa fotografia do casamento, que tem uma originalidade: só tem a família, não tem o noivo. [Risos] O casamento é com a noiva e com família, não tem o noivo. (...) Costumo dizer que o Borges Coelho é um privilegiado, que ele teve direito a boda. Pode ter havido ali também os problemas sociais, de classe, que a polícia fazia muita distinção disso.

Ninguém esperava o 25 de abril. Até há uma história muito engraçada. Quando se vai para a clandestinidade só havia duas hipóteses: ou caía o fascismo, ou se era preso ou se morria. E se voltasse a ser preso - eu já tinha 11 anos, eram mais 11 em cima, não havia mãos a medir. É sempre a somar!

A minha companheira tinha saído antes de mim. Fomos para casa de minha mãe. Ela fez aquilo que é normal, de uma pessoa que tem casa. Arranjou um frigorificozito, pôs um esquentador, uma mobília de quarto - e deu-nos aquilo tudo. Fomos [para essa casa] como uma muleta, que aquilo para nós não servia para nada. Partimos para uma grande viagem. Partimos, nem nos despedimos de ninguém, deixámos umas cartas e tal. Depois veio o 25 de abril. Quando chegámos, a casa estava intacta. (...) De maneira que no dia em que chegámos tínhamos casa posta. Mas tínhamos partido para uma grande viagem.

A chegada aqui a Portugal é uma coisa inesquecível. Primeiro, para uma pessoa como eu, como ela, que vivemos muitos anos de clandestinidade, de cadeia, a separação, que nascemos já em fascismo, nunca tínhamos visto bandeiras vermelhas na rua. «Viva o PCP!», a gente só conhecia isso na cadeia.

Por isso chegámos ao aeroporto, uma multidão gigantesca. [Vem num avião] chamado o avião da liberdade. Venho eu, ela, o Álvaro Cunhal, o [Luís] Cília, o Mário Branco - um voo

da Air France a abarrotar. Primeiro foi logo encrenca, porque o Álvaro Cunhal era clandestino, não tinha passaporte. [Risos] No princípio, os serviços ainda achavam que isto ia manter-se… Até que foram os franceses que deram uma ajuda na resolução do passaporte. Depois chegámos ao aeroporto, a primeira surpresa. Somos comunistas, com tudo o que isso [engloba]. No imaginário, havia muitos portugueses que tinham muito respeito pelos comunistas, mas havia muita «faicharia» como é evidente. Então lá o pessoal de bordo disse: «Senhor Álvaro Cunhal e acompanhantes, preparem-se para sair em primeiro lugar». Lá nos preparámos. Abre-se a portinhola e aparece o Jaime Neves a fazer continência - um Coronel a fazer continência a um comunista. [Risos] Era uma multidão gigante, nós não fomos esmagados nem sei como. Toda a gente a querer abraçar… Não ficámos esmagados, mas uma vidraça do aeroporto espatifou-se, tal era a pressão das pessoas. «Viva o PCP, viva o Cunhal…» Depois um cortejo automóvel, com o Chaimite à frente, a caminho da Cova da Moura, que era onde estava a Junta de Salvação Nacional.

Depois o 1º de maio... são dias... A alegria das pessoas - uma coisa esfusiante. Pessoas que até não sabiam o que era o fascismo, sabiam que não havia liberdade. Vivia-se noutro mundo.

A conquista da liberdade é uma coisa... só naquele momento é que se vê como as pessoas sabem apreciar a liberdade. E isso deve ser um aviso, porque quando depois se perde. Perdê-la é muito fácil, conquistá-la é muito difícil. E nós hoje temos um problema sério, que é grande parte da população nasceu depois do 25 de abril. Muita incúria dos partidos, dos governos. Hoje pelo mundo fora, como as barbas começam a arder, há força já a querer puxar a memória. Porque a maior parte da nossa população tem a liberdade como se fosse respirar, nasceram nisto. Não têm ideia de que morreram pessoas. Que houve pessoas que foram torturadas até à morte. Foram para a rua a gritar à liberdade. Não sabem disso. Isto é um bem natural. Mas este natural custou muito sacrifício, muitos anos de prisão. Crianças que nasceram na cadeia, que é uma coisa que se fala pouco. Há crianças que nasceram, [que] os primeiros passos da vida foram dados na cadeia. Mães que foram presas com os seus filhos e foram tratados como presos. Aliás, há uma fotografia célebre da Albina Fernandes com duas crianças ao colo. Imaginam o que é a história de uma mãe, que vê os filhos a serem espancados? Uma mãe a dizer: «Bata-me a mim, não bata não meus filhos». Temos liberdade, deve-se a isto".

A Fuga de Caxias

"A fuga de Peniche andou paralela a esta. Mas nem nós sabíamos da deles, nem eles sabiam da nossa. Repare que a deles é quase um ano antes. Está bem, eles já estavam preparados - a fuga de Peniche demorou mais de um ano - mas esta demorou a preparar 19 meses, é muito tempo. É mesmo. É um tempo imenso. Até pelas incertezas, porque nunca se sabia, no dia da fuga, quem é que estava na cadeia. Até porque alguns já estavam condenados, depois mudavam-se de salas, mas quem estivesse naquela sala é que fugia. Umas vezes estávamos cinco [na sala], depois os carcereiros embaralhavam, punham-nos dez. (...) Por acaso no dia da fuga estávamos todos juntos [Risos] estávamos dez.

O problema das fugas, a questão básica é descobrir os pontos fracos da segurança da cadeia. É o princípio elementar. Na orientação do PCP os quadros funcionários clandestinos - e só podiam ser clandestinos, porque fugindo tinha de se voltar para a clandestinidade - havia uma orientação do Partido que era: tudo fazer para fugir. Mas há uma grande distância entre procurar fugir e fugir [Risos]. Procurar fugir era logo no primeiro dia [Risos]. Não, há uma distância enorme. Em muitas vezes nós descobrimos que há ali uma fragilidade na segurança, mas o preso não tem possibilidade de lá chegar. A gente sabe que ali há uma fragilidade, há um ponto fraco, mas eu não vou lá. Claro que depois também é tentar ir.

Antes desta fuga esteve em preparação uma outra fuga, um sítio onde nós descobrimos um ponto fraco, que era o lavadouro e começámos a exigir aos carcereiros ir lavar roupa. Hoje sabemos que a fuga não ia a lado nenhum. Já sabíamos onde entravamos, que era um túnel, mas só depois do 25 de Abril é que soubemos que íamos ter aos pés da polícia, [Risos] da GNR. Porque a gente sabia, sabia que havia um túnel, mas não sabíamos onde é que estava a segurança, os postos da GNR.

Aliás, lembro a questão do preso, do António Tereso, que se fez «rachado» - porque na altura não havia carro, a gente não sabia do carro. A função dele era ganhar confiança dos carcereiros, circular pela cadeia, para descobrir os postos - porque a gente não conhecia a cadeia, a gente estava confinada num determinado sítio, aí de 50 / 60 metros, portanto da cadeia só conhecia o corredor e um retângulo. A função dele era descobrir...

Os carcereiros, ou porque acharam que havia insistência a mais em ir lavar roupa, ou porque ouviram bater na parede - porque aquilo tinha de se deitar abaixo uns tijolos para passar desse lavadouro para o túnel - e o mais certo até ouviram a fazer [bate com as mãos] prospeção de parede, e acabaram com o lavadouro. Aliás, entaiparam o próprio túnel e acabou, portanto tivemos que voltar ao princípio.

E é aqui que costumo dizer que os carcereiros deram uma ajuda - às vezes numas entrevistas ficam de olhos abertos quando digo que os carcereiros deram uma ajuda; os carcereiros não dão ajudas, mas dão ajudas involuntárias. E aqui até deram bastantes ajudas involuntárias. Involuntárias, isto é, medidas de defesa que se viraram contra eles.

E portanto, depois da fuga de Peniche criou-se ali uma paranoia securitária - viam fugas por todo o lado. Aquilo era restringir os nossos movimentos, criaram um portão, que não havia, a separar a cadeia da rua - que aquilo tem o edifício, tem portões, mas depois havia uma parada à frente que tem uns morros. Esse portão teve que ser rebentado pelo carro.

Então, separaram os presos - mandaram vários para Peniche, e separaram todos os outros que eram funcionários do partido por várias salas. Disseminar se houvesse uma fuga, tinham alguma razão, [se estivessem] dez juntos fugiam só dez, ou só oito. Portanto separaram - e foi a morte dos carcereiros. E foi a morte por duas razões: primeiro porque a organização interna começou a melhorar. Os presos mais combativos, mais desobedientes. Houve grandes lutas de presos até - Natal de [19]60, uma das grandes lutas prisionais. Com famílias cá fora, gritos, uma gritaria: «Queremos visitas em comum pelo Natal!». A polícia espancou aquela gente, arrastou famílias, uma coisa mesmo de «cheirar a bispo», como se costuma dizer. Portanto os carcereiros deram-se conta que a combatividade dos presos estava a aumentar, e a organização - então resolveram voltar à primeira forma: juntar tudo outra vez, os funcionários todos.

É nesse entretanto que o José Magro convence o António Tereso a rachar - rachar eram os presos que se tinham passado para o lado dos carcereiros; eram uns oito, nove, dez, não são mais. Para nós rachar era descer abaixo, ao fundo do poço. Tinha-se passado para o outro lado, uma indignidade. Ninguém falava a rachados, nenhum preso. Nem bom dia, nada, zero - nem às famílias. No entanto eles tinham algumas pequenas regalias, para além de trabalhar. Para nós eram rachados, eram pessoas que tinham passado para o outro lado. A indignidade tinha atingido o limite que era possível num preso, portanto, na nossa gíria eram rachados. Racharam, portanto.

Os carcereiros, para eles, aquilo eram troféus - fazer rachar pessoas era um troféu. Claro que tinham que dar alguma coisa: visitas em comum, salas abertas, não estavam fechados e tal. Aquilo eram trocos, mas pronto, para aquela gente não.

Então o Zé Magro, convenceu o camarada António Tereso a rachar. O Tereso nem queria acreditar. Aquilo era uma tarefa que não se pede a ninguém [Risos]. O Tereso sabia que a partir dali a família dele, ele, era um patife, tinha descido ao mais fundo. E aquilo ficou completamente atordoado. O Zé Magro lá o convenceu da importância: «Não sabem eles, mas sabe o Partido. O importante é que o Partido saiba que tu és um homem sério». Quem é que entrava na cabeça do Tereso? Rachado, até à libertação, que não estava no horizonte, era um rachado. Ele depois não podia dizer: «Epá eu trabalhava para o partido. Foi o partido que me pediu isso».

Lá se convenceu da «chateza» da tarefa e aceitou. Forjou um incidente, ofereceu porrada lá a uns jovens que eram amicíssimos dele - ficou tudo de boca aberta. Foi à porta, deu uns murros na porta: «Estou farto de comunismo. Tirem-me daqui pá! Com o comunismo já estou por aqui [aponta para a garganta]», lá fez uma encenação [Risos] à maneira, mas os carcereiros não comeram. [Acharam] que aquilo não encaixava muito no perfil, até porque ele tinha sido julgado uns tempos antes, tinha mandado vir com os juízes - havia ali qualquer coisa que para os carcereiros [não batia certo]. Mas a gula sobrepõe-se ao bom senso. E então, havia um carcereiro que ajudava o Tereso a escrever cartas para a mulher a dizer «Epá estou farto [do] partido, estes malandros, estes bandidos...». Ele é que fazia a carta, o Tereso, [mas] passava pelos carcereiros - e portanto, lá se convenceram que o Tereso estava maduro e lá o levaram. Ninguém sabia. Só sabia o camarada que falou com ele, mais um outro e ele.

Primeiras consequências: criou-se logo um problema difícil, porque para nós - para a malta que estava na sala com ele - ele era rachado, não sabiam que ele estava a cumprir uma tarefa. E a certa altura os carcereiros iam levá-lo e a malta que estava na sala dizia que não o queria lá, que ele era um rachado no meio deles. (....) O partido fez uma carta clandestina lá para toda a organização: «Desprezo. Toda a gente deve deixar de falar ao Tereso. Cortar com a família». [A mulher dele] tratada como mulher um rachado. Ele era trabalhador da CUF, os trabalhadores da CUF pagavam-lhe o ordenado - continuavam-se a quotizar [para lhe pagar o ordenado]. Acabou o ordenado. Foi um problema sério para a mulher. E o Partido não podia dizer: «toma lá o ordenado do teu marido», isso era... [Risos].

É uma decisão extremamente difícil, só uma pessoa com muita coragem, com muita disponibilidade de servir - e depois viver no meio dos bandidos. E ele revelou-se um talento. Uma pessoa talentosa para aquela tarefa. Não era só disponibilidade. Podia ter disponibilidade e não ter talento. Mas ele tinha de facto talento. Usou uma dupla personalidade, com muita rapidez e com muita convicção. Tornou-se o preso da maior confiança da direção da cadeia. E o diretor da cadeia, que era um inspetor da PIDE, tinha mais confiança nele do que em muitos carcereiros. E às vezes os carcereiros pediam-lhe a ele para pedir coisas ao diretor [Risos], tal era a confiança. Ele, aliás, era a única pessoa ali que não precisava de pedir autorização para ir ao gabinete do diretor, era «tu cá, tu lá». O diretor que era um megalómano, um fulano femeeiro, e então ele [o Tereso] dizia: «Senhor diretor…» - quando começou a ver o carro - «…quando formos ao Estoril com o carro aquelas gajas... os olhos até ficam em bico, quando virem o senhor diretor num carro destes!» [Risos] - aquilo era tudo montado. Ganhou uma confiança enorme. Aliás, há um relatório da GNR que diz que rigorosamente era o preso que circulava por toda a cadeia com a maior das confianças, com à-vontade. Ele ia a todos os lados da cadeia, exceto ao portão.

Ao fim de uns meses - porque a função dele, já disse, era fazer o reconhecimento da cadeia, que nós não conhecíamos. Nós estávamos numa sala, só saíamos meia hora por dia - e era preciso não chover para ir ao recreio que era uns metros adiante. Da cadeia sabíamos zero. Nem sabíamos onde é que estavam os postes. Era o papel dele. E ele, ao fim de uns meses, mandou-nos uma informação, que aquilo era tudo por mensagens, que não havia nenhumas hipóteses, que não havia nenhum ponto. (...) Tinha de ser entre o recreio e a sala. Eis se não quando ele descobriu o carro.

Na cadeia havia dois carros. Inicialmente julgava-se que era um Mercedes - ainda hoje se fala num Mercedes do Hitler. Havia de facto - o Salazar tinha dois carros, a questão do Mercedes não é uma ficção. Só que a manutenção do Mercedes era feita por um PIDE, que estava no lado oposto - um estava à entrada da cadeia e um outro estava [no lado] oposto - mas o PIDE quando ia lá fazer a manutenção levava sempre a chave, a ignição. Portanto o carro não servia para nada, não tinha ignição. O Chrysler tinha chave na ignição, mas não trabalhava. Trabalhava [mas] tinha um segredo, que só a PIDE é que sabia.

E o Tereso andou ali, como ia a todo o lado, começou a ir à garagem e tal, e pediu ao diretor: «Senhor diretor eu vou tentar pôr o carro...». «Ah você não consegue» - nem o diretor conhecia o segredo do carro - «Você não consegue...», e lá foi. Ele era motorista, não era mecânico. E foi através de uma conversa com o irmão, [acerca] de carros, sem lhe dizer nada - o irmão lá lhe deu umas dicas e ele conseguiu descobrir o segredo. Quando ele pôs o carro a trabalhar o diretor nem queria acreditar. Ganhou logo ali uma auréola

[Risos]: «Ah senhor Doutor. temos de ir experimentar isto até ao Estoril»; de maneira que passou a andar, o carro…

Quando ele me disse que havia uma hipótese de fuga num carro, levantaram-se milhões de problemas, como deve calcular. Como é que se foge num carro ao qual nós não temos acesso? E é aqui que o trabalho, digamos... esta fuga é uma fuga única. Não é por eu ter fugido - a fuga de Peniche também é uma fuga espetacular e com grande redundância política. Mas esta fuga é única, não é só por ser a última.

Porque primeiro é uma fuga que ocorreu à luz do dia. Porque [n]as fugas geralmente, foge-se [e] só depois de ter fugido é que os carcereiros dão [conta]. Esta não, esta eles assistiram desde o primeiro segundo até ao último segundo. O que é uma originalidade. E uma fuga que resultou da perplexidade e de nós andarmos mais rápido do que eles. Um dos grandes problemas que se punha era: como é que se chega ao carro? Primeira questão. Não [somos] nós que chegamos ao carro, o carro é que tem de vir ter connosco [Risos]. Essa foi logo a primeira conclusão [comunicar com o Tereso e dizer]: «Tereso, só há uma solução, o carro tem de ir ter connosco». Essa ficou arrumada. Depois, como é que o carro chega onde nós parávamos? Aquilo era uma coisa, um quarto desta sala. Um morro enorme, com dois GNRs ali no sítio, mais uns tantos por cima, e um túnel que era da largura do carro. Portanto, o carro tinha que ir ter connosco e tinha que entrar de marcha-atrás porque não tinha espaço para fazer manobra. Está arrumado! O carro tem que entrar de marcha-atrás - essa ficou arrumada. Depois, como é que os GNRs vão assistir? Porque os GNRs estavam ali - para você ver, quando o carro chegou, o espaço que ficou era tão curto que eu sentia a espingarda do GNR nas costas. Foi o GNR que me empurrou para o carro, porque espaço não havia. Uma coisa que se sabia é que os GNRs iam assistir à fuga e tinham espingardas, não eram «pistolinhas», eram espingardas de guerra. Tudo isto é provado teoricamente, depois só no ato é que se pode comprovar que a teoria está certa. Ficou arrumado. Portanto, a perplexidade dos guardas [e] nós temos de andar mais depressa que os guardas.

Nós demorámos cinco segundos a entrar no carro. A GNR passou aquela gente toda a pente fino, foram todos interrogados, chegou à conclusão que nós fomos mais rápidos que o tempo de reação da GNR - que era a nossa previsão - e foi. Quando a GNR reagiu, mesmo o último GNR, ainda com a maior das calmas mandou parar o carro. [Risos] Mas vamos por partes: essa ficou arrumada. Depois: «Os GNRs vão disparar, têm espingardas. O carro é blindado ou não é blindado?» - e aí sabíamos zero. Mas era difícil que o Salazar não andasse num carro blindado [Risos]. Essa era coisa quase impossível, até porque já tinha tido o atentado, e nessa altura já era um carro blindado. Portanto, o senhor não se desloca em carro não blindado. Temos que confiar que é mesmo blindado. Porque sabíamos que o carro foi atingido com 19 balas não é brinquedo. Arruma. Portanto fomos arrumando.

Depois o carro tinha que passar um túnel e tinha que atravessar dois portões. Ora bem, então - um dos portões é daqueles portões fortaleza em ferro, não há nenhum carro que o deitasse abaixo, não adianta. Mas também soubemos que esse portão era fechado à noite a aberto de manhã. Houve um conflito entre a GNR e a direção da cadeia, a GNR queria aquele portão fechado - até porque o dormitório da GNR era ali - e a direção não o queria

fechado, porque era por ali que se fazia o movimento interno da cadeia, abastecimentos e tal, e portanto, chegaram a um compromisso: fechava de noite e abria às 8h da manhã. Está arrumado. Este portão não existe.

Depois o outro portão. Sobre o outro portão sabíamos zero. Sabíamos zero, pá. Como é que é o portão? É um portão de chapa? É um portão de madeira? É um... zero pá. Porque a gente não tinha acesso ao portão - nem o Tereso. Mas aqui, a sorte - também sei bem que é sorte - e a ajuda dos carcereiros. Eu fui julgado. Fui «n» vezes ao tribunal militar, portanto passei muitas vezes ao portão e vi duas coisas: primeiro que o portão era um portão de madeira chapeado a chapa de ferro e vi que o portão tinha dois ferros que entravam pelo chão adentro, numa sapata de cimento e tinha depois ainda um outro ferro assim. Ora eu passei ali muitas vezes, e verifiquei que os GNRs por preguiça não metiam os ferros no chão. Podia, no dia da fuga, haver um maluco qualquer que tinha metido os ferros no chão - mas como por ali era o movimento dos carros, família, não estavam para fazer isto [imita o movimento de puxar os ferros]. [Risos] (...) Podia haver um maluco, mas não. Foram muitas vezes, nunca vi … os ferros estavam sempre em cima. Isto enfraquece bastante [o portão]. Mas claro, só na hora é que se sabia se o carro rebentava o portão ou o portão esmagava o carro, [Risos] isso aí só se sabia na hora. Aquilo fragilizava muito o portão. Então se fosse acertar mesmo ao meio aquilo, que estava só na fechadura [abria] - arruma.

Coisa mais complicadíssima: as famílias concentravam-se, para as visitas, no lado de fora junto a esse portão. Ora bem, com grande probabilidade, o carro podia levar o portão e levar as famílias. Não era um problema pequeno. Como é que isso se resolve? Porque a gente não podia dizer à família: «Vocês na segunda-feira [gesticula, como que a abrir espaço], no dia da fuga, ponham-se de lado» - a família só soube da fuga depois de cá estarmos fora. Ninguém [sabia], zero! Nem na cadeia, nem camaradas, mesmo da direção do Partido que estavam na cadeia, souberam da fuga. Ao mais pequeno deslize, qualquer frase, qualquer desleixo podia ser fatal. Como é que [se] resolveu o problema? O perigo era real. Então: as visitas começavam às 10h, e às segundas-feiras havia muito poucas visitas - porque 90% dos presos eram trabalhadores, famílias de gente operária, trabalhadora, que só vinham em grande massa aos domingos. Segunda-feira contavam-se pelos dedos, [Risos] era malta burguesa. A [fuga] tem de ser a uma segunda-feira, o risco é menor, e tinha de ser antes - à volta das 9h, porque a visita era às 10h, ninguém vai para ali às 8 horas.

Mas nós nunca sabíamos quando íamos para o recreio. Podíamos ir às 9h, podíamos ir às 10h, podíamos ir às 11h... Eles avisavam do recreio meia hora antes. Uma fuga destas não se pode... Na segunda-feira tinha de ter tudo preparado antecipadamente. As rotinas são terríveis - a gente começou a ver que as coisas voltavam sempre ao princípio: umas vezes era às 9h, depois era às 10h, depois voltava às 9:30h, depois era às 11h. Havia ali uma escala, nem podia deixar de haver. Porquê? Porque [n]a cadeia havia muitos presos e ia-se para o recreio sala a sala - não podia ser uma coisa arbitrária. Tinha que haver obrigatoriamente uma escala para toda a cadeia. Então acertamos em cheio. É assim: «Segunda-feira tal é às 9h». Ficou combinado com o Tereso que era no dia «tal», segunda-feira, se [fosse às 9h]. Às 8:30h lá vieram. Mas antes disso - aquilo tinha sido tudo [planeado] ao cronómetro, tudo em plano teórico, é um ensaio em laboratório, e sabíamos o risco. Era um risco assumido. A gente não ia fugir para morrer, mas era uma coisa que

não podia estar excluída. A gente fugia para voltar à luta, ao trabalho, à vida partidária, clandestina, não era para morrer. Para morrer [Risos] tanto sacrifício para isso. Ninguém podia dizer que [iria resultar a] 100%. Isso era uma coisa assumida.

Já na véspera, mesmo na véspera, já havia um estado de tensão - não vai para um baile, quem vai fugir... sabíamos que a GNR ia assistir, que iam disparar. Tudo uma incógnita. Estava a vida em risco, sem dúvida - a vida, mais condenação. E há um camarada que diz: «Vamos morrer todos». Ele não disse assim, disse «Vamos ficar todos como paliteiro». Aquilo foi uma bomba. O que ia na cabeça de cada um era a sua cabeça - mas havia ali um camarada que exprimiu. Na cabeça dele a ideia de que íamos todos morrer. Exprimiu, ou saiu-lhe. Ficou tudo meio abananado. Isto não é uma coisa que se oiça e que não se tenha [em consideração]. Havia pelo menos um que achava que íamos morrer todos. Pelo menos um estava convicto disso. Isto é uma coisa que a gente... lá se discutiu tudo, passou-se tudo em revista. Vamos mesmo fugir. E ele também votou, votou por unanimidade. Mantém tudo na mesma.

Na segunda-feira de manhã às 8:30h eles disseram: «Preparam-se para o recreio». Foi feito um sinal ao Tereso, que tínhamos sido avisados para o recreio. O Tereso já sabia, só tinha que nos acompanhar a ir para o recreio. Estávamos na sala, faltava a confirmação que tínhamos saído da sala. E assim foi. Viu-nos sair - isso em meia hora, tínhamos meia hora, chegar ao recreio e tal - e foi a correr à garagem, sabotar os outros carros da cadeia. Passar a gasolina dos carros para aquele carro, tudo em alta velocidade. Aquilo era uma tensão calma, a gente vai ali em fila indiana pelo corredor, mas aquilo... a gente não vai para uma festa, [Risos] a gente vai para uma coisa cheia de incertezas.

Lá ocupámos o nosso espaço no [recreio], eramos dez e só iam fugir oito. Ficaram três de um lado e os outros quatro do outro lado. A gente tinha feito uma bola em pano, para [fazer] espaço no meio da gente. A gente mandava a bola [simula estar a jogar voleibol] como se estivéssemos a jogar, para justificar estarem uns de um lado e outros de outro. E eis que quando a gente estava à espera do carro aparece a polícia. Aparece uma carrinha da polícia no sítio onde deveria estar o Tereso com o carro. Dois e dois são quatro, a fuga... porque a gente não tinha contacto com o Tereso, a gente não via nem sequer o Tereso nem o carro - tinha ido buscar o carro. Felizmente o Tereso, quando vinha com o carro, viu chegar a polícia e já não entrou, se ele tem entrado o carro da polícia não o deixava sair. Aparece o carro da polícia. Aquela hora, na hora da fuga, num sítio que em princípio a polícia não devia estar. Uma brigada de polícia num carro [pensámos]: «Foi descoberto. A polícia deixou-nos, engodou-nos pá, deixou chegar até aqui». e ficámos sem pinga de sangue. Mas rapidamente se percebeu que o comportamento da polícia não é de quem descobriu a fuga. Se tivesse descoberto o tratamento era outro. Então disse: «Acabou o recreio, façam favor de...» - mas com urbanidade - «…façam favor de regressar à sala». Quem está a pedir para regressar não é... [Risos] [Se soubessem da] fuga metiam-nos logo na carrinha, tudo para a Maria Cardoso, não é?

Começámos a [dizer]: «Não, não, daqui a gente não sai! Nós só temos meia hora de recreio. Daqui não saímos, faltam dez minutos, um quarto de hora... E não, não saímos». E os carcereiros: «Mas têm que sair». «A gente não sai, daqui ninguém nos tira» - uma conversa de chacha ali. «Vocês têm que sair». «A gente não sai, não queremos, temos direito ao

recreio, isto é um direito». Então chegámos a uma situação de compromisso: meteram-nos no tal sítio onde era o lavadouro. Porquê? O que é que se passou? Tinha havido umas centenas de presos alentejanos, a cadeia estava a abarrotar, e meteram-nos nas casamatas que era o sítio junto ao túnel - o túnel passava pelas casamatas. Então iam buscar presos para interrogatórios e não podiam levar os presos porque a gente via-os. [Disseram]: «Sim senhor, metam-se aí nesse cubículo, a gente dá-vos o tempo que falta». Lá levaram os presos, foram buscar-nos, faltavam 15 minutos, 14 minutos. Nada, zero pá.

O Tereso lá viu - aquele tempo era precioso - o Tereso lá viu sair a polícia e lá subiu, veio com o carro de marcha-atrás. Aquilo era uma manobra difícil. O carro era tão grande, é um blindado, 5000 kg, um monstro. Cinco metros de comprido, uma coisa monstra. O Tereso, com uma grande perícia, num túnel em curva, de marcha-atrás, meteu a roda na valeta - o túnel tem umas valetas. A gente a ver a hora passar e o Tereso não tirava o carro da valeta. O Tereso já num estado de nervos e não tirava o carro. Foi o GNR e o rachado que lá foi ajudar [Risos]. A gente já não jogava a bola, a gente só via se o Tereso tirava o carro ou não tirava o carro - então faltavam-nos aí dez metros. O carro estava ali mesmo! Lá conseguiram tirar o carro. O Tereso lá se pôs outra vez a guiar, chegou, meteu o carro, a gente ocupou o espaço, o Zé Magro disse «golo» e aconteceu uma coisa insólita: é que a gente só tinha visto o carro à distância e o carro parecia-nos maior do que era - já era grande, mas a nós parecia-nos um autocarro. [Risos] E, portanto, o carro não tinha uma porta que a gente tinha metido na cabeça que havia. Havia um camarada que disciplinadamente tinha que abrir uma porta que não havia, [Risos] mas isto é tudo em frações de segundo, não é? E o Tereso ficou intrigado, ainda nos disse: «Mas vocês querem fugir ou não?», não percebia porque é que não se entrava no carro. Um mais audacioso mandou o centralismo democrático às malvas e abriu a porta, e então nós estávamos a pensar ir sentados, foi tudo [bate com as mãos, uma em cima da outra, alternando, várias vezes], entrámos assim alternadamente. Fomos sete assim em cima uns dos outros, assim em pilha, mesmo. O carro pôs-se em andamento e foi nessa altura que o GNR me empurrou para o carro. [Risos] Quando o carro se pôs em andamento - com as portas abertas, nem havia tempo de fechar as portas - como eramos dez, aquele GNR que me empurrou para o carro, ficou atrapalhado e foi agarrar os outros dois que não tinham fugido, não fossem estes também fugir [Risos]. O da frente, uma displicência, aproximou-se do carro e fez assim [levanta a mão, em sinal de stop], como quem diz: «Acabem lá com a maluqueira». O Tereso apontou-lhe o guarda-lamas, o homem estatelou-se no chão, na valeta, deixou cair a espingarda. Lá se levantou feito parvo [finge disparar uma arma], mas o túnel era assim [faz uma curva com a mão] nem sequer podia atingir o carro. E o carro andava mais depressa do que ele.

Passámos o primeiro portão e aí era a situação dramática, entretanto já havia fogo por todo o lado. Os GNRs que tinham visto a fuga já estavam a disparar, os debaixo só sabiam que havia fogo mas não sabiam porquê - tudo a correr cá para baixo. Mas o carro não podia ir direito ao portão - você já andou de avião ou já viu aeroportos, sabe que os aviões fazem-se à pista para ganhar balanço - ora o carro teve de fazer exatamente [o mesmo]. O carro em vez de ir para a rua meteu-se para o interior da cadeia, para fazer [pista]. Aquilo são segundos horrorosos, porque a gente em vez de se aproximar do portão, está-se a afastar do portão. [Risos] Cada vez mais GNRs [finge disparar armas várias vezes] e o carro em vez de ir para a rua vai para o interior da cadeia.

Lá fez [faz uma curva com a mão] e embicou, direito ao portão. E o GNR que estava à porta ainda se levantou para abrir o portão. [Risos] Conhecia o carro. Depois viu que o carro vinha a uma velocidade e teve o bom senso de atirar para o ar. Então, o portão, quando a gente viu o portão ir pelo ar - mas repare que metade do portão ficou intacto. O carro ficou desenhado no portão. Vocês se virem o portão está lá o recortado do carro. Metade dele não foi abaixo, a outra parte é que... lá nos pusemos em andamento.

Depois era a parte mais perigosa, que era passar um morro. Porque a cadeia é ladeada, a frente da cadeia é separada por uma parada - eles chamam-lhe um fosso, nós chamamos parada - depois tem um morro, e o morro que vem assim até à estrada [faz um movimento a descer com o braço]. A única coisa que não era blindada eram as rodas. Mas as rodas, para nossa sorte, tinham feito o morro assim [faz gesto a descer a pique] e depois cortado assim. Se vocês virem as fotografias, metade do carro [a metade inferior] está fora do alcance. Além de que, o GNR que esteve mais perto do carro foram 15 metros. Mas as balas não são assim [faz um ângulo reto com as mãos] é sempre assim [mostra com as mãos o ângulo das balas em relação ao carro, em diagonal] Ora um carro em alta velocidade, com balas aquilo [Risos, enquanto faz o movimento de uma bala a resvalar no carro]. Assim [faz um ângulo reto com as mãos] era difícil, não sei se não entravam, que aquilo são armas de guerra (...).

E pronto lá chegaram. A fuga demorou 60 segundos. Sessenta segundos parece uma eternidade. Um segundo é mesmo uma eternidade, parece que nunca mais se deixa de ver a cadeia. É uma coisa... e viu-se que o carro era mesmo blindado. Eles correram para a garagem para ir buscar os carros para nos perseguir, estavam sabotados [Risos, enquanto simula as tentativas de ignição dos carros]. Não trabalhavam! Então vieram para a estrada, nacionalizaram os carros que passavam com as espingardas, roubaram os carros às pessoas, puseram as pessoas na rua, mas também não sabiam para onde a gente tinha ido. Imaginaram que o mais lógico é que fossemos pela autoestrada [Risos] e a gente veio por dentro do Alvito direito a Alcântara, só encontraram o carro ao fim do dia. Cada um para seu lado, fomos dois a dois, para casas de camaradas que conhecíamos, ficou tudo arregalado! Quando começaram a bater à porta nem queriam [acreditar]. Gajos que estavam presos apareciam às 9h da manhã a bater à porta [Risos]. Enfim, lá conquistámos a liberdade".

[A fuga da prisão de Caxias foi em dezembro de 1961. Domingos Abrantes esteve fugido 4 anos, é novamente preso em 1965. Ver vídeo Domingos Abrantes 1]

Eduardo Batista

Ano nascimento: 1943
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 13-10-2021

"Eu fui aluno da Escola Industrial Marquês de Pombal. Vivia nessa altura próximo de Alcântara e a escola era justamente em Alcântara. E aí lidei, ou pelo menos convivi, com muitos filhos de operários, muitos filhos de trabalhadores - uma vez que no regime fascista, no regime que havia antes do 25 de abril, as escolas industriais eram para os filhos dos trabalhadores e os liceus para a classe dirigente e para os filhos dos doutores e das pessoas mais importantes. Enfim. Mas não foi isso que me levou a ter alguma consciência política, apesar de viver num ambiente meio operário, o que favorecia de certo modo a minha recetividade aos problemas dos trabalhadores.

A minha família era uma família relativamente pobre. Os meus pais eram empregados de escritório e puseram-me a estudar, depois, no Instituto Industrial de Lisboa, para tirar um curso médio que poderia facultar-me o caminho para a engenharia, uma vez que eu gostava muito da atividade da engenharia.

Tudo começou justamente quando comecei a estudar no Instituto Industrial de Lisboa. Fui para o Instituto Industrial de Lisboa em 1962 - no final de 61, princípio de 62. E deparei-me com uma situação que para mim era desconhecida, [que] era haver associações de estudantes. Mas a nossa associação de estudantes estava fechada. Não se sabia bem porquê, era um pouco misterioso o seu encerramento. Mas percebi que as pessoas não queriam falar disso: porque era perigoso, era político.

Isso passou-me ao alto e, na altura, em janeiro de 1962 houve, na região de Lisboa e particularmente na Cova do Vapor uns grandes temporais que destruíram as casas dos pescadores da Cova do Vapor. E as associações de estudantes - a nossa estava fechada, mas havia ligações às outras associações de estudantes - as associações de estudantes resolveram solidarizar-se com os pescadores que ficaram sem casa e ajudá-los a reconstruir as casas. Eu inscrevi-me imediatamente nessas brigadas para reconstrução das casas dos pescadores e começamos a organizar formas de receber material, pedir material a empresas de construção civil, fornecedores de materiais de construção, tudo isso. E quando estávamos numa grande atividade a levar materiais para a Cova do Vapor, para reconstruir as casas, a polícia impediu-nos, prendeu-nos e disse que estávamos a exercer uma atividade que não era permitida e que, portanto, estávamos sujeitos a irmos todos presos. Alguns foram mesmo presos, porque eles interrogaram e viram - os dirigentes foram presos. Eu não cheguei a ir preso, porque me libertaram logo a seguir, mas ameaçaram-me, que isto era uma atividade dos comunistas. Eu não sabia o que eram os comunistas.

No dia seguinte, no Diário da Manhã - na altura era o jornal da situação e ligado ao partido fascista, da Ação Nacional Popular - apareceu uma notícia a dizer que «Uma conspiração comunista estava a levar os estudantes para reconstruir as casas dos pescadores na Cova do Vapor». Eu [pensei]: «Esta é boa. Uma conspiração comunista? O que é isto?» não sabia. Fiquei muito intrigado com esta questão. Perguntei: «Mas o que é isto? Então, mas eu agora sou comunista? O que é que é ser comunista?». E recordei uma situação, na Escola Industrial onde tinha andado, de um colega meu uma vez ter desenhado uma foice

e um martelo - desenhou na palma da mão a foice e o martelo - o professor viu e ele foi expulso. E eu [pensei]: «Mas então o que é que isso tem de importância para um aluno ser expulso da escola por ter desenhado uma foice e um martelo?». E aquilo ficou. Não liguei, não percebi e ficou.

E recordei nessa altura - portanto em janeiro / fevereiro de 1962 - recordei, quando me acusaram de ser comunista ou de estar ligado aos comunistas a reconstruir as casas da Cova do Vapor.

E nessa altura comecei a sondar. Percebi que os meus pais não queriam falar do assunto - apesar do meu pai ser antissalazarista e ser um republicano ferranho - mas não quiseram falar disso porque era muito perigoso e aconselharam-me a nem sequer falar no assunto e não me meter em política porque se não, estava sujeito a ir preso. Eu fiquei muito intrigado com a situação e comecei a perguntar a alguns colegas meus. Sentia que o medo imperava e que não me respondiam diretamente, mas conversavam comigo e com algumas palavras indiretas me iam dando algumas informações - alguns colegas. Outros nem sequer ligavam e até se afastavam da conversa.

Então comecei a integrar um grupo de colegas, no Instituto Industrial, que notei que, pelo menos, tinham uma consciência política diferente do normal e que tinham algumas perspetivas do que era ser comunista, ou do que era ser outra coisa qualquer - socialista, ou qualquer coisa do género.

Emprestaram-me uns livros. Lembro-me que o primeiro livro que me emprestaram foi «A Mãe», de Máximo Gorki. Emprestaram alguns livros e depois promoveram eles algumas discussões sobre os livros. Não falavam de política, mas falavam dos livros que, de certo modo, ideologicamente já eram marcados por uma tendência política e pelas preocupações políticas da época, que eram ainda vagas e sem grande consistência.

Foi nessa altura que eu também, não querendo desistir de participar na associação, a associação foi reaberta depois de várias insistências de vários colegas a querer que a associação funcionasse. E eu integrei a secção pedagógica da associação dos alunos do Instituto Industrial de Lisboa. Aí comecei a tentar perceber o que era isso da associação, quais eram os problemas dos estudantes.

Foi justamente numa altura de grande tensão, do ano de 1962, que em março havia as comemorações do Dia do Estudante - que deram brado, foram a maior crise estudantil dessa época. Notei que havia uma tensão muito grande. Passei a ir a reuniões na Cidade Universitária, com as outras associações de estudantes e aí comecei a perceber as várias tendências políticas que estavam em jogo - todas elas antissalazaristas, antifascistas e democráticas. E foi aí que eu comecei então a perceber e a sentir que as associações de estudantes tinham justos direitos e tinham reivindicações a fazer, nas quais eu me revi e alinhei e comecei a combater também. E por aí foi.

Durante o ano de 1962 houve muita luta - luta mesmo a sério, com cargas policiais a atacarem-nos, a despejarem água azul de metileno. Não sei se têm ideia, mas a polícia de intervenção nessa altura tinha uns carros grandes, blindados - carros-tanques - com umas mangueiras tipo as dos carros dos incêndios, mas que despejavam azul metileno, que era um azul que tingia os fatos e ficávamos todos azuis. Mesmo que fugíssemos eramos apanhados pela polícia, que via um individuo azul a fugir. Era imediatamente apanhado,

particularmente pelos polícias à paisana e pelos PIDEs que andavam à paisana no meio das manifestações - a tentar descobrir quem eram os dirigentes, quem eram os mais ativos e prender todos esses estudantes.

O 1º de maio veio a seguir. No 1º de maio já não eram só os estudantes - eram os estudantes, mais muita população. As lutas na baixa foram terríveis, com muitos feridos, muitas prisões. Eu ia escapando, no meio daquilo tudo. Lá consegui que a tinta não me atingisse e andei por ali. Sempre revoltado com esta repressão, revoltado com esta situação, porque não estávamos a fazer mal nenhum a ninguém. Estávamos a fazer manifestações pacíficas a exigir o Dia do Estudante, a exigir condições melhores para a universidade e para as escolas, neste caso, do ensino médio e do ensino superior. Portanto não havia razão nenhuma para esta repressão tão violenta.

E comecei cada vez mais a integrar-me, mas a sentir ao mesmo tempo que havia muito medo da parte da maioria dos estudantes, muito medo de participarem e de ligarem essas lutas a uma oposição ao governo. A uma crítica severa ao governo, porque isso era tornar mais político ainda a nossa atividade, que era uma atividade perfeitamente pacífica e normal.

Houve uma das vezes que os estudantes resolveram fazer uma greve de fome. Fizeram várias manifestações, os lutos académicos, mas esta foi mais a sério. Resolveram fazer uma greve da fome, concentrando-nos todos na cantina universitária - na Cidade Universitária. Uma cantina acabada de inaugurar há pouco tempo, mas que funcionava mal e que os estudantes tinham também reivindicações a fazer relativamente aos custos das refeições e tudo isso. Então barricamo-nos todos, eu inclusive, na cantina universitária. E ali ficámos a protestar, de vez em quando vinham mais outros estudantes para se juntar a nós, aumentar a solidariedade para com os que estavam a fazer greve de fome. Até que, na altura, eu saí à procura de uns cobertores porque já era noite e estava a arrefecer muito, fui à procura de qualquer coisa para me agasalhar. E vem a polícia e cerca a cantina universitária, todos os estudantes, com um aparato policial de dezenas de carros e centenas de polícias! A cercar aquilo tudo e a prender todos os que lá estavam dentro.

Eu consegui escapar. Lá fiquei escondido junto de uns armários, onde andava à procura dos cobertores para me tapar. Entretanto eles foram. Os estudantes todos, foram algumas centenas, foram muito mais de 100, presos para Caxias. Todos para Caxias. Eu escapei-me. Cheguei a casa, os meus pais ficaram preocupadíssimos: «Porque é que tu te metes nisso? Isso é um perigo! Tu vais preso! Andamos nós a pagar-te os estudos para depois acontecer isto!». Mas ao mesmo tempo meu pai também a sentir que eu tinha de facto razão e que havia motivos para que eu me revoltasse e que aderisse às reivindicações dos estudantes.

Isto tudo foi acontecendo ao longo dos quatro anos do meu curso. Depois em [19]63 fui para a associação. Na associação de estudantes fizemos várias coisas e uma delas eram os cursos de engenharia. Eu, na secção pedagógica onde ainda estava, resolvemos fazer um ciclo de cinema pedagógico e uma conferência sobre o ensino de engenharia - que envolvia os três ramos que havia no Instituto Industrial, uma vez que o curso de química já tinha tido uma experiência idêntica, mas só química. Nós queríamos envolver todos os

cursos: química, construção civil e máquinas e eletricidade - que era o curso onde eu estava.

Com contactos com pessoas que eu comecei a sentir que já tinham uma capacidade política interventiva diferente, nomeadamente um ex-professor do Instituto Industrial, que é o professor Doutor Gaspar Teixeira - que já faleceu - que foi expulso do ensino justamente por ser acusado de ser do Partido Comunista. Mas era um grande cientista. Era um indivíduo que tinha um prestígio internacional grande e que tinha muitas relações com outros cientistas de outros países. Resolvemos - com ele e com outros que ele depois foi também dando algumas pistas para nós contactarmos com outras pessoas - fazer uma grande conferência sobre vários temas sobre o ensino em Portugal e, particularmente, do ensino de engenharia. E fizemos um ciclo de cinema denominado «Os homens, a técnica e a ciência», que foi proibido. Nós estávamos a organizar aquilo tudo e, entretanto, através do diretor do instituto, soubemos que aquilo não tinha não tinha autorização para prosseguir.

Então resolvemos fazer isso com outras cooperativas - uma cooperativa em que ele estava, que era a cooperativa das matemáticas, que ele era matemático também. E com a Associação Industrial Portuguesa, que funcionava na FIL. Transportamos as nossas coisinhas todas, ele conseguiu um conjunto de filmes estrangeiros, que vieram na mala diplomática, porque não foram permitidos entrar de outra forma em Portugal, e projetámos ainda na FIL - na Associação Industrial Portuguesa, na Feira das Indústrias de Lisboa - um conjunto de filmes, que depois veio a PIDE e encerrou aquilo tudo e disse: «Não senhor, isto não pode continuar. Acabou».

As coisas continuaram de outras formas, até que acabei o curso. Na altura em que estava a finalizar o curso, já era vice-presidente da associação e, portanto, as coisas já estavam mais elaboradas. Já não era aquela interrogação permanente que eu tinha de saber o que é isso de ser comunista, porque é que são estas lutas dos estudantes, porque é que isto não é permitido, porque é que não é possível? Nós começamos a organizar as coisas de diferente maneira e comecei a notar uma estrutura já mais organizada, que se suspeitava, mas nem se queria falar nisso - suspeitava-se era [de] elementos ligados ao partido comunista, que também eram estudantes e que tinham já uma outra visão das coisas e que, portanto, ponderavam, estudavam, organizavam as coisas de maneira que elas pudessem prosseguir e ter os seus efeitos, mas com o mínimo risco.

Aí comecei a perceber as várias tendências que havia do partido comunista e até de alguns que não eram do partido comunista, mas eram próximos. Eu tinha medo, e confesso, tinha medo de me ligar ao partido comunista. Mantive-me em contacto com as pessoas que eu via que eram mais, do ponto de vista ideológico, mais bem informadas e que tinham maior consistência naquilo que faziam e naquilo que organizavam. Suspeitando que eram do partido comunista, mas não quis intervir, nem queria saber de onde é que eles eram - porque se eu fosse preso, depois poderia vir a ser torturado e depois era muito mais complicado.

Acabou o curso. Formei, mais outros estudantes, colegas meus, uma secção de antigos alunos para prosseguirmos este trabalho, mesmo depois do curso acabado. Conseguimos fazer uma coisa que foram chamados Colóquios das Sextas-feiras. O que é que nós fazíamos? Todas as sextas-feiras à noite a seguir ao jantar, por volta das 9 horas,

encontrávamo-nos - o círculo de alunos e antigos alunos - convidávamos outros antigos alunos para estarem presentes e falávamos sobre uma coisa qualquer. Por iniciativa de alguém, que dizia: «Olha hoje vamos falar sobre isto!». E aqueles que tinham uma consciência política mais elevada, mais elaborada, falavam e levavam sempre as nossas preocupações para o campo político, porque de facto, a vida era de certo modo cerceada pelo facto de nós estarmos num regime que não permitia esta liberdade de intervenção e capacidade de participação das pessoas.

«A política é para os políticos», diziam eles, e os outros obedecem e mais nada! Os estudantes tinham de obedecer às hierarquias, ao diretor da escola, ao ministro e aos diretores gerais, e acabou! Quando muito podíamos - e fizemos - dar sugestões e dar opiniões, e depois eles é que decidiam. Nesses colóquios de sexta-feira nós falávamos de tudo isso. E outras pessoas achavam aquilo interessante! E falávamos até de música, falávamos de teatro, de cinema, de matérias da engenharia, da formação profissional, da formação ao longo da vida, tudo isso! Nós falávamos de tudo, mas sempre com a presença de estudantes e colegas que sabiam ir ao fundo das questões e saber porque é que isso não existia, porque é que isso não se fazia. E isso era uma forma de formação e de esclarecimento que eu achei bastante interessante.

Entretanto fui para a tropa, em 1967. (...) Acabei o curso, casei e logo a seguir fui para a tropa e mudei-me para Loures. Estava a viver praticamente na fronteira entre Lisboa e Moscavide e aí tive uma outra experiência interessante. É que havia lutadores antifascistas, alguns deles que estão a ser entrevistados também e que pertencem também à URAP - União de Resistência Antifascistas Portugueses - que na altura eram da Comissão de Socorro aos Presos Políticos. Em Moscavide, ali próximo do cordão industrial de Loures - Moscavide, Sacavém, Santa Iria da Azóia - havia muitos trabalhadores, muitos operários, muita gente ligada ao Partido Comunista. E aí as coisas começaram a ter uma outra visibilidade. Já não eram os estudantes a reivindicar as suas condições - eram trabalhadores a sentir o peso da sua vida, as suas condições de vida nas fábricas, tudo isso.

Era mesmo, do ponto de vista da câmara e das autarquias - que naquela altura eram as juntas de freguesia, os administradores de bairro e os presidentes de juntas - todos ligados e escolhidos pelo governo, que tentavam controlar tudo o que se passava na sua área. Os das juntas de freguesia, na sua freguesia; os das câmaras que mantinham depois relação com as juntas de freguesia e que faziam a informação para a PIDE. Nessa altura também ainda não sabia bem que isso se passava assim, mas vim a saber depois - logo a seguir ao 25 de abril.

Em [19]67 quando eu comecei a ir para a tropa - fiz a tropa em Mafra, no curso de oficiais milicianos e fui requisitado para uma fábrica em Moscavide, para a fábrica de munições de armas ligeiras. E porquê? Porque eu integrei um pelotão só de engenheiros. E como era um pelotão só de engenheiros, eles puseram esses engenheiros todos em vários serviços - os chamados serviços de material do exército. Não fui para as colónias. Não fui para a guerra. Apesar disso me ter tido um custo, de ter tido mais tempo de serviço do que era habitual se tivesse ido para as colónias, mas pelo menos estava livre da guerra, estava livre daquela situação dramática de ter de ir lutar por causas injustas.

Fiquei ali em Moscavide. E como fiquei ali em Moscavide tive muito contacto com muita gente, antifascistas e membros do Partido Comunista na clandestinidade - que vim a saber depois - e organizávamos muitas situações. Nomeadamente apoios aos bairros de lata, os bairros degradados, bairros de barracas onde vivia muita gente ali em Moscavide - muita gente em bairros de barracas. Fazíamos reuniões com eles, fazíamos comunicados a exigir casas para as pessoas - é claro que sempre com o cuidado para medir até onde é que podíamos ir para não ser presos, porque, como diz o poeta: «Mais vale um pardal na rua, do que um rouxinol na prisão», não é?

E aí já a organização política era muito mais evidente e muito mais prática, voltada para as necessidades das pessoas. Fazíamos, para além dos comunicados que depois distribuíamos clandestinamente nas caixas dos correios, à noite - e eu estava na tropa e tinha muito medo de ser apanhado. A gente ia com um casaco, às vezes, um sobretudo com os comunicados todos ali - ficávamos gordos. E depois íamos à noitinha a entrar nas portas que estavam abertas e a meter nas caixas do correio, os comunicados. Ainda me lembro - ainda sinto isto - cada vez que uma caixa do correio saltava a tampa - tinha mola - e fazia barulho, [Risos] eu ficava assustado. [Pensava]: «E se alguém agora me vê? O que é que eu digo que estou a fazer, a meter coisas nas caixas do correio? Vão ao correio, vão ver o que é, é um comunicado». Às vezes uns comunicados muito complicados, até o Avante às vezes distribuía assim, ainda que com outros cuidados ainda mais severos.

Às vezes reuníamo-nos em casa uns dos outros - eu lembro-me que em minha casa fizemos isso várias vezes - comprávamos daquelas etiquetas autocolantes para endereçar as cartas, com os carimbos de borracha e metíamos lá frases: «Abaixo o custo de vida!», «Não à Guerra Colonial», «Casas para as pessoas!». Estampávamos aquilo tudo nas etiquetas e depois íamos, disfarçadamente - nos cafés, nas paragens dos autocarros - íamos colando aquilo e as pessoas viam. No meio operário já era diferente, aí as pessoas tinham uma recetividade muito maior.

Eu lembro-me que uma vez comprei um carro, um Fiat 600 em segunda mão, baratinho e era o carro que servia muitas vezes para a gente ir distribuir essas coisas. Tenho cenas interessantes também com esse carro. [Risos] Andámos com um policopiador - um stencil onde a gente fazia os comunicados e que depois distribuíamos aquilo - íamos para vários sítios fazer aquilo. E uma vez enchi um grande maço [de papel], ia eu e mais dois no carro, e passámos pela avenida de Moscavide, à frente das paragens dos autocarros - que antes das 8h da manhã, antes dos operários entrarem nas fábricas, estavam cheias, eram centenas e centenas de pessoas nas bichas dos autocarros - e nós passámos com o carro a grande velocidade e lançamos pela janela os comunicados! As bichas desapareceram todas, as pessoas saíram dos seus sítios e era tudo a apanhar comunicados e a guardar e a esconder! Escondemos o carro e depois fomos ver. Levavam aquilo para as fábricas, para dar aos outros.

Eram outras formas de intervir, mas que era interessante porque havia um resultado prático. Nós estávamos a ver que as pessoas estavam em tensão e queriam isso, queriam que houvesse qualquer coisa que alterasse a situação em que viviam. Os comunicados falavam sobre os aumentos do custo de vida, falavam sobre os baixos salários, falavam sobre as condições de vida dos trabalhadores, essas coisas todas. É claro que tive a sorte de nunca ser apanhado, porque ainda por cima estava na tropa e se fosse apanhado não sei o que é que me aconteceria.

Na altura em que se aproximou a altura das eleições, em 1969, havia a grande dúvida se devíamos ou não participar nas eleições - porque as eleições eram uma farsa. Sabíamos perfeitamente que mesmo que participássemos nas eleições não íamos ganhar nada, não íamos ter nenhum lugar na Assembleia Nacional. Mas resolveu-se - e aí está uma questão que me ultrapassa. Na altura as decisões começaram a encaminhar-se para se formar uma organização que foi a CDE, Comissão Democrática Eleitoral, para intervir mesmo nas eleições e aproveitar a campanha eleitoral e aproveitar o período eleitoral para aumentar o esclarecimento das pessoas sobre a situação política que se vivia. Isto era tudo conversas entre nós, nos nossos círculos de amigos.

Em Moscavide e Sacavém - que estavam ali próximos, vizinhos - havia pessoas já com uma capacidade política de intervenção muito grande, nomeadamente o José Augusto Gouveia, que foi o primeiro presidente da câmara de Loures logo a seguir ao 25 de abril - que foi um antifascista que foi preso várias vezes, foi massacrado, foi torturado a ponto de ficar psicologicamente, durante uns tempos, incapacitado de raciocinar e de intervir e de viver.

José Augusto Gouveia, foi o Gilberto Lindim Ramos, foi o Herberto Goulart, foi o Óscar Figueiredo, outros com quem a gente se encontrava - claro que não sabíamos o que é que eles eram - e que começamos a combinar fazer ali também uma Comissão Democrática Eleitoral, uma CDE, de maneira a irmos concorrer às eleições.

Nessa altura a Comissão Democrática Eleitoral reuniu várias vezes no Palácio Marquês de Fronteira - não sei se têm isso presente. E no Palácio Marquês de Fronteira, em reuniões onde eu fui, várias vezes houve uma tentativa de o Palácio ser invadido pela polícia e de sermos todos presos. Os donos do Palácio, que eram aristocratas e amigos que apoiavam a CDE impediram, com uma forma muito vigorosa, impediram a polícia de entrar no Palácio. Era o Capitão Maltês que tinha os cães e que com os cães perseguia as pessoas. Nós ficámos algumas vezes retidos dentro do Palácio e eles cá fora, até que desistiram e foram embora. Isto na primeira formação da CDE.

A primeira formação da CDE foi uma tentativa de reunir toda a oposição democrática - que tinha muita gente de várias tendências políticas: comunistas, socialistas, monárquicos e outros - que se reuniram e que tentaram fazer uma oposição ao regime fascista. Eu intervim nisso, também, várias vezes. Fazia parte da comissão distrital de Lisboa. Reuníamos no Campo Pequeno, arranjámos uma sede no Campo Pequeno. Eu ainda estava na tropa e então tinha que ter algum cuidado, mas foi incrementando a minha consciência política e foi-me aproximando cada vez daquilo que hoje sou: comunista.

Em 69 não ganhámos as eleições, claro, aquilo foi tudo uma farsa. E o que é que nós resolvemos fazer? Para nos mantermos unidos e organizados fomos pelas cooperativas - lá está a questão das cooperativas. Havia cooperativas que foram formadas de novo. Eu, com alguns outros, formámos uma cooperativa de ensino que suponho ter sido a primeira cooperativa de ensino em Portugal. A cooperativa Eudóxio, que funcionava ali ao pé na Rua de São Bento. Que era uma cooperativa de professores e também podia envolver estudantes, a quem dávamos aulas. Eu, como nesta altura também já podia dar aulas, dei algumas aulas. Fui durante algum tempo professor em colégios particulares.

Formámos ali uma cooperativa e íamos mantendo os contactos uns com os outros. Na altura, as cooperativas estavam também com uma reivindicação muito clara contra uma lei

que estava a impor uma limitação forte na eleição dos dirigentes das cooperativas - os dirigentes das cooperativas tinham de ser autorizados pelo aparelho de Estado. E nós fizemos uma série de reuniões por todo o país - eu lembro-me de ter andado em Coimbra, no Porto, em Braga, em vários sítios, em várias cooperativas - para, nesse tempo entre [19]69 e as próximas eleições, irmos mantendo o contacto.

Lembro-me de um episódio, não sei se será interessante para aqui ou não. Fizemos um comunicado que estávamos a distribuir - foi a cooperativa Eudóxio que ficou de distribuir esse comunicado através da camionagem para as várias cooperativas do país. Então tinha em cima da secretária, logo ali à entrada, uns maços de papel grandes, atados, para ir distribuir aquilo para a camionagem, para os vários pontos do país. E batem-nos à porta: polícia. Eles já sabiam que andávamos a distribuir comunicados e queriam saber quem é que andava a distribuir aqueles comunicados. Era o Capitão Maltês - o tal que intervinha em vários sítios, mas que tinha feito o cerco do Palácio do Marquês da Fronteira, ali em Benfica - mais uma série de polícias. Entraram por ali dentro à procura dos comunicados. Ora os comunicados estavam ali mesmo à vista, ali mesmo à entrada da porta! Eles entraram por ali dentro, abriram os armários todos, despejaram os armários, viram debaixo das gavetas, nas gavetas, debaixo das secretárias, em todo o lado. Não encontraram nada, foram-se embora! E nós nem queríamos olhar para os comunicados, porque se eles olhassem para onde a gente estava a olhar - estava só lá eu e mais outro diretor da cooperativa. Estávamos ali a ver aquilo e eles passaram, foram-se embora, nem viram os comunicados. Incompetentes. [Risos] Mas enfim, passou. E nós agora o que é que vamos fazer aos comunicados? Distribuímos alguns, mandámos para outros, para casa de outros. Como já não era possível irmos à camionagem para distribuir os comunicados para os outros pontos do país, fomos ali ao Tejo [Risos] e atiramos os comunicados para dentro do Tejo, ali ao pé do Poço do Bispo. Aquilo abriu-se tudo e então era um mar de comunicados, as folhas de papel a flutuar em cima do rio e a gente a fugir antes que alguém visse os comunicados. [Risos]

Aconteceu outra igual quando andava no Instituto Industrial, no tempo do Dia do estudante. Andava uma carrinha a distribuir os comunicados. E eu, que trazia os comunicados para o Industrial, saí do táxi onde eu vinha com maços de comunicados, meti aquilo em cima do passeio e ia um polícia a passar. E eu [pensei]: «Se o polícia olha para aqui, pode querer saber o que é isto». Então eu disse: «Senhor guarda, não se importa. Tome-me aqui conta disto enquanto eu vou ali buscar mais um molhe?». [Risos] E o polícia: «Sim, claro, faz favor! Mas despache-se lá depressa, que está aqui a empatar o trânsito». Então despejámos aquilo e o polícia já nem quis saber o que era, ficou ali só a ver se a gente se despachava depressa a levar os comunicados, os montes, atados com cordas. Lá levamos aquilo para o instituto.

Depois dessa crise das cooperativas começamos a preparar as eleições para 1973 - outubro de [19]73. Em outubro de [19]73 havia eleições e a primeira preparação foi o III Congresso de Aveiro, da oposição democrática. Em Loures nós juntámo-nos também, fizemos várias reuniões - que tinham de ser muito discretas - para preparar as teses de Loures para o Congresso de Aveiro. Foram reuniões interessantíssimas, em que reunimos jovens - fizemos teses sobre a juventude - reuniam operários, reuniam estudantes, reuniam moradores de bairros de barracas, moradores em várias outras situações difíceis. Tudo coordenado por José Augusto Gouveia - esse que foi praticamente o meu primeiro mestre

e meu primeiro professor em termos já mais políticos. A outra aprendizagem nas associações de estudantes foi importantíssima, foi uma forma de nós discutirmos, fazermos comunicado, fazermos muitas coisas interessantes que mostravam já uma vitalidade muito grande dos estudantes - mas ali já muito ligado à vida social das pessoas. Fizemos as teses, são teses publicadas, são conhecidas, não vale a pena estar a falar muito sobre elas. As teses de Loures foram muito consideradas por terem sido alargadas a vários temas e muito participadas.

Depois aproxima-se a campanha eleitoral. É nessa altura que estamos nós a preparar a distribuição de um comunicado - organizamos de maneira que grupos, em carros, íamos distribuir comunicados em vários sítios por onde a gente passava. Isto na região de Lisboa, nos outros sítios do país provavelmente também houve outros. E foi aí que eu fui apanhado. Aí já não escapei. Já tinha saído da tropa nessa altura. Felizmente.

Nas cooperativas fui várias vezes à PIDE, mas não sei se o facto de eu estar na tropa ou não, se influiu ou não influiu para que eles quisessem apertar mais. Eles nas cooperativas queriam saber era nomes de pessoas - «Quem eram as pessoas?». Interrogaram-me várias vezes na António Maria Cardoso, para querer saber de mim quem é que fazia as reuniões, quem é que convocava as reuniões. «Não, as reuniões sou eu que convoco, pelo presidente da cooperativa tal». [Eles]: «Mas quem é ele?». [Eu]: «Isso não sei, veja lá nos coisos. Isso é o presidente, é o presidente. É o secretário, é o secretário». Eles queriam saber. «Vocês estão todos muito bem-ensinados!», dizia-me lá o PIDE Robalo, que trazia uma gravata - essa também não me esquece - que o desenho da gravata eram grades de prisão. Toda aos quadradinhos, com grades da prisão. «Vocês estão a fazer…», dizia-me ele, «… vocês estão a fazer a cama onde se vão deitar». E as ameaças iam crescendo, a querer saber os nomes das pessoas.

Agora, voltando à questão da distribuição dos comunicados para as eleições. Já no início da campanha eleitoral - por isso é que eu disse que foi em princípio de outubro - ia a passar em Loures e a GNR faz uma operação, barra-nos o caminho e todos aqueles que iam nos carros foram presos. Alguns [escaparam], alguns que não iam a conduzir o carro. Eu ia a conduzir o carro, por acaso, não escapei. Fui apanhado. Fomos todos primeiro para a esquadra da GNR, para a prisão da GNR, e logo a seguir transportados pela PIDE para Caxias.

Eu tinha no bolso uma agenda e na agenda tinha os contactos das pessoas - os números de telefones destes, daqueles, entre eles muitos que era conveniente não se saber quem eram. Então tive que me entreter neste percurso todo, enquanto estive em Loures e enquanto fui transportado para Caxias, a ir comendo as folhas da agenda. [Risos] Custou-me um bocado, mas lá ia engolindo! Mastigava bem, mastigava bem e lá ia engolindo aquilo, as folhas da agenda. Comi tudo o que era folhas de contacto. Por acaso esqueci-me da marcação, na agenda, do dia em que era aquela iniciativa para distribuição dos comunicados. Eles viram isso e perguntaram-me: «Tem aqui escrito que ia fazer a distribuição?!». [Diálogo]: «Pois claro, era uma coisa que é evidente». «Mas quem é que organizou? Quem é que decidiu isso?». «Isso eu não sei, a mim disseram-me e eu fui».

Aconteceu uma situação que foi anormal. Eu não ia no meu carro, eu ia num carro emprestado. E a minha mulher ia no meu carro - cada um ia no seu carro. E no carro que

me emprestaram tinham, no porta-bagagens, uma farda de capitão do exército, que eu nem sabia. A PIDE martirizou-me permanentemente a querer saber porque é que eu tinha ali aquela farda de capitão no carro. [Diálogo]: «Eu não sei, o carro é emprestado. Eu sei lá porque é que a farda está lá, se calhar é de um capitão!». «Mas quem é ele?». «Não sei!». Ali, permanentemente, por causa da farda do capitão.

Isso fez-me lembrar - mais tarde, depois do 25 de abril - se eles não teriam já quaisquer indícios de que havia capitães que estavam a promover qualquer revolta, ou qualquer coisa do género. Porque, de facto, na tropa nessa altura, no exército, já havia grandes movimentações de muitos oficiais descontentes com a situação e a querer a alteração do regime. Disso a PIDE já devia ter informações. Então aquela farda de capitão para mim foi um tormento, porque eles não me largavam - por causa da farda de capitão. Mas como tinham sido presos mais de uma centena de pessoas da CDE e que muitos deles eram candidatos para as eleições, isto deu brado internacional. Então notava-se que eles estavam incomodados e que havia ali algumas indicações, superiores com certeza, para não nos massacrarem muito.

Fizeram vários interrogatórios. Nós exigíamos ter advogado - e, de facto, depois permitiram-nos arranjar advogados. Havia uma grande pressão em querer saber como era a nossa organização. Esse era o principal objetivo dele. Era tentar sacar-nos nomes. Quem eram as pessoas, quem é que participava, quem é que ia às reuniões, quem é que convocava as reuniões, como é que eu sabia de ter havido aquela reunião. Baralhávamos as conversas e nunca chegávamos a lado nenhum e eles diziam: «Pois é, vocês estão todos bem instruídos».

Houve ali uma situação curiosa. É que eu na altura usava a barba como agora e o cabelo mais comprido do que agora [Risos] - aliás tinha mais cabelo. Portanto usava barba, cabelo mais comprido - como na época se usava - e já tinha dois filhos, tinha um de 2 anos e outro de 3 anos. Fui preso e notei que eles não me cortaram nem a barba, nem o cabelo - mas tiraram muitas fotografias. Fotografias de lado, fotografias de frente, sessões fotográficas daqui e dali - ficaram ali com um registo fotográfico enorme. Notava também lá em Caxias que os guardas e os presos, quando a gente passava de um lado para o outro - para a sala de interrogatórios, para a cela, da cela para o recreio e depois do recreio para a cela outra vez - os guardas [diziam]: «Estes cabeludos! Estes barbudos! Estão aqui estes barbudos! Como é que isto é possível?! Isto aqui nunca aconteceu isto! Porque é que não lhe cortam a barba?!». De facto, eu estranhei, mas passado uns dias cortaram-me a barba, cortaram-me o cabelo, raparam-me tudo e nova sessão de fotografias. Eles queriam ficar com as fotografias de eu com barba e eu sem barba, portanto não foi por acaso que eles não cortaram a barba logo nos primeiros dias.

Aquilo foi passando. Eu tive assistência de dois advogados, [que] foram lá dar apoio. Eles [os PIDEs] na presença dos advogados eram muito mais cordatos, muito mais polidos, já não faziam as ameaças que faziam quando estávamos sozinhos, nada daquilo. Diziam que faziam assim, que faziam assado - nunca bateram, mas ameaçavam: «Ou dizes, ou não sei quantos…!».

Passado isso tudo resolveram começar a libertar alguns dos presos, isto já uma semana e poucos dias depois. E nós dissemos: «Não!». Falávamos uns com os outros, particularmente no recreio quando nos encontrávamos [com] os das outras celas e a

orientação era que ninguém saia dali, salvo se fosse todos juntos, não saiam isolados: «Eu não saio se não saírem os outros todos». Aquilo começou-se a espalhar e, de facto, só uns dias depois é que eles resolveram libertar todos os presos. Foram à volta de 10 dias / 11 dias ali.

Tive também lá uma cena na prisão que foi desagradável, porque eu adoeci - não foi nada de grave, mas adoeci - e disse que queria ir para a enfermaria. Levaram-me para a enfermaria, maltrataram-me mais na enfermaria do que lá na cela, ou nos interrogatórios. Deram-me injeções a torto e a direito! Um médico - não sei se era médico, se era veterinário. Eu fiquei completamente atordoado: «Quero é sair daqui!». Eu dizia «Já estou bom, já estou bom! Quero-me ir embora!».

Mas pronto, não foi assim nada de grave. Porquê? Porque isto internacionalmente deu muito brado. Nos jornais internacionais a situação de prisão em campanha eleitoral, a prisão dos candidatos, porque os candidatos tinham de ter autorização para tudo aquilo que quisessem fazer - esse era o argumento deles e a acusação deles é que «nós não estávamos autorizados para distribuir comunicados, esse comunicado não foi visto pela censura».

Nas sessões que fazíamos, tínhamos sempre presentes PIDEs - umas vezes até vários, em várias filas, a barrar as filas de cadeiras onde as pessoas estavam. E na mesa tinha que estar também um PIDE, ou polícia, que interrompesse a sessão assim que se falasse de alguma coisa que era proibido falar - nomeadamente a Guerra Colonial. Não se podia falar na Guerra Colonial e então, assim que se dizia a palavra «guerra colonial» imediatamente a sessão era interrompida. Em Loures, em Vale de Figueira, houve pancadaria a sério, com cadeiras a voar pelo ar e tudo, porque a polícia e os PIDEs interromperam a sessão e as pessoas não aceitaram aquilo - então foi cadeirada.

Portanto foi esta a nossa vida até ao 25 de abril. Isto em outubro de [19]73, estávamos a menos de um ano do 25 de abril de [19]74.

Quando eu saí da prisão vinha com a barba rapada, cabelo cortado. As famílias dos presos andavam permanentemente à volta dos muros da prisão a acenar e a fazer barulho, a gritar: «Libertem os presos!» e coisas do género. Nós, às vezes, ouvíamos, outras vezes víamos mesmo pessoas um pouco mais longe, através das janelas da prisão. Os carros buzinavam, diziam-nos «Adeus». O que é uma manifestação interessante de solidariedade e quem está lá dentro sente isso muito bem.

Mas quando saí da prisão - as famílias todas cá fora à porta à espera, que a qualquer momento a gente podia sair - eu saí e os meus filhos não me reconheceram. A minha mulher reconheceu-me, claro, mas os meus filhos não me reconheceram. Então quando lhes peguei ao colo eles choraram, porque estava sem barba e com o cabelo cortado e eles não sabiam quem eu era. Isto marcou-me também.

Outra situação, agora inversa - quando se deu o 25 de abril e eu começo a ver bandeiras vermelhas, bandeiras com a foice e o martelo pintados, eu não me conseguia desligar do medo de antes do 25 de abril. Então aquilo parecia que queimava. Eu segurava as bandeiras e dizia: «Mas isto é possível? Está mesmo a acontecer?». É uma coisa que noto - a insegurança e o medo ainda persistiram durante algum tempo, apesar daquela alegria

toda do 25 de abril e de a gente sentir que as coisas já não iam voltar para trás. Mas nunca se sabe, nunca se sabe."

José Ernesto Cartaxo

Ano nascimento: 1943
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 11-10-2021

“Eu nasci numa freguesia, num lugar chamado A-dos-Loucos, na freguesia São João dos Montes, concelho de Vila Franca de Xira, que era um meio semi-rural semi-industrial, ficava ali a meio. A maior parte das pessoas, muitas delas, trabalhavam na agricultura, outros já trabalhavam nas fábricas que havia naquela corda que ia desde Azambuja até Sacavém, Cabo Ruivo.

O meu pai era pedreiro, era operário da construção civil. A minha mãe era doméstica. Eramos três irmãos - quatro, mas uma faleceu. Naquela altura a mortalidade infantil era muito acentuada. Eramos três, a diferença de idades não era muita de uns para os outros. E, como é sabido, o meu pai na construção civil trabalhava quando o tempo estava bom, trabalhava quando tinha emprego - se estivesse no desemprego não tinha subsídio de desemprego, como há hoje, se estivesse doente não tinha subsídio de doença. E o meu pai era um homem doente, também. Depois teve um acidente quando foi a construção da ponte de Vila Franca, quando foi a construção da ponte, em 1951. E as dificuldades eram muitas. As dificuldades eram mesmo muitas. Não se pode dizer que passámos fome, mas passámos assim por um bocado... Porque quando o meu pai estava doente e estava desempregado não havia alimento para os filhos, os filhos tinham de se....

Mas como a família do meu pai era numerosa - a minha avó teve 25 filhos. A mãe do meu pai teve 25 filhos. É evidente que muitos morreram à nascença - a mortalidade infantil era muito grande na altura. Mas um número razoável chegou a adultos e depois nos eramos distribuídos pelas casas dos irmãos do meu pai, onde íamos almoçar - num dia a casa de um, noutro dia jantar a casa de outro. Por exemplo, os meus avós maternos viviam lá num casalito tinham uma courelazita. A minha avó era operária têxtil. E então eu fui destacado para ir à casa dos meus avós - comia lá, dormia lá.

Frequentei a escola, a terceira classe - fazer a terceira classe na altura já era uma coisa muito boa, quase que o secundário hoje. Depois consegui fazer a quarta classe, neste ambiente de dificuldades, naturalmente. Fiz a quarta classe e aos 10 anos, quando acabei a quarta classe fui para os telhais. Os telhais que são descritos magistralmente por aquele livro do Soeiro Pereira Gomes que é os Esteiros. Não sou um personagem direto, mas de alguma maneira sinto-me personagem do Gineto e daquela malta toda. Aos 10 anos, no verão em que fiz a quarta classe, em junho, fui para os telhais. Telhais que como o livro bem descreve era uma escravatura autêntica. Trabalho infantil, escravatura autêntica, pode-se dizer.

O pessoal andava ali descalço, com trabalho violentíssimo a acartar barro, a acartar tijolos em barro, depois acartar tijolos quentes de fornos para depois serem transportados para a construção. Depois os industriais - quer os industriais como os construtores civis - quanto mais depressa tiverem os seus tijolos, mais depressa faziam os seus lucros e o seu rendimento, então os tijolos eram tirados a ferver, quase. E as crianças eram colocadas ali à boca do forno, com os tijolos quase em brasa. Eram

colocados 5 tijolos de cada lado nos ombros das crianças, que tinham de tocar castanholas para não queimar os dedos, desviar das orelhas. Metia farrapos e jornais por baixo dos ombros - ainda tenho aqui uma marca, não vale a pena mostrar, uma marca que é o carimbo dessa época. Depois tínhamos de percorrer um percurso desde o forno até à arrumação, depois eram colocados nas camionetas e eram transportados para as obras. Era uma coisa violentíssima. Fiz aquilo durante dois verões…três verões, até aos 12 anos.
De inverno havia lá outro telhal também, mas o outro telhal já tinha cobertura, não era ao ar livre, menos violento talvez porque já era mais mecanizado e era no interior - já não apanhávamos sol, nem chuva nem nada disso. E aos 13 anos fui para a construção civil, era servente da construção civil: amassava a massa, transportava o balde às costas pelos andaimes para levar para os pedreiros. E ainda aos 13 anos o meu pai conseguiu - como teve uma vida dura, ele e os irmãos, aquele meio ali era o retrato disso - conseguiu arranjar-me para uma oficina. Oficina essa para onde fui, aprendi a profissão. Depois, por força dos conhecimentos teóricos que era preciso adquirir para evoluir na profissão - que era mecânico - inscrevi-me na escola noturna de Vila Franca de Xira, que era chamada Escola de Aperfeiçoamento Industrial. Ainda andei lá 4 anos - não cheguei a acabar o quarto ano, porque, entretanto, fui preso. Depois veio a tropa.

Mas antes disso, deixe-me recuar um bocadinho no tempo, para ainda caracterizar melhor o contexto. Contexto laboral e social era isto. Depois, a nível associativo havia, desde o início do século naquela terra um movimento associativo muito forte. Houve um homem que foi furriel, isto na primeira guerra mundial. Era furriel, foi para França, para a primeira guerra [e] veio de lá.

O homem era um homem com alguma formação e aprendeu muito também na guerra. Chegou cá - sabia música - e então ele recrutou uma quantidade de pessoas lá da terra. Conseguiu angariar dinheiro para instrumentos, porque o pai dele, tinha umas terras, tinha algum rendimento - Carlos Dias. Formou uma tuna.

No dia 1 de novembro de 1919 foi a primeira associação criada no lugar de A-dos-Loucos. Era a Tuna Recreativa Adoslouquense – mas[eram] umas duas ou três dezenas de habitantes! Uns tocavam bombo, outros tocavam bateria, outros tocavam clarinete, saxofone, pandeireta. E então formaram ali uma tuna.

A tuna foi a primeira coletividade e a partir dali desenvolveu-se muito o movimento associativo. As secções desportivas, culturais, a columbofilia - que foi formada em 1950. Havia grupos de teatro, havia circo ambulante formado por pessoal de lá, cegadas - cegadas, na região de Alenquer também há muito. As cegadas em que a malta procurava levar mensagens e havia pessoas habilitadas para aquilo, com algumas dificuldades, limitações, mas faziam uns textozinhos interessantes em que procuravam retratar a dureza da realidade que as pessoas viviam ali assim.

E, portanto, desde pequenino fui envolvido nisto. Fui envolvido nisto, comecei a participar nas secções culturais lá das coletividades, da columbófila, de uma outra que se formou em 1970 que era a UDR - a União Desportiva Recreativa Adoslouquense. Depois do 25 de abril fundiram-se as duas coletividades e deram origem à UDC, que é a União Desportiva Columbófila Adoslouquense, que ainda hoje existe.

Portanto há ali uma atividade muito intensa que não pode ser desinserida daquela que havia no concelho, porque o concelho de Vila Franca sempre teve uma vida associativa muito grande - com os cineclubes, com as coletividades, secções culturais, muita coisa ali no concelho.

O próprio movimento estudantil. Quando fui estudar à noite fui delegado de turma, elegeram-me para delegado de turma. Depois houve as eleições de [19]69. Eu fui delegado da CDE - Comissão Democrática Eleitoral - nas eleições de 69. Tive que fazer um requerimento - ainda aqui há uns dias tive a ver isso - um requerimento com assinatura reconhecida pelo notário, a requerer que fosse inscrito nos cadernos eleitorais para poder votar nas eleições de outubro de 1969. Eleições que foram uma farsa. Isto é demonstrativo da farsa que era - um tipo para votar tinha que fazer um requerimento! Quem é que estava para ir fazer um requerimento e ir ao notário para reconhecer a assinatura? Fui eu e foi outro amigo meu - que agora já faleceu, coitado - que nem era do Partido na altura, nem eu. Fizemos nós porque no conjunto do movimento democrático convidaram-nos para ser delegados da CDE e para ser delegado tinha de estar inscrito nos cadernos eleitorais. Então fizemos aquilo e fomos delegados - enfim, fomos delegados... estávamos ali!

As mulheres não podiam votar, os analfabetos não podiam votar. Aquilo foi um pró-forma, só que a oposição democrática considerou que era importante, apesar de tudo, de intervir como forma de denunciar a farsa que aquilo constituía. E tanto assim que nem se foi às eleições nem nada. A palavra de ordem era que o processo era fraudulento, não se justificava dar cobertura legal ou democrática a uma coisa daquelas. Na altura até se constava que para além das pessoas que não votavam, os mortos por sua vez também votavam. Os cadernos eleitorais não eram atualizados. Na brincadeira até se dizia, [a apontar] para o cemitério: «Olha, aqueles já votaram!». Portanto era uma fraude completa.

Mas o Partido Comunista na altura, que era o que existia na oposição de forma organizada, estava presente em toda aquela movimentação. Desde a tuna columbófila a outra (...) cultural desportiva, 'tava presente. Sentia-se, cheirava a Partido - cheirava no sentido de que a gente sentia que havia ali uma força organizada. Eu ouvia aquilo, depois sabia de pessoas dali que tinham passado à clandestinidade. Tinham ido para a União Soviética e tal. Em Alhandra, que estava paredes meias connosco - a ligação a Alhandra era muito grande. Nos telhais e tudo isso falávamos no Severiano Falcão, falávamos no Raul de Carvalho, falávamos de várias pessoas dali que tinham estado presas, estavam presas, presos políticos e etc.

Nas coletividades promovíamos colóquios, e quer dizer, aquilo não era por obra e graça do divino. Era organizado, havia alguém organizado que tomava a iniciativa. Convidavam o Redol, convidavam o Carlos Pinhão, convidavam o Rogério Paulo, colóquios, debates. Participei numa marcha, no grupo de teatro, em que os figurantes eram à volta de 60, era muita gente, entrava gente e saia, era uma espécie de teatro popular de revista - e havia uma orquestra que é da banda de Alhandra, uma parte da orquestra é formada por músicos da banda que iam também lá tocar a acompanhar musicalmente aquelas cenas. Também havia pessoas que a gente conhecia, depois estávamos a assistir aos ensaios, passavam por baixo o Avante, passavam por baixo o Militante, passavam um comunicado. Sentia-se!

Depois confrontado com aquela realidade de exploração, de injustiças, desigualdades, de pobreza, de fome inclusive. Havia malta ali que passava fome a sério, a sério mesmo! Eu lembro-me quando ia para os telhais muitos das crianças que iam comigo - aqueles pomares que havia de A-dos-Loucos até Alhandra, são 2/3 quilómetros no máximo, a descer - aqueles pomares ali eram o nosso alimento. Era uvas, era peras, era figos, a malta alimentava-se daquilo.

Até é uma coisa interessante, não havia matadouro ali em Vila Franca, o gado vinha do lado de lá da lezíria, passava de barco para o cais de Vila Franca e depois vinham todos em manada com campinos à frente e atrás até ao matadouro dos Olivais. A fome daquela malta era tanta que organizavam-se - já estou a fugir um bocadinho, mas fica esta referência - e espantavam os animais, procuravam que um ou outro fugisse, depois encaminhavam-nos para o meio das serras, matavam-no-los e depois distribuíam a carne por aquela malta toda. Era a forma de se alimentarem e de fazerem face às dificuldades.

Portanto estas dificuldades e esta ligação a este movimento levou a que entrasse na CDE como delegado, não era do Partido Comunista ainda. Depois casei, fui morar para Vila Franca de Xira, para Santa Sofia - que é um bairro que há da parte de cima do Ateneu. Andei então a estudar à noite. E é em 1970 que houve um camarada do Partido, que era organizado no Partido Comunista, que me convidou a poder ter um contacto com um outro camarada para poder-me afiliar no Partido.

E é a partir de janeiro de 1970 que é proporcionado o encontro, com as devidas medidas conspirativas, tinha que levar uma gabardine, um boné e um jornal do Diário de Notícias na mão. O outro - que era o Pedro Soares, o Zé Pedro - que havia de encontrar lá num sítio concreto (...). Encontramo-nos ali. Ele vinha da mesma forma, mas trazia uma laranja na mão. Então lá trocámos a senha e a partir dali comecei a estar ligado ao Partido, organizado no Partido, com a responsabilidade de fazer trabalho na minha empresa, fazer também trabalho no movimento estudantil noturno - não é por acaso que naquela altura, não foi por eu ter entrado é porque havia organização, houve grandes movimentações ali em Vila Franca.

A polícia de choque chegou a invadir a cidade. Houve uma altura que fez-se uma romagem ao cemitério, ao Alves Redol. Aquilo foi o pandemónio. A Polícia de Intervenção e a Guarda Republicana a cavalo, entraram pelo mercado. Aquilo foi uma cena... E foi à noite, os estudantes andavam para ali todos. Em Vila Franca, a escola noturna não era num sítio só, era dispersa. Havia no matadouro, era no tribunal velho, havia lá em cima no CASI, havia nos Combatentes - havia 4 ou 5 locais. E o pessoal deslocava-se no intervalo de 10 minutos. As aulas começavam às 7 e acabavam às 11 da noite, nos 10 minutos de intervalo tinham de percorrer aquilo tudo. Então naquele dia havia movimentação por todo o lado, aquilo foi uma coisa impressionante.

Inicialmente a tarefa foi de fazer esta ligação às pessoas mais chegadas, naturalmente, ao local de trabalho. Eu trabalhava ali em Alverca numa oficina onde era mecânico. À medida que íamos tendo reuniões fui destacado para fazer parte do subcomité regional do baixo Ribatejo, onde eu fazia parte com mais dois elementos - um deles era o Pedro Soares - e era acompanhado por um funcionário do partido, que fazia a ligação, ou

acompanhamento, entre aquele subcomité e os órgãos superiores do Partido. A partir da altura em que entrei para o subcomité fiquei responsável pelo acompanhamento de duas grandes empresas, para além do que já tinha: a Cimento Tejo, na altura, que hoje é Cimpor - fica aí em Alhandra, era uma grande empresa ali da zona - e era a MAG, a empresa metalomecânica pesada em Alverca, que chegou a ter 3000 operários. Eu fazia a ligação a essas duas empresas. Reuníamos periodicamente, fazíamos pontos de situação políticos, recebíamos Avantes, entregávamos Avantes, receitas de cotização.

É curioso porque depois de entrar para o Partido eu passei a ter um trabalho mais discreto. Enquanto não era do Partido, quer no movimento associativo, quer no movimento estudantil, quer mesmo no relacionamento com as pessoas, era mais ousado, falava, ouvia, tentava influenciar. Depois que entrei para o Partido, passei a estar organizado, mais discreto, mas procurando naturalmente por interpostas pessoas, fazer o trabalho que devia ser feito.

Já disse que fui morar para Santa Sofia - casei no dia 8 de março de 1969. O responsável do Partido que fazia a ligação e o acompanhamento do nosso organismo chamava-se Lindolfo. Foi um célebre funcionário do Partido que foi preso no dia 30 de maio de 1971 - foi preso ou... oficialmente foi preso, falta saber até onde é que foi a colaboração dele com a polícia política. Foi preso a 30 de maio. Eu soube da prisão dele, mas enfim, não contactei o Pedro na altura, não tivemos contacto na altura. (...) Isto convém dizer também: foi preso a 30 de maio, mas em dezembro de 1970 ele foi substituído por um outro dirigente do Partido, que foi o António Gervásio. O Lindolfo conhecia a minha casa. A minha casa em Santa Sofia era ponto de apoio às reuniões - reuniões em que a gente entrava lá a noite, de manhã saíamos, (…) eu ficava lá em casa, saia sorrateiramente para ninguém dar por isso. Entretanto em dezembro dá-se essa mudança. Em fevereiro - isto é um bocado intricado, mas eu vou chegar lá - eu pagava uma renda de 850. Eu ganhava 2 contos e 500, a minha mulher era costureira, mas tinha pouco trabalho. Para criar uma criança - tinha uma criança de ano e meio - era complicado. Então deixei a casa, fui morar para a terra onde nasci e a casa que ainda hoje vivo. Pagava 450, já equilibrava. Então o Lindolfo quando é preso em 30 de maio e denuncia a organização toda da região - e não só, Lisboa, Barreiro, Margem Sul. Enfim, mete muita gente na prisão, duas centenas de pessoas ou mais na prisão. Chega-se ao 30 de junho, tive a informação de que havia prisões por todo o lado. O Pedro Soares estava na tropa, mas tinha sido apanhado. O Orlando Nunes, que era outro que fazia parte do organismo também tinha sido apanhado, foi preso. E eu estava na expectativa, «se eles foram eu também vou». Então tomei algumas medidas preventivas, tirei coisas que tinha em casa - Avantes, aqueles rolos que a gente tinha de reproduzir papéis e de fazer fotocópias, emblemas que a gente tinha do cinquentenário - escondi aquilo na casa dos meus pais, lá no forro do teto e andei uns dias sem ficar em casa. À espera. Ninguém me vem buscar, o que é que se passa? Entretanto, de 5 para 6 de julho - foi a 30 de junho as prisões - fui ficar a casa. Que grande galo que eu tive. Às 6:10 da manhã bateram na porta às pézadas. Eram três PIDES, dois à frente, um lá por trás do quintal para ver se eu não saia. Assaltaram-me a casa e é nessa altura que eu sou preso.

Então o que é que aconteceu, agora para concluir. O tipo que foi morar para onde eu morava em Santa Sofia, foi para lá em março. Eu saí em fevereiro. Eles tinham a

indicação de onde é que eu morava, foram lá onde eu morava e então levaram o homenzito. Acho que nos interrogatórios chateavam o gajo: «Olhe lá, você é o Dionísio?» - que era o meu pseudónimo - «Eu não sou nada o Dionísio!». «Você não tem um filho pequenino?». «Não, não tenho nada, então eu casei agora em março!». Bom, teve 5 dias e 5 noites ali a ser torturado. Não tinha nada para dizer, coitado! Então lá concluíram que não era aquele. Puseram os informadores em campo e lá me localizaram. No dia 6 de julho, 6 dias depois, às 6:10 da manhã assaltaram-me a casa e revistaram tudo, acordaram a criança, remexeram tudo, cavaram-me o quintal - tinha um quintalito pequenino, tinha uma oficina no quintal também - remexeram tudo. Andaram à procura na altura de explosivos, porque na altura havia a ARA - Ação Revolucionária Armada, que era de alguma forma dirigida pelo Partido Comunista, no sentido de chamar a atenção para a guerra colonial e para os meios que eram utilizados durante a guerra. Pensaram que eu estava ligado à ARA e queriam explosivos. Eu não tinha explosivos nenhuns, por acaso não tinha. E as coisas que eu tinha do Partido como eu disse, já tinha tomado as devidas precauções. Mas isso não impediu que eles me levassem.

Eram 7:30 mais ou menos - o carro ficou num largo, há um largo lá na terra e eu moro num beco mais abaixo - e aquela hora ia muita gente para o trabalho. A minha mãe morava ali por cima. Então vai os três PIDEs - e ficou um dentro do carro! Eram quatro. Meteram-me no Volkswagen, abriram a porta da frente, entrei lá para trás. Meteram-me no meio, um de cada lado. E as pessoas tudo a olhar, tudo a ver. Eu tinha vontade de dizer qualquer coisa, para alertá-los, mas não se proporcionou. Mas as pessoas pressentiram que havia ali qualquer coisa, mas também já desconfiavam que eu tinha alguma atividade.

Então meteram-me, os quatro, levaram-me para a António Maria Cardoso. Nunca mais me esquece da cena. Entrei naquele portão grande à entrada, que hoje já não está - agora está lá aquela coisa terrível, revoltante, que é aquele condomínio de luxo, que é um crime. Tiraram uma placazinha a dizer: «Foi aqui as instalações da PIDE», o que é uma afronta a quem passou ali, a quem sofreu e alguns mortos ali também. À entrada aquilo tinha uma escada de ferro em caracol que subia lá para os andares de cima. Então meteram um à frente, eu atrás e outro atrás de mim. Epá, eu quando comecei aquilo a andar à volta.

Sinceramente nunca me passou pela cabeça que viesse a ser preso. Como tomava aquelas medidas conspirativas, nunca pensei. Eu não estava preparado, nem mentalizado para um dia vir a ser preso. Achava que conseguia - não era [ser] mais esperto que os outros - mas que não era preso um dia. Vou por ali acima e então começa um a mostrar-me o emblema dos 50 anos do Partido e depois a tratar-me por Dionísio: «Então ó camarada Dionisio!». E eu [pensei]: «Estes gajos já têm a informação toda, vamos rir». Mas sempre à espera que me dessem algum... Daquilo que a gente ouvia, daquilo que a malta passava, que ia presa. Mas não. Cheguei lá acima, meteram-me numa sala. Tive ali à volta de 24 horas. Não me fizeram nada, não me fizeram nenhum interrogatório. Tive 24 horas. Passado as 24 horas - quase que não me deram de comer, foi uma sandes ou o que é que foi - mandaram-me para o Reduto Norte de Caxias. Meteram-me numa cela sozinho.

Tive na cela sozinho à volta de um mês, sem me dizerem nada. Aliás, não é verdade. À volta de um mês durante o qual o guarda prisional - não é o PIDE, é os guardas prisionais - que ia lá de vez em quando, abria o ferrolho - aquilo tem um ferrolho, tem uma mirazinha e tem uma portinhola e tem um ferrolho de ferro que faz muito barulho a abrir. Abria o ferrolho, abria a janelinha e dizia: «Prepare-se para ir à polícia». Estou ali há uns dias, estava naquela expectativa, abrem o postigo para ir à polícia, fico ali [à espera]. Depois passa meia hora, uma hora, passa duas, passa três. A tensão nervosa cada vez é maior. Passado esse tempo abre outra vez a portinhola, eu dava um salto, «Olhe, já não é preciso». Um tipo cai por ali abaixo.

Passa-se tempos, dois, três dias, quatro dias - um mês nisto, foi uma coisa incrível - às tantas da manhã, às 3h da manhã abria o ferrolho. É evidente que o guarda prisional fazia aquilo porque a polícia política lhe dizia. Instrui-o naquele sentido. Até que depois de quatro ou cinco vezes depois de fazerem isto, com os nervos completamente em franja, há um dia em que [diz]: «Prepare-se para ir à polícia». e depois logo a seguir - estava à espera de estar mais tempo à espera - logo a seguir trazem-me para uma carrinha celular. Trazem-me do reduto norte para o reduto sul. Metem-me numa sala, secretaria ou que era aquilo. Fazem-me ali o processo. E depois mandam-me outra vez para a cela. Eu [pensava] assim: «A prisão é isto? Não. Há qualquer coisa aqui que não está a bater certo». Embora estivesse a sentir do ponto de vista do sistema nervoso aquele tipo de tortura psicológica. Era também evidente uma coisa, e isso está comprovado, é que nos últimos anos do fascismo eles foram sofisticando e a tortura era física, naturalmente, mas também era muito psicológica - porque era mais eficaz no sentido de liquidar a personalidade do próprio preso político.

Mandaram-me para lá outra vez, mais umas cenas daquele tipo. E há um dia que me levam lá para baixo para uma sala. Metem-me numa sala enorme – quer dizer, uma sala normal de 4 metros por 4 metros, talvez, de área quadrada - com uma mesa, duas cadeiras, mesa com tampo de vidro e duas floreiras, pareciam uns candeeiros, assim na parede - duas, uma de cada lado na parede disfarçadas - e uma grade que dava lá para fora com uma janela, com uma parede (…) e um aquecedor elétrico ali, junto à janela.

Entrei para aquela sala [com] dois PIDEs. E, naquela sala, tive cinco dias e cinco noites sem dormir. Durante os quais - foi a parte mais dolorosa, digamos assim, que me custa até tentar retratar, porque… o que é que acontecia? Para já, a presença de dois PIDEs. Depois um saía, ficava um. Um procurava ser mais bondoso do que o outro: «Epá, você está aqui, tenho pena de você. Você diga lá a organização toda, para você se ir embora para ao pé da mulher e do filho». Depois vinha o outro: «Seu cabrão, seu sacana! Você anda para aqui metido, seu comuna!». Havia este (...) do polícia bom, polícia mau. Aquilo que se conta é mesmo verdade, isto eu assisti, no sentido de abalar as convicções, no sentido de criar ali reações de um tipo que já tinha sido torturado psicologicamente e que já vinha com os nervos em franja.

Portanto dormir, nem pó. Não me deixavam sentar. Em pé, muito tempo. Dias e dias em pé, andava ali. Quando nós somos presos tiram atacadores - eu não tinha óculos na altura, passei a usar óculos depois - os atacadores, o relógio, o cinto, não temos nada. Então os sapatos estavam sem atacadores, sem atilhos. À medida que o tempo ia passando os pés iam inchando e inchando e saiam fora dos sapatos. Os olhos

encarnadíssimos. E depois passado dois, três dias sem dormir os tipos então: «Então vá lá sentar-se, você está-se a portar bem» (...). Puxavam a cadeira, deixavam-me sentar. Eu sentava-me. É evidente que naquela situação caio logo, fiquei logo, é um farrapo que está ali. Então os tipos - o tal tampo de vidro tinha um copo de plástico pequeno, daquele plástico forte - os tipos batiam com o copo de plástico em cima do tampo de vidro... aquilo fazia [um barulho] - quer dizer, não fazia muito barulho numa situação normal, não é? Mas para quem está debilitado aquilo batia com uma força, fazia uma ressonância na cabeça que parecia um estrondo no interior da cabeça. Depois passado um bocado deixavam de fazer e faziam o mesmo. Outras vezes era com a aliança. Um desses PIDEs tinha uma aliança grossa, batia com a aliança. A aliança grossa batia no vidro, aquilo fazia uma coisa terrível.
Foi assim estes quatro, cinco dias. Ao quinto dia já tinha alucinação. Aquilo [o chão] era de tacos de madeira, aqueles nós dos tacos já se movimentavam, pareciam carochas que andavam à volta. Aquele aquecedor que eles tinham junto à janela, parecia que estavam a sair dali chamas. Já estava com alucinações, já estava completamente passado. E insistiam constantemente: «A organização? Quem é que os alicia? Quem é este? Quem é aquele?». Felizmente consegui aguentar-me.

Começo a ouvir vozes. Naquelas duas coisas que pareciam duas floreiras - eram dois altifalantes que eles tinham ali (...). Saía som. E o som que eu ouvia era de uma criança a chorar e de uma mulher a falar e a gritar. O tal polícia diz-me assim: «Você está aqui há tanto tempo, está aí parece um farrapo. Então está ali a sua mulher e o seu filho ali ao lado. Vá ter com eles». Isto mexeu-me de uma maneira que eu passei-me. Eu passei-me, sinceramente não sei o que é que me passou pela cabeça, que andava em pé, fui direito aquela parede embalada que dá para a grade, mandei uma cabeçada na parede. Felizmente ou infelizmente era embalada(...).

Mandei uma cabeçada naquilo, perdi os sentidos. Quando dei por mim estava deitado num colchão no chão, numa sala ao lado pequenina. Estão os gajos de volta de mim, um gajo de bata branca, a falar uns com os outros - lá percebi onde é que estava. A partir daí meteram-me na cela, levaram-me lá para cima para a cela e não fui mais vezes a interrogatório, fui só a julgamento.

Depois disto há uma cena que ainda hoje estou para deslindar. Meteram-me um tipo dentro da cela. A cela era um cubículo pequenininho. Tinha uma cama e tinha duas ordens - como na tropa, tem uma cama por baixo outra por cima - e tinha uma casa de banho pequenininha e mais nada. Depois tinha a grade que dava cá para fora. Então meteram-me um tipo na cela. Um tipo que dizia que era professor na Baixa da Banheira e a contar que foi martirizado (...): «Porque os outros estão lá fora, eu estou aqui», uma conversa muito esquisita, que ainda hoje estou para saber - desconfiei - ainda hoje estou para saber qual era a função dele ali. Ou o meteram lá porque não tinham mais nenhum sítio para pôr - ele dormia por cima e eu dormia por baixo, porque ele é que apareceu depois - ou se ia para ali para ver se me amaciava, para ver se tirava nabos da púcara para depois eles completarem lá o processo. Ainda hoje estou para saber. Depois do 25 de abril tentei na Baixa da Banheira saber quem era. [Lá diziam]: «Havia lá um gajo que era um tal Coelho, que era professor, mas que já não estava lá ou tinha morrido». Fiquei sem saber. Depois ele saiu também, eu continuei. Foi instaurado o processo.

Depois de instaurado o processo então vim para baixo, para as salas comuns onde estavam oito presos e ali já foi diferente. Acabou-se aquele suplício da tortura, do interrogatório, das noites sem sono, do abrir e fechar o [ferrolho]. E lá em baixo, com os outros que também estavam à espera de julgamento, já as coisas eram diferentes. A gente também se organizava, formávamos uma celulazinha em cada uma das salas. Havia malta de diversas origens nas salas. Havia desde o analfabeto, até malta com quarta classe, outros com secundário, até à formação superior - havia um engenheiro agrónomo, havia um que era o João Pulido Valente que era médico - havia malta com vária formação. Ocupávamos o tempo de forma organizada a aprender. Uns a aprender português, outros a aprender inglês, trocávamos experiências dos conhecimentos teóricos que alguns tinham em termos de economia política, filosofia, materialismo dialético, história, etc. E progressivamente a malta foi evoluindo.

O julgamento foi na Boa Hora, procurei fazer uma defesa escrita com aqueles meios que a gente dispunha na prisão de forma subversiva, clandestina, com as mortalhazinhas de papel. Pôr ali as ideias para poder depois empinar e dizer em tribunal. Infelizmente houve lá uma revista à sala. Eu tinha aquilo escondido debaixo dos tacos, os gajos deram com aquilo, levaram-me os apontamentos. Fiquei sem cábula. Mas pronto, lá fiz a minha declaração um bocado atabalhoada, tal como sentia na altura, denunciando o que tinha passado, o crime que eles estavam a cometer, a ausência de liberdades. O advogado - eu tive um advogado, nunca tive nenhuma reunião com ele - era o Dr. Jorge Sampaio.

Apanhei 23 meses de prisão. Tive 10 meses cá em baixo e depois do julgamento levam-me para o cárcere lá em Peniche, onde depois estou os 13 meses lá em cima em Peniche.

Em Peniche tive, não digo a sorte, mas tive o privilégio de ter estado com presos políticos que eu já tinha admiração por eles. [Como é] o caso do Zé Magro, caso do Domingos Abrantes, do Luís Lourenço, o Canais Rocha, o Luís Miranda. O Zé Magro passou 21 anos na prisão e eu fiquei na mesma sala - de quatro pessoas - que o Zé Magro. Tive esse privilégio e aprendi muito com eles. É evidente que quer na sala comum em Caxias, depois do período de interrogatório, quer em Peniche, a presença da PIDE desapareceu. Nós estávamos em contacto com os guardas prisionais, alguns deles bem maus, mas outros bem interessantes. Pessoas com uma postura, e de respeito - e a gente também respeitava. De tal maneira que um dos guardas prisionais aqui de Caxias, que era o Carranza - que a gente tratava bem e ele tratava bem os presos - depois do 25 de abril fui a casa de um amigo meu que é dirigente da Inter[sindical] também e quando vou entrar para almoçar com eles vejo [e digo]: «Olha o Carranza aqui!», e ele: «Olha o senhor Cartaxo!». Vai-se a ver era o sogro do sindicalista, que foi meu colega na direção da central. Que era um homem com ideias progressistas e depois do 25 de abril foi promovido a chefe. O outro era dirigente do sindicato dos guardas prisionais, foi meu carcereiro aqui em Caxias também. Depois do 25 de abril eu era dirigente da CGTP [Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses] incumbiram-me de fazer uma reunião com o Sindicato Dos Guardas Prisionais, apresentar a direção à central. E quando chego - já não me lembro do nome dele - [ele diz]: «Senhor Cartaxo, ai é você?». Era dirigente sindical.

Portanto está a ver que há uma diferença substancial entre os guardas prisionais e os agentes da PIDE. Embora também houvesse nos guardas prisionais gente muito má. Em Caxias havia o Poupas, que era um tipo terrível.

Só uma nota em relação a Peniche: ausência de condições e, sobretudo, a gente fazia muita pressão para as visitas em comum. As visitas em comum o que era? Quando não havia visitas em comum a gente tinha visitas só de oito em oito dias, ou de 15 em 15 dias, porque as pessoas não tinham posses para se deslocarem todos os fins-de-semana - e eram famílias de longe. Havia pessoas amigas que levavam transporte, transportavam os filhos dos presos e as esposas.

Quando o preso fazia anos ou um familiar chegado fazia anos eles permitiam a visita em comum, ou seja, não era com o parlatório à frente - que é aquele vidro grosso, com as redes de lado para o som passar. Era uma sala ao lado em que as pessoas podiam estar, com o guarda ali presente. Não podiam estar agarrados, mas estavam ali contactavam, abraçavam-se.

Então o meu filho um dia vê a filha do Manuel Pedro, que era a Elsa, ir à volta e ir ter com o pai - sem a mãe perceber, viu. Na semana a seguir ele deixou a mãe entrar lá para o parlatório, deu a volta, foi sozinho, sozinho, chegou quase ao pé de mim! Entrou pelo corredor. O guarda viu a criança, começou: «Ei, que é isto?! Está aqui?!». Agarrou na criança. Aquilo causou um burburinho terrível, eu interpus também, o guarda empurrou-me, foi uma cena terrível. O miúdo vai à volta, não deixaram estar com o pai. Viu-me e eu vi-o a ele. Não deixou abraçar o pai. Vai à volta, quando chega ao pé do parlatório estava de tal maneira tenso... Não chorou, mas de tal maneira tenso - para as visitas há um mocho, um banco pequenino com três pés - o puto com três anos agarrou no banco com uma força, mandou com uma força direito ao vidro - não partiu o vidro, mas foi uma cena. A partir daí começou a chorar. A partir dali houve uma cena, toda a gente se insurgiu. As visitas e os presos. Acabou a visita para toda a gente.

Ainda em relação ao meu filho, há uma cena de lá que eu vim a descobrir - ele agora está em Macau. Vim a descobrir mais tarde que ele - e isso talvez o tenha levado a querer ir visitar-me lá - andou durante algum tempo com a ideia - porque quando ele chegava eu estava sentado e sentado tinha um tampo à frente e as pernas por baixo e ele só me via daqui para cima. Durante algum tempo a criança meteu na cabeça que tinha um pai que não tinha pernas. Há pouco tempo é que eu soube isso, quando fui a Macau. Fui ao casamento dele lá em Macau e ele contou-me isto: «Eu durante algum tempo andei a pensar que você não tinha pernas». Isto ilustra bem o que isto significava [de violência] para o preso, para a família e para a formação de crianças, futuros homens. É uma coisa terrível.

No dia da saída - quando fui para a prisão pesava 85 quilos e quando saí pesava 71 quilos. Trazia óculos (...). Na terra onde eu moro as pessoas são muito solidárias, são muito unidas, foi uma excursão para me esperar. Em 6 de junho de [19]73. Tudo cá fora à espera e alguns viram-me sair, mas não me conheceram [Risos]. [Diziam]: «Não é o Zé Beneiros?». «Não, não». (Eu sou conhecido é por Zé Beneiros).

Depois daquilo, é evidente que o que eu passei, o que eu vi passar, os conhecimentos que adquiri, a experiência que adquiri, a assunção e a consciência de que é preciso

fazer qualquer coisa para que isto mude, que isto não pode continuar - estas desigualdades, estas injustiças, a miséria que para aí há, com gente tão rica e gente tão pobre, os ricos a viver às custas da exploração de quem trabalha, de quem produz. Aquilo deu-me mais força e mais energia. Disse até a alguns: «Vocês vão continuar aí, mas a gente vai continuar a vossa luta para vocês um dia saírem daqui». A partir dali comecei a militar na frente sindical, no sindicato dos metalúrgicos. Na empresa fui delegado sindical, fui da comissão de trabalhadores.

Para arranjar emprego foi um problema. Andei um mês numa motoreta que o meu pai tinha, percorri os 5 concelhos à volta de Vila Franca para arranjar emprego. Quando dizia que era preso político, tinha que dizer porque mais tarde ou mais cedo eles iam saber: «A gente precisa!» - quando começam no início - «Um bom mecânico, serralheiro mecânico, a gente precisa cá!», depois tinha que dizer: «Mas olhe que [sou preso político]». «Pois, tá bem, talvez noutra altura». Disfarçavam e não me davam emprego. Lá consegui arranjar para a MEC [Fábrica de Aparelhagem Industrial], onde trabalhava o Jerónimo de Sousa, através de um pintor meu amigo que conhecia o encarregado geral. Fui lá fazer um exame, montar um compressor - desmontar e montar. Dois dias, fiz o exame, disse antecipadamente: «Olhe que eu tive preso político», e ele disse: «Não se preocupe. Você vai fazer este exame, se você fizer um bom trabalho eu falo com o engenheiro, com o dono, e agente resolve o problema». O gajo ficou satisfeito com o trabalho, foi dizer ao patrão, o patrão que era da Ação Nacional Popular antiga União Nacional - o Jaime Lopes Ferro. Então disse ao patrão e o patrão disse [diálogo]: «O homem é bom profissional ou não?». «Sim senhor, fez o trabalho que era preciso». «Então admita-o lá». Arranjei emprego assim, ao fim deste tempo todo sem trabalhar, mulher desempregada, filho para criar, pagar renda, foi um período difícil. A partir dali na empresa criámos a célula da empresa, delegados sindicais, comissão dos trabalhadores, o grupo de trabalho de Vila Franca. Fui depois para a direção do sindicato. (...) Estive na direção da CGTP durante 30 e muitos anos e dei o meu contributo.

No dia 25 de Abril de manhã - a minha mãe, como disse, morava no largo e eu ia a pé para Alhandra, depois apanhava o comboio, depois descia na Póvoa, descia a pé até à fábrica e vice-versa. E de manhã a minha mãe estava sempre ali a ver-me: «Ó Zé! Olha que na rádio estão a dizer qualquer coisa, está-se a passar qualquer coisa!». Eu na altura nem sabia o que é que era, na altura nem tinha rádio em casa. Então chego à fábrica e toda a gente falava. Então a primeira reivindicação que os delegados sindicais e a malta fez sobre as várias secções, era: «Vamos reclamar do engenheiro Ferro…» - que era o patrão, hoje é o Lopes Ferro - «…um transístor para cada secção!», para estarmos a ouvir o que é que se estava a passar.

Ninguém trabalhou naquele dia, não é? Uns saíram, foram para Lisboa, outros foram para Vila Franca, mas aquilo foi uma alegria incontida - com algum receio porque não sabíamos bem por onde é que aquilo encaminhava. A partir da altura em que as pessoas começaram a ocupar as ruas e começou a haver o sentido da revolução do 25 de abril, naturalmente que a partir dali comecei a engajar-me e a participar nas várias iniciativas naquele grande 1º de maio de [19]74, que foi determinante e para dar o carácter de massas à revolução e para animar aquelas transformações todas que se verificaram a seguir.

Aliás eu acho que faço parte de uma geração que foi sacrificada, mas foi uma época de ouro. Porque passámos por muitas dificuldades, sofremos bastante, mas também tivemos o prazer e a felicidade de termos participado no processo que acabou com uma ditadura terrorista de 48 anos. E conseguimos de facto libertar o país - contribuir para libertar o país, porque é obra de milhares de pessoas.

Ainda um destes dias falava com um amigo: se fossemos a somar os anos de prisão de todos os presos políticos portugueses, isto dava séculos de prisão. Só os 2510 presos políticos que passaram por Peniche, numa média de dois anos - porque ali as penas maiores a malta teve lá 15, 17, 21 [anos] como o Zé Magro - é multiplicar e ver os milhares de anos de pessoas que foram privadas da liberdade e cujo crime foi lutar pelos mais desfavorecidos, foi lutar conta a exploração, lutar contra as injustiças - foi o crime que eles cometeram. É uma coisa que só o facto de termos acabado com este Regime é uma alegria imensa que dá-me imensa felicidade e naturalmente dá-nos orgulho em ter contribuído. Um bocadinho assim [pequenino], mas contribuímos para que a liberdade e a democracia fossem instauradas no nosso país".

Eugénio Manuel Pacheco da Costa Ruivo

Ano nascimento: 1953
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 21-10-2021

"Há todo um conjunto de acontecimentos históricos. Eu vivia na Rua de Entrecampos, em Lisboa. O meu pai era barbeiro. E nós, jovens, andávamos na rua, brincávamos na rua. E em 1959, junto à estátua Peninsular [Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular] de Entrecampos há um fenómeno curioso. Nós íamos brincar para o jardim do Campo Grande e deparamo-nos com uma série de carrinhas da polícia de choque, com cães. E reparei na atual Avenida das Forças Armadas, quando se desce, várias centenas de estudantes a fugirem de um lado para o outro, numa ação da repressão policial contra os estudantes. Havia ali um cordão policial, nós estávamos longe. Ficámos atónitos, sem perceber o que é que se estava a passar. Eis que à noite, em família, tentei abordar o assunto com os meus pais, mas havia um semblante carregado. Penso que o meu pai já teria alguma informação sobre o que tinha acontecido. Este é um dos primeiros elementos históricos que levam assim à preparação da consciência do regime de ditadura em que se vivia.

Depois, o segundo episódio que ocorre. Num dia, eu tinha acabado de concluir o ciclo preparatório na escola Eugénio dos Santos, com o meu irmão. Passado um, dois dias, vejo o semblante dos meus pais, a minha mãe com as lágrimas nos olhos, informarem-nos de que nós iriamos começar a trabalhar - isto com 12 anos. As dificuldades económicas eram imensas. A minha mãe arranjou um trabalho de armação de flores, onde [eu] iria buscar a um determinado armazém essas flores. Obviamente que eu começo a questionar por que razão eu não continuei a estudar, quais eram os motivos? Obviamente que os motivos eram os fatores económicos.

Ao fim desses dois anos começo a trabalhar numa oficina de automóveis, como empregado de balcão, na Electro Rápida - oficina que é a atual Médis, que se situa perto da estatua do António José de Almeida, perto da Casa da Moeda. O comportamento dos adultos, dos meus chefes, era como se nós fossemos um homúnculo, ou seja, um adulto em miniatura. Portanto, as pessoas adultas - não é a questão do ambiente oficinal - era uma relação de uma certa distância. E, por vezes, quando não cumpríamos determinado tipo de tarefas, levávamos alguma pancada por parte deles.

Por outro lado, no 5 de outubro de 1968, estando à porta da oficina, reparei numa grande concentração de pessoas junto à estátua do António José de Almeida. Reparei que algumas pessoas depunham coroas de flores e ouvi estas palavras: «Viva a República!». Senti algum ambiente estranho nas imediações, de pessoas que deviam ser bufos ou da PIDE. As pessoas que saíram dali, gritaram: «Viva à República!», encenaram uma pequena manifestação e há um carregamento da polícia junto dessas pessoas.

Entretanto, pude assistir em Vila Franca de Xira, em 1970 - onde participei numa homenagem a Albina Fernandes, mulher de Octávio Pato, dirigente político do Partido Comunista Português, que se encontrava preso - houve uma ação de solidariedade de várias centenas de pessoas. Nesse dia, saímos dali, fizemos uma pequena manifestação em Vila Franca, que foi reprimida selvaticamente pela polícia de choque. À tarde aqueles que não tinham sido presos [Risos] conseguimos estar com a escritora Maria Lamas, uma

oposicionista. Estávamos numa garagem perto da estação de Vila Franca. Ela começou a fazer a sua intervenção e ouvimos um barulho, um estrondo, uns pontapés na porta - era a polícia de choque que tinha cercado toda a zona. Alguns elementos da comissão organizadora da iniciativa conversaram com a polícia e conseguimos sair daquele espaço sem sermos presos.

Estes acontecimentos começam a marcar a minha consciência política.

Em 1968, como aluno do curso de montador eletricista, surge o aumento das chamadas atividades circum-escolares. Ou seja, as designadas propinas. E foi um aumento substancial. Rapidamente os alunos se começam a organizar e a contestar aquela medida do ministério da educação - penso que nessa altura o ministro era o José Hermano Saraiva.

Nessa época começam a gerar-se determinadas contestações em variadíssimas escolas. Há um episódio marcante: nós conseguimos realizar um plenário num ginásio da escola, por volta das 9h da noite. Mas nesse dia, do plenário, eu e o meu irmão não fomos trabalhar. Então arranjámos um lençol da nossa cama, um lençol branco, e durante a manhã fomos escrever: «Lutamos pelos nossos interesses!». Pusemo-lo a secar, enrolámos depois o lençol e levámos para o dito plenário. A reunião inicia-se com uma intervenção no palco por parte do diretor, os alunos estão no ginásio da escola, e o diretor tenta-nos explicar as razões e os motivos do aumento das propinas. Nós, a determinada altura começámos a dizer que não, saímos da escola industrial Afonso Domingos e à porta da escola hasteámos o pano «Lutamos pelos nossos interesses!» - havendo uma grande ovação dos presentes.

Nós tínhamos a informação de que os alunos da Patrícia Prazeres e os alunos da Nuno Gonçalves - que se encontravam ligados à nossa escola, mas os alunos da Patrícia Prazeres eram do comércio. Nós tivemos a informação que aqueles alunos se preparavam para pagar as propinas, para ceder. Daí saímos numa delegação, em direção ao Bairro do Beato e há uma cena extremamente interessante. Há duas senhoras velhotas que vêm à janela: «O que é isto? Isto é a revolução?!» - e aquilo marcou-me! Estamos a falar em 1968. Dali dirigimo-nos à escola Patrícia Prazeres, onde [com] algumas dezenas de alunos da delegação da Afonso Domingos conseguimos entabular conversação com os nossos colegas, com o firme propósito de que eles não iriam ceder. Depois dali dirigimo-nos à escola Nuno Gonçalves, entramos dentro da escola - algumas dezenas de alunos - e um contínuo da escola propositadamente parte alguns vidros numa das portas que dava para o campo exterior, onde se jogava futebol no espaço da escola. Então chamam a polícia de choque. A polícia vem, nós corremos, fugimos dali. À meia-noite eu vejo-me numa delegação de alunos na Praça Paiva Couceiro a delinear estratégias do que é que nós deveríamos fazer a seguir.

Em 1969, sensivelmente próximo de outubro, o meu pai leva-me, mais o meu irmão, à sede da Comissão Democrática Eleitoral, no Campo Pequeno. Ou seja, quando o Salazar cai da cadeira em 1968 há a chamada Primavera Marcelista. Entretanto a PIDE deixa de ser PIDE, passa para Direção Geral de Segurança - no entanto os métodos, as prisões, a repressão continua. Essa fachada eleitoral em 1969 - concorrência das eleições para a Assembleia Nacional - onde concorre também a Comissão Eleitoral Unida Democrática [CEUD] e a chamada Comissão Democrática Eleitoral [CDE].

O meu pai levou-me à sede da CDE e eis que quando começo a subir as escadas, vejo uma série de pessoas, vejo um comunicado da CDE dirigido à população da cidade de

Lisboa, só consegui ler metade do A4. Entro na sede da CDE. Vejo jovens, pessoas de vários sítios. E começo-me a aperceber um determinado tipo de conversa que não era normal na sociedade. Começo a conhecer várias pessoas - a Maria Eugénia Varela Gomes, o Jorge Sampaio, João Gaspar Teixeira, o Pinto Bandeira, Joaquim Mestre, a Cecília Areosa Feio, etc. Posteriormente dá-se a criação do chamado Movimento da Juventude Democrática, que era uma estrutura juvenil, onde englobava jovens trabalhadores, jovens trabalhadores-estudantes e jovens estudantes. O movimento alarga-se, cria-se uma comissão ligada ao movimento sindical, uma comissão ligada ao trabalho das escolas e ligado às empresas.

Entretanto eu começo a escrever uns textos sobre sindicalismo. E é interessante que começa a haver uma ascensão do movimento sindical, onde várias direções sindicais começam a ser tomadas por trabalhadores que não se reviam no regime, na altura. O sindicato dos bancários, o sindicato dos escritórios, o sindicato dos caixeiros, o sindicato dos metalúrgicos, o sindicato dos técnicos de desenho, o sindicato dos eletricistas - no qual eu, em determinada altura, me vejo também envolvido com colegas do meu trabalho, em reuniões do sindicato dos eletricistas a discutir os contratos coletivos de trabalho.

Relativamente à situação do Movimento da Juventude Democrática, nos finais de 1970, elaborámos um documento de revisão à constituição. Então constituímos várias brigadas na zona oriental de Lisboa para proceder à sua distribuição. E é na Mata do Bairro da Madre de Deus que nós combinámos às 9 horas. Então de diferentes brigadas, com o responsável das brigadas, assim delineamos a distribuição desses documentos, em brigadas de três jovens, desses documentos em toda a zona oriental de Lisboa até Marvila. À meia-noite encontrámo-nos novamente na Mata do Madre de Deus para fazer o ponto da situação e há um jovem responsável de uma das brigadas que faltou. Faltou, ficámos um bocado preocupados com o que é que se tinha passado - tivemos a informação que dois jovens que se encontravam numa daquelas vilas operárias com caixas do correio, a distribuir o respetivo documento, a dada altura surge um guarda noturno. Os jovens não tiveram lucidez - aliás, o responsável já tinha acabado a sua tarefa não se manteve no grupo, abandonou o grupo - eles não tiveram destreza de fugir. O guarda noturno leu parte do comunicado e apercebeu-se que era conteúdo contra o regime, contra o presidente. Então, a certa altura, saca da pistola, prende-os e leva-os para a esquadra do Beato. A partir daqui começam a ocorrer um conjunto de prisões - o Lino de Carvalho, que foi deputado da Assembleia da República, o Cipriano Dourado, o engenheiro Fonseca Ferreira que trabalhava no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, o campeão, o José Manuel Veríssimo, que foi preso, o Raimundo Santos, foi preso, o Fernando Gomes e outros elementos são presos.

Eu sou o último a ser preso. Aliás, eu tive a perceção, pela informação que me ia chegando. Falei com os meus pais, pedi ao meu pai para me guardar um conjunto de livros e até tinha dois rolos de fotografias - um rolo de fotografias daquele episódio da Maria Lamas em Vila Franca de Xira, que eu tinha guardado comigo - e algumas publicações. Pedi ao meu pai para me guardar, porque tive a perceção de que ia ser preso. E tomei a decisão: «Eu não vou fugir do país». Exatamente uma semana antes de ser preso vou ao escritório do Dr. Jorge Sampaio, que funcionava ali na Rua Duque de Palmela, perto do Marquês de Pombal e então contei-lhe o que é que se estava a passar. Ele rapidamente me diz: «Olha, Eugénio,

tens aqui um escrito que depois passas para uma folha de papel de 25 ou 35 linhas, papel azul, e fazemos uma procuração. Se a tua prisão ocorrer serve para eu ser teu advogado».

No dia 27 de janeiro de 1971, pelas 10 horas da manhã, estava a falar com o chefe dos torneiros mecânicos, o Miranda, sobre a guerra colonial. E eis que alguns colegas meus [dizem]: «Eugénio! Estão à tua procura!». Eu, conscientemente, digo assim: «Já está!». Dirigi-me ao local da minha secção de eletricidade, perto da bancada das ferramentas e vejo uns elementos estranhos. Estava o chefe da oficina, que era o Feliz, o meu chefe que era oficial, o Marques, o sub-responsável da oficina que era o Fortuna. E vejo quatro pessoas estranhas - eram elementos da PIDE. Rapidamente dirigem-se para mim e dizem-me: «Como é que você se chama?» e obrigam-me a abrir a gaveta das ferramentas, que tinha um livro de fundamentos de economia política, uns textos de sindicalismo que eu estava a escrever para serem publicados no boletim do Movimento da Juventude Democrática e a procuração dirigida ao Jorge Sampaio. «Ai então você já sabia que ia ser preso?» - é a expressão da PIDE.

Dali colocam-me dentro de um carro preto, com dois PIDEs ao lado, o motorista e um PIDE à frente. E dali começam os empurrões e as provocações, antes de chegar à sede da PIDE, na António Maria Cardoso.

Cheguei à sede da PIDE, na António Maria Cardoso. Sou colocado numa sala de interrogatório e começam imediatamente as perguntas, os encontrões. Passado uma hora fazem-me uma acareação com um estudante da escola industrial Fonseca Benevides. Era o único estudante e era a única pessoa que sabia onde é que eu trabalhava. Fazem-me a acareação: «Você conhece este senhor aqui?» - eu disse imediatamente que não. Sou levado novamente para a sala de interrogatório e começam o processo das torturas físicas e psicológicas. Os espancamentos, com esta expressão: «Não vale a pena você estar a negar. Nós sabemos 90% das suas atividades, portanto faltam apenas 10%».

Os PIDEs são substituídos de três em três horas. A dada altura um dos PIDEs coloca-me um bloco de notas em cima da mesa, para a dizer: «Não vale a pena você estar a negar. Você escreve aqui as suas atividades, ninguém sabe e depois é libertado». O silêncio. O silêncio. O silêncio. Até, sensivelmente, à meia-noite, [quando] sou transferido novamente através de um carro celular para a cadeia do Forte de Caxias.

Passado dois dias, estava a jantar. Eu estava virado para o lado das traseiras, não para o lado de Monsanto, mas para as traseiras. Sensivelmente por volta das seis e meia, o guarda prisional abre o postigo da cela e diz-me assim: «Prepare-se para ir à polícia!». E eu pensei: «Bom, agora elas vão doer».

Vou para a António Maria Cardoso. Os interrogatórios continuam, os espancamentos iniciam-se novamente. Eis que ao fim de estar prostrado no chão, do lado direito, na porta, surge-me o subinspetor Tinoco. Os interrogatórios eram comandados pelo chefe de brigada Santos Costa. Entretanto surge-me o subinspetor Tinoco com as mãos na cabeça: «Então o que é que lhe aconteceu? Você é do Benfica ou do Sporting? Ai a sua mãe está tão doente... você pode resolver rapidamente a situação». Este processo continua de tal forma que tive uma crise nervosa. Fiquei inconsciente, não sei o que é que se passou. Sei que sou levado para uma sala na António Maria Cardoso.

Ao fim de várias horas, não sei de quanto tempo, por volta das quatro da manhã, já na cadeia do Forte de Caxias, abro os olhos, semicerrados, e vejo dois PIDEs na cela de isolamento e o chefe dos enfermeiros. De repente os membros superiores começam a torcer neste movimento que eu estou aqui a executar [torce os braços]. Esta situação leva a uma agitação imediata do chefe dos enfermeiros. Sei que levo uma injeção e daí só me lembro de acordar numa cela de regime normal - não sei por onde é que andei - com os dois primeiros jovens que tinham sido presos pela PIDE. Ao fim de dez dias, o guarda prisional [diz]: «Prepare-se para sair!». Sou levado num carro celular em direção à António Maria Cardoso, quase que não podia andar. Daí sou libertado com uma caução de três contos. Os meus pais vêm-me buscar. Não podia, praticamente, andar. Saí com uma caução de três contos.

Ao fim de dois meses, dois meses e meio, em março, por decisão do tribunal plenário, a caução é-me aumentada: passa de três, para 30 mil escudos.

Em 20 de novembro de 1971, sou de novo preso em casa, onde sou enviado para Caxias. Aliás os interrogatórios já não eram feitos na António Maria Cardoso, mas eram feitos já no Reduto Sul do Forte de Caxias. O chefe de brigada Santos Costa, com um objeto em cima de uma mesa diz assim: «Então, cá estamos! Você agora não vai sair daqui tão depressa!». E, de repente, afasta aquele objeto e aquele objeto cai. Aquilo era tipo carga plástica - tinha havido alguns rebentamentos. Tinha havido um rebentamento na escola prática da PIDE, salvo erro, da Ação Revolucionária Armada. No Centro Cultural da Embaixada dos Estados Unidos, na Avenida Duque Loulé; um atentado no navio Cunene; na Rádio Marconi, etc. Então [dizia]: «Então você é um dos autores..!» - esta conversa continua.

Dali vou para a cadeia de Caxias. Onde vou-me encontrar com companheiros e camaradas que estavam presos em celas de regime normal.

A prisão dura entre 20 de novembro de 1971 até ao dia 15 [de junho de 1972]. Entretanto eu venho a conhecer o José Pedro Soares - preso na cadeia. O José Pedro Soares tinha estado 20 e tal dias na tortura do sono. Eu vi as marcas dos espancamentos que ele tinha levado nas pernas, as cicatrizes nas costas, inclusivamente uma camisa branca que ele tinha ficou colada ao corpo dos maus-tratos que a PIDE lhe tinha infligido. Isto marcou-me profundamente. O José Pedro Soares também estava com o Fernando Rosas, com o Diogo Velez, com o João Camilo, com o Aureliano que era estivador, com o Raimundo, um dos meus colegas, que tinha sido preso e que estava ligado ao meu processo. Conheço vária gente. Então há aqui uma faceta interessante que tem a ver com a organização da vida dos presos enquanto cela da prisão.

Poderei dizer que foi a primeira vez que aprendi a jogar xadrez. [Foi] onde fiz o aprofundamento dos meus estudos em História, em Matemática - cada um dos presos que tinha a sua experiência e a sua formação, nós organizávamo-nos com sessões de explicações, passo a expressão. Isto foi um elemento importante do ponto de vista do trabalho e da organização coletiva da cadeia. Fazíamos vários campeonatos relativamente aos jogos de xadrez.

Sou libertado em 15 de Junho de 1972, prisão remível a dinheiro - 15 escudos diários. Vinte meses de prisão remível a dinheiro. Entretanto conseguiu-se solidariedade e então sou libertado.

No dia 1º de maio de 1973 sou novamente preso. Eu, o meu irmão e o meu pai. O meu irmão é apanhado nas traseiras do quintal, pela PIDE, com uma pistola. A minha mãe lavada em lágrimas. Somos colocados em carros da PIDE e dali fomos para o Reduto Sul do Forte de Caxias. Somos interrogados várias vezes, durante vários dias.

Eu vou para uma sala de interrogatório e estava o Vítor Agostinho, que é um dos dirigentes da Voz do Operário. Estava na sala do interrogatório. Eu conhecia-o - fingi que não o conhecia, obviamente. Entretanto o PIDE ausentou-se por breves momentos da sala e rapidamente o Vítor coloca as mãos em concha e eu coloco um pé lá em cima - porque no topo da parede havia um objeto estranho. Levantámos aquele objeto e o que é que nós descobrimos? Descobrimos um microgravador, que estava envolvido numa esponja. «Olha isto. Estás a ver? Eles gravam tudo aquilo que se passa aqui dentro». Então - eu aqui faço um parenteses - 15 dias após o 25 de abril pude ver a sala dos gravadores e então tive consciência de que a sala dos gravadores estava diretamente ligada com cada uma das salas dos interrogatórios.

Entretanto, há um episódio muito interessante que ocorre numa sala de interrogatório, ainda em 1973. Estava eu a comer e eis que olho para uma colher e começo a observar a colher. A colher era uma colher diferente de todas as colheres que eu alguma vez tinha visto. Essa colher estava escrita, escrita! Dizia: «Coragem. Firmeza. Resiste. Não fales». Isto em letras tão pequeninas. Isso, de facto, encheu-me de uma grande alegria e de uma grande coragem. Este facto desta colher foi marcante.

O meu pai é libertado ao fim de 15 dias. O meu irmão teve a tortura do sono [durante] quatro dias e três noites - não falou, como eu e como outros companheiros. Eu e o meu irmão somos libertados ao fim de 27 dias.

Volto à prisão a última vez no dia 6 de abril de 1974, durante a tarde. Estava juntamente com cerca de 43 companheiros, rapazes, raparigas, numa reunião da oposição na chamada Cooperativa Forja - que era uma cooperativa de livros que estava em formação, situada próximo do cemitério de Benfica. Próximo das 3h sensivelmente, 3:30 h da tarde, batem à porta de uma forma violenta e então deparámo-nos com várias carrinhas da polícia. Com o Capitão Pereira a dizer que não era o Capitão Maltês - que era o famigerado comandante da polícia de choque. «Eu não sou o Capitão Maltês!». Entretanto somos presos. Dali fomos enviados para o Governo Civil. E há um episódio muito interessante que ocorre durante o nosso trajeto para o Governo Civil.

Próximo da pastelaria Riviera, em Benfica, na parte lateral do Jardim Zoológico, eu vejo o jornalista José João Louro - muito amigo. E o jornalista, que salvo erro, era jornalista do Diário de Lisboa na altura, olha e fica espantado, porque começa a ver pessoas conhecidas. E eu faço um pequeno sinal. Passando as carrinhas da polícia, ele dá uma volta e rapidamente corre em direção a Sete Rios e vai fazer alguns telefonemas. Quando nós chegamos ao Governo Civil há já uma pessoa ou duas da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos que se apercebeu, por informações do João José Louro, o que é que se estava a passar. Então começam a questionar o que é que estava a ocorrer.

No Governo Civil somos separados - rapazes para um lado, raparigas para o outro. Dali somos enviados diretamente para Caxias, onde chegámos sensivelmente por volta da meia-noite. Quando entrámos dentro da cadeia, do lado esquerdo, entrámos num túnel e dali vamos para umas casamatas, que não eram utilizadas desde os anos 60. Uma coisa

indescritível. Descemos umas escadas e entrámos em duas grandes salas. Com tarimbas, com cobertor. E deparámo-nos com um ar pouco respirável, a água escorria pelas paredes, com uma humidade brutal. O Ruben de Carvalho e o Ezequiel, que sofriam de asma, tinham dificuldades em respirar. Eles tinham que de meia em meia hora pedir ao guarda prisional para se dirigirem próximo das grades para poderem respirar.

Permanecemos durante alguns dias naquela situação e então começaram-nos a separar. A dada altura sou enviado para uma cela, daquelas de regime normal, onde estão três presos: o Ruben de Carvalho, mais dois presos que eu não conhecia. A dada altura, próximo das grades, o Ruben de Carvalho diz-me em voz baixa: «Não fales. Resiste». E foi extremamente importante e significativo estas palavras que eles nos disseram.

Dali sou levado para uma cela de isolamento onde está um dirigente associativo - o Pedro Ferreira, de económicas. Nós, rapidamente, para quebrar o isolamento, porque ouvíamos vários passos no teto [dissemos]: «Olha, vamos tentar falar com quem está aqui», porque tínhamos a perceção que seriam as mulheres que na hora do recreio andavam ali a passear. Então combinámos a seguinte situação: com um pau de vassoura, na casa de banho, tentar contactar com as presas que estavam em cima. E ficava um de fora da casa de banho para vigiar qualquer movimento esquisito do guarda prisional. Assim começa a ocorrer a nossa conversação com uma rapariga chamada Fátima - que também foi libertada no dia 27 de abril à meia-noite. E então começámos a saber de uma série de prisões.

Ao lado da minha cela conseguimos saber quem é que estava preso - o Pedro Fernandes, que posteriormente ao 25 de abril veio a ser o Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Torres Vedras - e do outro lado o escritor Mário Ventura Henriques, que veio depois a ser o diretor do Diário Popular.

O Pedro Ferreira é libertado no dia 23. E no dia 24 de abril vejo um semblante esquisito. E no dia 25 de abril ainda mais.

No dia 25 de abril o guarda prisional abre o postigo e diz-me o seguinte: «Você não vai ter o recreio». Entretanto, eu como estava virado para Monsanto, apercebo-me do movimento ininterrupto de PIDEs a andarem de um lado para o outro e eu achei aquilo estranho. Deitei-me. No dia 25 de abril eu não me apercebi - quer dizer, apercebi-me que havia qualquer coisa - do que se estava a passar no país. Por volta das quatro da manhã oiço um grito dado por um preso que estava em regime normal. Eu não me apercebi o que é que se tinha passado, não consegui perceber. Já não dormi e assim me mantive. Por volta das sete da manhã sento-me numa cadeira, no topo. Estava virado para o lado de Monsanto e do lado esquerdo começo a reparar [n]uns pontos negros.

Acho estranho, porque já não era a GNR que guardava a prisão. Era um corpo de paraquedistas, que depois mais tarde, vim a saber que era o comandante Marques Serra. Esses pontos negros começam a aumentar - e eu acho estranho, [penso]: «Mas o que é que se está a passar?!». Isto é indescritível – nós… aperceber de que algo estava a acontecer. Nós ficámos numa grande tensão - já no dia 25 havia uma grande tensão no ar, não sabia o que é que se estava a passar. Então esses pontos negros começam a aumentar, a aumentar. Eis que, sensivelmente por volta das nove e meia eu oiço do exterior da cadeia o som dum cláxon de um automóvel. Começo a perceber que era uma mensagem que estava a ser transmitida, que depois mais tarde vim a saber que tinha sido esse meu companheiro de prisão - o Pedro Ferreira - que do seu cláxon do automóvel no exterior da

cadeia estava a comunicar para dentro da cadeia. Então apercebemo-nos que tinha havido um golpe.

Estes pontos negros começam a aumentar, a aumentar e por volta das dez da manhã olho para baixo e então vejo uma delegação de advogados, de elementos da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos, o Jorge Sampaio, o Francisco Sousa Tavares, o Miguel Sousa Tavares, o advogado Manuel João da Palma Carlos, a Maria Eugénia Varela Gomes, a Cecília Areosa Feio, o José Francisco, aquele meu amigo José João Louro, jornalista que também estava nessa delegação e que nos tinha visto sermos presos no dia seis de abril, perto da sua casa, em Benfica, o Joaquim Mestre, o José Cardoso Pires, a Maria Sophia de Mello Breyner - a escritora. Há aqui um momento de grande explosão. Alguma coisa estava a acontecer. Então começa a haver gritos de presos, da prisão.

A dada altura, creio que o Comandante Xavier, delegado da Junta de Salvação Nacional, abre o postigo da cela de isolamento e pergunta-me como é que eu me chamava e do que é que eu era acusado. Disse-lhe o meu nome, Eugénio Ruivo, e que era acusado de ser membro do Partido Comunista Português. Abre a porta e começa a abrir as outras portas - e eu começo a ver outros companheiros. Há uma situação que me marca. Há um preso, alto, forte, que depois mais tarde vim a saber que era o José Carlos de Almeida, ex-funcionário do PCP - estava em tortura do sono há quatro dias, tinha sido preso no Porto. Não diz quem era, do que é que era acusado - e manteve a sua postura até à libertação, porque ele não sabia exatamente o que é que estava a acontecer.

Vamos para o hall da prisão. Os abraços... Abraço o Álvaro Pato [Comove-se] o João Pedro, o Pedro Fernandes - que vejo o José João Louro a correr para ele, a abraçá-lo. A Elvira Nereu, a Helena Neves. E muitos outros presos. O Vítor Dias, o Manso Pinheiro, o Fernando Correia. Foi uma explosão de grande alegria.

A dada altura o Comandante Xavier - estávamos todos reunidos - dá a informação de que tinha havido um golpe de estado. De que era Spínola que estava à frente das coisas. Mas alguém acha esquisito este desenvolvimento. Ele dá-nos a informação e, de repente, há uma ordem do General Spínola dizendo que nem todos os presos iriam ser libertados. Então regressámos novamente à cela da prisão. Aqui gritávamos pelas grades a exigir a nossa libertação. Ouvíamos, do exterior, milhares de pessoas que exigiam a imediata libertação de todos os presos políticos.

Há um grande período de tensão. O porquê do recuar, o porquê não sermos imediatamente libertados? Por volta das três, quatro horas de novo sou libertado da cela de isolamento. Os presos que se encontravam nas celas de isolamento começámos a conversar sobre aquilo que se estava a passar. Obviamente há grandes interrogações. Ao fim da tarde tomámos uma posição. Creio que havia contactos com os presos políticos que se encontravam em Peniche, onde alguns oficiais do Movimento das Forças Armadas ligados à Força Aérea e ao Corpo de Fuzileiros - creio que o Corpo e Fuzileiros era comandado pelo Comandante Xavier, era um outro corpo que fazia guarda à cadeia. Havia os paraquedistas e havia o Corpo de Fuzileiros. De vez em quando as informações vêm nos sendo transmitidas e tomámos a posição inequívoca: ou saem todos, ou não sai ninguém.

À meia-noite começámos a sair da prisão. Corro em direção ao meu pai, à minha mãe. Vejo a Helena Pato, vejo o Orlando Pauleta, vejo o José Francisco e vejo a Maria Eugénia Varela Gomes, a Cecília Areosa Feio - que estiveram no processo de negociação para exigir a

nossa libertação aquando da delegação que reuniu juntamente com os responsáveis da prisão.

É indescritível todo o ambiente e todo o clima que nós vimos no exterior. Dali fui até ao Rossio e vi as milhares de pessoas [Comove-se] na rua. Foi uma alegria impressionante, ver todo aquele povo na rua. Foi de um grande clima e de uma grande solidariedade - e lembrei-me de todos os ex-presos políticos, que pelas cadeias e que por este país não tiveram a oportunidade de ver o seu trabalho, que fizeram… uns na clandestinidade, outros na prisão, outros organizados em várias vertentes".

Fernando António Pinheiro Correia

Ano nascimento: 1942
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 22-10-2021

"A consciência política ganhei-a desde muito cedo. A ação política veio mais tarde. Porquê? Porque os meus pais eram - digo eram, porque já faleceram - membros do PCP. A família era de Coimbra e pertenciam ao sector intelectual de Coimbra. Eram licenciados na mesma coisa, em Filosofia, portanto davam-se bem em todos os aspetos, por isso casaram [Risos] por isso nasci eu - em 4 de julho de 1942.

Isso significa desde logo que o meu ambiente caseiro era progressista, digamos assim. Além do mais, os meus pais, depois de eu nascer - porque eles eram ambos especializados em psicologia e psicopedagogia - fundaram uma escola infantil que se chamava Instituto Infantil, lá em Coimbra, onde havia dezenas de miúdos. E também, coisa que eu nunca soube senão muito mais tarde, aquilo que vou dizer, a casa do tal Instituto Infantil - era um edifício grande, com vários quartos para os miúdos dormirem - durante os anos 40, não sei se já nos anos 50, era um ponto de apoio de militantes clandestinos do Partido, ao qual os meus pais pertenciam. Depois participaram naquelas démarches que era preciso fazer para apoiar os camaradas, funcionários do Partido clandestinos - incluindo o Álvaro Cunhal, na altura - que passavam por Coimbra, por necessidade de deslocação pelo país.

Não direi que por contaminação espiritual, mas mais por influência parental, a minha educação foi sempre democrática, de esquerda. Ainda que todas estas peripécias (...) que se deram, eu não tinha nada a ver com elas - estava completamente a leste - mas digamos que o ambiente era propicio a sair dali um antifascista.

Em Lisboa, no Passos Manuel, também encontrei - encontrei não, como é óbvio começámos a dar-nos - duas pessoas, três, que depois também se tornaram conhecidas, jornalistas como eu: um deles era o Daniel Ricardo que era jornalista da Capital e também passou por outros jornais; o Luís Barros, que também era jornalista e que mais tarde seria o companheiro da Maria Teresa Horta, da poetisa; e o Lauro António, que na altura não era, mas veio a ser um realizador de cinema com obra feita, no sentido não só dos filmes que fez, mas também de um espólio muito grande de coisas relacionadas com o cinema, que recentemente doou à Câmara de Setúbal - tive essa informação, porque há muitos anos que não o vejo.

Isto criou um quadro favorável a que fosse tendo uma formação democrática neste sentido. Democratas há muitos, há uns bons, outros melhores, outros assim-assim - mas todos são democratas. Eu fui encarreirado para um certo tipo de democrata.

O liceu fez-se normalmente. Depois tive a sorte - e posso dizer que é a sorte - de ter entrado para a faculdade. Portanto, fiz o liceu e depois a Faculdade de Letras – também [fui] para o curso que os meus pais tinham, de Filosofia. Tive a sorte de entrar em [19]61. Ora, [19]61 e [19]62 foi um ano [letivo] marcante devido às grandes greves estudantis que houve nessa altura, que tiveram uma importância muito grande. Não só para os estudantes da altura, mas mesmo sob o ponto de vista ideológico e de formação política acabaram por influenciar toda uma geração. Por isso é que muitas vezes se fala da geração dos anos 60 como uma

geração de rutura entre os tempos negros dos anos 50 e os tempos que viriam a ser mais sorridentes dos anos 70. Os anos 60 fazem ali uma charneira, que eu tive sorte - podia ter sido uma década antes ou uma década depois, mas foi nesta - de ter acompanhado todo esse movimento estudantil.

Simultaneamente - eu entrei em [19]61 / 62 - encontramo-nos eu e a minha mulher na mesma faculdade, simpatizámos e casámos - mais tarde, em [19]65. Mas começámos a namorar logo. Como se dizia - acho que hoje já não se diz namorar [Risos] – em [19]61 / 62.

Acho que foi em [19]62, já no fim do ano letivo, que entrei para o partido, para o PCP. Fui recrutado por um camarada que era estudante como eu, mas que teve essa iniciativa. Eu já desconfiava [Risos] e um dia consumou-se. Devo dizer que isto já à margem dos meus pais. Nem eu sabia na altura o que tinha acontecido antes com os meus pais, nem os meus pais sabiam que eu tinha entrado para o partido, por uma questão de respeito. Respeito no bom sentido - eu cá tenho a minha vida, não tenho de vos meter nela. [Risos] Já sou adulto. Depois, em 19]65 casei.

Apesar do curso ser de Filosofia eu, desde cedo, que me interessava pelas questões do jornalismo. Quando estava no Passos Manuel com aqueles amigos que referi há bocado - o Daniel Ricardo, o Luís Barros - fizemos um jornal estudantil que se chamava *Iniciat*, com "t", do latim. Tanto para mim como para eles foi o início do interesse pelo jornalismo, ou melhor, o jornal resultou do nosso interesse por jornalismo.

Devo dizer que nessa altura tivemos um professor, que não tinha nada a ver com jornalismo, mas tinha a ver com a conceção da História, que era a disciplina que ele lecionava, que era o Doutor Joel Serrão - que já morreu, mas que escreveu muita coisa sobre a História de Portugal. Essa influência foi muito importante. Nós sempre que falávamos disso [dizíamos]: «Pois, o Joel Serrão, que era um gajo porreiro. Estimulava-nos, ao nos dizer para ler algumas coisas, que não era bem a História que vinha no livro». Isso foi estimulante.

Na faculdade foi o ponto alto da minha juventude. A certa altura, em [19]62, entrei para o Partido. Um camarada, que já não vejo há 30 anos ou 40, nem sei se está vivo, que me recrutou para o Partido e comecei a participar na célula da faculdade de letras onde, aliás, conheci gente excelente durante esses anos. Desde colegas de turma, que depois vim a saber que também eram (…) democratas - não necessariamente do partido, mas do Partido Socialista e de outros. E nomeadamente uma grande figura, entre os jovens, que era o Jorge Sampaio. Que era presidente, primeiro, da associação da Faculdade de Direito e depois de uma coisa que havia, que eram as reuniões interassociações, que era um grupo que se reunia com diversas associações de estudantes, das diversas faculdades. Ele foi durante uns anos secretário-geral da RIA, Reuniões Interassociações.

Foram anos de formação, que se pode resumir assim, sem esquecer uma particularidade: eu para além de estudar alguma coisinha [Risos] para tirar o curso, também me interessei, como era de esperar, pelo jornalismo e, portanto, ajudei a fazer o jornal da Faculdade de Letras. Por outro lado, como sempre me tinha puxado o pé para o futebol, inscrevi-me e depois fui da direção de uma instituição que havia e continua a haver - hoje com outras características menos académicas - que é o CDUL, Centro Desportivo Universitário de Lisboa, cuja direção era formada por representantes das diversas associações de estudantes e promovia coisas juvenis. Falo nisto porque achei - e achava a direção do

CDUL, do qual eu comecei a fazer parte - que era preciso um jornal e, portanto, claro, fui logo cravar para fazer um jornal. Ainda saíram uns oito números do jornal do CDUL. Isto não é totalmente a despropósito, porque também tem a ver que eu nesse jornal tentava meter o veneno: «O desporto não é só para a elite, é preciso que o desporto não seja só para os estudantes ricos». Lá metia as minhas coisas.

Nessa altura no Diário Popular quem mandava ainda era o Doutor Francisco Balsemão, que queria renovar a redação e fez uns cursos para quem quisesse inscrever-se – universitários -porque na altura jornalistas universitários era coisa que não havia. Pior do que isso, pior no sentido jornalístico, é que a maioria dos jornalistas, até aos anos 60 - também aí os anos 60 são um marco - os jornalistas tinham vários empregos. O jornalista ia fazer uma perninha ao jornal, recebia x, e depois ia fazer outra coisa qualquer - ou escriturário, ou empregado de balcão, qualquer coisa.

Sei que eu me inscrevi no curso. Eram 30 inscritos, os quatro primeiros entravam para a redação do Diário Popular. Fiz o curso. Praticamente não conhecia ninguém daqueles jovens que lá estavam, não fiquei nos quatro primeiros - fiquei em quinto. Mas o Balsemão fez-me a gentileza de também pôr o quinto. [Risos] de maneira que devo ao Balsemão essa gentileza de ter contribuído diretamente para eu entrar no jornalismo. Na altura, fui da direção do sindicato dos jornalistas, a nível da movimentação sindical criaram-se estruturas mais atuais, relativamente às que havia na altura, que vinham do princípio do século quase, que permitissem uma defesa mais, desde logo, material - é por aí que tem de começar, para motivar as pessoas - mas também noutras exigências. Uma delas nas habilitações - não é qualquer pessoa com a 4ª classe, não quer dizer que não haja pessoas com a 4ª classe que dariam excelentes jornalistas, mas pronto, tinha-se de criar uma exigência, umas linhas. Isso foi uma reivindicação que na altura o sindicato fez e se conseguiram alguns passos nesse aspeto.

Isto criou um clima dentro do jornalismo, que, a nível do PCP, exigia uma outra estrutura que não existia antes, uma estrutura mais individual, de haver jornalistas comunistas - como havia jornalistas dentistas, ou arrumadores, ou motoristas. Então o Partido, por esses anos, resolveu criar uma estrutura estruturada - um organismo como se diz na linguagem do Partido - que se preocupasse com os problemas do jornalismo. Formada por jornalistas, que tomasse conta, se preocupasse e tivesse ações de mobilização e de esclarecimento, como é trabalho habitual nas células do partido, no sentido de criar uma frente democrática. Defendendo os valores democráticos e que tentasse espalhá-los entre jornalistas, na qual eu participei, como membro do partido. A luta, no sentido partidário, ativa, foi enquanto jornalista.

Oito dias antes do 25 de abril fui preso. Tive a sorte de oito dias antes do 25 de abril ter sido preso. Foi um camarada funcionário que denunciou uma série de camaradas jornalistas, que foram presos.

Foi de madrugada - eram cinco da manhã, ou seis da manhã - que foram lá a casa e me levaram para um volkswagen que estava cá em baixo. Eu pedi para fazer qualquer coisa: «Posso ir ali comprar tabaco?» e os gajos olharam para mim como quem diz [Risos]: «Estás a pensar em dar à sola?» - e lá foi um comigo comprar o tabaco. E pronto, comprei o tabaco. [Risos] Não me estava a apetecer nada, nem pensava nos cigarros - foi só para chatear, «Deixa lá ver o que é que eles dizem». (...)

Depois vim aqui [para] Caxias, onde praticamente não cheguei a ser interrogado. Isto foi nas vésperas do 25 de abril - os tais sete dias antes do 25 de abril. Fui apenas aquilo que se chamava identificado: fotografias, «[Quem é o] pai, mãe, o que é que fez?», a ficha, preenchi a ficha. E voltei para a prisão. Estava isolado.

Houve um dia, foi no dia 25 de abril. A cela onde eu estava dava para o parque de estacionamento do Estádio Nacional (…) aparecem lá uns casacos, umas buzinas e uns faróis. [Pensei]: «Estes gajos estão malucos? O que é que se passa aqui?». [Risos] O facto é que sentia bater as paredes por todos os lados - que eram os presos que falavam na linguagem do bater na parede, não sei como é se chamava, que tinha acontecido qualquer coisa. A certa altura, passado uma hora - ou duas ou três - ouviu-se uma voz: «O fascismo caiu! O fascismo caiu!», lá de uma janela qualquer. Alguém que tinha percebido os códigos todos e já estava a par.

Ainda passei lá uma noite. Eu tinha papel para escrever e quando soube o que é que estava a acontecer - há bocado não referi isso, mas entre o Diário Popular e a minha prisão eu tinha entrado para o Diário de Lisboa. Estava na redação do Diário de Lisboa. Portanto [pensei]: «Estou aqui, vou escrever o que é que se está a passar». E escrevi uma coisa.

Finalmente houve a libertação dos presos, isso é história, não vale a pena pormenorizar. Grandes abraços. [Comentávamos]: «Epá, também cá estás! [Risos] Não sabia que estavas cá!» (...). «Não sabia que estavas cá neste hotel!», lembro-me disto [Risos]. «Então tem corrido tudo bem?». «Tem, tem! Tem-se comido bem!». [Risos] Brincadeiras de quem está louco de alegria, ao fim ao cabo era isso.

Entretanto houve uma situação, que é conhecida. Os militares do MFA [Movimento das Forças Armadas] [diziam]: «Sai tudo da prisão. Não há presos políticos». O Spínola queria que só fossem soltos o que não eram prisioneiros de sangue - aqueles que pertenciam à LUAR [Liga de União e de Acção Revolucionária], que faziam atentados. Depois fez-se uma reunião, sinceramente não sei por iniciativa de quem, na prisão, para que os presos todos juntos decidissem o que fazer: «Ou saem todos, se ninguém ficar cá dentro, ou ficamos todos se alguém ficar cá dentro». Ganhou por unanimidade e aclamação - «ou saem todos, ou não sai nenhum». Apesar das grandes diferenças ideológicas e práticas que havia entre, por exemplo, os membros do partido e os membros da LUAR, e de outros grupos que já não me lembro. Só que voltámos todos para as celas respetivas - por uma questão logística. Nessa altura eu tinha caneta, tinha papel e escrevi uma reportagem - uma pretensa reportagem - sobre o que se tinha passado e estas peripécias. (...)

À meia-noite, cá fora, estavam as famílias aos abraços, estava também a minha mulher e os meus cunhados - o irmão dela e a mulher. [Diziam]: «Vamos para casa beber!» e eu disse: «Alto! Primeiro vamos ao Diário de Lisboa [Risos] que eu tenho aqui uma coisa que escrevi, que é giro os gajos de lá irem saber». Fomos ao Diário de Lisboa, que era junto ao parque Eduardo VII, entreguei aquilo - estava lá o contínuo, o senhor Peixe. [Eu]: «Senhor Peixe!». [Ele]: «Ó, senhor doutor, está aqui!», grande festa. Dei-lhe um abraço: «Tem aqui esta coisinha. Amanhã quando chegar o chefe de redação, faz favor entrega-lhe isso, diga que eu estive cá». E assim foi.

Digo isto porque tem piada, gostei que me tivesse acontecido a mim. Podia ter acontecido com qualquer outro". [Risos]

Maria Georgina Maia de Azevedo

Ano nascimento: 1944
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 11-10-2021

"Acontece que meu pai, minha mãe, minha avó, meu tio, já eram pessoas envolvidas politicamente. Eu lembro-me que teria talvez quatro anos, mais coisa menos coisa, lembro-me de ter ido, por exemplo, à manifestação da candidatura do Norton de Matos e eu tinha para aí quatro anos, com uma tia minha, que era maravilhosa. Tudo lá em casa era... havia assim um clima de cuidado, de não haver demasiadas conversas. E segundo dizem, os meus familiares, eu era muito observadora. Eu sou visual. Portanto eu era um perigo para certo tipo de coisas. Por exemplo, só muito depois do 25 de abril é que soube que a Aida Magro e o Zé Magro viveram lá em casa um mês, clandestinamente, mas tiveram de sair porque eu olhava para tudo e contava.

O meu pai era um homem muito interessante, envolvia-se em muitas coisas, aliás foi preso com 20 anos por andar a pichar as paredes com os amigos. Portanto foi sempre um clima em que eu sentia que havia inimigos e que era preciso cuidar de tudo. (…) Eu era avisada para não dizer o que se passava lá em casa, havia assim muitos segredos, não é? É evidente que só mais tarde é que eu percebi muita coisa, mas é mesmo assim.

Eu fui crescendo com uma imagem - e isto é um aparte idiota, mas tem graça, porque é a minha imaginação infantil. À entrada do Porto, em Vila Nova de Gaia havia um homem que era um anúncio da Sandman, dos vinhos, que era um homem com um chapéu todo preto. Portanto as conversas que eu ouvia lá em casa de «Está em Caxias; está em Peniche» era aquele homem. Aquele era o Papão. Eu era pequenota: seis anos, sete anos.

Havia sempre muitos nomes de amigos dos meus pais, especialmente a Virgínia Moura e o Lobão Vital, que eram de facto grandes amigos, além de outras coisas. Mas sim, foi todo o ambiente familiar. Mais tarde vim a saber que a minha avó - que era uma mulher maravilhosa, de uma doçura espantosa - tinha ajudado a guerra em Espanha. Um dos meus tios, irmão da minha mãe, foi preso pela PIDE, esteve no Porto e foi bastante maltratado à chicotada também.

Nos anos 50 nós tivemos uma coisa terrível que foi, para nós, família, a minha mãe, que era funcionária dos CTT, e uma tia minha, trabalhavam ambas no centro dos correios, a minha mãe era telefonista. A minha mãe e a minha tia, por razões políticas, foram postas - a minha tia em Moura, foi para os correios de Moura e a minha mãe foi para os correios de Torres Novas. E aquilo foi complicado. Porque nós eramos pequenas, vivíamos numa conchinha ali todos juntos. E de repente, com uma irmã de três anos e comigo, a minha mãe vai para Torres Novas viver para um quarto. Não havia dinheiro para viajar todos os dias para o Porto. Foi ali complicado. Gerou-se também um movimento à volta dessas duas pessoas. Foram muitos jornalistas envolvidos a pedirem ao Salazar que revertesse essa medida, dado a brutalidade em termos familiares que aquilo significava. Houve ali um clima muito tenso, porque a minha mãe só ia ver-nos uma vez por mês e entrava a chorar e saia a gritar. Todo este clima, não é? Eu ficava muito aflita. Entretanto a minha irmã teve que ir viver para casa duma tia minha. Portanto, eu acho que está muita coisa envolvida.

Eu também era uma acérrima espectadora do cineclube do Porto, porque no Porto se desenvolviam várias coisas. O meu pai estava envolvido no cineclube do Porto, nos cineclubes do País. Eu acho que foi por aí.

Eu com 13 anos não estava ligada nem a associações nem a coisa nenhuma. Sei que fugi de casa porque tinha os «zunzuns» todos e fui para a baixa do Porto ver a entrada das camionetes que vinham apoiar o Américo Tomás na eleição, juntamente com o Delgado. Eu fui sozinha, meti-me num elétrico. E aquilo para mim foi um espetáculo espantoso. A baixa com um ar muito tenso, as chegadas das camionetes. Isto para as outras pessoas pode não ter importância nenhuma, mas para uma cidadã com 13 anos era um milagre - completamente um milagre!

Entre os meus 14 anos e os meus 18, 19 anos, que é quando eu venho para Lisboa, o que é que eu faço? Colagens, pichagens nas paredes, peço a pessoas bolos para socorrer os presos políticos. Tarefas - algumas engraçadas, outras sem muita graça.

Uma delas foi por exemplo - não me perguntem as datas - sei que a minha tarefa e a do meu parceiro social era subirmos ao último andar de um prédio que era um banco - já não me lembro se era Português do Atlântico, um banco assim pesado, onde eram imensos consultórios de médicos e advogados, aquilo era chiquíssimo, muito próximo do Rivoli - portanto era a Praça D. João. E então a nossa tarefa era levarmos uns embrulhos de papel atados de certa forma para os colocarmos no peitoril do último andar, para depois levarem um chuto e se espalharem pela praça toda. Essa é uma das imagens que eu tenho. Eu devia ter assim 17 anos.

Coisas sem ligação, nem organização. É evidente que nós tínhamos amigos que sabíamos que mais isto e mais aquilo… Essa distribuição panfletária tinha algum risco, porque nós tínhamos de subir o elevador, fazermos tudo o mais rápido possível e, pior ainda, é que no último andar era um bar de gente fina que ia lá depois de sair dos bancos e dos consultórios beber umas coisas. Eu, uma pindérica com 17 anos, meia trapalhona - como é que os empregados do bar [Risos] me iam aceitar, nós os dois, um pequeno, outro grande, como é que nos iam aceitar sem bebermos nada? Fomos para a varanda, pronto, e aí as coisas correram bem, mas tivemos que dispersar.

Ainda no Porto, já com 17 anos, fui convocada – nós, jovens do Porto, que nos juntávamos nuns cafés - fomos convocados para a sede da PIDE no Porto, mas foi uma convocação de horas. Tanto que eu, por exemplo, não disse nada em casa, que tinha sido convocada. Porque havia assim um jogo de espaços. Não queria afligir ninguém em casa, o meu pai já estava em Lisboa. Foi em [19]61, antes de vir para Lisboa. Aquela juventude que estava, não se pode dizer isto mas, no fundo a preparar o 62 - é um bocado isso.

Entretanto eu entro em Belas-Artes no Porto, mas peço a transferência para Lisboa, porque o meu pai veio em [19]61 para o Diário de Lisboa. Ele trabalhava no 1º de Janeiro e em [19]61 veio para Lisboa.

E, portanto, caí na escola de Belas-Artes. Aí sim, já havia mais organização. Cá está, as associações de estudantes também iam ao Porto, não é? É evidente que eu em [19]60 estive ligada também à República e ao Diário de Lisboa também através do Juvenil - que era uma coisinha que se publicava de 15 em 15 dias e o Mário Castrim era um homem que orientava as coisas. As coisas vão-se ramificando…

Quando venho para Lisboa já venho identificada - entre aspas - e, portanto, é mais em Lisboa que eu me ligo a uma organização, ao PCP. Para mim era normal, quer dizer, embora fosse uma coisa em que a responsabilidade tinha aumentado 400% e, portanto, havia muitos mais cuidados, regras a cumprir.

Não fui presa pelo PCP. Fui presa por desvios, por pertencer à FAP. Entretanto achei que a teoria não me satisfazia. Como sou uma pessoa um bocado ansiosa, isso tem que ver com fazer coisas, não é estar ali [a conversar]. Eu tenho que mexer, não pode ser… não tinha maturidade nem experiência para aguentar certos embates. E portanto, foi assim, eu sou presa pela FAP.

Desliguei-me do Partido e na FAP nós tínhamos uma missão que colapsou. A partir desse colapso - a bomba que era para ser posta num carro da polícia rebentou nas mãos da pessoa que a estava a fazer e eu percebi logo que a partir dali estava a coisa mal. Percebi as perseguições. Só que não tive nenhum contacto da organização. Eu bem queria saber o que se estava a passar.

Isto estava preparado para 5 de outubro, eu sou presa - e vários de nós - somos presos a 25 de novembro. Entre este tempo, a mim, não me passava pela cabeça sair do país, porque era uma complicação para os meus pais. Eu envolvia-os, não queria que eles sofressem por minha causa - só asneiras… Portanto fiquei, levei a minha vida normal, sempre à espera que alguém me dissesse alguma coisa. E fui presa nessas condições.

Como é que eu sou presa? Sou presa com um carro preto à frente de casa, a minha avó a atender às 7h da manhã dois PIDEs - o terceiro estava no carro. (…) Acordaram toda a gente, o meu pai, a minha mãe, a minha avó, a minha irmã… lembro-me que o meu pai estava tenso - e a minha mãe, claro, toda a gente. Tentei amenizar a coisa, porque eu tinha uma ligação ao meu pai. O meu pai trabalhava, mas em casa fazia traduções e eu lembro-me que ao fim, à meia-noite ele gostava muito das suas ceiazinhas, do ovo estrelado mais o cafezinho… E perguntei-lhe, quando ia a sair: «Então, estava bom o ovo?». Só me lembro de ele perguntar quem era o inspetor que estava a dirigir a investigação - entre aspas - que era o Mortágua, eles responderam que era o Mortágua.

O que é que me acontece? Nada. Quer dizer, saio de casa e sinto que estou a ser puxada para a boca do lobo. Lembro-me de ter ido no carro com os dois… Tive tempo até de entregar uma agenda à minha mãe e avisá-la: «Telefona para estes números». Felizmente eles não fizeram nenhuma revista, nada. Portanto eu saio de casa normalmente. Lembro-me que já estava pesada e lembro-me perfeitamente de entrar no carro - que era um carro normal, escuro - e lembro-me de percorrer a minha rua até à curva a olhar para casa e a sentir: «Vou entrar na boca do lobo. Estou sozinha». A rutura, o rasgar a concha é muito doloroso. Agora sou eu, só. Eu tinha 20 anos, era uma catraia. E foi isso, fui presa assim.

Entrei na PIDE, fui para a António Maria Cardoso, subi umas escadas tenebrosas, todas forradas a arame. Subi até o terceiro andar ou quarto, não sei, não pude contar. Mas aquilo era de facto uma coisa escura. As escadas, que eram umas escadas mais ou menos senhoriais - se calhar isto já é a minha imaginação - mas aquilo era tudo forrado a arame. E fui enfiada numa sala, sem nada. Com uma mesa tosca e duas cadeiras. Uns interruptores na sala. E começou aí a festa. Começaram as visitas dos PIDEs e foi assim. A rutura entre a casa e a boca do lobo mau, é assim um murro no estômago terrível. É

evidente que pessoas com mais politização, com mais maturidade tinham outra postura, é óbvio.

Devo dizer que há coisas que sofri que nem aos meus pais disse, portanto não vou dizer agora. Embora já tenha aberto umas portas. Eu entrei em mutismo, não abria a boca. Era visitada por vários inspetores, desde o Sacchetti, ao Tinoco, ao Pires. E as mulheres, que eram três especialmente, a Madalena, a Odete e outra que já não me lembro do nome.

O que é que me aconteceu? Eu fui sabendo coisas na própria PIDE. Eu não respondia. Fiz tortura do sono, claro. Os homens e as mulheres queriam muito que eu visse bichinhos no chão, eu não via. O que é que eu comecei a ver? Comecei a ter alucinações, comecei a andar com as mãos pelas paredes.

Tive a primeira sessão de sono. Não me lembro o que é que me aconteceu, caí redonda no meio do chão - devo ter caído, não tenho consciência disso. Depois no dia seguinte continuou a festa. Eu fiquei muito agitada porque alguém me tinha despido e alguém me tinha posto um pijama. [Pensei]: «O que é que aconteceu? Será que... tal? Será que homens, mulheres...?». Era assim uma luta um bocado…

É evidente passa-se os dias, portas abertas, entra um entra outro. Um é cínico, outro é tentar chantagens, outro é a dizer: «Ah, ah, ah!». Um marialva de terceira categoria. Eram boçais, alguns deles. Exceto os inspetores que se punham no seu papel. O Sacchetti tinha um cheiro horrível de doce, mulherengo, era assim um ar… aqueles cheiros que dá logo para fugir. Uma delas, que eu não sei o nome, que tomava conta de mim, fazia uma coisa que eu... era ela que passava o turno da noite e então batia em tudo quanto era sítio para eu não dormir. Mas chupava um palito e aquilo fez-me lembrar as pessoas que iam ao futebol e ainda iam com o palito do almoço.

Tive a segunda dose. A segunda dose de sono, de tortura de sono acho que me deve ter depauperado mais, porque eu fiquei de facto num estado...

Há aqui um espaço que é estranho de cinco dias, nas minhas contas, mais cinco dias - dá 10 dias - e eu só tenho visita ao 13º dia. Portanto, o que é que se passou aqui? Sei que fui acordada na última etapa pelo Barata, que era o médico, que para me acordar torceu-me toda, em partes específicas [no peito]. E eu estava completamente... Não percebia nada do que as pessoas diziam. Estava mal. Esse foi o último dia, em que foi utilizada uma chantagem em que eu realmente quebrei emocionalmente, foi utilizada a tal chantagem - um cartapácio que me põem à frente, que eu nem sequer consigo descodificar, porque estava em jogo a promessa da visita dos meus pais em Caxias.

Eu entro em Caxias um bocado, segundo o relato, desfigurada. Lembro-me de, a entrar para Caxias, haver uma fila de presos nos rés-de-chão, eu vou para cima, reconheci o Saldanha Sanches nessa altura. E vou para uma cela, que a imagem que tenho não é muito nítida. Sei que estavam várias presas e havia duas salas. Numa dormia-se com beliches. E na outra estava um armário onde havia também um balde onde se faziam as necessidades. E na outra sala havia uma janela com grades, claro. E havia pessoas que estavam à minha volta a tentar ajudar-me. E deram-me, de facto, comprimidos para eu dormir, fizeram barreira para as guardas não me incomodarem. E desgraçadamente, eu tenho imensa pena, não sei quem eram as pessoas. Perdi completamente... Não fui capaz de fixar os nomes, mas foram pessoas excecionais. Eu estive meia dúzia de dias em

Caxias, por isso é que eu acho que isto é um bocado ridículo, quando vejo pessoas com 17 anos de prisão. E pronto, foi assim.

Saí pouco depois. Porque, o que é que aconteceu? Houve uma junta médica promovida pelo meu pai, que foi muito ajudado pelos camaradas jornalistas e não só - não posso esconder isso. E daí fui para o Hospital Miguel Bombarda. Entrei no Miguel Bombarda, houve hesitação se eu iria ou não para o Júlio de Matos, aliás, o Seabra Diniz estaria à minha espera, mas também não posso confirmar isto. Mas é a ideia que eu tenho. Só saí do Miguel Bombarda depois do julgamento, que foi em julho.

Se eu falar em prisão estou a falar em sete meses. Fui presa em novembro e saio em julho. Em Caxias eu deveria ter estado meia dúzia de dias, porque depois passei para o Miguel Bombarda, que era uma novidade no Miguel Bombarda. Mas correu bem. As pessoas aceitaram-me, correu tudo muito bem. A PIDE pagou um quarto razoável onde eu tinha tudo, podia receber visitas. Não quero mentir, não sei se foi um mês se foram dois com tratamento de insulina, com semi-comas para esbater tudo. A parte da manhã eu não estava visível porque fazia comas e depois, na parte da tarde sim, vinha a minha mãe, o meu pai, os meus amigos - conseguia ter visitas de amigos. Isto comparado com Caxias ou Peniche...

Eu hoje talvez já possa dizer… como é que se dizia nos jornais? Isto é uma caixa! Se fosse preciso eu tinha meios para fugir do hospital, isso estava preparado também. Eu saio em [19]65 e comecei a ter minha vida normal. Fui-me inscrever à escola de Belas-Artes. E, portanto, comecei aí outra fase política também [Risos].

Nós tínhamos aulas de desenho quase às escuras, só podíamos começar as aulas de desenho - suponha, era às oito da manhã, ainda estava escuro e nós tínhamos que estar à espera que ficasse claro. Não havia luz lá em baixo nas salas de pintura que era em São Francisco, não é? E não havia luz. Depois as coisas começaram a melhorar… e eu e vários começamo-nos a mexer no sentido de mexer também nos programas. O que despoletou um bocado isso foi porque nós assistimos a uma queimada de desenhos de antigos alunos - mas coisas maravilhosas! Uma coisa incrível, uma coisa que nos tocou imenso. E lá fomos para a porta do diretor. E os professores, coitados - nós chamávamos de mestres - todos eles muito encolhidos. Eu era um perigo, no meio daquela [gente]. Sentia um bocado isso, as pessoas afastavam-se, umas aproximavam-se. E nós começamos a fazer um programa nosso. Isso foi uma altura em que nós em Belas-artes nós andamos a espicaçar a direção e andavam todos ali a tremer.

Casei-me com um cidadão que sempre esteve ligado aos cineclubes universitários, também de Belas-Artes. Chega o 25 de abril e eu estou em casa, já tinha nascido o meu primeiro filho - já tinham nascido os dois! E a minha mãe telefona-me e diz-me: «Aconteceu isto». Eu fico eufórica, nessa altura já estava a trabalhar numa agência de publicidade, e diz-me: «Tudo para a rua!». [Respondi]: «Pois é mãe, tem de ser. Tudo para a rua!».

Saio para a rua e paro na agência onde trabalhava - e aquele pessoal parvo todo à janela! E eu disse: «Ó meninos! Venham-se embora! Fechem as portas, venham para a rua!». [Eles]: «Ah não, não sabemos o que pode acontecer». Pronto, eu vim para a rua. Olhe, foram dias de sobressalto. Eu desfazia-me em lágrimas. O Vila Verde Cabral era jornalista - não é o historiador, é o que morreu muito cedo - que era jornalista e trabalhava no jornal. Sei que quando nos encontramos os dois, desfizemo-nos.

Agora imagine, mesmo no dia 25 de abril, nas esquinas das ruas, na baixa, no Carmo, em frente à PIDE, seja onde for, cada paragem era um vale de lágrimas e sem palavras. Depois no 1º de maio foi uma coisa estrondosa. Foi muito vivida. O pós 25 de abril, eu trabalhei [muito], não dormia praticamente! Porque, entretanto, começaram a crescer as comissões de trabalhadores, as comissões de bairro… Eu liguei-me ao MDP [Movimento Democrático Português], estive ligada ao MDP. E não se dormia, aquilo era uma coisa sempre em festa. Papéis, papéis, cartazes, autocolantes, era preciso fazer tudo! Ia para a rua colar cartazes com os filhos com febre na mala do carro - eu e outros! Não quero tornar isto individual Não se pode fazer nada individualmente. E era uma animação, nem sei se almoçava, nem se jantava! [Risos] De facto estávamos muito empolgados. Muito empolgados".

Gilberto Henrique da Silva

Ano nascimento: 1940
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 08-10-2021

"É assim, eu vim da província aos 20 anos para a Marinha. Fiquei na Marinha e a dada altura, na Marinha pressupõe-se que os marinheiros andam nos navios, não é? Eu estive num navio, mas que não navegava. Estava encostado na base naval de Alfeite. Aproveitei enquanto esperei por cursos entre o ter assentado Praça, feito a recruta e ser chamado para outro curso. Aproveitei para estudar à noite, porque eu tinha só a quarta classe. Fui estudando à noite, os pais lá ajudaram com uns escudinhos, naquele tempo, para pagar a professores particulares. Fiz o primeiro ciclo, primeiro e segundo ano num ano só. Entretanto sou chamado ao curso para marinheiro, faço o curso, sou promovido. Fico novamente na mesma unidade, volto à mesma unidade, porque os cursos nessa altura realizavam-se em Vila Franca de Xira, havia lá uma unidade da Marinha que era a escola. Entretanto, não era altura ainda de aulas, havia de ser altura de aulas dali a mais alguns meses. Entretanto sou transferido para o Ministério da Marinha, para uma unidade no Ministério da Marinha. E preparo-me para iniciar o curso do segundo ciclo - que era o terceiro, quarto e quinto ano dos Liceus.

Matriculei-me. Começo a fazer as primeiras aulas, mas tinha dificuldades monetárias para pagar. Entretanto na conversa com um colega da Marinha diz-me: «Olha lá, tu tinhas possibilidade de fazer o curso de forma quase gratuita, a gastares pouco dinheiro, se te fizesses sócio dum clube na Cova da Piedade em que dão aulas nos Liceus - do primeiro ciclo, do segundo ciclo. E depois ainda tem outras coisas, que dão aulas de cultura geral muito boas! Que são muito esclarecedoras! A gente aprende». «Então, mas como é que [eu faço]?», [perguntei]. [Ele]: «Olha, vais um dia lá comigo». Eu já não sei dizer que era essa pessoa. Era um colega da Marinha, sei que era cabo - já não sei, já se passaram tantos anos... E sei que fui a uma aula de cultura geral. Isto era no Clube Desportivo da Cova da Piedade. Assisti a essa aula de cultura geral e fiquei radiante. A falar sobre cultura geral, sobre literatura, sobre questões gerais da vida. Fiquei muito contente e gostei. Procurei como é que era, tinha de me fazer sócio do clube e passar a ter aulas - as aulas que eu pretendia que era do segundo ciclo.

Digamos que em política nessa altura pouco sabia. Tinha vindo do campo, vim do Algarve duma aldeia que se chama Burgau. Fica entre Lagos e Sagres, à beira-mar, mas a vida dos meus pais era no campo, não era no mar. Embora eu como rapaz convivesse com os amigos do mar.

Ora bem, passo a ficar sócio do clube e a ter as aulas normais - iniciei as aulas do segundo ciclo. Ia ter as aulas de cultura geral. Ia conviver com aquela gente toda, ali da Cova de Piedade, que frequentavam aquela escola. Comecei a aprender algumas coisas de espírito democrático, das coisas que não estavam bem na sociedade, comecei a aperceber-me das injustiças que havia na nossa sociedade na altura. Isto talvez por ordem de 1965, talvez [19]64/65. Foram decorrendo os tempos, fui participando em várias atividades na escola. Vária realizações e caráter cultural que se faziam. Eu comecei-me a integrar e a participar. De tal modo que por volta de 1967 sou convidado por um dos professores para fazer parte

do Partido Comunista Português. Fiquei assim um bocado embaraçado, fiquei para pensar e decidi aceitar. Fiz os meus encontros de partido da altura, que me recordo.

O primeiro encontro nunca me esquece. Foi numa rua que fica onde é hoje a porta da antiga Lisnave - não existia a Lisnave, era uma paragem de autocarro. E o encontro era aí. Já agora, se me permite, eu conto. Eu estava [na paragem]. Vinha alguém que me perguntava se já tinha passado o autocarro para Évora. Eu dizia: «Não sei, eu não sou daqui». Eu levava um jornal, que era o Diário de Lisboa, debaixo do braço e a pessoa acho que mo trocava, que me dava uma moeda - e eu trocava uma moeda com ele. Estávamos identificados, entrei para o carro, cumprimentamo-nos como camaradas. Deu-me as indicações do que devia de fazer. Deu-me imprensa para eu distribuir, [disse-me] onde devia distribuir e marcamos o próximo encontro. Eu era militar - não ia fardado, ia à civil nesse encontro.

Os outros encontros passaram a ser todos em Lisboa, onde é o Estádio do Sporting. Do estádio do Sporting para trás aquilo era tudo terrenos de cultivo. E nós encontrávamo-nos num sítio combinado e íamos por aquelas veredas e caminhos conversando, falando. Ele dando-me as instruções do que é que eu devia fazer, do que não devia, imprensa do partido. Tentar distribuir a imprensa do partido, por exemplo, procurar fazer chegar a amigos ou pessoas conhecidas que havia, que eram pessoas democratas e podiam aceitar a imprensa do partido - que era o Avante e o Militante. Entregar o Avante e o Militante em envelopes de correio, por exemplo nas coletividades, ou a outras pessoas que não queria entregar diretamente, para não ser conotado. E os contatos com outros camaradas da Marinha, ir falando do ponto de vista democrático, das contradições do regime, das injustiças, das questões das colónias. Era, digamos, o papel que iria desempenhar.

No encontro em Lisboa, na Travessa dos Moinhos em Alcântara, perco o contacto com o partido. O funcionário não apareceu e fiz os recursos - havia combinados recursos - dali por cinco minutos - há coisas que, de facto, já me escapam - dali por mais algum tempo e daí por um mês. O funcionário não apareceu, fiquei perdido. E entretanto sou, como se diz na linguagem vulgar, sou agarrado, sou apanhado por um camarada lá de Almada. Já antigo, pessoa já que tinha estado no partido e continuava, já mais velho, já tinha estado preso, que era o senhor João Raimundo. Que contactou comigo, provavelmente por indicação do partido, e me deu uma senha para me encontrar com outro camarada e iniciar o trabalho partidário. Isto nos anos [19]67, 68.

Entretanto começam as preparações para as eleições de [19]69, do regime. E o partido pede-me para dar uma ajuda no aspeto semilegal. Para organizar a campanha, fundos, sessões de esclarecimento, tudo isso. E eu vou por aí fora. Isso não era legal, era semilegal. E começo a ter encontros a nível do concelho, a nível de distrito, a nível do país. Vou até ao encontro de São Pedro de Moel, (...) sou eleito como representante dos democratas de Almada, por aí fora.

E realizam-se as eleições de [19]69, que deu o que deu. A oposição não ganhou mas, por exemplo, na Cova da Piedade houve uma grande votação que eles devem ter feito uma grande aldrabice, com as chapeladas, etc.

Uma atividade política muito intensa. De tal modo foi essa atividade, que durante o ano de [19]69, antes das eleições, eu já tinha sido chamado à PIDE ainda na Marinha para prestar declarações. Por intermédio da unidade onde eu estava vem uma ordem. Disse o meu chefe lá da repartição, que era Capitão de Mar e Guerra, senhor Comandante Diogo Afonso: «Senhor Gilberto eu tenho uma ordem, que vem de despacho do ministro, para o senhor Gilberto ir prestar declarações...» (naquela altura chamava-se DGS [Direção–Geral de Segurança], não era PIDE. Com o Marcelo no poder passou de PIDE a DGS) «... para ir prestar declarações. Eu não quero saber politicamente o que é que se passa com a tua vida particular, não tenho que ver com isso. Estás à vontade. Eu vou mandar um militar contigo para te acompanhar e te trazer. Fica descansado que não ficas lá». E eu fui. Isto repetiu-se por duas vezes, pelo menos. E é interessante que a pergunta que me fazem na PIDE-DGS - é o que é que se passava comigo e com a França. [Eu]: «Com a França? Não se passa nada, não sei de nada. (...)». Não me fizeram perguntas nem de Partido, nem da oposição, nem de nada - só me perguntaram isto. Eu na altura, de facto, namorava com uma rapariga que tinha ido para França, mas com ela não tratava de assuntos políticos nenhuns. (...) Não era uma pessoa esclarecida nesse âmbito político. E não percebi, nunca percebi porque é que eles fizeram essa [pergunta]. A única coisa que tinha havido comigo, que de algum modo podia ser comprometedor foi várias pessoas que eu fui levar com o meu carro à fronteira para irem para França, para fugirem ao serviço militar. Fui levar a Vilar Formoso e, não fui eu mas foi o meu carro, a uma outra zona do Alentejo…

(...) Não sei se foi das duas vezes, se foi numa das vezes que disseram: «Se você não estivesse na Marinha, você dizia hoje já à gente o que é se passava consigo e com a França. Ficava cá e contava-nos tudo o que é preciso. Mas assim, deixe estar que logo conta». E mandaram-me embora. Eu informava o partido destas situações. A atividade política de carácter democrático era muito intensa, tinha muitas reuniões, muitos encontros de partido e muitas reuniões democráticas. Com os democratas de Almada no sentido (...) de empurrar as coisas para o trabalho democrático, para a oposição ao regime. Depois vieram os congressos. Congresso de Aveiro. E começou-se a desenrolar uma situação em que eu não me sentia à vontade já, na Marinha. Se sou preso na Marinha, se sou apanhado é pior, militar e tal. O trabalho na Marinha como compensatório não era muito bom na altura. E pedi para me vir embora. Saí em julho de [19]69.

Continuei o meu trabalho político. Como saí da Marinha os meus amigos de Almada, democratas, arranjaram-me lugar na Cooperativa Piedense. Fui para lá trabalhar. E continuei com o trabalho político. Por vezes mudando de sector do ponto de vista partidário, de trabalho civil para trabalho militar e vice-versa, conforme o partido achava que era mais conveniente. E as coisas foram andando até março. Houve as eleições, houve as greves da Lisnave logo a seguir às eleições de [19]69, em que eu tive algum desempenho no contacto com camaradas que estavam como trabalhadores dentro da Lisnave. E, neste caso, com o Partido Comunista, que era a organização dirigente, que orientava como se devia fazer e o que não se devia, o que é que era correto fazer e não era. Encontros com a organização regional do sul do Partido Comunista Português, com o camarada António Gervásio, e um outro funcionário que me coordenou durante bastante tempo, que eu não sei o nome.

Chega a março de [19]70 e um dia sou surpreendido no meu quarto. Entretanto tinha arranjado um quarto na Cova da Piedade, quando ainda estava na Marinha e depois já em

civil fiquei no mesmo quarto. Sou surpreendido por volta das seis, sete horas da manhã. Bateram à porta da pessoa, pelos vistos identificaram-se que eram da polícia política, [perguntaram] se eu estava e qual era o meu quarto, abriram o quarto e entraram e disseram: «Senhor Gilberto?». [Eu]: «Sim senhora». [Eles]: «Faça favor de se levantar. Somos da DGS. É para nos acompanhar para prestar ali uns esclarecimentos». E começaram a revirar o quarto. Havia um outro senhor que também estava no mesmo quarto, que também era da Marinha, que ficou bastante assustado, coitado, ele não sabia nada do que se passava comigo. Deram a volta ao quarto todo, não havia nada de especial - eu tinha-me dado ao cuidado de ter as coisas todas limpas. Porém havia uma falhazinha…

Antigamente tiravam-se cópias com uma coisa, que não sei se sabem o que é: papel de stencil, que se metia numa máquina para tirar logo uma cópia ou duas. E eu tinha estado num encontro de São Pedro do Muel onde participaram vários democratas - recordo-me, por exemplo, Salgado Zenha, Sottomayor Cardia, o Urbano Tavares Rodrigues - estas pessoas assim e outros ali da zona de Almada, de Setúbal, do Alentejo, do Algarve, do Norte. Foi um grande encontro sobre a oposição e eu fiz um relatório para o partido sobre esse encontro. Bati isso à máquina, não fiquei com nenhum papel, mas fiquei com o stencil que tinha batido - ficou lá dentro. Esqueci-me, juntei aos outros. E eles andaram a dar a volta aquilo e viram o stencil: «Ah! não tem nada? Está aqui!» - levaram-no. Depois quiseram mostrar que o Partido Comunista estava metido na organização democrática, fazia parte da organização democrática. Para poderem dizer que a organização democrática devia ser ilegalizada.

No quarto não me molestaram, não me magoaram. Já é magoar revolverem tudo, livros, tudo. Eu tinha tido o cuidado de ter as coisas em [escondidas]. Tinha lá coisas de segredo, mas eles não deram com essas. Estavam escondidas nas caixas da eletricidade, tinha lá coisas que não me podia esquecer, que eram de encontros - eles lá não foram. E pronto. Meteram-me dentro de um carro e levaram-me para a António Maria Cardoso.

Convém voltar aqui um bocadinho atrás só para dizer que antes desta prisão, uns dias antes, talvez uma semana antes, talvez não tanto, tinha sido preso um camarada da célula do partido a que eu pertencia. E entre a prisão dele e a minha prisão, eu tive um encontro de partido com outro camarada - que me desloquei no meu carro a Sesimbra. Junto ao castelo, a um castelo que há em Sesimbra mesmo junto à praia - o encontro era aí. O encontro [era] com dois funcionários do Partido, um da organização regional do Sul e outro local. Já tinha havido a prisão, como disse, e íamos assim um pouco preocupados. Não estavam lá os camaradas com quem a gente se ia encontrar e decidimos seguir para o lado da lota. Fomos até ao fundo, voltamos no carro, e quando vínhamos de volta eles viram-nos. Fizeram-nos um sinal e a gente reconheceu-os. Então eles estavam disfarçados com um boné de pescador, com uma camisa de pescador aos quadrados, que a gente não tinha reparado neles. Eles entraram para o carro.

Já fora de Sesimbra, na zona do pinhal, estendemos uma toalha, pusemos um garrafão a imitar que estávamos a fazer um lanche. E aí conversámos. (...) Como eu pertencia à célula do camarada que tinha sido preso, punha-se o problema da prisão. O partido pôs-me o problema: que se eu quisesse me organizava eu passar à clandestinidade, provavelmente como funcionário do partido ou coisa do género. Eu disse que não me sentia em condições para isso e portanto, ficava como estava. «Podes ser preso». [Eu]: «Se for preso, serei».

Isto foi talvez num fim-de-semana e a prisão foi logo na semana seguinte, de segunda para terça de manhã.

Nessa terça-feira (...) que eu sou preso, como já disse.

Já agora um outro episódio antes de ser preso. Eu, como já disse, trabalhava na Cooperativa. Tinha saído da Marinha e trabalhava na Cooperativa. Na Cooperativa trabalhava também uma menina, que gostávamos um do outro, mas não namorávamos. Mas pronto, havia aquelas coisas que vocês sabem, todos foram rapazes e sabem como é que é essas coisas de rapazes jovens pré-namoros. Eu percebia perfeitamente que essa menina gostava de mim. A gente encontrava-se com facilidade, andávamos, conversávamos. E eu senti que ela achava que a gente devia namorar - esperava que eu lhe desse essa possibilidade. E encontrei-me com ela, lá na Cova da Piedade, dentro do carro em frente ao café Dom Henrique - nunca me esquece - e disse-lhe: «Ó Benta. A gente gosta um do outro, mas quero-te dizer uma coisa. Eu não tenho condições para enfrentar um namoro. Isso não está seguro, eu não tenho condições». [Ela]: «Mas não tens condições porquê? Qual é o problema?». [Eu]: «A minha vida não é segura, eu tenho uma atividade que não é visível». «Mas que atividade?», começou a insistir comigo. E eu disse: «Eu tenho uma atividade política e posso ser preso de um momento para o outro». Já tinha sido a prisão do outro senhor. Ela ficou toda surpreendida, não conhecia nada disso, não estava dentro do trabalho político. E diz essa menina assim para mim: «Então e tu se fores preso o que é que eu posso fazer?». [Diálogo]: «O que é que podes fazer? Não podes fazer nada. Sou preso. Tenho alguma atividade política, isto é clandestino, esta conversa fica aqui, mas ficas a saber que é por isso que eu não avanço». «Mas o que é que eu posso fazer? Quero-te ajudar!». «O que podes fazer? Se quiseres... Eu não tenho cá ninguém. Os meus pais estão no Algarve, são pessoas que pouco sabem ler e escrever, já têm uma certa idade. Têm muita dificuldade em me acompanhar, em vir cá ver-me. Aparecias como minha namorada a visitar-me. Para haver um contacto entre mim e o exterior». «Ah, certo! Então e o que é que eu faço?». «Então se eu for preso, vais falar com fulano». Dei-lhe a indicação de uma pessoa, no caso de eu ser preso com quem podia ir falar e receber instruções [sobre] como é que ela se devia comportar. Olhe, esta conversa foi no fim-de-semana e na terça-feira de manhã sou preso.

Agora a prisão. Entrei na António Maria Cardoso com os indivíduos. Logo a seguir a entrar na sala, apareceram uma série de indivíduos na sala. Entre eles - que vim a saber mais tarde quem eram - o inspetor Passo e o inspetor Tinoco. E, salvo erro, foi o inspetor Passo que disse para o Tinoco [diálogo]: «Então este é que é o senhor Gilberto Henrique da Silva?». «Sim». «Mas falta um nome!». «Pois falta, falta o R de Rita!». Não disseram mais nada, mas eu calculei o que era. O «R de Rita» era o «R» do meu pseudónimo. Eu tinha o pseudónimo de Raul. Eu pensei: «Estes marotos já sabem qual é o meu pseudónimo». [Eles]: «Então está disposto a contar-nos quais são as suas atividades para com o Partido Comunista Português?». [Eu]: «Nem sei o que é isso.» [Risos] «Então pronto. Quando estiver disposto...» - disse [ele] para o individuo que estava ali (...) - «... este senhor fica aí. Não dorme até que esteja disposto a contar a atividade dele para com o partido. Quando estiver, ele que diga. Chamem-me e a gente fala». E assim fico ali. Isto foi numa terça-feira e fico até sexta-feira sem dormir.

Primeiro ainda me deixaram sentar, no princípio. Depois, aí passado um dia, ao segundo dia puseram-me de pé. «Não se senta!». Porque de vez em quando ia lá ou um inspetor ou

um subinspetor: «Então, já está disposto a confessar as suas atividades para com o partido?». Eu continuava a dizer que não tinha nada, não sabia o que era, não tinha atividades nenhumas. Até essa altura não me bateram. Só não dormia e deixei de me sentar.

A partir aí do segundo dia começaram por me insultar: «Não queres contar?». Chamaram-me todos os nomes a insultarem-me. «Tu és isto, tu és aquilo. Eu faço, aconteço». Não vou dizer aqui, porque alguns nomes são indecentes. «És um traidor. Não foste à guerra colonial. És assim, és assado». A insultarem-me, pronto, eu fui-me aguentando.

Ao longo destes dias aparecem-me com a escova de dentes, pasta de dentes e a roupa interior, umas cuecas. E levam-me até à sala onde estou a ser interrogado. [Diálogo]: «Está aqui isto. Você sabe quem é que lhe manda isto, não é?». «Não faço ideia». «Então o senhor não tem uma namorada?». Eu pensei logo, cá está a Benta! «Tenho». «'Tão ela também é do partido não é?». «Mas qual partido?!». «É ela que lhe traz. O senhor tem é que dizer que ela tem que contar também qual é a atividade dela no partido». Fiquei com aquilo. Disse cá para comigo: «A Benta já veio à minha procura» - que é a tal rapariga que lhe falei.

Até sexta-feira, imagine-se... eu não sei explicar como é que me sentia, mas sentia-me com a cabeça completamente vazia. Nunca fui dos indivíduos que cheguei a ver coisas, sei lá, como alguns camaradas contavam. Isso não. Mas senti-me de tal modo mal que acabei por, devo confessar, por fraquejar e por dizer na sexta-feira, disse: «Pronto, eu sou membro do Partido Comunista. Pago uma quota. E, como tal, não dou mais explicações». E fazem o auto com estas informações. Eu assino. Mandam-me deitar nessa noite, no dia de sexta-feira à noite. E no sábado de manhã levam-me para Caxias e preparam-me para dar visita, que a minha namorada tinha pedido. Realiza-se a visita. Eu com aspeto, provavelmente, bastante abatido, como pode calcular. Faz-se a visita. Não pude dizer nada, o guarda estava ao pé. Tanto as perguntas como as minhas respostas eram insignificantes: «Não tenho nada para dizer, não sei para que é que me têm cá». E fez-se essa visita. Não sou capaz de garantir que tive visita no domingo, já não me lembro.

Na segunda-feira levam-me novamente: «Então agora vamos lá saber qual é toda a sua atividade». Começam a insistir e fico novamente na tortura do sono até sexta-feira da semana seguinte. Eu fiquei completamente de rastos. Sem forças. E aí já passaram à agressão. Bateram-me. Não me bateram com pontapés, bateram-me à chapada de mão aberta na cara e eu a cair na sala. Enquanto me sentei, se eu começava a pender, batiam com a mão na secretária para eu acordar e saltar. Nunca me deixaram dormir. Depois nessa altura começam-me a falar em coisas concretas. No meu pseudónimo, quem fazia parte da minha célula, os nomes, os pseudónimos, isso tudo. E nessa altura eu assino umas declarações que eles tinham - não foi confessado por mim, mas foi confirmado - dessas pessoas, que o camarada que tinha sido preso antes tinha falado. Isto sem ter nada de... como é que eu hei de dizer? Não que eu queira com isto molestar o camarada que foi antes de mim. Não se aguentou e falou, pronto.

E então continuam, depois mandam-me novamente para Caxias. E depois venho aos interrogatórios de quando em quando, para ir confirmando. Porque entretanto, são presos uma série de indivíduos do movimento democrático - provavelmente alguns também estariam ligados ao partido, ou não, não sei. Mas eles pretendem mostrar - já sabiam que

eu era do partido - e pretendem mostrar que o movimento democrático (a CDE) funcionava com gente do Partido Comunista. A intenção era essa.

Começam a aparecer as declarações desses camaradas que são presos. Do Barreiro, o Staline, o Álvaro Monteiro, o irmão da Conceição de Matos - o Alfredo Matos - alguns que eu me recordo agora. Eu procuro não ligar uma coisa à outra. Aguento-me, aguento-me. Até que fazem acareação. Levam o Staline, levam o Álvaro Monteiro, levam esses camaradas a fazer uma acareação: «Então digam lá agora. Conhecem-se, não se conhecem?». Quer dizer, foi completamente aniquilador a questão de estar a sustentar essa situação.

Fiquei num quarto virado para o lado do Estádio Nacional, em que tinha o privilégio de ver passar os carros e fazer estatísticas dos carros que passavam, desta marca e daquela, de me entreter com isso. Tive três meses no isolamento. E quem vai para meu advogado era um homem que faleceu há pouco tempo, um bom advogado, uma pessoa excecional, o Dr. Jorge Sampaio. Foi meu advogado, o ex-Presidente da República. Ele visitou-me, antes do julgamento, disse: «Epá, Gilberto, você já diz que é membro do Partido Comunista. A gente vai dizer que não é, pronto, pela forma como foi obtida e isso…». E depois debateu-se no julgamento.

Acabei por ser condenado a 22 meses de pena correcional, que cumpri sempre em Caxias. Estive preso com estudantes, do MPLA [Movimento Popular de Libertação de Angola], finalistas de medicina. Um outro que era já médico, que era Diretor Geral de Saúde em Luanda e que foi preso, foi parar ali - não me recordo do nome dele, não me recordo mesmo do nome dele. Estive preso com o Zé Barros, que era membro da direção do partido quando foi preso, José Barros. Pinto de Andrade, que era membro honorário do MPLA. Estive preso com outras pessoas que não eram membros do partido, que eram de uma fação que se tinha criado - a FAP [Frente de Ação Popular]. O Dr. Pulido Valente, Rui D'Espiney. Estive preso ainda com outro membro do partido também, membro do comité central, o Rogério de Carvalho.

Agora há todo um período que estou preso e, como falei, a tal menina que me foi levar a roupa interior e a escova de dentes e a pasta de dentes à prisão, continua a aparecer como minha namorada. E assim continua até ao fim da minha prisão. A visitar-me com regularidade, semanalmente, mais do que uma vez por semana. Como namorados, sem sermos namorados oficialmente. Nesse trabalho de me visitar, contacta com outros familiares de outros presos que se encontravam à porta da prisão e ingressa na Comissão de Socorro aos Presos Políticos. E aí desempenha um papel bastante importante, quer durante a minha prisão, quer depois da minha prisão. Desempenhando aquele papel a que ela se tinha comprometido. Hoje é mãe dos meus filhos (...).

A prisão passou-se. Acho que não fui, nem eu nem os presos dessa altura, talvez os mais sacrificados na prisão em Caxias. Houve provavelmente momentos piores do que naquela altura, embora se tenham feito levantamentos de rancho, exigências de outras formas de visitas, etc.

Aprendi na prisão a comunicar entre os presos secretamente. Portanto acabou por ser uma escola para mim nesse aspeto. O que era escrito, era escrito numa folha de papel de fumar - a mortalha. Normalmente fazia isso à noite na casa-de-banho. Punha aqui uma tábua que havia lá dos móveis, punha em cima dos joelhos, sentava-me na sanita e com um lápis

muito fininho - tinha de ser uma letra muito miudinha para caber numa mortalha tudo aquilo que se pretendia dizer, não é? Fazia aquilo, depois no fim a mortalha era muito bem dobradinha. Aquilo ocupava um espaço muito pequenino. Depois usava uma coisa que vinha nas caixas de cigarros, tipo prata. Era envolvido nessa prata, fechado, e depois num bocadinho de plástico. Envolvia aquilo num plástico, qualquer plástico de qualquer coisa que a gente tinha por ali, e selava esse plástico com um instrumento que nós fazíamos que era: uma caneta BIC com metade de uma lâmina de barba, partida ao meio, era encaixada na caneta BIC derretida ao calor de um isqueiro ou isso. (...) Depois o que é que acontecia? Aquecia aquela parte metálica no lume do isqueiro e selava a parte de plástico. Aquilo ficava uma embalagenzinha do tamanho de uma unha, fechada que não entrava água lá dentro. Abria, nas cuecas, abria o elástico das cuecas, punha no meio a mensagem, fechava novamente aquilo, cosia aquilo, a gente tinha lá sempre uma agulha com linhas.

E então era assim: as cuecas era o que levava a mensagem. Tinha de haver um sinal para quem a gente queria transmitir. A gente queria transmitir aquilo, por exemplo, para uma sala onde estavam outros camaradas. Transmitir, por exemplo, a reivindicação de um rancho em condições, um levantamento de rancho, uma exigência, uma exigência de mais visitas, qualquer outra coisa. E então a gente primeiro tinha que informar a eles como é que essa mensagem ia ser transmitida. E então quando eles tinham o recreio ao nosso lado - o recreio tinha uma altura de parede aqui da altura deste andar, a gente não se via, mas ouvíamos e falávamos. (...) Tínhamos a certeza que era aqueles camaradas daquela sala. E quando o guarda se afastava - o guarda passeava por cima, num passeio em cima de um lado ao outro, para vigiar todos os recreios - mas quando ele se afastava a gente tinha a oportunidade. Dávamos um toquezinho na parede e atirávamos por cima um papelinho dizendo qual era o sinal. E o sinal era, por exemplo, uma camisa minha vermelha aos quadrados - esse era o sinal. A seguir à camisa estavam as minhas cuecas com a mensagem. Portanto eles estendiam lá a roupa naquele sítio, tal e qual como nós estendíamos. Quando eles vinham levantar a deles, levavam as minhas cuecas e levavam a mensagem. E era assim que fazíamos. Esta era uma maneira.

Outra era, por exemplo, no recreio - também aí tinha de ser comunicado antecipadamente onde é que ficava a mensagem. A mensagem ficava no recreio tal, entre os mosaicos de norte para sul do mosaico três, entre o três e o não sei quantos. E era feita, o que era chamada, uma gaveta - que era feita com uma chave. Naquela altura as latas de conserva abriam-se com uma chavinha e então era com um chavinha daquelas. A gente fazia um gumezinho, tipo chave de fendas, na ponta. E eu sentava-me no recreio, não me apetecia brincar nem jogar à bola, e ficava com a mão abrindo um buraquinho entre os mosaicos - aqueles que estão na vertical. Abria o buraquinho, a mensagem - aquilo era uma coisinha muito pequenina - metia lá dentro, com um bocadinho de reboco a tapar e ficava lá. Quando eles iam ter recreio naquela sala a mensagem estava lá naquele sítio. Por exemplo, era uma outra forma.

Em relação ainda ao período da prisão. Tinha-lhe dito que eu tinha ido para a escola do Desportivo da Cova da Piedade, para fazer o segundo ciclo. Aquilo era por disciplinas - fiz algumas disciplinas antes de ser preso. A minha namorada fez o favor de me inscrever no Liceu de Oeiras. Eu estudei dentro da prisão com aqueles amigos da faculdade de medicina que tinha, e médicos e padres… Toda a gente sabia mais do que eu para me ensinar. Preparei as disciplinas que faltavam, propus-me para exame e foram-me examinar lá dentro

da prisão as disciplinas que faltavam. Acabei o quinto ano! Completei o quinto ano dos liceus, em Oeiras. Tenho realmente esse gosto. O chefe dos guardas ali ao lado, [eu] a ser examinado. Fiz exame escrito e passei às orais, não foi preciso fazer oral. E então o chefe dos guardas, que era um individuo [que] não se levava mal, não nos tratava mal, mas era coitadinho... pouco culto, mesmo muito baixo: «O senhor Gilberto é uma pessoa muito importante. Vieram examiná-lo aqui e passou o exame e tudo!». [risos]

Com a minha prisão todos os dirigentes da Cooperativa Piedense foram demitidos, foi para lá outra direção. Foram perseguidos, pressionados pela PIDE. A minha namorada, que na altura era fictícia, também foi despedida, que também lá trabalhava. Arranja entretanto [emprego], através de amigos da Marinha, pessoas minhas amigas que eu tinha deixado na Marinha e conseguem arranjar-lhe uma colocação na Marinha. Eu saio da prisão, sou ajudado por pessoas amigas que tinham familiares, que eu os tinha ido levar à fronteira para fugirem ao trabalho militar. E recebem-me em casa e estou ali alguns tempos até arranjar trabalho. E arranjo trabalho numa empresa de isolamentos, na construção. Isto nos princípios de 72. Eu sou preso de março de 70 a janeiro de 72.

Entretanto, mais a Benta, pensamos que ficávamos namorados efetivos e começamos a pensar em casar. E em julho, também no dia 17 que já era um dia famoso, resolvemos casar. Com muitos problemas pelo meio. Os familiares, pessoas muito despolitizadas, a família da minha mulher… ficaram muito traumatizados com o facto dela namorar com um individuo que estava preso… Ela teve que sair de casa, porque estava em casa de uma irmã na Cova da Piedade. A minha mulher é do Alentejo, de Alqueva e tinha vindo, tinha feito o 4º ou 5º ano do comércio em Moura e tinha vindo para casa da irmã, que morava na Cova da Piedade e empregou-se na Cooperativa. Mas em função dos acontecimentos comigo, de namorar com um individuo que estava preso, foi de algum modo pressionada pela irmã e pela mãe, que se viu obrigada durante ainda a minha prisão a sair de casa da irmã e arranjar um quarto na Cova da Piedade. Por sinal arranjou um quarto duma pessoa conhecida, que também era do partido, que era o barbeiro lá do sítio. [risos]

Entretanto casamos, saímos da casa desse barbeiro, não convidamos nem pais nem ninguém, porque as famílias estavam assim zangadas com a filha. Também não quis que a minha família viesse para não criar mais problemas.

Depois disto, na sequência da minha mulher estar ligada à Comissão de Socorro aos Presos Políticos é convidada pelo partido e liga-se também ao partido. Lá para outubro é preso um funcionário com quem ela se encontrava, na casa do homem que esteve ainda [como] presidente da câmara de Almada a seguir à Maria Emília. O tal Judas. Ficamos preocupadíssimos com a prisão. A minha mulher: «Então, mas ainda estou há pouco tempo no partido e vou ser presa? Não queria» (...). Falámos com algumas pessoas responsáveis, [eles]: «Olha o que vocês deviam fazer era se afastarem uns tempos. Não se sabe o que é que vai acontecer, não se sabe o que é que vai acontecer com o funcionário preso». [Pensámos]: «Então afastar. Afastar para onde?». Fomos para França.

Nesse mesmo dia ela pede uma licença sem vencimento na Marinha, eu combino com os meus colegas da tal empresa para onde tinha ido, que não criaram problema nenhum, arranjaram-me algum dinheiro para eu poder ir. E saímos no carro que eu tinha nessa altura. E saímos para França. E fomos para casa daqueles amigos que eu tinha ido levar à fronteira. Chegámos lá no sábado de manhã, arranjámos logo um trabalho nesse dia. Na

segunda-feira fui logo trabalhar, porque estávamos sem dinheiro. Enfim, dificuldades. Eu tinha casado, tinha comprado todos os utensílios de casa às prestações ao tal camarada Staline - aquele com quem eu falei na acareação, que tinha uma casa de móveis na Moita - tinha de lhe pagar. Tinha necessidade de trabalhar. Arranjei outro trabalho, arranjou-me a minha mulher, com uma profissão que eu nunca tinha feito: dourador à pistola, imagine. O francês: «Você não sabe fazer isto, se nunca pintou...!». «Mas eu aprendo, eu aprendo», [disse]. Resumindo: a minha mulher trabalhava numa máquina de fazer os objetos plásticos e eu dourava as molduras à pistola.

Ali estive dois meses, eu e a minha mulher, em casa dos outros amigos. Ao fim dos dois meses os camaradas de cá dizem: «Podem vir à vontade, porque as prisões não tiveram nada que ver com as pessoas aí do lado de Almada. Tiveram a ver com questões relacionadas com a universidade». Porque o Judas frequentava também o curso de medicina. Olhe, recebemos a notícia num dia, no outro dia viemos embora para Portugal.

Pronto viemos, isto em fins de [19]72. E depois continua a minha vida política no movimento democrático. Fiquei ligado ao MDP/CDE [Movimento Democrático Português/Comissão Democrática Eleitoral] até ao 25 de abril. Com muitas reuniões, com muitos encontros.

Eu considero que aquilo que eu fiz, costuma-se dizer na nossa linguagem vulgar, foi uma gota de água no oceano. Mas não deixo de me sentir feliz por se ter conquistado a liberdade. Coisa que hoje, para mim, é das coisas mais importantes. [choro] Desculpem. É muito difícil para algumas pessoas hoje, que nasceram depois do 25 de abril, perceberem o que é que foi o antes do 25 de abril. Por muito que a gente lhes diga, estão a uma distância quilométrica, uma distância muito grande. Com alguns desabafos às vezes que a mim me custa a engolir. Mas eu também tenho de perceber que as pessoas que nasceram depois do 25 de abril, por várias razões têm dificuldade em perceber isso.

Eu vivi no campo, vivi numa aldeia. Casei com uma pessoa de outra aldeia onde não havia água canalizada, não havia esgotos, não havia eletricidade, não havia condições higiénicas de espécie nenhuma para viver. A água, tínhamos que ir buscar a uma distância enorme - água para beber e para cozinhar.

Isto, para além de não nos podermos organizar politicamente em coisa nenhuma - os sindicatos, as organizações dos trabalhadores. Não podíamos reivindicar melhores condições de trabalho, etc. Podia aqui exemplificar uma quantidade de coisas. Que eu falo com os meus netos - que vivem próximo de mim - e mesmo assim têm dificuldade em perceber isto. O meu filho, enfim, já mais ou menos. Mas eu percebo que as pessoas depois do 25 de abril têm essa dificuldade. Talvez por isso eu dê mais importância à liberdade, porque vivi uma coisa e estou a viver outra.

Hoje a gente fala à vontade. Estamos aqui a falar à vontade. Posso dizer-vos quais são as minhas opiniões políticas, o que é que eu penso do regime, como é que devia ser, o que é que está bem, o que é que está mal. Naquele tempo não era possível isso. Isto em condições políticas, de teoria, em condições práticas. Não tem nada a ver. Aquilo que nós temos hoje, que há coisas que não estão bem certamente, há muitas dificuldades, mas não tem nada a ver com o que se vivia naquele tempo e as condições que era. Por isso, que eu voltando um bocadinho atrás digo que só tenho pena de não ter feito melhor, e mais. Fiz aquilo para que tive condições para fazer e tenho pena de não ter feito melhor e mais".

Humberto Rui Ramos Moreira

Ano nascimento: 1949
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 13-10-2021

"Como sabe eu sou natural da Santa Iria de Azóia e houve muitos presos políticos desde os anos 30. Tive um tio meu que esteve preso (...) [que] tinha uma taberna. Fazia aqueles petiscos: os pipis, o polvo, aquelas coisas. Eu ia para lá ajudar, às vezes, ao domingo à tarde que eles tinham muita gente. As pessoas vinham da bola, queriam conviver e petiscar. Uma vez fui lá ajudar - havia a parte do balcão, das mesas, depois, na parte de trás, havia aqueles barris grandes de vinho, aquelas coisas todas - e ele chamou-me. Chamou-me: «Olha Humberto Rio, anda aqui». [Eu]: «'Tá bem, 'tá bem». Pega na minha mão e põe-me um papel na mão. E diz-me assim: «Guarda muito bem guardado. Depois de leres, destrói. Não fales disto a ninguém». E a minha mãe era irmã dele [risos] dava para estar, de facto, descansado. Mas ele também já sabia que eu, digamos, era contra [o regime].

Eu estava desejoso de chegar a casa. À noite quando chego a casa, assim com uma luz - era o Avante - li aquilo de fio a pavio e, como ele disse, depois destrui. [risos] Aí cumpri a orientação, o conselho que ele me deu, destrui…

Já em [19]69 - tinha 19 anos, portanto, houve umas pseudoeleições, pseudodemocráticas. Já foi com o Marcelo Caetano. A CDE concorreu, mesmo sabendo da fraude, mas concorreu no sentido do esclarecimento, no sentido de falarmos dos problemas do povo - e nessa altura havia guerra colonial, havia uma grande exploração, ordenados miseráveis, aquela vivência miserável de nem sequer ter as três refeições num dia. Casa de banho não existia, a mortalidade infantil era enorme. Um país miserável - miserável para a maior parte das pessoas, que havia gente riquíssima.

Em termos de participação, de comícios, de contactos com população, da distribuição porta-a-porta - tanto quanto era possível porque isto era tudo muito limitado. Não só era limitado, quanto o medo que existia. Muitas vezes, apesar das pessoas querem mudar, tinham medo das consequências - que eram graves.

Há uma primeira prisão, que foi 24 horas. Foi em [19]71 / 72 - agora não me lembro bem o número, [19]71 talvez. Distribuímos um comunicado dos estudantes à população. E foi na feira do livro. «Olha, vamos para a Feira do Livro». Lá organizamos, na Feira do Livro, que ainda era na Avenida da Liberdade (...) e fomos distribuir esse tal comunicado à população. Havia aquelas barracas do livro, como há agora. A polícia viu e apanhou-me. Foi essa a minha primeira prisão. Mas não fui para Caxias, fui para as masmorras, para as catacumbas, lá em baixo do Governo Civil.

Fui liberto depois de julgado. Dali fui para o Tribunal de Polícia. E o meu pai - eu não tinha o dinheiro - teve de pagar uma fiança para eu ser libertado. Já não me lembro [se] cinco contos - mas cinco contos na altura era muito dinheiro. Não posso precisar a quantia exata, mas era dinheiro. Não era qualquer um que tinha para pagar.

Houve uma altura em que decidiram: «Queremos organizar…» - isto ainda da organização de estudantes - «… queremos organizar um movimento de juventude. Tu estás ali em Santa Iria…» - não sei se ainda morava em Santa Iria - «…queres trabalhar nessa área, em vez

da área estudantil?». Aquela distribuição em função das necessidades. [Eu]: «Está bem.». E fui lá. Mais outra vez esse tal contacto, a senha e a contrassenha. E passei a estar organizado em termos de juventude trabalhadora, para a área trabalhadora em geral - e foi muito bom.

Muita gente foi mobilizada. Em plena guerra, as pessoas queriam-se era ver livres da guerra e do fascismo. (...) A adesão. As pessoas ouviam, havia muita recetividade.

A segunda prisão acontece, mais uma vez, noutras eleições - aí em [19]73. Eleições que não eram eleições, ganhava sempre o mesmo, claro! As pessoas nem iam às urnas. [risos] Em [19]69 ainda chegaram a ir, mas depois nem iam, não vale a pena, aquilo era uma farsa.

Mas aproveitávamos essa pseudoabertura para contactarmos com as populações. E andávamos a distribuir aquilo. Não sei se conhecem Vila Franca [de Xira] - há o largo do pelourinho. E estávamos ali no largo a distribuir, na rua [quando] aparece a carga policial. Eu corri mais que eles, fugi. Fugi para uma farmácia. (...) E o senhor da farmácia abriu-me aquele estrado, aquela porta para eu entrar - e eu entrei lá para dentro. Mas eles viram e foram-me lá buscar. Mas [foi] outro gesto de solidariedade.

E então fui para Caxias. Era uma cela - [nós] eramos quatro - um quinto disto [da sala onde está a ser entrevistado]. Havia, num canto, umas camas - uma por baixo, outra por cima - e outra do outro lado.

Depois de… já não me lembro… três ou quatro dias é que fui para interrogatório, que aí já era no Reduto Sul. Onde eles tinham os serviços administrativos, as mulheres - nem pensava que havia tantas mulheres PIDEs - os carros todos, um parque automóvel enorme que a gente via. Isto foi em setembro de [19]73. Já havia muitas organizações internacionais e até juristas que davam um apoio, uma solidariedade, em relação aos presos.

E eles puseram-me a questão se eu queria a presença de um advogado. Eu até nem estava a acreditar no que eles diziam: «O quê? A presença de um advogado?». «Sim, sim». E essa - não me lembro do nome da senhora - essa advogada não teve presente desde o início, mas teve presente na maior parte do interrogatório. Pelo menos tinha uma testemunha e também me sentia acompanhado.

Antes disso - agora já saltei [uma parte], agora vou atrás. Quando eu vim do Reduto Norte para o Reduto Sul sou posto numa cela - mas aí sem camas, sem nada. Só com uma mesa e com um PIDE a vigiar. À espera de ir para interrogatório, que ainda foi uma hora ou duas, não sei quanto tempo é que foi - esquecia-me deste pormenor, que é importante. E nessa cela, que já era no Reduto Sul - não era bem para presos, era para presos em passagem - estava um PIDE jovem, quase da mesma idade que eu. Eu olhava para ele, ele olhava para mim - assim pelo canto do olho, a ver o que é que eu fazia. Eu olhava para as paredes e vi sangue nas paredes. Vi sangue nas paredes e até cabelos. Às vezes não conseguiam limpar tudo.

Até que me chamaram para interrogatório. No interrogatório, numa sala de interrogatórios, lá com o escrivão - a pessoa que escrevia - e o inspetor da PIDE que me interrogava. Esses inspetores da PIDE, de facto, tinham uma escola... As perguntas eram como metralhadoras. Para ver se entrávamos em contradição. Aí, com a presença de advogado, já havia mais alguma diplomacia - forçada, falsa - mas já não diziam palavrões, nem murros na mesa. Nunca me bateram, atenção. Eu via, de facto, o sangue nas paredes, mas mesmo quando

tive [sozinho] não me bateram. Estive de pé e isso tudo. Cá em baixo não. E tive essa oportunidade, que isto já foi em setembro de [19]73, eles queriam dar essa aparência de que as eleições eram livres e que as pessoas tinham direitos.

Portanto passado cinco dias, acho que foi de 23 de setembro a 29 ou 28 - eu já não me lembro das datas, posso-lhe dizer mais tarde (...) - disse-me: «Vai sair!». Foi assim de um momento para o outro. Nem havia telefones, não havia possibilidade de comunicar. Portanto não me restava nada se não ir a pé para a estação de Caxias. Mas nessa altura parecia que tinha asas nos pés. [risos] Não me custou nada o caminho, antes pelo contrário! [risos]

Não cheguei a ser julgado - da outra, da Feira do Livro, sim. Dessa não. Porque foram presos muita gente, alguns dos que vieram aqui - muitos já morreram - se calhar passaram por esta experiência. Porque foi muita gente presa nessa altura - 23 / 22, não me lembro quando foi, foi em setembro. Na chamada Primavera Marcelista, que queriam dar um ar de pseudodemocracia, mas que era só ares. Conteúdo vazio. Democracia zero.

Houve nessa altura uma grande pressão internacional, porque já estávamos em [19]73! Já havia CEE [Comunidade Económica Europeia], já havia não sei quantos. Penso que foi devido à grande pressão internacional - até de embaixadas! Aquela guerra colonial não se justificava, uma guerra colonial quase às portas do século XXI?

Aliás, digo-lhe, se alguém me diz: «Qual foi o dia mais feliz da tua vida?». Eu dizia que tinha sido o 25 de abril. E tive dias muito felizes - casamento por amor, filhos, essas coisas. Mas aquele dia era um dia tão esperado. Tão esperado".

Joaquim Pólvora Garcia Labaredas

Ano nascimento: 1944
Local do registo: Couço
Data do registo vídeo: 24-02-2022

"O meu nome é Joaquim Pólvora Garcia Labaredas, portanto com um nome destes tinha que sair daqui alguém com espírito subversivo. [Risos] Mas não, na verdade é uma coincidência, o meu pai chamava-se Joaquim Labaredas e a minha mãe era Francisca Pólvora. Juntaram-se os dois e saiu esta peça e mais uma irmã minha, que já faleceu.

Nascemos numa terra que é o Couço. Hoje é uma vila, mas era uma simples aldeia na altura em que eu nasci, em 1944. E que é caracterizada por ser um território bastante extenso - chegou a ser a 5ª maior freguesia do país em termos territoriais. Era a quinta maior freguesia. Agora quando houve a alteração da composição das freguesias, com a junção, passou a ser a nona freguesia em termos de território. No entanto em população é uma freguesia que teve altos e baixos.

Praticamente, [havia] cinco famílias que eram donas do Couço: eram os Aleixos do Gato, os Falcões da Amoreira, os Ribeiros do Sol Posto, os Durões de Lagoiços e os Garcias do Engal. Eram estas as cinco famílias que eram donas destes territórios à volta do Couço.

O Couço começa a ter desenvolvimento no princípio do século XX, aí nos anos 1890 e tais, 1900, com o começar a haver o desenvolvimento da produção de cereais. O arroz, porque é uma zona muito propicia para o cultivo do arroz, todo este vale do Sorraia; e os cereais, o trigo, o centeio, a cevada, e a cortiça. A cortiça começou nessa altura a ter valor. E isto é uma zona do melhor que há de cortiça. Tanto que o concelho de Coruche é considerado a capital da cortiça, porque é muito boa, é de muito boa qualidade todo o montado desta região.

Com isso os grandes proprietários das terras começaram a desenvolver alguma coisa, a produzir os cereais e a tirar a cortiça. Com isso foi necessário trazer gente para trabalhar a terra. Daí se cria um proletariado agrícola que vem trabalhar. Normalmente vêm de outros lados.

Ao mesmo tempo que aparecem os trabalhadores agrícolas, o proletariado agrícola, aparecem as profissões: os carpinteiros, os pedreiros, os barqueiros - que eram quem transportava cortiça daqui desta zona, ali no rio Sorraia. O rio era navegável até ao sul do Furadouro, que é a uns quilómetros daqui, antes de chegar a Mora. E os barqueiros vinham com os barcos até aqui, carregavam a cortiça e levavam-na depois rio abaixo até ao tejo, depois do tejo por aí abaixo até às fábricas no Seixal, no Barreiro, naquela zona. Daí que se criou várias famílias de barqueiros, inclusive os Casanova, que são uma família conhecida aqui do Couço e que também passaram pelas prisões.

Um deles é o Zé Casanova, que foi um dirigente bastante conhecido, já falecido, cujo pai era o barqueiro que fazia a travessia daqui do rio quando havia cheias. Daí que a ponte nova - porque dantes era uma ponte de madeira, agora é uma ponte boa - está batizada com o nome do pai do Zé Casanova: é a ponte Joaquim Casanova do Beco - que não era

bem o nome dele, o nome dele era Joaquim Labaredas Casanova, era primo direito do meu pai. E o Zé Casanova também era meu parente afastado.

Isto para contar a história do Couço e de como é que o Couço se desenvolve e como é que se cria algum movimento que depois deu origem às lutas. Porque há lutas logo desde o princípio. No princípio do século XX há aqui um trabalhador agrícola de Coruche chamado Manuel Ferreira Quartel, que chegou a ser o fundador das associações de trabalhadores - nessa altura ainda não eram propriamente sindicatos, eram as associações de trabalhadores agrícolas - que desenvolveram um conjunto de greves, logo desde o início dos tempos da república, 1910, 1900 e qualquer coisa. Movimentos grevistas dos trabalhadores, a lutarem por melhores salários e por melhores horários já dessa altura. Este [Manuel] Ferreira que é trabalhador agrícola e nascido aqui em Coruche chegou a ser o secretário-geral da confederação dos trabalhadores dessa altura e, mais, tarde, chegou a ser secretário-geral do Partido Comunista, fundado nessa altura, que teve logo aqui influencia nestas lutas dos trabalhadores agrícolas desta zona.

O Couço continua a desenvolver-se e chega a ter uma população - eu tenho aqui um quadro que mostra a evolução da população do Couço, dos censos, desde 1864 que tinha 1.861 habitantes, chega a 1950 com 5.267 habitantes, em 1960, 5.551 e a partir daí começa a baixar e hoje, no censo de 2021, está reduzido a 2.271 habitantes. Isto mostra também o decréscimo deste proletariado agrícola, que teve o pico nos anos [19]50 / 60, foi a altura das grandes lutas e da reivindicação por melhores salários e pelas oito horas de trabalho, que em 1962 foram conquistadas aqui no Couço. A transformação da própria agricultura em mecanizada deu origem a um decréscimo desse proletariado agrícola e hoje está reduzido a uma população... isto não tem indústrias, não tem nada, não tem desenvolvimento, a freguesia está cada vez mais pobre.

É neste contexto que eu nasci e que eu cresci. Naturalmente fui influenciado por toda esta situação. Só para dizer que em 1950 um dos meus tios foi um dos primeiros presos políticos, aqui no Couço, que estiveram em Peniche. Um conjunto duns cinco ou seis. Pessoas aqui do Couço: era o meu tio João Labaredas, o Renato Braz, o Joaquim Castanhas, o João Camilo. Foram camaradas que já nos anos [19]49 / 50 estiveram presos e condenados e cumpriram penas em Peniche.

Eu fui influenciado, naturalmente, por isso. Com os meus 14 anos, já em Lisboa comecei a estudar, fui estudar para Lisboa. Depois comecei a trabalhar, portanto ia estudar à noite. Fui aprendiz de eletricista. Comecei por aprendiz de eletricista aos 14 anos. E nessa altura, em [19]58, quando foi das eleições do Delgado, logo aí comecei a ter a minha atividade. Já a participar na campanha eleitoral do Arlindo Vicente e depois do Delgado, pela mão do camarada Zé Casanova, que era mais velho que eu e que me ensinou muita coisa, que me dava livros a ler.

Mais tarde vim para o Couço trabalhar com o meu pai - não me portei bem a estudar [Risos] e o meu pai trouxe-me para vir trabalhar com ele como pedreiro. Aprendi pedreiro, trabalhei aqui no Couço.

Passei a ter atividade política logo desde muito novo, com 16 anos. Fazia reuniões com os trabalhadores agrícolas quando era nas vésperas das praças de jorna, para discutir o que é que se ia reivindicar, o que é que se ia pedir. Nessa situação ingressei no Partido Comunista, ainda muito jovem.

Em 1962 a PIDE, nas vésperas do 1º de maio, na noite de 26 para 27 de abril de 1962, a PIDE fez um assalto aqui ao Couço e levou nessa noite uma quantidade de gente. Está aqui uma notícia que veio no Avante nessa altura: «Assalto terrorista da PIDE ao Couço», em que relata que na noite de 27 a GNR com a PIDE, assaltaram e levaram uma quantidade de gente presa. Tem aqui os nomes das pessoas que foram presas nessa noite.

Foram ainda assaltadas as casas de Henrique Passareco, que foi ameaçado, e de António Gafaniz. De Joaquim Gafaniz, de João Aranha, de Jerónimo Bom, da Luísa Ramos, do Joaquim Caetano, de Joaquim Labaredas, António Galvão. Foram casas que ainda foram visitadas, mas que não foram encontrados em casa, pessoas que não foram encontradas em casa. Eu por acaso estava em casa, mas fugi pelos telhados. A minha mãe teve a entretê-los enquanto eles batiam à porta. Chegaram mesmo a arrombar a porta da minha casa, mas já eu tinha conseguido fugir pelos telhados.

Fugi, fui para a clandestinidade. Depois, fui convidado pelo Partido a frequentar um curso à União Soviética, estive lá seis meses. Regressei, vim para Beja. Mandaram-me para Beja. Mas estive na clandestinidade sempre a trabalhar como pedreiro na construção civil. Fui para Beja trabalhar na construção civil. Tinha encontros com os camaradas do Partido e tinha alguma atividade. Depois fui localizado em Beja, fui visto por rapaziada da tropa e quando havia essas situações de quando uma pessoa era localizada onde estava, a orientação era para sair de lá e mudar de sítio. Fui para Setúbal. Em Setúbal também continuei a trabalhar na construção civil. Tinha lá um quartito.

Em 1964 há um conjunto de prisões, uma quantidade grande de camaradas do Partido, à volta de maio de [19]64. Eu, quando soube que eles tinham sido presos, mudei de quarto, assim por precaução. Mudei de quarto, porque se não ainda tinha ido dentro nessa altura.

Acabei por ser preso em novembro de 1964, em Setúbal, sozinho. Fui levado para a António Maria Cardoso. Tenho aqui a ficha do meu registo na António Maria Cardoso. A minha ficha de entrada de lá no dia 23/11/64, em que fui fotografado. [Risos] Tiraram-me a fotografia nessa altura.

Estive no Aljube durante os primeiros tempos. Passei por aquele período, estive 11 dias e 11 noites. A tortura que me fizeram foi a tortura do sono. Baterem-me quase não me bateram. Houve uma vez que um PIDE tentou... A tortura do sono penso que já muita gente descreveu, mas eu posso descrever a minha versão que é isto: entrei para uma sala onde me puseram com um agente comigo dentro de uma sala, em que o agente a única coisa que estava ali a fazer era não me deixar dormir. Fazia barulho. Se eu me encostava à parede e fechava os olhos ele: «Não pode dormir!». Batia com os tacões na parede para fazer barulho. Na secretária batia com o lápis ou com a caneta para fazer barulho. E eu andava por ali, na sala.

Ao fim de quatro dias a pessoa está completamente maluca. O cérebro começa a ver coisas mirabolantes! Eu olhava para o chão e parecia-me que o chão era transparente e que na sala de baixo estava a minha mãe a exigir que queria visitar-me. E eu olhava para o chão e punha-me a fazer assim, a acenar para a minha mãe. E o PIDE: «O que é que você está a fazer?». [Eu]: «Não estou a fazer nada», a disfarçar. Eu hoje conto isto, mas naquela altura eu não me apercebia. Pensava que o que estava a ver era realidade, no entanto, hoje percebo que eram alucinações. Ao fim de quatro dias eu estava completamente maluco. O Sacchetti, que era o inspetor, todos os dias entrava na sala, abria a porta e dizia: «Então,

já contou a sua história?» - eu não respondia, não dizia nada - «Ai não? Não quer falar? Olhe, daqui só sai de duas maneiras: ou sai a contar a história, ou sai com os pés para a frente», como quem diz ou se conta a história ou se sai morto. Fechava a portinha e ia-se embora. Continuava ali um PIDE, rendido de quatro em quatro horas, apenas com a função de não me deixar dormir.

Eu dormi uma noite. Deram-me um divã, puseram um divã na sala. Dormi essa noite, mas no dia seguinte voltou outra vez, até ao 11º dia. Tive 11 dias e 11 noites sem dormir.

Não me armo em herói de dizer que nunca disse nada. Acabei por me identificar, por dizer quem era, que tinha estado na União Soviética, por confirmar coisas que eu sabia que eles já tinham conhecimento. Eles já tinham conhecimento do grupo que tinha estado na União Soviética, praticamente já tinham sido todos presos antes de mim. E pronto, foi assim. Depois não avancei mais nada, não dei informações sobre ninguém. Como eu me mantive nesta posição de não colaborar mais, levaram-me a julgamento e em 1965 fui condenado a dois anos e meio de prisão, com medidas de segurança.

Passei pelo Aljube, nos últimos tempos do Aljube. O Aljube naquela altura, em [19]64, estava muito exposto, porque foi na altura da luta dos estudantes e estiveram dezenas e dezenas de estudantes presos, aliás, estiveram presos comigo. Ali no Aljube era no centro da cidade, as famílias dos estudantes iam lá todos os dias fazer barulho à porta, na rua, ao pé da sede de Lisboa. Aquilo era um escândalo. Depois com a Amnistia Internacional e com a pressão internacional sobre o regime fascista, eles tinham que arranjar uma solução. Estavam a fazer obras em [Caxias], no Reduto Norte. Entretanto puseram os presos políticos no Reduto Sul e fizeram obras no Reduto Norte, criando celas individuais para substituir os curros do Aljube.

Eu fui dos últimos presos que estivemos no Aljube. Quando a gente foi transferida para Caxias o Aljube fechou. Estive ainda no Reduto Sul até ao julgamento. Depois do julgamento passei, pouco tempo, no Reduto Norte de Caxias.

No Reduto Sul de Caxias estive com aquela malta estudantada toda numa sala. Aquilo eram salas enormes, porque aquilo eram casamatas do tempo do forte militar. Naquela altura com a malta dos estudantes não havia disciplina que os guardas prisionais pudessem impor àquela rapaziada. Por outro lado, eram malta que tinham as famílias - não eram propriamente pobrezinhos, como aqui a malta do Couço - e todos os dias iam levar comida aos filhos. Eramos de certo modo bem tratados pelas famílias. A comida da prisão praticamente nem a comíamos.

Eu vou contar uma história que aconteceu comigo relacionada com isto. Na mesma altura estava aquela malta do caso de Beja, do assalto ao quartel de Beja. Essa malta saía um bocadinho fora do comum dos presos políticos tradicionais, eram um bocadinho mais anarcas do que a malta dos presos políticos tradicionais. E eles, o que é que inventaram? Inventaram uma [maneira] das famílias trazerem bebidas alcoólicas para dentro da cadeia. Então era com os pacotes de leite. Com uma seringa tiravam o leite do pacote de leite e depois metiam whisky ou outras bebidas. Até que um dia isto foi descoberto. [Risos] Um dia os guardas, pelo cheiro, tanto cheiraram aquela brincadeira proibiram as famílias de levarem leite para os presos. Isto gerou um movimento de descontentamento e de

reivindicação. «Ai é? Estes gajos proíbem a família de trazer leite, a gente vai reclamar leite». Eu também fui reclamar leite. Quando chego lá ao médico da cadeia de Caxias, o médico manda-me para cima da balança, pesa e diz ele assim: «Epá, você quando foi preso pesava 67kg, agora pesa 84kg?! Olhe, você tenha cuidado, eu não lhe vou cortar na ração». Eu já não tive coragem de pedir leite [Risos] de pedir reforço de leite. [Risos] Porquê? Eu andava a trabalhar na construção civil, era um jovem, comia que nem um alarve para me aguentar no trabalho, que era um trabalho violento. Vou preso, vou para ao pé de malta que todos os dias trazem coisinhas da família. Eu comia que tanto que era um alarve, engordei assim nos meses que lá estive.

Depois fui condenado e fui transferido para Peniche, que era o normal sermos transferidos para Peniche para cumprir a pena. Tive até 1969 em Peniche. Saí já no primeiro período de medidas de segurança. Eu fui só condenado a dois anos e meio, mas havia as medidas de segurança, que era uma lei que o fascismo tinha criado em que desde que a PIDE considerasse e fizesse no relatório que uma pessoa continuava a ser perigosa, na opinião deles, levava as medidas de segurança: que era poder estar mais três anos na prisão, que eram prorrogáveis por mais três e mais três. Houve camaradas que estiveram várias dezenas de anos presos à custa das medidas de segurança, por serem considerados perigosos.

Eu estava já no primeiro período de medidas de segurança e fui amnistiado já na primavera marcelista. O Marcelo Caetano, fruto da pressão internacional, quando foi da visita de um papa cá a Portugal foi prometido que iam aliviar as medidas. E na altura foram abolidas as medidas de segurança. Quem estava em medidas de segurança saiu em liberdade - liberdade condicional. E eu saí em outubro de 1969. Saí em liberdade condicional. Tinha de me apresentar todos os meses na António Maria Cardoso, mas vim para a liberdade.

A partir daí ainda estive até ao 25 de abril. Primeiro vim para o Couço trabalhar com o meu pai na construção civil, mas depois em 1970 fui para Lisboa e fui-me aventurar como empregado de escritório.

Consegui arranjar emprego na empresa que estava nessa altura no princípio, que era o Pão de Açúcar. Entrei primeiro pela Manpower como trabalho temporário, mas depois acharam que eu era jeitoso, portanto convidaram-me para ficar como efetivo na empresa, porque a empresa estava em crescimento. Isto foi em 1970. O Pão de Açúcar foi inaugurado no dia 1 de maio de 1970. A primeira loja, que agora é do Pingo Doce, na Avenida dos Estados Unidos da América. Depois foi a loja número 2, que era a antiga cantina da CUF. Porque o Pão de Açúcar do Brasil fez aliança com a CUF. A CUF tinha cantina em Alcântara e foi transformada na loja número 2 do Pão de Açúcar. E foi para aí que eu fui trabalhar. Primeiro como temporário, depois como [efetivo]. Entretanto fui ascendendo dentro da empresa, desde escriturário básico até que consegui chegar a chefe de serviços na empresa.

Havia um administrador delegado que era o doutor João Flores, que era um acionista minoritário, mas que era o fiel da balança entre os dois - tinha 5% das ações. Mas era ele na prática que era o principal executivo dentro da empresa. Quando eu fui convidado a ir para lá, fui ao serviço de pessoal inscrever-me e perguntaram-me qual era a minha situação militar. Eu disse: «Eu não tenho situação militar. Eu não fui à tropa, nem sequer fui à

inspeção, porque na altura a PIDE foi para me prender e eu fugi. Depois fui preso, estou condenado». [Eles]: «Ah, então tem de trazer o registo criminal». Tive de entregar no serviço pessoal. Sei mais tarde, já depois do 25 de abril, que o chefe da contabilidade (...) era camarada. E o doutor Flores perguntou-lhe [diálogo]: «Epá, está aqui a propor um gajo, mas é um gajo que tem um cadastro…» - segundo ele me disse, que me contou depois - «… tem cadastro de preso político». «Ó senhor doutor, o que é que você quer? A gente ou aproveita pessoas com qualidade, ou por causa dessa situação rejeitamos pessoas que são de qualidade». «Bem, sabe lá o que é que faz». «Eu sei». «Então avance». E foi assim que eu fui admitido como efetivo no Pão de Açúcar. Eu tenho de fazer justiça ao Doutor Flores, que apesar de ser um capitalista e de uma grande empresa, não exerceu aquilo que muitos faziam, que era: «O quê? Esse gajo? Nem pó! Não o queremos cá». E aceitou-me.

Não é para me gabar, mas era uma pessoa competente e pela minha competência eu fui crescendo dentro da empresa. Toda a gente sabendo o que eu era. Nunca neguei aquilo que era e que tinha estado preso. Eu fui chefe de serviço num serviço de conferência faturas que tinha 50 trabalhadores sob o meu cargo e no entanto eles confiavam em mim. Eu era chefe deles, mas eles confiavam em mim - tanto que me elegeram como delegado sindical.

Depois do 25 de abril fizemos a ocupação da empresa. Também é bom contar a história da ocupação do Pão de Açúcar, que muitas vezes é contada como dizendo que os trabalhadores ocuparam aquilo e destruíram - é mentira. A intervenção do Estado no Pão de Açúcar foi feita porque, em primeiro lugar, todos os diretores de serviços da empresa - não era a administração, a administração era composta por cinco pessoas, mas depois abaixo tinha uma dezena ou mais de diretores de serviços - diretor dos serviços financeiros, diretor de operações, das compras, da publicidade, etc… fizeram um documento dirigido ao governo provisório do Vasco Gonçalves pedindo a intervenção do Estado, porque os administradores - a CUF e o Pão de Açúcar do Brasil - tinham decidido cancelar a expansão da empresa que estava programada. Eles decidiram que perante a situação que houve, com o 11 de março em que houve a nacionalização da banca e por tabela a CUF foi nacionalizada, eles assustaram-se e disseram que cancelaram todo o programa de crescimento da empresa que estava em curso. Os diretores aperceberam-se disso, que aquilo ia afogar a empresa, que se parasse a expansão iam parar a empresa e fizeram eles um relatório a pedir intervenção do Estado. A comissão de trabalhadores, na altura, teve conhecimento disso e numa noite fez um relatório a pedir a intervenção do Estado pelos mesmos motivos, ao gabinete do Vasco Gonçalves. E foi decretada a intervenção do Estado e nomeada uma comissão administrativa, nomeada pelos trabalhadores. Em que tínhamos pessoas da própria empresa e um economista. Só veio um economista de fora, o resto eram tudo quadros da empresa que foram para comissão administrativa. Durou um ano ou dois, depois com as voltas que isto deu no tempo já do Magalhães Mota a comissão administrativa foi destituída e foi restituído, como se fez aí em tantas outras empresas.

O resto da minha história foi sindicalista. Fui para o sindicato. Tive 40 anos no sindicato até agora me reformar, embora continuando sempre a ser trabalhador. Reformei-me e agora cá estou reformado, mas a continuar sempre do mesmo lado da barricada, sempre com os mesmos pensamentos e a mesma determinação que tinha quando comecei em jovem.

E por isso quando há bocado cantámos ali a canção, porque para mim continua a ser muito válida a canção que aprendi na cadeia, o hino de Caxias como um símbolo da luta que a gente estamos dispostos a continuar.

Em Caxias aprendi esta canção, que é um lindo hino de combate e de esperança no futuro:

[Canta o Hino de Caxias]

«Longos corredores nas trevas percorremos,
Sob o olhar feroz dos carcereiros.
Mas nem a luz dos olhos que perdemos
Nos faz perder a fé nos companheiros.
Nos faz perder a fé nos companheiros.

Vá, camarada, mais um passo!
Já uma estrela se levanta!
Cada fio de vontade são dois braços
E cada braço uma alavanca.
Cada fio de vontade são dois braços
E cada braço uma alavanca.

Podem cortar meu corpo às chicotadas.
Podem calar o meu grito enrouquecido.
Que para viver de alma ajoelhada
Vale bem mais morrer de rosto erguido.
Vale bem mais morrer de rosto erguido.

Vá, camarada, mais um passo!
Já uma estrela se levanta!
Cada fio de vontade são dois braços
E cada braço uma alavanca.
Cada fio de vontade são dois braços
E cada braço uma alavanca.

Ouço ruírem-se os muros
quebrarem-se as grades de ferro da nossa prisão.
Treme, carrasco, que a morte te espera
na hora do fogo da libertação.

Ouço ruírem-se os muros
quebrarem-se as grades de ferro da nossa prisão.
Treme, carrasco, que a morte te espera
na hora do fogo da libertação!» [Risos]"

Joaquim Augusto dos Santos (Mocinho)

Ano nascimento: 1933
Local do registo: Couço
Data do registo vídeo: 24-02-2022

"A freguesia do Couço é uma freguesia que pertence ao concelho de Coruche. É uma freguesia que está entre as nove maiores freguesias do país - em território, claro, não é em população. Apanharam aqui a II Guerra Mundial e esta geração que eu vou falar, que é a geração que veio para a luta e que teve uma influência muito grande neste processo que desenvolveu aqui, foi nascida mais ou menos nessas alturas ou mais crescidinhos, mas pouco.

Eu, por exemplo, estive muitas vezes nas filas nos estabelecimentos para apanhar um bocadinho de pão, para apanhar um queijo, para apanhar uma coisa qualquer e era muito difícil. A miséria foi aqui muito grande. Esta gente com cinco, seis, sete anos passaram muito mal com a guerra.

Estive na escola primária, o primeiro ano e o segundo. Quando entrei no terceiro o meu pai teve um acidente e partiu um braço. Éramos quatro filhos, todos pequenos. Eu era o maiorzinho. Tive que deixar a escola e vir acompanhar o meu pai, porque ele foi guardar uma pilha de cortiça para ganhar algum dinheiro para a família. Isso também me marcou. Marcou-me a mim, como marcou outros trabalhadores que tiveram outros problemas iguais aos meus ou alguns ainda pior.

Esta geração, quando chegou a essa altura, foi a geração que se movimentou. Começou a perceber, começaram-se a organizar - que deu depois andamento à luta.

O pessoal quando estava a trabalhar nos ranchos, nas propriedades, que eram 100 pessoas ou uma coisa assim, os de Santa Justa punham-se à sombra de um sobreiro e os do Couço noutro. Quer dizer, havia estes problemas assim entre as populações. O que é que acontece? Quem tivesse qualquer influência em Santa Justa, que foi o meu caso, tinha uma influência em Santa Justa, de pessoas, amigos, de rapazes - ia para lá. Depois veio mais um ou dois. Criamos aquele grupo para não haver problemas com eles e eles connosco, aquela amizade. Depois fizemos cá, fizemos a unidade da população. Porque isto era uma coisa que eles imprimiam nas pessoas para depois dividi-los, para depois fazerem o que lhes apetecia, para baixar salários e essas coisas todas. Foi um dos passos que a gente deu: unir as pessoas, acabar com as divisões.

Uma das ações também que surgiu para unir e para criar situações de favorecer a unidade entre as pessoas foi as pescarias. As pescarias eram feitas aqui. Eu participava na recolha do peixe com o tio Casanova, que era o pai do Zé Casanova e outras pessoas participavam. Como havia muito peixe, o rio corria muito, tinha muito peixe, arranjámos uns quilos largos de peixe e no dia seguinte, que era ao domingo, era a pescaria junto à ponte caleira, ponte do canal. Essas coisas iam-se fazendo.

Permitiu trazer gente de Lisboa que vinham cá também, convidávamos para vir cá. Vinham pessoas democratas, também. E aqui trocávamos opiniões sobre várias coisas: sobre a situação do país, sobre a situação dos trabalhadores. Nessa [troca] teve um grande peso, as pescarias. E eles sabiam, também lá ia a PIDE. Por cima da ponte chegámos a ver gajos, que eram eles de certeza, e vários tipos para tentar cortar isso. As pescarias fizeram-se uma quantidade de anos seguidos, foram ainda bastantes. Isto teve influência. As fotografias que estão ali mostram o que eram as pescarias e o que era aquilo tudo. Estava bastante gente.

Depois começámos a comemorar aqui o 1º de maio. Aqui a 200 metros ou 300 daqui de onde estamos. Isso também foi importante, porque as pessoas levavam os seus lanchezinhos, levavam as suas coisas, contactávamos uns com os outros e fomos criando a situação para organizar a força política que era combativa, que era o PCP.

É nessas ações todas que começamos a fazer, nas reuniões. Isto permitia-nos mais unidade na praça de jornas. Estes diálogos, estas conversas, estes agrupamentos, e fazíamos maior pressão sobre os latifundiários, porque eram eles que queriam pagar o mínimo possível. Mas a pressão era muito grande e eles lá cediam numa coisinha ou outra, porque tinham necessidade de colher as colheitas. Hoje [são] as máquinas que fazem tudo, naquela altura eram os trabalhadores. Permitia aos trabalhadores fazer pressão sobre eles de várias maneiras.

Nós também, nas praças de jornas, começámos a aperceber-nos que geralmente a praça de jornas era no domingo e estendia-se até à segunda-feira ao meio-dia ou coisa assim. Às vezes iam [por]todo o dia, por isso é que eles depois cortaram com a GNR, vieram aí e proibiram à segunda-feira, fechava a praça de jorna e toda a gente tinha de ir pelos preços que eles queriam. Mas nós também apercebemo-nos de uma coisa muito importante: é que os lavradores saíam das suas casinhas ao sábado à noite, (...) e iam todos juntar-se numa sociedade que eles tinham. E nessa sociedade eles decidiam todos qual era o preço que deviam fazer, o vencimento que deviam de dar aos trabalhadores. Nós apercebemo-nos que eles fazem reuniões, então nós também vamos fazer. E convocámos uma reunião. Organizámos uma quantidade de trabalhadores que a gente tinha mais confiança, e marcámos um lugar chamado a Serra da Burra, que é um cabeço que fica aqui num ponto mais alto, a um quilómetro e tal, dois quilómetros do Couço. Fizemos esse plenário lá. As coisas foram feitas assim, na clandestinidade, não podíamos fazer de outra maneira. Arranjámos uns X de trabalhadores que se prontificaram e cada um levava um máximo de 10 pessoas, lá para a noite. E marcámos o plenário. No final deu 102 ou 103 pessoas que estiveram nesse debate além no campo, na Serra da Burra. Estiveram lá em debate para resolver os problemas e combater aquilo que eles estavam a fazer.

A gente nessa altura organizamos bem as coisas, tivemos um rapaz que ficou todo o dia - que vendia produtos de gelados, coisas assim - próximo do posto da Guarda e conseguiu vigiar o posto da Guarda. E também ficou a mãe do Zé Casanova, do camarada Zé Casanova, também ficou de vigilância. Nós quando viemos do emprego, do trabalho daquele dia - era uma segunda-feira ou não sei quê - quando viemos do trabalho, sabíamos de antemão que estava tudo seguro, que não havia nenhum problema. Mesmo assim o grupo coletivo desta organização pediu-me a mim para com um foguete - estávamos aqui num sítio ponto certo - se houvesse qualquer coisa, qualquer alteração no posto da Guarda,

iam lá ter comigo informarem-me, e eu lançava o foguete que era para o pessoal sair. Mas não foi preciso, correu tudo bem, não foi preciso.

O que é que acontece? É que depois entrámos das praças de jorna com outra força. Havia muita gente organizada que se bateu nessa reunião. Chegavam lá, eles queriam oferecer só 22, a gente pedia 30. Conseguimos, mais adiante, não foi logo de início. Conseguimos da seguinte forma - eu estou envolvido nisso outra vez. O meu sogro, que eu nessa altura namorava a minha mulher, (...) era capataz de um pequeno proprietário que havia aqui, que era o João Bento. Então ele fazia searas em vários sítios, tinha ali um lagar de azeite. Tinha feito uma seara com uma cevada, que é utilizada nas cervejas. Ele queria tirar toda aquela cevada lá de dentro da terra, porque queria plantar arroz a seguir. E então, ele estava aflito com estas coisas todas e ocorreu-me utilizar o meu sogro para irmos conversar com ele. Então o que é que combinámos, um grupo deles. Estávamos ali, tudo malta que estava organizada. Fomos falar com o meu sogro, para ele ir falar lá com o João Bento e dizer que nós arranjamos um grupo de trabalhadores que nos comprometíamos a ceifar a seara toda esta semana e tirá-la toda de lá para fora para os carros. Trabalhámos muito, foi uma coisa fora de série. Quando a gente pedimos ao João Bento, o João Bento disse assim: «Não pode ser, que eles caem-me todos em cima». (...) e a gente disse: «Não. O senhor diz que tem a seara, que a gente se comprometeu a tirar a cevada de lá e que tem de começar a plantar o arroz. Vai-lhe dizer isso». Depois ele não quis, vieram-me dizer que ele não queria. Fui lá, mais um cunhado meu, que é filho do capataz, e mais dois ou três e fomos lá falar com o João Bento e dissemos-lhe assim: «Você só tem a ganhar com isto, isto para você é um bom negócio». «Mas eles caem-me todos em cima», que era os outros lavradores. Disse-lhe assim (…): «Olhe, o que o senhor tem de fazer é dizer-lhe a eles…», eu já tinha trabalhado para o João Bento, já o conhecia bem, «…é dizer-lhes a eles logo imediatamente que a seara sai de lá, ele ganha muito com isso, porque depois planto logo o arroz». Isto foi assim, aceitou o nosso preço. Esta foi uma das primeiras vitórias e que a malta viu, o pessoal todo, viu que era possível fazer alguma coisa.

A seguir a isto aproximam-se as eleições do Humberto Delgado. A gente fez aqui um comício dentro de uma sala, que tinha de ser dentro de uma garagem, e decidiu-se lá várias coisas sobre as eleições e que devíamos concorrer e devíamos lutar. Essas coisas começámos a espalhar pelo povo que havia eleições e tínhamos todos que ir votar - pelo menos aqueles que tinham comércio, que tinham uma fazendazinha. (...) Durante todo o dia das eleições ficámos cá fora 200, 300 pessoas junto à secção de voto. Portanto elas foram livres. Foram as únicas que fizeram no país durante esse tempo.

As eleições processaram-me, as coisas arrumaram-se, mas veio uma outra ordem da área de Lisboa - a gente dizia que era de Santarém. Então que era necessário fazer uma greve e protestar de todas as formas contra a burla eleitoral que tinha sido feita em todo o país. Então com essa ordem, foi logo nesse dia [a seguir] à noite das eleições que apareceu essa - não era ordem, era informação do que devíamos fazer. Estava eu. Estavam mais quatro rapazes - já morreram todos, só eu estou vivo. Como é que a gente tinha de fazer para fazer greve geral? Tendo em atenção que estavam em construção aqui duas grandes barragens, que nos canais por onde passa água estavam aqui máquinas por todo o lado - havia aqui uma multidão de gente a trabalhar, parece que quase 2000 pessoas que andavam para aí a trabalhar. Portanto era ir para uma greve e tínhamos de parar esta gente toda. Como é que íamos parar os ranchos? Esta coisa que a gente discutiu, um grupo deles,

foi discutido mesmo no sítio onde está agora o monumento aos presos políticos e à resistência.

Bem a gente vai fazer assim. Cada um de nós vamos aqui para um sítio. Um vai para baixo, outro vai para cima, outro vai para os lados, outro vai para Santa Justa. E vamos dizer o seguinte a todas as pessoas que a gente encontra na rua [diálogo]: «Epá, então ainda não ouviste dizer nada?». «Não». «Tão pá, amanhã é greve geral, ninguém trabalha». «Não sabia». Depois íamos [andando] e encontrávamos outro. Depois eu dizia assim e os outros diziam assim também: «Ali em baixo não se diz outra coisa. Ali em tal parte não se diz outra coisa. Então não ouviste dizer nada?». Foi assim que a gente [fez]. Não podia ser doutra forma, na clandestinidade, organizar de outra maneira.

Bem, as pessoas começaram a transmitir uns aos outros, porque a palavra de ordem era: «Transmite a toda a gente, vão passar!». E as pessoas como estavam fartas deste regime passaram a notícia, a informação, por todos os lados. Isto foi rapidamente. Corremos estes sítios todos.

Fizemos a greve, foi uma greve que deixou a tremer o fascismo. Eles puseram aqui 300 e tal GNRs nesse dia da greve, logo. Começaram a prender pessoas, prenderam uma série deles. Isto começou-se a complicar um bocado com as prisões. Depois existe aqui uma certa acalmia, um mês ou dois.

A luta tinha de continuar, porque de facto as praças de jorna era a mesma coisa. Os lavradores continuavam a reunir-se e a polícia estava atenta, em ligação com eles. Nas praças de jorna, aqui nas ruas, começava a haver porrada com as metralhadoras. Eles vinham para aqui e bateram e aleijaram alguns trabalhadores. A luta era assim. A gente eramos pacíficos, mas eles eram agressivos, agressores.

Nesta manifestação eu fui preso logo ao fim de poucos dias. Porquê? Porque parece que foi um proprietário que me conhecia que disse que eu ia lá na manifestação e eles foram lá buscar-me.

Foram lá buscar-me e levaram-me para Caxias. Em Caxias estive lá 6 meses. Ao fim de 6 meses libertaram-me. Não arranjaram processo, libertaram-me. Eu vim, mas continuei a luta política logo imediatamente cá fora. A participar nessas manifestações, a participar nessas coisas todas.

Naquela altura era logo diretamente para Caxias. Porque eram greves, era outra coisa, eram populares - era por isso que eles levavam para lá.

Mais adiante, depois vim para aqui, continuei a lutar. Um dia mais adiante, já em novembro de [19]58 / 59, assaltaram-me a casa, mas eu não estava em casa, porque estava a trabalhar ao pé de Santarém. E, portanto, informaram-me que eles me tinham assaltado a casa. Eu tive que sair lá do emprego, vim para aqui e pirei-me daqui para fora. E passei à clandestinidade. Eu estive na clandestinidade mais três anos e tal, até ser preso outra vez.

Na clandestinidade quando cheguei ao sítio da residência onde fui residir com a orientação do Partido Comunista, fui residir numa zona e tinha a função de estar ali. Mas depois foi-me pedido se eu me importava de ficar a controlar todo o Alto Alentejo. Controlar era isto: trazer informação, levar informação, o que é que se passava. As notícias que a gente tinha, transmitir-lhas para manter a luta. Inclusivamente vinha ao Couço. Na clandestinidade vim

ao Couço. E toda a área que eu percorria para levar a informação do partido era todo o Alto Alentejo. Desde Évora, Montemor, por aí fora. Até Portalegre, Estremoz. Andava por aí.

Digo que foi uma das coisas... que sofri muito. Sofri muito, porque a clandestinidade era muito complicada. A gente não tinha dinheiro para transportes, muitas vezes, ou para comer… Eu lembro-me, uma vez, aqui ao pé de Montargil passei por uma horta e estava alfaces. Eu estava cheio de fome. Fui lá, mas não colhi as alfaces, colhi só as folhas de baixo, para se a pessoa aparecesse dizer: «Olhe, era só para fazer uma saladazinha». Passava-se muita fome. Quando chegávamos a casa dos camaradas, os camaradas é que o pouco que tinha [partilhavam] connosco, algumas refeições, mas depois era complicado.

Fazia este trajeto todos os meses durante três anos. Ao fim de três anos, três anos e tal, sou preso novamente. Assaltaram-me a casa, que era na zona do Barreiro. Assaltaram a casa e, portanto, fomos parar à cadeia. Foi a minha mulher e fui eu.

O que é que acontece? Na cadeia passei por tudo. Não houve nada que não passasse. Levaram-me para a sede da PIDE, começaram-me logo a espancar. Tiraram-me a roupa e tudo, para revistar tudo. Começaram-me a espancar, depois pararam e desapareceram. Ficou só um, o carcereiro. Depois vinham outra vez. Duas horas ou quatro horas, não sei, não me lembro bem disso. Estive a PIDE quase um mês, sempre constantemente... Punham-me no Aljube, depois do Aljube vinha para ali e continuou ali a prisão.

Passado uns meses fui julgado, poucos meses, umas semanas. Ao ser julgado sou condenado pelo Juiz, o Juiz lê a sentença e diz: «Foi condenado por desobedecer às autoridades, por andar na clandestinidade…» - eles lá puseram essas coisas todas que lá estavam - «e, portanto, é condenado em 3 anos e medidas de segurança», disse o Juiz. Quando ele acabou de ler aquilo eu levantei-me e disse assim em altos brados: «Estou a ser julgado neste tribunal sem cometer qualquer crime e os que me estão a julgar são os criminosos. E espero que sejam julgados também, não dentro desta sala, mas na via pública». Bem, pensei: «Estes gajos agora vão-me escavar como tudo», mas não. Deram-me uns encontrões, uns safanões, mas não me bateram nessa altura.

Depois puseram-me em Caxias e estive lá uma semana ou duas e fui para Peniche.

Em Peniche estive cinco anos e tal, ainda passou de cinco anos. Mas dentro de Peniche também trabalhava, dentro da prisão também trabalhava. Fazia as ligações com os pavilhões todos. E os camaradas depositavam em mim a ligação, porque se houvesse um conflito com o carcereiro tinha de alguém ir falar com ele, não era todos. Falava um, acertava com ele. Também com o diretor da cadeia, não sei como o que eles lhe chamavam, o chefe da polícia - às vezes havia certos conflitos e era preciso ir lá falar com eles. Eu também fiquei com essa função. E fiquei com uma outra função que me foi dada, que foi a mais importante que eu fiz, que foi as ligações entre os outros pisos todos - que a gente tinha ligações entre os pisos todos. Eu tive essa responsabilidade durante o tempo todo que lá estive.

Acabei por sair da cadeia com a liberalização do Marcelo Caetano. Eu estava lá, nem esperava por isso, aparece o carcereiro, chama pelo meu nome: «O senhor prepare as suas coisas, que é para sair da cadeia». Eu preparo as coisas, ninguém sabia que é que se estava a passar. Comentámos ali isso: «O que é que será? Porque é que será?», se eu

tinha medidas de segurança e essas coisas todas. A resposta vem no dia seguinte. Sai o Octávio Pato - foi o último que saiu, fechou a torneira do Caetano.

Então vim morar para Odivelas. Primeiro vim para casa dos irmãos, mas depois tinha de arranjar uma casa, porque tinha a minha filha aqui, que tinha estado presa também três meses, coitadinha, e que estava aqui em casa dos avós e dos tios, enquanto a mãe esteve presa. A mãe esteve presa, mas também não tinha dinheiro para vir cá tantas vezes. Vinha cá uma vez por mês ou de quinze em quinze dias ver a filha, ou se arranjava uma boleia, uma coisa assim.

Portanto quando a gente saiu dessas coisas todas a rapariga se tinha três meses quando foi presa, tinha poucos anos, sete ou coisa assim anos, quando a gente saiu. Foi também uma coisa espantosa, como as pessoas sofrem e aqueles miseráveis nem tinham moral nenhuma para isso.

Estas coisas foi assim. Depois saí, fui trabalhar. Pronto. E continuei a luta. Veio o 25 de abril. No dia 25 de abril eu saí para a rua mesmo com toda a força. Quer dizer, livre! Repare, que eu cheguei a participar - que eles me podiam prender novamente - em participar em sessões de campanha eleitoral que havia para a CDE, essas coisas todas. É assim. Eu andei sempre na luta. Sempre a lutar, sempre a lutar".

Repositório online: https://memoriamedia.pt/index.php/memoria/mural-caxias

José Ribeiro Sineiro

Ano nascimento: 1935
Local do registo: Torres Novas
Data do registo vídeo: 17-01-2022

"Nasci numa família em que tinha um irmão mais velho. As suas relações eram com a juventude em Torres Novas, entre eles o Francisco Canais Rocha.

O [meu] tio tinha sido preso no 31 de janeiro de [19]34, na Marinha Grande. Ele trabalhava na Marinha Grande - foi para lá para a Marinha Grande porque era serralheiro, mas também jogava muito bem à bola. Esse meu tio teve cerca de dois anos preso. E por jogar à bola teve a sorte de não ir na leva para o Tarrafal.

Isso entusiasmou-me para querer saber mais alguma coisa com ele. O meu irmão continha-me e eu ia à procura de saber mais alguma coisa sobre a razão. A minha mãe ficou assustada de ver o choque com os dois filhos. Chamou-me à atenção: «O teu irmão é muito querido do teu tio, porque ele foi visitá-lo, quando era menino pequenino, ao Aljube comigo».

A vida deles era tipo negociante. Levavam daqui da zona hortaliça e iam a Lisboa ao mercado vender e traziam para Torres Novas bananas, especialmente, e o ananás.

Um dia apercebi-me que ele [o irmão] tinha um livro em casa que estava a ler que era O Crime do Padre Amaro. Ele escondia o livro para evitar problemas. E eu fui à biblioteca, em Torres Novas, cheguei lá [perguntaram-me]: «Então o que é hoje? Que vais levar?» - que eu costumava ir lá buscar livros - e eu disse: «Olhe, queria O Crime do Padre Amaro». O homem ficou [assustado] [diálogo]: «Mas quem é...?». «O meu irmão está a ler e eu queria ler. Ele não me deixa ler». «E fez muito bem! Eu vou-te arranjar um livro». E eu fiquei…. Foi mais uma pedra que me desemburrou em ponto de vista disso.

Eu tive a sorte de estar na escola com um colega que o pai era advogado - que se matou - que foi também um homem ligado ao Partido e aos trabalhadores, o doutor (…). E eu na escola com o Zé, que era o meu colega filho desse advogado, vínhamos a correr à segunda-feira no recreio direito à farmácia Lima, porque o senhor recebia a imprensa dos aliados, especialmente da Inglaterra. Ele recebia e fazia sempre uma recomendação. A gente entrava a pedir, ele já sabia o que é que íamos lá fazer, entregava-nos aqueles programas dos aviões. E ele dizia: «Agora os meninos que já sabem ler, fazem favor de lerem aos vossos pais o que vocês estão a ler nos vossos programas». Isto entusiasmou-me à procura de leitura.

Quando foi a eleição do Humberto Delgado, a minha tendência era já mais à esquerda. Sabia que o General não era grande coisa, porque ele tinha sido homem do Estado Novo. Eu conhecia-o, ele era daqui da Brogueira, sabia a história, já tinha lido alguma informação - aí já o meu irmão começou a abrir o leque das informações. A nossa tendência foi para o Arlindo Vicente.

Cheguei a uma situação, quando saí da tropa, não tinha aqui ninguém que me dava emprego. A pessoa com quem eu tinha aprendido a arte de eletricista mecânico, tinha ido

com ele montar umas máquinas a UTIC [União de Transportadores para a Importação e Comércio] e lembrei-me de ir a Lisboa falar com ele - e fui para lá.

Depois da campanha acontece que aparece-me o António Santo - que eu conhecia e que era aqui de Torres Novas, tinha sido empregado de escritório na casa onde eu tinha aprendido o ofício - e ele lembrou-se, soube que eu estava no UTIC, de me contactar. A partir daí entrei no Movimento da Juventude - a partir do encontro de Sacavém em que o Domingos Abrantes foi o homem que galvanizou a juventude nesse encontro.

A minha responsabilidade foi ficar ligado ao Movimento da Juventude nessa altura, mas forçosamente as informações eram também partidárias. Isso levou-me a que eu, na UTIC, e depois do encontro [ficasse] com ligação dos Olivais até Sacavém [n]os contactos com a juventude operária e especialmente na UTIC.

Quando eu vou ao encontro com o funcionário e com outro amigo, que tínhamos marcado, [junto] à Assembleia da República, para aí para essa zona. Quando eu lá chego o meu amigo diz-me: «Vamos embora, quero-te contar uma coisa». Eu fui com ele, depois diz-me: «É que fugiu um grande camarada». Foi no dia a seguir à fuga do Álvaro Cunhal, no dia 3 de janeiro. Só que, entretanto, a fuga do Álvaro Cunhal e dos camaradas com ele, deu origem a uma busca diabólica por todos os cantos - até a pessoas que já nem sequer quase sabiam que tinham estado ligados ao Partido. Por todo o país. Aqui, em Torres Novas, aconteceu aqui nalgumas zonas de irem a casas antigas.

Fui preso a 17 de março de 1960. Quando assaltaram a casa - assaltaram, foi um assalto autêntico - em Moscavide, acontece que o dono da casa, quando eu venho a sair acompanhado - tive de me vestir e ir à casa de banho e aquilo tudo acompanhado por um PIDE enquanto outro PIDE estava a fazer busca no quarto - quando venho a sair, o dono da casa, que era empregado na Sacor, teve a infeliz ideia de me dizer: «Ó senhor José, [queria] pedir-lhe desculpa, porque eu estava convencido que eram os seus amigos que vinham aqui, que costumavam cá vir a casa». Não tinha nada que dizer: «Amigos? São colegas de trabalho que vêm para combinarmos para irmos ao fim de semana a um lado ou a outro e às vezes vêm aqui para combinar». Eu tinha um molhe de chaves, eu tinha chaves de casa em Torres Novas, tinha as de Peniche, do quarto e da casa da entrada - tinha uma série de chaves. As chaves e a [questão] de quem eram as pessoas deu origem a espancamentos. A queimarem-me com o cigarro, apagarem-me o cigarro na cara - tentaram, eu mais rápido que consegui vi o gesto e queimaram-me a mão.

Eu devo dizer que foi de 17 a 26. Fiz os 25 anos na António Maria Cardoso.

Fui-me abaixo do ponto de vista físico. Eu não sabia que sofria do coração, tive um colapso. Não posso dizer de outra maneira, porque eu não me lembro de mais nada. Lembro-me de na sala estar a ter visões e os pés - é a primeira coisa que a gente nota logo, da [tortura da] estátua e do sono, o pé ser maior do que o sapato. [Risos]

Acordei mais ou menos, estava ainda na maca, nos rés-de-chão, (…) com o médico. Fiquei com esta perceção. Eles chamarem, um murmúrio, comecei a ouvir um murmúrio e ele a dizer: «Cuidado com o coração». Esta situação prolongou-se mais um tempo. Apercebi-me, depois com os amigos falamos sobre isso, e mais tarde em Caxias. Eu fui mais duas vezes

- fui três vezes à António Maria Cardoso. A última foi para apresentar. Juntaram todos os jovens do processo a dizer que íamos a tribunal.

Quando fomos para Caxias já estávamos junto com outros presos. E é nessa altura, [que] estava o (…) e o Maia que eram médicos jovens formados e eles aperceberam-se que eu estava com uma pulsação bastante grande e fizeram barulho até eu ir outra vez ao médico. Foi uma visita ao médico à António Maria Cardoso. Aqui é uma coisa que me marcou e que eu vou contar: (…) foram-me buscar à sala, eu estou à espera, o PIDE está ao pé de mim e vem o Mário Soares. O Mário Soares chega, cumprimenta o PIDE e o motorista e nem olhou assim para mim, que eu estava na parte de trás. Nem bom dia, nem boa tarde, nada. Sentou-se, foi em conversa toda até à António Maria Cardoso. Eu fiquei logo nos rés-de-chão para o médico me auscultar - não fizeram mais exames só estiveram a auscultar e a medir a pulsação, mais nada.

Eu soube, depois por contatos, que ele [Mário Soares] estava com o Salgado Zenha em Caxias. Entrou, cumprimentou. E esses amigos - o Cavaco Garcia (…), ou o que era: «[Risos] O menino queria que o Doutor o cumprimentasse! [Risos]». Mais uma lição a explicarem-me o que é que era o Mário Soares, o que é que ele representava e como é que ele estava preso.

A partir do colapso que tive, as fases já não foram tão prolongadas, de [tortura de] sono, de tentar bater, ou queimar com o cigarro. Estas reações e esta consciência que eu tenho foi em conversa com os amigos. Foi sorte para mim ter aqueles médicos perto, porque era capaz de ter algum problema mais tarde. Depois tive injeções, aquilo tudo.

A partir daí fui a julgamento. Estavam também uns amigos de Alpiarça. Eu fui julgado ainda nos finais de novembro e a 19 de dezembro vou para Peniche. Sou condenado com pena menor, ou o que é aquilo, 24 meses - mas estive cinco anos e meio. Foi uma fornada deles e fomos inaugurar um pavilhão das celas - o pavilhão B.

Eles faziam isto quando a gente estava em Peniche: estávamos um mês incomunicável, mas uns dias depois juntaram-nos, alguns dos que tinham vindo, numa sala no pavilhão A, no primeiro andar.

Em Peniche subíamos e ia para a chamada copa. O guarda abria a porta: «Senhor fulano, vá pôr a sua fruta». E eu fui por a minha peça de fruta. No fim de todos, penso que foi todos tal como saímos para ir almoçar, verificámos que o José Vitoriano não tinha - ele tinha ido lá pôr uma peça de fruta, que era hábito, e o guarda foi tirar. Isso deu origem a um levantamento logo, fizemos um «escanção» dos diabos. Sei que passado umas horas [disseram-me]: «O senhor Zé Sineiro, prepare-se para sair». E eu [pensei]: «O que é que estes me vão fazer». Meteram-me numa cela - fui para a cela 15 do bloco B do 1º andar.

Aí foi uma experiência muito gratificante para mim. Estava o António Dias Lourenço, estava o Zé Magro - que tinha fugido em [19]61 de Peniche, quando eu ainda lá estava - e depois apareceu o Zé Carlos mais tarde, o [Severiano] Falcão. Esta gente começou a entrar comigo, eu era o mais jovenzito. Uma coisa que qualquer preso tem pretensão quando é preso é tentar arranjar forma de fugir. É nessa altura que o Zé Ribeiro conseguiu levantar um taco encostado e comecei a tirar o reboco do que sobrava. (...) E arranjei um vão para esconder o que havia lá. Se quisesse [o guarda] podia lá ir.

Um dia o [Octávio] Pato disse: «Meu menino…» - porque sabíamos que não podíamos ter lá nada que pudesse denunciar a atividade que se fazia, as relações, o Octávio disse «… o menino tem lá condições para fazer isto». Passou-me um papel e pediu-me para passar isto nas folhas de mortalha. Eu como tinha aprendido a fazer a caligrafia pequenina, tinha partido o bico daquela caneta de tinta-da-china, tinha tirado uma perna e tinha só com outra, e conseguia, sem arranhar na tábua, conseguia fazer com tinta-da-china (…). Isso foi para mim uma alegria muito grande, o partido dar-me esse trabalho. Foi uma aceitação de um jovem - eu era um miúdo do Movimento da Juventude, estava a receber informação. Uma das situações que me marcou foi uma das mensagens, fui eu tomar conhecimento que estavam presos que não estavam a acompanhar-nos nas lutas das greves que fazíamos, ou de fome, ou de protesto, de escrever - isso não faziam. Isso magoou-me. Pensei: «O partido também é dado a isto, também está a conhecer estas situações». Para mim ficou-me, chocou-me.

A grande alegria que depois mais tarde vim a saber - a gente teve lutas terríveis. Uma delas, a última, foi quando fizemos o alarido à janela que alertou a população: «Queremos visitas! Temos fome!». No dia 1 de junho de [19]65 abrem-me a cela, o guarda, e diz-me: «O Senhor Sineiro prepare as suas coisas para sair». Sair - julguei que me tinha dito que ia para outro lado - levaram-me ao gabinete do diretor, um relatório, a fazer-me ameaças. Entregam-me, tenho aí, um salvo-conduto para cinco dias depois da saída me apresentar em Lisboa na António Maria Cardoso. Tinha havido um movimento a nível internacional a pedir a minha libertação, juntamente com outros camaradas que estavam presos.

Muitos dos amigos falavam que a divulgação não tinha eco na opinião pública. Tinha! Desde o Brasil, América, Inglaterra, Bélgica, Holanda. Da União Soviética, da altura, e da Holanda eu tenho correspondência, fora aquela que a PIDE nos correios ficava. Mas esta conseguiu chegar à minha família e a minha família teve um comportamento - tanto o meu irmão, como o meu pai, do ponto de vista de me ajudarem, bastante grande".

Manuel Maria Candeias

Ano nascimento: 1943
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 18-10.2021

"Eu, em tenra idade, com meses de vida, acompanhei os meus pais para Grândola. Nasci no concelho de Odemira, Santa Clara-a-Velha. O meu pai foi trabalhar para as minas de Canal Caveira e transferiu com a família, fomos todos - eu era o filho mais novo. Fui com meses para Grândola.

Felizmente que me orgulho de ter ido para Grândola, uma terra com tradições reconhecidas, com muita consciência de classe dos trabalhadores.

Era mais difícil eu ter enveredado por um caminho de contestação e de solidariedade com os outros, se tivesse num sítio em que essas tradições não existissem. E Grândola era uma terra com muito conteúdo, uma terra de grande indústria corticeira. Onde havia uma grande consciência dos trabalhadores rurais, em que era evidenciada, mesmo no latifúndio, grande exploração. E eu, muito novinho, comecei a aperceber-me, porque tinha um irmão mais velho que eu 9 anos e que já tinha outra consciência e que também enveredou por esse caminho e começou nas atividades culturais da terra, dos clubes de futebol, de música.

Os meus pais tinham grandes dificuldades, [eram] trabalhadores agrícolas. A minha mãe era analfabeta. O meu pai sabia ler e escrever muito bem, mas nunca andou na escola, era autodidata. Também me incutiu a mim valores que me aproximavam de pessoas de bem e comecei a ganhar consciência [política].

Fiz a escola primária. A seguir à escola primária, com todas as dificuldades inerentes a quem tinha o meu estatuto - os salários que a minha mãe e o meu pai tinham - saí da escola primária, com a 4ª classe, e tive de enveredar no mercado de trabalho que era com horário de sol a sol na altura. Fui trabalhar para uma cerâmica: fazer telha, fazer tijolos para a construção civil e trabalhava com um horário que era de sol a sol. Começava a trabalhar - regava, como se dizia - às seis da manhã e só entrava depois do sol-posto em casa, que era a 500 metros - felizmente era perto.

Tínhamos a coletividade para aprender música - o que fiz, comecei a aprender tinha nove anos. Na coletividade da Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense, que é uma escola de virtudes - é uma coletividade que ainda existe. A escola a que Zeca Afonso dedicou a música de Grândola Vila Morena. Tinha o clube de futebol onde nós treinávamos, mas eu não tinha horários para treinar, mas queria fazer isso também.

Começámos a ver, a falar com outros amigos. E numa altura em que se desenvolveu uma grande campanha da luta [para] o horário das oito horas. Apanhou-me numa idade em que havia reuniões no campo, havia plenários dos trabalhadores agrícolas, havia reuniões para se organizarem. Paralelamente a este trabalho do campo, havia as fábricas da cortiça. Havia uma que era bastante grande, que era a maior fábrica de Grândola - a do Inocêncio Granadeiro - em que eu assisti aos primeiros movimentos de paralisações e greves - greve não se podia dizer (...).

Eu, nessa altura, deixei a cerâmica. Comecei a aprender a profissão de barbeiro, porque tive um problema de saúde - bronquite asmática. Quando foi conquistado o horário das 8 horas, eu saí da barbearia e fui trabalhar para uma fábrica de cortiça, porque tinha um horário que me permitia fazer as oito horas e ir treinar às quatro ou cinco da manhã para o estádio. Quando chegava às oito horas já estava cansado do futebol, mas ia trabalhar. Davam outras condições.

E à noite podia ir para o ensaio, para a música, para aprender o solfejo - a ver se conquistava um instrumento. O primeiro instrumento que me foi atribuído foi um saxofone. E conviver com as pessoas que eu admirava pelo seu caráter, pela sua maneira de estar. Não podia meter-me na conversa com eles, que eram adultos, mas ouvia e ia aprendendo. Incutiam-me em mim aquela solidariedade - que havia sempre uma palavrinha para nos dizer, apesar de não nos deixarem entrar nas conversas, mas com carinho. Pessoas que me ensinaram muito - pessoas que eram consideradas analfabetas, mas que sabiam muito da vida.

E pronto, nessa escola era impossível que eu não começasse a ganhar consciência. Começamos a fazer coisas com outros miúdos da minha idade. Começámos a organizar a biblioteca, ler os livros que eram conhecidos como proibidos, que estavam na biblioteca. Escritores [como] o Romeu Correia, o Antunes da Silva, o nosso camarada alentejano, lá de Santiago do Cacém, o Manuel da Fonseca. Tudo coisas que me começaram a transmitir, através das letras, experiências que nos apaixonavam.

Tive conhecimento da Força Aérea estar a pedir voluntários para cursos de especialização: mecânicos de avião, abastecimentos, mecânicos de armamentos, radiografistas, mecânicos de rádio, eletrónica, por aí fora.

As minhas habilitações só davam para mecânico de avião, que era o último ano em que isso era pedido, ou para mecânico de armamento ou abastecimentos - que era preparação de trabalho, preparadores de trabalho. Concorri e fiquei. De Grândola viemos uns 12 ou 13, fiquei eu e outro - ficámos dois. Ele acabou por ir para armamento e eu fiquei mecânico de avião. Num curso de 300, consegui tirar o curso. Naturalmente que já tinha a consciência que tinha em Grândola.

Vim para a Força Aérea, mas com conhecimento dos camaradas, dos amigos lá de Grândola, que me ajudavam a ter essa tal consciência [do] que a gente via no dia a dia.

Enquanto miúdo não tinha tarefas de grande responsabilidade, mas tinha - naquelas lutas, naqueles plenários - tarefas especificas. Comecei a ter responsabilidades de agitação, de distribuição - chamava a gente agitação - ações de propaganda, ações de informação [de] que havia uma repressão em tal sítio, havia um trabalhador que tinha sido preso noutro sítio. Havia essa informação transmitida, havia sempre um papelinho, havia um panfleto - nós eramos encarregados, miúdos, com a responsabilidade de fazer gradualmente essa mesma distribuição. Começámos a ter alguma organização.

Naturalmente, o meu irmão estava organizado, mas eu não sabia sequer. Um dia a polícia e a GNR vai a casa para levar o meu irmão - o meu irmão fugiu - e eu fiquei em pânico e ganhei mais consciência ainda. Não pode ser, porque o meu irmão era tão bondoso, era tão bom para mim, não podia! A minha mãe, analfabeta, que não se metia em nada, uma

pessoa que não fazia mal a ninguém, só sabia trabalhar, não podia. Essa consciência ficou consolidada em mim.

Quando passa o Humberto Delgado na campanha, para a presidência da república, já como candidato pela Unidade - primeiro foi o Arlindo Vicente que era quem nós apoiávamos. Quando foi o Humberto Delgado, já tinha assistido a prisões de indivíduos do Movimento Juvenil. Numa altura foram lá as "ramonas" e trouxeram cerca de 20 jovens, que eram da [escola de] música onde eu tocava, porque andavam a fazer um abaixo-assinado pela paz, pela liberdade - que era conteúdo político, não tinham grandes ações, mas era um documento político. E foi uma denúncia, de indivíduos a quem foram pedir assinaturas, denunciaram e eles foram lá e trouxeram-nos. Acabaram por lá estar 6 meses em Caxias, alguns foram torturadíssimos. E eu assisti aquelas cenas.

Quando eu vim embora para a Força Aérea, aquilo que podia ser considerado estar numa posição de queimado, ou de conhecido - embora fosse difícil, porque era organizado de uma maneira clandestina - eu estava protegido. Quando eu vim para a Força Aérea, com aquele estatuto de militar e sendo voluntário, [já diziam]: «Este, se é voluntário, ele não é ...».

E comecei a ter algumas facilidades. Mantive sempre uma postura social, de amizade, de solidariedade com os outros. Nunca criei inimigos na Força Aérea, que era uma forma de eu me proteger e também de continuar a fazer o meu trabalho - que era político, ao fim ao cabo. A melhor forma de fazer trabalho político não era radicalizar as coisas, mas fazer aquilo que estivesse ao meu alcance.

Assim que acabei o curso comecei a voar. Em 1961 já andava a voar, nos Transportes Aéreos Militares que foi uma unidade criada para transportar os militares para a Guerra Colonial e para os feridos. Como fui bem classificado, tive opção de escolha para onde queria ir. Optei para o Montijo, Lisboa em segundo lugar, ou Sintra - que eram os aeroportos, as bases, em que eu podia estar mais perto de Grândola para manter contacto com os meus amigos, com as minhas raízes.

Para abreviar, sou mobilizado - aí as coisas pararam - sou mobilizado para a Guerra Colonial. Desertar, não desertava - a minha postura não era desertar. Era ir, cumprir, mas tentar fazer aquilo que fosse melhor - que não era permitido participar na guerra, mas se outros iam eu também tinha que ir, solidarizar-me com eles e organizar-me de maneira que a gente fizessem a menos mossa possível à Guerra. Sou mobilizado para a Guiné. Entretanto caso - consta depois da possibilidade de estar casado, não podia ir mesmo para a Guerra. Era uma ofensa para o meu irmão eu ir para a Guerra, dizendo que era contra os militares, mas afinal vou para a guerra. Então consegui. Como andava a voar, só podia sair se fosse substituído, porque já estava no quadro da Força Aérea. Consegui eu, mais oito indivíduos, saímos oito. Tínhamos acabado o tempo, mas ficámos naquela situação de quadro permanente, mas não eramos readmitidos.

Há uma oportunidade para eu sair. Eu queria sair, arranjar emprego, era um risco que se corria, mas pronto - com o fito de ir para a TAP, que era o único sítio que me dava alguma possibilidade de exercer aquilo que eu gostava. Fiz o concurso, fui admitido. Ao fim de pouco tempo - pronto, isto na TAP é que a consciência começou mais a fortificar-se e a exigir mais responsabilidades de mim mesmo.

As potencialidades que havia na TAP era o serviço que era mais atrativo para mim, que gostava mais, me dava mais condições para me sentir feliz e para eu fazer aquilo que se exigia na altura - que era criar-se uma célula clandestina na TAP, que pudesse fazer o trabalho político, que havia terreno fértil para que ele se desenvolvesse. Houve um incremento incrível no desenvolvimento da TAP nesse ano, em [19]67/68, umas centenas largas. A estrutura da empresa modificou-se, aumentou. Houve grande movimento, porque eram recrutados técnicos e pessoal altamente especializado - porque os aviões evoluíram bastante, deixaram a TAP ter os aviões a jato, os Caravelle, os boeings e aqueles aviões mais sofisticados e precisavam de pessoal técnico. Entrou uma grande box, mas não podia manter-se a mesma estrutura laboral que existia, rudimentar, tinha que haver a mudança dos horários, mais salários, que era pessoal especializado - à semelhança do que havia nos outros países. Não se podia compatibilizar um mecânico de avião em Lisboa estar a trabalhar na TAP a ganhar 1/5 ou 1/6 do que ganhava um espanhol - e acontecia isso.

Então havia terreno fértil para desenvolvermos uma movimentação contra os horários de trabalho - trabalhava-se sete noites, sete dias seguidos e tinha-se um dia de folga. sete dias e sete noites, por turnos rotativos. E o salário era miséria e as condições péssimas. Havia condições férteis e foi. Então com a avalanche de pessoal que veio para a TAP, movimentámo-nos para fazer um contrato coletivo de trabalho, uma convenção. Aproveitou-se entretanto que o presidente da TAP, o engenheiro Vaz Pinto, é chamado pelo Marcelo Caetano para as funções de Secretário de Estado. Ao sair da TAP, para as funções de estado, teve informações que se antecipava o que podia acontecer na TAP: paralisações, movimentos exigências. E prometeu que havia a possibilidade de fazer um contrato coletivo [de trabalho].

O Marcelo Caetano dizia que queria sindicatos livres e fortes - nós queríamos saber se aquilo era demagogia ou queríamos desmascarar. Enquanto pudemos desmascarámos, ao ponto da gente concorrer para sindicatos - que depois houve aquela movimentação que deu origem aos sindicatos, que foram as organizações cooperativas substituídas por eleições, pelos trabalhadores das empresas. Conseguiram-se grandes resultados. Nós na TAP não adormecemos, um grupo restrito já organizado. Depois de haver essa tal organização já consolidada começou-se a ver resultados.

Entretanto, para abreviar, há a conquista das direções. A primeira foi dos bancários, a seguir os metalúrgicos e os lanifícios, os caixeiros - na altura era comércio, os lanifícios passam a ser têxteis e por aí fora. Fizeram os quatro sindicatos. Começaram a fazer as tais reuniões conjuntas, porque aquilo eram já coisas do âmbito geral. Nos metalúrgicos havia uma dificuldade, porque a direção era composta por 16 elementos, 11 eram da TAP, Havia muita dificuldade porque tínhamos de abranger mais e ter uma abertura muito grande - isso conseguiu-se depois também.

A repressão fez-se cair. Prendeu dirigentes. O presidente do sindicato dos bancários - o Cabrita; o sindicato dos jornalistas - o António Santos; a Maria Júlia - do sindicato dos caixeiros - outros não, que já estavam queimados, mas acabaram por ficar por fora, mas estavam sobre alçada - eu próprio, dos metalúrgicos da TAP. E os outros ficaram um bocado manietados. As direções [dos sindicatos] foram substituídas por comissões administrativas e o pessoal ficou um bocado [assustado], mas não parou, a luta não parou.

A pressão fez-se sentir a muitos dos sindicatos, foi uma avalanche de prisões em Lisboa. Sou preso em minha casa, sem mandado de busca, nem de captura. Eu ia trabalhar à tarde. Trouxeram-me para a António Maria Cardoso, para interrogatório, para identificação. Fizeram uma busca em casa de madrugada - não conseguiram apanhar nada. Eu estava em casa com a minha mulher e o meu filho. Revoltaram a cama do miúdo. Fizeram a busca - eu escondi umas coisas que tinha, enquanto arrombaram a porta. Procuraram tudo, não conseguiram apanhar nada que me pudesse comprometer. Levaram-me o passaporte, umas coisas num envelope. Quando eu cheguei à António Maria Cardoso já estavam lá em cima para dizer que estavam ali muitas coisas que me podiam comprometer. Eu estava tranquilo, que não havia nada que me pudesse comprometer.

Daí começaram logo as pressões. Acusação que era membro do Partido Comunista, que controlava o movimento sindical, que era agitador - várias acusações, a ver o que é que eu dava. À tarde levaram-me para Caxias - eu sei que era à tarde, porque ainda via claridade, via a minha mulher estar a aproximar-se na rua. Eles levaram-me na ramona, vi que a minha mulher ia a correr para dentro da António Maria Cardoso - sei que esteve lá nesse dia, porque não lhe davam informação nenhuma. E disseram que eu já não saía. Ela queria saber de mim, mas não conseguiu - não soube nada dela mais. Levaram-me para Caxias, fiquei lá a noite. Depois vieram às tantas, já de noite - já vi só as luzes acesas quando passei ali pelo Cais do Sodré, por Alcântara, aquela passagem para o outro lado estava a ser construída na altura e eu identifiquei o sítio por essa ponte.

Assim que eu cheguei começaram logo as provocações: «Olha, cá está!». Quando ia a subir as escadas, o PIDE que ia atrás de mim começou logo a dar pontapés. Os caldeirões com cal, recordo-me dessa imagem, que era pelas escadas metálicas lá das traseiras. Fiquei lá durante sete dias e sete noites seguidas, numa sala. Tortura de sono, estive vários dias em pé a fazer estátua - até ter alucinações, até estar em estado lastimoso. Pancadaria com matraca, com murros, com pontapés. Não saía daquilo. Mostraram-me os presos, um camarada da TAP, mostraram-mo só para eu ver que também cá está. «Você não quer dizer nada, mas nós sabemos tudo, porque eles já disseram tudo», aqueles truques que eles usavam na altura. Havia coisas que eles diziam que até eram verdades, mas não podia confirmar: «Você milita no Partido Comunista». [Eu]: «Não, não pode ser. Estou na TAP. Para entrar para a TAP tive de assinar um documento, em como não podia fazer parte, na altura, nem faria posteriormente parte de qualquer organização que lutasse contra a defesa do Estado, ou que conspirasse, ou que fosse uma organização ilegal. Portanto se o Partido Comunista é ilegal, eu não posso pertencer ao Partido Comunista».

Estive aqueles dias até ter alucinações. Rebentaram-me as pernas, com o sangue - o inchaço dos pés, de ter de estar descalço porque já não cabiam nos pés. Eles pisavam-me e diziam «Epá, não dói, porque se doesse falavas. Não falas é porque não dói». Sou inanimado. Só me largam quando eu estou sem consciência, que eu desmaio. Tive alucinações e sei que desmaiei. Quando acordei, quando ganhei consciência, estava num divã articulado na sala de interrogatório. Levaram-me daí, quando caí mesmo sem ação, para o posto clínico de Caxias. Mandaram-me, como o estado era um bocado gravoso, pelo que me foi transmitido - a tensão e a pulsação estavam nos mínimos. Os médicos foram ver. Um deles sei que posteriormente foi até expulso da Ordem dos Médicos, a seguir ao 25 de abril, que era o meu médico da TAP, disse que eu estava em condições de poder continuar a tortura. Eles fizeram aquilo para ter a garantia - eles não queriam que eu

morresse, queriam era sacar, descaracterizar-me, despersonalizar-me e que eu confessasse algumas coisas. Como não conseguiam, usavam aqueles sistemas.

Deram-me medicamentos, trataram-me. Daí já não vim para a António Maria Cardoso, fui para o Reduto Sul de Caxias - que fora inaugurado na altura. Fui dos últimos a ser torturado na António Maria Cardoso e fui dos primeiros a ser torturado no Reduto Sul de Caxias, com as novas técnicas, aqueles barulhos que se faziam nos candeeiros. Na António Maria Cardoso levavam as chaves, quando a gente estava assim a [adormecer] batiam na madeira, parecia que rebentavam com o cérebro - lá já era outro sistema. Tive mais alucinações em Caxias, do que tive na António Maria Cardoso. Cheguei a andar a matar os nós do soalho, que eu pensava que eram bichos, baratas, coisas do género.

Estive lá naquela situação mais três dias - ao todo foram 11 dias e 11 noites de tortura de sono. Houve pessoas que tiveram muito mais e aguentaram muito mais. Possivelmente eu caía, porque tinha estado hospitalizado uma semana antes da prisão com cálculos úricos - estive cinco dias a soro para deitar os cálculos úricos. Tinha perturbações nervosas, devido à época do que se estava a passar, tinha tensão nervosa pelas prisões que estavam a ser feitas, conhecimentos que eu tive - antes da minha prisão foram uma série de indivíduos presos. Um individuo que eu conhecia, que ia lá a minha casa, que não se portou bem e que entregou parte dos camaradas que estavam presos comigo. Tudo isso me deixou traumatizado. E a bronquite asmática, que eu tinha ainda resquícios de - lá na Força Aérea isso conseguiu passar-me, com os voos melhorou e passou - mas eu continuei a ter crises de bronquite asmática. Portanto, naturalmente, resisti. Até ao ponto em que eles trouxeram os autos, dizendo que estava tudo nos conformes: «Não assinas a bem, assinaste a mal». Com as ameaças que fizeram - recordo-me de dizerem: «Se não assinares, vamos buscar a tua família. A tua mulher, o teu filho, os teus amigos, vamos-lhes dizer que tu é que os meteste cá». Todas estas situações, eram situações que me deixavam, psiquicamente, completamente destruído.

Fiquei em isolamento 69 dias - numa cela sozinho. A uma determinada altura, por erro meu, por desconhecimento ou por ignorância, eu recusei uma oferta que me fizeram para ir para o recreio. Eu sou chamado para o recreio a primeira vez e metem-me entre quatro paredes, no cimo da cadeia de Caxias. Eu só via o ar, podia apanhar sol, via o guarda andar lá em cima com a metralhadora de um lado para o outro - para vigiar um recreio, outro recreio (...). Eu estava no recreio sozinho, nunca tive um recreio acompanhado. Fiquei de tal maneira desiludido que, quando me foram convidar para os outros recreios, já não quis. Mais tarde vim a saber que tinha sido um grande erro, porque os camaradas mais antigos, quando tive possibilidade de contactar com eles, disseram-me assim: «Isso nunca se faz, porque no recreio a gente apanha sol, a gente ganha energia, vitaminas. Faz muita falta. Deixas de estar ali, naquele sufoco». Mas a minha inexperiência nesse campo - eu não tinha experiência de prisão, tinha experiência noutras coisas - passou-se.

Entretanto, mais tarde, sou tirado do isolamento e vou ficar numa cela com vários companheiros - alguns deles conhecidos, outros conheci-os depois. Estabelecemos contacto e começámos a organizar-nos lá dentro, começámos a fazer logo coisas, até que se deu a entrada do Zé Pedro. Quando foi para o pé de mim, vinha de tortura, todo massacrado, a minha primeira preocupação foi perguntar-lhe: «Então, trataram-te com tortura? Aguentaste-te? Falaste?». E ele disse: «Não pá». De vez em quando falamos nisso. Assim como falo com os outros companheiros com quem a PIDE [me pôs], que eu

fui obrigado a duvidar deles. Há um do Sobralinho, que parecia um menino de bem, um menino todo bem posto, chamávamos-lhe o menino copinho de leite, mas era um revolucionário. Puseram-no ao pé de mim, na sala, à espera da identificação. Quando ele chega ao pé de mim, começa-me a fazer perguntas. E eu disse: «Epá, mas o que é que você quer? Conhece-me de algum lado?». [Ele]: «Não, não. 'Tão, mas o que é que a gente está aqui a fazer?». Portanto, todas as vezes que a gente se encontra numa festa, num convívio, ele diz: «O que é que a gente está aqui a fazer?». Porque eu não o conhecia e ele estar ao pé de mim, eu estava preparado para não aceitar nem falar com ele, porque eu pensava que era um PIDE que estava ali a tentar sacar coisas, para me comprometer.

O julgamento teve alguma divulgação, porque teve acompanhamento de Centrais Sindicais estrangeiras, a CGT francesa, houve muita solidariedade na Holanda, na Suécia. Eu recordo-me, num dia que houve um programa noticioso nos Países Baixos, nesse dia levei uma grande tareia da PIDE e não sabia porque era. Veio a coincidir, possivelmente foi porque houve uma fotografia que apareceu, de um fotógrafo do Montijo, uma fotografia que me tinha tirado. E essa fotografia apareceu no programa. Eles tiveram essa informação com certeza. [Diziam]: «Então você andou a dizer que a gente trata mal, no estrangeiro?», e aí acabei por ser mais castigado. Tudo isto eram situações que eram paralelas. Nós estávamos lá dentro, tínhamos alguma informação, pouca.

As visitas em comum era pelo Natal ou pelo aniversário. Em Caxias não tive visitas em comum. Nas visitas em comum era quando a gente tinha oportunidade [de passar informação], ou através de um maço de cigarros, havia várias situações que nós tínhamos de engendrar. Fazíamos as coisas com uma mina, numa mortalha de papel e depois, se tivesse a olho nu que se conseguisse ver, aquilo tinha de ser aperfeiçoado - tinha de ser visto com a lupazinha para ser transportado depois para outro relatório. (...) Aprendi o [código] morse, que tinha aquela chaveta que tinha ali com os códigos - para quem não sabe a primeira pancada era o A, o B era duas, o C era três, assim sucessivamente o alfabeto, de forma a compor uma palavra, para transmitir era uma carga de trabalhos, mas lá se conseguia fazer isso.

Num relatório em que era preciso dizer o que é que se estava a passar, os nomes que eles indicaram, que falaram, os nomes que eram conhecidos, para nos protegermos tínhamos de dizer cá para fora. Eu sei que nesse meio transmiti, para depois a minha mulher passar da mortalha para um relatório normal, a informar os amigos que eles tinham referenciado, que eles tinham apertado, dizendo que eu tinha falado neles - que eu não tinha. Dizendo que eles podiam estar à vontade, que eu não sabia de nada, não os conhecia, não tinha nada com eles - e isso tive algum efeito.

Depois sou condenado e sou transferido para Peniche - 20 meses de prisão. Eles consideram prisão maior, com os direitos políticos cortados - aquela coisa com os custos da justiça convertível em tempo. Sou transferido para Peniche, tenho até a guia de marcha. Fui algemado, mais dois companheiros - apesar de irmos na carrinha íamos algemados, com um carrinho à frente e outro atrás. Parámos no caminho para fazer as necessidades. Eles pararam o trânsito, tinham um processo de defesa com os carros que acompanhavam, celulares, ficavam para dar oportunidade de nós virmos, depois saia um, tinha que sair o outro. E lá fiquei até sair para Caxias novamente. Saí de Caxias, estava internado no hospital com vários problemas. Saí do hospital à meia-noite, fiz uma direta, de manhã já

estava em Peniche à espera dos outros - que saímos quatro nesse dia. Uma grande festa com os amigos, viemos todos por aí fora, inseridos no processo.

Já não pude ir para a TAP, só entro para a TAP com o 25 de abril, com a amnistia aos presos políticos. Foi dramático, porque eu tive várias pessoas com influência na TAP, que queriam que eu fosse reintegrado, e a informação que a PIDE dava era que não podia ser. Havia a tese que se eu fosse reintegrado, (...) era porque me tinha portado mal: porque tinha denunciado. Eles não quiseram correr o risco e não me quiseram aceitar.

Eu saio da cadeia, a primeira coisa que faço e ir agradecer aos companheiros que faziam o ordenado todos os meses, mas que eram centralizados pela Comissão de Socorro aos Presos Políticos. O que é hoje a URAP, União de Resistentes Antifascistas [Portugueses], a herdeira dessa comissão que foi criada para dar apoio aos presos políticos - para organizar colónias de férias para os filhos dos presos, para dar algum apoio, alguma solidariedade. Intelectuais, algumas pessoas que tiveram na formação dessa comissão, de grande valor democrático, antifascistas, que se arriscaram e que também tiveram o seu papel na história - grande parte deles já desaparecidos, mas que fica bem de vez em quando lembrar-nos deles. Porque correram riscos para solidarizar. Centralizávamos a cotização dos companheiros de trabalho, até formar o ordenado dos que tinham filhos, conforme o ordenado que cada um tinha. Enquanto eu estive preso, só nos últimos meses comecei a ter algumas dificuldades, porque começou a haver um desleixo, começou a haver uma desorganização, a coisa começou a falhar. Mas, durante aquele período quente, nós sentíamo-nos confortados. Com os amigos que às vezes nos podiam ir visitar, as informações que nós tínhamos, a solidariedade era imensa.

Quando eu saio da cadeia a primeira coisa que faço é ir visitar os companheiros de trabalho, mas como estava impedido, com os direitos políticos e não podia frequentar os sítios que me tinham levado à prisão, que tinham dado argumento para que eu fosse para a prisão - era a TAP, era os sindicatos bancários, que eles diziam que eu não podia frequentar, os metalúrgicos. Sítios que eu não podia [ir], que eu tinha os direitos vedados. E eu queria continuar a trabalhar. Concorri a umas sete ou oito empresas, todas zonas de Cabo Ruivo - algumas aceitavam-me, mas quando sabiam já não tinha hipótese nenhuma.

Na TAP, na esperança de ir para lá trabalhar, fui falar com eles. Fui informado que era desconhecido - não podia ir à TAP. Até à entrada, depois com o 25 de abril, com a apoteose. Queriam até que fosse para outros cargos, que não fiquei, fiquei sempre como execução - até vir novamente para a direção do sindicato [dos metalúrgicos].

Fui eleito, logo imediatamente houve eleições. Fui eleito para a direção do sindicato. Comecei a trabalhar logo no sindicato. Formámos um sindicato obedecendo às orientações do Movimento Sindical Unitário, da Intersindical, formar um sindicato por ramo de atividade - em vez de ter 20 sindicatos na TAP, formar um, que era o nosso objetivo. Formámos um, que dava condições para todos os trabalhadores que podiam ser sócios, que é o SITAVA - felizmente foi-me atribuído o sócio número um, fundador - hoje ainda sou sócio desse sindicato. Que é o maior sindicato do sector, que tem as suas características próprias, mas não era o sindicato dos metalúrgicos, era um sindicato com as características com alguma especialização - é diferente. Mas que teve o seu papel no momento e que ainda hoje está consolidado. Deixei de estar nos metalúrgicos, mas sempre ligado aos meus companheiros, que foi lá que eu ganhei raízes e fiz algum trabalho que eu julgo que é positivo".

Manuel Custódio

Ano nascimento: 1938
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 08-10-2021

"Eu tenho consciência que a primeira vez que senti uma revolta assim indignada foi quando eu estava em Aljustrel, na feira de Aljustrel. Na feira, portanto, que é em Junho de 1954, aparece lá a informação que eles - o Carrajola, o Tenente Carrajola - tinha matado a... [Choro] Vocês desculpem, mas isto… A gente emociona-se, sempre fui assim emotivo. Chegou lá a notícia que o Tenente Carrajola tinha matado a Catarina Eufémia. Matou a jovem [Choro] com a filha às costas. Com a filha ao ombro - com a menina ao colo. Aquilo custou-me tanto tanto tanto que fiquei revoltado com o sistema.

Isto em Aljustrel. Fiz-me sócio do clube - que existia lá em Aljustrel - que era o Centro Republicano Aljustralense. E comecei a ler. Ia para a biblioteca, lia aqueles livros todos. E comecei a tomar uma certa consciência que não tinha.

Em 1958 temos a informação que o Arlindo Vicente vai a Aljustrel - que era candidato a Presidente da República - ia passar em tal sítio, para a gente estar lá à espera dele. A gente lá estávamos - eu e outros. A GNR em cima dos cavalos, empurravam os cavalos contra a gente. Depois fizemos um desfile desde lá daí até ao ponto em que depois o Arlindo Vicente falou para as pessoas. É aí, nesse desfile, a descer com o Arlindo Vicente por aí abaixo que eu ganhei consciência de que era preciso ajudar quem lutava contra o sistema.

Depois vim para Lisboa. Isto foi em 58, depois vim para Lisboa nesse ano depois a seguir, vim para a Marinha. E comecei na Marinha também a falar destas coisas. Em 1970, quando sou preso, já sou dirigente da Cooperativa Piedense - que era a maior cooperativa de consumo da Península Ibérica.

Atividades políticas? Quais eram as atividades políticas que a gente tinha? Era fazer sessões culturais, convidar a Maria Lamas... [Fizemos] um debate sobre a luta das mulheres - sobre a vida das mulheres - e convidou-se a Maria Lamas, lá na Cooperativa Piedense. Fez-se o debate e vocês nem queiram saber, aquilo estava cheio de PIDEs. PIDEs! Informámos a Maria Lamas. Começámos ali a ver se era bom ela vir, não era bom ela vir - e ela já não veio. Já não veio por causa que podíamos arranjar ali um conflito.

Eu estava na Marinha e sou preso. Vai uma delegação - uma delegação não, uma ronda com um Oficial, um Cabo, um Armeiro, ... Uma ronda de 5 ou 6 pessoas lá a minha casa, às 7 da manhã: «O senhor está preso!». [Eu]: «Então mas estou preso porquê?». E mostraram-me uma coisa da PIDE. Ora a PIDE foi ter com o Chefe de Estado-Maior da Armada e queria que o Chefe de Estado-Maior da Armada [me] entregasse, para ser preso. «Mas porquê?». E então mostraram qual era a [acusação]: por participar em atividades subversivas internas e externas contra o Estado. Esta é a chapa. Atividades subversivas contra a segurança interna e externa do Estado. Foi por isso.

O Chefe de Estado-Maior da Armada, que era o Almirante Crespo, disse: «Sim senhor, espere aí. A gente tem serviço de justiça». [Choro] Olharam lá para a minha biografia, para o meu processo: «É um homem normal, está bem classificado aqui na Marinha. Não. A gente não lhe entrega o homem. A gente vai levantar um processo. Nomeia-se um Oficial, faz-se um interrogatório ao homem. Depois vai a tribunal e se depois se confirmar o que vocês dizem é condenado, se não vai para a rua».

E assim aconteceu. Estou lá 6 meses preso, numa prisão da Marinha. E vou sendo entrevistado. Mas, entretanto, ia à PIDE também. Estava lá na prisão e havia uma ronda da Marinha que me levava à PIDE para ser também interrogado na António Maria Cardoso.

Epá, mas eu vi o ódio que eles me tinham: «Desta vez safaste-te. Mas põe-te a pau. Põe-te a pau. Tu não vais fugir da gente. A gente vai-te caçar». E era assim. «A gente vai-te caçar».

Faziam lá aquelas perguntas que entendiam, eu respondia também aquilo que entendia e voltava outra vez para a prisão. Isto foi assim durante o tempo que eu tive preso. Fui uma série de vezes à António Maria Cardoso para ser interrogado. (...) Aí nunca houve agressões, nunca houve nada. Fui julgado, fui absolvido e voltei para a Marinha. E continuei a levar uma vida normal na Marinha. Mas aí fora rebentaram os helicópteros - não sei se ouviram falar daqueles helicópteros lá em Tancos - e outras coisas assim. E a PIDE pressionava o Chefe de Estado-Maior, [diziam-lhe]: «Qualquer dia faz-te o mesmo aí! Derruba-te aí o navio, mete-te o navio no fundo!». Não sei se foi por isto, isto estou eu a pensar. E o Chefe de Estado-Maior já não me aguentou mais e pôs-me na rua.

Saí da Marinha em Junho de 1971. Fui para casa, mas disse: «Epá, os gajos têm-me um pó danado, eles vêm-me buscar». Andei por ali a cheirar, não havia assim nada - fui para casa. Uma noite estava em casa, às 5 da manhã entram-me os PIDEs lá pela casa adentro. Foram-me lá buscar e levaram-me então para Caxias. Para Caxias não, para a António Maria Cardoso. Só depois da António Maria Cardoso é que vou para Caxias.

Portanto, sou preso e sou interrogado logo ali à maneira. Estou logo ali um período de 5 dias e 5 noites sem dormir, agredido de toda a maneira e feitio. Ao fim de 5 dias e 5 noites acharam que eu estava em condições de já não aguentar, mandaram-me para Caxias. Em Caxias estou lá uma semana, ao fim de uma semana vieram-me buscar outra vez para outro interrogatório. Aí já não estou 5 dias, estou 8 dias e 8 noites sem dormir. E quando acharam que eu já estava, também já coiso, mandaram-me outra vez para Caxias, deixaram-me estar lá uma semana a descansar. Ao fim de uma semana foram-me buscar. E então eu já estive 12 dias e 12 noites sem dormir. Mas como a gente ao fim de 12 dias e 12 noites não se consegue já segurar, então um PIDE pegava-me num braço, outro PIDE pegava-me noutro braço e andaram comigo assim aquele tempo todo. E era sempre à porrada, sempre à porrada. Tinha de dizer isto, tinha de dizer aquilo - dizer o que eles queriam, não é? E uma das sensações que eu senti foi que eles queriam-me destruir. Não era matar-me, mas queriam-me destruir psicologicamente. O que eles diziam da mulher…: «Tu estás aqui, mas a tua mulher anda lá...!». Quando acharam que eu já devia estar nesse estado de dar em maluco, mandaram-me lá para uma sala e lá fiquei na sala.

Não sou julgado! Não, não sou julgado. Eles devem ter pensado que eu já estava acabado e arranjaram para ali para eu dar 15 contos: «Você vai ser posto em liberdade, vai pagar uma indemnização de 15 mil escudos e vai-se embora».

Portanto eu sou preso pela PIDE, depois sou posto na rua, depois ninguém me arranja emprego. Ninguém me dá emprego. Toda a gente gostava da gente - dos maquinistas navais da Marinha - e toda a gente lhe arranjava emprego. Mas quando eu tinha que dizer que tinha sido preso, pronto, já não entrava.

Um dia encontrei o engenheiro que estava no Banco Fomento: «Ó Custódio!» - lá nos abraçámos - [diálogo]: «Então e o que é que você anda por aqui a fazer?». «Olhe, ando à procura de emprego». [Choro] Desculpem lá. «Ninguém quer dar emprego à gente. Ninguém me quer dar emprego». «Olha Custódio, tenho um sítio no Banco de Fomento, que tenho alguma influência e aí é possível que a gente depois veja isso. Você descanse lá que depois se eu arranjar alguma coisa, depois eu telefono». E ele telefonou-me! «Olhe, você vá lá à Construtora Moderna fale lá com o diretor, que ele já sabe. Você e capaz de ir para lá trabalhar». Pronto, foi assim que eu fui para a metalúrgica, que naquela altura era a Sorefame. E lá fiquei. Lá fiquei até vir para a Marinha outra vez. [Risos]

Dá-se o 25 de abril, a madrugada que a gente esperava e pela qual lutava! [Choro] Foi uma alegria que você nem faz ideia. Foi o dia mais feliz da minha vida! E depois da Marinha recebi a informação que ia ser reintegrado. Pronto e depois fui reintegrado na Marinha. Vim para a Marinha e estive na Marinha até passar à reserva, em 1995. Entrei em 75 na Marinha - reparem bem - e era para ter entrado logo em 74, mas depois aquilo deu ali aquelas burocracias, (...) portanto só entrei para a Marinha em Junho ou Julho de 1975. Quase um ano depois do 25 de Abril - quase um ano não, um ano depois do 25 de Abril. Fiz a minha vida na Marinha até me vir embora em 1995.

Isto criou-nos a compreensão e a importância de um regime democrático. Se não fosse esta passagem não me tinha apercebido da importância de vivermos em democracia. Hoje, [para] as pessoas nasceram depois do 25 de Abril isto é tudo natural, mas naquela altura não era.

Eu tenho noção e consciência que se ignorarmos a história estamos obrigados a repeti-la outra vez. Esta é a minha consciência. Se as pessoas esquecerem a história estamos condenados a repeti-la!".

Manuel Martins Pedro

Ano nascimento: 1931
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 14-10-2021

"Sou filho de um operário. De um operário que era comunista. Durante a guerra era preciso contê-lo, porque ele às vezes perdia as estribeiras e começava a gritar: «Stalin! Isto precisa aqui é de um Stalin!». Isto não me dizia nada (...).

O Bairro da Ajuda era um bairro praticamente só de operários e, portanto, era natural que eu fosse contra o Salazar. A noção de fascista, do que era o Partido Comunista, não tinha.

Era um bom aluno, dos melhores alunos da escola. Mas acabei a escola e um mês depois fui trabalhar, com 11 anos, para o Tavares Rico - não sei se vocês sabem o que é o Tavares Rico. Fui trabalhar de calçõezinhos. Como andava sempre descalço fui calçado, até ter uma farda. Fui viver para um quartinho no Bairro Alto, porque eu (...) começava a trabalhar às 9h na limpeza, depois a partir da uma hora a atender os clientes e às vezes trabalhava até às 5h da manhã - cheguei a adormecer em pé, encostado a uma parede, mas a adormecer com o patrão a sacudir-me.

Tavares Rico era nessa altura o mais célebre restaurante do país e ainda hoje está quase - em relação aquilo que eu conheci - na mesma. Era onde se concentrava a gente rica deste país, especialmente detentores de poder político e estrangeiros. E era um centro, também, de espionagem. Eu conheci alguns, um deles ainda estava vivo após o 25 de abril e ia ainda ao Tavares, embora estivesse a viver em Espanha - depois do 25 de abril regressou a Lisboa. Era um americano. E este era o meio em que eu vivia.

Pagavam-me 30 escudos por mês. Nunca recebi, porque com os 30 escudos tinha de pagar a farda [Risos] que o Tavares queria que eu usasse - eu e os outros, eramos cinco - e comia. Davam-me de comer - que era mau, é estranho, mas que era mau - mas era comer, pronto.

Eu vivi nesse quarto. Era gente muito boazinha. Dormia com um miúdo que trabalhava na cozinha, da minha idade, na mesma cama para ser mais barato. A senhora da casinha, todas as noites, nos primeiros tempos, tinha água quente à noite para tratar dos pés. Tinha os pés todos feridos porque não estava habituado a andar calçado.

Durante anos não vivi em casa dos meus pais.

A guerra acabou, os clientes desapareceram - eu vivia das gorjetas, ganhava muito bem. Entregava tudo à minha madrasta, porque, entretanto, o meu pai e a minha mãe separaram-se e o meu pai casou com uma senhora. Eu dava todo. Não pagava passe, não tinha de pagar refeição. O Tavares Rico já praticamente não tinha clientes, por isso eu regressei a casa.

Entretanto fui a um concurso no Banco Lisboa e Açores. Estudei que nem um maluco - tinha deixado a 4ª classe, durante cinco anos nunca mais estudei, mas fiquei apurado. Estava muito feliz porque ia ser empregado bancário. (...) Aos 18 anos automaticamente passava-se para a carteira - era assim que se dizia - tudo bem.

E comecei a estudar à noite. Na escola noturna de Ferreira Borges, em Alcântara. Entrou para lá um novo diretor, que era diretor de uma escola comercial e decidiu alterar os estatutos relativamente às questões que envolviam o pessoal. Portanto a passagem automática aos 18 anos acabava, tinha de ser submetido a um concurso. Eu estava à beira dos 16, já não me lembro. E disse: «Bem, toca é de arranjar um novo emprego, que isto não vai resolver nada».

O meu chefe - eu trabalhava sozinho num gabinete com um senhor que era o chefe do gabinete, por onde entrava toda a correspondência, dinheiro, etc. - arranjou-me emprego numa fábrica de curtumes em Sacavém. Eu fui trabalhar para lá e aquilo foi muito doloroso. Fiz esse trabalho de organizar o escritório e a contabilidade, a trabalhar todos os dias. Os operários trabalhavam todos os dias por turnos - e eu fiz isso, não por turnos. E quando aquilo acabou eu disse [diálogo]: «Eu agora deixo de vir aos domingos». «Não deixas não». «Deixo, deixo». Resumindo, despediu-me. Uma semana depois aparece-me um recado em casa do meu antigo chefe lá no banco a dizer que tinha um emprego para mim [Risos] e eu disse: «Ó minha mãe!».

Fui trabalhar para um armazém de bananas, na rua de São Bento. Aprendi a tratar das bananas. Escrevi uma carta para vários bancos e companhias de seguros a pedir emprego. Só houve uma que me respondeu a dizer que não havia nenhum concurso próximo, mais ninguém me respondeu. Nunca mais pensei nisso. Estava no armazém das bananas quando recebi em casa uma carta a dizer-me que ia abrir um concurso, se eu queria concorrer para ir lá à companhia e inscrever-me - e eu fui. Cheguei a casa e disse ao meu pai: «Pai, não conto com nada. Eu não tenho uma cunha, aquilo é tudo gente com melhor preparação do que eu». Mas fui.

Fui e fui aprovado, fiquei em primeiro lugar - apuraram seis e eu fiquei em primeiro lugar. Tornei-me numa espécie de estrela da companhia. Resumindo, nessa altura na companhia de seguros houve um colega que me levou para o cineclube Imagem. O movimento cineclubista estava a ter um grande impacto no movimento antifascista de norte ao sul do país, com destaque para o norte, na altura. Eu fui e estava a ser organizado o cineclube Imagem. Eu fui para a comissão organizadora, depois fui para a direção - mais tarde, quando o cineclube foi oficialmente constituído e se elegeu a direção.

Aí começo a ter relação com gente de vário tipo, mas vindo do meio - não era do meio pobre - gente que vivia bem, estudantes e intelectuais. Onde fiquei muito surpreendido. Era gente muito boa. E comecei a aperceber-me que havia ali gente ligada ao Partido Comunista. Eu não sabia o que era o partido e criava situações muito complicadas, porque eu era capaz, num café qualquer, se estivesse a discutir ou a falar e tivesse acontecido alguma coisa em relação à União Soviética, eu começava a falar alto e as pessoas aterrorizavam-se. Lá no meu bairro uma vez, malta da minha criação, eu estava nos meus discursos estentóricos contra os americanos [Risos] e a malta desapareceu toda - e eu dizia: «Isto é tudo gente cheia de medo».

Comecei a ouvir falar no Álvaro Cunhal, que estava preso. Deram-me um Avante assim à sorrelfa. E eu: «Um mais? Já sou sócio de não sei quê, mais não sei quê». Houve alguém que me convidou, disse: «Olhe, eu sou membro do partido…» - estávamos os dois sozinhos - «…vou para Inglaterra e queria que ficasses a substituir-me no partido». Eu fiquei todo

contente, é que fiquei mesmo. E fiquei no partido desde então. Mas não fiquei organizado nem na companhia de seguros, nem no Imagem, no cineclube.

Em 1957 há o festival da juventude em Moscovo. Chamava-se - e chama-se - Festival da Juventude Para a Paz e Amizade Entre os Estudantes. E eu fui convidado a ir. Arranjei um esquema para não trabalhar durante um mês e fui. Fomos 30 e tal, não nos conhecíamos uns aos outros. E eu não sabia - nenhum de nós sabia - que entre nós ia um bufo, um jovem que era bufo. Aquilo durou 15 dias, foi uma coisa linda, linda.

Eu para conseguir o passaporte tive que ir à PIDE. Eu pedi-o normalmente e não mo entregaram. Deram-me uma resposta e eu disse: «OK, eu vou à PIDE. Vou lá e vou reclamar porque é que não me dão o passaporte». E fui.

Apareceu-me o Inspetor, que eu depois vim a conhecer das vezes que fui preso, um gajo importante [diálogo]: «O senhor quer ir a França? Quer o passaporte...?». «Para ir a França». «Para quê?». «Gosto de pintura, gosto de coisas que há lá. Em França aquilo está cheio de coisas que aqui não temos, eu quero ir ver». Ele deu-mo. Deram-me o passaporte.

Fui atrasado, um bocado atrasado. Fui com o Fonseca Costa, o realizador de cinema, não sei se conhecem - fomos muito amigos sempre. Ele e a irmã, que faleceu agora em janeiro. Muito, fomos os três amicíssimos.

Cheguei lá, tive aquela gripe asiática - que não tinha tido em Portugal - fui tê-la lá seis meses depois. Internaram-me. Eu não queria que me internassem, queria uma aspirina. Eles tinham um serviço de assistência médica por todo o Moscovo. A médica ria-se, dizia: «Niet, niet!». Lá fui internado. No dia seguinte estava bom e queria ter alta - eles: «Não, nem pensar». Depois percebi que estive um bocado mal. E vivi o festival, de facto, três ou quatro dias, cinco - tinha chegado atrasado, não interessa.

Viemo-nos embora. Quando, passado algum tempo, chegámos - isto foi julho / agosto de [19]57 - começaram a prender a malta. Dois, três - nós íamos sabendo. Eu acabei por ser preso com a Ana e o Fonseca Costa em 1958, em fevereiro.

Estive três meses numa gaveta no Aljube, que é das coisas mais horrorosas. Fala-se tão pouco de uma gaveta, que é das coisas mais imundas. Não há espaço para andar, não há cadeira para sentar, não há mesa para a gente comer, não há um urinol dentro da gaveta. O espaço, eu cheguei a medir com os braços, de largura é um metro e qualquer coisa, de fundo era dois metros e picos - não tinha espaço, portanto. Para andar tinha que me movimentar sempre apoiado num pé. Saí de lá coxo. Ao terceiro dia [Risos] ao almoço - eu cheguei à noite, não me deram de jantar.

Eu não tinha dinheiro, tinha cinco tostões. Já estava casado, tinha uma menina e levava cinco tostões, eu vivia muito mal também depois de casar. Casei-me em condições de não haver muito dinheiro para poder casar minimamente bem - minimamente.

No outro dia não me deram de jantar. Já tinha saído às 6 horas, eu cheguei lá por volta das 3h da noite. Não me tocaram, fizeram-me as perguntas da praxe. No dia seguinte vieram dar-me comer, abriram as portas daquilo que nós chamávamos os curros - aquilo era escuro, tinha uma lâmpada de 25 velas, era alto e as paredes eram um cinzento escuro - e vão-me levar um prato de sopa. Passado um bocado o sargento que andava a distribuir a sopa veio perguntar-me se eu queria mais, eu disse: «Não, obrigada». Foi-se embora.

Passado um bocado começam a fechar as gavetas - a gente chamava gavetas ou curros. Fecharam a minha, eu comecei a bater, a bater e o guarda veio e disse [diálogo]: «Que foi?». «Então e o segundo?». «Segundo, qual segundo?». «Então, eu só comi a sopa!». «Não lhe ofereceram mais?». «Ofereceram». «Então, não quis!». «Pois, eu quero é comer alguma coisa sólida». «Ao almoço só há sopa». [Risos] E eu dei uma gargalhada, que eu sou brincalhão e otimista nestas coisas.

Três dias depois comecei a sentir muita comichão na pele. Chamei o guarda João, que até era um homem porreirinho [diálogo]: «Ó senhor João, arranje-me DDT…». Nesse tempo o DDT servia para tudo, não sei se ainda se lembram do DDT - «…arranje-me um bocadinho de DDT». «Para quê?». «Tenho a cama cheia de pulgas, estou cheio de comichões por todo o lado». «Qual pulgas, qual comichões. Daqui a três dias já não tem comichão nenhuma». «Estou a falar a sério!». «Isso não é nada, isso é poeira». «Poeira?». «Sim, eu estou aqui há não sei quantos anos. Esses cobertores nunca foram lavados». «Hã?!». «Essa roupa aí nunca foi lavada. Daqui a uns dias passo aí». E foi assim.

Três meses depois saí com frieiras na pele, a coxear - por causa do tal pé que não assentava. Dois ou três meses depois dei entrada de urgência no [Hospital] Curry Cabral, estava com uma inflamação nas ... - já não me lembro como é que chamaram aquilo. E estive muito mal. De tal modo que o médico chegou a pensar que eu estava com um tumor, mas não estava. Ao fim de um mês e meio - deram-me de comer, muito comer - vim-me embora. Ainda tenho efeitos desse período.

Sou admitido na companhia, não sou despedido. E sou convidado para ir fazer o controlo do organismo de direção dos empregados de seguro - não conhecia nenhum deles, mas um deles era o presidente do sindicato. E fiz esse trabalho durante algum tempo, sendo membro do cineclube. Os comunistas não se conheciam, era proibido. Disseram-me logo quando entrei no partido: «Nem ao teu pai digas». Foi uma coisa que me custou muito, mas paciência, não disse.

Depois veio um segundo controleiro - que era como nós chamávamos - que não batia bem. Teve muita influência na minha vida prisioneira e política, porque enganou muita gente. Isso é outra história.

Há as eleições. Eu saio [da prisão] em fevereiro, durante a campanha eleitoral do Delgado - aquilo foi uma loucura, você nem imaginam. Estive em casa do Delgado. Ainda fiz parte de uma equipa - quando ele estava cercado pela PIDE em casa - para ir a casa dele e sacá-lo à força, armado. Mas ele não quis, arranjou outra solução que eu já não me lembro qual foi, e foi-se refugiar na embaixada do Brasil. Depois foi assassinado pelo Rosa Casaco, que é conhecido também... canalha.

A seguir a essas prisões, deram-se muitas prisões entre os comunistas. A malta desbragou toda. Começou a identificar-se uns aos outros, no meio daquela alegria das manifestações. Quando o Salazar se apercebeu caiu sobre a malta com uma violência...

Quando fomos esperar o (...) Delgado quando vinha do Porto, desceu em Santa Apolónia, uma manifestação medonha para o esperar. Íamos entrar no Rossio e estava a polícia e começou a disparar a sério.

Tempos depois, eu fazia parte de uma comissão - já não me lembro como é que se chamava a comissão - e um belo dia, de não sei quantos que eramos [só] apareci eu e

outro. E decidimos que a comissão acabava. [Risos] Porque seguramente nós eramos os dois que faltavam e aqueles estavam a aguardar qualquer coisa - e estavam.

Eu já tinha sido denunciado, por esse louco que tinha sido meu controleiro, e sou preso. Sou preso com o organismo de direção de seguros, que estavam presos há dois meses - eu não sabia (...). Neguei tudo. Sabiam de tudo a meu respeito - quota, pseudónimo. Eu disse: «É tudo mentira, não me chateie».

A segunda vez fui preso no emprego. Ia passar à clandestinidade, três dias ou quatro dias depois - mas a vida de partido clandestino era uma vida que eu depois conheci. A gente via-se de mês a mês e quem me iria buscar foi preso - era o Brito. Eu não soube - e se alguém soube também não tinha condições para me contactar. Eu tinha estado em casa do Fonseca Costa - que ele tinha mudado de casa para junto da Estrela. Estive em casa dele a trabalhar na passagem à máquina de um documento sobre uma matança em Cabo Verde - uma matança de malta negra que foi fechada num barracão até morrer sufocada. Estive 15 dias em casa dele a bater esse documento. Digo assim: «Bem, se não me vierem buscar dentro de dois ou três dias, vou ser preso», porque me disseram para regressar ao emprego, regressar a casa. [Pensei]: «Bem, se regresso ao emprego sou preso». Depois de sair da prisão por ter ido a Moscovo, estes 15 dias desaparecido…

Bom, fui preso. Fiz uma cena, tratei mal o diretor. Fiz uma cena dos diabos na companhia. [Perguntei] porque é que deixava entrar aqueles sujeitos ali dentro. Ele foi a correr lá à sala onde eu estava a ser preso - ele estava aflito. Os PIDEs estavam atrapalhados. Vi-me livre de tudo o que tinha comigo, porque eles estavam apardalados, não esperavam uma reação daquelas da minha parte. Eu estava, de facto, com uma fúria. E sou preso.

Estive dois meses isolado, à espera todos os dias que a PIDE me fosse buscar. Porque eu recusei-me a dizer o que quer que fosse, eles mandaram-me para Aljube e disseram-me: «Amanhã vamos buscá-lo e começamos isto a sério». Portanto eu estive dois meses à espera que eles me fossem buscar - que é uma coisa horrível.

No Aljube a gente sentia chegar as carrinhas, que eram Volkswagen, ouvíamos abrir os portões, ouvíamos o telefone - eram eles lá de baixo a dizer ao guarda para ir buscar o preso tal, a qualquer dia, a qualquer hora do dia ou da noite. Portanto o tempo está suspenso. Eu passei dois meses, que comecei a sentir mal. Mandei um recado para a secretaria. Queria ir ao médico, porque eu queria ir à polícia. No dia seguinte estava a ser ouvido pelo médico e eles estavam todos de boca aberta porque eu dizia: «Eu quero ir à polícia acabar com isto». O que é que eles pensaram? Que eu queria ir à polícia para falar. [Risos] E ele mandou-me ir.

Cheguei à polícia e tinha um quadro um bocado assustador. Eram não sei quantos PIDEs e era gente que me conhecia. [Diziam]: «É ele. Este é o senhor Manuel Pedro». E havia um que dizia: «Não fala e, portanto, eles não vos põem em liberdade!». Eu estava encostado à parede e berrava: «Fascistas! Aqui não conheço ninguém, é só fascistas, são todos fascistas». Aquilo acabou, mandaram-me embora e no dia seguinte chamaram-me. [Risos] Começaram outra vez, mas agora só o chefe de brigada comigo. Ele sentado numa mesa e eu à frente de pé, com dois PIDEs, eles nunca faziam esse trabalho sozinho: «Não sei quem é esse. Não tenho nada a ver com esse sujeito que ontem falaram». A certa altura o tipo diz: «Você é louco!» e eu debrucei-me sobre a mesa, encostei a minha cabeça à dele e dizia «Louco é você!». [Risos] O homem ficou assim esparramado a olhar, mas de repente

saltou e desatou à bofetada. Eu encostei-me à janela gradeada, de olhos abertos, a olhar para ele e comecei a dizer: «Eu vou-lhe dar um murro ou uma cabeçada». E ia-lhe dar uma cabeçada - esfrangalhavam-me! Ele percebeu que eu não estava bem, parou. Parou e acabou tudo. Fui-me embora, mandaram-me para a enfermaria, para sair dessa cela.

Depois tive cerca de 18 meses na enfermaria de Aljube. Da enfermaria fui para Caxias. Em Caxias tive, não chegou a 15 dias. Depois de Caxias fui para a prisão da PIDE no Porto, onde estive três anos. Depois fui para Paços de Ferreira, estive seis meses. E quando estava mesmo a chegar ao fim das medidas de segurança - eu já tinha cumprido a pena: apanhei dois anos e um mês de prisão e já ia nos cinco anos e tal de prisão. Mandaram-me para Peniche e em Peniche ouviram-me para a liberdade condicional.

Queriam que eu assinasse um documento em que aceitava as condições em que era libertado para a liberdade condicional. Faltavam-me três meses para acabar os três anos de medida de segurança, que poderiam ser prolongados por mais três anos indefinidamente - era a prisão perpétua se eles quisessem. E ele queria que eu assinasse o documento. Eu disse [diálogo]: «Não assino o documento sem ler». «Mas o senhor duvida daquilo que eu estou [a dizer]?» - ele leu [o documento]. «Não, eu não duvido. Porque é que hei de duvidar? O senhor leu em voz alta e eu percebi que estava a ler o que estava no documento. Mesmo não assinando o documento sem ler, eu percebi perfeitamente, mas não assino». E não assinei por uma razão muito simples - é que eles queriam, no documento, que eu garantisse que não voltava ao Partido Comunista Português. Queriam que eu, naquele documento para a minha liberdade condicional, admitisse aquilo que não tinha [admitido até lá]. Disse: «Não, não assino. Não vale a pena». O homem estava desesperado.

Um camarada meu, que é o Manuel Pedra, teve a mesma atitude. Levaram-no para Caxias, deram-lhe uma tareia tão grande que ele enlouqueceu. Vim a vê-lo a última vez - e a primeira depois de sair da cadeia - no Hospital Miguel Bombarda. Parecia outro homem, a olhar para mim com um ar assim muito triste. Era outro homem.

Mas a mim não me bateram. Só que saí no último dia e com dez contos de caução - e nesse tempo dez contos era dinheiro - que a malta da companhia de seguros e malta amiga deu.

Aqui há uns episódios com a minha segunda filha, que nasceu uns dias depois de eu sair da primeira prisão. Coitadinha, julgava que eu não tinha pernas. Porque a única coisa que ela tinha conhecido de mim era uma fotografia que tinha em casa em tronco, depois ia-me visitar ao Porto - e nós estávamos à espera das visitas sentados e, portanto, só me via sentado. Nesse ano a única vez que durante aqueles 11 anos tive visita em comum - tirando as vezes que tive no hospital - ela viu-me a pé, a andar. E passámos a visita toda a gramá-la a chorar - chorou todo o tempo. A mãe é que lhe conseguiu arrancar-lhe a razão: é que afinal eu tinha pernas.

Em [19]64 regressei à companhia. Eu fui sempre readmitido na companhia, mesmo antes do 25 de abril - um mês antes - tinha recebido uma carta a dizer que eu estava readmitido, porque eu ia sair. Tinham acabado as medidas de segurança, não tinha de cumprir esses três anos e ia ser readmitido.

Em [19]64 saio e 15 dias depois vem um camarada, que eu conhecia, dizer-me que eu tinha encontro marcado em Sintra, para eu ir a esse encontro. Foi-me posta a questão de passar à clandestinidade - que já tinha sido posta da outra vez. Passei à clandestinidade, levando

comigo, logo, a minha companheira, a minha filha mais velha e a filha que julgava que eu não tinha pernas - que tinha na altura 8 anos e andava na 1ª classe.

A mais velha estava no 1º ano do Liceu. E fomos.

Nessa noite, cansados, exaustos. Tínhamos ido uma semana antes comprar uns móveis baratinhos, para montar uma espécie de casa. À meia-noite estava a pôr uma tranca na porta, batem à porta a murro.

Deu-me uma fúria. Virei-me para a mulher e para as filhas e disse: «Desculpem. Devo ter cometido muitos erros, porque a PIDE está aí». Eu dei um berro, lembro-me tão bem: «Quem é?!». E uma voz muito tímida: «Desculpe, senhor Padre, é que o meu tio está a morrer e quer a extrema unção». Eu disse: «A igreja é aqui ao lado, a casa do padre é aqui ao lado desta!». [Risos] Depois virei-me para dentro, com a boca tapada ria, ria de satisfação, porque aquilo não cabe na cabeça de um piolho. [Risos]

A clandestinidade, com muitas coisas, grandes dificuldades, falta de dinheiro. Ao fim de seis meses o controleiro, que era um camarada da direção do partido, foi preso. Fiquei desligado, sem dinheiro, sem nada. Não podíamos ir, que eu era o responsável pelo Baixo-Ribatejo, que agora chamam-lhe Lisboa e Vale do Tejo. O Baixo-Ribatejo que era uma zona imensa, que ia de Loures quase até Santarém. Mas não podia passar por zonas que fossem controladas por outro camarada - que eu não sabia quem era - para não haver cruzamentos e encontros e o perigo de levarmos a PIDE atrás de nós e identificarmos outros.

Por um lado, procurar ganhar trabalhadores para o partido. Depois era estruturar a organização, para a criação de um secretariado clandestino - tudo clandestino. Depois, em função disso criar condições de natureza unitária para se desencadearem lutas por melhor salário, contra isto ou contra aquilo - que aquilo era uma desgraça. Por exemplo, uma comissão organizada por membro do partido, numa empresa cujo nome agora não me lembro, era composta por um católico, dois sem partido, por um comunista - mas o homem que militava aquilo tudo era um que não era do partido, mas que tinha uma importância muito grande em relação aos outros operários. Nós conseguimos pôr isto a funcionar independentemente de quem é que tomava a dianteira daquele colectivozinho. O meu camarada Veloso, quando eu lhe disse isso, disse [diálogo]: «Ó Manuel, diz lá ao camarada que não largue esse. Operários desses é que a gente quer». «Que não largue como?». «Então, se ele for ao futebol, ele vai ao futebol com ele. Se ele for pescar, ele vai pescar». [Risos] Quando eu disse isto, o camarada olhava para mim: «Eu ao futebol?». «Sim, sim, vais ao futebol». E passou a ir! E passou a ir buscar os membros mais responsáveis do Partido, lá da direção do Partido, em cargos importantes. Veio para o Partido com 18 anos - eu digo que tinha 18, ele diz que tinha 19. Não interessa.

Sofríamos um golpe aqui, um golpe acolá. Era tentar reconstruir. Era difícil, porque os golpes eram muitos, as prisões eram muitas. Era este trabalho permanente, construir, reconstruir. Organizar, criar organismos. Mobilizar para a clandestinidade quando houvesse condições para isso. Tínhamos que conhecer onde é que havia polícia, escolas. Em Vila Franca nessa altura e no concelho só havia uma escola. A gente procurava recrutar muitos jovens da escola de Vila Franca, porque dali saiam jovens quadros para o trabalho administrativo das empresas, ou para o trabalho fabril. E, portanto, aquilo era um alfobre. Era um dos objetivos, era onde tínhamos mais jovens que frequentassem a escola. E a

certa altura havia grupos com malta com o Marx debaixo do braço e pelas estações a discutir.

Isto era difícil para a PIDE, porque são grupos de jovens, que se percebe que existem por todo o lado, e que eles não conseguem dominar. Procuram depois, nuns casos conseguiam, noutros casos não. Mas era um trabalho permanente.

Para entrarmos em casa dos camaradas com quem estávamos a trabalhar, tínhamos encontros marcados antes de lá ir. Deixávamos um sinal a uma certa distância, se não estivesse o sinal não avançávamos, ou iam lá. E nestas coisas encontrei as coisas mais deliciosas. Não era fácil, a gente chamava a isso os pontos de apoio. Encontrei coisas cómicas e ternurentas.

Uma coisa cómica [Risos] era a casa do Batata. O Batata era casado, era operário na SODAPOVOA, creio eu. A casa era próxima e ficava junto à linha do comboio. Eu ia para casa dele aos sábados e a partir daí movimentava-me pelo Baixo Ribatejo. Aos sábados ia ter com ele a um certo sítio, que era a taberna, onde ele ao sábado ia descansar. E lá estava ele, estava a uma certa distância, estava tudo bem e eu ia. Ele era casado tinha uma filha já quase mulher que vivia com ele. E, portanto, alguém se ia lixar. A mulher dormia com a filha e o Batata dormia comigo. Só que o Batata, quando chegava a casa já ia com os copos. [Risos] Então de noite eu não dormia, porque de vez em quando lá vinha a perninha do Batata para cima de mim! E eu sacudia a perna do Batata e ele resmungava.

Coitadinhos, quando souberam que eu não queria voltar lá mais, por causa de um funcionário que fez uma alarvidade. Eu não pude usar mais esse ponto de apoio. O marido encontrou-se comigo, longe dali. Eu disse: «Olha, eu não posso lá voltar». E ele disse: «Pois, nós calculámos. Ela desatou a chorar quando calculou que tu não voltavas». Era gente muito boa.

Outra é uma cena de uma ternura. Eu tinha dificuldades em ter pontos de apoio, eram sectores muito batidos pela PIDE, gente muito queimada - queimada é gente que estava identificada pela PIDE, ou que tinha estado preso. Então havia um professor (...) tinha sido operário na fábrica da loiça, fez o quinto ano e foi ser professor numa escola industrial - numa área que agora não me lembro (...). Eu tinha encontros com ele em Sacavém. Sacavém estava-me vedado, porque tinha havido uma grande vaga de prisões e aquilo era uma localidade adjacente a Sacavém.

Eu chegava aos fins de domingo cansado e não tinha para onde ir. Tinha que ir inventar. Andei a convencê-lo em duas ou três reuniões para deixar-me ir dormir lá a casa, fazer de ponto de apoio para mim. Ele dizia: «Não, camarada. E a minha mulher? Aquilo tem muita gente, conhecemo-nos todos». Mas eu tanto bati nisso que um dia cheguei à noite e disse: «Tem paciência, eu estou esgotado» - e estava, mas fiz de propósito - «Estou mesmo esgotado, cheio de fome. Tu vais-me deixar ir dormir a tua casa, tem paciência. A tua mulher que tenha paciência e que aguente». E ele foi e levou-me. Eu entrei, a mulher estava na cozinha. No meio da salinha por onde entrei havia um berço de bebé e havia um puto, estava a dormir no quarto deles. Ao que parece dormia com eles. (...) E eu ouvi uma grande discussão lá dentro na cozinha e pensei: «Bem, estou tramado». Era a mulher a ralhar com ele. [Pensei]: «Ele tinha razão». De repente aparece a mulher, encabrestada pela sala dentro: «Ó camarada!». Eu fiquei assim! [Ela]: «Este estúpido! Não dizia que tu eras um camarada, mas não papei aquela história que ele me contou que tinhas vindo aqui para

arranjar uma casa. Que ficavas cá esta noite para andares de dia a ver casas…» - que eu tinha contado a história que vivia em Torres Vedras - «…. este estúpido. Deves estar cheio de fome, deves precisar de dormir». E eu estava de boca aberta a olhar para ela. [Risos] A tratá-lo mal!

Ela tinha sido operária na fábrica e aquela gente toda era malta toda comuna! Sacavém era uma terra de comunistas e ainda hoje é. Então lá queria fazer-me o jantar. Disse [diálogo]: «Não quero. Se me arranjares uma sandesinha, como». «E vais dormir na nossa cama». «Ai isso é que não vou». «Não vais dormir no chão!». «Isso é que vou». Mas aquilo foi de uma ternura tão grande. Ela tão aflita, se eu tinha comido: «Tu estás com um ar tão cansado. Este estúpido a dizer-me que eras um colega professor que queria viver aqui». Há muitas cenas destas.

A terceira prisão é uma situação muito... Eu tenho uma ideia, mas nunca houve condições para a discutir. Eu e o Veloso - que era o camarada mais responsável, que coordenava uma parte dos funcionários de Lisboa, um quadro importante do partido - tínhamos percebido que a PIDE estava em cima de nós. Nós fazíamos as nossas reuniões, o Veloso, eu e um outro que era o Cabral Matos, e a certa altura comecei-me a queixar, porque eu tinha sempre coisas a referir e o Cabral Matos nunca tinha nada. Levantei o problema «Isto é estranho. Veloso, tu primeiro até gozavas comigo. Até que também começaste a dizer: «Manuel, a PIDE está em tal sítio», «Manuel, a PIDE foi vista em tal sítio, e eu tive de fugir». Mas o outro nunca via nada.

Nós fomos para um ponto de apoio naquele edifício - era o edifício mais alto que havia no Areeiro. E esse camarada tinha lá um ponto de apoio de alguém que não era do partido, trabalhava num organismo de estado para as questões financeiras, mas era amigo dele. E deixava-nos reunir lá. Era casado com uma senhora americana, vivia bem e tinha uma bolsa da Gulbenkian para ir para a América fazer um doutoramento à maneira. Porque era um quadro importante do ministério da economia.

Eu ia para esses encontros - não sabia onde eram - de olhos tapados. Portanto eu não sabia para onde ia. Mas sei que ia muito preocupado, que dormi numa pensão ali para a Estrela, São Bento, e que não dormi quase nada. Estava tenso, com a noção de que havia qualquer coisa que não estava bem.

Fui para lá, entrei na casa - não sabia onde estava, como é natural. Fui metido num quarto, onde estava o outro. O Veloso é que me tinha ido buscar. E ali ficamos os três. Não vi o dono da casa, não vi a senhora na outra parte da casa. Eu andava adoentado, andava a tomar comprimidos para dormir. Havia só uma cama - tiramos à sorte para ver quem é que dormia na cama. Calhou-me a mim e o Veloso e o outro dormiram no chão. Eu estou a contar isto, porque depois dá lugar a uma anedota. (...) Antes da noite estivemos reunidos.

E eu levantei de novo esta questão: «Mas o que é que se passa? A gente vê PIDE, mas este camarada…» - tinha um pseudónimo, só depois é que eu soube qual era o nome - «…não vê nada. Nunca acontece nada. Nós estamos preocupados». E percebi que ia haver alterações. Nunca cheguei a falar com o Veloso, nem na cadeia, nem depois do 25 de abril sobre isso, não havia tempo. Deitámo-nos. O dono da casa tinha oferecido uma daquelas garrafas de whiskey das boas, que tinham lá dentro. Eu não bebi, que estava a tomar os tais comprimidos.

E de manhã oiço bater à porta - eram 6:50h. Lembro-me de estar virado para a porta: «6:50h? Bem, isto deve ser o leiteiro, ou o padeiro». E continuei de olhos fechados. Nisto oiço a porta a ser arrombada, levanto a cabeça, encheu-se tudo de PIDEs e de PSPs, pistolas e metralhadoras: «Mãos ao alto! Mãos ao alto! Encostados à parede!» [Risos] E eu, com uma ingenuidade do caraças, viro-me para trás e dou um berro: «É a PIDE!». Eles já se estavam a vestir! O Veloso já tinha percebido que era a PIDE - eu é que não, continuei a dormir, estava tão bem. Então levantámo-nos. Nós usávamos todos uma caixa de fósforos para queimar o que fosse possível e necessário.

Levantámo-nos, não levantámos os braços. Eles aos berros: «Braços ao alto!». [Nós] nada. Os polícias, da PSP, com um olhar muito espantado a olhar para nós e oiço um a dizer: «Olha para isto, comunistas, ali a beberem o whiskey, rica vida». Diz o outro assim: «Vê lá tu, gente desta e a dormir no chão». Ia dando uma gargalhada! Se aquilo não fosse tão tenso. (...)

Começaram a fazer perguntas: «De quem é este casaco?». É claro que o Veloso não respondeu, o outro não respondeu, eu não respondi. Levam o Veloso, com o casaco - era um casaco enorme, ele era um calmeirão. E a seguir o chefe de brigada - esse tipo terrível, um assassino - o Zé Gonçalves, vira-se para o PIDE que estava ao lado dele, que era um calmeirão também: «Segurem o homem!». E eu olhei para o lado. E o outro, o tal que nunca via nada, estava a ir pela parede abaixo, a desmaiar, suava. E eu fiquei cheio de medo.

Levaram-no e eu fiquei sozinho. Com 50kg. O Zé Gonçalves veio com o outro ao lado e traz um porta-moedas que tinha a dentada da minha filha mais nova, que é a Elsa, que nasceu na clandestinidade. [Perguntam]: «De quem é isto?». [Eu]: «Não respondo». «Diz lá, de quem é isto?». Eu estava tão angustiado. Era da Elsa, tinha a dentada dela, tinha os dentinhos e tudo: «Não respondo, não me chateie!». Eu estou a falar assim, mas era assim que eu falava com eles - isso aí tem outras consequências. E a seguir diz assim: «Daqui a dias já está de novo a fazer seguros». Não liguei nenhuma. Ele voltou a perguntar-me. Eu disse: «Não respondo». E o gajo que estava ao lado manda-me duas estaladas. Eu fiquei encostado à parede. Ele voltou-me a perguntar, eu voltei a não responder. O tipo atira-me um pontapé no abdómen, só tive tempo de me encolher. E o gajo faz-me a terceira pergunta. E eu disse: «Não respondo». Levei um soco nos queixos, como nunca levei na minha vida, mas uma coisa... Parecia que só tinha esqueleto, parecia que só tinha ossos. Até fiz um comentário para mim próprio: «Se calhar eu era mesmo dotado para jogar boxe». [Risos]

Depois levaram-me e depois fomos cada um para seu lado. Levaram cada um. Como souberam eu fui com os PIDEs. Chegamos à António Maria Cardoso, levaram-me direitinho ao gabinete do diretor. Uma honra especial. Estava o diretor, estava o subinspetor superior Sacchetti - que era um nome famoso nessa altura, porque dirigia os interrogatórios, a tortura - e estava um médico. E o diretor [diz]: «Então senhor Manuel Pedro, não se quer identificar?». Eu disse: «Não». «Então o que é que isso lhe custa?...» - e diz-me qual é a orientação do partido, que eu conhecia muito bem - «…então o senhor sabe que o partido não o impede de se identificar, que isso é de lei e não o impede. Portanto o senhor não se identifica porque não quer. Como não se identifica arrisca-se a um julgamento especial só por isso».

Fui lá para cima para a sala de interrogatórios e aí começou o bailarico. Se quiserem ir para aí... A tortura do sono é das coisas mais selvagens, mais violentas. Para sintetizar, o meu camarada Gervásio levou tanta pancada quando foi preso, que esteve três meses quase sem andar. Subia as escadas do Aljube de joelhos. Ele estava de tal modo que o guarda quis ajudá-lo e ele recusou. Encontrei-me com ele na cadeia anos depois e disse: «Ó Gervásio, a ti deram-te porrada que te fartaste. Então e agora?». [Ele]: «Epá, ó Manuel, não me fales nisso. Mil vezes a porrada que a tortura do sono». E eu fiquei a olhar para ele: «Como?». [Ele]: «Mil vezes a porrada, Manuel, tortura é muito pior». Fiquei a olhar para ele e disse: «Eu sei o que é a tortura do sono. E a mim deram-me a tortura do sono e deram-me a porrada, tudo ao mesmo tempo». Ficou assim a olhar para mim [Risos].

Aquilo era um horror. Cheguei lá, sentei-me. Passado um bocado chega esse filho de puta, do tal inspetor superior [Sacchetti]. E o PIDE que estava a tomar conta de mim deu um berro: «Levante-se!». Não me levantei, fiquei exatamente como estava. «Levante-se!». E o tipo foi lá dento, trouxe uma carrada de PIDEs e deram-me uma sova tremenda. De cada vez que paravam eu deitava-me no chão - ou melhor, eu atirava-me para o chão e cada vez que eles paravam eu sentava-me. Isto começa com muita tareia, com coisas cómicas, tareia violenta, escolhida. Por exemplo as pancadas aqui, eu não sabia que causavam efeito na cabeça - causam. Julgava que causavam uma dor e não é. Causam um lume! Pontapés no abdómen, a gente quer-se proteger, eles metem-nos aqui [ver vídeo] as mãos e não nos protegemos. Levantaram-me em prancha - dois de um lado, dois do outro - iam com os testículos na mão e diziam: «Olha para isto». Levantavam-me ao ar, depois deixavam-me cair. Fizeram-me isto não sei quantas vezes. Eu ficava no chão e eles diziam: «Levante-se!». E eu: «Enquanto não me derem a cadeira não me levanto». Depois punham-me em cima da mesa: «Pronto, aqui fica quieto». Largavam-me e eu atirava-me para o chão. Isto foi durante sei lá quanto tempo.

Depois resolveram fazer uma roda - não sei se foi na primeira noite, se foi na segunda noite - de espancamento. Uma roda, um tipo metido no meio e a baterem. [Risos] De repente pararam. E eu olhei para eles, para perceber o que é que tinha acontecido - estavam parados a olhar. Eu estava com as mangas do casaco furioso a querer arregaçá-las, furioso - casaco não era meu, tinha-me sido dado sei lá como, não passava daqui - eu queria arregaçá-la e ir-me ao murro a eles. Para o que é que me dá? Para me começar a rir. [Risos] Quando me comecei a rir eles atiraram-se outra vez a mim.

Na segunda manhã deixaram-me sentar. Na segunda manhã entra o tal sujeito [Sacchetti] e lá o PIDE: «Levante-se!». [Ele]: «Deixe estar, deixe estar. Disseram que o senhor tratou muito mal os meus homens». [Eu]: «Pois, eu tratei-os mal a eles e eu estou cheio de nódoas negras, não é?».

Com o tempo - eu tive 11 dias e 11 noites na tortura do sono - comecei a ter pelos no corpo todo, coisa de que nunca ninguém me falou, nem nunca ouvi falar. Os pelos foram mudando de cor, parecia um carneiro. Eu olhava, olhava. Ia ao espelho era a mesma coisa. Eles não me diziam nada, eu não dizia nada, não me queixava, mas aquilo fazia-me um bocado de confusão.

Passava as noites a levar pancada, golpes especiais aqui de lado. A gente a certa altura não se senta - essa é a brincadeira da cadeira. A certa altura deram-me uma cadeira, só

que a gente não se aguenta na cadeira, com o sono cai. E a gente começa a andar de pé, que é uma forma de nos proteger. Então a PIDE estava lá numa certa posição, por onde eu passava [e batiam, quando passava]. De tal forma que a certa altura passou a fazer o gesto e eu saltava. E eu dizia para comigo: «Grande filho da puta que me fazes saltar». Fez-me saltar sempre.

Uma outra forma era: entrava um trangalhadanças que eu nunca o vi, mas que devia ser um gajo enorme, agarrava em mim por trás e atirava-me contra a parede, até que ficava completamente cego e a sentir que ia perder a consciência. Olhava e tinha um copo de água ao lado - portanto havia alguém que punha um copo de água. Eu bebia da água e continuavam a seguir. Aquilo repetia-se, era quase uma noite inteira naquilo.

Chegaram a tentar que eu andasse com um PIDE de cada lado - eu arrastava-me.

Na última noite comecei a ver as paredes a mexer, o chão a mexer - isso logo na primeira noite, o chão a mexer. Depois comecei a ter aqueles sintomas [alucinações]. Via uma janela, cá fora havia um varandim onde havia pessoas à espera de ir ao médico. Eu estava à espera de ir ao médico, mas nunca mais me chamavam e eu comecei a ficar furioso. Depois digo assim: «Eu vou é fazer uma coisa, eu vou saltar aqui esta janela, vou fugir, vou avisar o Manuel que estou preso» e, de repente, o PIDE diz qualquer coisa. Eu dou comigo com um pé na parede, que era o meu momento de saltar. E o tipo diz: «O que é que se passa? O que é que foi?». Eu disse um palavrão e continuei na minha. Foi uma noite horrorosa. A certa altura, andavam-me a arrastar, porque eu já não andava. À medida que começou a amanhecer digo assim: «Não faço mais. Estou aqui há 11 noites e 11 dia. Não, nem mais nenhuma».

Mudou o turno e eu disse ao gajo que veio substituir o que estava a tomar conta de mim: «Diga lá ao seu chefe que eu não faço mais noite nenhuma. Nenhuma». Aquilo foi um correrio, que eles sabiam que se eu disse que não fazia mais noite é porque não fazia. Fosse como fosse. Queriam saber o que é que eu ia fazer. Vinha o Sacchetti, vinha o chefe de brigada. Eu disse: «Olhem, acabem com isto, eu quero é uma cama para me deitar, que eu não faço mais noite nenhuma, não vale a pena». Estiveram nisto o dia todo. Entravam uns, entravam outros, perguntavam: «Então, ao menos diga o seu nome!», porque eu continuei a não me identificar. «É só dizer que se chama Manuel Pedro e a gente manda-o embora». Isto era tudo treta, se eu dissesse que me chamava Manuel Pedro naquela fase do campeonato, era um bailarico para eles!

À noite o Sacchetti vem: «Está bem, vou mandar buscar uma cama para você». Veio o chefe de brigada: «Se fosse comigo você dizia tudo e mais alguma coisa!». Eu só dizia: «Traga lá a cama, traga lá a cama». Sei que acordei de manhã, dormi profundamente. Devem ter sido eles que me deitaram. Conheci camaradas que ficaram sempre muito doentes e durante dias depois de poderem dormir, não conseguiam dormir. Eu dormi que foi uma beleza.

Apareceu o sujeito, que me quis apalpar o rabo, com um tabuleiro - eu estava numa cama dessas de campanha, com um sol lindo - e ele aparece-me com uma bandeja com um café com leite e uma carcaça com manteiga. Eu sentei-me, agarrei o tabuleiro, comecei [a comer]. O tipo estava de cócoras, que a cama era muito baixa, e eu disse: «Olhe, acabei. Agora traga-me outra dose». «Se fosse comigo! Eu tenho aqui o ...» - um cassetete que eles usavam, que é de aço por dentro e só por fora é que tem borracha - «… eu utilizava

isto e você falava e tornava a falar». Eu dei um salto na cama e disse: «Epá!» e o gajo deu um salto para trás, ia caindo, ia-se espatifando. O tabuleiro aguentou-se - foi-se embora, nunca mais o vi na vida.

Depois mandaram-me para Caxias, eu estava à espera de ir sofrer outra dose, que era o costume - faziam um dia ou dois de intervalo e depois faziam outra série. Não, fui para Caxias. E entrei na fase normal de estar isolado. Depois fizeram a fineza de me meter numa sala, em Caxias, com cinco presos que tinham deixado o partido e tinham formado um outro partido, contra o nosso partido. Tinham falado todos na polícia, todos, não havia nenhum. Era o [Rui] d'Espiney mais não sei quantos.

E ali fiquei sozinho durante meses até ser julgado. Eles não hostilizavam, eu não os hostilizava, simplesmente não tinha com quem conversar, porque eu não conversava com eles, nem eles comigo. Fui julgado e fui diretamente para Peniche até ao 25 de abril - aos dois minutos do dia 26 [de abril]. Isso foi uma loucura. As famílias em Caxias, as famílias em Peniche".

Maria Guilhermina Pereira Galveias

Ano nascimento: 1935
Local do registo: Couço
Data do registo vídeo: 24-02-2022

"A nossa terra chama-se Couço. Hoje orgulho-me de ser do Couço, porque abri os olhos muito cedo. Sofri muito, mas veio o dia da liberdade.

Eles prenderam-me, porque um miúdo que tinha uns 15 ou 16 anos fez uma asneira grande a uma vizinha minha. Eu ouvi-a, ela a gritar atrás da minha casa, no sol-posto, e fui ver o que é que tinha acontecido. [Ele] fez uma ação ordinária à minha vizinha e ela caiu para o chão enervada e ele fugiu pela vinha fora. O marido depois foi metê-lo em tribunal.

[Foram ao] presidente da Câmara de Coruche, que era o doutor Ribeiro (?), [que] era também da PIDE. Então pediram a ele que não desse [ordem] dele ser julgado, que ele ficava logo sujo no nome. O presidente da Câmara [disse que sim, mas] em troca ele tinha de entrar para informador, e então escangalhava-lhe o processo. Então o pai vinha aqui à Guarda todos os meses apresentar-se no lugar do filho, que o filho não tinha idade para dar volta nenhuma, até ele ter idade. Isto descobrimos, eu e o meu marido, depois do 25 de abril. Porque eu não era inscrita [no PCP], mas fazia reuniões com os camaradas, trabalhava, fazia fundos e assinaturas, todos os trabalhos do partido eu fazia no sol-posto, naqueles montarecos. E ele sabia. Então para ganhar os 200 escudos por mês, que era o que ele ganhava [denunciou-me] - estava lá tudo escrito [no processo na Torre do Tombo]. Em Portalegre era Pedro o pseudónimo, no Entroncamento era Assobio o pseudónimo dele. Então estava isso tudo escrito. Ele é que me tinha feito a cantareira toda, para eles me tratarem daquela maneira, [para] pensarem que eu tinha grande gente agarrado a mim.

Foi a [razão] deles me torturarem da maneira que torturaram e da maneira que sofri. Foi ele um dos culpados e o pai também ajudou o filho a fazer o mesmo trabalho. Foi daí que foi a minha prisão. Não foi nenhum camarada que me fez mal. Eu depois tinha camaradas, a Maria Carmina, a Maria Rosa, o (...), pessoas que me davam trabalho lá para baixo - eu não descobri [denunciei] ninguém. Quando pedi o processo lá está escrito. O último processo que me fizeram diz assim: «Maria Guilhermina Ferreira Galveias, mais uma mó de perguntas. Mais uma vez diz não. Sou eu testemunha», e era o escrivão outra testemunha. Está lá escrito no processo.

Foi um dia que eu tive muita alegria comigo própria. Foi aquele dia quando eu aguentei aquilo tudo sem descobrir [denunciar] nenhuma delas. A tortura é tão grande. Eles tinham tudo na mão, que eu fazia isto, fazia aquilo, fazia assim, fazia assado - e é verdade que eu fazia. Mas descobri que não havia de fazer aquilo nem que me matassem e foi isso calhou assim. Foi por essa a razão por que eu venci o meu sofrimento. De toda a maneira os que estavam cá fora não iriam passar o mesmo que eu estava a passar lá dentro.

Fui presa logo na abalada. Levei a filha comigo, eles só na parte da madrugada é que iam buscar os presos a casa. Juntaram 15 homens e cinco mulheres aqui no Largo do 1º de maio e depois partimos para Coruche. E de Coruche é que se partiu para Caxias. A minha filha tinha oito aninhos. Estava-me a custar muito ela perder a escola, mas também me estava a custar ela vir para trás, tinha duas coisas custosas. Mas fui pelo lado dela, de

deixá-la ir para a avó e ela não ir [comigo]. Então ela ficou cá fora. Eu fui com aquela mágoa, que a menina agarrou-se ao pescoço e à minha cintura a gritar com toda a força que não largava a mãezinha dela. Isso foi uma crueldade muito grande logo ali em Coruche.

Depois fui para a camioneta onde já estavam os outros camaradas e lá chegámos a Caxias. Chegámos a Caxias eu fui a primeira [a ir] para as interrogações.

Assim que lá cheguei puseram a fotografia do meu marido à frente dos olhos, se eu o conhecia. Eu disse que sim. Então ela: «Então vou arrumar a fotografia, que agora é cá comigo». Uma chamada Madalena, má que nem... parecia um bicho a esfarrapar uma rês. Parecia aqueles bichos na selva a esfarrapar uma rês para comer um bocado de carne. Parece que a mulher dava-lhe sei lá o quê. Tanta porrada, tanta porrada que ela me deu logo à chegada, que eu fiquei... Urinei-me. Fiquei com a cabeça feita num oito, com tanta porrada que ela me deu na cabeça logo naquela altura. Eu fiquei mesmo do pior.

Depois entrou outro, um homem. Ela batia de vez em quando, de vez em quando uns encontrões. Teve ali umas horas comigo. Entrou outro. Esse outro fez-se muito bonzito, a fazer a parte que era bom. E eu a descansar as dores que ela me provocou naquele dia. Isso continuou a fazer essa tortura de pancada contra as paredes, a cabeça contra as paredes, de reboleta. Puseram-me num banco no meio da sala, um do lado, outro do outro, trocavam-se ao pé de mim. Um batia dum lado, o outro batia do outro. Passavam palavra, tornavam a bater os dois ao mesmo tempo, até eu desmaiar, cair para o chão. Batia com a cabeça no chão, tinha hematomas. Ia-se passando dias e noites, sempre naquela coisa, sempre com a tortura do sono. Essas não chegaram. Ainda foram a pontos de eu já não ver o que via, já não ouvia o que ouvia. Já estava com a cabeça toda destruída da memória com tantas noites perdidas.

Ao fim dos 11 dias e 11 noites de estar naquela tortura, eu que já não era a Maria que sou, levaram-me para Caxias. No outro dia, ao fim de 24 horas de lá estar, foram-me buscar novamente. Eu pensei: «Há aqui qualquer coisa, que eu não estou a ver bem isto». Lá cheguei à António Maria Cardoso, onde estava o Silva Carvalho à secretária e o [PIDE] que foi comigo pôs-me em frente dele. Então ele perguntou-me se eu estava para gozar com a polícia. Eu nem sabia o que é que tinha, dava-me vontade de destruir sei lá o que fosse, com tanta razão que eu 'tava em cima da minha cabeça e em cima do meu corpo todo. Então bati na secretária e disse: «Vocês estão a arranjar toda a malandrice para me torturarem mais. Eu não abro a boca. Não falo e não falo», e desapareci. Não sei se foram eles que me fizeram alguma coisa, se fui eu que desmaiei. 'Tive mais seis dias e seis noites sem saber onde estava, sem saber nada. Estava morta. Estive morta.

Levaram-me para Caxias novamente a fim daquele tempo. Estavam as camaradas aqui na sala. A Olímpia disse-me ao fim de dias [diálogo]: «Ai Maria, eu nem quero pensar como tu entraste aqui». «Então diz-me lá». «Não digo não Maria. Não digo, porque tu ainda ficas pior. E eu evito esse mal para ti. Eu evito-te esse mal». «Mas eu gostava de saber». «Mas não. Não digo não», e não me disse. Eu, no fim do 25 de abril, ainda lhe perguntei novamente e ela disse-me: «Não. Descansa que eu não te digo, que ainda é pior para ti», como eu entrei lá na sala. Eu não via ninguém, eu ia morta.

No outro dia deitaram-me numa cama com certeza, que eu não dei notícia. No outro dia acordei, a memória veio e não sabia onde estava, não sabia de nada. Elas lá devagarinho comigo, lá comecei a recuperar um bocadinho a memória - o que é que se tinha passado.

Digo assim [diálogo]: «Quanto tempo 'tive lá eu?». «Olha, 'tiveste lá seis dias e seis noites. Abalaste em tal dia, vieste neste dia. São 6 dias e 6 noites que lá estiveste». «Então e eu não dei notícia de nada?». Mas estava toda pisada, toda negra, da cor deste casaco, nos braços, nas ancas. A boca toda inchada, eu toda inchada. Eu estava feita num trapo. Eu nem sei como é que eu estava. Toda negra, com tanta pancada que eles me deram sem eu saber. O cérebro estava parado ou sei lá o que é que era - eu não vi, eu tenho que dizer a verdade que foi esta. Então, depois começaram-me a dar uns remédios à porta da sala lá em Caxias, comecei a recuperar com o tempo. Depois pensei, ao fim de dias de estar assim mais equilibrada na cabeça. Achava-me revoltada. Um ódio, uma coisa que eu tinha ganhado com aquela força da tortura, eu ganhei não sei o quê comigo própria, que eu pensei: «Eu tenho que fazer qualquer coisa mesmo agora para os desmascarar, como a gente aqui chega. Como eu aqui cheguei, quantos não chegam nestas condições? Então eu tenho de desmascarar isto». Mas eu calei-me com as camaradas da sala, porque as paredes têm ouvidos. E pensei: «Eles não me fizeram processo, porque não conseguiram nada para me levantarem processo. E agora podem-me levantar processo por qualquer coisa que possam apanhar. Mas eu tenho que fazer qualquer coisa». E fiz uma quadrazinha, dentro da casa de banho, sozinha. Essa quadra não deu para dar muito alarme dentro do pessoal da sala, porque lá está, as paredes têm ouvidos.

[Canta, com a melodia de Tudo Isto É Fado, de Amália Rodrigues]

"Procurasteis no outro dia

Se eu sabia o que era a cadeia

E eu disse que não sabia

Nem fazia uma ideia

E eu disse que não sabia

Menti-te naquela hora

Eu disse que não sabia

Mas vou-te dizer agora

Salas compridas

Grades corridas

PIDEs em espia

Tudo isto é triste

Tudo isto existe

Aqui em Caxias

Salas trancadas

Vidas torturadas

Noites hauridas

Tudo isto é triste

Tudo isto existe

Aqui em Caxias"

"Quanto tempo esteve na prisão?"

"Quanto tempo? Quatro meses e meio. À volta de quatro meses e meio.

Depois puseram-me em liberdade. Vim para a terra. Muito magoada ainda, com muitas dores, ainda trazia muitas feridas - e ainda hoje as tenho. Ainda hoje tenho muitas. E estou a sofrer, ainda hoje a cadeia que sofri. As torturas da cadeia. Essa Madalena Ascensão, outros mais que lá havia. Essa cambada, deram cabo de mim, tudo. Ainda hoje estou a sofrer isso tudo.

Hoje digo: parece que tive um milagre na minha vida, por tanta coisa ter aguentado e estar ainda hoje aqui com coragem para falar e desabafar a verdade da realidade do fascismo e a realidade da tortura que fizeram no povo. Uns na guerra, outros nas cadeias. Outros morriam à fome por todo o lado. Era um crime que a gente tínhamos em cima de nós".

Mário José d'Araújo

Ano nascimento: 1935
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 08-10-2021

"Eu sou filho de um tanoeiro (...), e de uma corticeira. Portanto a minha casa... Eu sou de uma família com 6 elementos, portanto, eu e mais três irmãos. Somos dois rapazes, eramos, dois rapazes e duas raparigas, o meu pai e a minha mãe. A minha mãe trabalhava numa fábrica de cortiça, modelava a cortiça em rolhas, em aparas e outras coisas do género, sucedâneos da cortiça. E o meu pai fazia barris, tonéis - o próprio nome é tonéis - e barris normais para vinhos. Fazia isso. Por todo o país havia empreitadas e quando chegava a altura das vindimas ele orientava-se através do norte do País, especialmente ali pelo Douro, onde as colheitas das vindimas eram mais ricas, não é? Na altura eles ganhavam melhor porque saíam aqui da terra e a minha mãe, coitada, ficava a orientar os quatro filhos, corticeira.

Eu levei anos a ver a minha mãe almoçar, se é o que se pode chamar, mas uma refeição durante a hora de almoço - tinha uma hora para almoçar, entre o meio-dia e a uma da tarde. (...) A cerca de 300 metros da nossa residência era a oficina onde trabalhava. E ela tinha tempo para ir à praça para ir comprar alguma coisa, normalmente fiado, porque não tinha dinheiro. Só pagava quando podia ao fim de semana, recebia-se à semana na altura. E eu andava na escola, miúdo, dos 7 aos 11 anos. E a minha mãe normalmente almoçava uma caneca grande de café - uma caneca ou de loiça ou de esmalte - e uma fatia de pão escuro, ou coisa do género. E a minha mãe leva anos a fazer isto. Anos a fazer isto.

São todos falecidos - quer o meu pai, quer a minha mãe, quer os meus três irmãos. Só eu, o mais novo da prole, ainda existe.

Comecei a trabalhar com 11 anos, logo que saí da escola primária. Por ironia eu calcei sapatos, já agora, a única vez que calcei sapatos - havia umas coisas que substituíam os sapatos naquela altura, que eram umas coisas mais baratas, que eram as alpargatas, não sei se se recordam. Pronto, era uma coisa de ganga, podia ser cinzenta ou azul - normalmente era azul - e era borracha por baixo. Começo a trabalhar com essas alpargatas calçadas, que eu já referi, como ajudante de ferreiro, a dar à forja. Com sapatos, que não eram sapatos. (...) Que eu só calcei sapatos de cal quando fiz exame da quarta, portanto com 11 anos, e eram os sapatos do meu pai. Calçava o 41 e eu calçava o 38. Mas mandaram engraxar os sapatos, ficaram bonitos, atacadores novos. E eu vim fazer - eu morava na Cova da Piedade - vim fazer o exame a Almada, à escola Conde Ferreira e levei os sapatos do meu pai engraxados. Com muito sacrifício, é evidente, mas até Almada são 2 quilómetros. Ainda, sim senhor, fiz o exame com dores terríveis, mas pronto. Depois veio a pauta, fiquei bem. Ficámos quase todos bem, um ou dois falhou, mas não interessa. E para baixo, a meio do caminho, eu já não conseguia aguentar os sapatos. Foi a primeira vez. Usava era as alpargatas.

Eu quando falo de mim, não é de mim que eu quero falar. Quero falar dos outros, da minha geração, que passaram todos mais ou menos por estas dificuldades. A pontos de, por exemplo, gostava de deixar esta nota: a minha mãe teve dias e dias que não acendia o lume porque ou não tinha fósforos, ou não tinha petróleo, ou não tinha carvão. E então eu e o meu irmão vínhamos das chinchadas - não sei se sabem, é roubar fruta às quintas - porque sabíamos que isto acontecia com frequência e [para] evitar que isto acontecesse às vezes até fruta verde nós comemos, que era melhor do que não comer nada.

E isto antes que chegasse à consciência política, chegaram as condições, a consciência da vida que tínhamos. Que não era justa. E eu comecei a ler e depois ouvia a telefonia. E aos 17 anos, por estas razões todas e outras, aos 17 anos fui declarado tuberculoso. Então vi a minha vida - de ajudar ao orçamento da casa... Tive uma série de anos, muitos anos, muitos dias, muitas horas, muitos meses, enfim. Eles iam trabalhar todos, eu ficava em casa à janela, 3º andar, num sótão. E via os meus amigos todos irem para a praia, de dia irem aos bailes à noite, irem jogar à bola. E eu ali naquela janela, tempos e tempos, sem poder participar com eles. E eles visitavam-me, os meus amigos, também aí a solidariedade. Esta privação da companhia tornou-me, de facto, consciente de que eu tinha de fazer alguma coisa para ajudar a que a vida não fosse isto, fosse melhor.

E depois dos 17 anos, os 18 anos, levaram-me a contactar coletividades. Onde a solidariedade, onde a partilha, portanto, a companhia. E a certa altura coletividades, livros, bibliotecas, livros clandestinos - portanto só chegavam aqui livros vindos do Brasil: As Vinhas da Ira do John Steinbeck, os Subterrâneos da Liberdade do Jorge, etc. Eu lembro-me quando li os Subterrâneos da Liberdade do Jorge Amado foi um deslumbramento, que afinal era possível haver outra vida: tinha de procurar. E então a minha procura era no sentido de haver pessoas com outra capacidade intelectual e de formação, já política, portanto. E eu gostava de os ouvir. E o que é que me levava a procurar? As assembleias gerais das coletividades. Aquilo era um meio muito populoso, com muitos trabalhadores - quer corticeiros, quer da metalurgia pesada. O arsenal do Alfeite, as fábricas de cortiça proliferavam ali, [havia] uma dúzia de fábricas de cortiça. Três maiores e as outras com fabricos de 40/50 pessoas. As maiores, duas delas - a Bucknall, que era conhecida pela companhia, e a Rankin que era um pouco menor - uma teria 1800 trabalhadores e outra 1100/1200. Portanto eram duas empresas... muitas famílias que viviam daquilo. E esta solidariedade que se encontrava nas coletividades ajudou a tomar a consciência que havia qualquer coisa por fazer que não só as coletividades.

Comecei por ser trabalhador da sociedade cooperativa Piedense, comecei por ser empregado. Aí já com uma noção política. Ainda não era filiado em partido nenhum, mas já com pessoas que eram filiadas no Partido e conversavam - Partido Comunista Português. Conversávamos muito e eu ia bebendo aquilo como uma fonte de cultura, uma fonte de saber e de contactos que nunca tinha tido antes. Acontece que naquela altura eu começo a querer mais e a dizer: «Eu tenho de passar das coletividades a uma coisa com mais interesse, mais incisiva, mais direta». E sou abordado por um homem também dessa coletividade, que foi também

preso político antes de mim, e que me aliciou para o Partido Comunista. Disse-me: «Epá, o Arsenal do Alfeite ficou sem controleiro, o Partido precisa de alguém e não há. Há uma série de pessoas que saíram, que foram presas e precisamos de um jovem que vá agarrar aquela célula tão importante». E depois eu disse: «Mas eu nem sou do Partido, quanto mais. Eu nem sei o que é isso. Tenho ouvido falar na célula, mas não...». [Ele]: «Não, mas a gente fala».

Ele (...) era o presidente da assembleia geral da Coletiva Piedense - João Raimundo. Natural da Moita, mas o homem trabalhava naquela fábrica, na segunda fábrica de cortiça na Romeira. Um homem muito prestigiado, já pelo lugar que tinha e pelo homem que era. Era um homem solidário, um homem sempre pronto a ajudar. Era um homem muito querido. E ele transmitiu isto que eu estou a dizer dele para mim: «Tu és filho de uma família conceituada, toda a gente trabalha. Vocês dão-se muito bem, toda a gente vos conhece. É uma família alegre, não obstante as dificuldades. Tu, toda a gente te conhece, toda a gente gosta de ti» - era verdade, não desfazendo. E eu fiquei vaidoso [diálogo]: «Epá vou entrar para o Partido e vou fazer um trabalho destes». «Não, depois hão de falar contigo se tu tiveres possibilidade vais para a clandestinidade». «Não, não, não. Isso é que eu não quero! Eu contraí casamento e tenho um filho. Não vou agora, nem pensar». (...) «Só fazes aquilo que quiseres. Estava-te a dizer é que tu és uma pessoa (...) e isso facilitava-te a vida. Mas tudo bem, tu fazes como entenderes. Vais pensar, eu nem quero a resposta agora, eu depois falo contigo». E eu, disse à entrada desta conversa, fiquei vaidoso. E esta vaidade foi crescendo em mim. Andei ali uns dias... E depois era eu à procura do homem! Eu queria e ele não me aparecia - era mais ou menos clandestino, trabalhava, mas era mais ou menos clandestino.

Até que eu o encontrei e disse-lhe: «Ó João, eu gostava de efetivamente, ...». Pronto. Tratei das coisas, trataram-me das coisas por mim. E eu saí da cooperativa, já era caixeiro, já era um homem. Tinha melhorado, tinha estado frente à forja como ajudante-aprendiz de ferreiro, praticamente descalço e as fagulhas faziam-me saltar. Passei dali para uma cooperativa a aviar pessoas ao balcão, eu que ainda tinha uma instrução muito rudimentar, fiquei (...). Eu digo isto na paródia mas é verdade, eu não fiquei vaidoso, fiquei «vaitreze», «vaicatorze», fiquei por aí acima. Verdade. Isto é tal e qual como eu estou a dizer. Não senhora, fiquei vaidoso. E ainda hoje sou vaidoso da vida que tive.

Depois entrei apara o Partido, fui para o Arsenal do Alfeite, em [19]62/63, por aí. Depois, aliado a isto, consegui dentro do trabalho que ia fazer a nível partidário organizar a célula do Partido. Reuníamo-nos periodicamente, às vezes semanalmente, às vezes de quinze em quinze dias, conforme as condições que havia à nossa volta e às possibilidades e às necessidades que havia. Fizemos a primeira - desde sempre no Arsenal do Alfeite - uma lista de pessoas, portanto, de operários e empregados, colaboradores, pessoas do fórum administrativo e trabalhadores - quer caldeiros, quer serralheiros, quer eletricistas, quer carpinteiros (...) enfim, tudo o que havia.

Conseguimos a nossa lista, a nossa célula organizada dispersamente depois por várias oficinas. Uma lista de quase mil subscritores e apresentámos um pedido de aumento de salário, que não havia há uma quantidade de anos - talvez uns 10 ou 12, na altura. Nunca se tinha feito uma coisa daquelas e nós organizamos. Quer dizer, esta foi uma das atividades. Conseguimos um aumento, eu não me recordo, mas de 4 escudos (...) semanais - que dava 12 escudos ou 14 escudos por mês, uma coisa assim. Pronto, esta foi uma atividade. Outra coisa era interessar pessoas e aliciar pessoas para o Partido. Aliciámos algumas pessoas. Fizemos um trabalho - claro, a minha figura, a minha pessoa à parte - mas a célula fez de facto um trabalho criativo. Conseguimos muitas pessoas para o Partido.

Até que organizamos uma escola. Aparece um homem lá em Almada, na Cova da Piedade para a Cooperativa Piedense e cria um curso de Cultura Geral. E eu fico: «'Pera aí, é aqui! Tive escola, Cultura Geral, isto é porreiro. Sou do Partido, ninguém sabe que eu sou do Partido, mesmo as pessoas que vão comigo não sabem». Só sabia a célula, não é? Dava-me com toda a gente, ninguém ia agora adivinhar que era um membro do Partido. E essa aura, digamos assim, foi criando raízes e chegou à PIDE. Chegou à PIDE: «Fulano tal é uma pessoa que está ligada às coletividades, à Sociedade Filarmónica e Artística Piedense, à Cooperativa, à Incrível Almadense em Almada e tal».

E depois comecei a ser uma das pessoas que organizou aquela escola que começa na cooperativa. Escola para adultos, cursos de cultura geral, mais tarde, a partir daí, curso dos liceus. E esse curso dos liceus tinha as disciplinas - tinha a matemática, a geografia, a história, tudo aquilo. Tudo isso começou a dar-me uma cultura. Eu, à vida que tinha, não tinha hipótese nenhuma de ser um frequentador da escola como um aluno normal. Eu era um organizador: o curso de história só tem 7 pessoas, é fulano, fulano e fulano; eu estabeleço os horários de acordo com a possibilidade quer dos alunos - as horas que tinham livres, que era tudo pessoas que trabalhavam - e os professores - que também tinham de ter horas livres, também eram empregados. E eu era a pessoa que coordenava isto, não é? Uma das pessoas que coordenava isto. Mas era o que geria com mais insistência isto tudo. Isto obrigava-me a assistir a esta aula, aquela aula. Eu fui sem ser um aluno propriamente dito, mas fiz o primeiro ciclo dos liceus. E depois quando fui preso estava a fazer o exame do 5º ano, mas pronto, a PIDE já andava atrás de mim.

A escola chegou a ter duas células, porque tínhamos cursos diferentes. Chegámos a ser cento e tantos alunos, movimentávamos muita gente. Epá, eu vou dizer aqui coisas que tenho que dizer. Chegaram a frequentar as nossas escolas, não era bem para aprender, mas para se inserirem no meio onde eles podiam... José Manuel Judas, conselheiro da Revolução. O Almirante Martins Guerreiro frequentou a nossa escola, não para aprender, mas para ver como é que aquilo... Pessoas como essas, que ajudaram aquelas células de uma maneira. Ainda hoje são nossos amigos. Sempre ao nosso dispor (...). Visitavam as nossas aulas de cultura geral, em que se falava de tudo. Mas a cultura geral foi ao ponto de marxismo, leninismo faziam parte das nossas [aulas].

Isto chegou à PIDE, é evidente. Eu casado, tinha um filho. E a certa altura a minha mulher engravida, a segunda vez: «Como é que vai ser? As dificuldades...». «Tem que ser, a gente...». Na altura ainda não havia as ecografias, saber se é menino se é menina, não havia. Mas a gente gostava muito de ter uma menina. E andámos naquilo. E há um belo dia que eu venho a Carnaxide, mais ela, visitar a família dela - eu nunca tinha vindo a Carnaxide na altura, vim depois muitas vezes.

Mas chegamos a casa, passámos aqui o dia e chegámos a casa, deitamo-nos normalmente. Não houve mais contacto nenhum senão o sono a tomar conta de nós. E diz-me a minha mulher - que, tenho que dizer aqui, é uma companheira indefetível, como são os meus filhos. E ela sobressaltada: «Ai! O que é isto? O que é isto?». E a menina, que veio a saber-se depois, começou a mexer na barriga da mãe. É óbvio que eu não fui trabalhar.

Ficámos a noite toda a mexer na barriga e a menina dava pontapés - a menina, ainda não sabíamos que era menina - dava pontapés e pronto! Era de manhã, eram 6 e tal da manhã. Isto foi no dia 17 de julho de 1967. Ficámos de tal maneira. Rompeu o dia: «Olha não vou trabalhar». E eu ia sempre trabalhar. Eu, desde miúdo, eu nunca tive na caixa de providência e trabalhei até aos 65 anos. Hoje já tenho um bocadinho mais. E fiquei a brincar com a barriga da minha mulher e ela também: «Olha, então fazemos assim: eu vou a casa da minha mãe…» - morava a uns 300/400 metros - «…e tu ficas em casa. E vou buscar umas coisas, gente leva, faz um lanche e vamos para a praia. E hoje é uma festa para a gente!». [Eu]: «Tá bem, tudo bem».

Ela sai, eu fico em casa. E [passado] meia-hora, quarenta minutos batem à porta e eu abro a porta. Vesti os calções. Um GNR [diálogo]: «O senhor é fulano tal? Mário Araújo?» «Sou». «Olhe, eu venho buscá-lo para ir ao posto. Você tem de lá que ir prestar declarações». E eu disse logo para mim: «Já estou feito. Já sei o que é». Claro, não foi novidade. E eu disse: «Eu? (...) Ir à GNR fazer o quê?», mas eu vi logo. E ele diz-me assim: «É porque desapareceram ali numas obras umas alcofas de prego e há pessoas que dizem que é você que mora aqui. E você vai ali». [Eu]: «Mas eu não fiz nada disso, vocês estão enganados, não sou eu. Não será de outro andar?» - eu assim a ver se me via [livre]... Mas ele tinha a intenção de [me levar]. Pronto.

Eu vesti-me de qualquer maneira, claro, eu fiquei logo muito alarmado. E desci - morava no 3º andar - desci cá abaixo. Tento abrir ainda o portão que dava para o quintal, na tentativa de que se estivesse aberto - ele era um homem ligeiramente mais velho que eu, fardado (...), eu ia mais à vontade, era ligeiramente mais novo - eu piro-me aqui pelos quintais e nunca mais me veem, este gajo nunca mais me agarra. Só que eu tive azar. Aquele fecho que estava normalmente aberto, estava fechado. Então não pude sair.

Sai depois, fugi ainda na rua, mas depois ele começou a gritar: «Agarrem que é ladrão! Agarrem que é ladrão!» e há umas pessoas que saem dum cafezito que havia ali - esse cafezito foi obrigado a fechar e a sair dali, porque depois a rapaziada

do Partido fez a vida negra ao homem (...). O homem saiu para me apanhar, o homem não me conhecia de lado nenhum. E eu com um tipo atrás de mim, com um Guarda Republicano: «Agarrem que é ladrão!». Epá... Eu fiquei, quer dizer... Parei! O outro aparece-me à frente. E eu nem agarrado pelo polícia - GNR - nem pelo dono do café.

Eu tive azar, só sou preso por aquela razão, porque fiquei em casa. Porque eu tinha tudo - a qualquer altura eu podia ser preso, tinha consciência disso - e eu tinha a fuga organizada! Uma porta que se abria para o lado de trás do Arsenal do Alfeite, para o lado do mar. Para um dos lados estavam os navios, para o outro lado era a mata, mata do Alfeite. (...) A porta estava aberta normalmente, eu sairia - porque eles normalmente chegavam à portaria e diziam: «Olhe, chame o operário tal tal, que tá aqui alguém de família que quer falar com ele à porta». E os amigos vinham e eram presos. Era assim que acontecia. E eu estava à espera que um dia que me chamem lá. Afinal eles foram ao Arsenal do Alfeite, antes de aparecer o GNR. Foram às 8:30 ao Arsenal do Alfeite à minha procura, eu não estava. E sabiam que a minha vida era uma vida ativa, portanto, ou estaria doente em casa, ou por outra razão qualquer teria ficado casa. E chegaram lá às 9 horas e eu estava em casa. E sou preso assim. (...) Se se concretizasse a minha ideia eu saía da oficina de caldeiraria do Arsenal do Alfeite, ia até à Ponta dos Corvos - vocês não conhecem, mas é o fim da praia, do rio, que dá para o Seixal. Tem ali 200 metros. Eu nadava bem já naquela altura, nadava muito bem mesmo, tinha feito competição - bem não interessa. E punha a roupa à cabeça com o cinto, fazia bruços até ao outro lado e apanhava uma camioneta e eles nunca mais me apanhavam, que eu ia para França como foram os outros.

Eu, por azar, sou o primeiro da célula a ser preso. Fiquei feito. Sou preso nestas condições, vou para o posto da GNR - fui apanhado aí a 500 metros do posto. Lá vou, faço aquele circuito todo. Toda a gente me conhecia, (...) tudo muito admirado: «O Mário? Tão enganados!». Eles estavam fardados, o GNR estava fardado, mas os outros dois estavam à paisana. E foram poucos os que tiraram como ilação que os aqueles dois eram da PIDE.

Isto acontece assim. Fico ali uma hora e tal, duas horas. Eles perguntam-me o nome. Deixam-me ali. Eu digo: «Agora o que é que vai ser de mim?». Vi logo que eram PIDEs, é evidente. Levam-me num carro, um Volkswagen branco, lembro-me bem. E lá vamos, por ali fora. E eu sabia. (...) Eu não vou para a António [Maria Cardoso]... Eu vou logo para Caxias. Para Caxias em isolamento. Onde estive, diga-se de passagem, 5 meses e meio. E eu não desejo a ninguém. Desejei tanta vez levar tareias e que me deixassem, mas não levei. Não levei tareias.

Fui preso. Fui pra Caxias. Foi a 17 de Julho. E no dia 20 de Julho - estou ali 3 dias, imagine-se 3 dias à espera do que pudesse vir. Sem sapatos, sem atacadores, sem cinto. A gravata não havia, não é? Também não gosto. Não havia gravata, não havia nada. Havia só a cabeça e as paredes. [Pensei]: «O que é que eu vou...?». O colchão, sem cobertor nem nada, isto em pleno verão não era problema, nem almofada - eu tenho dificuldade nas costas, ainda hoje tenho acentuadamente,

muito ligado a essa altura. E estou ali dia 17, 18, 19... 20. Dia dos anos do meu filho, dia 20. O meu filho Márinho fazia 7 anos naquele dia. E eles à meia-noite e meia-hora vêm-me chamar: «Senhor Mário prepare-se. Tem que ir a Lisboa».

Venho para a António Maria Cardoso. É a primeira vez. Dia 20, portanto, no dia de anos do meu filho. Vou para um segundo andar, um quarto pequeno. Eles identificam-me dos pés à cabeça. Tudo aquilo que eles disseram era verdade. Portanto houve um camarada - na altura era assim, depois deixou de ser - [que] traiu, disse. Eles sabiam tudo. Eu ainda tentei algumas coisas de armas, umas coisas não jogavam com as outras. Era membro do Partido, pagava 25 tostões - lembro-me bem - de cotização. E não tinha tarefas no Partido, eu não tinha nada. Era do Partido porque estava, porque aderi ao Partido. [Eles]: «Pois e os professores, não é? Levaram-no a isso. E você que é um pobre diabo, ...». [Eu]: «É isso, eu não sei nada de política». Pronto, fiz este papel e eles sabiam que não era verdade, que havia mais coisas.

Tive 3 noites [na tortura) do sono. A primeira noite não houve nada de especial - tortura do sono - nem me sentava, em pé. E tive 3 dias naquilo. «É assim, é assado». E eu não confirmava. Tive 3 dias - mas disseram muita coisa que era verdade, mas eu não confirmava. E disseram-me coisas, não foi no primeiro dia, mas no segundo e no terceiro dia disseram-me coisas que eu nem me lembrava. E só muito mais tarde, já tinha feito o julgamento, é que eu me lembrava [e pensava]: «Mas como é que eles...?». Pronto, era um aparte. Mas era assim. Ao fim de 3 dias trazem-me novamente. Eu vinha derretido de sono, como calculam. Porque o primeiro dia, dia e meio... Mas depois o tempo era este, portanto, julho.

Eu venho para Caxias outra vez. Isolamento. Sujo, inquieto. E a pensar: «O que é que estes gajos querem de mim?». Eu não tinha mais nada que fazer. Não tinha caneta, não tinha lápis, não tinha papel, não tinha nada! E tinha a cama e tal. E eu andei a partir daquela altura até ao dia 23/24 de Dezembro de 1967, eu andei no quarto de isolamento - nos quartos, foram vários. Foram 5 quartos sempre do lado ímpar, que não tinha vista para a autoestrada. Caxias e a ouvir o barulho dos jogos de futebol, os ruídos das pessoas, aquelas coisas todas. Do outro lado não se ouvia. Parecia que não, mas era uma coisa muito leve. Eu sabia que não tinha comunicação, não tinha livros, não tinha jornais, não tinha nada. E eu fiz, durante este tempo todo, menos o tempo que ia à António Maria Cardoso - tive 3 dias da primeira vez, depois passado um tempo fiz os 4 dias e depois na última vez que estive lá tive 5 dias. Essa vez foi mesmo uma derrota completa.

Como é que eu passava os dias? Das 7:30, 8 horas, 8:30, não posso precisar…eles davam-me o café, que ainda era pior do que aquele que eu bebia quando era miúdo, era intragável. Tinha cânfora também, uma série de misturas para sexualmente não ser atormentado, não sei, eles faziam isto. Um quarto pequeno, podia ter 3 metros por 3 metros - não era bem, talvez uns 4 metros de comprimento e 3 de largura. Mas o que passava os dias a fazer era o seguinte: eu fazia a cama muito bem feita - comecei a fazer de qualquer maneira, claro - mas depois comecei a fazer com um palmo do cobertor para ali, outro palmo para aqui, depois ficava aquilo muito

certinho. Não havia lençol, era um cobertor só - aí já tinha cobertor. A segunda vez que vim para Caxias deram-me o cobertor. Fazia a dobra, uma vez fazia com um palmo, outra vez fazia com 4 dedos. E isto era o meu entretém. Chegava a durar duas horas isto! Estas pequenas coisas que começaram a ser triviais. Começaram a ser o *roman* do dia.

Portanto, eu a partir das 7 horas da manhã até às 9 ocupava-me com isto. Nunca tive recreio durante este tempo. Portanto, sozinho, sozinho, sozinho e com as minhas coisas. Uma casa-de-banho, só para mim, claro. E uma pedra onde eu fazia a refeição e escrevia semanalmente durante meia hora. Só durante meia hora e só podia escolher uma folha. E o que é que acontece? Eu fazia - eu vou-me levantar para vocês terem uma ideia - era por exemplo quatro passos para aqui, que era o comprimento daquilo; depois mais dois para aqui, para o outro lado, para a outra parede; e depois ali outra vez. Quer dizer fazia isto, mas fazia isto - tão verdade como eu ser eu e estar a falar para vocês - eu andava dez, doze horas por dia. Todos os dias. À exceção dos dias que ia para a PIDE. Que não deixavam de ser piores do que aquele. (...) Eu levei pontapés, levei socos, levei empurrões, levei bofetadas! Não eram tareias. Era: «Você está-me a dizer a mim que não fez isto e não fez aquilo?». [Eu]: «Não, eu nem conheço o sítio que você está a falar». Pumba! Um empurrão! Agora, isto não eram tareias. Às vezes doíam mais do que se fossem, que eu cheguei a desejar. Agora na cela, estes dias todos, assim. Portanto os dias da tortura do sono, já vos disse, foram três, foram quatro, foram cinco. Agora os dias de isolamento foi um género de tortura que me ficou para o resto da vida. Eu não durmo mais que duas, três horas por dia. Isto é verdade, o que eu estou a dizer. A minha mulher, os meus filhos sabem disto perfeitamente.

Acontece que o que me deixou marcas nisto foi o tal dia 25 para 26 de Novembro de 1967, que a minha irmã fazia anos, e eu estava a pensar que se não estivesse naquele sítio estaria com ela, era uma hipótese. E desata a chover de uma maneira...! Aquela encosta de Peniche, de Caxias, foi uma coisa... E os miúdos que gritavam por todo o lado, mas eu não via, eu só ouvia! E nem fazia ideia que... Eu só sei daquilo na véspera de Natal! Quando a minha filha nasce e eles me tiram para receber a visita da minha irmã - que já não era aquela dos anos, era a outra mais velha, que já morreu. E eu tive a ironia de dizer a um colega que estava a meu lado, que eu sabia quem era - veio a ser meu patrão esse homem que eu conhecia-o da Cova da Piedade, foi do meu processo, mas não tinha nada a ver connosco - e aquilo chovia que eu sei lá. E eu batia - a gente aprende a falar, não é? E eu disse para o que veio a ser o meu patrão, com toques: «Estás a ver? Há males que vêm por bem! (...) Se a gente tivesse lá fora se calhar estava a apanhar uma carga de água, que nunca mais parava. Aqui não, estamos recolhidos e tal, não molhamos nada». Quando eu vim a saber... Custou-me também. Eu a ironizar daquela maneira, mal sabia eu. As crianças que iam pela água abaixo, iam aos gritos - que eu não vi, só ouvi - deixaram-me um... Eu não posso ouvir crianças chorar. Quando eu vim a saber que aquelas crianças - julgava que as crianças estavam assim molhadas, sim senhor, porque estavam em barracas, mas não sabia que tinham morrido dezenas de crianças só ali naquela zona! E isso hoje inquieta-me. Aquilo eram choros desesperados. Era a morte! As crianças morriam. Essas coisas ficam

para sempre. Sempre. Não saem. É o caso do choro da criança, é o caso de tanta coisa... é o caso de não ter almofada para dormir no isolamento - eu fiquei assim. Eu não era marreco e agora sou quase marreco, ou marreco e meio. Eu não sou capaz de dormir sem almofada. Eu vou fazer uma ecografia, um eletrocardiograma, uma coisa qualquer - já tenho dito aos médicos: «Olhe, ponha uma almofada se faz o favor, porque eu não sou capaz». E não sou capaz. Isto são coisas que ficam e que estão comigo. Agora isto é fruto da tareia? Não, eu não levei tareias! Agora estas coisas fazem-me hoje muito doer, muito doer.

Termina a instrução do processo, eu saio do isolamento e vou para Caxias e estou lá 4 meses. Em várias celas, mas coletivas.

Em Peniche…tenho de dizer isto: aprendi com todos os presos políticos e aí é que eu me politizei. Portanto o Partido tem toda a razão de existir. E já lá vão 100 anos. É uma história lindíssima. Os homens não precisam de ser outra coisa que não bons, solidários, estarem com os outros. Eu não sou capaz - tenho dificuldade, mas ser capaz sou - mas custa-me comer sozinho, almoçar sozinho. Tem a ver com o isolamento. Eu estava a comer, e o comer não…Eu gosto de estar com a família, gosto de estar com os amigos…eu nunca mais acabava de falar".

Miguel Dantas Serra Machado Guimarães

Ano nascimento: 1946
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 22-10-2021

“Eu era jovem e vivia numa família de republicanos. Tinha consciência de que tinha de se fazer alguma coisa para se mudar a situação no tempo da ditadura. Para além das influências familiares, no bairro onde eu vivia, falávamos da situação, líamos uns livros que na altura eram proibidos, que hoje são banais - Jorge Amado e coisas desse género.

A certa altura um dos nossos amigos de bairro abordou-me para a questão de eu participar com o Partido Comunista, na condição de simpatizante, parece que era esse o termo. A pouco e pouco foi-me passando algumas coisas que eu deveria ler e depois algumas tarefas. Coisas simples, que, no entanto, que tinham sempre em vista envolver as pessoas, os jovens daquele bairro e tentar abrir um pouco a consciência política e cívica deles.

Lembro-me que uma das tarefas que a gente tinha: havia um clube desportivo que tava no marasmo. Nós entrámos para o clube desportivo - que de desportivo tinha muito pouco - e organizávamos algumas coisas, como umas festas, uns filmes. Isso era no Alto de São João. Chegámos até a tomar conta de alguns órgãos da direção. Aí juntávamos um pouco as pessoas, os jovens, mobilizávamos os jovens com algumas ideias. Isso seriam as tarefas mais simples. É claro que havia um de nós que era membro do Partido Comunista, que era o principal dinamizador desta movimentação.

Depois, o tempo foi passando, a certa altura - não sei quando já, eu tinha uns 18, 19 anos. Passado algum tempo entrei efetivamente como membro do Partido Comunista e então comecei a desenvolver outras tarefas mais importantes - como distribuição de propaganda, organização de movimentações de rua, o 1º de maio, manifestações do 5 de outubro, em que cada um fazia a sua parte.

Na empresa, fomos integrados em células de empresa, onde desenvolvíamos trabalho cultural, dentro do possível, de dinamização e até reivindicativo nalgumas coisas quando era necessário, como exigir melhor alimentação - coisas desse tipo. Distribuía o jornal Avante, ia buscá-lo ali perto da Azambuja, trazia - era uma cadeia que eu desconhecia, aliás, porque na altura nem se podia conhecer. Participava e organizava - ajudava a organizar - algumas reuniões com pessoas do Partido Comunista.

Em 1971 houve uma pessoa dentro do Partido Comunista que denunciou - feito com a PIDE, ou já estava feito ou fez-se, não sei bem - denunciou toda uma rede. Tínhamos todos nomes falsos e tínhamos a discrição, mas ele, através dos elementos que tinha, denunciou toda uma organização na zona de Lisboa e sector industrial. Eu lembro-me que nessa altura foram presos – para aí em junho de 1971 - talvez uns cento e tal membros do Partido. Onde eu morava, um dos rapazes que fazia parte da nossa organização também foi preso e na altura pensei até em desaparecer e fugir, mas naquela dúvida se valia a pena ou não - o rapaz que era nosso colega, aliás camarada, que estava preso não tinha confessado nada, não tinha denunciado ninguém. E fomos esperando até ver como é que as coisas paravam. Mas tinha já a noção de que eu era seguido ou que a PIDE andava em cima de mim.

Até que um dia de manhã, não me lembro bem a data, junho para aí, apareceram-me dois agentes da PIDE em casa. Estava a dormir e levaram-me preso. Estava muito preocupado, especialmente por causa da minha mãe, que ficou um bocado assustada com aquilo - eu não estava assim tão preocupado porque sabia que fazia parte da vida.

Trouxeram-me a pé até ao carro. Lembro-me assim de alguns pormenores. Na altura pensei, como vínhamos a pé - eu era jovem, tinha uns 20 e poucos anos - pensei até em fugir: «Eu acho que eles não me conseguiam apanhar», a não ser que disparassem. Sei que foi uma situação um pouco dura: «Fujo, não fujo?», mas acabei por não fazer nada. Entrei no carro e fui parar ao forte de Caxias.

Quando entrei no carro os PIDEs tinham uma foto de duas crianças - no carro, à frente - com uma legenda a dizer: «Pai, pensa em nós». Portanto os filhos de um deles, dos agentes da PIDE. Aquilo marcou-me um bocado, afinal estes tipos também têm filhos e aquilo deu que pensar. (...)

Estive no forte de Caxias, salvo erro, seis meses. O procedimento era os presos irem para o forte de Caxias até ir a julgamento - aquilo que eles chamavam julgamento. Que era um julgamento, mas era uma farsa. Ali estive, primeiro, uns meses em isolamento, durante o processo que eles chamavam de inquérito. Ao fim de uns dois, três meses, não me recordo bem, passávamos para salas onde havia mais presos, que estavam todos à espera do julgamento.

Para falar mesmo do forte de Caxias. Fiquei uns dois, três meses numa cela isolado, sem qualquer comunicação, nem família, nem um jornalzinho, nada. Não tinha rigorosamente nada. Essa altura foi um bocado difícil, mas a gente tem de encarar as coisas. Às vezes as pessoas [perguntam]: «O que é que se faz, uma pessoa que está isolada na cela?». Por sorte a minha cela dava para a estrada, passavam bastantes carros. E eu entretinha-me a contar os carros, os que subiam e os que desciam - julgo que hoje aquilo é a A6.

A cela era uma coisa pequenina, dois [metros] por dois [metros], mas tinha um chuveiro onde a gente tomava banho. Eu tentava ocupar o tempo. Não podia chegar à janela, porque eles não deixavam - estavam sempre a espreitar a ver o que é que a gente fazia. Fazia flexões no chão, como se faz na tropa, ou no ginásio. Fazia flexões até me cansar, depois de estar cansado tomava um duche e tentava dormir. Aí, como estava no período de interrogatório, eles só esperavam que eu adormecesse. O guarda de vez em quando passava, espreitava pelo óculo da porta e assim que eu estivesse a dormir - deixava-me dormir meia hora - era chamado para os interrogatórios, portanto, acordava-me.

Nos interrogatórios tentavam tirar de nós alguma coisa. A forma como o faziam era interromper o sono, portanto, quando a gente estava a dormir e pôr-nos numa salinha onde não se conseguia dormir - sentados ou em pé. Sempre com um agente da PIDE a impedir que nós adormecêssemos. Estava ali um dia, dois dias, três dias, conforme o caso. Voltava para a cela. Penso que estive três dias, não tenho bem a noção. O chão era qualquer coisa parecido com soalho de carvalho, lembro-me que ao fim de dois dias sem dormir o chão começa-se a elevar, os veios da madeira parecem cobras. A gente perde muito a noção da realidade e depois acabe, talvez, por perder a consciência.

Andámos nisto uns três meses, com os interrogatórios. Eles tinham lá as técnicas deles para tentar tirar alguma coisa e a gente tinha a obrigação de não dizer nada, pelo menos não comprometer ninguém.

Nos interrogatórios há umas situações que são curiosas. Às vezes o preso estava dois, três dias - às vezes até mais - sem dormir, para dizer por exemplo, ou tentar responder à questão de que: «Na reunião que tínhamos tido na data tal, estava fulano assim?», [acrescentavam]: «A gente não quer nada, a gente vai-te deixar dormir. A gente só quer saber a cor da gravata» - eram técnicas que tinham. Parecia às vezes uma pergunta inofensiva, não é? Mas nós já sabíamos, tínhamos sido preparados para isso, que isso era uma técnica que eles usavam.

Só para explicar porque é que era a cor da gravata: o preso estava numa tortura, que é uma tortura horrível, a do sono, que tem sequelas para o resto da vida. Se ele dissesse que a cor da gravata era azul, ou vermelha eles anotavam e iam para outro preso que tinha eventualmente estado na mesma reunião e diziam: «Olha, aquele disse tudo o que tinha para dizer. Até disse que a gravata era vermelha» - para o outro preso, que estava sem saber o que se passava, [podia] acreditar que fulano tinha dito tudo, tinha confessado tudo. Isto é só um pormenor sobre como aquilo funcionava. Eles diziam: «Você está aqui a sofrer... diga lá qual é a cor da gravata, já está aqui há três dias sem dormir, para poder ir embora». Coisas desse tipo.

Isto dependia de preso para preso. Eu era de uma família pequeno-burguesa, tinha antecedentes de pessoas importantes - o meu avô tinha sido Presidente da República. Eles não me agrediram assim [para] não deixar marcas. A tortura do sono não deixa marcas por fora. Se fosse um operário da Lisnave, a conversa era outra - era na base da porrada, além da tortura de sono. Até aí havia uma certa discriminação social, na maneira de tratar os presos.

Ali estive três meses. Ao fim de, talvez, dois meses de estar isolado comecei a receber o jornal - o Diário de Notícias. Algumas páginas, porque outras vinham censuradas com tinta preta, não se podia ler. E eu entretinha-me a ler aquilo, não havia muito mais para fazer. Ver os carros a passar, fazer exercícios para me cansar, tentar dormir. E comecei a ter visitas - numa altura em que eles consideram que o inquérito está concluído, começamos a ter a possibilidade de ter visitas da família.

Visitas a grande distância, com vidro pelo meio, com um guarda prisional atrás [de nós] e a família - no caso era a minha mãe - com outro guarda atrás. Ficava impossível dizer alguma coisa de jeito.

Assim foi, até que passei para uma sala comum, onde estavam talvez 10, 12 presos. Aí já era mais divertido, já tínhamos com quem falar. E estávamos ali até ao julgamento. Uma vez que fossemos julgados - eram julgamentos no tribunal da Boa Hora - eramos transportados para Peniche - onde passei o resto da pena.

Ali em Caxias, mesmo quando estava isolado, tem umas cenas que têm determinada piada, no meio daquilo tudo. Uma vez disseram que me iam levar ao recreio. Eu fiquei encantado da vida, porque já estava há muito tempo fechado na cela. O guarda apareceu, disse: «Vais para o recreio». [Pensei]: «O que é que se passa?» - estava a achar aquilo bom de mais. Subi uma escada e fomos para o telhado - para a cobertura do forte de Caxias - onde havia

tipo umas celas minúsculas, mas abertas por cima. Via-se o sol, apanhava-se sol. Era uma coisa pequenita, sei lá, dois [metros] por dois [metros]. Nós não víamos ninguém, porque tinha umas paredes altíssimas - pelo menos três metros, talvez. E estávamos ali um bocado, a passear. Com o guarda em cima a ver o que é que se passava. Curiosamente a gente até tinha alguma comunicação com os outros presos - aí é a parte engraçada. Uma vez estava lá no recreio, depois o recreio tornou-se uma coisa fastidiosa mas pronto… e quando o guarda andava de um lado para o outro no piso superior, talvez no telhado – não me lembro bem daquilo - caiu-me qualquer coisa dentro da cela do recreio. Era um papelinho embrulhado a perguntar: «Quem és?». Para resumir, mesmo isolados conseguíamos ter uma organização; sabíamos quem entrava, quem saía, quem estava, o que é que acontecia, se tinha ido para a tortura, o que é que tinha acontecido - conseguíamos saber tudo. E como é que a gente conseguia saber? Das maneiras mais incríveis.

Se forem lá hoje aquelas celas as paredes devem estar todas picadas. Durante os primeiros dias às vezes ouvia [pancadas] na parede, interrogava-me o que seria aquele [bater] e não ligava. Só que, como estava ali e não tinha mais nada que fazer, comecei a prestar atenção e percebi que aquilo tinha alguma cadência. A cadência era o alfabeto na forma mais básica que existe, onde «A» é um toque, «B» são dois toques, «C» são três toques. Isto para se dizer uma palavra demora meia hora - meia hora não, mas demora uns minutos. Então apercebi-me o que é que aquelas batidas na parede queriam dizer. É claro que isto tinha que ser feito com muita atenção, porque o guarda andava no corredor e sempre a espreitar pelo óculo da cela. E conseguíamos saber: passar o nome, quando é que chegaste, quando é que estás aqui.

Havia outros truques. Quando alguém saía - na cela tínhamos, salvo erro, um cobertor, uma caneca de alumínio e acho que mais nada, era a nossa mobília. Nós sabíamos que quando alguém saía dali para ir para Peniche tinha de trazer as coisas - o cobertor e o púcaro de alumínio. E o que é que nós fazíamos? Quando íamos sair, por exemplo para ir para Peniche, ou para o hospital - também tive no hospital de Caxias - deixávamos cair no corredor o púcaro de alumínio e ouvia-se em todo o piso, pelo menos, ouvia-se o púcaro a cair no chão - que faz muito barulho um púcaro de alumínio. [Assim] sabíamos que uma pessoa ia sair, a seguir conseguíamos saber quem é que era, para onde é que ia, etc. Isto fazia-se através de toques.

A forma básica era mesmo esse alfabeto rudimentar. (...) Até que, quando começámos a ter visitas, as famílias por fora também iam comunicando umas com as outras. Era quase impossível trazer qualquer coisa: livros não, o jornal não entrava. Uma vez a minha mãe trouxe-me um dicionário - que julgo que ainda tenho, chama-se Dicionário Técnico Ilustrado - e o dicionário passou. Foi uma alegria, porque tinha alguma coisa para ler. Só que eu achei aquilo assim [estranho] - e a minha mãe disse: «Vai ver a página tal». (...) Então o que é que estava na página tal do Dicionário Técnico Ilustrado? O alfabeto Morse, tal como existe hoje - que é muito mais rápido. É tudo na base de um toque, dois toques. Portanto, as famílias cá fora também tinham as suas ligações. Faziam protestos. Havia protestos internacionais, como o caso da Amnistia Internacional, que fazia publicações. São só alguns pormenores de como é que a gente fazia para se comunicar.

Uma vez que passávamos para as celas comuns, onde estávamos nove, dez presos, a coisa era muito mais agradável. Tínhamos horas para falarmos uns com os outros. Tínhamos muitas restrições, por exemplo, não podíamos chegar perto da janela, não

podíamos estar deitados na cama, tínhamos de estar em pé ou sentados. E comunicávamos muito mais facilmente - já sabíamos muito como é que aquilo se fazia, porque havia várias maneiras de fazer isso - entre as várias celas.

Chegávamos até ao ponto de termos um jogo de xadrez e jogar xadrez com a cela do lado. Isto fazia-se através do Morse. No xadrez, por exemplo, quando se arranca com o peão é P4R - o peão vai para a quatro do rei. Os guardas ficavam muito surpreendidos - mas o que é que estávamos a fazer com um tabuleiro de xadrez - e os do lado também estavam de volta de um tabuleiro de xadrez. Só para dizer que com imaginação muita coisa se resolve.

A sentença foi de 22 meses. (...) Fui defendido por um advogado, dos vários que, como Jorge Sampaio, Levy Baptista - que foi quem me defendeu a mim, Marcelo Curto e outros, faziam esse trabalho gratuitamente e com todo o gosto de ajudar os presos políticos. Eu fui defendido pelo doutor Levy Baptista, nunca lhe consegui depois agradecer, porque nunca o encontrei - depois de sair nunca consegui encontrá-lo e julgo que já faleceu.

Ao meu julgamento foi uma pessoa que era muito importante, que era meu padrinho, que na altura era o bastonário da ordem dos advogados. Naquela altura - e ainda hoje - o bastonário é sempre uma pessoa importante. Ele era meu padrinho de batismo e era uma pessoa influente. A certa altura houve o intervalo do julgamento, ele chegou-se ao pé de mim e disse: «Olha, vais levar 22 meses, está bom assim?». Portanto, ele foi falar com os Juízes, e deve ter dito: «Epá, deixem lá o rapaz». (...) «Ficas com 22 meses, está bom assim?». [Eu]: «Está».

No julgamento, eles perguntaram, eu aproveitei logo para dizer que tinha sido torturado, que tinha acontecido isto e aquilo. Perguntavam se eu era membro do Partido Comunista, eu disse que era, com toda a vontade de o ser e com toda a honra de o ser. [Eles]: «O senhor não se arrepende?». [Eu]: «Não, claro que não me arrependo nada disso». Aquele julgamento já estava pré-fabricado. Tive a sorte da influência, talvez, do meu padrinho ter baixado um pouco a pena - ficou pelos 22 meses, seis já estavam cumpridos. Os restantes fui passar na cadeia de Peniche.

Saí no dia - acho eu - dia 5 de abril de 1973.

Em Peniche estavam muitos mais presos e os presos tinham outra organização. Tudo se conseguia um bocado pela reivindicação e pela luta. Na altura chegaram a Peniche cento e tal presos - dessa leva que tinha sido denunciada e presa - e encontrámos lá uns camaradas mais velhotes - alguns já faleceram, outros ainda estão por aí. E nós mexemos com aquilo tudo, era muita gente nova que tinha chegado e gente com penas relativamente pequenas. Porque isto era no tempo da abertura Marcelista, do Marcelo Caetano. Não queriam dar aquelas penas de 10 anos, 20 anos, parecia um bocado mal, havia aquele ambiente, chamada a abertura Marcelista. Os presos estavam todos ali com dois, quatro, cinco anos de pena para cumprir, o que nos dava outro à vontade comparado com aqueles camaradas que estavam lá com 20 anos de cadeia - como era o caso de José Magro, 20 anos.

Isto mexeu um bocado com o ambiente de Peniche e nós tomámos a consciência de que também cá fora as famílias organizavam-se, protestavam das mais diversas maneiras. Deu azo a que nós nos organizássemos, no sentido de reivindicar determinadas coisas que

culminaram, mais ou menos, com a seguinte teoria de segurança da prisão: os guardas tomam conta dos limites da prisão e cá dentro nós organizamos em determinado número de coisas. Nós conseguimos assim: eramos nós que lavávamos a nossa loiça, que era muito importante para nós, a loiça do almoço e do jantar; a comida vinha de fora, nós é que distribuíamos a comida. Havia ali muitas coisas que se passavam ali que eu não sei - como é que nós lá dentro da cadeia recebíamos o jornal Avante eu não sei, nem vou querer saber.

Conseguimos que tivéssemos tempo para jogar cá fora vólei, uma hora, coisa assim, ou ping-pong - havia mesas de ténis de mesa. Conseguimos, a certa altura, que as celas todas - aquilo são pavilhões com várias celas todas independentes - que as celas passassem a estar com a porta aberta durante o dia. A teoria era que nós conseguimos ali convencer e implementar era: «A segurança, eles façam o que quiserem cá fora, nos limites da prisão. Cá dentro não chateiem muito». É claro que isto não era fácil, conseguia-se com muito protesto, com greves de fome, com greve às refeições, com as famílias lá fora a fazer barulho e a protestar junta da antiga assembleia nacional, a protestar até em fóruns internacionais. Conseguia-se a pouco a pouco alguns avanços. Começámos a receber um jornal ou outro, o Diário de Notícias ou o Século, com algumas páginas pintadas a preto para que não pudéssemos ler - o jornal já era censurado antes de ir para ali, depois ali ainda era outra vez censurado.

Em Peniche tínhamos uma vida super organizada. Fazíamos uma espécie de colóquios com os que sabiam mais, que faziam uns colóquios ou umas conversas sobre diversos temas - sobre política, sindicalismo, religião, várias coisas. E tínhamos todos tarefas, tínhamos o tempo muito ocupado. (...) Como recebíamos o Diário de Notícias, uma das tarefas que eu tinha era - eu só vou dizer algumas coisas que se podem dizer, outras não vou dizer – era copiar (...) até março as grandes empresas eram obrigadas a publicar um relatório de contas. Isto para a polícia não era nada de mal, mas para nós era muito interessante, porque no relatório de contas - que era obrigatória a publicação, acho que até 31 de março - vinham os nomes dos corpos gerentes das grandes empresas portuguesas. Então o que eu fazia era o cruzamento dos nomes das diversas empresas. Ou seja, quando fulano tal falava publicamente numa entrevista, eu sabia e os meus camaradas sabiam quais eram os interesses deste fulano - porque nada é inocente nestas coisas. Muitos deles eram deputados da assembleia da ditadura, a chamada Assembleia Nacional. Se um falava, se fazia um discurso [nós percebíamos]: «Este fulano está ligado a esta empresa, aquela. É presidente desta, tem quotas naquela» - portanto nós sabíamos muito bem o que é que ele queria. Isto era uma das coisas que eu fazia: era colecionar e organizar os nomes dos corpos gerentes das grandes empresas para entendermos o que é que eles economicamente representavam.

Havia várias coisas que a gente fazia, outras ou já me esqueci ou não é para dizer. E assim se ia passando o tempo.

Eu saí - estive a ver ontem, que já não me lembrava - no dia 5 de abril de 1973. Havia o congresso da oposição democrática em Aveiro, de 4 a 8 de abril. Eu saí no dia 5, fui para casa e no dia 6 fui imediatamente para Aveiro, para o congresso da oposição democrática. Portanto integrei-me imediatamente. Não consegui assistir a quase nada do congresso, mas ainda ali pelas ruas houve várias escaramuças com a polícia - disso lembro-me. Vi vários PIDEs que entretanto já conhecia - e a gente insultava-se mutuamente, quando via o PIDE, [Ele]: «Olha, estás aqui outra vez». [Eu]: «Pois estou, seu...». Houve ali umas

escaramuças com a polícia, o congresso da oposição democrática terminou dia 8 de abril, em Aveiro, e eu voltei para Lisboa.

Algumas pessoas mais próximas, conhecidas ou amigas arranjavam-me trabalho. Não era fácil. Andei a fazer estudos de opinião, para uma pessoa que era próxima e tinha uma empresa dessas. Fiz tanta coisa. Até que entrei para o emprego - a minha formação, na altura, era operário no ramo da eletricidade. Depois estudei, tirei o bacharelato, tirei a licenciatura e tirei o mestrado. Voltei a estudar no ISEL, Instituto Superior de Engenharia [de Lisboa].

Em [19]74 dá-se o 25 de abril, deixei os estudos completamente. Dediquei-me ao movimento sindical. Trabalhava numa empresa grande em Cascais e estava quase a tempo inteiro no movimento sindical - em [19]74, 75.

Depois em [19]75 ou 76 resolvi emigrar, vi que o país tinha muitos problemas económicos - continua. Tinha até um emprego bom, ganhava bem, mas resolvi que o melhor era emigrar, procurar outras coisas. Fui parar a Moçambique - fui trabalhar para Moçambique. De Moçambique voltei para Portugal, na altura fui para a EDP. Da EDP saí, fui para Macau. Depois de Macau fui para Cabo Verde, depois trabalhei um pouco na África do Sul, nos Açores. Andei sempre assim, por fora, como se diz, a trabalhar até chegar à idade da reforma.

Para ser franco, tudo isto para mim é passado. Não tenho nenhuns sentimentos malignos sobre isto. Não tenho sentimento de vingança, nem de remorsos, nem nada. Às vezes as pessoas perguntam a brincar: «Fazias outra vez a mesma coisa?» - evidentemente que eu fazia outra vez a mesma coisa, se tivesse aquela idade, agora já tenho outra, estou a ficar um bocado velhote. Mas acho que tentei fazer alguma coisa. Naquela altura, quando eramos jovens, só havia uma opção: se achávamos que a situação política estava má, se queríamos lutar pela liberdade, pela democracia, por coisas que hoje parecem banais, tínhamos de lutar mesmo.

Acho que fiz a minha parte. Quando era jovem perdi - ou ganhei - dois anos da minha vida preso. Deu-me cabo, um pouco, da saúde - eu tinha uma memória muito boa, fiquei sem ela, fiquei sem parte dessa memória. Outras sequelas que hoje aparecem, a gente pergunta «Porquê?», mas também pode ser só da idade. Dei também o meu contributo na organização sindical, nas lutas que houve depois em 1974, 75 pelo fortalecimento do movimento sindical pela melhoria brutal que se conseguiu na condição de vida das pessoas - especialmente dos que trabalhavam. Lembro-me que na fábrica onde trabalhava os salários duplicaram".

António Modesto Fernandes Navarro

Ano nascimento: 1942
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 18-10-2021

"Sou transmontano, de Vila Flor. Os meus pais tiveram 11 filhos. Tínhamos uma oficina de ferreiro, de ferrador - já era de família, o nosso pai era um mestre. Além disso era também um alveitar, era um homem veterinário do tempo. E o que é que ele fez connosco? Fez com o mais velho, fez com uma irmã, fez depois comigo e com outros. Quando nós chegámos aos 8 anos começávamos a ajudar na oficina - ele tinha três, quatro empregados, mas nós eramos fundamentais, até porque estávamos ali próximo em casa e, portanto, servíamos para tudo.

Eu com oito anos comecei a ajudar na oficina. Era um trabalho violento - tocar um fole, por exemplo, na forja. Vinha da escola às 11:30h da manhã e tinha que ir para a forja até à uma - hora em que se almoçava - e depois às duas horas voltava para a escola - mas aquela hora e meia tinha que ir ajudar para a forja, ou então para a oficina. O mesmo depois às 17h, 17:30h quando saíamos.

Era uma vida dura, embora fosse no tempo, digamos finais dos anos 40 - que eu conheci - e anos 50, em que a agricultura parecia que tinha uma pujança muito grande. Na grande maioria, apesar das quintas no Vale da Vilariça e do latifúndio, era uma agricultura de sobrevivência. Eram sobretudo pequenos camponeses que tinham um burro, dois burros, um macho… aqueles mais fortes, aqueles que arenavam mais terra e tinham, às vezes, juntas de bois. É curioso que naquele tempo não se via um trator naquela sub-região da terra quente. Talvez cá em baixo, nas quintas, houvesse um ou outro. Era força bruta e a força humana.

O meu irmão fez a 4ª classe, ficou distinto. Não havia colégio, havia só um liceu em Bragança, um colégio privado em Moncorvo - são 12 concelhos - e o meu pai, destinou ao meu irmão mais velho a oficina. A mim aconteceu-me o mesmo, também fiquei distinto. Ficámos quatro distintos - nenhum de nós foi estudar. No entanto, naquele ano em outubro - nós fizemos o exame em julho - e em outubro havia a abertura de um colégio particular. Era a segunda tentativa de um colégio privado instalar-se em Vila Flor. Cujos sócios era um veterinário, o padre da freguesia, um médico - que veio a ser presidente da câmara - e um homem que apareceu por lá e depois namorou e chegou a casar com [a filha de] um fulano que anteriormente era madeireiro, [e depois] fez uma casa na avenida e fez um café. A filha é que estava ao balcão, e portanto casaram, e era o professor. É uma sociedade que abria nesse ano, numas instalações próprias, esse colégio.

Eu, quando fiz a 4ª classe, pedi ao meu pai - a minha mãe tinha um chá em cima da mesa, na sala - e eu pedi ao meu pai para termos uma conversa, eu tinha 10 anos. O meu pai levou-me para o quarto deles, (...) onde podia conversar à parte comigo: «E então o que é que tu queres?». E eu disse: «Olhe pai, fiquei distinto. Vai abrir um colégio na vila e eu gostava de continuar a estudar». E ele disse-me, lá do alto do seu metro e setenta e cinco, que eu tenho hoje: «Goza o teu dia, estás de parabéns. Amanhã entras como efetivo na oficina» - aos 10 anos. E foi assim. Ele é que mandava. Ainda me perguntou: «E quanto é

que isso custa?», eu disse que era 300 escudos por trimestre. Ele disse: «Não tenho condições, portanto vais para a oficina trabalhar». E fui.

O que é que aconteceu de novo na nossa vida? Havia um homem que era advogado em Lisboa e que, perto da morte, resolveu doar uma biblioteca de 4000 títulos à Câmara Municipal da vila - e a Câmara aceitou. Então o secretário da Câmara, que era o instrutor da Legião Portuguesa, um homem com luzes de interesse pela cultura, tanto aborreceu o presidente da câmara que lá se mandou fazer um conjunto de armários de carvalho onde ficou instalada a biblioteca. Essa biblioteca é descoberta por esse meu irmão mais velho, que também trabalhava na oficina. Então passamos a ir os dois buscar livros à Câmara.

Tínhamos o [Alves] Redol, tínhamos o Ferreira de Castro, tínhamos a Grazia Deledda - um prémio nobel. Estava lá tudo o que era a fina flor, digamos assim, da escrita daquele tempo e do século XIX também. Então descobríamos, realmente, outros mundos. É nesse confronto entre as leituras e o mundo que vivíamos intensamente. Nós tínhamos um dia que era quatro horas de forja - a fazer ferragens, trabalhar no ferro e o aço - se fosse necessário sair para atender clientes para ferrar, saíamos, durante a tarde também continuávamos. Não tínhamos horário, não havia horário. Realmente foi essa a minha educação e foi assim que eu comecei a perceber algumas coisas, confrontando-as com a realidade violentíssima em que nós vivíamos. Havia agricultores que só mandavam ferrar um burro, por exemplo, nas mãos, porque não tinha dinheiro para o ferrar dos pés - desgraçado do animal, que trabalhava duramente.

Era nesta agricultura que já estava em decadência lá por dentro, era a antiga - de sobrevivência - foi aí que eu atravessei os anos 50. Posso dizer que eu aos 17 anos era mestre de oficina e era mestre no trabalho do ferro, era forjador, mestre forjador. E tinha mais um homem a malhar comigo e tinha um a tocar o fole - era um fole num arcaboiço de madeira e couro, com carvão, ia aquecendo os ferros e nós trabalhávamos os ferros na bigorna.

Em [19]58 aconteceu aquele fenómeno das eleições de Humberto Delgado. E nós, eu e um amigo de escola, que já trabalhava numa oficina de arranjo de automóveis, de reparação, vimos que a Câmara estava a pôr, num domingo à tarde, autocarros e camionetas para quem quisesse ir a Mirandela, porque o Trigo de Negreiros, o Ministro do Interior, ia lá inaugurar qualquer coisa, já no âmbito das eleições presidenciais. Nós aproveitámos - não íamos pelo Trigo de Negreiros, aproveitamos ir a Mirandela. Mirandela não era ainda cidade, mas já era uma vila mais desenvolvida, com cafés onde, diziam, eu nunca lá tinha ido, algumas raparigas também lá entravam. Quando chegámos, saímos do autocarro e, de repente, eu vi assim na estrada uma inscrição larga: «Viva Humberto Delgado!». Fiquei fascinado. E quando nos encaminhámos para o centro da vila - a cerimónia era lá no centro da vila, na Câmara Municipal - houve grupos de rapazes e de raparigas que nos acompanhavam, ciciando baixinho: «Viva Humberto Delgado! Viva Humberto Delgado!». E foi assim que nós engrenamos… foi assim que eu assisti, era no Verão, e havia talvez duas centenas de ceifeiros, que já vinham das beiras de ceifar, e ainda haviam de ir para a Galiza. Aquelas camaradas que eles faziam. E estavam todos na parte junto da fonte da ponte romana, naquele centro da cidade, no jardim. Quando desceu lá de cima o Ministro Trigo Negreiro, o Ministro do Interior, mais o Presidente da Câmara, mais aquela comandita - como nós dizíamos popularmente - eles começaram a gritar. Então a GNR disparou tiros. Marcou-me.

Trouxemos propaganda para Vila Flor, distribuímo-la debaixo das portas. Pronto, foi de facto um choque tremendo para nós. E depois assistimos à coragem de, em pleno largo da Câmara Municipal - da Domos Municipalis - gente do trabalho a assobiar aqueles que já sabiam que eram da Direita. Na sala, no salão nobre da Câmara onde havia a biblioteca, o presidente da mesa - e só havia uma mesa, digamos assim, na vila - abria os votos daqueles de quem eles desconfiavam. Tudo isso me foi marcando.

Aos 21 anos vim para a Marinha, fui para os fuzileiros. Nos fuzileiros assisti e participei e fui formado, como homem que havia de ir para a guerra e que tinha toda a orientação para matar. Defender a nossa vida e matar. Matar quem nos surgisse pela frente - os chamados terroristas. Foi assim que eu, também, contacto com o Marx e o Lenin e o Mao, porque eles tinham uns dossiers que nos entregavam para nós lermos, para sabermos quem era o inimigo. E o inimigo era dominado por essas três grandes figuras do pensamento e que lançavam explosivamente a revolta dos trabalhadores, dos pobres, etc.

Quando vou para Moçambique o primeiro choque que eu tenho é, no norte de Moçambique, encontrar aqueles que fizeram comigo a recruta em março de [19]63 - março, abril, maio, e depois mais três meses de um curso - esses, quando chegámos a uma parte do Cobue, no Lago Niassa - muito próximo da Tanzânia, no lado oposto de onde aconteceu aquela barbárie em Cabo Delgado. Mas eles tinham vindo de Cabo Delgado, tinham vindo da região dos Macondes, que eram de facto os maiores guerrilheiros da FRELIMO [Frente de Libertação de Moçambique]. Então a primeira coisa que fizeram foi chamar-me lá à camarata - não era camarata, chamávamos coberta na Marinha (...) - mostraram-me fotografias de uma aldeia de Macondes, em que eles tinham matado os velhos, as mulheres e as crianças, porque os homens já lá não estavam, estavam na guerrilha. (...) De repente estou a ver aquelas fotografias das cabeças cortadas, espetadas em paus - depois vieram numa revista francesa chamada Paris Match, que foi apreendida aí em [19]73. Aqui estamos em dezembro de [19]65 e saíram em [19]73, foi apreendida a revista. Eu vi o russo da minha formação de fuzileiro, um açoriano e outros, com cabeças, com os paus e as cabeças espetadas.

Eu era contra a guerra. Já tinha tido um problema, já tinha sido pedida uma informação política sobre mim enquanto estava na formação na escola de fuzileiros - eu não sabia - lá para a Câmara Municipal. E, portanto, eu era contra a guerra, era pacifista. (...) Então eles mostram-me essa aldeia dizimada, queimada, as cabeças cortadas e de repente eu começo a ficar tenso e carrego muito sobre a segunda cama - que eram camas de dois andares, uma caminha e outra por cima, para os homens. De repente sinto mexer aquilo que eu pensava que era só roupa. Então surge a cabeça de um miúdo negro de dois, três anos, todo indignado porque eu estava a esmagá-lo com o braço, eu estava a magoá-lo. Eu disse: «Quem é este?». [Eles]: «Olha, esse é o Zé Manel, foi o único que ficou vivo desta aldeia, porque o comandante, chamava-se Imediato disse para o sargento Almeida…» - que já tinha cortado uns pescoços de crianças e de velhos - «…não mates esse, fica para mascote do destacamento. É a nossa mascote». Fardado de marujo, camisa de marujo pequenina, feita não sei por quem. Eu fico realmente impressionado com aquilo. Foi o começo de uma aprendizagem maior e a revolta foi crescendo.

Estávamos em final de [19]65. O Zé Manel ficou-me com uma raiva, que não podia comigo, mas aí ao terceiro dia eu saí de serviço. Nós estávamos de guarda, na guerra, lá no mato e as melgas eram monstruosas, maiores que abelhas, quando nos picavam, inchavam.

Lavávamos, púnhamos álcool e íamos tomar banho - tínhamos a tarde livre, íamos para o Lago Niassa. Ao terceiro dia ele viu-me passar e disse [diálogo]: «Onde é que vais?». «Olha, vou tomar banho, queres vir comigo?». «Vou contigo». Foi buscar uma toalha e ficou meu amigo, naquele tempo.

A guerra. Uma queda que dei e quatro meses que se passaram sem uma única radiografia - num ataque que houve eu caí de uma altura de seis metros e fraturei duplamente os meniscos do joelho esquerdo. Só tive uma primeira radiografia quatro meses depois. Fui evacuado desse sítio.

Assisti a muita coisa. Fui para Metangula, que era o Porto maior. Depois fui para Vila Cabral, que hoje é Lichinga - lá me fizeram uma radiografia, mas o equipamento devia ser muito mau, portanto viam-se uns riscos, dizia o médico. E com tudo isso passaram mais quatro ou cinco meses, até eu ir para tratamento em Lourenço Marques. Só que mandaram-me para Lourenço Marques e não me mandaram para a ortopedia, mandaram-me para a psiquiatria. Eu levei um tratamento de insulina. Durante um mês injetavam-me todos os dias insulina. Dizia um médico psiquiatra aqui em Lisboa, a quem eu mais tarde vim consultar e a ser amigo: «Eles queriam-te matar». Porque a injetar insulina, eu tinha de levar, era obrigatório eu levar um litro de *jam*, que era um doce de calda sul-africano, para comer logo que acordasse, porque para além de mais dormia. Punham-me a dormir todo o dia.

Ao fim de 30 dias tinha um avião preparado para me levar novamente para o norte. Andaram à minha procura na cidade, eu tinha ido fazer um exame, só ao fim da tarde é que eu cheguei. Então iria para a prisão. Eu expliquei: «Eu fui fazer um exame ao consultório do médico psiquiatra e quando cheguei o avião já tinha partido». Então dois dias depois compraram-me uma passagem na aviação comercial e puseram-me novamente lá em cima no Lago Niassa, no aquartelamento.

Eu cheguei lá - eu que tinha vindo para baixo, que não tinha ido fazer a radiografia, que não tinha sido visto na área da especialidade e que tinha sido tratado daquela maneira - resolvi meter-me na cama e só me levantar para ir à casa de banho. Eu já estava de serviço. No dia seguinte, às 10 da manhã, foi lá o Sargento de Dia, foi lá o Oficial de Serviço e foi lá o meu Comandante e não conseguiram levantar-me. Eu, durante 10 dias, ajudado por alguns camaradas, aguentei-me na cama e só ao fim de 10 dias é que mandaram chamar um médico. Mandou-me chamar e disse-me: «Eu sei o que tu queres». Eu disse: «Sabe?», porque nós tínhamos conversas em Lourenço Marques, no aquartelamento. O senhor era indiano, era contra a guerra. O senhor deu um berro, pôs-se de pé: «Vai-te embora!». Deram-me ordem para entregar a arma, os carregadores e as coisas mais pesadas. Eu entreguei os carregadores tal como os tinha levado de Lourenço Marques - sete carregadores com 20 balas cada, da G3. Entreguei tudo e vim de avião - aqueles aviõezinhos de cinco lugares. Havia já um pequeno aeroporto - uma pista - junto do lago.

E aí começa, em setembro, o meu regresso a Lourenço Marques, para ser evacuado para Lisboa, para o Hospital Dona Maria - onde passei seis meses. Depois desses seis meses deram-me baixa, eu fui para Trás-os-Montes.

Eu, entretanto, escrevia. Escrevendo, ia relatando muitas destas coisas - escrevi um livro chamado Libelo Acusatório, que foi depois editado com o verdadeiro nome do autor. Esse livro tinha sido editado e recebeu um prémio, porque uma rapariga no verão de [19]67 - quando eu regressei - pôs-se a dançar e a conversar comigo, lá numa festa numa aldeia.

E percebeu que eu lia e perguntou-me se eu escrevia - disse-me que ela escrevia. Eu acabei por confessar que tinha um original de contos - aliás, já dois - e tinha duas peças de teatro. Ela, então, pediu-me um original de contos e uma peça de teatro para ler. Isto foi em agosto de [19]67. Em dezembro recebo uma carta dela dizendo que, para ter a opinião do professor de Português no Liceu de Bragança - ela tinha passado do 6º para o 7º - tinha dito ao professor que era dela, o Libelo Acusatório. O professor ficou entusiasmadíssimo, deu-lhe o prémio e o prémio foi a publicação. Eu só soube um ano depois, em agosto de [19]68, que o livro estava publicado. Então fui para Bragança e o livro já estava em segunda edição. Quando eu entrei na livraria veio o senhor Silva - aquilo era Livraria, Papelaria Silva, na Praça da Sé. O senhor Silva veio atender-me e eu pedi-lhe, que queria ver o livro que estava na montra, porque a montra estava cheia de exemplares da segunda edição do Libelo Acusatório, com o nome da rapariga. Então eu levei-o e disse: «É muito bom, é da nossa Françoise Sagan» Levei a cópia do original que lhe tinha emprestado e comecei a confrontar aquilo ao balcão, com a cópia. Era exatamente tudo aquilo que eu tinha escrito. Só tinha uma coisa nova, a introdução do tal doutor Eduardo Carvalho, professor de português. Aí eu disse-lhe: «É capaz de ser bom, mas é meu» - e provei-lho logo ali. O homem acreditou. [e disse] «Razão tinha o gerente da Caixa Geral de Depósitos e o reitor do liceu, [que] diziam que ela com 17 anos não tinha experiência de vida para escrever isto».

Então eu tinha estado em Lisboa. Já tinha escrito três, quatro títulos e tinha um romance que queria entregar na Estúdios Cor, o editor literário era o José Saramago, [que] eu não conhecia. Vim trazer-lhe em março desse ano, uns meses depois de ter levado baixa da Marinha, mas vim a Lisboa porque tinha a preocupação dos contactos com a editora. Deixei-lhe um romance - que não era esse livro de contos, era um romance - e que só publiquei agora em 2017, chamada A Capital Do Império. Escrito lá em Moçambique, no norte de Moçambique durante a guerra.

Então vim em março, deixei-lhe esse romance e depois lembrei-me que só restavam da segunda edição, 28 exemplares - foi aquilo que ele pediu. «Olhe, vá falar com o doutor Eduardo Carvalho, que ele não sabe nada desta coisa, foi levado no engano. Acreditou que a rapariga tinha escrito o livro, deu-lhe o prémio e publicou-o. Mas vá falar com ele». E eu fui falar com esse professor a casa dele. Ele na minha frente, quando percebeu, quando viu que de facto o livro era meu, chorou. Era um homem de 50 e tantos anos e aquilo mexeu mesmo com ele.

Mandei um exemplar, por uma questão de curiosidade, para o Saramago. Ofereci outro à minha madrinha, lá na vila, dei um à minha mãe e pura e simplesmente aquilo morria por ali - mas recebo uma carta do Saramago: «O que é que você está aí a fazer? Nós vamos-lhe fazer uma entrevista no jornal A Capital e você tem de vir cá para baixo e publicar este livro com o seu nome». E assim foi. Logo em outubro - isto foi uma cavalgada - havia um senhor, que era administrador de uma empresa chamada (…) que é hoje a Publicis, quando viu a entrevista, que foi o Rogério Fernandes que mandou umas perguntas e com chamada à primeira página: «Génio literário descoberto em Trás-os-Montes. Roubo de Livro» - uma coisa assim - com uma fotografia minha. Então esse senhor, que era um homem que não tinha nada a ver com esquerdas, mas era um homem com vontades, comprou o jornal. Acabou de almoçar, viu aquilo, comprou um exemplar, e quando chegou à agência chamou

um homem chamado Eurico da Costa, um poeta surrealista que era o segundo administrador da empresa, e disse: «Eu quero este homem a trabalhar aqui na agência».

Então fui convidado para um estágio. Ele contactou o Eurico da Costa, contactou o Saramago, o Saramago mandou-me uma carta - convidou-me para um estágio numa grande agência de publicidade. Vim para a agência, naquela altura, em [19]68, a ganhar cinco contos por mês, a fazer o estágio. Mandaram-me três contos, comprei o que tinha a comprar - roupa, etc. - e lá comecei a trabalhar. Foram seis meses [de estágio], foram mais meses de trabalho e depois mudei para uma agência para onde fui trabalhar - porque com quem eu trabalhava era um homem muito esquisito e mau.

Fui trabalhar com o Augusto da Costa Dias, com o Alexandre Cabral, com o José Manuel Tengarrinha, para uma agência de publicidade que era do grupo Borges & Irmão, que era a Latina, na Rua Duque de Palmela.

Estamos em [19]68, logo a seguir começa-se a preparar para chegar ao ponto do encontro com a vida política - em [19]69. Eu sou convidado para uma conversa pelo meu diretor criativo, que era o Augusto da Costa Dias, ensaísta - um belíssimo ensaio sobre que é A Crise da Consciência Pequeno-burguesa, uma coisa do século XIX, mas que iluminava muitas coisas. Realmente era um homem que, tendo tido uma tuberculose óssea, não o deixavam ensinar, não o deixavam encontrar trabalho, então ele vendia em Lisboa, manquejando, vendia vinho do Porto - até a certa altura ir trabalhar para uma editora que era a Portugália, como diretor literário, e começar a vida que ele gostaria de fazer. Entretanto foi trabalhar para essa agência de publicidade – a Latina - que tinha 90 trabalhadores. Era um mundo paternal do Conde da Covilhã, daquela gente toda, mas apesar de tudo tinha lá gente de esquerda, gente já com atividade.

Um dia o Tengarrinha convida-me para ir ao gabinete dele. Eu vou e está um homem, magro, um homem que nitidamente não fazia uma vida normal de cidade - e foi só para esse homem me conhecer. Era um homem da clandestinidade.

Começa a falar-se de eleições em [19]69 e, de repente, eu vejo-me confrontado com um papel, meio A4 [cujo] título era Recenseamento. Eu, que era um revoltado, tendencialmente esquerdista, olhei para aquilo e disse: «Mas é com isto que a gente vai fazer a revolução?». A verdade é que deu imenso trabalho, porque andámos porta a porta a bater nas casas das pessoas e a chamar a atenção que havia um recenseamento em abril e maio, salvo erro, para as eleições de outubro. Eleições em que se formou a CDE [Comissão Democrática Eleitoral] e formou-se a CEUD [Comissão Eleitoral da Unidade Democrática] - o movimento democrático dividiu-se. Foi aí que eu ganhei a experiência do trabalho com outra gente, com outras pessoas - organizado. É nesse contexto que eu vou ganhando experiência. Trabalhei com homens que tinham sido tarrafalistas e que era excelentes mestres de como fazer trabalho político. Fiquei completamente agarrado por aquilo.

Sofri imenso com as eleições. Fizemos esse esforço todo para as pessoas se inscreverem nos cadernos e depois as pessoas chegavam lá e o nome não estava lá. Mas estava lá o nome daqueles que andavam de camioneta e de autocarro, de posto de votação em posto de votação, de escola em escola. Eu estive na escola Pedro Nunes também como delegado da oposição, mas não me deixaram ver os cadernos. As pessoas chegavam, formavam fila,

mas o nome não estava. Mas para esses, que circulavam por outros postos de voto, esses, estava lá o nome - votavam e depois iam embora. Foi uma das raras vezes que na vida política chorei.

Estava cá fora às oito da noite, quando aquilo encerrou. Com, obviamente, resultados imensos para o Salazarismo e [para] nós era a derrota - Marcelismo, já nessa altura. Houve uma mulher que me disse: «Ainda vais chorar muito na tua vida» - de facto, eu não chorei muito.

Continuei ligado ao movimento democrático. Curiosamente os movimentos que se formavam para as eleições - do Norton de Matos, Ruy Luís Gomes, etc. - depois sofriam um certo desaparecimento. Ficavam umas tantas figuras… o MUDE, esse durou mais tempo… Mas em [19]69 há dois fenómenos extremamente fortes para a situação política que já estávamos a viver. Um deles foi a emigração - o esvaziamento das terras do interior. De repente quase metade da população do distrito de Bragança, a que eu pertencia, tinha emigrado para França, para Alemanha e Luxemburgo - sobretudo para França. Foi também a guerra colonial. Começou em [19]61, como sabem, depois daquele primeiro episódio de Goa, Damão e Diu - que aí foi a primeira derrota do Salazarismo - e depois parece o MPLA [Movimento Popular pela Libertação de Angola] em Angola.

Só para terem uma ideia, quando o meu irmão foi à inspeção em 1959, eram 40 e tantos rapazes dessa idade. Só quatro é que ficaram apurados - a guerra ainda não tinha rebentado - e só ele é que foi à tropa, os outros ficaram. Quando eu fui à inspeção seríamos também 40 e tantos, praticamente só não ficou apurado aquele que era mesmo aleijado e que não tinha condições para ir para a tropa. Eu vim para a Marinha. A diferença é que, depois, o estado apossava-se de toda essa juventude. Quando eu vim, na escola de fuzileiros na minha recruta eramos 1200 - naquela parada imensa ali ao pé do Barreiro e Vale de Zebro.

Portanto, em [19]69, o que estava em cima da mesa da CDE com grande força, ligados aos católicos progressistas - Nuno Teotónio Pereira, Sophia de Mello Breyner, o Padre Alberto, o Padre (em Belém) Felicidade Alves. Aquele movimento nos católicos progressistas que com os comunistas, eram claramente contra a guerra. Do lado de Mário Soares, que estava de certa maneira exilado em São Tomé, mas veio de propósito para formar a CEUD - e a CEUD não era nada contra a guerra colonial. Não colocou essa questão em cima da mesa e nós colocámo-la - e realmente isso deu prisões, perseguições e torturas. O Zé Pedro é um exemplo claro desses tempos de torturas terríveis.

Eu continuei organizado. A certa altura passei a responsável, entrei na comissão executiva da CDE - eramos 25. Fui responsável da cidade, zona ocidental - toda esta parte aqui até Algés, todas estas bases desde Campolide até cá abaixo eram da minha responsabilidade. Assim fui formando nessa vida política.

Em 1971, 72 nós tínhamos cooperativas culturais. Uma das palavras de ordem que saiu das eleições de [19]69, da CDE, foi: ir para as coletividades, ir para os sindicatos. Entrar nas estruturas fascistas, também, e criar condições para trabalhar lá dentro e mudar aquele panorama dos sindicatos, que eram horríveis e servis.

Eu fui para as coletividades. Acabei por sair logo na primeira ofensiva, por causa dum erro crasso que teve a ver com a guerra colonial. Um escrito que se fez, porque ia lá uma peça do Técnico que era contra a guerra colonial e foi-se meter um papel debaixo da porta do subchefe da esquadra dos terramotos na Maria Pia. Às 8h da noite estava lá uma brigada da PIDE a retirar cerca de 800 livros que nós tínhamos arranjado para a biblioteca de uma coletividade - a Academia Verdi - e fecharam a porta. Obrigaram a direção da Academia Verdi a expulsar a comissão cultural, a que eu pertencia.

Depois fomos para uma coletividade ao pé da meia laranja até ao 25 de abril e, depois, já tivemos mais cuidado e já fizemos um excelente trabalho, creio eu.

Em [19]71 há a luta das cooperativas culturais. O governo fascista faz um decreto-lei 520/71 do Gonçalves Rapazote e do Marcelo Caetano, obrigando as cooperativas culturais a entregar os estatutos para serem alterados. Nós, a parte mais progressista dessas cooperativas aqui em Lisboa, no Porto, em Coimbra, não entregou os estatutos. Só uma única cooperativa é que entregou, que era dessa influência, na área dos socialistas, que depois vieram a formar partido na Alemanha Federal. Esses entregaram. Mas nós fomos interrogados na PIDE.

O meu primeiro interrogatório não foi nessa altura - foi em 1970, esquecia-me de contar isso. Com a experiência de [19]69, nós resolvemos que onde fossemos passar férias iriamos fazer atividade culturais. Fui para o Norte com um amigo americano, que era professor na escola das novas profissões. Eu já trabalhava na publicidade, portanto tinha acesso às máquinas de 35 mm, ele sabia filmar e eu comprei um gravador - fazia a publicidade da Bosch, eles arranjaram-me boas condições e comprei um gravador, daqueles gravadores muito bons. Diziam que era o gravador que tinha ido à lua com os americanos. Não sei se foi, mas era um excelente gravador. A ideia era fazermos um documentário, um filme sobre emigração e campesinato. Era em Agosto, aproveitávamos a vinda dos emigrantes. Eu fazia entrevistas com eles, ele filmava - o americano, o Aram. Começámos a ir para uma quinta, onde havia uma família de quem eu era muito próximo e começámos a fazer entrevistas, a filmar o interior da casa - que era uma desgraça - e o trabalho duríssimo. Da segunda vez que vamos para a quinta tínhamos uma patrulha da GNR atrás de nós, de espingarda. Fomos para a quinta, mas eles ficaram a observar aquilo que a gente estava a fazer. (...) Na noite anterior, porque não tínhamos filme, porque não tínhamos máquina de projetar, não tínhamos sala, não tínhamos coisa nenhuma, [reunimos] na própria escadaria da Câmara Municipal, da Domos Municipalis, uma escadaria de pedra muito bonita - juntámos cerca de 60 jovens, estudantes, gente que trabalhava fora e que estava lá de férias. E começámos a tentar perspetivar o que é nós vamos fazer, que atividade é que vamos fazer. E há alguém que diz: «Porque é que a gente não faz uma peça de teatro?». Então a peça de teatro foi fundamentada na existência de uma serração, com uma dezena ou mais de trabalhadores que vinham das aldeias, de manhã cedo ainda durante a noite e saiam de lá já com a noite. Não pagavam horas extraordinárias, pagavam salários de miséria. Então a gente inventou a história do que é que íamos fazer com aquela serração. A certa altura, próximo da meia-noite, resolvemos demitir o patrão [Risos] e tornar um dos assistentes e participantes mais ativos no capataz. Depois perguntámos o que é que ele ia fazer - e ele disse espontaneamente: «Agora sou eu o patrão, obviamente vão trabalhar para mim».

No dia seguinte nós fomos fazer - depois dessas filmagens, da patrulha da GNR a acompanharmos – nós fomos fazer a segunda parte da peça e destituímos esse capataz e formámos uma cooperativa. Tudo isto a dois quilómetros da serração, que era à saída da vila.

Passava na avenida para trás e para adiante uma patrulha da GNR e o Cabo, coisa nunca vista, com uma pistola metralhadora. Nós ficámos intimidados, com receio. No dia seguinte já não fomos fazer filmagens.

Estava tudo tão tenso, que resolvemos ir até Mirandela para desfazer aquela tensão. Quando regressávamos de Mirandela, já passava da meia-noite, entrámos num café na Avenida e estávamos a tomar um chá (...). De repente entraram sete homens, daqueles homens de fato e gravata - mas aqueles fatos das risquinhas, que eu depois aprendi a conhecer melhor, que era uma brigada da PIDE. Rapidamente fomos embora. O Aram foi para a pensão e à porta da pensão estava um GNR a fazer guarda à pensão, guarda a ele.

Fomos para casa. Eu tinha irmãos mais novos que andavam nessas atividades, um deles veio a ser, aquele que é hoje produtor de cinema, o Tino Navarro. No dia seguinte, às 9h da manhã, chega um amigo meu de infância, da escola, que era operário da Renault em França, em Paris, a perguntar ao meu pai onde é que eu estava. O meu pai disse que eu estava a tomar o café. «Então chame-o» - no seu carro de emigrante. Eu venho, disse: «Entra, entra, que eu quero falar contigo». Então seguimos para fora da vila, para um caminho que era assim mais sossegado, e ele disse-me: «Olha, como sabes eu casei com a sobrinha do Padre Fais» - o Padre lá da aldeia, gente de aldeias no concelho de Bragança, tanto o Fais, como essa rapariga - «Ele chamou-me e pediu-me para vir falar contigo, para te dizer que às 8h da manhã foram lá a casa uns senhores da PIDE a tentar obter informações vossas. Quem eram vocês, o que é que faziam, o que é que não faziam. O meu tio disse-me para te dizer que: «Isso é tudo boa gente, filhos de famílias cá da terra, não há problemas». Mas eram 3h da tarde quando eu fui chamado para interrogatório no quartel da GNR.

O meu primeiro interrogatório foi no quartel da GNR. E soube depois, consultando os dossiers que têm na Torre do Tombo com o meu nome, que já em 1963, em setembro, estava eu na escola de fuzileiros, foi pedida uma informação ao Presidente da Câmara, porque eu pronunciava-me contra a guerra colonial. Portanto queriam saber quem eu era. E o chefe de secretaria - que era aquele que nos dava livros conforme lhe apetecia, ou nos mandava embora e não nos dava a chave a biblioteca – esse é que chamou o meu pai, disse: «Está aqui esta carta assim», ele disse: «Eu não sei nada, senhor Raul», e ele disse: «Eu vou fazer uma carta a dizer que ele é filho de boa gente, o pai até é regedor da vila e, portanto, não há problema». Foi assim que eu conheci estas cartas. O meu pai nunca me disse nada - isto passou-se em [19]63 - nunca me disse nada. Só quando eu fui buscar os dossiers tomei conhecimento de que havia um pedido. E há a resposta ao pedido de informação, assinado pelo Presidente da Câmara, dizendo que sou gente de família sossegada. O mesmo foi a conversa do Padre já em 1970 (...).

Quando vim para Lisboa tinha já essa marca - e foi dolorosa. Em dez dias de férias, escrevi um livro chamado Barões de Fina Flor - daquela vontade de intervir. Comecei a tirar as entrevistas do gravador. (...) Ia tirando do gravador e mandando-as para jornais, com não

podemos fazer o filme, fiz esse trabalho. Saíram com cortes, saíam integrais quando a coisa era simples…

Há uma que é simples, feita em 70, a um casal que estava emigrado em França que tinha dois filhos – oito, nove ou dez anos - que eu entrevistei e eles não disseram absolutamente nada de políticas. Estavam bem em França, não havia problemas, a vida era boa, tinham dinheiro. Os filhos, entrevistei-os e perguntei se gostavam de França, se não gostavam - eles disseram que sim, que gostavam de estar em França, que a escola era boa e que tinham muitos amigos. Só que misturavam o português com o francês já, já havia ali a perda da língua. Quando foi tirada essa entrevista do gravador, para o jornal República, e foi à censura, a censura cortou exatamente as palavras das frases das crianças - que não tinham rigorosamente nada a ver com política. Eu fiquei abismado a olhar para aqueles cortes. Realmente a entrevista saiu, mas sem os falares misturados do português e do francês. Levou tempo, na minha cabeça, a saber porque é que eles tinham cortado. É porque o estado português não punha, junto dos emigrantes portugueses, os professores necessários para salvaguardar a língua portuguesa.

Em [19]71 sou convidado para integrar o Partido Comunista. Quem é que me convida? O José Saramago e um homem chamado Areosa Feio, que era um homem muito ativo, engenheiro. Em março de [19]71 fui convidado e obviamente que aceitei. Foi para mim uma satisfação - já vai a caminho dos 51 anos e cá tenho estado.

Em [19]71 saiu um livro chamado Cartas e Poemas [Poesia e Cartas] de Bação Leal, que era um homem católico que tinha sido morto, ou tinha morrido em circunstâncias muito obscuras, no norte de Moçambique, onde eu tinha estado. Foi a família que pediu que o Urbano Tavares Rodrigues organizasse um livro com as cartas e poemas do tal Bação Leal, oficial do exército na zona de Moeda, Moçambique.

Eu li aquele livro e, de repente, disse: «Tens de escrever sobre a guerra». Não havia nenhum dos escritores - nem José Cardoso Pires, nem essa malta toda, escritores com nome, com livros publicados. Eu tinha publicado o Libelo prefaciado pelo Saramago em [19]68. Comecei a escrever sobre a guerra colonial e escrevi um livro que se chama História do soldado que não foi condecorado. Foi feito no Notícias da Amadora, porque nenhuma editora lhe pegou. O dono da Estampa - que eu mais tarde vim a saber que era responsável político do setor intelectual do partido, naquele tempo, antes do 25 de abril - disse: «Modesto, se eu publicar isto fecham-me a casa». A editora Estampa do António Manso Pinheiro.

Nem tentei mais, pedi um empréstimo bancário para pagar as dívidas da minha família - que nós tínhamos problemas graves e devia-se bastante dinheiro, o meu pai não conseguia resolver aqueles problemas, nem nós - e publiquei eu A história do soldado que não foi condecorado, que foi apreendido. Foi rasgado na tipografia, mas foi muito vendido e ajudou a abrir [o assunto]. Foi o segundo livro sobre a guerra, o primeiro foi do Álvaro Guerra [Memória] - só que era muito soft, muito à maneira dele e passou. Mas o meu foi apreendido. Foi apreendido na tipografia, também rasgado, uma brigada da PIDE foi lá e rasgou-o, mas ficou, essa marca ficou. A seguir comecei a escrever uma coisa chamada Ir à Guerra, publicada depois em [19]75. Já é um romance, é a história de ir à guerra. Em [19]72 publiquei esse livro, continuei com as minhas atividades.

Um dia o José Saramago, que era o meu responsável político da célula, a quem eu pertencia, telefonou-me e disse: «Quero falar contigo». Então marcámos um encontro na Alexandre Herculano e fomos conversando até ao Rato. Ele disse-me: «Estás com muitas atividades» - nós tínhamos formado uma Comissão da Defesa da Liberdade de Expressão. Quem era do secretariado: Maria Isabel Barreno, o Saramago, um homem que era o Marquês de Ponta Delgada, salvo erro, Borges Coutinho - que era advogado, era irmão do homem do Benfica - e um homem que era jornalista do República, que era o Figueiredo Filipe. Ele [Saramago] veio ter comigo e disse que eu estava a pôr em risco a célula - isto a caminho do Rato, curiosamente - e, portanto, eu tinha que parar com parte das atividades que tinha. E eu disse: «Olha Zé, se eu ficar à espera de uma reunião da célula de três em três meses, então é melhor ir para Trás-os-Montes». Ele foi-se embora e eu continuei a fazer as atividades que tinha e ia as reuniões. Um dia, é um episódio interessante, estávamos na casa dele a jantar e de repente descobriu que ele tinha na porta do quarto - era na Rua da Esperança, onde ele vivia com a Isabel da Nóbrega. Tinha uma sala, máquina de escrever, uma secretária aqui, uma mesa de refeições e uma construção em madeira que era um quarto. Estava colado na porta, ou pregado, uma capa de um livro que se intitulava Deste Mundo e do Outro. Era o título das crónicas que ele publicava na Capital, nessa altura. Então um dos que estava lá, daqueles mais ortodoxos, disse: «Culto da personalidade». E gera-se a discussão se ele cultivava a personalidade ou não. Ele levanta-se silenciosamente, vai-se por junto da porta, ao lado da capa e diz: «Quem dá o que tem, a mais não é obrigado» [Risos] e veio sentar-se. Acabou-se a polémica.

Em [19]73, no âmbito das atividades políticas, foi organizado o terceiro congresso da oposição democrática. E esse congresso da oposição democrática foi fundamental para nós. Eu apresentei uma tese sobre cultura, apresentei outra tese - que já não me lembro qual é o tema, mas está nas conclusões que foram publicadas - e apresentei uma tese que viria a ser o texto de entrada do livro Emigração e Crise no Nordeste Transmontano - que saiu exatamente em finais de [19]73 e também foi proibidíssimo. A Prelo Editora teve um processo, que levaria à extinção se não fosse o 25 de abril.

Era aí que estavam as entrevistas que eu fiz em 1970, em 1972 - quando lá voltei e resolvi fazer mais entrevistas. Não houve filme, mas houve aquele livro. E o livro foi apreendido.

No congresso, muita gente que eram oficiais - sobretudo oficiais - que estavam na Guiné, e mesmo em Angola, vieram a esse congresso. Foram observadores no congresso. Levaram muitos desses materiais. A minha tese sobre Emigração e Crise no Nordeste Transmontano terminava com um apelo à extinção do governo, do regime e a substituição por um governo democrático e, portanto, Portugal passaria a ser um país democrático, com direitos, com liberdades e garantias - está lá. Isto é em finais de 1973. O livro é apreendido. Eu, entretanto, como era um dos responsáveis menos marcados politicamente da CDE. (...) Os militares, oficiais ou não, já andavam pelas bases da CDE, já apareciam em reuniões - e há um tenente que começa a ir muito à base onde eu estava mais, que era a de Santa Isabel (Santo Condestável) porque eu vivia em Campo de Ourique. E, de repente, ele um dia disse-me: «Queria falar consigo». Criou-se ali condições para falarmos e ele entrega-me uns documentos e disse: «Esta é uma possibilidade de um programa, para nós podermos fazer qualquer coisa em relação à situação política». Um programa do Movimento das Forças Armadas. Eu guardei-o muito bem guardado, quando tive condições

falei com o Tengarrinha, disse: «Olha, há isto assim e eles pedem a nossa opinião», disse: «Olha, então vamos fazer uma coisa. Vamos fazer uma reunião só eu, tu e o Herberto Goulart» - que era um homem mais experiente. Os outros ficaram sem saber o que se passava. Quando leram o texto, que eu já tinha lido - aquilo era um bocado revolucionário - o Tengarrinha com a sua capacidade política disse: «Olha, diz lá aos amigos que isto está tudo muito bem. A revolução... mas o problema ainda não é a revolução. O problema é as liberdades…» - é curioso, é espantoso - «…são as liberdades, são os direitos, é o fim da guerra colonial e é um país desenvolvido. Nós queremos um país que seja livre e desenvolvido». Eram os três «Ds». Eu dei o recado, eles lá continuaram a trabalhar.

Entrámos em [19]74 e em 74 já havia grande agitação laboral, inclusive greves. Estava a criar-se o clima para qualquer coisa que viria a acontecer.

Para além dessa experiência com o pré-programa do Movimento das Forças Armadas - eles depois alteraram-no substancialmente - fomos a uma reunião, eu e o Herberto Goulart, no âmbito dum secretismo muito grande na comissão executiva da CDE. Dois de nós, eu e o Herberto Goulart - era de facto, a seguir ao Tengarrinha, o mais adulto do ponto de vista político; estava lá o Lino Carvalho, estavam lá outras figuras - fomos a uma reunião de oficiais milicianos, com grande secretismo, na Graça. Oficiais milicianos dos quartéis de Lisboa e aqui da região - Amadora, etc. - e eles dão-nos a informação de como é que as coisas estão a ser preparadas. Bem, foi muito útil.

Nós fomos reunir em Benfica, naquilo que viria a ser uma cooperativa cultural, mas era um prédio ainda em construção, fomos reunir os quadros do movimento democrático aqui da região de Lisboa e a executiva. Enquanto lá estávamos, para nós era como se já era - é verdade que já sentíamos as coisas prestes a explodir, e portanto, desguarnecemos a segurança. E de repente entrou, eram 15:30h, entrou PSPs, com um comandante que tinham aos berros, e entraram civis - que eram PIDEs. À porta estavam as chamadas Ramonas - camionetas - levaram cerca de 55 dirigentes e militantes da CDE.

Fomos então, agora para falar da prisão, fomos para o Governo Civil. Os homens foram separados das mulheres - havia bastantes mulheres. E depois da meia-noite é que fomos levados em autocarros, em carrinhas, para Caxias. A chegada a Caxias é chegar e meterem-nos lá no meio daquelas vielas tortuosas, daqueles caminhos retorcidos, meteram-nos num subterrâneo - que já não era prisão normal, era só uma espécie de armazém quando não tinham celas livres. Foi horrível. O pó. Por exemplo, o Ruben de Carvalho sofria muito de asma, teve ataques... uma coisa horrível, nessa noite. Mas nós estávamos confiantes. Havia um que tinha levado balões, que eram para os filhos, encheram os balões e andámos a jogar ao balão.

No dia seguinte fomos fotografados um a um. Com todo o rigor, ninguém nos podia ver dentro das carrinhas completamente fechadas. Depois, naquele mesmo dia, começaram a levar um a um para as celas. Houve aqueles que foram já para celas com mais do que uma pessoa - duas ou três - e houve aqueles que foram para o isolamento. Eu fui para o isolamento, para uma cela. E, realmente, estive ali desde o dia sete, até ao dia 23, nesse isolamento.

Chovia imenso nesse abril, havia humidade terrível. Eu que tinha tido o problema em África e fui evacuado, estava a sofrer imenso, então pedi uma consulta. O doutor Barata atendeu-me - o doutor Barata, que era o médico de Caxias, vocês já devem ter ouvido falar - ouviu-me: queixas, dores no joelho, contei-lhe a história da guerra. Ele abriu uma gaveta e disse: «Toma», dois comprimidos. «Vai-te embora». [Eu]: «Então é com isso que o senhor doutor me está a tratar?». [Ele]: «Vai-te embora». E o agente levou-me e lá voltei eu para a cela.

Veio a altura de ser interrogado e lá vou eu para o interrogatório. Aquela ala sul, que eu não conhecia, aquela escadaria estava cheia de cães e de PIDEs. cães-polícia e PIDEs até lá acima. Depois virava-se à esquerda, lá em cima, ia-se pelo corredor fora e havia uma porta aberta. Eles disseram-me para entrar ali e era a sala do interrogatório, uma espécie de quarto: «Ficas ali, mas não te encostas à parede. Ficas aí de pé». Eu pus-me de pé. Eles não conversavam comigo, pura e simplesmente estavam dois de vigilância e, de repente, vem o inspetor Tinoco. Veio só olhar para mim e foi-se embora. A certa altura, umas horas passadas, esta questão do joelho era mesmo uma questão crítica - doía. Eu comecei a encostar-me à parede, eles vinham. Desencadeou-se ali uma cena de não sei quantas horas de «Afasta. Levanta-te», e eu punha-me de pé. A certa altura desatei a gritar que tinha estado na guerra em África, no norte de Moçambique, que num ataque tinha tido um acidente, tinha dado uma queda, tinha fraturado os meniscos - por aí eu já sabia que tinha fratura dupla de meniscos, mas foi cá em Lisboa que foi descoberta - e não podia estar na estátua. E há um deles que me ouviu e saiu da sala. Passou-se uma noite, não sei o que é que se passou. Sei que ele demorou muito tempo. E eu continuei na estátua, com aquela cena de me porem de pé, de eu me encostar, etc. De repente ele voltou e disse: «Senta-te!». Havia uma cadeira. De fronte da cadeira do PIDE havia uma mesinha, onde o PIDE se sentava. E eu sentei-me.

Eu não tinha receio de falar [sobre] ser do Partido Comunista - não diria absolutamente nada. Mas havia coisas que eu sabia, que a grande maioria daqueles que estavam presos não sabiam - que foram aquelas duas experiências do programa que estava a ser elaborado e a reunião com os oficiais milicianos. Quando me sentei - a frase que está aqui: «Já não levais nada» disse eu para mim. E realmente não levaram.

Começou outra tortura, houve um PIDE que tinha estado na operação Nó Górdio, no norte de Moçambique, do Kaúlza de Arriaga e que me contou com pormenores a maneira como eles queimavam as aldeias com Napalm - eu tinha estado em Moçambique, por isso de certa maneira, para eles, era uma espécie de herói da guerra, até tinha sido evacuado. Ele apetecia-lhe falar. Eu não questionei, não falei. Ele é que me contou tim-tim por tim-tim o que é que tinham feito naquela operação Nó Górdio. Nó Cego, chamou-lhe o Carlos Marques - um homem que é oficial das Forças Armadas - chamou-lhe Nó Cego, é um excelente romance sobre a guerra e sobre essa operação. O outro, de repente, estava de fronte de mim - esse falava nos turnos - e o outro estava sentado e se eu fechasse os olhos - porque é evidente, sentado eu adormecia com a maior das facilidades - o gajo deixava cair uma moeda em cima da mesa, do tampo de madeira. Aquilo era uma explosão na minha cabeça, na situação era como se rebentasse uma bomba.

Nestas consequências daquela situação, há uma manhã em que me foi servido o pequeno-almoço - um homem, via-se nitidamente que era um aleijado, como se dizia na altura, um deficiente e que não olhava para mim. Eu não merecia um olhar dele. Ele punha o café, punha o pão. Comi o pão, tomei o café. Depois chegou o inspetor Tinoco e foi uma barbárie

de insultos: «Aqui tens de te convencer, ou falas ou sais morto». Eu aguentei-me, não tinha nada que responder. Foi assim que a certa altura desembestou fora e daí a umas horas eu fui levado para a cela.

A certa altura, disseram-me que ia para o recreio. As medidas que eles tomavam nos corredores, lá na prisão, era uma coisa inconcebível. Nós não podíamos ver ninguém, nem os próprios carcereiros. Eles montavam um esquema que só via o PIDE que estava ali à porta e que me passava para este que estava aqui, este levava-me para outro sítio. Então fui pela primeira vez, e única, ao recreio. Enquanto andava ali ao ar livre - aquilo era uma espécie de caixa, de paredes muito altas - e de repente encontrei, lá no cantinho onde havia uma espécie de sarjeta, onde a água escorria, estava um papel dobrado. É o último poema desse meu livro - «Quem és? Eu sou o cela 17». No meio daquilo tudo havia um homem aos gritos, que corria, até fazia travagens, para fazer aquilo que era necessário que não conseguia fazer na cela - que era uma coisa de dois metros por metro e meio.

Foi aí também, nessa cela, que aprendi através do A, do B e do C a comunicar com o homem do lado, a passar informações e a receber informações durante aqueles dias todos.

Esta é a última cena forte. Se batíamos com mais força na parede o carcereiro abria a portinhola da porta e mandava-nos estar quietos e berrava connosco. Então sou posto numa cela onde já estava o Vítor Agostinho, da Voz do Operário - tinha sido preso na mesma altura. Aí eu copio, de um dia para o outro, copiei esse original que tinha escrito - a certa altura, deram-me acesso a papel e eu escrevi um conjunto de poemas, de textos. Fazendo uma cópia, podia-se contar a cada passo, porque já tinha saído alguém. Então pedi ao Vítor Agostinho para esconder essa cópia e para a trazer - caso saísse ele, se não saia eu e trazia-a eu. E assim foi, ele meteu-a no forro do casaco. Ele saiu eram 5:30 / 6 horas - isto no dia 24 [de abril] - e às 19:30h abre-se a porta da cela. Eu estou sozinho. Na cela ao lado está o Orlando Gonçalves, um homem que tinha sido preso dois dias antes numa última rusga que eles tinham feito - o Tengarrinha também foi preso, foi preso o Sérgio Ribeiro. Na cela seguinte estaria, pela comunicação com o Orlando Gonçalves soubemos que o Sérgio Ribeiro estava na outra cela.

Então abre-se a porta e era um PIDE, um agente: «Quer-se ir embora?» - 7:30h da tarde de dia 24. Eu não respondi: «Quer-se ir embora ou não?!». Pensava que ele estava a gozar comigo, estava a provocar. [Eu]: «Claro que quero ir embora, eu nem devia ter entrado cá». [Ele]: «Então venha comigo». Tal como quando a gente entrou, no dia seis, já nos mandaram para uns subterrâneos, que era horrível estar lá, não se aguentava - que já não eram prisões, já estavam desativados mas meteram-nos ali porque já eramos muitos - foram deitando fora aqueles que já tinham sido interrogados, que já não tiravam mais nada deles, para abrir celas para outros. Foi isso que obviamente levou a que me libertaram a mim, que libertaram o Vítor Agostinho, como foram libertando outros. Esgotados os interrogatórios, as pessoas se não tinham uma carga muito grande, se não eram prisioneiros altamente perigosos, é evidente que eram postos fora para poderem entrar outros.

Levou-me pelo corredor fora até uma sala onde havia imensas gavetas - as paredes eram gavetas. Gavetas pequenas. Abre uma gaveta e lá estavam os meus cordões dos sapatos, o cinto e a carteira. O cinto e os cordões era para não me enforcar [Risos] e a carteira era aquilo que eu tinha de valor. E diz ele assim [diálogo]: «Tem dinheiro para pagar a multa?».

«Qual multa?». «Então, você estava numa reunião clandestina, não autorizada, portanto agora tem que pagar a multa. Está aqui o livro…» - e era o livro oficial das multas. Infringindo o código não sei quê... quase 1200 escudos. O que eu queria era sair dali. E disse: «Eu, quando fui preso, tinha dinheiro. Tinha ido levantar dinheiro e tinha dinheiro comigo». Portanto paguei. E ele passou-me o recibo. E levou-me, com mais um guarda, um GNR, levou-me até um portão onde, quando o portão se abre, estava à minha espera o único irmão que tinha sido autorizado - nem a minha companheira, nem ninguém foi autorizado a visitar-me, só foi ele autorizado uma única vez. E estava ali à minha espera! Eu disse: «O que é que estás aqui a fazer? Eu só soube agora às 19:30h que ia sair, estás aqui porquê?». «Estou aqui porque às três da tarde fui chamado à secretaria para pagar a multa para tu poderes sair». Portanto tinha pago quase 1200 escudos [Risos] e o PIDE depois fez aquela coisa - deve ter sido a última vigarice do fascismo, dá-me gozo dizer isto. Claro que eu iria pagar esse dinheiro ao meu irmão, mas se não tivesse acontecido o que aconteceu.

Nós fomos para uma cooperativa que, entretanto, formámos, mas onde não se podia fazer atividade - seguíamos os tais estatutos que o fascismo queria, só que tínhamos livros e as pessoas encontravam-se lá. Estive lá até à meia-noite, a fazer o ponto da situação. Vou para casa, com a minha companheira, deitámo-nos. Às 5h da manhã toca o telefone: «Olha, Infante Santo, 9:30h, reunião da executiva». Era a filha do Augusto da Costa Dias a fazer contactos com os dirigentes. E realmente às 9:30h lá estava eu no Infante Santo, em casa de um Tenente-Coronel do Exército que estava em Angola, em comissão de serviço, e que veio a ser o segundo comandante da GNR no quartel do Carmo.

Estivemos ali o dia todo, cheguei às 9:30h - às 10:30h estava aqui em Alcântara a fazer uma reunião com os responsáveis das comissões de base desta zona ocidental. A palavra de ordem era ir lá para baixo e acompanhar os militares. (...) Para além de ter havido uma mulher que espontaneamente deu cravos (...) - nesse meu livro o cravo é muito referido - porque as famílias mandavam fruta, mas vinha um cravinho vermelho a acompanhar. Os cravos também marcaram aquele dia.

Depois, obviamente, ainda fui à baixa. Mas aquilo deu uma trabalheira imensa de organização e punha-se a questão da saída dos outros presos. Então eu e o Pedro Ramos de Almeida fomos encarregados de escrever o primeiro comunicado - que saiu na República da tarde desse dia, na segunda edição. Era um comunicado a exigir a libertação dos presos políticos - mas todos. À noite, através dos faróis, foi transmitida a mensagem para o interior da prisão: «Ou saem todos ou não sai nenhum!». Porque nós começámos a ter informações que o Spínola queria fazer escolha, por exemplo, aqueles que estivessem no Partido, na clandestinidade, achava que eram criminosos - o Palma Inácio e outros, até porque tinham assaltado bancos [Risos] ele queria fazer a escolha, Foram dois dias de luta - foi no dia 27 que foram libertados. Uma festa aqui de Caxias, toda a gente, aquilo tudo cheio. Deve haver provas disso - e eu lá estava à espera daqueles que lá tinham ficado no dia em que eu saí.

Pronto, esta é a história. Deixei a publicidade, fui trabalhar para com os militares na Comissão Dinamizadora Central da 5ª divisão em atividades culturais, com muito boas companhias - o Bernardo Santareno e tantos outros que foram fazer sessões, que andaram pelo país. Teatro, o João Mota. Enfim, tanta e tanta gente. E eu pertenci, guardo religiosamente o crachá dessa coisa horrível da 5ª divisão do Movimento das Forças Armadas a que eu pertenci - que tenho muita honra em ter pertencido.

Fiz um livro chamado Vida ou Morte no Distrito de Viseu, foi um levantamento sobre as campanhas de dinamização. Estive lá nos sítios onde os militares estavam a abrir estradinhas e estradões para as aldeias que não tinham. Por exemplo, na Serra da Gralheira, uma aldeia entre Castro Daire e Lamego, uma serra onde as aldeias não tinham nem um estradãozinho para tirar de lá um doente, para ir para a vila. Era às costas, em padiolas. Eu gravei isso. Fiz também um livro em Trás-os-Montes, em [19]75, chamado Perspetivas de Libertação do Nordeste Transmontano - também ligado às campanhas de dinamização. E depois acabei por ir para a Secretaria de Estado da Cultura trabalhar, fiz o levantamento dos poetas populares alentejanos, também foi editado, fiz o levantamento da reforma agrária. Pronto, a minha vida tem sido isso".

Óscar Manuel Martins Romualdo

Ano nascimento: 1954
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 06-10-2021

"Fui detido com 18 anos. Dezoito. Fiz os 19 na cadeia, faço os 19 em janeiro e depois saí em agosto. Portanto foi ali a meio, mais ou menos. Era um rapazinho muito jovem, cheio de boas vontades, cheio de energia. Queria fazer coisas. E as pessoas sabem que, de uma maneira geral isso é sabido, que um jovem de 18 anos não morre e nada lhe acontece. E, portanto, eu tinha 18 anos e não morria e nada me acontecia, não é?

O meu comportamento era mesmo esse. O meu e de rapaziada com quem eu me entendia e me dava. Tudo gente revoltada, tudo gente a querer fazer coisas, mas que não tinha aquele mínimo. Há aquele mínimo de respeito pelas tais regras conspirativas, não é? Que efetivamente, não se teve esse respeito. E pronto, depois pagou-se daquela maneira, como não podia deixar de ser. Isto é uma avaliação que é feita já mais para a frente - não agora - mas já muito mais para a frente percebo então que houve uma série de asneirada que foi feito e depois deu no que deu.

Eu queria realmente participar, fazer coisas, queria. Eu e os outros, não é? Posso adiantar que no meu processo estavam oito. Tirando o... eu estou a separar um que é o controleiro, não é? Que esse teve, tanto quanto eu percebi, hoje já não me recordo bem, mas eu penso que ele teve um processo à parte. Portanto, nós oito, era um bocado ali digamos, tipo ratos. Fomos apanhados todos juntos e por isso aquilo vai tudo pra dentro da cadeia. [Risos] E o outro também, o outro companheiro também.

Este meu sentir tem uma origem familiar. Eu fui criado com os meus avós maternos e havia um sentimento da parte do meu avô, digamos o homem da família - a minha referência de homem. Era um homem que não tinha formação, lia pouco, mas tinha um sentimento. E esse sentimento (...?) ele passou-mo a mim. Que era um sentimento... eu vou dizer desta maneira, para se perceber: anti-padres. Já a minha avó, a senhora que me criou também, era uma mulher temente a Deus e enfim, toda a vida dela eu lhe conheci essa devoção. Mas ele, até porque eu era jovem e interrogava-o muitas vezes e fui sempre uma pessoa que, enfim, convivi sempre com um ponto de interrogação à frente no Mundo que me rodeava. Fazia perguntas a mim próprio e às vezes não encontrava respostas, outras vezes encontrava, outras vezes perguntava - tinha essa curiosidade. E, portanto, esse meu avô de alguma maneira marcou-me com essa coisa dos Padres. Sem que ele soubesse explicar e eu também não conseguia muito bem entender, percebia que o Padre ali tinha uma função qualquer estranha que eu não entendia. Essa é uma particularidade.

A outra particularidade, a história que se contava era: o meu pai tinha uma tia, que eu conheci ainda, a minha tia Madalena - tia do meu pai, minha tia em segundo grau. Dessa tia Madalena, a história que se contava dela, que era uma história muito curiosa era que ela - como se dizia nesse tempo - casou bem. Era gente muito humilde, casou com alguém ligado ao Direito. Não sei se era advogado, se era solicitador - tinha uma função (...) que para a altura era uma função, enfim, com algum destaque. Tiveram dois filhos. Um chamado

Óscar e outro chamado João. O Óscar não conheci, por razões que vou dizer a seguir, e o João ainda conheci - não sei se ainda é vivo, penso que não, já era pessoa com idade para a frente, não é? E então acontece o seguinte: o marido dela, esse senhor advogado ou ligado às leis, era uma pessoa contestatária do sistema, de tal maneira que ousou. Ousou afrontar o sistema que estava montado na altura - o Salazarismo. E ele, como muitos, teve azar. Foi preso. O filho dele, o mais velho, acompanhou-o. E, portanto, acompanhou-o, foi preso também. Na cadeia, tanto quanto sei, não foram bem tratados, antes pelo contrário. Isto é um eufemismo. Foram maltratados, francamente maltratados. A ponto de a polícia, a PIDE, os soltar já muito debilitados porque se perspetivava o seu falecimento e foi isso que veio a acontecer. Portanto, tanto o pai como o filho vieram para casa. Primeiro morreu o filho, depois morreu o pai. É assim que a história me é contada na família.

Como disse, o filho mais velho chamava-se Óscar. Eu não era vivo ainda, ainda cá não estava nessa altura - eu apareço mais tarde. E quando apareço mais tarde, um pouco em jeito de homenagem, esse nome é-me dado em homenagem a esse Óscar. E, portanto, esta coisa foi, digamos, uma qualquer coisa que sempre me acompanhou a vida inteira. Eu nunca gostei do meu nome, se querem saber mesmo. Não posso dizer que detesto, não é o caso. Mas nunca gostei do meu nome - gostava de um Filipe, de um João, de um José - Óscar nunca gostei. Mas digo logo a seguir: não trocava o meu nome por nada, tendo eu esta história de família.

E, portanto, é aí um pouco que eu vou buscar os meus sentimentos remotos para aquilo que eu... para o caminho que eu escolhi para mim. Mantive sempre uma desconfiança em relação ao sistema, como digo, embora miúdo. Um miúdo, enfim, é miúdo - não sabe muito bem o que quer, não é? E eu também não sabia o que queria, mas o sentimento acompanhava-me. Um sentimento de repulsa.

Eu comecei a trabalhar com 14 anos na antiga Fábrica Militar de Braço Prata, ali na zona do Poço do Bispo, e lembro-me com 14 anos eu - mas isto enfim, vale o que vale - eu dentro da empresa afrontava o sistema. Não estava ligado ainda a nada. (...) Nós tínhamos um regime lá dentro - nós aprendizes, eu era aprendiz. Entrei como aprendiz e depois saí como aprendiz. Lembro-me que havia um regime lá dentro que era: Às oito horas quando entrávamos, hora normal de pegar ao serviço, tínhamos cerca de uma hora de atividade, vamos dizer assim, cultural ou desportiva e também - se quiserem, enfim, direi assim, se calhar não digo bem, mas dá pra perceber - militar. Militar no sentido de marchar. Porquê? Tudo aquilo era feito no âmbito da Mocidade Portuguesa e, portanto, vestíamos a farda, andamos lá a marchar (a certa o passo?). E depois tínhamos atividade física e atividade cultural. E lembro-me que quem controlava a Mocidade Portuguesa nessa fábrica, na Material de Guerra em Braço Prata, quem era, digamos, a pessoa que dirigia superiormente aquela miudagem que andava lá, era um senhor Capitão Gambua. Pessoa que nunca me fez mal, nada. Mas havia uma coisa que ele me embirrava. Ele era Capitão, portanto, era militar, portanto embirrava que tinha o cabelo comprido. Agora não tenho nenhum, não é? Na altura tinha. [Risos] Cabelo comprido, deixava crescer o cabelo. E ele embirrava com o cabelo comprido, um pouco ao jeito militar, não é? E eu fazia-lhe frente, respondendo-lhe e deixando estar o cabelo comprido. Eu via naquilo uma forma também de dizer que não. Era uma manifestação de recusa. Claro, depois mais tarde eles vieram a perceber isto tudo. (...) Para além de estar ligado, isto mais tarde, estar ligado ao Partido Comunista Português, havia antes disso já um sentimento que me acompanhava e que me norteava um bocado

os comportamentos. Eu começo a ter esse ativismo antes de estar ligado ao Partido Comunista, antes.

Na Rua Duque de Ávila, quem vem do Saldanha entra ali na Rua Duque de Ávila. Quem desce a caminho do Campo Grande, logo à esquerda, havia aí um prédio onde funcionava um núcleo que eu nunca consegui perceber muito bem aquele núcleo. Mas, era um núcleo que eu comecei a frequentar. Já não sei... penso que foi um colega meu de trabalho, um aprendiz também, que me terá comunicado que ali nesse sítio - depois eu fui descobri-lo, fui lá saber, não é? Isto com 16 / 17 anos - não é muito normal isto. Independentemente da consciência que acho que se calhar não tinha muita, eu tinha era vontade de fazer coisas. Então nessa rua havia um prédio logo ali à entrada, como estava a dizer, penso que era num 2º ou num 3º andar que funcionava um núcleo de resistência. Digo eu assim, não me lembro como é que se chamava - francamente não me recordo. Eu aí tive oportunidade de conhecer figuras que mais tarde - já pós 25 de abril - com grande visibilidade. Aquilo é um núcleo que depois veio de alguma maneira também... toda aquela gente tinha tudo a ver com o atual PS, Partido Socialista, não é? Portanto, eu não tinha, não sabia na altura - eu nem sabia da existência do Partido Comunista, depois é que fui contactado - mas percebia que ali era um núcleo de resistência, não é? Que a polícia volta e meia invadia aquilo. Eu já tinha essa informação, mesmo miúdo, enfim, 'tava um bocado à defesa com isso. Lembro-me do Doutor Magalhães Godinho, é uma figura, não sei se o conhece - conheceu, que já faleceu. Estou-me a lembrar de um Pedro Coelho. Doutor Magalhães Godinho é uma figura com grande visibilidade, uma espécie de patriarca do Partido Socialista, tirando a figura maior que era o Mário Soares, não é? Era uma figura muito respeitada. Lembro-me do Marcelo Curto, o advogado que trabalhava muito no sector das leis do trabalho. Lembro-me do Jaime Gama. O Jaime Gama era estudante na altura! Bom e aparecia lá mais gente, que eu agora não recordo. Lembro-me destes que foram as figuras que retive (...). E então todos os sábados havia lá um colóquio. Um colóquio em que se tratava um tema, sempre no âmbito político. E, portanto, aquilo chateava a PIDE e a PIDE volta e meia fazia lá incursões. Isso eu sei. Nunca a vi lá, a PIDE, nunca a vi, mas não é difícil de imaginar que a PIDE lá ia, não é? Tratando-se de quem se trata e tratando-se das figuras que lá estavam, que depois eu percebi melhor, mais tarde. Mais tarde percebi essa coisa toda um bocadinho melhor.

E, portanto, essa foi a minha primeira busca. A minha primeira busca. Eu não diria que me sentia mal, senti-me muito bem ali. Tudo o que fosse afrontar o sistema para mim estava bem. E ali sentia-me muito bem. E de tal maneira me sentia bem que a minha frequência era assídua. A partir de determinado momento era assíduo. Assíduo no sentido em que todos os sábados lá ia. Todos os sábados havia aquilo. A ponto do próprio Doutor Magalhães Godinho de alguma maneira - ele devia achar piada, um rapaz tão jovem ali de modo próprio. A não ser que ele desconfiasse de alguma coisa, porque havia sempre o lado da desconfiança, não é? - «Quem é este fulano? Vem a mando de quem?». Portanto a PIDE 'tava em todo o lado, não é? Eu nunca percebi que fosse assim. E penso até em determinado momento o próprio Doutor Magalhães me adotou. E fiquei ali, uma figura enfim - que ele me tratava com algum carinho. Não me recordo nunca de ele me ter passado a mão pela cabeça, que ele era um pouco mais baixo que eu. [Risos] Eu já nessa altura era assim um bocado encorpado. E pronto, foi uma figura com quem eu tive sempre uma - enquanto lá estive - relação de respeito, de muito respeito, porque percebi que era uma

figura perseguida. E isso percebia-se bem. Mas não era só ele, não é? Ele era a figura talvez central.

E então depois há um momento em que sou abordado pelo Luís Pais com muito jeitinho, enfim, como estas coisas se fazem sempre. Ele, um jovem como eu - ele é mais velho que eu dois anos. Eu na altura tinha 18, ele teria 20 eventualmente. Portanto eu devo ter sido aliciado aí em abril, mais coisa menos coisa. Portanto eu tinha 3 meses de partido quando fui preso. Três meses. Ora, tirando o meu ativismo e tirando a minha vontade de fazer coisas, eu não tinha mais nada. Não tive tempo para ganhar aquela bagagem que nos dá aquela sustentação do saber para onde vou e o que quero, não é?

Havia encontros com o funcionário clandestino, isto é corrente. E depois durante esse período houve realmente atividade. Houve uma forte atividade - eu participei fortemente em atividades, juntamente com os outros - mas de uma forma despreocupada. Do género de levantar às 3 da manhã para ir pôr vinhetas e papéis na estação do comboio, que as pessoas de manhã iam e apanhavam aquilo - os que apanhavam, que as pessoas tinham medo, não é? Fazendo inscrições nas paredes. Era estudante noturno e lembro-me de ter entrado eu, mais um grupo da Afonso Domingues à noite - à noite, mas à noite, de madrugada vamos dizer assim - e fazia lá umas pichagens. Depois falava-se muito no nitrato de prata, que aquilo não saia. Quer dizer, picava-se o nitrato de prata, não é? Saia o nitrato de prata, mas depois ficava lá a picada, a frase ficava na mesma. [Risos] E pronto, aquilo era tudo um gozo pegado. Sabia que podia ser preso e se calhar tinha noção, eu nem sei bem dizer sabe? Mas tudo aquilo era visto de uma forma desportiva. O que interessa é fazer coisas! Fazer, fazer, fazer.

Lembro-me que numa dessas vezes, ali em Marvila, o guarda noturno - que hoje já se vê pouco, nessa altura havia - assobia, mete o apito na boca e começa a apitar e a malta toda a abrir, porque (...) quando o guarda noturno apitava a polícia vinha, não é? E nós fugimos todos. E ali não havia só material de pichagem, havia também (...) Avantes, não é? Já não sei a que propósito é que levámos aquilo, mas levei. E fomos a correr, fomos para Moscavide - eramos de Moscavide, todos. Chegámos a Moscavide, fomos ao jardim, o jardim tinha um lago, foi tudo destruir os Avantes. Aí ganhámos medo, eu e eles. Ganhámos medo. e fizemos isso um bocado desajeitadamente.

A prisão ia a sair de manhã. Ia a sair de manhã para o trabalho, o que fazia todos os dias, e às 7:30 - o comboio era às 7:35 mais coisa, menos coisa - aquilo 'tava tudo já afinado em termos de rotina diária, não é? E penso que foi às 7:30 mesmo, mais minuto menos minuto. 'Tava a sair de casa, porque a estação era perto, mais 5 minutos e estava no comboio. E, portanto, estavam dois - eu penso até que três - mas dois abordaram-me. Um agarra-me de um lado, o outro agarra-me do outro e sou avisado imediatamente: «Se tentares alguma coisa levas um tiro, que eu tenho aqui uma arma». E o que é que eu faço? [Risos] Não faço nada! Deixei-me estar sossegadinho, quietinho. Percebi tudo, não é? Percebi tudo.

Depois foram lá a casa. Lá tinha uns Avantes e uns materiais guardados, lá foram dar com aquilo. Foram dar com aquilo, levaram, pronto. Penso eu que aquilo também constou no processo. Penso, não sei, não me recordo já. Nunca tive essa curiosidade de ir à (… ?) pedir o meu processo. Já tive essa oportunidade, mas nunca o fiz.

Depois levaram-me para a António Maria Cardoso. Mas, na António Maria Cardoso foi de passagem - foi absolutamente de passagem. Não sei porque é que foi. Sei que entrei, sentei-me lá num banco, trataram do que tinham a tratar e depois fomos para Caxias.

Quando chego a Caxias entro no espaço da prisão, encaminham-me lá para dentro, para um hall grande. Um banco redondo de um lado, um banco redondo do outro. E agora não recordo se quando lá chego se o Luís Pais já lá estava, se chegou depois de mim. Eu sei que nós estivemos frente a frente. E então - ingenuidade nossa, não é? - [fizemos] pequenos sinais um para o outro, mas aquilo era... [Risos] Eu hoje rio-me disto tudo, não é? Eu hoje rio-me disto. A olhar um para o outro e tal. Sinais? Sinais o quê? Olha estás cá dentro, tens de te aguentar agora! E, pronto, foi essa a coisa! Entrámos, estivemos ali, depois pronto, fomos colocados nas celas de isolamento.

Há volta de dois meses e meio, não chegou a três meses. Normalmente o isolamento era três meses o máximo. Embora eles pudessem não respeitar essa norma - que era deles, que eles é que a inventaram - eu penso que era três meses. Eu tive cerca de dois meses e meio. Não tanto por aquilo que eu tinha a dizer, porque não tinha muito. Como já se vê três meses de partido o que é que há para contar? Nada, ou muito pouco.

A rotina era estar fechado num espaço pequeno e inventar. Ou dar comida aos pardais, porque eu estava virado para trás ainda por cima. Quer dizer, se tivesse ficado virado numa cela para a frente ainda podia ver ali a Foz do Tejo (...), esticar a vista. Não. Para as traseiras, com um muro em frente. Os pardais poisavam ali, [dava] um bocadinho de pão aos pardais - era uma forma de entreter. E escrever, escrever algumas coisas. Só escrita. Até há autorização para ter jornal, portanto, para se ter imprensa lá tinha que estar autorizado pelo diretor. Na fase de investigação não há nada, não pode ser. Eu sei que já tinha terminado a investigação deles e, portanto, a partir daí eles autorizaram-me. Eu fiz o pedido, como sempre se fazia, e passei a ter jornal na cela.

Havia o Reduto Norte e o Reduto Sul. O Reduto Norte era onde estavam as celas - era o estabelecimento prisional. E o Reduto Sul era onde 'tava a PIDE. Onde a PIDE trabalhava dentro dos seus gabinetes, nos gabinetes de tortura - tortura digo eu, eles davam outro nome áquilo. Os gabinetes de investigação. Portanto, cá em baixo no Reduto Sul era só PIDE. No Reduto Norte era mesmo a prisão. Os carros que iam buscar os presos chegavam - penso que até entravam de frente e depois lá dentro conseguiam dar a volta - e nós descíamos por ali, entrávamos dentro do carro e íamos lá abaixo. Íamos lá abaixo e... (fase?) de investigação.

Não cheguei propriamente a ser torturado, porque vamos lá ver. Nós estamos a lidar com uma polícia que sabe à partida quem tem à frente. A polícia já sabe, à partida, quem tem à frente. Naturalmente que houve coisas que eles me disseram que eu confirmei e outras até que disse. Mas aquilo, mesmo se eu dissesse... ou dissesse ou não dissesse, não teria assim grande efeito. Eles não sabiam, julgo eu, que eu tinha entrado com os outros dentro da Afonso Domingues pra sujar aquilo tudo, não é? Ficaram a saber, eu disse-lhes isso. Não me parece que isso acrescentasse mais ou menos. Confirmei todo o meu trabalho naqueles 3 meses de atividade partidária. Confirmei tudo isso. Mas essa confirmação era uma confirmação natural, quer dizer, não parece que houvesse aí nada de mais. O que nem acrescentava nem tirava, só por uma razão: o que a PIDE queria realmente não era isso. Isso eles já sabiam. O que a PIDE queria era aquilo que não tinha. O que é que queria

e não tinha? Era as casas do partido, era as tipografias, era como é o peso político do partido - isso eles não tinham. Não tinham e não podiam ter. Eles sabiam que não tinham.

Eu não era muito respeitador das tais regras conspirativas, não é? Mas quem está por cima anda há muito anos naquilo. E essas regras norteiam toda a ação. E, portanto, jamais eu seria informado de uma casa do partido, jamais! Eu ou outro qualquer da minha condição. Quando se diz que a PIDE é que ditava as sentenças, formalmente eram os juízes, mas isso era na formalidade, quer dizer, eram eles que davam a sentença, mas era a PIDE que as decidia. De certeza absoluta, quer dizer, não podia ser de outra maneira. Não podia ser de outra maneira.

Lembro-me de um advogado, da nossa praça dessa altura, que era o Dr. Macaísta Malheiros que era advogado. Eu não me lembro do meu, nem sei quem era. Não me recordo quem era o meu advogado. Mas o advogado do Jorge Gomes, que era um dos nossos - um dos integrantes no processo - que era o Dr. Macaísta Malheiros, eu lembro-me do Dr. Macaísta Malheiros gritar com o Juiz! E ouve realmente uma frase que eu não esqueci. Ele ao gritar com o Juiz, o Juiz advertiu-o. Pá, ele 'tá a gritar com um Juiz e disse qualquer coisa como isto, que eu achei um piadão: «Eu não estou a gritar, estou-me a fazer ouvir». [Risos] Aquelas formas habilidosas que os advogados tinham de se movimentarem.

O que é que eu notei? Fiquei com essa convicção. É que todos aqueles advogados que nos defendiam eram advogados ligados à Missão Nacional de Socorro aos Presos Políticos, que era uma estrutura que existia na altura, que foi criada para os dar apoio - a nós, aos presos políticos - apoio jurídico. E, portanto, de certeza que um advogado de Direita não estava lá, toda aquela gente era de Esquerda ou tinha conotações, ou tinha uma proximidade muito grande com o pessoal de Esquerda e sensibilidade nesse sentido. De modo que, o que é que eu via? O que é que eu sentia, ali no meu caso, no meu processo? Senti que os advogados... nós estávamos a ser julgados, portanto não podíamos dizer nada - o que é que nós íamos dizer? Nada. E eles faziam o papel deles, que era também digamos, um pouco ao jeito deles e à maneira deles e dentro do que podiam também manifestar ali. Então havia estas tiradas, o advogado a gritar com o juiz. Era o que podiam fazer. Percebia-se que aquilo também era uma contestação. E a coisa funcionava assim.

Nós saímos do isolamento e passámos ao regime normal. Era assim a designação. O que é que é o regime normal? O processo já está instruído e, portanto, agora só falta a pena, não é? Se fica, se vai. Então passamos ao regime normal, ou seja, o que é que é o regime normal? É o convívio com os outros presos. Portanto, eles preenchem as celas, a que chamam salas. E lembro-me de um camarada meu que era o José António Esteves Louçã, ainda me lembro do nome dele, estar deitado na cama com um livro à frente. Há coisa curiosas, não é? Estar deitado naquelas camas com uma cama por cima, outra cama por baixo - ele está na cama de baixo. E eu estou sentado na mesa. E estou a vê-lo e ele com o livro à frente. Ele baixa o livro e diz assim: «Epá, estamos mesmo presos, pá». O senhor está a imaginar o que é que é isto? Isto é a constatação. Porque até ali foi uma aventura! (...) Nós sentíamos um pouco isso, todos nós - jovens - sentíamos um pouco. Ele materializa este sentimento desta maneira. Que raio, que coisa curiosa ele dizer isto desta maneira. Estamos mesmo presos. Portanto, já estava a entrar numa fase de saturação em que a realidade era aquela, não era outra.

Depois, em Caxias eu peço para ir para Peniche. Com a condenação, no processo são oito, tirando o controleiro que é um caso que eu entendo que é mais... entendo, porque não se mistura connosco. Depois do julgamento, fomos todos condenados. Todos condenados. O Luís Pais a dois anos de pena maior. Eu há bocado estive a olhar para o livro que tenho lá da relação dos presos e das penas. E há uma coisa que eu não sabia: é que há dois meses, desculpem, dois anos em 24 meses. Dois anos de pena maior é uma coisa, 24 meses não é pena maior - é pena correcional. Não sabia disto. Veja lá, depois destes anos todos acabo por descobrir isto. Depois havia o Clemente. O Clemente foi condenado a 18 meses. E eu a 14. (...) E mais três a 13 meses de pena suspensa. E um último, que era o Fernando Gonçalves, a 12 meses de pena suspensa. Portanto, quem lá ficou a cumprir a pena foi o Luís Pais, foi o Clemente e fui eu. Neste grupo de três a minha era a mais baixinha. O Clemente tinha 18 meses e o Luís Pais tinha 2 anos de pena maior - direitos políticos suspensos por 15 anos.

Eu peço então para ir para Peniche. Porque é assim: já que estou preso, já que tenho de cumprir pena, quero ir ver como é que é aquilo. Eu ouvia falar de Peniche e Peniche era assim uma coisa que me despertava um interesse na minha curiosidade jovem - e não só, muita gente pedia para ir para Peniche, para saber. E vou. Pedi para ir, autorizaram-me, fui. Aliás, Peniche era uma prisão de cumprimento de pena, não era de investigação. Ali era só para cumprir pena. Portanto, eu como tinha de a cumprir eles, enfim, aceitaram e lá fui eu. Eu, o Clemente e o Luís Pais.

Faço anos em janeiro, eu fiz os 19 anos já em Peniche. E lembro-me de ter passado lá o ano, sim. Concretizei, digamos assim, um sonho que era meu. Olhar para aquela gente de frente e ver lá alguns ícones da nossa resistência. José Magro, Dinis Miranda, Canais Rocha, Dias Lourenço, António Gervásio. Talvez de todos estes o Dinis Miranda seja o menos conhecido, talvez, mas era uma figura com bastante peso. Tudo gente da direção do partido que estavam lá. O Daniel, o célebre Daniel Cabrita, um dos fundadores tal como o Canais Rocha, penso eu, da CGTP. Fundadores, gente que trabalhou na fundação. E, portanto, tudo isso foi um vislumbre pra mim. Conviver com aquela gente. E olhar para eles e ver que são pessoas como eu, mas são pessoas com uma determinação que me impressiona. Eu sentia-me muito pequenino. Acredita que é mesmo assim? Sentia-me mesmo pequenino ao pé daquela gente com um passado francamente heroico. Eles não gostavam muito deste tratamento, eu acho que é mesmo, é de justiça. 18 anos, é-se um jovem e quando se está no meio daquela gente para mim é um deslumbre. Para eles não. Eles têm muitos anos de cadeia. [Risos] Eles até me diziam uma coisa, a mim especialmente e aos outros também, ao Luís Pais e ao [Clemente]: «Vocês vêm cá urinar, depois vão-se embora». [Risos] Eles estavam lá 6 anos de cadeia, 7 anos de cadeia, 8, 10. Alguns já com 20 anos de cadeia para trás. Aos bocados, mas tudo somado daria 20 / 20 e qualquer coisa. Portanto, eu sentia-me, como digo, sentia-me muito pequenino.

A PIDE chamava a Peniche «A Universidade». E chamava a universidade com razão. Eu adquiri franca formação lá dentro. Quando se fala em Marxismo, eu não sou Marxista dos pés à cabeça, acho que ainda me falta muita coisa para ser um Marxista. Acho que aquilo é quase um curso superior ou dois cursos superiores. Que eu não tenho nenhum curso superior. Mas pronto, aqueles aspetos mais simples, mais acessíveis eram tratados lá regularmente, em pequenos cursilhos que aconteciam. Lembro-me que eu frequentei dois cursos lá. Cursos pequeninos, que tratavam as questões essenciais das dialéticas (...).

Tudo às escondidas. Mas na altura a coisa estava um bocado apaziguada, quer dizer às escondidas na medida em que não se expunha, mas enfim, até tínhamos lá literatura dentro. Alguma literatura que foi conseguida. Tínhamos lá filosofia dum tal Politzer e uns de economia, um livrinho pequenino com as questões básicas essenciais do Jean Baby. Trabalhando na base dos capítulos: hoje dá-se um capítulo que trata deste tema, outro tema, outro tema. E cada um, semanalmente - já não me recordo, mas penso que era semanalmente - fazia a sua exposição em relação a um capítulo. Quando nós temos lá esses livros, eu lembro-me de ter havido uma conversa de um preso, um camarada lá, com alguém da direção da cadeia - não recordo bem isto, já não sei montar bem isto - em que há uma argumentação que vai neste sentido. Quer dizer, não é possível esconder aquelas figuras centrais da Filosofia e das Economias, quer dizer, nós não somos economistas, mas não é possível esconder aquilo, toda a gente acaba por... Não é possível. E com as lutas conseguiram-se que alguns destes livros acabassem por entrar. Era um bocado o apaziguar: «Tá bem, tomem lá, calem-se». Isto é a minha interpretação, não sei se a coisa funcionava assim, não é? De uma certa cedência - eu quando digo cedência não é cedência, cedência, (...) tem luta por trás, luta forte. Quando há a cedência - chamo eu cedência - daquele lado, houve uma atitude forte, uma luta forte e às vezes difícil e bem suada, não é? Bem suada. E, portanto, as coisas não caiem de bandeja. Foram conquistadas.

Dentro da prisão tínhamos uma forma comunitária de funcionar. Se a minha família me dava, por exemplo, 100 escudos os 100 escudos ficavam na minha conta, mas alguém tomava o apontamento que eu tenho 100 escudos na minha conta. O fulano, a família dava-lhe 200 escudos - punha 200 escudos na conta. E alguém fazia estas contas e somava: existe tanto. Ele não tinha o dinheiro, não podia comprar nada. [Com] estes 100 escudos pedia aos funcionários da cadeia para comprar qualquer coisa, às vezes é necessário comprar qualquer coisa. (...) Uma revista, sei lá, agora não me ocorre mais do que isso. Os jornais, tinham de ser pagos. E tudo aquilo saia daquela contabilidade central. Alguém dizia: «Agora compras tu isso? Pronto». Existe tanto no total, com a participação comunitária. Qualquer coisa que entrasse, género de comida, bolos, qualquer coisa, era tudo para uma banca comum - quem quisesse servir. Não havia nada pessoal ali dentro, nada. Tirando as coisas pessoais, o relógio, a roupa, não havia mais nada.

Tínhamos regularmente, mensalmente, uma revista de imprensa. Uma revista de imprensa era um apanhado político da realidade do momento. Eu, como calculará, não tinha grande preparação para fazer esse trabalho, mas acompanhava e participava nas reuniões em que as questões eram tratadas. Portanto, um conjunto de toda a imprensa que era sendo recolhida, ia-se tomando apontamentos sobre ela e depois alguém faria, digamos, a exposição da revista de imprensa. (...)Tudo aquilo numa deriva formativa. A ideia era formar, era que as pessoas ficassem mais informadas, não é?

Tínhamos higiene todas as semanas. Todas as semanas aquilo era integralmente lavado por nós, o espaço, o nosso espaço. E lembro-me que havia à noite, isto para finalizar, uma coisa que era o petisco. Portanto, as celas fechavam às 11, entravamos dentro das celas, o guarda ia lá e fechava aquilo tudo. Cortava-se a comunicação. E penso que às 10, penso que estou a dizer bem, às 10 havia o petisco. O petisco era qualquer coisa que se punha para lá, um bocado de queijo, umas fatias, uma coisa. A rapaziada juntava-se à volta daquilo e ia conversando, petiscando. Portanto, todos os dias isto era uma prática regular.

E lembro-me que - eu 'tava lá nessa altura - há uma altura em que vai um deputado da Ala Liberal. Faz uma visita ao Forte de Peniche. Digamos, o regime estava um bocado acossado, um bocadão. Dentro e fora. E a Ala Liberal não lhes facilitava a vida. O Sá Carneiro, o Miller Guerra, o Balsemão, o Magalhães Mota, eram os quatro da Ala Liberal. E esses quatro deputados (...) se por um lado chateavam o sistema e o sistema não simpatizava muito com eles, por outro lado o Marcelo Caetano precisava daqueles homens lá para dizer: «Mas nós temos aqui uma oposição». Ao Mundo, para dizer ao Mundo, não é? E então nesta condição eu lembro-me que houve uma ocasião, uma visita do Pinto Balsemão a Peniche nessa altura, eu 'tava lá. E lembro-me que ele recebeu dentro da cadeia - ele fez a visita porque foi autorizado pelo Marcelo Caetano e por quem mandava, não é? Embora sendo deputado (...) o poder era estar na assembleia e chatear. E lembro-me que ele teve lá e quem foi do nosso - ele recebeu um preso político, não sei se foi só um, mas pelo menos um recebeu - e esse preso político era uma figura, enfim, conhecida que é o José Magro. Já não está entre nós, já faleceu há muitos anos. Isto traduz o quê? Traduz uma cedência do próprio sistema.

A saída da prisão foi, se quiser posso-lhe dizer assim e às vezes ser até incompreensível, foi um bocado nostálgica. Saí com um sentimento de: «Saio, mas eles ficam». Epá, uma coisa que realmente mexeu um bocadinho comigo. Eu queria sair, realmente e saí. Pronto, cumpri e saí. Mas fico assim com um sentimento um bocado doentio, não é? E esse sentimento acompanhou-me algum tempo. Claro, depois foi o 25 de abril. Foi o explodir, foi a bomba, não é? Posso-lhe dizer que notava dentro das pessoas com quem eu me dava - para mim foi uma alegria voltar a ver as pessoas, a família em casa, os sítios. Eu sou muito territorial, quer dizer, se eu nasci aqui eu tenho de cá voltar frequentemente porque eu gosto, quero reviver aqui os espaços, ver as coisas, ver aquele prédio. Cresci aqui, até 'tava lá (ao perto?), quer vê-lo? Portanto eu funciono muito assim. E ali fui ver as pessoas, enfim, e conviver de novo com aquela rapaziada, alguns estiveram presos comigo e depois tive a oportunidade de... Mas notava sempre alguma reserva, não desta gente que eram jovens como eu - partilhavam do mesmo sentir que eu, sentir de jovem - notava que algumas pessoas, falando-me, convivendo comigo, tinham alguma reserva. Porque eu tinha sido preso político, não é? Enfim, posso ser preso por outras razões, mas preso político é assim uma coisa muito chata. [Risos] Notava algumas reservas de algumas pessoas, que depois se desfez, se foi desfazendo, ainda antes do 25 de Abril se foi desfazendo.

O lance que eu faço é assim: eu diria que se conquistou a democracia, era a grande luta não é? Se conquistou a democracia. Eu sendo do Partido Comunista almejo uma sociedade mais igualitária, mais... enfim. Não tenho dúvidas que no momento em que estamos, no momento humano em que estamos eu não tenho dúvidas que isso é um bocado utópico, não tenho dúvidas nenhumas. Mas eu gosto de viver nesta utopia, gosto de viver nela. Não sendo uma pessoa de utopismos, gosto desta utopia. Porque é uma utopia um bocado como a do artista, sabe? Portanto o artista é livre, faz o que entende e não pede licença a ninguém, faz o que entende. O que é que eu fiz? Fiz isto. «Ah, é bonito / é feio». Foi o que eu fiz. Portanto eu penso assim, penso que neste momento vivemos uma realidade de democracia - é assim que eu entendo, francamente - é uma democracia que que tem de ser entendida na sua pluralidade. Isto é o meio Democrata-Cristão, isto é só Democrata, isto é Socialista, isto é Comunista, isto é, enfim, doutra coisa. Agora temos o Chega, enfim. Mais à direita, mais à esquerda, eu acho que toda a gente tem direito à vida. (...) E isto foi uma coisa que se conquistou. Conquistou-se, que bom, conquistou-se! Aqui não tenho

dúvidas nenhumas, quer dizer, embora eu tenha referido a questão do utopismo, não tenho dúvidas nenhumas. Esta conquista é a grande conquista. O Partido Comunista não quer o Socialismo para amanhã e sabe que não o vai ter. [Risos] Embora lute por ele, naturalmente. Não o vai ter que isto, a humanidade movimenta-se a um ritmo próprio, não é? Não o vai ter. Mas terá e dará, com certeza, contributos. E o próprio 25 de Abril tem muito de contributo do próprio Partido Comunista. Isto eu não tenho dúvidas nenhumas sobre isto, nenhumas mesmo. Mas não só do Partido Comunista, não só. De muita gente, de muitas forças políticas. De muita gente que aos poucos foram participando, contribuindo. E é assim um bocado que eu vejo e que eu convivo com esta realidade. Não há muito tempo tive esta frase e tenho-a repetido francamente: «Nós vivemos no melhor país do mundo». Há quem diga: «Isto é um país de um raio, pá, isto nada acontece». Não, acontece pá. Mas olha que não acontece até agora que eu desse por isso. Epá, os atentados, essas coisas todas que há por aí, que afronta as pessoas, 100 mortes tipo lá o Bataclan em França. Até agora não temos. Epá, as coisas aqui funcionam. Com alguma limitação, não somos um país rico. Eu estou muito feliz de ser português, sabe?". [Risos]

Óscar Fernando Gonçalves Vieira

Ano nascimento: 1951
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 13-10-2021

"Eu, como disse, sou natural da Vila de Pernes, concelho Santarém. Sou filho de uma família de pequeníssimos industriais. O meu pai começou a trabalhar quando saiu da escola primária e, ainda praticamente adolescente, fez uma sociedade de torneados de madeira com os cunhados. Era uma empresazinha, uma pequena empresa familiar. Em todo o caso, isso marcava alguma diferença relativamente ao contexto em que eu vivia. Aquela zona era uma zona relativamente pobre. Pernes tinha alguma indústria como referi, mas tudo aquilo que rodeava a vila era uma zona pobre, predominantemente agrícola e, portanto, as pessoas viviam com imensas dificuldades.

De certa forma eu posso considerar que seria um pequeno burguês, na terminologia que na altura era muito comum. Era um pequeno burguês pequeníssimo, porque a indústria era pobre. Mas foi isso precisamente que me deu as minhas vivências de juventude e os primeiros contactos com as dificuldades com que algumas pessoas viviam. Apanhei essas situações na escola. Era frequente os meus colegas de instrução primária, que vinham das pequenas povoações ou dos casaizitos isolados, era frequente chegarem à escola descalços, alguns deles passando fome - e nós apercebíamo-nos disso. Evidentemente que o contexto familiar também ajudava a que eu próprio fosse abrindo os olhos para essas realidades. Isto porque eu fui o último dos presos da família, que tem uma história relativamente longa.

O meu avô paterno que eu ainda conheci, infelizmente durante relativamente pouco tempo, porque o meu pai era mais novo dos filhos e, portanto, eu também já não tive assim tanto tempo de contacto com o meu avô paterno. Mas era um homem interessantíssimo. Era um latoeiro de profissão, era um autodidata, era um homem que assinava e lia 'A Batalha' e tinha um contacto comigo absolutamente extraordinário. E falava-me coisas que eu gostava de saber.

O meu pai também muito cedo começou a ter contato com a política e teve-os pela mão do Soeiro Pereira Gomes, que - quando passou à clandestinidade e ficou responsável pela organização das lutas na zona do Alto Ribatejo - acabou por se fixar naquela zona. Evidentemente não estava fixo, porque tinha a sua atividade clandestina e obrigava-o a circular. Mas um dos pontos de apoio para a atividade do Soeiro Pereira Gomes era a casa do meu avô materno. O meu pai também contactou com ele e teve muito cedo uma ligação ao partido - e foi preso por isso.

O meu avô materno esteve preso também, dois dos meus tios tiveram presos. [risos] Portanto a família tem um histórico relativamente pesado desse ponto de vista. E, digo eu, o meu irmão tem seis anos - tinha, já faleceu - seis anos a menos do que eu, não foi preso porque, entretanto, se deu o 25 de Abril [Risos]. Tê-lo-ia sido seguramente, porque com esta história familiar seria um bocado difícil que ele seguisse um trajeto diferente.

Na minha juventude este era o ambiente em casa. Os meus pais ouviam com alguma frequência as emissões da Rádio Argel, a Portugal Livre, enfim, acompanhavam na medida

do possível aquilo que se ia passando, uma vez que as notícias internamente eram abafadas, censuradas, etc. Mas esse foi o contexto em que eu vivi.

Há alguns traços, há pequenas coisas que nos ficam da infância e que nos marcam. Passaram - eu tenho hoje 70 anos - e estes factos passaram-se precisamente há 60 anos, mas são coisas que eu ainda mantenho relativamente vivas.

É uma pequeníssima história, mas que dará a ideia de como é que era viver nestas circunstâncias. Na altura do assalto ao Santa Maria a situação foi evidentemente badalada. Não havia como abafar o facto de aquele paquete ter sido assaltado - era a terminologia. E recordo-me perfeitamente em que termos é que as notícias eram passadas - de assaltos, bandidos e piratas para cima, valia tudo! Naturalmente que em casa não era exatamente essa a terminologia que era utilizada para referir o assalto ao Santa Maria. Entretanto, na escola, a minha professora de instrução primária - pessoa a quem eu devo bastante, porque me ensinou as letras - mas que era uma senhora alinhada com o regime. E resolveu - salvo erro o assalto foi em 1961, eu estava a fazer a minha quarta classe - e a professora estipulou-nos um trabalho que era fazer uma redação sobre o assalto ao Santa Maria. Situação difícil, eu tive consciência disso. Porque repugnava-me utilizar a terminologia que era aquela que nós ouvíamos na rádio, na emissora nacional na altura. Consegui fazer uma redação sem nunca tratar o Henrique Galvão por bandido ou por pirata. E aparentemente a redação estava relativamente bem escrita, a senhora no fim foi comentar com algumas pessoas conhecidas: «Aquele malandro. Eu tive que lhe dar Bom na redação, embora ele tenha feito uma prosa nada recomendável». Isto são pequenas coisas que me ficam da infância e que ajudam, talvez, a perceber o contexto em que eu cresci.

Por outro lado, para além da vivência com os meus companheiros de escola, comecei relativamente cedo a ter contato com jovens que trabalhavam nas oficinas - nas várias oficinas de torneados da minha vila e inclusive, alguns deles, na oficina que era do meu pai e dos meus tios.

Já um pouco mais crescido recordo-me do meu pai, um dia numas férias, me ter chamado. Eu andava no Liceu já na altura. Ele gostava muito de falar comigo e ia-me dizendo: «Tu és um jovem. Tens as tuas férias, os tempos para brincar. Mas há aqui coisas interessantes para fazer». Para além de o ir ajudar na oficina, porque [me] fazia bem passar alguns tempos lá. Ele um dia apareceu-me com um livro na mão e disse-me: «Óscar Fernando…» - que era assim que ele me tratava - «…lê este livro. Tiras uns tempinhos das tuas brincadeiras e vais ler este livro». E o livro era os 'Esteiros'. Foi muito marcante [Emociona-se], foi um episódio muito marcante. Porque ao ler a história dos miúdos dos telhais, eu olhava para os meus companheiros da minha idade e gente que trabalhava sacrificadamente para ajudar os pais. Percebi que aquela história, não era uma história de Alverca e só dos telhais. Era uma história que se repetia pelo país fora.

Isso acabou por me dar uma ligação muito forte com uma série de amigos, mais ou menos da minha idade, com quem eu, a pouco e pouco, procurava ir tendo algumas conversas. Não tinha qualquer ligação nessa altura, eu era um miúdo, mas as preocupações de ordem social estiveram presentes desde muito cedo. Eu percebi como é que eles viviam, percebi quais eram as dificuldades deles - que eram incomparavelmente maiores do que as minhas - e procurava, nas minhas conversas com eles, ir-lhes chamando a atenção para a necessidade de fazer alguma coisa, se valorizarem.

Animei alguns dos colegas que tinham interrompido os estudos depois da 4ª classe, alguns deles com a 4ª classe incompleta, inclusivamente, porque precisavam de ajudar os pais nas fábricas ou nos campos. Animei alguns já na adolescência, a dispensarem algum do seu tempo de descanso, investindo também na sua valorização profissional. Isso foi das coisas que foram muito gratificantes para mim e tenho hoje - felizmente muitos ainda são vivos – amigos, daqueles que nós chamamos amigos do peito. Alguns deles seguiram o seu caminho, nunca tiveram qualquer ligação, muito menos ao Partido Comunista, mas são amigos do peito ainda hoje. São amizades que ficam. As coisas evoluíram desta forma.

Recordo-me depois, um pouco mais adiante, por altura da campanha de 1967 - eu não tinha direito a voto - mas recordo-me das movimentações todas que houve na minha terra. Pernes era conhecido ali na zona por ser uma terra muito ativa. Eu sei que aquilo que é mais comum saber são as tradições de luta do Couço ou de Alpiarça, que são evidentemente épicas até, nalguns casos. Mas a verdade é que a minha terra tinha também uma efervescência muito própria.

Na altura da campanha da CDE, em 1967, a organização era distrital e concelhia. E, creio que não estou a cometer nenhum erro, mas creio que a Vila de Pernes era o único local que não sendo concelho, tinha na estrutura da CDE representação equiparada a distrital. Isso sucede porque naturalmente reconheceriam que havia ali algum potencial. Que havia pessoas dinâmicas, mexidas, e isso é que terá justificado o facto de aparecerem com aquele nível de representação na campanha da CDE.

Eu acompanhei aquilo. Nessa altura, fundamentalmente o meu pai e os amigos antifascistas que se mobilizaram em torno das campanhas da CDE, embora naturalmente de longe, porque não tinha direito a voto. Mas foi um período muito dinâmico.

Recordo-me de algumas passagens, por exemplo, das sessões de esclarecimento feitas pelos candidatos pelo concelho de Santarém. Sendo que uma das pessoas mais destacadas era, sem dúvida, a Maria Barroso - que era uma pessoa que tinha uma capacidade de comunicação, uma facilidade, ajudada naturalmente pelos seus talentos como artista, como declamadora. E recordo-me de alguns episódios dessa fase, em que as sessões de esclarecimento eram abruptamente interrompidas, porque na sequência de um ou dois poemas ditos daquela forma pela Maria Barroso, a assistência se empolgava e a PIDE rapidamente acabava com a sessão de esclarecimento. Havia outros candidatos que também eram bastante incisivos na forma como se dirigiam a quem aparecia para essas sessões, designadamente o António Reis, que foi também candidato por Santarém. [Houve] algumas cenas curiosas que passavam com António Reis: uma das proibições que havia era a de se falar na guerra colonial. Era tabu, e portanto a proibição era estrita, completa. A verdade é que nalgumas sessões o António Reis começava a falar, dois minutos depois falava da Guerra Colonial e nos dois minutos seguintes a GNR acabava com as sessões de esclarecimento, que era uma coisa pouco razoável. Isso deu origem a que as pessoas que acompanhavam os trabalhos dos candidatos tivessem sugerido que o António Reis deveria passar a ser sempre o último a falar. [Risos] Porque sempre dava a hipótese de os outros dizem qualquer coisa.

Isto são alguns dos episódios de me recordo da minha juventude. Naturalmente que, neste contexto, as ligações que o meu pai tinha ao partido - e que interrompeu depois da prisão, como é normal nessas circunstâncias, há sempre um período de guarda. Mas os contactos,

nós tínhamos. Sabíamos onde estavam os amigos, onde estavam as pessoas certas, as que não falhavam das ocasiões cruciais, as que continuava a ajudar os que, nas prisões, tinham o seu posto de combate em cada momento. E, portanto, essas ligações existiam. Eu cresci muito próximo delas, muito próximo de pessoas que marcaram os seus tempos na zona de Santarém, como é o caso do Dr. Humberto Lopes, que teve uma longa prisão. A história dele é conhecida e era uma das pessoas das nossas relações, quer o Humberto, quer esposa dele, a Arminda Soares - irmã do Pedro Soares, do Comité Central.

Enquanto eu estive naquela zona de Pernes - e até porque era apenas um adolescente - estes contactos existiam, [mas] não havia uma ligação efetiva à estrutura partidária.

Quando fiz os meus 18 anos, eu vim para Lisboa trabalhar, porque, como lhes disse, quando comparado com os meus colegas de infância eu era privilegiado, mas a minha família tinha dificuldades e eu precisei começar a trabalhar relativamente cedo. Muito cedo, com 18 anos. Vim para Lisboa e concorri para uma vaga nos CTT e entrei para os CTT - que na altura ainda eram Administração Geral de Correios, Telégrafos e Telefones. E comecei a trabalhar na Praça Dom Luís, na área de telecomunicações na Praça Dom Luís.

Nessa altura, quando passei para aqui e tendo os meus 18 anos - mas sendo menor como se recordam, porque a maioridade, na altura, só se atingia aos 21 anos. Comecei a estar menos tempo na minha terra e tinha menos acesso aos contactos a que eu fiz referência, designadamente o João Humberto Lopes e da Arminda Soares. Nessa altura foi consensual, mas se me perguntar: «Porque é que se adere ao partido?» Eu acho que com esta história, estranho seria se não aderisse. E sobretudo quando havia uma ligação tão afetiva a algumas das pessoas que passaram por causa dos meus avós - e já referi o Soeiro Pereira Gomes, foi um deles…

Já agora, abrindo aqui um parêntese para arrumar definitivamente essa fase da infância. Foram coisas que eu não presenciei e que foram relatos que me foram transmitidos pelo meu pai e pelos meus avós. A casa dos meus avós maternos ficava num casal a cerca de quatro quilómetros do centro da Vila. E serviu durante muito tempo como casa de apoio a uma série de vultos bastante conhecidos do Partido Comunista - até porque, durante um período, a casa funcionou como local onde funcionava uma tipografia clandestina. E passaram por lá, para além do Soeiro, passou o Zé Magro, Georgete Ferreira. Num momento houve uma reunião mais alargada com membros que na altura já integravam o Comité Central, penso que não foi uma reunião plena - mas chegou a estar o Álvaro Cunhal e o Guilherme da Costa Carvalho.

Eu vim talvez em outubro, salvo erro. Comecei a trabalhar em outubro de 1969. Muito pouco tempo depois, houve uma alteração importante nos CTT, que deixaram de ser Administração Geral dos Correios Telégrafos e Telefones e passaram a ser empresa pública Correios e Telecomunicações de Portugal. Essa mudança de estatuto abriu a perspetiva de o pessoal dos CTT poder sindicalizar-se, coisa que estava vedada ao funcionalismo naquela altura. Nessa fase inicial teve um trabalho notável, uma senhora que eu muito respeito - já falecida - de nome Vitória Pinheiro, que era telefonista. E que foi, durante muitos anos, uma pessoa bastante ligada aos meios progressistas católicos. Ela foi dirigente da Liga Operária Católica, quer em Portugal, quer depois em algumas funções que acabou por ter no exterior, julgo que na Bélgica.

A Vitória Pinheiro foi daquelas pessoas - não era comunista, era uma católica - e foi das pessoas que me impressionou vivamente. Por muitas razões, mas sobretudo pela inteligência que revelou, pelo tato, pela persistência. Era uma mulher notável. E a Vitória Pinheiro, juntamente com algumas outras pessoas que a apoiaram nessa fase inicial, começou a promover algumas reuniões para analisar coletivamente a possibilidade de realmente o pessoal dos CTT poder constituir um sindicato. Eu estava aqui na Praça D. Luís, como já disse, e acabei por ter conhecimento dessas reuniões e naturalmente que apareci nelas. Ao fim de algum tempo compreendemos que efetivamente haveria alguma possibilidade de avançar para a constituição do sindicato. E, numa reunião já mais alargada, não quero exagerar, mas já teria a caminho talvez das 200 pessoas - uma parte muito pequena dos CTT, mas juntar 200 pessoas em 1969, com a repressão ativa como andava, foi uma coisa absolutamente notável.

Nessas reuniões - e nessa em particular, que me recordo que ocorreu, simbolicamente, numa zona perto do quartel do Carmo, que viria depois a ser tão marcante. Fizemos lá essa reunião, fiz algumas intervenções e, no final, as pessoas reunidas entenderam constituir uma comissão pró-sindical. No final, quando estávamos a proceder à eleição dos elementos que poderiam integrar essa comissão, a Vitória Pinheiro, que nem o meu nome sabia - algumas das pessoas que estavam nesse plenário conheciam-se mutuamente, mas eu era um miúdo, tinha começado a trabalhar há meia dúzia de meses, ninguém me conhecia - mas a Vitória Pinheiro, por alguma razão, terá achado que as intervenções que fiz justificariam o facto dela me propor para a comissão. E, na verdade, eu fui eleito.

Uns anos mais tarde, noutro contexto que poderei depois mencionar, acabei por ter acesso - já depois do 25 de abril, naturalmente - acabei por ter acesso a um relatório que explicava detalhadamente tudo aquilo que se tinha passado nessa reunião. Portanto havia infiltrados e todas as conversas relevantes tinham sido devidamente reportadas - e com um pormenor e um rigor de se tirar o chapéu! [Risos]

Foi nesse contexto que eu comecei a trabalhar na comissão pró-sindical dos CTT. Nessa altura eu tinha as minhas reuniões partidárias. Dei conhecimento de que tinha sido eleito e, portanto, a minha atividade numa fase inicial enquanto militante do Partido Comunista era a de procurar, naturalmente, naquele contexto, defender algumas das ideias que o partido tinha sobre o movimento sindical. E que, já agora, é bom recordar, estava num momento de alguma pujança. A verdade é que, em 1971, cerca de um ano depois, houve a enorme vaga de repressão sobre os sindicatos e a minha prisão acabou por ocorrer justamente no contexto dessa vaga enorme de prisões que atingiram uma série de sindicatos já constituídos e com liderança muitíssimo fortes - como era o caso, em especial, do sindicato dos bancários com uma liderança muito carismática que era o Daniel Cabrita e que teve repercussões enormes, não apenas em Portugal, mas inclusive no exterior, como se sabe.

A minha atividade foi, enquanto militante ligado, foi relativamente curta, porque infelizmente a minha prisão ocorreu precisamente no contexto dessa vaga repressiva sobre os sindicatos. Eu vivia, na altura num quarto alugado de uma senhora que era nossa conterrânea, que os meus pais conheciam. Era uma senhora que vivia com algumas dificuldades, tinha um filho para criar e o marido tinha-se separado. Ela tinha algumas dificuldades e tinha um quarto de vago. Quando vim trabalhar para Lisboa os meus pais souberam disso e foi juntar o útil ao agradável - que era eu resolver o meu problema do

alojamento em Lisboa, ficando junto de pessoas conhecidas que tratavam quase como se fosse familiar direto. Portanto eu vivia na Avenida Gomes Pereira, em Benfica.

Recordo-me que nesse fim de semana - há coisas que a gente não sabe explicar e são coincidências que depois despoletam situações que acabam por ser interessantes, embora penalizadoras. A senhora, nesse fim de semana, tinha saído com o filho, para visitar familiares e eu estava sozinho em casa. Nessa altura ainda se trabalhava aos sábados, ainda não tinha saído da legislação que concedeu o sábado a alguns setores limitados. Eu estava sozinho em casa e não posso precisar as horas, mas enfim, essas coisas normalmente aconteciam bastante cedo, antes da saída para o trabalho. Sei lá, 6:30h, 7h da manhã bateram-me à porta. Eu achei aquilo pouco estranho. Na altura não pensei sequer que pudesse ser a polícia, ser a PIDE. Porque tinha havido, realmente, um conjunto de prisões um tempo antes, mais de um mês e meio antes. Nessa altura naturalmente que nós ficamos sempre mais alerta, mas aparentemente as coisas tinham serenado. Deixou de constar que estivesse mais gente a ser presa e, portanto, na altura não me ocorreu. Mas vi bem depressa do que é que se tratava, [Riso] até pela maneira intempestiva como normalmente entravam em casa - eu suponho que não saberiam que eu estava sozinho. Portanto entraram mais ou menos de rompante tentando impedir que alguém se mexesse. Mas não havia de facto... só lá estava eu, não havia mais ninguém em casa naquela manhã.

Depois fizeram o habitual. Revolveram aquilo que estava no meu quarto - eu disse-lhes: «O meu quarto é este, o resto não é meu», mas foi tudo revolvido. Algumas cenas caricatas à mistura. Por acaso tinha ainda em meu poder alguns Avantes para distribuir, mas tinha-os colocado num local em que a PIDE andou com as mãos talvez a menos de um palmo dos Avantes, mas não deu por eles. Porque era um móvel por módulos, que estavam mais ou menos encostados. As ripas para fixar as duas partes do módulo tinham um espaço entre elas e eu tinha metido os Avantes ali, porque queria depois fazer a distribuição deles às pessoas a quem os normalmente os entregava na altura.

Curiosamente não apanharam rigorosamente nada em casa, a não ser um ou outro livro - mas também nada de especialmente comprometedor. Embirraram com um livro de Tolstói, porque se calhar baralharam-se e acharam que era do Trotsky, não sei, não faço ideia. Houve assim umas cenas caricatas, mas não apreenderam, na altura, rigorosamente nada que pudesse ser comprometedor.

E dali saímos, diretos para a António Maria Cardoso onde me fizeram a identificação, as fotografias da praxe. E depois segui, logo passado pouco tempo fui transferido para Caxias.

Sucede que já estávamos no verão e os meus pais desde há uns tempos colocavam uma tenda no parque de campismo de Peniche e costumavam ir para lá passar uns tempos. Eu tinha combinado com os meus pais - a comunicação na altura não tinha comparação com o que sucede hoje - mas tinha feito um telefonema para os meus pais a dizer-lhes que apanharia o comboio daqui de Lisboa até a estação da A-da-Gorda. Para o meu pai depois me ir buscar à estação da A-da-Gorda e me levarem a passar o resto de fim de semana com eles lá no parque de campismo de Peniche. Evidentemente que à hora de chegada do comboio eu não apareci.

O que deu origem a uma cena, os meus pais depois é que me contaram isso, enfim de alguma tensão entre o meu pai e a minha mãe. Porque o meu pai achava que eu era um jovem, enfim, com os meus 18 anos - «Aquele individuo não pensa em nada! Agora estamos

aqui, não aparece, não diz nada…» - que era complicado dizer, não havia telemóveis. Esperaram pelo comboio seguinte e esperaram mais dois comboios e eu não apareci. Aí o meu pai começou a achar que talvez houvesse qualquer coisa estranha, porque o desleixo seria muito maior do que aquilo que seria expectável e atribuível apenas aos meus 18 anos ou a alguma namorada, ou coisa do género. Não era, de facto, o caso.

E, disseram-me eles depois, que vieram para Lisboa e que tentaram, até com ajuda de familiares, fazer alguns contactos para saber se - nos hospitais - se tinha havido algum problema comigo, se eu teria sido internado em qualquer sítio, se tinha tido algum acidente. Começaram a ficar francamente inquietos. Entretanto, vieram a casa, eu não estava, a senhora e o filho - com que eu vivia - também não estavam. E tudo aquilo começou a inquietá-los. Terão corrido os hospitais todos, não estava em lado nenhum - portanto internado não estava, nas morgues também não. E aí eles tiveram o sobressalto seguinte: «Bom, não sendo isto, está preso». No dia seguinte, na segunda-feira seguinte, foram para a António Maria Cardoso perguntar se por acaso eu lá estaria - e disseram-lhes que não.

Com algumas cenas caricatas: «Vem aqui perguntar porquê? Acha que faria algum sentido ele estar cá?», ao que eles responderam: «Não. É que internado não está, nas morgues também não, o melhor é começarmos a procurar noutros sítios prováveis». Ocultaram-lhes a minha prisão, não lhes disseram nada. No dia seguinte, e como se nada acontecesse, terão chegado à fala com a senhora dona da casa e perceberam, quando ela entrou que estava tudo revolvido. Aí as dúvidas dissiparam-se definitivamente.

Nessa altura a minha mãe foi para a António Maria Cardoso e, terá dito - isto é o que os meus pais me contaram - que: «Nós sabemos de certeza absoluta que o meu filho está preso». Eles insistiam que não. E a minha mãe sentou-se e disse: «Eu daqui não saio enquanto os senhores não me disserem o que é que se passa com o meu filho». [Eles]: «Então fique para aí». E ficaram largas horas sentados numa sala qualquer na António Maria Cardoso, até que, ao fim desse tempo, e depois de mais uma conversa um bocado azeda lhe confirmaram a minha prisão. E disseram: «Sim senhor, está preso. Mas não pode ter visitas».

E não podia ter visitas, porque nessa altura eu estava na fase mais agressiva do interrogatório, que normalmente era na sequência imediata da prisão. Nós perdemos, ou pelo menos eu perdi - muitos camaradas sucedeu-lhes o mesmo - nós perdemos um pouco a noção do tempo efetivo de interrogatórios. Estimo eu, porque tiram-nos tudo, tiram relógio, etc. Mas pela alternância do dia e da noite dava para perceber e ir tentando fazer alguma contagem do que se passava e eu suponho que ter estado na ordem dos cinco dias - cinco noites digamos assim. Dias, talvez um pouco mais, porque eu fui levantado às 6:30 ou 7h da manhã e depois da identificação entrei praticamente de imediato em interrogatório. Mas terão sido cinco noites consecutivas sem dormir, a caminho do sexto dia. Nessa última fase do primeiro interrogatório já não me deixavam sentar. No início não me deixavam dormir, mas havia uma mesa com duas cadeiras onde, a intervalos, eu me conseguia sentar. Do outro lado estava o PIDE que estava de vigilância. (...) Não sei se terá sido um dia, se foram 18 horas, mas foi muito tempo em estátua. Foi francamente penoso, embora, o sono fosse, sem sombra de dúvida, a parte mais penosa e mais difícil suportar. Porque a primeira e a segunda noite aguentam-se, a partir daí nós começamos a ter algumas perturbações.

Já agora, apenas para que conste, eu vim depois a saber os nomes dos envolvidos. Quem tomou conta do meu processo foi o inspetor Tinoco e o chefe de brigada Manuel Robalo, creio eu. Depois estavam, evidentemente, todos aqueles PIDEs que se iam revezando periodicamente para não nos deixarem dormir.

O mais difícil foi, de facto, o sono. Eu não levei… ao contrário de alguns camaradas meus, designadamente o Zé Pedro, que teve na mesma altura e nós soubemos o é que se tinha passado com ele, que foram espancamentos absolutamente bárbaros. Não se sucedeu isso comigo. O chefe de brigada, o Robalo, tinha uma técnica [em] que vinha de falar de perto comigo, para colocar algumas perguntas mais incisivas ou de forma mais intimidatória. Tinha um hábito - uma coisa horrível também - dava-nos umas joelhadas. Por cada joelhada que levava nestes músculos laterais a sensação que eu tinha é que «já me cortaram a perna», porque me desequilibrava imediatamente. Aquilo era uma coisa extremamente dolorosa. Não sei se ele sabia exatamente como é as aplicava, sei que aquilo era horrível. Mas nada que se compare com os efeitos do sono.

Como eu disse, ao fim de algum tempo nós começávamos a ter algumas perturbações na vista. No meu caso foi a primeira coisa que eu senti, foi a vista perturbada. A sala de interrogatórios, eu lembro-me perfeitamente que era de um cimento lisinho, assim com um tom ocre, mas mesmo muito liso. Quando entrei vi isso e tenho essa imagem perfeitamente guardada. A verdade é que quando a tortura do sono começou a causar alguns efeitos, eu fiquei com a sensação de que havia uma névoa a subir do pavimento. Nessa altura eu tentava andar de um lado para o outro, porque suporta-se, apesar de tudo, suporta-se melhor. E aquilo começou-me a dar alguma instabilidade na marcha, porque eu não tinha certeza onde é que tava o pavimento. Esse foi o primeiro sintoma. Depois disso apareceram imensas coisas… são alucinações, diria eu. Vi de tudo. As senhoras usavam na altura, isso hoje desapareceu praticamente, creio que chamam os camafeus. São umas pregadeiras que são esmaltadas e têm normalmente uma figura de senhora aplicada no esmalte. Os camafeus são coisas relativamente pequenas para o peito. Eu via camafeus com dois palmos ou três, no chão. E tudo aquilo me perturbava. Depois comecei a ver a popa de algumas naus. Tudo aquilo eram coisas estranhíssimas! Se me perguntarem: «Mas porque é que via os camafeus, ou porque é que via a popa das naus?» - não faço a mínima ideia! Nenhuma! Para mim aquilo não tem relação com nada de muito relevante na minha vida.

A pior dessas sensações foi numa noite. As salas de interrogatórios tinham o teto semi-abaulado e tinham umas luminárias compridas aplicadas no teto. Tudo isso eu percebi quando entrei. Fiz o reconhecimento e sei como é que são as salas! [Risos] Ou como eram! Mas a verdade é que, quando já estava com aquelas perturbações, recordo-me que houve uma noite em que eu olhei para cima e aquilo que eu vi foi uma coisa absolutamente aterradora. Foi dos piores momentos que eu passei na fase de interrogatórios. Porque era como se estivesse a ver uma borboleta no teto, que, digo eu depois de me passar aquilo, teria mais ou menos o comprimento de toda a luminária que lá estava. As borboletas, todos nós até gostamos de ver, é uma coisa bonita de ver. Experimentem a olhar para uma borboleta e ampliá-la 20 ou 30 vezes - o que vocês veem é um monstro a pairar por cima de nós. Foi uma coisa, uma sensação de choque brutal. Depois não sei, talvez com a adrenalina. Aquilo é uma coisa que se dissipa. Depois acabei por perceber que não estava lá nenhuma borboleta, mas aquele impacto é um choque. Uma coisa brutal.

Houve variadíssimas cenas destas durante a fase de interrogatório. Não falo já daquelas coisas mais triviais e que são conhecidíssimas e que toda a gente faz referência a isso. Como era a alternância entre o PIDE bom e o PIDE mau que estava de turno. Os que me diziam: «Você, um rapaz tão novo, ganhe juízo. Diga lá tudo o que sabe. Você vai-se embora amanhã já está com a família», depois vinha o PIDE mau a seguir e ameaçava-nos com as coisas mais horríveis que pudéssemos imaginar acerca da família, acerca da namorada e acerca de tudo aquilo que achassem que nos poderia destabilizar. A fase de interrogação é uma coisa muito, muito difícil de enfrentar. Vai-nos conduzindo a um estado de exaustão, que a partir de partir de certo momento nós simplesmente não dizemos coisa com coisa, já não reagimos a nada de muito palpável. Tudo aquilo nos parece como se estivéssemos de fora, a ver filmes de terror. Isto já não tem nada com coisa nenhuma.

Num desses dias, não sei o que é que me passou pela cabeça, indispus-me com um dos PIDEs que estava de turno. Travei-me de razões com ele e a determinada altura comecei a gritar: «Vocês vão-me pôr como...» - e dei um nome - «…como o Pedro Ferro!». Ainda hoje me lembro do nome do senhor, não tem nada, rigorosamente nada a ver com o partido nem com política. Era um quadro médio da área de telecomunicações de Lisboa, que tinha uma particularidade: o senhor tinha tido um problema de coluna e estava todo torto, estava completamente deformado. Caminhava, ia para o trabalho, mas eu na altura era um jovem e ele era um velho - utilizando a palavra comum. Mas um velho com um aleijão muito expressivo. Eu devo-me ter convencido por qualquer razão, ou porque senti fisicamente alguma coisa, alguma dor mais violenta e comecei a dizer: «Os senhores vão fazer de mim um Pedro Ferro».

Foi um inferno: «Quem é o Pedro Ferro?». Essa alternância entre alguma lucidez, a possível, ou o delírio completo, vai sucedendo, como já disse. Depois daquilo quando começam a fazer perguntas: «Mas quem é o Pedro Ferro? Porque é que está a falar no Pedro Ferro?». Eu tenho um baque e penso: «Este homem vai estar metido num sarilho». E a situação era relativamente simples para mim, eu só tinha que dizer a verdade: «É uma pessoa que trabalha comigo, tem este assim-assim». Eu achei que ia ficar como ele! Mas foi uma carga de trabalhos para me deixarem sossegado com o senhor Pedro Ferro e não sei, honestamente, se não terá sido incomodado, ou pelo menos objeto de alguma vigilância, para testarem se efetivamente aquilo que eu tinha dito - e que era a verdadeira razão pela qual tinha falado naquele nome - se era consistente. É natural que tenham feito essa démarche.

Depois houve várias outras fases de interrogatório. Eu na altura comecei a dar sinais de desfalecimento e, portanto, mandaram-me para o reduto Norte. Mais tarde voltei para interrogatórios já mais curtos, normalmente um pouco mais curtos. Eu não posso precisar, mas penso que terá sido num desses regressos ao reduto Sul, que me entra na sala o inspetor Tinoco - que eu vim depois de saber que era o Tinoco, que na altura não sabia - esse foi o momento em que eu tive o segundo grande susto. Esta por razões muito mais dramáticas.

Eles sabiam, mais ou menos, qual era a minha atividade. Não podia ser longa, porque eu era um miúdo. E sabiam que eu estava ligado aos movimentos sindicais, foi nesse contexto que eu fui dentro. E fui preso mais ou menos pelas mesmas razões que uma série de outros, cujo nome foi citado por um ex-funcionário do partido, que traiu e denunciou uma série de pessoas. Funcionário com quem eu nunca reuni. Nunca estive com ele. Mas uns tempos

antes, o camarada com que eu me reunia, tinha-me dito que eu iria passar a encontrar-me com outro camarada. Eu tinha inclusive já, as orientações para ter esse encontro seguinte. Aparentemente, tal como denunciou uma série de outras pessoas, terá falado no meu nome apesar de nunca ter estado comigo. O nome em causa é o Augusto Lindolfo, também é conhecido, que denunciou uma série de pessoas. Eu não posso ter a certeza absoluta, mas como diriam uns italianos «se non è vero, è ben trovato».

Repegando no grande susto que eu apanhei com o inspetor Tinoco. Num dos regressos, ele que até aí tinha andado sempre em torno da atividade sindical, teve uma série de tempo a insistir comigo. Fez menção de se retirar, de sair da sala, e de repente volta-se para trás com o dedo esticado e pergunta-me: «E a ARA? O que é que você sabe da ARA?». Eu nessa altura tive um tive um calafrio. E porquê? Há um episódio que é bastante conhecido, que é da bomba que foi colocada nas instalações na Praça D. Luís, por altura de uma reunião da NATO na sede da Comiberlant. Isso foi objeto de uma das ações da ARA, que sabotou os cabos e que deixou o país sem comunicações durante largas horas.

Porque é que aquilo me assustou? Não eu alguma vez tivesse tido alguma ligação com os operacionais da ARA, não tive. Mas, por via das minhas funções na circunscrição de telecomunicações de Lisboa, eu na altura tratava dos acidentes de trabalho. A empresa era auto-seguradora e era instruído um processo sempre havia um acidente de trabalho. Uns tempos antes da minha prisão houve um acidente com um eletrotécnico, na sala de entrada de cabos da Praça D. Luís. A bomba, como se recordam - como saberão, eventualmente - foi colocada no passeio do lado do mercado. E terá sido preparado para a violência da explosão se fazer sentir para dentro do edifício e não na conduta que depois trazia o cabo para fazer as suas ligações ao coaxial sul e à Trindade, etc. O acidente tinha sido precisamente nessa sala, onde entravam os grandes cabos coaxiais. O senhor tinha-se magoado lá num dos bastidores, que é uma estrutura de ferro, onde os cabos são amarrados para se manterem em posição. Eu tive que fazer o relatório desse acidente e descrevi a sala de cabos. [Risos] Era a minha função, não é? Passou-se nesse contexto. Ainda estava em liberdade quando a bomba foi lá colocada e sabendo eu que havia um relatório relativamente circunstanciado a descrever aquela sala, tive um sobressalto: «Vão pensar que fui eu que passei as indicações aos operacionais». Soube depois, mais ou menos, quais é que tinham sido os caminhos, quem é que facultou as informações. Não fui eu, não tenho rigorosamente nada a ver com isso. No entanto, se ele tivesse tido acesso ao meu relatório daquele acidente, era capaz de ficar com uma descrição relativamente detalhada de como é que era aquilo lá dentro.

Uma vez que não tinha relação nenhuma, também não podia sair dali nada. Não sei de nada. Foram mais uns maus bocados, uns péssimos bocados que passei por causa disso, mas não era difícil insistir na negativa. Não tinha nada para dizer!

Eu estive, como disse, na primeira virada terão sido cinco dias e mais umas horas largas, a caminho dos seis. Voltei lá várias vezes, mas normalmente em passagens mais curtas. Dois dias, talvez um pouco mais numa das vezes. É difícil precisar exatamente. Estive sempre em isolamento, mesmo quando regressava ao reduto norte. Essa fase suporta-se melhor, na medida em que não estamos sujeitos à pressão do interrogatório, mas não é propriamente pera doce. O isolamento é uma coisa difícil. Sobretudo para quem, como eu - ainda hoje, mas já naquela altura - sou uma pessoa expansiva e, portanto, o contacto com outros faz-me falta. É difícil de suportar.

Eu recordo-me que nessa fase estava ainda sozinho na cela. Estava virado - não para a parte do reduto norte, que tem celas voltadas para o Jamor, [que eram] mais abertas - estava nas celas de trás e, portanto, a única coisa que eu via era uma barreira e via os guardas republicanos a passar, a fazer a ronda. E uma das coisas com que eu me entretinha, nesses dias, era esmiolar o pão e atirar os bocadinhos de pão para chamar os pardais - que andavam por ali uns pardalitos e eu entretinha-me a deitar os bocadinhos de pão para eles virem ali comer. Passava um bocado em que espairecia. Era um alívio, aquilo para mim funcionava como um alívio.

Recordo-me de um outro pequeno episódio em que, já não sei porquê, mas fui espreitar por cima de - havia um pequeno roupeiro onde nós podemos guardar algumas peças de roupa - e eu não sei porquê eu fui espreitar para cima daquilo e estavam não mais do que três ou quatro folhas de jornal. Eu vi aquilo, peguei no jornal, fiquei contentíssimo e, passados alguns dias, eu já sabia de cor a reserva de água em todas as albufeiras. [Risos] Porque aquilo era uma das coisas que constavam no jornal. Entretinha-me a ler e a reler - as tantas já sabia, mais ou menos, o castelo do bode esteve com uma reserva de X. E era assim que nós procurávamos passar o tempo.

Depois há uma primeira fase em que me colocaram com um outro camarada numa cela com beliche - apenas dois. Não é fácil também. Eu não conhecia a pessoa de lado nenhum e nos primeiros tempos a desconfiança instala-se. É uma reação de defesa incontornável. A primeira sensação é: «Ok. Já puseram cá um para tirar nabos da púcara» - como se costuma dizer. Esses primeiros dias é de enorme desconforto, para ambos seguramente, porque do outro lado a reação é seguramente idêntica.

(...) Lá para finais de outubro, mas não posso precisar…entre dois meses e meio, três meses, passei para uma sala maior, já com oito presos. Onde, aí sim, pela primeira vez encontrei algumas pessoas que eram minhas conhecidas. Havia dois camaradas que eram de Santarém, com quem eu não tive nenhum contacto em termos partidários, mas que sabia que eram pessoas que seriam antifascistas, no mínimo, e que conhecia. Um deles era o Jaime Fernandes, que era jornalista, e um outro que era fotógrafo em Santarém. E mais algumas outras pessoas com quem vim a fazer enormes amizades que ainda hoje mantém, como calculam. Isso há de ser ponto comum a todos os que por lá passaram.

Um deles é o José Ernesto Cartaxo, que é um daqueles amigos do peito a quem eu fiz referência. E uma outra figura para mim absolutamente inesquecível, com várias passagens pelas prisões e com uma postura que toda a gente considera absolutamente exemplar que era o famoso Duarte Alfaiate. Que era uma das figuras conhecidas e que teve variadíssimas prisões. Um homem com uma fibra, uma coisa extraordinária e que nos dava muito alento para suportar aquela fase.

Fui julgado em abril. Eu suponho, não encontro outra explicação, a polícia teve que esperar que eu atingisse a maioridade para me levar a tribunal. Porque se não seria - mesmo considerando toda a arbitrariedade com que julgavam os tribunais plenários - suponho que haveria mínimos que conviria não pisar. Um deles era essa, eu era menor ainda. E, portanto, eu sentei-me no tribunal plenário no dia em que fiz os 21 anos.

Antes disso há um outro episódio que eu gostaria de fazer referência, que é como é que era a vida - mesmo quando já estávamos na cela com os oito camaradas. Havia uma disciplina conscientemente assumida por todos, que nos ajudava muito a suportar as

agruras daquele tempo de prisão. Que nos animávamos uns aos outros, porque há dias mais difíceis, outros em que estamos melhor e é esse sentimento de entreajuda é importante. Era importante também o manter algum contacto com a estrutura partidária cá fora. Mesmo presos, o trabalho não acaba.

Recordo-me, e isto seria o último episódio que eu deixaria aqui convosco. Recordo-me de uma das visitas por altura do Natal, muito próxima do Natal, em que excecionalmente nos permitiam ter com a família uma visita em comum, em vez de estarmos lá nos parlatórios com o vidro. Havia algumas informações que era conveniente passar para o exterior. Entre os vários camaradas que estavam na mesma cela, achámos consensualmente - porque, a pouco e pouco, fomos percebendo como é que eram as relações do preso com os seus familiares e qual era o grau de experiência que os próprios familiares pudessem ter para lidar com determinadas situações - e entenderam que deveria ser eu a passar essa mensagem para o exterior. Os pormenores conhecem-nos mais ou menos: era normalmente passada em papel de mortalha, com lápis muito afiadinho, para a letra ser o mais apertada possível. Esse trabalho foi feito pelo Jaime Fernandes, que era especialmente bom a condensar mensagens relativamente grandes em pouco espaço. Depois comecei a imaginar como é que poderia passar aquilo, com alguma segurança, aos meus familiares. E achei que o melhor seria a minha mãe. Apesar do meu pai ter experiência da prisão anterior, achei que seria a minha mãe. Por muitas razões e por uma coisa a que hoje chamam de inteligência emocional e que é a capacidade de interagir com o outro e decifrar o que está para lá das palavras. Numa das visitas normais no parlatório insisti muito com a minha mãe para trazer determinar fato, que eu descrevi qual era a cor: «Mãe, um fato com estas características, cintado, lembra-se? Tem um cinto...fica muito bonita com isso, quando vier eu gostava de a ver com esse fato». E, isto sabemos nós à posteriori, de conversas depois entre os meus pais, ela disse-lhe de imediato [diálogo]: «Manuel, o Óscar quer passar alguma coisa cá para fora na visita em comum». «Estás a sonhar! Talvez não». «Garantidamente». E assim foi.

Eu peguei nas mortalhas, metemos dentro de uma película de plástico fininha, selei com um isqueiro. Vinha mais composto com uma camisa de colarinho relativamente rijo. Meti aquela mensagem, que fica uma coisinha pequenina, aqui. Porque nós éramos revistados à saída da cela e antes de entrarmos na sala da visita em comum. E, portanto, eu calculei que mesmo que me fizessem isto, o volume é muito pequeno e não seria detetado. E correu bem.

Quando entramos na sala os polícias que estão vigia fazem uma tentativa para nós não termos nenhum contacto físico, mas nessa altura as coisas são um bocado imparáveis. Com aquele gesto eu tirei aquilo da mão, fui direito à minha mãe, pus-lhe a mão por cima e meti-lhe a mensagem no peito. E ela percebeu exatamente. Sentiu, deu por isso. Fizemos a visita, tudo normal, e na saída ela deu indicações ao meu pai: «Manuel, até lá fora vens sempre atrás de mim e olha para o chão». Foi-lhe dizendo distraidamente, porque poderia ter ficado mal preso, qualquer coisa. O pormenor do cinto era importante, porque o vestido cintado dava-me a garantia de que se lhe falhasse o sutiã, que pelo menos o cinto seguraria a mensagem. E assim se passou.

Acho que a leitura que a minha mãe fez dos pequeníssimos sinais que eu lhe transmiti - nessa ocasião e em outras - é uma coisa que me toca, muito.

Depois do julgamento eu fui condenado a 18 meses de prisão remível. O meu pai fez o pagamento da quantia, com sacrifício, mas fez, e eu fui liberto no dia seis. Seguimos de imediato para a minha terra, para Pernes. O meu pai, entretanto, telefonou para lá a dizer que nós iriamos chegar e tive a grata surpresa - porque eu sabia como era difícil as pessoas contactarem com alguém que tinha acabado de sair da prisão - tinha a minha casa cheia. Cheia, completamente cheia. E pessoas na rua. Enfim, foi um linimento, porque as pessoas foram serenas, como é evidente, mas aquelas pessoas terem-se juntado ali foi um grito de incentivo. Sereno, mas para mim e para os meus, foi um grito de incentivo.

Eles estavam connosco e acompanharam-nos, como acompanharam durante a minha prisão. O meu pai nessa altura, como disse, tinha uma pequena fábrica com, sei lá, duas dúzias de trabalhadores. Ainda hoje guardo como uma das recordações gratas da minha vida - tenho esse papel guardado - que foi um gesto que os operários tiveram. Que foi ir dizer ao meu pai: «Nós queremos contribuir com um dia do nosso salário» - e um dia do salário daquelas pessoas é muito importante naquela altura, ainda hoje, mas era muito importante para elas. Fizeram um abaixo-assinado, subscreveram a dizer: «Nós queremos contribuir com um dia do nosso salário para ajudar a prisão do Óscar». Felizmente a minha família não precisava e esse valor foi entregue, pelo meu pai à Comissão de Socorro aos Presos Políticos, porque outros precisariam bem mais, seguramente.

Quando fui libertado fui, evidentemente, exonerado dos CTT e fiquei desempregado. Essa situação não foi dramática por uma razão: é que no dia em que eu fui libertado, já estava dado com refratário, porque tinha sido chamado entretanto para fazer o serviço militar. E, como não sabiam certamente que eu estava preso, correram os trâmites normais e eu fui considerado refratário. Portanto cheguei a casa no dia seis de abril à noite, no dia sete da manhã o meu pai teve que ir comigo para Leiria para eu me apresentar no serviço militar. Eu tinha habilitações, na altura tinha o sétimo ano completo e poderia ter seguido outro rumo, mas era a regra, mandaram-me para o contingente geral. Assentei praça, em Leiria, no contingente geral.

Quando comecei a perceber, mais ou menos, em que terra estava, fui à secretaria do Regimento de Infantaria 7, dizer que certamente estaria ali por engano, porque eu tinha habilitações para poder estar, pelo menos, no curso de sargentos milicianos. Disseram-me que não. [Diálogo]: «Mas eu entreguei o certificado de habilitações». «Não, não, não há nada». Eu reparei que o sargento que estava a atender-me tinha trazido o meu processo militar para cima do balcão e, na altura, os certificados eram emitidos em papel azul e destacavam-se do resto do processo. Portanto eu pus a mão em cima e disse: «É fácil de encontrar, está aqui». E a resposta que me deram foi: «Tudo bem, mas já cá está. Tem que ficar».

Portanto iniciei o serviço militar no contingente geral. Daí para adiante foi um rosário... um massacre autêntico. Porque havia uma guerra e havia escassez, quer de oficiais, quer de sargentos. Havia uma série de provas militares, físicas e também testes psicotécnicos, redações, contas de somar - fiz tudo. Porque era essa a prática do exército para apurar algumas pessoas que estavam no contingente geral e poderem passar para o curso de sargentos. Eu fui apurado, as provas correram-me bem. Fui apurado para o curso de sargentos milicianos. Fui transferido para Santarém. Fui fazendo a recruta - tudo repetido. Toma lá mais testes psicotécnicos, redações e contas de somar e diminuir, provas físicas e fui apurado para o curso de oficiais.

Num dia, eu estava na parada e recebo a indicação - são lidas as ordens de serviço como sabem - e uma das ordens de serviço era com o nome dos cadetes que iriam passar ao curso de Oficiais. O meu era um deles. Eu era o soldado número 1000. Fiquei muito conhecido em Santarém: era o mil, que era o preso político e era o número redondo. É uma coisa curiosa isso.

Comunicaram-me isso numa formatura de almoço. E eu disse: «Ok, pelo menos vamos ver o que é que se segue». No dia seguinte sou chamado ao gabinete do comandante esquadrão, para me dizer: «Olhe, afinal o nosso cadete já não vai para o curso de oficiais. Vai ser transferido para o depósito disciplinar em Penamacor». Eu acho que isto era uma coisa que não era sequer comum, mesmo naqueles tempos e naquele contexto. O Depósito Disciplinar de Penamacor era um quartel que tinha quatro incorporações por ano, como sucedia com todos os outros, mas normalmente três dessas incorporações eram para presos de delito comum e a última de cada ano, em regra era a última de cada ano, era reservada para presos políticos. No meu caso, como houve aquele *quid pro quo* de eu ter sido apurado para o curso de Oficiais e afinal ter que ir para o Depósito Disciplinar, novamente como soldado raso, eu fui mandado de imediato. Portanto acabei por fazer uma boa parte do tempo, desse tempo inicial de tropa, juntamente com presos de delito comum.

Eu escuso-vos aos pormenores, mas isso foi outra das situações que me impressionou mesmo muito vivamente. Eles achavam estranhíssimo que lá tivesse caído uma ave rara como eu naquele contexto, porque, como disse, era o único. Isso foi uma coisa que me marcou bastante. E alguns deles teriam curricula absolutamente nada recomendável. Mas no trato deles comigo, era uma coisa curiosa, a palavra era respeitada. Queriam-me vender artigos que teriam roubado no fim de semana. Um dia quiseram-me vender um casaco de senhora para a minha namorada. Eu disse: «Ouve, nem penses. Eu vou a passear com a minha namorada e alguém lhe vem a puxar pelo casaco? Nem penses nisso!». «Mas eu estou desesperado, preciso de um pintor» - um pintor era uma nota de cem escudos. E eu disse ao individuo: «Tens aqui 100 escudos, mas não me falas em mais nada, nem casacos, nem coisa nenhuma que venha da tua mão. Precisas disso, pagas-me quando puderes». E o rapaz, 15 dias, depois veio-me devolver os 100 escudos. Ele deve-os ter roubado a alguém, não vejo outra hipótese. Mas ele deu-me a palavra que aquilo era para safar uma situação e a palavra foi cumprida. Acho que as pessoas - sei isso por convicção - as pessoas são muito resultado do meio em que vivem e em que crescem. O meio em que aquele moço cresceu e viveu não seria bom. Não é regra geral, haverá alguns que terão maus fígados até ao fim de vida. Mas muitos deles, eu sei lá porque privações eles passaram, comparados comigo. Não sei. Mas isto é apenas um pormenor.

Fiquei em Penamacor durante uns tempos e depois houve uma colega minha, daqui da Praça D. Luís, que, vulgo, meteu uma cunha enorme do junto do conselheiro Albino dos Reis - era uma senhora que tinha idade para ser minha avó e tinha muita pena de mim. Achava que eu era muito bom rapaz, que tratava muito bem os colegas todos. Ela era conterrânea e tinha acesso ao conselheiro Albino dos Reis e foi lá interceder para que ele me fizesse sair de Penamacor. Efetivamente o Albino dos Reis fez um escrito, que fez questão de entregar aos meus pais para irem lá buscar, para depois, através dos meus pais, ser entregue no serviço militar. Entregou-lhe aquilo num envelope - mais um pequeno pormenor de reações instantâneas da minha mãe - o Albino dos Reis todos sabemos quem era e a minha mãe também sabia. Quando lhe disseram que ele ia fazer um escrito a

interceder pelo filho, ela disse: «Se o fizer, OK, eu fico agradecida e agradada, mas eu não sei se farás». O Albino dos Reis escreveu, meteu aquilo num subscrito que ele próprio fechou, entregou aquilo. A minha mãe estendeu a mão, agradeceu, fez a vénia e assim que recebeu o subscrito meteu a unha e abriu logo o fecho do envelope. Quando chegou cá fora foi verificar se o senhor tinha intercedido ou se estava a arranjar mais alguma recomendação pouco agradável. Mas não, funcionou. Era um escrito simples: «O moço é novo, deixem-no, porque senão apenas o vão radicalizar. Deixem-no seguir a vida sem mais massacres».

E eu saí de lá. Voltei a fazer tudo de novo, voltei a ser apurado para o curso de oficiais. Fui o primeiro classificado do curso de oficiais de cavalaria, em Santarém. Porque, como poderão calcular, depois de todas essas peripécias a última coisa que eu queria era ter problemas da tropa. Portanto, eu fazia tudo *by the book* e tinha boas avaliações, boas provas. Acabei por ficar como aspirante miliciano. Esse facto foi comunicado à Repartição de Oficiais, em Lisboa. E quando Lisboa soube disso entornou-se o caldo outra vez e mandou um ofício, que me foi mostrado. Nessa altura o 25 de abril já não estava assim tão longe como isso, estava a aproximar-se. Havia alguns quadros do exército a nível dos capitães e dos tenentes que ficavam, que já olhariam para a realidade com outros olhos. E um deles mostrou-me o ofício, dizendo que eu não poderia continuar a dar instrução a futuros oficiais, porque isso era perigosíssimo, claro. E, portanto, ordenava a minha transferência imediata para o Regimento de Cavalaria 3 em Estremoz. Houve alguém que limitou-se a invocar o regulamento de disciplina militar e a dizer: «Não, esse senhor foi o primeiro classificado do curso de oficiais, está a dar instrução e portanto a guia de marcha dele para Estremoz será cumprida no último dia do curso que ele está a ministrar». Havia um artigo qualquer do RDM - do Regulamento Disciplina Militar - que permitia invocar essa faculdade. Foi isso que aconteceu. Quando terminei, fui mandado para Estremoz.

Cheguei a Estremoz, fui colocado a chefiar o gabinete de Justiça, com algum receio meu, porque não tinha propriamente domínio daquelas matérias. Tínhamos de instruir processos por violações do regulamento de disciplina militar, mas também por causa das pensões de sangue que eram pagas a combatentes que tivessem sido feridos ou mortos em combate. Essa peça, era secreta na altura, porque a primeira peça desses processos era o relatório de operações em que o militar tinha sido ferido ou morto - documento secreto. Mais um drama, porque não podia estar com acesso a documentos secretos. Por via disso fui mandado, aí sim, já ao arrepio de todas as regras militares. Porque passaram por cima de camaradas do meu curso de alferes e dos que já estavam no curso a seguir ao meu, passaram por cima de todos para mandar para Timor.

Presumo eu, que tenha ido para Timor porque era uma zona não operacional e estando eu colocado em zona operacional poderia causar incómodos maiores. E, portanto, mandaram-me para o mais longe que havia. Para mim isso foi uma benesse, foi uma bênção. Mesmo assim não evitou que, mesmo em Timor, não houvesse mais peripécias desse género. Eu cito esta sequência para se ver até que ponto é que o Regime perseguia, de facto, e não perdia o rasto de quem alguma vez tinha ousado fazer ou dizer qualquer coisa - aliás, no meu caso bem pouco e bem modesto contributo, mas mesmo assim tudo era rastreado.

Quando cheguei a Timor houve uma ocasião, por força de ser o alferes mais antigo - isso na tropa funciona como um posto - se o capitão estiver impedido, quem é que substitui? É o alferes mais antigo. O capitão, comandante de esquadrão, veio a Portugal de férias, casou

e depois tinha mais uns dias porque quando se dava sangue, tinha-se mais 10 dias de férias. Portanto ele teve uma temporada, dois meses, em Portugal. Quem é que ficou a substituí-lo? O alferes mais antigo - portanto, fiquei eu. [Risos]

Um dia, para resolver um assunto de serviço que foi levado por um sargento, eu tive de consultar um dossier de uns assuntos também confidenciais e secretos. Folheando o dossier, para apanhar os antecedentes do assunto que me estavam a colocar, ao folhear aquilo vejo uma epigrafe a vermelho a dizer: «Controlo de suspeitos». [Risos] Dei as indicações ao sargento e depois, confesso, que nesse dia a curiosidade foi maior. «Vamos ver o que é que há aqui». E o suspeito era eu. O comandante esquadrão, ou quem estivesse a comandar o esquadrão, tinha periodicamente que mandar informações para o quartel-general em Dili, dizendo o que é que estava a passar.

O que me colocou mais um dilema, se era informar que me estava a portar bem, correndo o risco de acharem que eu estava a brincar com a tropa, omiti. Felizmente não aconteceu nada.

Isto são algumas das situações que ilustram bem a preocupação que havia em rastrear. Era um massacre, atrás das pessoas, por pouco que fizessem. No meu caso não fiz mais, porque não tive tempo - fá-lo-ia seguramente. Porque aquilo que eu aprendi não esquecerei mais. Isso condicionou-me para chegar à última fase que gostariam de saber. É claro que condicionou a minha vida toda. São experiências tão marcantes, que não há nada que as consiga apagar. Esse sentimento de entreajuda, de solidariedade é lá que se aprende - é na militância, na vida partidária que se aprende. No meu caso aprendi a não ser sectário, durante o meu tempo de militância. Porque eu naturalmente procurava defender ou difundir as teses que o partido achava razoáveis em relação a determinados assuntos - no meu caso o sindicalismo - mas procurei fazê-lo de modo a não me comprometer a mim, não comprometer camaradas meus. Isso obrigava-nos a esse exercício de tolerância em relação aos outros.

Por alguma razão, no princípio do meu depoimento, eu fiz aqui uma referência, que não vos passará em claro, à notável lucidez e ao trabalho extraordinário que foi feito por uma senhora que era dirigente da Liga Operária Católica e por quem eu tive sempre o maior respeito. Isso eu aprendi na militância, na vida partidária, aprendi felizmente muito com o meu pai, que sempre teve o mesmo tipo de postura. Eu nunca, tal como o meu pai, nunca coloquei uma ficha do Partido Comunista na mão de ninguém. Tenho, no entanto, a imodéstia de pensar que quer eu, quer o meu pai, teremos ajudado, pelo exemplo, a levar algumas pessoas a procurarem aproximar-se do partido e a identificarem-se com as suas posições. Acho que é pelo exemplo que lá vamos. Por aquilo que procurei ser na minha vida profissional, defendendo na medida do possível aqueles que trabalharam comigo, lutando por esses meus ideais. No caso do meu pai exatamente a mesma coisa. Se hoje alguém for à minha terra dir-lhe-ão que ele foi sempre um pequeno patrão, mas um patrão exemplar. Que respeitava os direitos trabalhadores. Essa era a sua preocupação de vida. Essa foi e continua a ser a minha preocupação de vida. Respeitar os outros. Respeitar a liberdade dos outros, porque há uma coisa muito dolorosa - e que eu experimentei - que foi ser privado dela".

José Pedro Correia Soares

Ano nascimento: 1950
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 19-10-2021

"Eu creio que já era um menino grande, talvez com uns sete ou oito anos, [quando] comecei a ouvir falar de Caxias e de Peniche, e até de outras coisas que tinham acontecido - uma vez em Vila Franca meteram as pessoas na Praça de Touros… e também ouvi falar das eleições de Humberto Delgado. Foram acontecimentos que marcaram, penso eu, muita gente daquela altura, mas eu não tinha consciência do que se tratava.

Mais tarde acabei a 4ª classe - eu sou de uma região agrícola de Vila Franca [de Xira], de Cachoeiras. Todos os meninos e meninas da minha idade não iam estudar, eram poucos - dois ou três - grande maioria continuava a ajudar os pais na agricultura e quando tínhamos aí 13, 14 anos vínhamos trabalhar. As raparigas vinham trabalhar na costura, para as alfaiatarias, para empresas de trabalho feminino e eu vim trabalhar para uma tipografia. Ajudei o meu pai ainda na agricultura, pastoreei ovelhas, depois aos 13 anos fui trabalhar para uma tipografia. Quando cheguei à tipografia notei um problema: é que eu dava erros. Os tipógrafos não podiam dar erros, eram compositores manuais, encadernadores, impressores. Eram pessoas esclarecidas e sobretudo no que toca à gramática eram bons naquilo. Então senti uma certa atrapalhação, comecei a ir à biblioteca de Vila Franca, levantar livros e ler. Recordo-me de ler os Gaibéus, os Avieiros, O Muro Branco - os livros do Redol, lia quase todos e outros de autores portugueses. E nessa altura também decidi inscrever-me na escola à noite de Vila Franca - Escola Técnica Industrial. Foi para mim muito importante.

Os tipógrafos eram uma classe esclarecida, já não trabalhavam no 1º de maio. Fazíamos um convívio - não fazíamos jornadas combativas, mas havia um convívio entre eles e não trabalhavam. Era uma classe, que nesse sentido era a única que fazia isso - os tipógrafos e os fotógrafos.

E depois na escola à noite foi muito importante, porque em Vila Franca havia uns jovens que trabalhavam naquelas empresas todas, desde Alenquer, até Póvoa de Santa Iria, Magas, oficinas de material de aeronáutica, o Cimentejo, a Sodapóvoa. Então conheci jovens de muitos daqueles sítios e nós tínhamos coisas em comum.

À noite começámos, muitas vezes, a reunir, a fazer reivindicações. Porque nós começávamos a trabalhar nas empresas de manhã, às 6, 7 horas, tínhamos aulas das 19h às 23h e queríamos tomar uma refeição ao fim do dia e tinha de ser na cantina da escola. Começámos a fazer reivindicações desse tipo: não pagar propinas, queríamos ter uma biblioteca na escola. Conseguimos fazer um movimento muito interessante. Até chegámos a eleger delegados de turma, mas aquilo foi assumindo alguma politização e depois confrontámo-nos com a direção da escola. Mas foi muito importante para aqueles jovens, que também nas empresas onde trabalhavam, que conheciam situações dessas. De haver operários esclarecidos que queriam fazer bibliotecas, que falavam com os mais novos, chamavam a atenção para os regimes de trabalho, para os horários dilatados, para a falta de condições.

Nesta altura houve uma coisa importante que foi: iniciou-se em Portugal a semana inglesa. Todas as pessoas que trabalhavam ao sábado, passaram só a trabalhar ao sábado até à hora de almoço. Mas nós, os aprendizes, tínhamos de trabalhar de tarde. Recordo-me que ficava de tarde a limpar as máquinas, os tinteiros das máquinas, limpar o chão, o óleo das máquinas, tudo aquilo, só depois é que saíamos. Nós tínhamos uma situação bem mais difícil nesse sentido. Portanto fui tomando consciência disso tudo ao mesmo tempo.

Havia amigos que falavam comigo e a certa altura houve um que me deu um Avante. Eu achei muita piada áquilo porque o Avante falava das lutas dos pescadores, dos ferroviários, até dos movimentos de libertação e congressos que se realizavam, internacionais. Epá tão interessante, sempre ouvi falar disto, mas com esta linguagem, com este pormenor e com esta informação nunca consegui. Então fui tomando assim consciência política da situação em que vivíamos.

A certa altura também entre nós, nos nossos convívios, começámos a cantar as cantigas do Zé Afonso, do Adriano [Correia de Oliveira] e havia alguns que traziam um abaixo-assinado para libertação dos presos políticos ou contra a guerra colonial e diziam: «Nós temos de criar um movimento para todos os jovens poderem votar a partir dos 18 anos». Aproveitávamos as condições legais e semilegais para nos juntarmos, muitas vezes até organizámos campeonatos de futebol, convívios… era a forma de nós falarmos sobre política.

A certa altura houve outro acontecimento muito marcante da minha vida e em toda esta região: foi as cheias de 1967. Foi uma coisa muito dramática. Eu trabalhava em Vila Franca, na tipografia, estudava à noite e na altura até tinha um quarto alugado em Vila Franca. Eu recordo-me que quando me levantei de manhã havia uma altura de lama, depois comecei-me a aperceber que o que aconteceu foi uma tromba de água - uma corrente fria vinda do norte da Europa, outra quente vinda do lado da América, chocaram-se aqui, creio que em frente ao Estoril, então caiu muita água. Sobretudo havia muitas barracas, junto destas ribeiras de Algés, de Dafundo, do Rio Trancão, em Alverca, em Alhandra, em Vila franca, o rio que vem de Arruda dos Vinhos até ao Carregado, o rio que vem de Alenquer - a quantidade de água foi enorme - muitas dessas barracas foram [destruídas]. No Carregado, junto à ponte da Couraça, havia um gradeamento e as coisas e as árvores começaram a fazer uma empilhagem, formou uma barreira muito grande, então formou-se um mar de água e o Lugar das Quintas ficou todo debaixo de água. Havia familiares meus que moravam lá e morreram. Foram centenas de pessoas. Quando chegou às 400 pessoas o Regime correu com os jornalistas, não queria a informação, porque foram muitos mais mortos e aquilo chocou-me muito. Não só a situação em que as pessoas viviam, em barracas, a situação dramática de pobreza que havia, mas também esta coisa de ocultar a informação - e tinha que se saber o que se passou. Então, na altura, muitos jovens se mobilizaram. Recordo-me que o Instituto Superior Técnico fechou e a associação, que era muito forte, mobilizou todos os jovens para Alenquer, para aqueles sítios todos, limpar os corpos, limpar as casas. Isto foi muito chocante para mim e apercebi-me melhor da natureza do fascismo.

Na altura já havia outra coisa, que era a guerra colonial. A guerra colonial atingiu-nos todos. Todos os jovens eram chamados para a guerra colonial: para Angola, para Moçambique, para a Guiné. Revoltámo-nos contra a guerra. (...) O continente africano tinha sido, todo ele, colonizado e agora só restavam as colónias portuguesas, porque é que o governo

português não avançava com outra solução? Criaram-se diversos movimentos de opinião contra a guerra colonial. Foi um fator novo e muito aguerrido dos jovens lutarem contra a guerra. Alguns fugiram, iam para o estrangeiro - criavam até lá comissões para contestar a guerra e de solidariedade com os presos, exigindo a libertação dos presos. Outros, aqui, a opinião dos jovens progressistas aqui - que era o meu e dos jovens comunistas – era: «fiquemos na tropa e lá combateremos esse combate, mobilizando, consciencializando. Porque se a gente formos embora o fascismo está mais à vontade. Encontrar a consciência dos outros. Nós temos de lá travar essa batalha».

Foi muito importante, porque próximo do 25 de abril havia muitas comissões de jovens em muitos quartéis e ajudaram - por acaso todos os jovens aderiram ao 25 de abril. Quando o Salgueiro Maia disse: «Quem quer ir?» - ninguém disse que não queria ir. [Risos] Esse fator da guerra foi muito importante.

Houve outro acontecimento, nos anos 1967, o Salazar cai, aqui no Estoril, próximo de Lisboa e bate com a cabeça e fica sem condições para governar. Passado um mês ou dois é substituído pelo Marcelo Caetano. Tudo isto é discutido depois, publicamente. As pessoas nas tabernas, havia muitas tabernas, muitos cafés: «Caiu o ditador, agora é que vai ser!». Havia esta esperança. Isto era tudo muito comentado. Entra o Marcelo Caetano, com aquelas conversas muito família - enganou um conjunto de pessoas, porque a repressão veio logo a seguir.

Entretanto há um aspeto marcante aqui na minha vida, dos jovens da minha geração. Foram as eleições de 1969. Que a oposição democrática aproveitou, porque tinha havido o 2º congresso de Aveiro, para desenvolver uma grande campanha de massas. Desenvolver, reunir os homens, as mulheres, nas empresas. Fazer grande campanha, fazer comícios, inscrever as pessoas nos cadernos de recenseamento. Tudo aquilo foi uma grande chapelada, mas foi uma grande campanha de esclarecimento. Logo a seguir a essas eleições começou a repressão, nos fins de [19]69, 70.

Depois há outras coisas marcantes a seguir - em 1970 matam o Eduardo Mondlane, dirigente da FRELIMO [Frente de Libertação de Moçambique]. A seguir matam o Amílcar Cabral, que era uma coisa que nós falávamos muito entre nós, jovens, porque o Amílcar Cabral dizia: «A luta é comum. É dos portugueses e nós, africanos. O nosso inimigo é o fascismo». Era uma referência cultural da oposição e isso tocou-nos muito. Nessa altura a luta já era muito grande.

Já nos anos 70 há uma coisa que pouca gente sabe, a fuga de Caxias. Foi muito importante, libertou um conjunto de pessoas que já eram quadros preparados, pessoas que tinham passado algumas vezes pela cadeia, pessoas bem formadas. Coincidiu também com a grande fuga de Peniche, foi para aí cerca de 20 quadros do Partido Comunista. Foram muito importantes.

Esta gente juntou-se num 5º Congresso, creio que nos anos [19]65, 66 e definiu rumo à vitória. Aliás, até existe um livro de Álvaro Cunhal que se chama Rumo à Vitória. E disseram: «O governo não cede, o fascismo não cede, nós temos de desenvolver a luta dos jovens trabalhadores, dos jovens estudantes, das mulheres, dos sindicalistas, nas empresas, até nos quarteis». O movimento intelectual, movimento dos escritores, o movimento dos professores, o movimento de solidariedade com os presos. Mesmo no estrangeiro, jovens que tinham emigrado, a criar comissões de solidariedade, denunciando. Houve mais rádios

a transmitir diretamente para Portugal. Isto foi tudo muito forte. Também o apoio aos movimentos de libertação, conjugando estas lutas. Não é por acaso que nasce a CGTP [Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses] em 1970, nasce o Movimento Democrático das Mulheres, o Movimento dos Jovens Trabalhadores. Sobretudo os jovens estudantes têm uma força incrível, desde 1962, os jovens estudantes, logo no início do ano escolar, avançam para lutas tremendas. Param tudo, param as universidades. Os comunistas são submetidos, o governo aparece com os gorilas, com cães e com os polícias, tudo isso como aconteceu em muito sítio.

A luta vai endurecendo. Estamos na fase já da crise geral do fascismo, já nos anos 70. Até porque a certa altura o governo já não tem oficiais que cheguem para comandar o exército, têm que promover jovens alferes a capitães, para poderem comandar. Os outros que estavam lá há mais tempo, tinham passado pela Academia, pela formação militar, ficaram muito chocados com aquilo. Terem outros tão jovens com as mesmas condições. Iniciaram-se um ciclo de reuniões, sobretudo na Guiné, onde eles tomam consciência. Há um decreto do governo na altura do Sá Miranda, o ministro, que o decreto foi anulado, o ministro foi demitido, mas os jovens que estavam na Guerra Colonial disseram: «Não, não. Mas isto não chega. O governo é que tem de ir ao ar» - foi quando se generalizou as reuniões do Movimento das Forças Armadas. Quiseram depois em Portugal ter essas reuniões, até que depois se deu o 25 de abril.

Eu, na altura, já não assisti a esta parte. Eu já estava ligado, entretanto - e eu aceitei. Fui convidado para pertencer ao Partido Comunista Português. Como era muito dinâmico - na escola técnica, trabalhava em Alverca - conhecia muitos jovens e trouxe muitos jovens. Ajudei a construir células, organismos do partido nessas empresas todas. Porque o partido entretanto envelheceu, muitas das pessoas foram presas. Rapidamente a PIDE fiscalizava, porque havia agentes da PIDE e bufos em todo o lado, em todas as empresas, em todas as escolas, em todas as terras. Essas pessoas já estavam queimadas - tinham dificuldade. Então o partido fez bem, arranjou estes jovens, esta malta que não estava tão queimada e deu-lhes [responsabilidades]. Eu trouxe muita gente, era muito ativo nesse sentido. Já estava em contacto com pessoas da direção do Partido Comunista Português que viviam na clandestinidade. Ao mesmo tempo eu pertencia ao Movimento Democrático - que realizou as eleições, que fazia estas reuniões abertas, esses comícios falando das eleições, dos direitos democráticos. E estava ligado a um movimento da juventude, que na altura ainda não era o Movimento da Juventude Trabalhadora, era o movimento que envolvia jovens trabalhadores e jovens estudantes. Nós juntávamo-nos muito para fazer convívios, para cantar o José Afonso, convidávamos cantores.

Na altura até houve uma coisa interessante. Quando trabalhava em Vila Franca, eu e uns amigos meus organizámos uma coisa que se chamou o «34». Era uma casa em Vila Franca que estava ligada ao Padre Moniz. Era um bairro do Padre Moniz, de uma associação que ele geria. E nós ali eramos sobretudo jovens trabalhadores - Joaquim Alberto, o Afonso, eu, diversos - começámos a ir para lá, dormíamos lá, era a nossa casa, então às sextas-feiras fazíamos grandes convívios. Chegou a lá ir o Fanhais, chegou a lá ir muita gente cantar. (...) As pessoas saíam dali... os jovens ficavam dali com uma força… Depois nos outros dias iam para as suas terras, para as suas empresas e também cantavam aquilo. *Venham mais cinco* ou aquelas cantigas do José Afonso, do Adriano. Discutíamos publicamente as coisas e isso foi muito importante. É uma espécie daquelas repúblicas de Coimbra,

simplesmente em vez de serem estudantes era uma república de jovens trabalhadores. Teve uma influência muito grande em toda esta zona, na escola técnica. As pessoas passaram todos os dias lá, a porta estava quase sempre aberta, vinham do emprego e iam lá ao «34». A PIDE acompanhava, mas não esperava que a partir dali a consciência se elevasse tanto. Um conjunto de ações em Vila Franca, o 1º de maio, manifestações que fizeram que foi dali que partiram. portanto, a certa altura, foi muito importante.

Eu quando fui preso, apanharam-me lá [com] muitos papéis. Não consegui tirar as coisas a tempo, portanto apanharam-me um conjunto de papéis. Foi sobretudo nas ações ligadas às células do Partido Comunista Português, que ajudei a desenvolver com outros amigos. Foi neste movimento unitário, de oposição democrática, dos jovens trabalhadores que eu desenvolvi muito a minha atividade.

A partir de certa altura, eu já tinha muita responsabilidade e o Partido disse-me: «Tu não podes continuar. Qualquer dia eles prendem-te. É muita coisa, tens de passar para a clandestinidade». Mas eu estava na tropa na altura. Trabalhava em Alverca, íamos fazer dois meses de tropa, estava na Carregueira. E nessa altura foi preso um clandestino que era dirigente do Partido, que traiu.

Eu estava na Carregueira e a certa altura, quando jurei bandeira, foi no mesmo dia em que jurei bandeira, no dia 30. No dia um fui preso. Depois soube que ele traiu, denunciou tudo o que sabia, foram presas mais pessoas. Foi o motivo imediato da minha prisão - não foi por aquilo que eu desenvolvia. Também já na tropa e no quartel com outros jovens fazíamos muita coisa lá, coisas muito interessantes. Aliás, eu quando fui preso, fui metido lá na cela e o comandante do meu pelotão veio-me dizer: «José Pedro, eu posso soltá-lo, mas fico eu preso. O que é que você quer?» - era um homem já com uma consciência. E apercebia-se da minha atividade no quartel e dos outros jovens, contra a guerra - fazíamos palestras, pedíamos a palavra e contrariávamos aquilo que diziam-nos. «Os jovens africanos e nós somos irmãos, separados. A guerra não interessa a ninguém». As coisas eram muito vivas, a nossa argumentação.

Então fui preso no dia 1 de julho, de manhã. Fui cercado por espingardas: «Está preso!». Disseram-me que tinha sido uma ordem da direção do exército da região de Lisboa. Depois, por cerca do meio-dia, foi lá a PIDE buscar-me. Quando a PIDE foi buscar-me, com jipes, eram dois jipes, todo o meu pelotão juntou-se à porta com o braço no ar. Porque quando se está na tropa as pessoas às vezes são conhecidas não pelo nome, mas pela terra - eu era o Vila Franca: «Vila Franca!». Aquilo para mim foi extraordinário, foi uma solidariedade muito grande.

Cheguei à António Maria Cardoso, que era a sede da PIDE em Lisboa. Procuraram saber quem eu era. Tiraram aquelas fotografias, nos seus ângulos - são as fotografias clássicas, conhecidas. E começaram-me a fazer perguntas: «Então, agora tens de explicar que pertences ao Partido Comunista Português, que fazes não sei quê». E eu recusei-me. «Ai não queres responder? Então voltas para cá amanhã». Levaram-me para Caxias. Então começa o meu período de Caxias, onde passei 23 meses. Numa sala isolado, tiraram-me tudo o que havia - relógio, anéis, coisas assim.

No outro dia trouxeram-me para a António Maria Cardoso, logo assim de manhã, para uma sala onde havia uma secretária, duas cadeiras e começaram-me a fazer perguntas, logo de manhã. Eu disse que não tinha nada para esclarecer. A certa altura, já ao fim do dia, tiraram-

me a cadeira. E eu disse: «Então a partir de agora não como». E estive assim durante 6 dias. Ao fim dos cinco dias já estava muito... queriam-me meter um tubo, queriam-me meter leite. Lá esperneei, esperneei, não conseguiram fazer aquilo. Mandaram-me novamente para Caxias, para dormir uma noite.

Durante esses seis dias, 6seis noites, houve muita provocação, ainda me agrediram, mas foi mais o insistir: «Tens que falar, tens que falar». Nunca me deixaram dormir, faziam barulho com umas moedas em cima da mesa, mandavam-me copos de água. Aquilo era muito doloroso. Quando chegava às três, quatro da manhã era uma coisa horrível, não sei se havia uma maior intensidade de luz na sala. Sempre ouvi dizer, quando os meus companheiros tinham sido presos, que estavam três, quatro, cinco, sete dias! Eu estava há seis dias, eu [pensava] assim: «Fogo, já passou, já foi». Não. Puseram-me em Caxias, no outro dia tive uma visita com a minha família. Eu procurei ir alegre, porque se eu fosse cabisbaixo, eu já não conseguia suportar. Fui alegre, resistente.

Então assim que acabou a visita, trouxeram-me novamente para Lisboa. Estive mais seis dias e mais seis noites na António Maria Cardoso. Aí já foi mais duro, já me agrediram muito. Com ameaças diversas, muitas provocações à namorada, à família. A certa altura, recordo-me na quarta ou quinta noite, eram para aí 6h da manhã, o dia estava já quase a abrir, trouxeram-me um conjunto de fotografias. «Estás aí armado em herói. Estás a ver? Tens aqui os teus camaradas todos». E eu olhei, conheci-os todos. Disse: «Não conheço ninguém». Isto foi muito brutal para eles, agrediram-me logo muito. Agrediram-me... nesse dia foi uma coisa horrenda.

Então estive estes seis dias e seis noites, mandaram-me novamente para Caxias. Eu disse: «Epá, já são 12. Doze eu não conhecia assim. Deve ter parado». Estive uma semana sem nada, passado uma semana levaram-me dois dias para Caxias, para o Reduto Sul. Dois dias e dois noites. Depois terminou e eu [pensei]: «Pronto, já terminou». Não. No dia sete de agosto até ao dia 26 - durante 21 dias levaram-me para a sala de interrogatórios. Estive 21 dias na sala de interrogatórios, no Reduto Sul. Foi quando foram transferidos os interrogatórios de Lisboa para o Reduto Sul.

Os primeiros oito dias foi muita pancadaria, estava todo negro. Havia um médico que vinha todos os dias medir a tensão, vinha um enfermeiro pôr-me pomada nas coisas. Cheguei a ter assim a cabeça toda... não conseguia rodar. Os olhos, não conseguia quase abrir. Eles até pelas orelhas rebentavam-me. Deram-me muita pancada nas canelas, muita coisa. Tenho muitas, muitas coisas ainda no corpo. Muita pancada. A certa altura parecia que estava inchado. Os pés, os sapatos já não cabiam, já andava descalço.

Ao fim da 5ª noite aconteceu uma cena brutal. Encheu-se a sala de PIDEs. Eu contei, eram 18, na minha opinião - houve dois

Dois inspetores, o Tinoco e outro: «Então, falas ou não falas?» - então houve um que puxou um «cavalo-marinho» que tinha assim entre as pernas, era uma fita de cabedal, aquilo parecia o circo. Ele devia ser mestre naquilo, apanhou-me muitas vezes nas costas, a roupa ficou toda cortada, queimada. Depois como não me tiraram aquilo, no dia seguinte estava já com pústulas agarradas às costas. Fiquei durante muito tempo com marcas nas costas. Foi uma coisa brutal.

Mas ao fim do 8º dia eu estava muito perdido. Já não sabia onde estava, batia muito com a cabeça na parede, não sabia que era uma sala. De vez em quando via com mais clareza que havia ali uma janela, mas depois via janelas em todo o lado, olhava o chão... era um filme completo, que não conseguia perceber onde é que estava. Devia estar já muito desnorteado. Já urinava sangue naquela altura. Eles davam muitas joelhadas. Havia uma brigada, um grupo que entrava de dois em dois horas, que batiam, batiam, batiam. Empurravam-me contra a parede, puxavam-me pelos cabelos. Davam muitas joelhadas, sobretudo aqui em zonas... Um dia estava a fazer chichi - eles viram - e o meu chichi era vermelho mesmo. Muitas dores nos rins.

Ao fim desses oito dias trouxeram um colchão, puseram-no lá a um canto e deitaram-me ali. No outro dia acordei espantado, estavam dois PIDEs de cada lado, mandaram-me levantar. Estive mais 11 dias e 11 noites seguidas. (...)

Foi muito doloroso, muita pancada. Esses dois PIDEs, sempre que estavam de serviço, não paravam um minuto. Pareciam cães raivosos. Puxavam pelos cabelos, pelo nariz, cuspiam-me na cara, empurravam-me, chamavam-me todos os nomes. Uma coisa bárbara: «Fala! Fala! Fala!». Aquilo era assustador.

Recordo-me que uma vez antes do fim de semana eles dizem: «Eu tenho programado com a minha mulher ir passear. Se eu tiver que vir para cá, eu mato-te! Se tu não falas e se eu tiver...!» - e eles tiveram que cumprir esse fim-de-semana, mais o outro fim-de-semana, [Risos] mais o outro fim-de-semana. Bem, pareciam cães, até se babavam. Socos de um lado, do outro. A certa altura entrava alguém e dizia: «Chega!». Devia ser assim, porque eu já estava todo cheio de sangue, o chão. A minha cara era uma festa. Socos... não era a brincar, era mesmo a sério. Sabiam em que parte dar. Os meus braços, parecia que tinha gangrena. Aliás, chegaram-me a despir todo, fiquei em cuecas, e besuntaram-me - o enfermeiro - com Hirudoid, com pomada, fiquei todo branco, porque estava todo...

Assim, no final deste período, eu já estava que não sabia. Sei que a certa altura eu já falava, dizia: «Então mãe!», eles riam-se muito. Eu estava-me a passar, acho que se prolongassem mais eu morria, porque eu já estava no final. A certa altura pensei: «Eu, falar nunca!». Até tinha pensado em certa altura: «Se eu vir que as coisas estão a fraquejar, eu corro para a parede. Dou uma carolada e pronto. Se eles não param com isto, sou eu que tenho de parar por mim». Eles deviam pensar que eu já estava a passar para uma outra fase. Se aquilo se prolongasse... porque eu sentia que já não - já estava noutro mundo, já não conseguia ver nada, era uma alucinação completa. Acho que se tivesse falado era um frangalho. Tinha ido logo para o estrangeiro, que eu não conseguia.

Aquilo foi muito doloroso, às vezes beliscava-me. Eu recordo-me de estar nos interrogatórios - uma coisa gira - a volta a Portugal começou e acabou e eu sempre dentro da sala de interrogatórios. Eles tinham um rádio que ouvia, eu recordo-me: «Agora a subir a Serra da Estrela..!». [Pensava]: «Eu sou um deles! Estou aqui a pedalar». Exemplos perfeitamente ingénuos, mas aquilo dava-me força. Ele há de chegar lá acima, eu também hei de chegar lá acima! [Comove-se] São coisas muito fortes. Servi-me destes pequenos exemplos, deste registo. Esse corredor a subir e eu estava ali - era uma prova também. Faltava, ele também faltava. Ele era uma hora, eu era não sei quanto. É mais um dia, é mais um dia. Isto há de acabar. Porque eu sabia que os outros eram sets, oito dias, mas 11 dias? Estar 21 dias na sala de interrogatório? Já não conhecia ninguém.

Então depois levaram-me, assim por baixo dos braços, mas depois já não sei mais nada. Sei que acordei no outro dia, já em Caxias, no Reduto Norte, em cima de uma cama, a meio da tarde. O guarda veio dizer: «Então, quer comer?». No outro dia de manhã houve um guarda - havia um corredor lá em Caxias, lá em cima no terceiro andar, que era a zona das celas, onde estávamos isolados. A última cela era o barbeiro. Era guarda, mas era barbeiro. Recordo-me dele me vir buscar, sentar-me lá na cadeira e com uma tesoura começou primeiro a cortar a barba, antes de pôr a lâmina: «Você passa tanto tempo lá em baixo. Os outros já desceram todos». Isto foi muito importante para mim. Aqueles que foram presos comigo já tinham passado a regime normal. Isto foi uma barbaridade - 33 dias e 33 noites. Quando passei, depois, para regime normal os meus amigos [disseram]: «Isso são quase 1000 horas que passaste aí. É uma coisa incrível». Ao mesmo tempo foi muito importante, nunca abri a boca, não denunciei ninguém.

Eu tinha já muita responsabilidade. Já recebia, naquela altura, quase 300 Avantes clandestinos. Isto é uma coisa... não sei se hoje se vende no concelho de Vila Franca 300 Avantes. Eles sabiam disto. Eu tinha mais responsabilidade do que quadros clandestinos do Partido Comunista Português. Eles sabiam que o partido me tinha convidado para a clandestinidade e que eu tinha aceite. Eles sabiam que se eu passasse, seria um dirigente do Partido - como foi o Dias Lourenço - aqueles que são presos e são soltos e continuam. Então se eu falasse interrompiam esse ciclo - até porque ficava queimado, os meus amigos, ficaria uma pessoa derrotada nesse sentido. É tudo isso, foi pela atividade e foi por eu ser muito decidido e não falar.

Hoje sabe-se que as pessoas que foram presas portaram-se com dignidade, mas grande maioria confirmou as coisas. Houve um ou outro que traiu, mas isso são casos raros. Quando chegavam lá eles já sabiam das reuniões, muitas vezes já sabiam onde é que tinham estado. As pessoas diziam: «Não, não», mas depois acabavam por confirmar coisas, desviando sempre e procurando evitar. Mas houve casos que houve pessoas que nem o nome diziam, não disseram nada - isso para eles eram exemplos que não podiam continuar, porque era mau que assim acontecesse, porque se eles não conseguissem obter informações, não conseguiam destruir as organizações.

Foi muito importante para mim e para os meus amigos, que quando eu fui preso, ter-me portado bem. Para os jovens trabalhadores, para os jovens estudantes - aliás eles fizeram papéis nesse sentido. Foi muito importante. Os PIDEs, recordo-me que depois passado uma semana, quando terminou os interrogatórios, chamaram-me lá para fazer os autos finais, todos eles muito acabrunhados. Havia assim umas secretárias com máquinas de escrever: «Sendo perguntado quando iniciou a sua atividade no Partido Comunista Português - recusa-se a responder. Sendo perguntado... - recusa-se a responder. Quando levava livros para teorizar e preparar os seus companheiros - recusa-se a responder». Eram dezenas e dezenas de «Recusa-se [a responder]». Eu senti um orgulho naquilo!

Depois mostraram-me uma caixa grande de documentos que tinham apreendido - não era só a informação que contraíram, mas apanharam em Vila Franca, em casa, uma caixa cheia de Avantes clandestinos, até alguns já embrulhados, tinham lá o nome, mas era um pseudónimo. [Perguntavam]: «Quem é o Dionísio?» - só eu é que sabia quem era o Dionísio. (...) Aperceberam-se que não havia muita gente que fizesse aquilo que eu fazia, com aquela caixa de Avantes - recebiam três, quarto, cinco distribuía…

Estive até ao dia 27 de setembro, cerca de três meses em isolamento. Depois vim para o regime normal, estive com diversos companheiros. Foi uma grande festa quando entrei na sala, quase todos choravam. Porque sabiam o que tinha acontecido comigo. Eles tinham também sido muito castigados, mas tinham sido menos, sabiam a minha situação. Abraços grandes...

Entretanto começou o processo para julgamento e eu tive, novamente, um processo complicado. É que o meu julgamento transitou para o tribunal militar. Todos esses meus companheiros foram julgados, vieram para o tribunal, apanharam 18 meses, 17 meses e acabaram por sair quase todos. Eu, quando eles saíram, ainda não tinha sido julgado. Estive 23 meses à espera, porque transitei para o tribunal militar, fui julgado em Santa Clara. Depois acabei por ser julgado e ainda apanhei mais tempo - apanhei três anos e meio. Tinha advogado, que era o Correia Neves - que faleceu há pouco tempo. (...) Já havia a Comissão de Socorro aos Presos Políticos, denunciavam esses casos todos.

A certa altura os meus companheiros disseram-me: «Ó Zé Pedro, tu tens de escrever isso tudo». Então eu escrevi aquilo nas mortalhazinhas. «E agora como é que se faz chegar isto lá fora?» [pensei], não sabia muito bem. Um dia tive uma visita comum, fazia anos, então agarrei nas mortalhas todas - eu fumava cigarros do Porto, abria assim um bucal em cima. Tirei os cigarros todos, cortei-os, consegui lá pôr as mortalhas e pôr os cigarros. Antes de ir para a visita comum nós eramos todos revistados. Eu levava o maço de tabaco na mão, o guarda deixou-me passar o maço de tabaco e depois, lá na visita, troquei com o meu irmão, que também fumava Porto. Cá fora começaram a abrir os cigarros e só viam meio cigarro, meio cigarro. Estava lá o rolinho das mortalhas.

Depois sei que o Movimento Democrático das Mulheres fez um caderninho com isso tudo, foi muito divulgado. Foi uma das formas de divulgação do que tinha acontecido comigo.

A certa altura, já depois do 25 de abril, encontrei pessoas que me vieram dar um abraço. «Epá. Zé Pedro, sabes que nós tínhamos a tua fotografia. Projetávamos, em Itália, lá numa parede à noite. Púnhamo-nos em cima do banco: «Este jovem está preso em Portugal. Foi muito torturado, como outros jovens. É necessário...». Faziam a denúncia do que era o fascismo, do que era a guerra colonial e apelavam à libertação dos presos políticos portugueses, a exigir essas ações. Esse caderninho que o MDM, Movimento Democrático das Mulheres, fez foi muito divulgado - até tinha um desenho, que depois encontrei depois do 25 de abril.

Um dia fui à Torre do Tombo ver o meu processo. Então o que é que lá estava, na Torre do Tombo? Um conjunto de 10 folhas A4 que dizia «Confidencial». Tudo isso foi lido numa rádio clandestina - na Rádio Portugal Livre - a PIDE ouviu e passou a papel. Então está lá «Confidencial». Tinha apenas um parágrafo introdutório: «Vamos agora descrever o que se passou com o jovem José Pedro Correia Soares, operário das oficinas de material aeronáutico de Alverca». E depois começam a ler, certamente que foi assim, todo aquele texto. Isto foi muito divulgado, o próprio Avante clandestino fez diversas referências ao meu caso, como outros presos políticos. As pessoas sabiam.

Nós, os presos, fomos sempre muito bem tratados pelos companheiros e pela população - assim aconteceu depois do 25 de abril.

Quando entrei em Caxias estive em dois sítios. Primeiro, quando estava em isolamento, estava numa cela voltada para a frente. Via umas barracas - agora não sei se existem. Recordo-me que, como não tinha relógio, via as horas [por] um poste de eletricidade e sabia que às 4 horas era mais ou menos ali, sabia que a horas é que estava. As mulheres a ralhar com os miúdos, coisas assim, não havia mais nada. Apenas o barulho nos corredores, quando abriam portas, levavam e traziam presos.

Depois a certa altura passei para a parte de trás, voltado para o muro, para a sala 17,…já não me recordo. Então via-se só o muro, via-se sombras. Ainda procurava fazer assim sombras [acenando com as mãos] a ver se agente conseguia transmitir algumas coisas. Havia nessa altura um companheiro que me batia na parede. Eu fazia assim [gesto de bater com a mão na parede], mas não conseguia ler, depois mais tarde é que soube que havia morse, que há aquela possibilidade de comunicar e era isso que ele queria fazer comigo, mas eu não fui capaz de acertar com as coisas. Então estive assim no regime de isolamento, não tínhamos nada, estava sempre ali à espera que viessem dizer [qualquer coisa]. Muitas vezes era assim ao fim do dia, quase à noite: «Prepare-se para ir lá abaixo!» - era para vir para os interrogatórios. Metiam-nos dentro daquela carrinha fechada, havia um túnel por onde a gente passava, vínhamos para Lisboa… em Agosto já era no Reduto Sul do forte de Caxias, que eram salas com paredes muito fortes. Havia dois cães-polícia à frente. Aquilo era tudo muito medonho, tudo assustador, tudo de medo.

Nos interrogatórios uma coisa que acontecia, ao fim de uns três, quatro dias, ouvia muitas vozes, guinchos, barulhos - às vezes parecia a fala da minha mãe. Era também os barulhos sonoros. A seguir ao 25 de abril pediram-me, da televisão, para ir lá fazer uma descrição. Eu estive na sala de interrogatórios e abria a mesa, os barulhos e falava disso - e eles disseram: «Então não vê, está ali aquele buraco na parede? Ali é que estava aquela caixa, tinham uma sala com uns aparelhos que transmitiam para aqui isso tudo». Portanto, tinham encontrado depois do 25 de abril todo o processo que eles tinham para transmitir esses sons. Então era verdade aquilo que os presos diziam, que ouviam vozes familiares, ouviam guinchos, ouviam pessoas a ser sovadas - tudo isso fazia parte do aspeto psicológico.

Em Caxias foi isso, depois a passagem para o regime normal, cá para baixo. Isto para mim foi um alívio muito grande. Eu recordo-me quando cheguei, eles batiam na parede, faziam: «Já chegou o José Pedro Soares» - [através de] morse, que os presos transmitiam entre si. Também havia outras formas, a certa altura, já não me recordo se era o José Magro, nós iniciámos um conjunto de lutas e depois fiquei um bocado responsável por essas coisas na cela - às vezes escrevia isso em mortalhazinhas e tinha que transmitir.

Não tínhamos formas de comunicar uns com os outros, então o que é que fazíamos? Quando íamos lavar roupa - eu tinha uns peúgos que tinham uma dobra - deixava aquilo ali pendurado - eram uns peúgos castanhos - deixava lá pendurado os peúgos e quando a outra sala vinha, encostava a roupa ali e levavam os meus peúgos. O peúgo castanho era a forma de transmitir as mensagens entre salas. Era uma das formas que fazíamos passagens da nossa informação. Nas salas procurávamos - havia alguns mais letrados, tinham outra formação - procurávamos ajudar os que sabiam menos, dando aulas, comentando coisas. Íamos procurando sempre fazer aquela vida regrada, fazer ginástica sempre para não ficarmos isolados. Havia umas salas sem teto, que eram o nosso espaço de recreio, íamos lá uma vez por dia - nós não tínhamos contacto com os outros, mas íamos os cinco, seis da sala. A cadeia é um pouco para levar as pessoas abaixo, levarem a perder

convicções, a desistirem das suas ideias - nós queríamos aproveitar para o contrário. Muitos acabavam por sair de lá mais politizados e mais preparadas e melhores cidadãos até, porque tomavam maior consciência das coisas. As cadeias, para nós, eram quase as universidades e a PIDE sabia, é por isso que às vezes nos separava, mas não tinham outra solução, tinham de nos deixar. Caxias foi assim, a experiência que tive. Era a cadeia da PIDE. Hoje falamos muito do Tarrafal, mas ser preso... Caxias era aquele embate mais forte, mais brutal, mais negro. Eram as torturas. Ouvia: «Arrancaram as unhas». Havia coisas medonhas que fizeram às mulheres, queimaram o peito com cigarros, havia coisas medonhas que a gente ouvia e que tudo era feito - vivíamos numa sociedade com muito medo. Aliás, a própria polícia ultimamente, já nem prendia grande vagas. Prendiam alguns, para os outros fugirem. O medo era um suporte do regime que eles desenvolviam sobre modelos diversos.

O julgamento foi também essa fantochada com os militares. A sala encheu-se de PIDEs, estava a minha família - pouca - não deixaram entrar mais ninguém. Foi aquela fantochada toda. Foi muito interessante porque houve um conjunto de pessoas que vieram ser minhas testemunhas. O Padre Moniz de Vila Franca, o dono da tipografia, as pessoas mais importantes que havia nas terras vieram ser minhas testemunhas. E juraram por sua honra. Foi muito importante, tudo isso ajudou a que as pessoas tivessem consciência, porque eu trabalhava, estudava, era um caso exemplar, como os jovens. Isso foi dito pelo padre Moniz: «O José Pedro foi o meu melhor aluno», ele elogiou, talvez até mentiu nalgumas coisas para evocar mais algumas qualidades a que o tribunal pudesse duvidar, tremesse mais na aplicação da pena - mas não, foram muito frios, muito rudes nesse sentido. (...)

Assim que fui julgado, passado dias, levaram-me para Peniche. Já que tinha apanhado uma pena pesada, preferi ir para Peniche, porque sempre ouvi falar no nome de um conjunto de companheiros que lá estavam - o Dias Lourenço, o José Magro, o Manuel Pedro, Ângelo Veloso. Eram figuras históricas, lendárias alguns deles, para mim e gostava de os conhecer - e tive essa oportunidade.

Entretanto fui hospitalizado, estive no hospital quando acabaram os interrogatórios e também conheci lá alguns. Mas depois em Peniche foi interessante nesse sentido, era uma cadeia diferente. Fui primeiro para o pavilhão A, onde há salas comuns, e depois passámos todos para o pavilhão B, onde havia celas individuais. Quando foi o 25 de abril estávamos todos em salas pequeninas individuais. Já tínhamos conquistado o podermos circular durante o dia - eram-nos abertas as celas, circulávamos, tínhamos uma sala de convívio, um refeitório, já tomávamos as refeições em conjunto. Só nos fechavam individualmente durante a noite.

E foi aí que soubemos do 25 de abril. Um dia de manhã, já tínhamos conseguido conquistar uma televisão, quando ligámos a televisão vimos que não havia imagem. Depois: «Dentro de momentos iremos ler um documento do Movimento das Forças Armadas». Foi aqui que nos juntámos. Já tínhamos algumas informações do movimento dos militares, das muitas lutas da região de Lisboa - e do Porto, os operários, dos estudantes. Aquilo estava tudo em efervescência. O fim da guerra era uma coisa... (...) Já tinha havido um levantamento de jovens das Caldas da Rainha, militares na direção de Lisboa, que foi depois frustrada. Há já um conjunto de coisas que sabíamos que mais tarde ou mais cedo estava tudo. Também se falava num golpe de direita, mas ao ouvir o primeiro documento do Movimento das

Forças Armadas, percebemos logo o que era. Procurámos logo iniciar reuniões, com a direção cadeia, estarmos alerta e acompanhar as coisas.

A libertação foi uma coisa excecional. Havia muita multidão junto à cadeia, que se juntou logo nas primeiras horas. Quando íamos a sair - houve dificuldades até lá, porque o Spínola não queria libertar todos os presos, [dizíamos]: «Ou todos, ou nenhum!». Foi a mesma coisa em Caxias. E quando saímos foi muito importante, porque lá em Peniche, tínhamos de assinar o nosso auto de saída e a população abria um corredor e nós passávamos por esse corredor. Toda a gente batia palmas, toda a gente cantava aquelas canções revolucionárias da altura, foi muito giro. Toda a gente chorava, abraçava. Faziam muitas perguntas, que nós nem sabíamos responder: «Então, o que é para si a liberdade? O que é que vai ser agora? Como é que vai ser Portugal?» e nós: «Tem que terminar as guerras, tem que haver democracia, tem que haver alterações nas Câmaras e nas Juntas de Freguesia. Este governo fascista tem de ser derrotado, os PIDEs têm que ser presos», dizíamos aquelas coisas.

Acho que o 25 de abril foi um acontecimento notável. É o nosso grande tesouro. Talvez nunca Portugal tivesse tido um momento tão generoso, tão brilhante como o 25 de abril. Abriu pistas do ponto de vista social e político como nós nunca tivemos. Foi um avanço civilizacional. Em todos os hábitos sociais, nas conquistas democráticas, o fim das guerras. Acho que o 25 de abril é um registo que ainda está muito por verbalizar, descrever. Evocar e potencializar um 25 de abril foi um acontecimento notável. Abalou todo o mundo, todo o mundo falou no 25 de abril. O fim das guerras coloniais. Transformou uma revolução numa festa de liberdade, os cravos representaram. Foi uma coisa excecional, acho que é um registo excecional para todo o mundo. Mesmo para as ditaduras aqui ao lado, de Espanha, da Grécia, da América Latina, do Apartheid em África [do Sul], o 25 de abril foi um tsunami em todo o mundo, foi muito importante. As televisões, jornais de todo o mundo mostraram fotografias. Revolução. Quantos mortos? As pessoas festejavam com alegria. Os mortos que houve ainda foi a PIDE que disparou e matou.

Quem lutou pelo 25 de abril depois não podia parar, porque podia haver reversos. Os democratas tinham de se organizar. As instituições democráticas. Isto tinha que dar lugar a eleições livres, a uma nova constituição. Acho que todos os democratas se envolveram nesse processo todo. Se calhar até mais do que anteriormente. Agora que lutámos tanto para chegar, para o regime ser derrotado, agora que podemos circular para todo o mundo, agora que se abriram as janelas e as portas temos de ser nós a construir a democracia. Institucionalizar a democracia.

Foi nesse sentido que eu me envolvi no Movimento dos Jovens Trabalhadores, convidaram-me enquanto jovem comunista. O meu partido propôs-me que eu ficasse ligado e a ser dinamizador do Movimento dos Jovens Trabalhadores, então foi uma coisa muito importante o MJT. Era um movimento unitário, onde havia comunistas, socialistas, católicos. Mas depois, nas primeiras eleições, os jovens queriam todos ter o seu partido para votar, uns do PCP, outros do PS, então o movimento foi fraquejando. Quer dizer, teve a sua onda, a sua projeção - ainda hoje há gente em todo o lado do MJT - mas depois foi reduzindo. Tirando os jovens católicos, que continuaram na JOC, mas com os seus partidos, o Movimento dos Jovens Trabalhadores foi-se esvaziando.

Fui deputado, depois. Convidaram-me e fui deputado. Participei na elaboração da constituição - que é uma experiência muito rica, muito interessante. O número de comissões que funcionaram, o número de sessões, como é que assembleia funcionava - aquele período antes da ordem do dia, que era uma coisa de muitas discussões políticas, em que tivemos de criar um período só de uma hora para as discussões gerais, para depois começarmos a trabalhar na constituição. Como é que isso tudo foi feito, foi muito importante. A constituição é um documento fabuloso. Entretanto dá-se o 25 de novembro, há uma regressão das coisas e todos aqueles que queriam a constituição começaram a ter dúvidas e depois tivemos que acelerar. Há um gesto tão giro, que é: a certa altura todos os documentos devem vir ao palácio de Belém - foi o Presidente da República que foi à assembleia. Logo em cima da hora, assim que foi aprovada pela assembleia, foi ali promulgada. Porque havia já pessoas que estavam com dúvidas, até ali empenharam-se muito, mas tinha havido alteração da correlação de forças, na democracia, num processo que se radicalizou um bocado e que a direita aproveitou. Foi tudo muito interessante.

A nossa constituição é um documento basilar. Garante todos os direitos, aquilo porque nós lutávamos durante a ditadura: das crianças, dos jovens, das mulheres, dos mais idosos, direitos gerais dos trabalhadores, direito à greve, direito à criação e fruição da cultura. Obriga ao estado deveres para que esses direitos sejam realizados, compete ao estado criar condições: direito à saúde - tem que haver hospitais; direito à educação; direito à memória - é necessário haver museus da resistência. Então tudo isso é muito importante. A divisão dos diversos órgãos de poder - tudo isso foi muito importante.

Recordo-me, em cima da hora, quando faltava pouco para aprovar a Constituição alguém disse: «Ó Manuel, escreve lá a introdução!» - e aquela introdução, que é muito clássica, que vem em todo o lado, foi escrita pelo Manuel Alegre. Tudo isto tem muitas histórias, todo esse processo da luta clandestina, da luta legal para que o Regime [caísse]. Há muitas vidas sacrificadas. Foi um processo muito longo, muito moroso e nós apanhámos a parte final, vivemos a vitória, somos felizes por isso. Houve outros que lutaram, mas que nunca chegaram a esses dias, morreram no Tarrafal, morreram em muitos sítios. Ainda bem que hoje há o museu do Aljube, que se está a edificar o museu de Peniche e que há outras decisões nesse sentido, no Tarrafal, em Cabo Verde, em que há associações que defendem esse direito da memória e valorizam essas lutas travadas no passado. Acho que é muito importante que fiquem depoimentos daqueles que ainda são vivos, que testemunharam o que foi esses momentos e essa luta".

Rafael Galego

Ano nascimento: 1950
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 07-10-2021

"Eu tive de certo modo alguma vantagem sobre muita rapaziada da minha idade, porque o meu pai era um operário agrícola alentejano e, pelos vistos, logo de muito de novo manifestou alguma irreverência em relação ao que se passava na altura. Ele tinha a terceira classe, sabia ler, o que na altura, no Alentejo, era uma mais-valia. Por conseguinte discutia com as pessoas mais velhas e, se calhar, da idade dele. Apoiou as candidaturas da oposição, penso que o Quintão Meireles, o Humberto Delgado. Já morávamos em Miranda do Douro, porque o meu pai entretanto teve de sair do Alentejo e ir para as barragens, para o norte, para Trás-os-Montes.

Saiu do Alentejo e foi para Trás-os-Montes nos anos 50. Tinha trabalhado na barragem da minha terra - Torrão - para um empresário que era o Moniz da Maia & Vaz Guedes. Depois devido a ser um bocado hostilizado naquela terra, porque não lhe davam trabalho. Naquele tempo as pessoas tinham que se juntar na praça e era na praça que eram escolhidos, que além de uma humilhação também era onde se fazia toda a separação das pessoas. Esperavam que as pessoas até morressem à fome. Ele tinha três filhos e resolveu ir para as barragens para o norte, seguir o seu antigo patrão.

De maneira que nós fomos para Trás-os-Montes. O meu pai foi primeiro, fez lá uma barraca. Mais tarde foi a minha mãe, eu e os meus dois irmãos - um mais velho e outro mais novo, éramos só três na altura. E por lá andamos. Era em Paradela do Rio - a primeira barragem era no Barroso, Trás-os-Montes. Depois dali fomos para Miranda do Douro, fazer a barragem de Miranda do Douro. Uma daquelas três barragens que agora estão em disputa.

Nasceu lá um irmão meu e o meu pai meteu-lhe o nome de Humberto, porque ele nasceu no dia das eleições do Humberto Delgado com o Américo Tomás - dia 8 de junho de [19]58. Logo aí voltou a ter problemas, porque as autoridades lá do sítio achavam muito esquisito e queriam à força que ele não se chamasse Humberto, mas o meu pai achava que ele tina de se chamar Humberto - ficou Humberto.

Nessa altura começámos nós na escola a perceber o que era a discriminação, porque o meu pai também não queria que a gente usasse a farda da mocidade. Eu e o meu irmão mais velho - ele já andava na segunda classe e eu comecei lá na primeira. Foi uma grande luta para nós não usarmos a farda. Primeiro a desculpa que o meu pai não tinha dinheiro, que era preciso comprar a camisa, os calções. Até que se meteu um padre à baila, um padre que era contra a situação. Ele até escreveu um livro que era O Lobo e as Estrelas, não me lembro agora o nome dele [Telmo Ferraz]. Era um padre a quem o meu pai pediu o apoio, apesar de ele ser anticlerical, mas pediu-lhe apoio e o padre lá conseguiu fazer com que a gente não usasse a farda e não fosse da Mocidade Portuguesa. Porque era uma cidade - porque fora da cidade, onde quer que andei à escola, sempre em Trás-os-Montes, não havia Mocidade, ninguém quase sabia. Mas ali na cidade sabiam. De maneira que começámos lentamente, eu mais o meu irmão, a ter aquelas atitudes de putos, próprios de

protestar. Fomos crescendo, em Trás-os-Montes, lógico. Depois voltámos outra vez à origem, quase ao pé do Barroso, para outra barragem.

Comecei a trabalhar aos 12 anos. Acabei a quarta classe. Não havia escolas para dar continuidade. Por incrível que pareça o Salazar admitia que os filhos dos barrageiros trabalhassem a partir dos 12 anos, apesar de ser proibido antes dos 14. Mas para os filhos dos empregados das barragens, dado que não eramos de lá, eramos gente que andávamos aos saltos. Em todo o caso não havia escolas para a gente continuarmos a estudar. Comecei a trabalhar aos 12 anos nessas barragens. Trabalhar e a descontar legalmente.

Entretanto rebenta a guerra colonial, já tinha rebentado. Senti que o meu pai inicialmente ficava muito revoltado, porque os jornais traziam aquela violência toda, sobretudo 'O Século' e penso que o 'Primeiro de Janeiro', que eram os jornais que a gente lia no Norte. Passado algum tempo começámos a pressentir que o meu pai virou o bico ao prego. Já não era a mesma coisa de querer matar pretos, já era precisamente o contrário. Porque, entretanto, comprou um rádio, que ainda hoje temos - custou-lhe o dinheiro de um mês - e metia lá os amigos em casa a ouvir a rádio Moscovo. Nunca mais me esqueço que nós íamos para a rua, eu e o meu irmão, tomar conta das redondezas para ver se não vinha ninguém esquisito. Ele metia-se lá em casa com os amigos, sobretudo gente do sul, porque nós estávamos em Trás-os-Montes, no Barroso, e as barragens tinham quase tudo gente de fora daquelas terras. Gente que tinha andado por outras barragens e que acompanhavam a construção. De maneira que fomos acompanhando a evolução da guerra.

Havia já na altura pessoas que trabalhavam na empresa que eram militantes, penso eu que eram militantes políticos. Que sempre que podiam escreviam papéis às escondidas que a gente encontrava aqui e ali. A gente sabia. O meu irmão era muito mais voluntarioso que eu, metia-se um bocado nas coisas todas. Eu fazia-me uma certa aflição ele ser assim muito desbocado… mas dava-me muita influência, porque ele discutia política. Estava sempre a discutir, não precisava de razão nenhuma, estava sempre a discutir e a dizer mal dos padres - era assim, muito verrinoso. E apesar de tudo, aos 14 anos já tínhamos alguma consciência da guerra: éramos contra a guerra. Sem a gente perceber, isto vai lentamente tomando conta da gente.

Acabam as barragens, quando eu tinha 14 anos, lá no Norte e viemos para o sul. Viemos para Alverca, que era uma região mais ou menos, que estava em ebulição. Ali comecei a estudar de noite, comecei a trabalhar nas obras. Como eu queria ser mecânico fui para uma empresa. Ganhava 35 escudos nas obras, mas como queria aprender mecânica fui ganhar 12 escudos para aprender. O meu pai sacrificou-se. Eu e o meu irmão deixámos as obras e fomos para uma oficina. Ganhávamos menos de um terço, mas não interessa, queríamos era ser mecânicos.

Estudávamos à noite e não há dúvida nenhuma que a escola de Vila Franca era na altura um viveiro de pessoal da oposição. A guerra do Vietname ajudava muito, porque discutia-se muito abertamente a guerra do Vietname. Não podendo discutir a nossa, discutíamos a dos outros [Risos]. Mas ajudava muito à formação da nossa consciência política.

O meu irmão tinha 16 anos quando tem o primeiro contato organizado com o Partido Comunista. Tínhamos um companheiro nosso de escola, que era da idade dele,

extremamente novo e que aliciou o meu irmão. E depois, a seguir, fui eu. Passado pouco tempo fazíamos parte da mesma célula do Partido Comunista. Éramos todos jovens, exceto um, que não tínhamos ainda feito a tropa. Íamos mudando de emprego, de fábricas e tal.

E eu entretanto tive sorte de arranjar trabalho, quando foram as inundações de [19]67, tive a sorte de arranjar trabalho na fábrica da cerveja que estavam a construir - a fábrica Via Longa, da Sagres. Arranjei trabalho aí. Era uma fábrica que pretendia ser uma fábrica modelo, toda muito virada para a "frentex", toda cheia de democracias. Tinha uma comissão de trabalhadores na altura, veja bem, antes do 25 de abril. Uma coisa assim um bocadinho fora do normal nas empresas.

Tinha self-service, a primeira empresa em Portugal com self-service, em [19]68. Tinha um refeitório que era uma loucura. O Américo Tomás chegou a lá ir e ficava na fila com a gente para levar o tabuleiro dele! Essas demagogias aconteciam.

Aproximava-se o tempo do serviço militar. O meu irmão era mais velho do que eu e lembro-me que era o que questionava mais assiduamente o nosso controleiro, que era um tipo que mais tarde veio a ter um destino um bocado esquisito… só depois é que eu soube que era o tal Augusto Lindolfo. Não sabia o nome dele, porque ele não tinha esse nome para a gente. O meu irmão questionava-o constantemente acerca da posição dele em relação à gente ir para a tropa. Ir para a tropa, quer dizer, ir para o Ultramar.

Ele, inicialmente, tinha muita dificuldade em responder a isto, porque ele achava que nós, os militantes, devíamos ir. Devíamos ir no sentido de que quando viéssemos - ele dizia «Ninguém é obrigado a matar ninguém. Mas um militante que desaparece é menos um militante que o Partido tem». Não era tanto uma questão de dizer que era a favor da guerra, porque isso muitas vezes está muito mal contado, essa história. Eu não sou do PC e deixei de ser logo nessa altura, mas nunca aceitei essa [história], porque não era isso que se dizia. O PC não defendia a guerra colonial, aliás, se pudéssemos desertar e levar outros era bem feito. Mas não nos dava apoio para a gente desertar - e não deu. Acontece que eu resolvi ir-me embora. O meu irmão era muito enérgico, mas era muito mais medroso do que eu. Eu achava que ele nunca tomaria a iniciativa de ir sozinho para França, achei que eu tinha mais capacidade para isso - que eu era mais calado, mas tinha mais genica.

Resolvi ir eu para França. Arranjei mais dois companheiros, fomos para França. E é claro, fomos a salto. Eu era muito contra a questão dos passadores - as pessoas que passavam, que levavam dinheiro - eu era muito contra isso, porque achava que era quase um negócio dos negreiros. Eu, na altura, já tinha os 18 anos quando decidi isto - fiz 19. Entretanto o meu pai achava que devia de ir ao norte, onde ele conhecia aquela gente toda, em Barroso, falar com alguém que nos passasse para Espanha, mas eu era contra isso. O meu irmão mais ou menos, mas eu era muito contra que um passador nos levasse. Achava que a gente conseguia ir, conseguia chegar a França. Bom, fui para França com dois amigos.

Olhámos os mapas, conversámos. Fomos de comboio até à Guarda, passei a fronteira. Fui de táxi quase até ao pé de Vilar Formoso. Como era mais ou menos do campo, porque não havia muitos anos que tinha deixado o Barroso e a gente ali era tudo rapazes do campo. Passei um bocado mal em França, porque não me tinha preparado - nem moradas, nem língua, nem dinheiro, porque fugi sem dizer nada aos meus pais. Passei um bocado mal em França até me orientaram para ir para o Luxemburgo. Fui para Luxemburgo e, depois de estar lá quatro ou cinco meses, foi o meu irmão.

Quando estou no Luxemburgo entretanto fui para as obras. Passado pouco tempo fomos despedidos, porque chegou as intempéries, chegou o inverno, mas consegui naqueles intervalos arranjar trabalho numa empresa. Fiz exame, como era torneiro mecânico, tive a sorte de ficar abrigado numa empresa a trabalhar.

Entretanto, passado pouco tempo, comecei à procura de ter alguma atividade militante e dirigi-me a um sindicato, que era o sindicato cristão. Inscrevi-me e passado pouco tempo já era uma espécie de permanente. Comecei a dizer umas palavrinhas em francês, comecei-me a dar bem com o funcionário. Ele queria fazer uma secção portuguesa e então ajudei-o a fazer uma secção portuguesa. O meu irmão nunca quis trabalhar no sindicato, porque como tinha uma cruz, era um sindicato cristão, ele não queria nada com ele, não queria nada com cristãos.

Entretanto o Rui Patrício, que era o Ministro dos Negócios Estrangeiros, foi um dia ao Luxemburgo fazer não sei quê. Constou-se que ele ia lá fazer a troca da rapaziada que tinha fugido à tropa, e havia muitos... Então o meu irmão, não sei se foi a pretexto disso, se não, arranjou maneira de ir para a Suécia e foi para a Suécia.

Fiquei sozinho naquele trabalho sindical. Fui arranjando mais uns amigos, fomos fazendo aquele trabalho, mas eu comecei a esgotar-me. Comecei a esgotar-me e entretanto contactei a LUAR [Liga de União e de Acção Revolucionária]. Já não sei a que propósito, o Palma Inácio um dia foi ao Luxemburgo. Não disse que ia lá, mas estas coisas são assim. Aquilo também era uma parvalheira, aquilo era uma terriola pequena. E eu vou para a estação de comboio e vejo-o. [Penso] assim: «O que é que esse gajo está aqui a fazer?». Então disse que tinha ido à minha procura. Fiquei muito aflito, por vê-lo ali ao pé da estação de comboio. (...) Fomos almoçar, estivemos ali. Conversámos muito, discutimos muito, perguntei-lhe muita coisa… porque eu já tinha estado com ele em Paris. Já tinha ido a Paris ter com ele duas vezes: uma vez perdi-me, não encontrei a pessoa que me havia de levar a ele; a segunda vez já consegui falar com ele. À terceira veio ele ter comigo. Então sugeriu-me ir para Portugal fazer a tropa. Uma vez que eu tinha fugido à tropa, mas nem sequer tinha feito a inspeção nem nada, era compelido. Convenceu-me a vir a fazer a tropa e eu vim fazer a tropa. Como, aliás, fez isso com muita outra malta, outros companheiros meus que vim só a conhecer depois.

De maneira que vim para Portugal fazer a tropa com a condição de não ir para a guerra. Estava na recruta e um belo dia ouvi que tinha havido uns tiros, que a polícia apanhou um material, percebi qualquer coisa muito esquisita. No outro dia o meu oficial, que era o [Ramalho] Eanes, nessa altura já era o Eanes, foi lá ao meu armário espreitar o meu armário. Entrou na caserna, achei que iam fazer outra coisa qualquer, chegou ao pé de mim - eu por acaso tinha o armário aberto, porque estávamos para ir embora para casa o fim-de-semana - não percebi nada do que é que era aquilo. Na segunda-feira quando eu fui para a tropa, o meu oficial, que era um miliciano, chamou-me à parte e disse: «Ó 69, ponha-se a pau que você é PS» - mas eu não sabia o que era PS: «Então mas isso é o quê, pá?». «PS é Politicamente Suspeito». Eu fingi-me assim de anjinho, ele disse: «Ponha-se a pau com o nosso furriel que ele é da Polícia Militar, Polícia Judiciária e é da PIDE» - disse-me o gajo. Eu fingi que não era nada a ver com isso: «Está bem, deixe estar!». Eu tinha alguma simpatia por esse oficial. Um dia diz-me assim [diálogo]: «Olhe lá, você é do Torrão?». «Sou». «Você conhece lá a família 'não sei quê'?». «De nome conheço, mas eu não fui lá

criado». «A minha noiva é de lá». Disse: «Olhe, que engraçado» e eu cá para mim «Estou a jogar em casa, a noiva deste gajo é da minha terra...!».

A malta dos milicianos era malta já um bocadinho contaminada pelo maio de [19]68. Estudantada, não é? Os milicianos eram estudantes universitários que normalmente eram postos fora da tropa, da universidade - de maneira que [com] uns piscares de olho, já havia ali uma cumplicidade. Parecia que ele sabia o que eu andava a fazer na tropa e ele parecia-me a mim que ele era um tipo que apoiava.

É claro, fiquei com aquela, mas pensei assim: «Se isto é malta da LUAR que foi presa, se eles quisessem já me tinham vindo buscar a mim. Sabem onde é que eu estou, porque quando eu cheguei entreguei os meus papéis», dei o cartão de Luxemburgo da empresa, tive de entregar o meu documento de identificação e o meu passaporte - tirava-se na altura um passaporte de regresso a Portugal.

O que se passou em concreto foi o seguinte: é que eu vim para Portugal e não sabia que tinha vindo mais uma porrada de militantes como eu - não nos conhecíamos, não sabia da existência deles.

O que eu sei, depois, mais tarde - uma vez que eu tenho a ficha da PIDE, está lá escrito isso tudo - havia um companheiro nosso que era um oficial desertor da Guiné que tinha sido mandado para Portugal, para ser uma espécie de controleiro dos militantes da LUAR que estavam na tropa. Mas ele não nos conhecia à gente, nem a gente o conhecíamos a ele. O que ele tinha era os nossos nomes e as nossas moradas para nos ir contactando. Acontece que ele teve azar e foi preso, mais ou menos nesta zona. Foi preso e aquilo desmoronou um bocado a organização. Deu origem à apreensão de todo esse material - que eu não sabia da existência dele. Foi uma grande coça que a gente levou, porque perdemos muito material, muito dinheiro e muito trabalho - que demorou muito tempo a colocar cá as coisas. Normalmente as coisas eram colocadas cá para que não se soubesse que elas existiam. Por exemplo, para ter explosivos era fácil: muitos de nós trabalhávamos em pedreiras ou próximos delas, era facílimo, mas ficava-se a saber.

Eu, por exemplo, enquanto tive na tropa tinha a chave - fiz um duplicado, porque como era muitas vezes castigado - fiz o duplicado da chave da Armaria, de maneira que entrar na Carregueira e levar as armas que estavam lá também não tinha muita complicação. (...) Eu digo assim: «Não me quiseram prender, devem andar em cima de mim a ver a coisa».

Entretanto mandaram-me para Lamego, para os Comandos. Eu não pedi - na altura era costume mandarem para as tropas especiais quem se oferecia, mas mandaram-me a mim, mais uma quantidade dos nossos companheiros que não nos tínhamos oferecido. Passado poucos dias mandaram-nos para Angola. (...) Tivemos a espera de nos chamarem em Cavalaria 7 - acabei por desertar. Eu na sexta-feira vim para casa, fui falar com a pessoa - que já tinha combinado mais ou menos com ele - para me levar à fronteira. Mais dia menos dia, não é? Era um dirigente do MRPP. [Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado]. Nós em Alverca tínhamos uma cooperativa livreira, de que eu também era sócio, que era mais ou menos o MRPP que dominava aquilo. Eles sabiam que eu não era do MRPP, sabiam que eu não era do PC, mas não sabiam do que é que eu era. Mas eu também sabia que eles eram do MRPP por amostragem. Eu fui ter com ele e disse: «Vê lá se pode ser amanhã», ele disse: «Está bem». Ficou todo contente, porque apesar de tudo, foi levar um gajo que desertou para levá-lo à fronteira.

Aí foi-me levar ao mesmo sítio de onde eu em [19]69 tinha fugido. Aquilo já eu conhecia.

Só depois, mais tarde, é que eu vim a saber que é que tinha acontecido. Quando cheguei a Paris outra vez, que me apresentei ao Palma - passado uns tempos, que depois tive de recomeçar os contactos - à medida que íamos chegando ele ia tentando perceber. Porque ele não tinha percebido o que é que tinha acontecido cá em Portugal com o material e a malta que tinha sido presa. Uma coisa que ele temia era que todos nós fossemos presos. De nós, penso que só foi preso um. Os outros continuaram na tropa, fizeram o 25 de abril inclusivamente - pelo menos três. Houve uns quatro que chegámos a França. Houve um único que foi para a Guiné…

Em França o que acontece é o seguinte: eu e todas as pessoas eramos aconselhados a não nos legalizarmos e não pedirmos o estatuto de refugiados, para podermos andar mais à vontade. Tanto mais que nós não queríamos ficar em França. Voltámos a pôr-nos à disposição da organização para voltar. E de vez em quando íamo-lo chatear: «Palma Inácio, quando é que a gente vai?». Ele ia sempre fazendo um grande esforço para que a gente se aguentasse: «Epá, tenham calma».

Entretanto, aproveitando o tempo que estava em França, eu claro como já estava na tropa, inscrevi-me lá num curso de ginástica. Inscrevi-me não, havia alguém que dava de borla à gente - há sempre revolucionários em qualquer lado que são prestáveis. E fui para uma escola de Karaté, aproveitávamos e tínhamos ginástica - se não a gente depois pára.

Aproveitava e ia fazendo uns cursozitos de falsificação de documentos, temos de dizer as coisas assim. Telecomunicações, a gente tinha rádios para praticar. Eu, como de miúdo, estava mais ou menos prático nas barragens, porque lidava com explosivos e essas coisas... praticava-se de vez em quando pequenas experiências, porque havia sempre alguém que podia ensinar os outros.

Não podíamos tirar a carta de condução legalmente, mas inscrevíamo-nos nas escolas de condução - que foi o meu caso e de muitos outros - e íamos até onde era possível. Quando estávamos em condições de ir a exame a gente não aparecia. Pagava-se as lições todos os dias. Depois tínhamos carros nossos onde a gente praticava mais um bocado - porque o Palma Inácio não dava uma carta de condução a ninguém que não soubesse conduzir. (...)

Quando eu vim para Portugal, eu tinha estado, antes disso, num campo de treino, mais cinco pessoas. Tínhamos estado a praticar tiro, a rever as falsificações de documentos. Aquela falsificação simples, não era propriamente fazer documentos novos, eram pequenas alterações a documentos e as comunicações via rádio. Depois de termos estado nesse campo de treino estávamos mais ou menos disponíveis. Como eramos todos soldados, todos tínhamos andado na tropa, a bem ou a mal a gente desenrascava-se. Quando viemos para Portugal não tínhamos nenhuma missão específica, ao contrário do que muita gente pensa, não vínhamos fazer nada em concreto.

A primeira vez, quando vim fazer a tropa, as únicas indicações que eu tinha era para eu verificar os postos da Guarda Republicana - onde é que havia sargentos e onde é que havia oficiais, que era para nós podermos estimar [quantos eram]. Os soldados da Guarda [se tivessem] sargento eram tantos, se tinham oficial eram mais que tantos - era assim que a coisa funcionava. Era ver as secções de Finanças, onde é que elas estavam (...). E era o

SAPP, que era o Serviço de Abastecimento de Peixe ao País. Isto pode parecer engraçado, mas o Henrique Tenreiro - que era um Almirante do tempo do Marcelo Caetano - era o dono de uma grande empresa de Serviço de Abastecimento de Peixe ao País. (...) Eram umas carrinhas todas modernas, todas higiénicas. Tinham umas peixeiras todas bem vestidas e andavam de terra em terra vendendo peixe e paravam, normalmente, junto às praças. Então uma das coisas para a gente ver era ver onde é que isso era. Isto pode parecer esquisito, mas isto tinha um intuito. Penso eu que era para assaltar aquilo à frente de toda a gente e dar o peixe ao «Zé Povinho» quando estivesse muita gente ali. [Risos] Acho que a ideia era um bocado essa. Estas pequenas ações, três ou quatro pessoas conseguem fazer. Penso eu que a ideia era essa.

Quando eu venho para Portugal, mais o grupo com quem eu vim quando fui preso, já depois de ter desertado, voltámos para Portugal. Nessa altura eu vim, mais o nosso chefe, chamemos-lhe assim, e um motorista trazer material à fronteira. Viemos de carro, o material vinha no carro. Quando nos juntamos na fronteira desembaraçamos o material, tiramos do sítio onde estava, separamos tudo como deve ser, municiamos as armas todas. Os outros vieram de comboio. Quando nos juntamos todos na fronteira de Portugal fez-se a distribuição das armas, dos sacos que cada um tinha que trazer, etc. E quando estamos a atravessar a fronteira fomos presos, de uma maneira assim um bocado infantil. Tínhamos talvez andado uns 200 metros Desde que saímos do carro, juntamo-nos todos num sítio mais ou menos escondido e fomos atravessar uma aldeia por dentro. O tipo que era o nosso chefe, que vinha a comandar aquilo, era todo rígido. «É por aqui que a gente vai». Eu não conhecia duas das pessoas que vinham no grupo, nunca as tinha visto. Depois a gente em Portugal, possivelmente, iria cada um para seu lado - não faço ideia, nunca tirei isto a limpo, nem nunca quis saber disso. E há um deles que diz: «Epá, a gente em vez de atravessar a aldeia, porque é que não vamos aqui por fora?». E o tipo que era o nosso chefe diz «Não, não. Que eu já bati o terreno, sei que é por aqui». Mas a verdade, mais tarde confessou-me ele, que tinha passado lá, mas no inverno - e no inverno as coisas alteravam todas os horários e era suposto àquela hora os guardas espanhóis estarem a bater a sesta. Nós, quando começamos a atravessar a aldeia, os guardas espanhóis estavam a surgir-nos pelas costas para irem bater a sesta. Eu, teimoso como sou e obediente como sou, disse aos outros: «Não, não. Ele está a dizer que é por aqui que a gente vai». E seguimo-lo. Havia dois que iam na minha conversa, éramos quatro contra dois - os outros tiveram de se sujeitar. E fomos assim apanhados à entrada da aldeia.

Fomos apanhados, entretanto fomos para o posto. O chefe do posto espanhol, o oficial, vem fiscalizar os sacos - eu sabia o que é que os sacos tinham. Mas os outros meus amigos danados que estavam de termos sido presos sentaram-se à porta do posto. Eu não me sentei, até porque me tinha rebentado o cinto e não podia trazer a pistola de lado, tinha que a meter aqui à frente, até porque com a barriga segurava entre as calças e a barriga. Eles trouxeram uma infusa de beber daquelas à espanhola, tem assim uma biquinha, bebe-se assim ao longe. Os meus amigos beberam água e fazia sinal para eles se levantarem. Eu não pude beber - dizia que não tinha sede - porque tinha de fazer assim e começava-se a ver [a arma]. Passei muita sede. [Risos]

Um guarda veio ver os sacos, passou e não viu nada. Eu descansei. Estavam guardas chegando, chegando. Seis, sete, oito - e eu: «Epá, isto já é guardas a mais...!». E os meus

amigos sentados e um lá dentro, que era o chefe, tinha sido o primeiro a ir para dentro do posto, lá mais para o interior, identificar-se.

Quando o chefe vem cá fora abre os sacos todos. Chega ao último, um inofensivo saco de plástico com uma camisola de lã por cima - que era minha - trazia os detonadores elétricos todos, deviam ser para aí uns 200 embrulhinhos, enrolados em papel. O homem manda a mão, tira aquilo e os fios elétricos - aquilo tinha uns fios - ficam pendurados. O homem fica estarrecido a olhar para aquilo. Claro, percebeu que aquilo eram detonadores elétricos: «O que é que estes emigrantes fazem?» - porque em princípio eramos uns emigrantes que vínhamos a atravessar, para entrar em Portugal por ali que era mais perto. Deveríamos ter alguém, suponho eu, do lado de cá da fronteira a esperar por a gente - suponho eu!

Só tive de puxar da pistola e assustar o homem, mas eles eram muitos e fizeram quase para não se assustarem. Foi um caso sério para eles fugirem. Como fugiram em debandada para o interior do posto, levaram à frente o meu companheiro que já vinha a sair - que era o primeiro que tinha entrado. Ainda levaram mais outro na molhada - ficaram lá dois. E fugimos.

Entretanto eu fugi para um lado, mas havia um grupo de espanhóis que vinham a entrar na aldeia - emigrantes, deviam ter ido ver os terrenos deles - e só ouvia eles dizerem: «[Dale] un tiro hombre!», porque eu ia de pistola na mão, a correr! Aquilo fugiu tudo, eu fiquei ali de pistola na mão, o que é que eu vou fazer? Fugi! Era um outro colega meu que ia a fugir já lá muito à frente, apanhei-o já muito à frente.

Pronto, foi a gente os dois que fugiu. Conseguimos chegar a Portugal e andámos ainda aí um mês. Depois fui preso - eu, mais ele. É claro, consegui andar por aí uns dias, depois tive de ir a casa pedir dinheiro ao meu pai. Viu que a gente estava cá, ninguém sabia ainda o que tinha acontecido em Espanha, porque não tinha vindo nos jornais - aquilo estava muito calado. Eu precisava de mandar alguém a Paris avisar a organização (...) que tínhamos sido presos em Espanha.

Fui ter com o Carlos Cruz passado uns dias, que eu conhecia dele ser professor na escola de Vila Franca onde eu andei a estudar. Mas, aliás, eu já o conhecia até melhor. Nas eleições de [19]69, ele não se lembra, mas nós tivemos inclusivamente lá na associação que ele era professor, que era o CASI. Tivemos lá a fazer um trabalho em conjunto para a CDE. Fui à procura dele, pensei assim «Este gajo é o único que eu conheço que se pode relacionar com o nosso chefe que estava preso em Espanha. Ver se ele vai a França tratar de avisar o pessoal da França».

Fui ter com ele. Ele muito desconfiado em relação a mim, porque não se lembrava nada de mim. Ele não tinha sido meu professor direto, era na escola onde eu estava, mas não era meu professor direto. Ele lá desenrascou-se a mandar alguém a França, avisar a LUAR, mas pelos vistos o Palma Inácio já estaria cá, não sei, talvez já cá estivesse. Nunca lhe perguntei isso a ele, porque nós nunca discutimos essas coisas - mesmo depois do 25 de abril, muitas destas coisas que eu estou a dizer nunca foram tiradas a limpo, nunca discutimos entre nós. Andávamos sempre à espera de um momento que cada um pudesse contar a sua versão (...), porque eu nunca gostei de contar estas coisas em conjunto com outras pessoas, porque há sempre uma tendência para limitarmos uns aos outros, para influenciarem. Acho que as coisas devem ser contadas livremente por cada um, porque há muitas versões que se chocam. Mas é bom que seja assim, eu pelo menos acho isso útil.

Fui preso no Barreiro, porque tinha à procura de um saco que um companheiro meu trouxe da França. Esse veio legal, ele veio fazer a tropa e mandou vir o saco da minha roupa que eu lhe deixei em França. Mandou vir por uma pessoa de Alhandra e ele é que combinou com essa pessoa ir a Alhandra buscar o meu saco para o Barreiro - levou-o para casa. Seria aquilo a que se chama o meu ponto de apoio em Portugal, esse. Que era um dos tais que foi comigo para França e para o Luxemburgo da primeira vez. Quando desertei fui para França e ele veio do Luxemburgo para França para estarmos juntos.

Conclusão: no dia em que eu fui à procura dele ao Barreiro, que eu tinha arranjado um quarto, ele não estava. Não estava em casa e não estava lá o saco. Mas eu também me rodeei de muitos cuidados. Não o encontrei, ele não estava lá. E a mãe dele disse: «Ele foi ter consigo ao Algarve!» - eu achei aquilo muito esquisito - «Mas o saco que você tinha aí foi para casa do fulano». Havia um tipo no Barreiro que era muito amigo desse meu amigo que tinha o saco. Fui ter com ele. Um tipo chamado Manuel Felizardo, que era precisamente daqueles grupos católicos progressistas que havia no Barreiro. Ele era bancário, um ativista sindical a sério. Fui ter com ele e pedi para ele ir comigo a ver se desencantávamos o tipo que tinha o meu saco.

Ora quem é que era o tipo que tinha o meu saco? Aqui é que está a história toda. Era um tipo que em França tinha dado o passaporte dele verdadeiro ao rapaz que veio, que era o meu apoio cá em Portugal. Esse meu amigo deu o passaporte ao meu chefe, que vinha comigo - que não precisava de o ter trazido. Porque passaportes tinha a gente com fartura. Quando somos presos em Espanha, descobrem-lhe os passaportes que ele trazia. Contra todas as normas e contra tudo o que ele nos exigiu a nós - de nos termos desfeito de tudo, menos dos nossos documentos - ele trazia cinco passaportes com ele - entre o quais esse passaporte verdadeiro. O que é que PIDE faz? Vai ter com a família desse moço no Barreiro e intimida a família para fazê-lo vir de França. A PIDE viu que era gente mole, mandaram-no vir da França e ele veio. Quando chega a Portugal denunciou o gajo a quem ele deu o passaporte, que era o meu ponto de apoio. Está a ver como é que as coisas se começaram a encandear?

A PIDE prende esse moço, que era o meu ponto de apoio. Ele está preso há uma semana, mas não diz quem eu sou. Conseguiu-se aguentar e nunca disse quem eu era: «Não sei, mal o conheço! O leão...» - porque a gente de brincadeira chamávamos «o leão» uns aos outros. Não me denunciou. Mas eu, como fui buscar o saco a casa dele - ele disse: «Eu tenho o saco ali em minha casa», ele estava em casa do irmão - fui a casa dele buscar o saco, chega a PIDE e prende-me. Estava tudo feito com a família. Enfim, as pessoas ficaram cheias de medo.

Primeiro chega uma patrulha da GNR que cerca a casa. Quando eu vou à janela, para sair pela janela, vejo os gajos, mas eu não tinha já a pistola no saco, já tinham levado a pistola - porque eu tinha deixado a pistola lá, na casa do outro. Daí a um bocadinho chega a PIDE. Eu vejo chegar a PIDE, meti-me na cama. Pensei assim: «Bom, estes gajos agora vão dar cabo de mim» - fingi que estava a dormir. Os gajos entraram, eu ouvi eles perguntarem: «Onde é que está o gajo?», ouvi os gajos a virem pelo corredor da casa. A casa não tinha por onde sair a não ser duas janelas para a frente. Eu deitei-me na cama, estava acordado, mas fingi que estava a dormir. Levantaram-me, começaram logo a espancar-me ali. Como é que eu me chamava, como é que eu não me chamava. Eu tinha o meu bilhete de identidade, a minha carta de condução, a minha licença militar e o passaporte no casaco.

Os gajos viram e aquilo batia tudo certo - batia tudo certo por uma razão simples: o meu passaporte era verdadeiro, tirado com um bilhete de identidade falso. Nós, naquela altura em França decidimos verificar a qualidade dos nossos documentos indo com documentos falsos tirar documentos verdadeiros - o que para muita gente era arriscado, mas tínhamos tanta certeza que ninguém via nada, porque era tudo igual. Já tínhamos uma certa capacidade [de falsificação]

Levaram-me para Caxias nessa noite. Claro, fui preso. Deviam ser 1:30h / 2h da manhã. Fui para Caxias. Ainda pararam na ponte - eu nunca tinha passado na ponte sobre o Tejo - e ameaçaram que me mandavam lá para baixo, mas isso eu sabia que era só conversa. Aquelas coisas para começar a meter medo. Cheguei a Caxias, fiquei lá de noite no Reduto Sul algemado - não me tiraram as algemas. O grupo que me foi prender, a equipa, desapareceu - ficaram lá outros a tomar conta de mim. De manhã chegou alguns dos tipos que me prenderam.

Depois começou ali uma cena engraçada, porque havia um tipo pequenino - que mais tarde, só depois quando deixei de estar na tortura é que vim a saber o nome daquela gente - um gajo pequenino chamado Alípio que era uma espécie de divertimento dos outros PIDEs. Era pequenino, mas muito traquinas. Tudo malta dentro dos seus 20 anos, 30 anos. Aquilo no fundo era tudo gente que tinham sido furriéis na tropa - era dessa gente que a PIDE estava ultimamente recrutando. Acabando com aqueles PIDEs velhos, brutamontes. Arranjavam aquela malta já mais soft. Então eu estava algemado, com as mãos atrás, e não dizia nada. E o gajo chegou ali, os outros PIDEs rodearam-me. Eram mais três, com aquele eram quatro. Rodearam-me. Olhavam para o gajo, ele olhava para mim. O gajo crescia, queria fazer mais alto do que era e crescia e chamava-me tudo: «Filho da puta, seu terrorista, seu bandido!» e eu não lhe ligava nenhuma. Não ligava nenhuma e o gajo deu-me um pontapé aqui de lado. Depois para dar outro, eu dei-lhe um safanão e ele caiu. O gajo caiu, os outros fartaram-se de rir e eu não tinha percebido porquê: ele excitava-se a bater. Começou-me a bater e eu apercebi-me daquilo. «Olha, por causa disto é que os outros deixam o pequenino estar aqui a bater».

Passado mais um bocado tiraram-me as algemas. Veio então os inspetores propriamente ditos, penso que era o Santos Costa (...) e um bexigoso que era o Inácio Afonso - dois chefes de brigada. Começaram o interrogatório, mas eu não dizia nada, não dizia quem era. «O meu nome é esse que está aí. Acabou».

A primeira vez estive 31 dias, 31 noites - a primeira vez. É uma coisa simplesmente inacreditável. Ao 14º dia deitaram-me na casa de banho - foram buscar um colchão - para que o meu amigo quando foi preso - aquele que tinha fugido comigo de Espanha, que acabou por ser preso - para ele me ver deitado. Como, aliás, me levaram depois para ir ver que ele tinha sido preso. Saíram para o corredor, taparam-me a boca, abriram o postigozinho para eu ver - estava numa posição e eu pelo postigo conseguia vê-lo. A gente está de pé, sempre de pé. Os PIDEs vão mudando com alguma frequência. Primeiro mudavam de quatro em quatro horas, mas depois à medida que iam passando os dias e as noites já mudavam com menos horas. Normalmente, durante a noite, ficava um PIDE a tomar conta de mim - já aí a partir do 14º / 15º dia. Mas até aí era espancado quase diariamente, várias vezes ao dia. Porque eles ficavam enraivecidos de eu não dizer onde é que estava o Palma. Eles queriam saber do meu amigo, mas o problema deles... não queriam saber de mais nada: era o Palma que eles queriam. E eles tiveram o

pressentimento que através de mim conseguiam chegar ao Palma, até pelo comportamento da gente na cadeia. Mas eles também não tinham bem a certeza.

O ser humano não faz ideia. Eu pesava 52 kg. O ser humano não faz ideia da capacidade que tem de resistência. Eu interrogava-me a cada momento desse facto. Pode parecer mentira, mas eu a cada momento interrogava-me como é que era possível um ser humano no fim da resistência ainda ter mais resistência.

Ao fim do terceiro dia aconteceu-me um fenómeno - e penso que aconteceu a todos. A sala onde você está muda de cor. Fica assim uma espécie de neblina - no meu caso era verde - e começamos a ter alucinações a partir dessa altura. De vez em quando eu via pessoas na parede serem esmagadas por máquinas. Como eu de miúdo tinha pavor - hoje relaciono as coisas assim - como eu tinha pavor às correias das máquinas - já deve ter visto máquinas com correias helicoidais - como comecei a trabalhar muito cedo, passava junto daquelas máquinas e eu aterrorizava-me de ver aquelas correias todas e imaginava sempre «Se eu cair ali fico desfeito». Tinha um medo horrível de correias e de rodas dentadas, porque nas barragens morria muita gente nestas circunstâncias. Para mim foi um pavor que me ficou ligado. Então nas alucinações eu via amigos meus a serem esmagados através da parede. Eu ia à parede e mandava as mãos para ver se conseguia parar as máquinas, aquela aflição. Isto não acontecia sempre. Umas vezes era isso, outras vezes começava a ver sair das tomadas - havia umas tomadas em cada parede - começava a sair gás. E eu com aquele horror, que os gases juntavam-se, e na minha cabeça aquilo ia explodir. Eu andava ali... eu batia com o pé e aquilo afastava-se.

Tinha uma vaga ideia de que os PIDEs estavam atentos aquilo. Nós não estamos completamente no outro mundo: estamos no outro mundo, mas há um mínimo de sensações que a gente tem que estamos a ser observados. Que aquilo que nos está a acontecer - parece incrível, o nosso organismo reage.

A partir de uma certa altura começo a ter umas coisas, uma espécie de murro no estômago. Não é um murro, é uma cólica que dá que avançamos de cabeça contra a parede sem a gente querer - e sabemos que aquilo nos vai acontecer. Quer dizer, você está aqui neste sítio, arranca direito à parede e bate com a cabeça na parede. Sem querer! Mas sabe que aquilo vai acontecer. Uma, duas, três [vezes]. Os próprios PIDEs tinham noção disso - bloqueavam. Quando estavam presentes eles sabiam que aquilo ia acontecer, porque a experiência deles era superior à minha - já deviam ter visto aquilo a acontecer com outros presos.

Eu batia com a cabeça nas paredes. De vez em quando levava grandes tareias, porque eles queriam saber à viva força onde é que estava o Palma Inácio - era o que os motivava! Não era cá bombas, nem queriam saber das pistolas, nada disso - era só do Palma Inácio que queriam saber.

Depois de ter estado esses 31 dias levaram-me para o Reduto Norte. Estive lá quatro dias. Cheguei ao Reduto Norte, eu já não conseguia quase andar. Entregaram-me aos guardas prisionais e eles é que me levaram para a cela de rojo. Porque ao fim de 31 dias eu já não conseguia [andar]. Estava todo inchado. Os meus sapatos eram sapatos de cordões e então só tinha os dedos dos pés, as unhas, é que eram do tamanho normal, porque o resto era tudo muito inchado.

Depois estive quatro dias no Reduto Norte, depois mais seis dias para baixo e seis noites. Quase que me atrevo a dizer que custaram-me mais esses seis dias e seis noites do que os 31. Porque eu consegui aos 18 ou 19 dias que comecei a contar ao contrário. Mesmo eu fazia as contas de que não tinha sentido o que me estavam a fazer, de me manterem ali aquele tempo todo só por causa do Palma Inácio. Que era uma coisa que eles viram, que eu nunca os poderia conduzir ao Palma Inácio. Acontece o mesmo: espancamentos, estar de pé… Entretanto deram-me cabo deste joelho, porque com os espancamentos com os chicotes o joelho veio para o lado. Teve que ir lá um médico tratar-me disto e por o joelho no sítio.

Outra vez também foi lá o médico - sempre no Reduto Sul, nos interrogatórios. Outra vez havia lá uma PIDE que eu tinha-lhe um ódio tão grande, tão grande. Era um alentejano, tinha pronuncia alentejana. E eu tinha-lhe um ódio especial, porque sou alentejano. Ainda por cima havia palavras que ele dizia que são utilizadas na minha zona. Eu tinha-lhe um ódio muito grande, porque o gajo quando estava a tomar conta de mim andava sempre atrás de mim e estava constantemente a dar-me toques no tornozelo. Usava sapatos com um tacão muito alto, era muito mal vestido. Era um tipo que tentava ser bem engravatado, mas vestia umas calças muito largas, mas curtas, ficava sempre um bocado da perna à mostra. [Risos] Quando podia vinha atrás de mim e batia-me nas orelhas, fazia assim e parecia que ia estalando a cabeça. Uma altura veio para me fazer isso, joguei-lhe a mão ao gasganete. Estava-lhe com um ódio tão grande, tão grande, que ele caiu debaixo de mim e eu nunca mais o larguei. Dei-lhe tanta porrada, porque eu fiquei em cima dele, que ele gritava, gritava. Os outros PIDEs vieram das outras celas a correr - abre portas, porque não sabiam de onde é que se gritava - quando chegaram ao pé de mim não me conseguiram arrancar do gajo. Tiveram de me bater com uma cadeira nas costas, deslocaram-me o ombro, fiquei todo empenado. Foi a segunda vez que fiquei à rasca.

Mas eu não me importava com isso. Porque há uma questão que é a seguinte: a tortura física até nem custa tanto como se possa imaginar - dizer isto é quase criminoso - mas quando você está fazendo isto porque tem um objetivo, tem um ideal, não lhe custa tanto. Até porque à partida está a contar com isso. Eu quando fui preso estava a contar com isso. Eu, quando fui preso, estava a contar que me acontecesse tudo.

O meu problema da tortura era o seguinte: eu tinha sido preso com 11 folhas de serrote - que só eu e o meu chefe que estava preso em Espanha é que sabíamos. Em França fomos comprar uns sapatos novos para mim, tinha que ser com cordões, porque teve que levar duas palmilhas, que tinha as folhas lá dentro. Numa palmilha coube seis, noutra coube cinco. Como o pai dele era sapateiro, ele desmontou-me os sapatos na parte de dentro, colou aquilo e depois colou aquela parte da marca dos sapatos por cima. E tinha de ser de cordões, porque assim dava jeito para ajustar, porque os sapatos ficaram mais altos - se não teriam de ser uns sapatos muito compridos para ter aquela altura. Fui preso com as folhas de serrote. Fui preso com elas e os PIDEs nunca souberam. Mesmo quando estava descalço na sala de interrogatório tinha de estar sempre de olho nos sapatos, porque entretanto houve um que começou a descolar a palmilha… Porque quando fugi de Espanha tive de passar um rio com sapatos e tudo, secaram, mas começou a descolar. O meu terror todo não era que descobrissem as minhas - é que ao descobrirem as minhas também iam descobrir as do outro que estava em Espanha. E já que tinha tido tanto trabalho em ter as folhas de serrote comigo, mantive-as.

Quando o Palma Inácio foi preso, já por volta... foi fevereiro, março - consegui comunicar através de uma mensagem que tinha 11 folhas de serrote comigo, que era para a gente contar com elas - pelo menos tínhamos aquilo lá dentro da cadeia. Ele mais tarde, numa entrevista que dá à saída da cadeia explica isso - não sei se foi ao Expresso que ele na altura disse isso.

Tive aqueles seis dias, outra vez. Voltei para cima dois dias, vim para baixo mais quatro dias e quatro noites. Outra vez tortura de sono. Vim para cima dois dias, vim para baixo mais dois dias. Pronto, depois ia e vinha todos os dias. Acabou-se o dia e noite - ia e vinha todos os dias. Havia dias que só me largavam ali, metiam um tipo a tomar conta de mim e não acontecia nada.

Depois só tive mais uma semana - eu estive sempre acompanhado, sou daquelas pessoas que posso dizer que nunca estive em isolamento, estive quase sempre companhia. [Risos] Foi mais uma semana para baixo e para cima, prenderam o Palma, pronto. Largaram-me. O Palma foi preso dois meses depois de mim. Um dia chego lá abaixo - do Reduto Norte chego ao Reduto Sul - já não me fizeram ir para as salas de tortura, meteram-me na sala dos inspetores. Quando eu entrei vi uma fotografia muito grande do Che Guevara em cima da mesa. Vi o casaco do Palma Inácio pendurado na cadeira - toda a gente conhecia o casaco dele. Vi ali uma série de malas e coisas assim, vi uns binóculos meus que eu tinha dado à LUAR, que tinha comprado em Luxemburgo. Uns binóculos de grande alcance que eu tinha comprado lá a um velho - um ex-nazi que tinha para lá aquilo. Aquilo vinha na bagagem da malta que foi presa com o Palma.

Eu estava numa cela com o Saldanha Sanches. Com um moço que era o Álvaro Pato. Com mais dois companheiros do meu processo. Então, à noite no dia 25 [de abril], às 17h, ouvimos alguém gritar que tinha havido um golpe militar - não percebemos bem, mas foi gritado à janela. (...) E nós, de facto, tínhamo-nos apercebido que os guardas não tinham sido mudados. No outro dia de manhã «Os guardas não foram mudados».

Houve uma fulana que era da minha organização que era para ir ter ido a uma consulta médica e não foi. E foi transmitido através das paredes - a gente tinha um sistema de comunicação através das paredes, por toques, tinha uma quadricula que era fácil decifrar aquilo - que ela não tinha ido ao médico. Não nos trouxeram os jornais - porque os guardas prisionais traziam-nos os jornais todos os dias, os que a gente assinava, os que a gente pedia. E notámos que eles não tinham sido substituídos. Quando a gente soube daquilo «Espera aí, houve aqui qualquer coisa».

Alguém tinha ido transmitir através do cláxon de um carro, na estrada que passa em frente a Caxias, com o nosso código, que tinha havido um golpe militar. O Saldanha Sanches chamou um guarda, o gajo veio: «Olhe lá, você tem um rádio, não tem?», o guarda: «Ó sô doutor, sabe, eu tenho a minha família...» - começámos logo a ver o gajo a encolher-se todo, o guarda já estava à rasca. «Sô doutor» para aqui, «sô doutor» para ali e pronto, a gente entretanto ficou a saber a partir daí.

No outro dia saímos de manhã para a rua, porque chegou lá um oficial que mandou abrir as celas - as salas, neste caso eram salas. Eu já não me tinha despido durante a noite (…) O guarda abriu a porta, os militares apareceram todos. Um assim ripou de um comunicado do tipo papiro: «Ao fim de 13 anos ...» - ninguém ligou ao que ele estava a dizer! Mas o homem todo compenetrado, nervoso, nunca tinha visto presos políticos - imagino o nervoso

do militar. Depois olhou assim para a gente [e perguntou]: «Onde é que é a sala do Palma Inácio?», eu disse: «Olhe, é a sala número quatro, aí ao lado» - a gente estava na um, depois havia a dois, a três e havia a quatro.. Eles iam à procura dele, todos entusiasmados à procura dele. Mandaram-nos sair, a gente saiu. Eu fui o primeiro a sair, depois a malta da minha sala foi saindo. Mas, entretanto - isto [passou-se] às 8h da manhã - às 9h da manhã mandaram a gente recolher todos, porque havia um conflito entre o Spínola e o Movimento das Forças Armadas. O Spínola não queria que a gente saísse e quem tinha ido tomar conta de Caxias tinham sido os paraquedistas. Mas entretanto alguém mandou os fuzileiros irem para lá, não tendo confiança nos paraquedistas, chegaram os fuzileiros. Aquilo ali estava muito complicado, fuzileiros contra paraquedistas - a coisa estava manhosa. Depois lá se entenderam. O tipo dos fuzileiros que nos tinha mandado sair, o oficial, pediu-nos para entrarmos outra vez. Pedimos para ficarmos todos juntos, o nosso lado direito da cadeia. Ficamos de portas abertas, depois juntamo-nos todos numa sala.

Entretanto durante o dia foram chegando advogados, conversa daqui, conversa dali... Iam-nos contado o que é que se estava a passar, de facto o Spínola inicialmente não queria que saíssem os tipos da LUAR, da ARA e das Brigadas Revolucionárias. Depois já podiam sair todos, menos o Palma Inácio e - eu não sei a que propósito - o arquiteto (...) Teotónio Pereira. Também não percebemos bem porquê, já podia sair tudo, menos [eles]. Entretanto nós íamos insistindo que não queríamos sair ninguém: ou todos ou não saía ninguém, é lógico. Até que por volta da meia-noite, mais ou menos, concluíram que saíamos todos - e fomos saindo assim aos bocados, não foi tudo ao mesmo tempo".

Sérgio José Ferreira Ribeiro

Ano nascimento: 1935
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 22-10-2021

"A consciência política não se ganha de uma vez. Aliás, nunca está terminada. Tem que se renovar em cada momento da vida.

Eu comecei a ter alguma consciência política a partir do convívio com os meus pais. Sou filho de um casal pequeno burguês. O meu pai era pequeno comerciante. Era, não direi ateu, era agnóstico, era anticlerical e tinha o suficiente para não gostar do fascismo. Não tinha consciência desse facto e por isso a sua luta era muito pequena. De qualquer modo a partir do seu exemplo, e da minha mãe, eu sempre fui de certo modo avesso a submeter-me aquilo que à minha volta havia.

Andei numa escola primária num bairro e, talvez, o primeiro ato de consciência política que eu tomei foi quando fiquei espantado e de certo modo indignado pelo facto de ser o único daquela escola que continuou a estudar. Todos os meus colegas terminaram a sua vida de estudante com a 4ª classe - alguns nem com isso, nem com a 4ª classe.

Eu fiz a 4ª classe. Os meus pais, com sacrifício, meteram-me no liceu Pedro Nunes, com meninos filhos de banqueiros, filhos de secretários de estado ou ministros. Só que contrapôs-se ao outro, do bairro popular, do bairro em que eu tinha sido o único a sair para ir para o liceu.

Lembro-me como primeiro ato político que tive foi quando votei no Norton de Matos em [19]47, 48. No liceu houve alguns colegas meus que propuseram uma votação. Eu votei. Foi a primeira vez que votei, portanto foi o primeiro arremedo de consciência política, de escolha. E votei no Norton de Matos, obviamente, porque em minha casa a simpatia ia para o Norton de Matos.

Depois do Pedro Nunes passei para o D. João de Castro, aqui perto. No D. João de Castro tive alguns colegas que misturavam as duas situações: a situação do filho de boa família, de família bem instalada e outros, que eram iguais a mim ou menos do que eu. Filhos de gente mais pobre, mais abaixo na escala social. Lembro-me de um ato que foi para mim muito importante. Na altura para vir para o D. João de Castro, para a (...), de Económicas - sou economista - era preciso fazer um trajeto de autocarro. O meu pai dava-me todos os dias seis escudos para o autocarro. E eu consegui transformar esses seis escudos em muito dinheiro, na altura: vinha a pé até Santos, tomava o carro operário, para isso levantava-me mais cedo, e custava-me 15 tostões ida e volta. Foi o primeiro ato de economista, também, e de tomada de consciência. Fez-me muito bem o contacto com aquelas madrugadas operárias e ajudaram a cimentar alguma coisa.

Depois foi a universidade. Os meus pais, como eu nunca tinha chumbado, fizeram o sacrifício de continuar a pagar-me os estudos - que era sacrifício, sempre com uma sentença: «Tu podes chumbar um ano, não chumbas dois. Ao segundo acabou os estudos». Não foi preciso, nunca chumbei nenhum ano, porque gostava de estudar, gostava de aprender, gostava de responder aos meus porquês.

Na universidade, naturalmente na faculdade de economia chamada ISCEF [Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras], associei-me logo à associação de estudantes, trabalhei na seção de folhas e fui tomando a consciência aos poucos. Tive a sorte de ter colegas de turma, colegas de ano, que me ajudaram. Os primeiros atos efetivos de manifestação foi ao 5 de outubro. Ia ao cemitério do Alto de S. João homenagear os republicanos, o que dava origem por vezes a fugas à polícia a cavalo, à Guarda Republicana. Foi uma espécie de batismo na tomada de consciência.

Depois foi o estudar. Foi o procurar resposta para alguns porquês - e continuo na mesma, a procurar a resposta para alguns porquês. Este processo de tomada de consciência teve um ponto muito importante, quando um colega da associação - estava na associação de estudantes, era vice-presidente, da seção de folhas - fez-me uma espécie de convite informal. Se eu não queria ver mais coisas, saber mais coisas. Eu disse logo que sim. Quando acabei o curso já estava no partido, já tinha tomado responsabilidades militantes. Mas essas responsabilidades militantes foram postas um pouco de salmoura, digamos assim. Porque quando me puseram concretamente a proposta para aderir ao partido disse: «Deixem-me voltar de Angola», porque fui a Angola em viagem de fim de curso.

Vim de lá completamente decidido. Foi uma viagem de fim de curso extraordinária. Foram 15 dias pelas picadas, de machimbombo [autocarro], a sentir a realidade do que era o racismo, do que era a desigualdade, do que eram as soluções de Salazar. O colonato de Cela. O colonato de Cela era a coisa mais abstrusa que se pode imaginar. Era a ocupação de um espaço tão grande como Portugal por famílias que se mudavam para lá, pondo na orla, na fronteira desse espaço toda a gente nativa, não podia haver trabalho negro. E isso era-nos mostrado como uma experiência do que se seria a ideia: a colonização interna. Mas o interno até Angola, até Moçambique, até onde fosse. Foi um outro dado muito importante para a tomada de consciência. Por isso quando voltei disse logo: «Estou inteiramente de acordo com as vossas posições. Reforço-as com a minha posição». E aderi ao partido.

No dia 19 de dezembro de 1961, eu estava na célula dos economistas. Uma célula formada por cinco ou seis economistas com um camarada clandestino que nos controlava - era o termo, sem nada de pejorativo - que controlava o nosso trabalho. Tive primeiro o Ângelo Veloso, depois tive o Pires Jorge. No dia 19 de dezembro de [19]61 o nosso controleiro era um camarada, que eu não sabia o nome - sabia o pseudónimo, mas só sabia o pseudónimo. E combinou-se um encontro para discutirmos, em dezembro de [19]61 o orçamento de estado, vejam lá, o orçamento de estado daquela altura.

Eu esperei por ele à hora marcada, eram oito da noite, numa transversal à Rua dos Lusíadas. Ele não apareceu. Eu fiz aquilo a que se chamava a hora do recurso. Fui dar uma volta, o mais larga possível e uma hora depois estava à espera. Não apareceu. Era o José Dias Coelho. Foi assassinado quando vinha ao meu encontro, na Rua da Creche. O que só soubemos muito mais tarde, muitos dias – três, quatro, cinco dias mais tarde, uma semana. A morte desceu à rua [referência a "A Morte Saiu à Rua", de Zeca Afonso] foi um episódio muito marcante, porque aquele camarada que eu estava à espera, que não tinha nome, tinha um pseudónimo, vim a saber que era um homem como o José Dias Coelho - um escultor, um artista enorme e um homem ainda mais enorme do que artista. E que foi assassinado quando vinha ao meu encontro. Foi um episódio que, como é evidente, reforçou essa tomada de consciência - que perguntou como é que ela se foi formando. Foi-

se formando! E, para mim, o dia 19 de dezembro de [19]61 é um dia muito marcante. Nunca esqueço esse dia - eu lembro esse dia em muitos outros dias.

Eu fazia parte de uma célula de jovens economistas que tínhamos como tarefa, entre muitas outras daquelas tarefas formais de organização, que todos tínhamos - de quota, de organização, dos protestos - tínhamos a tarefa de informar os camaradas do partido que viviam na clandestinidade com pareceres, com opiniões de economistas.

Eramos jovens economistas e, concretamente, nessa reunião marcada com o José Dias Coelho era para conversarmos sobre o orçamento de estado. O orçamento geral de estado que era a nossa ferramenta profissional. Para mais numa altura em que tinha rebentado a guerra colonial, no princípio do ano, era importante saber nessa altura como é que essa guerra colonial, essa decisão de Salazar de ir para Angola em força se repercutia no orçamento de estado - era uma das coisas. Entretanto havia o plano de fomento. O plano de fomento tinha sido criado em [19]53, primeiro. O segundo foi em [19]59 ou [19]63. Era estudar o plano de fomento, ver como é que ele servia, ou não servia, aos problemas dos portugueses e dar a nossa opinião. Isto era um aspeto específico. O aspeto geral político acompanhávamos como qualquer militante do partido, com estas especificidades relacionada com a nossa profissão.

Eu fui preso em [19]63, na sequência de muita coisa, porque entretanto em muita coisa me meti também. Fui agente do CDUL [Centro Desportivo Universitário de Lisboa] - o CDUL era uma entidade da Mocidade Portuguesa, que nós, associação de estudantes, arrancámos da Mocidade Portuguesa e conseguimos que o CDUL fosse uma associação das associações de estudantes. E eu fui o segundo presidente. Depois não fui homologado porque as minhas posições não eram de acordo com o Regime. Portanto, não só tinha atividade clandestina, como tinha essa atividade. Entretanto fui para o atletismo, entretanto joguei futebol no CIF [Clube Internacional de Futebol].

Em todas as atividades eu procurava ser um homem consciente, companheiro e procurava na prática aquilo que em teoria nós defendemos. Por isso estava referenciado. Mas houve na altura o que eu chamo um rasgão na cobertura clandestina, com uma traição. Houve um ex-camarada que ou não suportou ou passou para o outro lado. E daí houve uma quebra muito grande no chamado sector intelectual. Houve outro aspeto também importante. Nos dias 1 e 8 de maio de [19]62 houve em Portugal manifestações muito importantes, que de certo modo afrouxaram um pouco, pela sua importância, as reservas e as defesas da clandestinidade. Isso, juntamente com a traição que referi, levou a que a PIDE chegasse a conhecer coisas que queria conhecer e foi uma leva tremenda. Foram muito médicos presos, muitos engenheiros presos, dos economistas fui eu e o Herberto Goulart. Quando eu fui preso o Herberto Goulart fugiu, foi apanhado nos Pirenéus, no meio de muitos clandestinos. Foram distinguidos ele e um médico, o José Nuno Moreira. Vieram da fronteira de Espanha para França, entregues à polícia política.

Eu trabalhava como economista. Trabalhei em vários lados. Comecei numa pequena empresa na minha aldeia, de serração de madeiras, depois fui para a Siderurgia Nacional - o primeiro aço português - no Seixal. Fui técnico da Siderurgia durante algum tempo. Era um ar esperançoso para um economista que queria uma carreira de economista exclusivamente. Mas eu não queria ser só economista, queria ser cidadão e economista. Na Siderurgia houve umas coisas que me desagradaram e fui para o Instituto Luso

Fármaco. Quando fui preso estava no Luso Fármaco, que era o primeiro laboratório nacional de produtos farmacêuticos.

Foi uma prisão, sob esse ponto de vista, muito marcante para mim. Às sete da manhã, ou seis da manhã fui para a António Maria Cardoso. Na António Maria Cardoso começaram com interrogatório. E depois fui para o Aljube. Estive no Aljube nos curros.

Os curros é uma cela - estive na cela 2 - que tem 1,10 metros por 1,70 metros. Tem um bailique que baixa, para que um homem deitado de 1,80 metros pode esticar-se, uma prateleira. E é onde se passa o dia todo. Tem muito mais que 24 horas. Esse bailique quando desce, desce com uma espécie de colchão - é palha, é pó... é asma. Foram oito dias de pesadelo, que eu chamo de preparatórios para o interrogatório. Mas é preciso reagir a isso.

Lembro-me que a minha reação foi a descoberta da diagonal - eu gosto muito de contar a descoberta da diagonal: é estar num espaço de 1,10m por 1,70m - com o bailique levantado - ter esse espaço só. Então o dia passa-se assim. [Levanta-se e começa a dar passos, a delimitar o espaço da cela] Um, dois, três. Um, dois. Um, dois, três. Um, dois. Um, dois, três. [Até que pensou]: «Espera aí! E a diagonal?!» - um, dois, três, quatro! Não calculam o que isto é de alegria. Isto é uma maneira de preencher o dia. Preencher horas de pó, de palha, de repressão violenta.

Os curros são - eram, felizmente posso dizer «eram» - eram preparatórios dos interrogatórios de tortura, muito importantes. Eram uma forma de nos preparar para aquilo que era o interrogatório e a tortura. Depois saí dali, fui para a António Maria Cardoso. Foram uns dias e umas noites sem dormir. Foi a tortura. Foi o regresso ao Aljube, para a (...) geral.

O Herberto e eu fomos os economistas distinguidos com a acusação, com o julgamento - tudo aquilo que fez com que tivesse estado uma pena de 14 meses, com suspensão de direitos políticos por cinco anos. Saí em fevereiro de [19]64.

Saí da prisão em condições muito difíceis para mim. Não voltei à vida tal e qual como era antes. A minha atividade clandestina foi cortada, era impossível tê-la. Só voltei a ter algum contacto com um militante clandestino em [19]69, porque entretanto fui candidato às eleições de [19]69, quando foi a primavera Marcelista. Nessa altura fui convidado para ser candidato por Leiria pela CDE, uma lista unitária, que era importante. Na altura havia a lista da CEUD [Comissão Eleitoral de Unidade Democrática] e da CDE [Comissão Democrática Eleitoral].

A CDE era a lista não dos comunistas, mas em que os comunistas tinham predominância; a CEUD era a lista dos socialistas, que entretanto nem existiam como partido. Nalguns distritos do país houve a possibilidade de haver unidade. Eu sinto-me contente por, no meu currículo, valha ele o que valer, fiz parte de uma lista que era de unidade. Era o nº 3 da lista - eram 12. Era o Vasco de Gama Fernandes, que foi presidente da Assembleia República, era o Vareda, que era um advogado muito conceituado de Leiria; era eu, o jovem economista de Ourém.

Foi uma campanha extraordinária. Eu na minha juventude de então, fiz uma grande campanha, sem falsas modéstias. E voltei a uma atividade muito permanente, de colóquios, de conversas, de transmitir aos outros o que tinha pensado, o que tinha aprendido e assimilado. Fiz colóquios por todo o país. Falei desde Chaves até ao Algarve. Era convidado

para fazer colóquios. Depois, neste processo, às tantas vejo-me de novo envolvido na militância ligado à clandestinidade. Ajudei como foi possível. Entretanto liguei-me à luta pela paz - pela paz ligada a um movimento pela coexistência pacifica. Um movimento muito importante que se criou nessa altura. A partir dos partidos comunistas, a partir dos países socialistas e com o apoio e a colaboração muito importante de católicos, fez-se o movimento pela coexistência pacífica. Era um movimento que se chamava «A Paz na Mão dos Povos».

A assembleia geral desse movimento foi em [19]72. Eu fui a Bruxelas, a esse fórum que foi muito importante para a minha vida e não só. A luta pela paz foi uma faceta muito importante. Eu estive nela, tinha alguma notoriedade, porque escrevia no Diário de Lisboa - tinha a seção de economia do Diário de Lisboa e da Seara Nova. Eu quando olho para trás, para a minha vida, há uma coisa que eu gosto de dizer: nunca parei. E quando não tinha possibilidade de fazer aqui, fazia ao lado, mas contribuindo para o mesmo.

Houve outro acidente de percurso nessa altura, em que houve uma outra traição. Não chamaria traição, para exemplificar o que é: alguém que dá à PIDE informações que a PIDE queria ter. Houve nessa altura, em [19]72, 73, um outro recuo. Mas esse recuo foi a tempo de eu me precaver e não houve consequências nessa altura. Mas houve mais tarde, porque nessa atividade, não parar...

Fiz uma experiência que me deu gozo, me deu prazer. Como gosto muito da comunicação social e gosto muito da televisão e dos jornais, tinha um grande contacto com a comunicação social belga, de Bruxelas. Até, porque diga-se de passagem - abro um parêntese - o primeiro artigo que eu escrevi como economista foi em [19]61 ou 62, ainda antes da prisão, sobre a integração europeia. Falava da possível final da EFTA [Associação Europeia de Comércio Livre, em inglês: European Free Trade Association, abreviado EFTA] e da adesão do Reino Unido à CEE [Comunidade Económica Europeia] e, por isso, convidaram-me para escrever um livro - creio que é o primeiro livro que foi escrito em português - sobre o que é o mercado comum. Foi uma editora, a Edições 70.

E, por isso, estava ligado a Bruxelas também, não só por razões familiares, mas também para acompanhar de perto o que estava a acontecer. Acompanhei o acordo comercial que foi simultâneo com a integração do Reino Unido, da Irlanda e da Dinamarca no chamado mercado comum, na Comunidade Económica Europeia. Foi uma atividade muito visível. Visibilidade que agora não tenho, naturalmente, mas na altura era muito visível. Diário de Lisboa, Seara Nova, várias coisas, rádio…

Por isso, na ligação com a comunicação social belga, particularmente essa ligada aos aspetos económicos, tive uma vez o desafio de um técnico de televisão - que mais tarde teve uma grande carreira, o (...) - que era então responsável pelo programa de televisão que se chamava '8 milhões 8'. Esse programa era um programa que ia a um local, ou a um país e retratava-o. Na altura, em [19]74, logo a seguir ao 16 de março, na Bélgica, o (...) desafiou-me para os ajudar num programa sobre Portugal. Disse logo que sim e ajudei-o. Veio a Portugal, fez um programa de televisão excelente onde retratava Portugal de então. Entrevistou o Pereira de Moura, entrevistou o António Reis, entrevistou imensa gente - e por último iam entrevistar um camarada meu, como ex-preso político, que eu tinha arranjado. Acontece que esse preso político estava em liberdade, mas foi preso no dia em que combinamos. Então fui eu que dei a cara, porque o (...) disse [diálogo]: «Não, tem de haver aqui um preso político. Tu foste preso?». «Fui, fui, mas não foi nada. O João Rato

teve anos e anos, eu estive lá só 14 meses, não foi nada. Não sou exemplo de preso político». «Mas tem que ser». Então dei a cara como ex-preso político, em que disse o que é que faziam aos presos, como é que era. Esse programa foi para o ar, na Bélgica, no dia 2 de abril de [19]74.

Eu cometi o disparate, ou a imprevidência, de ir a Portugal. Fui ao Noticias da Amadora levar-lhe colaboração, no mesmo dia em que a PIDE foi ao Noticias da Amadora. Lembro-me de um episódio muito curioso - que vou recordar amanhã, que amanhã faz 100 anos, homenageia-se o Orlando Gonçalves, que era um homem do Noticias da Amadora. Estava a entregar uns trabalhos, entra a PIDE, e a PIDE identificou toda a gente que estava lá. Quando estava a identificar e a dizer para a central, para a António Maria Cardoso, quem é que estava lá: «Está cá o Sérgio Ribeiro». [Eles]: «Ai está? Vem também». Então fui preso, no dia 18 de abril.

Tive coisas que posso dizer que tive sorte na vida. Foi uma sorte, aquela prisão. Foi sorte, porque embora tivesse receado - aquela semana pareceu-me muito difícil estar preso - possibilitou-me sair da cadeia daquela maneira. Que é incontável. Quem saiu da prisão com a porta aberta pelo lado de dentro e dizendo: «Vá-se lá embora, tenha juizinho», como um guarda mais simpático podia dizer - desta vez não foi assim. Foi aberta pelo lado de fora.

Entre o dia 18 de abril e o dia 25 de abril não fui a interrogatório, fui fazer aquilo que se chama o auto negativo. Era o auto em que o chefe de brigada nos punha algumas questões a que, salvo raríssimas exceções, a resposta era: «Não respondo». Não respondi. E o chefe de brigada de então era o Tinoco. O Tinoco disse «Olhe, em relação a si tenho aqui muita coisa…» - e pegava assim nos papéis - «… nem sei por onde começar. Vá-se lá embora». Fui-me embora, esperando que começaria num dia qualquer. Ele perguntou-me: «Então e isto aqui? Então e aquilo acolá?», tinha muito por onde pegar: a campanha eleitoral, o diário de Lisboa, o Notícias da Amadora, Bruxelas, Paris - muita coisa, tinha muito por onde pegar. Não chegou a pegar.

Foi, primeiro, um alívio enorme, depois uma alegria imensa. Foi indescritível o que se sentiu na madrugada de 27 de abril, aqui perto, em Caxias. Sair da cadeia, quando se estava à espera da tortura, dos interrogatórios. Foi um ponto muito marcante.

Depois foi o começo de uma vida nova. Que quem não tem a idade que eu tenho - quem tem menos de 60 anos, digamos assim - não pode calcular o que é que foi aquilo para quem, como eu que estive duas vezes preso. E outros tantos, são tantos, muito mais tempo presos que eu. De qualquer maneira foi a sensação incrível de sair em liberdade para a liberdade. Não era sair em liberdade para a liberdade condicionada, para a prisão que continuava a existir.

Foi o começo de uns meses muito bonitos, muito lindos, em que Portugal mudou. Podia ter mudado muito mais, mas houve alguns apressados, houve alguns disparates, houve algumas faltas de consciência. De qualquer modo foi uma mudança muito importante, a liberdade e a democracia a partir do 25 de abril foi uma transformação do país.

Mas a luta continuou depois. E nesse aspeto eu tive alguma participação de que gosto de falar. Foi o facto de ter sido o chefe de missão na primeira missão às Nações Unidas, à OIT [Organização Internacional de Trabalho], Genève em maio, final de maio, princípio de junho de [19]74. Depois fui às três missões seguintes.

A missão de junho de [19]74 em que um discurso de ordem de trabalhos era uma proposta de expulsão de Portugal, pelo facto de, entretanto, a OIT e Nações Unidas terem aumentado o número de países africanos, países novos independentes e continuar com uma guerra colonial. Isso foi evitado, foi ultrapassado e teve como consequências pessoais ter um grande contacto e uma grande ligação com os países africanos.

Fui técnico das Nações Unidas para várias missões em Guiné-Bissau, duas vezes, em Cabo Verde, duas vezes, em Moçambique. E foi a minha atividade, muito enriquecedora. Não só pela teoria, mas pelo conhecimento no concreto do que é ser uma ex-colónia. De certo modo retomou aquilo que eu comecei por tomar consciência em [19]58, quando acabei o curso e quando fui em viagem de fim de curso a Angola.

Sou um apaixonado por Cabo Verde. Tive duas missões em Cabo Verde que me encheram muito, quer profissionalmente, quer como pertença a um modo de viver que é marcado pelas condições atmosféricas. Era o arquipélago da fome, da seca, da miséria. Tornou-se num país que não era viável, segundo diziam, mas mais do que viável com o esforço daquele povo. Cabo Verde é um país que eu admiro muito. Dessas experiências, particularmente, Angola, Cabo Verde e Moçambique, fiz a tese de doutoramento. Fui professor universitário.

Fazia aquilo que gostava quando fui convocado pelo partido para ir para Bruxelas e Estrasburgo, como deputado europeu. Não "fui deputado europeu". "Estive em deputado europeu" durante 12 anos. Toda a década de [19]90 e mais um anito e pouco. Em 2004 / 2005, onde militei. Cumpri a tarefa conforme me pareceu mais conveniente para o povo português e continuo a acompanhar tudo o que se passa à minha volta com grande interesse e intervindo quando posso".

José Tavares Marcelino

Ano nascimento: 1939
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 06-10-2021

"Eu nasci em 29 de março de 1939, mas no meu registo está como tenha nascido a 29 de abril. Isto porquê? Eu sou da província, sou duma terra ao norte de Lisboa. É a última povoação do distrito de Lisboa. Arrifana, freguesia de Manique do Intendente. Portanto era família, sou de uma família de trabalhadores rurais. E neste tempo, nesta ocasião é quando há trabalho. Bom do meu pai para me ir registar tinha de perder o dia de trabalho, o que era importante para uma família na ocasião de 6 filhos, na ocasião. Então aproveitaram que a minha tia, madrinha, também estava grávida e estava à espera de ter um bebé, aproveitavam e registavam os dois no mesmo dia. De maneira que só fui registado em maio. E aí teriam que pagar multa. E então mentiram. Disseram que eu tinha nascido a 29 de abril e já estava dentro daquele tempo normal para o registo.

Eu sou filho de pequenos agricultores, uma família que vivia do trabalho rural. Eramos 8 irmãos. E o meu pai morreu quando nasceu o meu último irmão, que tem menos 4 anos que eu. Portanto, eu tinha 4 anos na ocasião. Foi uma vida muito difícil, que a minha mãe teve de nos criar a nós. O meu irmão mais velho tinha 18 anos, eram 4 irmãs a seguir, depois vinha eu. De maneira que tive de encarar, comecei a trabalhar desde que nasci, praticamente. Embora oficialmente só o começasse a fazer depois da escolaridade. Mas sempre me lembro de ter trabalhado no campo, a guardar a criação: os patos, os porcos. A ajudar a minha mãe a tratar de coisas, portanto, foi sempre... trabalhei sempre muito. Vi que a vida era muito difícil. Eu não sei, mas eu tenho impressão que comecei a ganhar consciência que isto era preciso modificar logo que nasci.

Mas especialmente há uma data, que é pelo Natal - eu não sei se teria uns 5 anos ou 6 - os nossos brinquedos eram a pinha do pinheiro, que lhe atava um cordel e passeávamos com essas coisas. Era o arco das vasilhas do vinho que estava estragado, nós fazíamos daquilo um arco, etc. Pelo Natal foram lá umas pessoas de Lisboa, em que tinham um filho que era mais ou menos da mesma idade que eu. E ele tinha um triciclo. Tinha um triciclo e aquilo ficou... Os miúdos estavam ali a ver, provavelmente nunca tínhamos visto um triciclo. E perguntei-lhe, lembro-me de lhe ter perguntado: «Epá, quem te deu o triciclo?». [Responderam]: «Foi o menino Jesus». E eu fiquei assim... «então a mim não me deu nada, que eu tanto preciso e a ti deu-te?» Eu tenho a impressão que a partir daí comecei a não acreditar naquelas coisas. Portanto, eu sou ateu. Eu tenho impressão que desde esse momento que me disseram que era Jesus, o menino Jesus que lhe tinha dado o triciclo e eu não tinha nada, penso que a partir desse momento comecei a ganhar consciência.

Depois lembro-me de determinadas situações, nomeadamente, 'tá a ver as eleições do Norton de Matos? Que foram em 40 e tal, portanto eu tinha menos de 10 anos. E o meu irmão mais velho juntava-se lá com outros rapazes da sua idade e faziam a propaganda do Norton de Matos, portanto eu lembro-me deles (...) estarem a fazer os cartazes lá na minha casa e depois eu no dia seguinte vi-os colados nas paredes. Eu vi que tinha havido um grande segredo para ninguém saber o que era. E as pessoas estavam na praça, os homens que iam para a praça para arranjar trabalho - «Epá! Eh!» - estavam admirados. Quem é que seria? E eu 'tava ali pequenino, descalço, e sabia quem tinha sido e estava ali todo

orgulhoso de saber e eles estarem ignorantes, não saberem. Penso que a partir destas coisas, isto foi muito importante.

Depois, mais a sério, eu vim para Lisboa depois da instrução primária. Vim trabalhar para Lisboa, para uma oficina de bicicletas a motor e depois fui para a Material de Guerra. Entretanto eu tinha feito a quarta classe - não pude continuar os estudos por dificuldades económicas e porque não existiam escolas na proximidade - e então vim a ter conhecimento que se podia estudar à noite, porque eu tinha que trabalhar. Então para trabalhar de noite tinha de ter um horário. Esse horário então consegui que me arranjassem - eu fui trabalhar para a Material de Guerra. Já tinha o horário da oito às cinco, se não estou em erro, no Poço de Bispo, e a escola era em Alcântara e começava às sete da noite, portanto dava tempo. Eu saia do trabalho e ia prá escola. Comecei a estudar à noite.

É uma vida difícil e depois exploração. Eu fui para lá a ganhar 7 escudos por dia - se fizermos em relação ao que é hoje era uma miséria mesmo. Lembro-me que eu depois eu cheguei a ajudante de primeira classe e ganhava 44 escudos, portanto vê-se a diferença entre um aprendiz e um ajudante. Um oficial ganhava 55, era já um ordenadão. Portanto visto bem, [19]55 a 59 foi quando eu estive na Material de Guerra. E daí comecei a falar com outros operários, comecei a ganhar uma maior consciência.

E então a minha primeira ação foi: o Salazar um dia foi visitar a Material de Guerra. E foi visitar a minha oficina. Aquilo eram oficinas grandes, eu era da oficina de artilharia, onde se reparavam os tanques, as peças de artilharia, etc. Uma coisa muito grande, os tanques andavam lá dentro, não é? Um hangar enorme. E então os meus chefes andaram a pedir para nós darmos uma subscrição para comprarmos uma prenda para dar ao Salazar. Eu já devia ter qualquer coisa cá no sangue, que fui ter com os meus colegas: «Epá, ninguém dá nada, pá. Então vamos dar para quê? Então nós somos explorados!». Modo próprio, ninguém me disse para eu o fazer. Mas eu fiz isto e ninguém deu um tostão naquela secção que eramos mais de 50 homens e rapazes - eu tinha na ocasião, fui para lá com 16, portanto deveria ter se calhar 17, 18 anos no máximo. Aquilo foi... Eu fui um herói - à socapa, escondido! Os chefes então ficaram alarmados: «Epá, o que é que tu fizeste?», não sei que mais...! Mas isto passou-se. Passou-se (...).

Então houve pessoas já com mais consciência que começaram a falar comigo e a levar-me para aqui e para acolá. Vieram as eleições do Humberto Delgado. Eu, como disse, estudava em Alcântara, e então encontro... o Humberto Delgado chega a Santa Apolónia - aquilo era um mar de gente - e eu meti-me no mar de gente. Epá, eu fiquei maravilhado: «Epá, o que é isto, pá? O que é isto?». Mas estava isolado, não estava organizado em lado nenhum. Então fui para a escola, ouvia as conversas dos outros e tal, comecei a apanhar e comecei então, comecei a contactar então.

Passado pouco tempo fui convidado para ser militante do Partido Comunista, o que aceitei, mas não cheguei a entrar porque houve uma descoordenação - não sei já qual é que foi - mas eu tive um encontro marcado na praça do Comércio no dia 1 de novembro de 1958 e fui à praça do Comércio e não apareceu a pessoa que devia contactar-me e ligar-me ao partido. Mas continuei sempre tentar, alguns que eu desconfiava que estavam ligados ao partido, pedia-lhes os Avantes, ia recebendo os Avantes.

Então, até que aparece o 5 de outubro. É a sério a minha primeira, penso eu, a minha primeira grande ação de rua. Em que fui convidado por essas pessoas que já tinham

confiança comigo: «Epá, dia 5 de outubro, vamos ao Alto de São João. Em homenagem aos fundadores da república». E eu fui ao Alto de São João. Estava lá o Humberto Delgado. Precisamente o Humberto Delgado estava lá a discursar. Eu juntei-me àquela gente. Eu era miúdo.

Há uma fotografia que eu tenho, que eu sou muito pequenino. Tinha já 19 anos ou 18. Sim 19, tinha 19 - eu nasci em [19]39, tinha 19 anos. Mas era muito pequenino. Fui para o Alto de São João. Aquela gente toda, os homens já de idade, eu era um jovem. Estava já baralhado com aquilo tudo, muita gente - muita polícia! Então era: de um lado estavam os homens a fazer a homenagem aos homens da república e do outro lado era a polícia com as viseiras. Eu nunca tinha visto. (...) Pensei cá para mim: eu tenho que estar de um lado. [Os polícias] estão deste lado, se já o pensava neste dia então fiquei a ficar do outro lado.

Há os discursos. E há um momento em que há um discurso que o Humberto Delgado discursa. Nós levantámo-lo no ar e vem a polícia e começa a carregar e a bater em tudo o que era gente. Cada qual fugiu para seu lado. Eu consegui fugir. Ainda levei lá uma bordoada dentro do cemitério, que eu 'tava mesmo ao pé do Humberto Delgado, que eu tenho uma fotografia que eu estou mesmo ali ao pé dele quando ele está já nos ombros de alguém. Consegui fugir e... Houve muita pancada. Houve imagens que eu ainda as tenho cá retidas, de uma pessoa que fugiu lá para uma terras que havia lá por trás do Alto São João que vai para uma rua que vai ter ao pé de Xabregas ou o que é, aquilo é uma Avenida nova que agora não me lembro como é que aquilo se chama. Aquilo eram baldios. E vejo um rapaz, que eu por acaso já conhecia. Já o via na rua, achava-o já diferente. Fugiu da polícia, levou lá muita pancada e ele depois conseguiu fugir, não sei se ele foi preso, se o que é que lhe aconteceu. Sei que nunca mais vi essa pessoa. Nos sítios onde eu o via, perto da escola, ali em Santos, Alcântara. Era uma pessoa que... nunca conversei com ele, mas sentia nele. A forma como ele andava e tal, que havia ali qualquer coisa. E, de facto, naquele dia fiquei a ter a certeza que havia. Não sei o que é que lhe aconteceu.

Então nós reagrupamo-nos na Paiva Couceiro. Eu consegui ir até à Paiva Couceiro e começou-se a juntar lá malta. E alguém que dá a voz de ordem: «Vamos todos para a praça do Município içar a bandeira portuguesa na Câmara». Epá, nós ficámos todos... eu nomeadamente! Eramos que? Uns vinte, trinta, quarenta. Eramos bastantes pessoas, jovens! E decidimos ir para Morais Soares. Na Morais Soares aparece a polícia a carregar. Nós fugimos para as ruas laterais. A polícia, só podiam ir os que iam a pé. Os carros não podiam ir para queles lados. Depois chegámos, andámos ali para aquelas ruas, juntamo-nos outra vez na praça do Chile. Já eramos mais. Já eramos muito mais. A polícia veio outra vez a carregar. Nós fugimos outra vez para as ruas de Arroios, aquelas ruas laterais. A polícia vai atrás de nós. Nós fomos nisto ao gato e ao rato com a polícia até ao Rossio.

Eu hoje sinto: isto é que foi o verdadeiro 5 de outubro. Chegámos ao Rossio. E então uma praça, um dia de feriado - neste tempo não sei se seria feriado, mas se calhar até era porque eu não trabalhei, ou era Domingo ou coisa assim. Não me lembro já. Até podemos ver no calendário se seria Domingo. Eu sei que já havia muita gente na rua. E se foi juntando muita gente até ao Rossio. O Rossio estava cheio. Começou tudo a gritar. Então a carga aí foi... eu aí levo umas bordoadas. Mas há uma imagem que eu ainda hoje se visse o homem o conhecia. Um homem baixo, da minha estatura mais ou menos, que lança a bandeira e começa a gritar: «Viva à Liberdade». Epá, o homem levou tanta pancada.

Depois cada um fugiu pró seu lado. Conseguimos reagrupar-nos na Rua do Ouro. Lembro-me de ter visto, como se fosse hoje, um fulano já com uma certa idade pôr uma bandeira - a tirar-nos a bandeira para nós - nós a (...). Epá voltemos todos para trás, que a gente não consegue lá chegar, que a polícia cercou aquilo tudo.

Portanto acho que foi a minha primeira ação e este o 5 de outubro que eu vivi em 1958. Porque eu o ano passado, ou há dois anos, vi uma reportagem na televisão com estas primeiras imagens todas que eu estou aqui a descrever, mas depois aparece o Humberto Delgado já entre a praça Couceiro e o cemitério do Alto de São João a refilar com o polícia, que eles queriam uma coisa e ele queria outra. Ele 'tava...! Eu já não estou aí - eu nesse momento - eu já não assisti a isso, vi na televisão. Eu já estou no meu 5 de outubro. Sei que depois eles chegaram ao Largo António José de Almeida e puseram lá uma coroa de flores, não sei que mais. E eu dava-me uma vontade de telefonar para a televisão: «Esse não é o 5 de outubro de 58. O 5 de outubro de 58 é aquele que eu vivi». Portanto, penso que esta foi a minha primeira ação.

A partir, portanto, tive mais uma série de coisas. Depois, isto eu fui para casa. Foi no outro dia comentámos tudo isto. Os meus colegas começaram a ganhar mais confiança em mim, porque depois vieram-me dizer: «Epá a tua fotografia está no jornal! Tens a tua fotografia no jornal», não sei que mais. Eu nunca vi essa fotografia, depois mais tarde eu consegui pesquisar num livro de coiso e vou apanhar essa outra fotografia da ocasião. Portanto, comecei a ter mais contactos, não é? É a partir daí que depois na Material de Guerra, pessoas mais politizadas me começaram a organizar mais e que tentaram levar pró Partido Comunista, que não cheguei a ir, por esta coisa que fiquei com muita pena. Vim mais tarde.

Depois eu regressei à Material de Guerra. Regressei à Material de Guerra. Entretanto já estava envolvido em tudo isto. Depois houve uma concentração que fizemos à porta da casa do Humberto Delgado na Rua Filipa de Vilhena, salvo erro, ali ao pé, entre o Marquês de Pombal e a praça de Espanha, acho que é. Ali ao pé do Hospital de Santa Maria, mais ou menos aí nessa zona. Fomos lá para prestarmos homenagem. Eu fui mobilizado por pessoas da Material de Guerra, é evidente, não é? Chegamos lá e ele já não estava lá. Então já ele tinha pedido asilo na embaixada do Brasil. Foi quando ele se despediu assim, foi no dia em que estive lá para lhe prestar homenagem. Depois escrevemos uns papeis, não sei quê, então fomos todos a pé até ao Rossio a denunciar que o Humberto Delgado tinha sido preso, junto das pessoas: «Humberto Delgado foi preso». Portanto, desde ali da Filipa Vilhena, que é ali ao pé do Marquês de Pombal, até ao Rossio aquilo foi... a dizer a toda a gente, todos felizes. Portanto foi uma das coisas.

Entretanto eu, passado pouco tempo, fui para Força Aérea. Fui para Força Aérea, fui para inspeção militar. Já estava mais ou menos politizado, já sabia, já tinha informação de que a guerra não ia acabar. Eu iria à guerra. Então para evitar a guerra fui prá Força Aérea. Assim foi. O meu ano, que eu seria militar de 1960, foram os primeiros contingentes que foram para guerra de Angola. Eu já não fui. Então alistei-me na Força Aérea e fui Cabo Especialista na Força Aérea durante cerca de 4 anos.

Aí continuei a ser o que nós chamamos o grande refilão. Que estava na Serra de Montejunto, assinava a República, o que já não era vulgar, e então para um militar... aquilo dava uma certa coisa lá nos militares. De tal ordem que depois sou convidado para fazer parte da organização do Partido Comunista na Força Aérea, o que aceitei. Portanto, tive lá

alguns contactos. Alguns trabalhos. E depois quando estava lá na ocasião em que já estava a ser muito conhecido como tal. Mas na Força Aérea havia uma certa liberdade, não era o Exército. No Exército havia... eram situacionistas. Os oficiais, etc., a maioria eram situacionistas, embora tenham sido eles que fizeram o 25 de Abril, não é? Mas já são outros, já não são... São estes do meu tempo, mas já mais tarde, não é?

Na Força Aérea não. Era gente mais liberal, não no sentido económico, mas no sentido político. E eu era assim um bocado acaralhado ... Mas depois fiquei, fiquei muito estranho quando houve o assalto a Santa Maria entrámos de prevenção. Nós da Força Aérea não tínhamos armas. Quem tinha era o Exército, que 'tava lá a guardar as instalações. Nós eramos cabos especialistas, eu era de radar - o que hoje são técnicos de radar, na altura chamava-se mecânico de radar. Recebem todos armas menos eu. A mim não me dão arma. E eu fiquei todo contente! Epá! Então eles estavam lá (entrincheirados?) na Serra de Montejunto e ouvem: «Olhem, olhem eu mando aqui eu! Eu sou o patrão!». Vim a saber depois do 25 de Abril que foi por isto, eu não [tive] arma porque já não confiavam em mim, não me davam já uma arma para as mãos. [Risos] De maneira que foi assim.

Lá na Força Aérea tirei o curso de Radar, que era o curso mais evoluído de eletrónica nas Forças Armadas. Que eram os Radares (...) Havia três cursos: era eletricista, rádio e radar. Radar era o mais evoluído. Aqui posso dizer que mais ou menos fui um homem que teve sempre uma estrelinha de sorte. Eu fui para Radar por influências. Porque quando estava na recruta, eu nunca me esqueço de uma ocasião em que estávamos numa palestra e o oficial está a contar umas coisas. Eu não sei o que é que disse, eu evitava expor-me, mas era impossível. O tipo notou logo (...) e esse homem quem era? Era um que mais tarde veio ser um homem do MPLA, que foi até Ministro da Defesa de Angola, que foi o Iko Carreira.

Ele desertou mais tarde, ele estava em Montejunto e depois desertou. Eu era amigo dele. Nunca dissemos quem eramos ou deixávamos de ser, porque mesmo que quiséssemos não o fazíamos, né? E muito menos que estava a preparar-se para desertar, embora eu estivesse de serviço no dia em que ele estava. Ele gostava muito de ir ao pé de mim e falar comigo. Ele era chefe dos operadores de radar, que eram aqueles que tinham os radares que faziam a pesquisa do espaço aéreo. Ele era chefe desse sector e eu era dos mecânicos de radar, que eram os técnicos que reparavam os equipamentos. E ele gostava de sair de ao pé deles e vinha para ao pé de nós. E dizia: «Epá, aqueles gajos não prestam». Eu hoje já vi porque é que ele gostava de ir pró pé deles. Ele já desconfiava quem eu era, ou já sabia mesmo não sei. Ele estava ligado também politicamente, depois desertou.

E, portanto, eu aí tirei o curso de eletrónica, mas saí da Força Aérea. Estive quase 4 anos na Força Aérea. Eu já andava a estudar na Marquês de Pombal, a tirar o curso de Serralheiro, cheguei ao 5º ano. E depois, como tinha esta parte eletrónica, então fui prá - fui mesmo para mesma escola que era em Alcântara, mas já não se chamava Marquês de Pombal, já se chamava Fonseca Benevides, porque, entretanto, a Marquês de Pombal passou para onde eram as antigas Salésias, que é onde estão hoje, que é para ali no Restelo, para essa zona. Então fui tirar o curso de eletrónica e lá andei, até acabar o curso.

Depois fui trabalhar. Saí da Força Aérea, fui trabalhar para a Siderurgia Nacional e é nessa ocasião que me comecei a ligar a pessoas que estava mais ou menos do contra, como se chamava no tempo. E informaram-me que havia uma concentração de estudantes na cidade universitária (...) Isto em (19)65 era um movimento estudantil e eu fui para cidade

universitária, juntei-me aos estudantes como colaboração. Carrega a polícia, como habitualmente. Eu consegui fugir. Juntei-me a um grupo de estudantes e fomos em manifestação até, isto foi à tarde, e eu sou preso cerca da meia-noite. Portanto andámos nas ruas de Lisboa, um grupo de estudantes, umas vezes maiores outras menor, passámos ali da cidade universitária até à praça do Rossio. Andámos lá imenso tempo a fazer de gato e rato outra vez com a polícia, como no tal 5 de outubro. Eu aí já era mais experiente e tal.

Fomos até ao Rossio, depois houve alguém que lançou a palavra de ordem que era para irmos pró cinema. Então fomos ver um filme ao Éden. E eu nunca tinha assistido a bater palmas no cinema. Hoje é vulgar, naquele tempo não. Então estavam a dar um filme de desenhos animais e havia sempre o bom e o mau, e a malta batia toda palmas ao bom e não sei que mais. Pronto, lá estivemos. Quando saí, estava a manifestação, estava a polícia à porta. Pegaram-me e levaram-me. Portanto, foi nessas circunstâncias. Ainda me lembro que um dos dirigentes que estava na - nunca mais me esqueci dessa cara e depois começou a ser uma figura política foi um senhor que chegou a ser Ministro dos Negócios Estrangeiros, que era o Medeiros Ferreira. Esse era um dos dirigentes dos estudantis desse 16 de março de 65 que eu nunca vejo referido quando se fala no movimento estudantil. Fala-se nesta, naquela, na outra data. Eu até já tenho posto no Facebook, em páginas que tratam nestes assuntos: «Então lembraste do 16...?». «Eu sou preso nesse!».

Somos presos 20! Eu tenho a lista, pelo menos 20, que eu tenho a lista deles, que eu tenho ido à Torre do Tombo. Fomos presos 20 jovens. Eles prenderam-me e tal, prenderam os outros. Tive no Governo Civil, passámos lá uma noite, uns em cima dos outros que eramos... aquilo era um curro pequenino. E nós tivemos de lá passar a noite toda. Na noite seguinte fomos para PIDE. Para António Maria Cardoso. No dia seguinte depois fomos para Caxias, tivemos lá um dia ou dois, entretanto mandaram-me embora. Mas mandaram-me embora, identificaram-me. [Eu]: «Sim senhora, eu estive lá. Eu fui ao cinema, fui ao Éden e vinha a sair, não tenho culpa nenhuma, não sei o que é que se passou, não sei». Fiz-me sempre anjinho. «Não sei de nada, não sei de nada». E pronto. E mandaram-me para casa. Depois voltaram-me lá a chamar porque as coisas não estavam a corresponder, porque eles pensavam que eu tinha já ido a julgamento uma vez. Eu disse que nunca tinha ido à polícia, nunca tinha ido a lado nenhum, esclareci lá as coisas. Pensei eu que me largaram. Mas não. Continuaram atrás de mim.

Porque eu sei, hoje, que eu fui trabalhar para Porto Santo e sei que há pedidos de informação da PIDE à PIDE de lá para saberem o que é que eu andava lá a fazer, qual era o meu comportamento. Portanto, tenho essa troca de informações e que o PIDE de lá, com quem eu falava: «Não, ele porta-se bem. Só acho estranho uma coisa: ele anda sempre com o Padre e nunca o vimos na Igreja. Mas de resto não vimos nada». Quem era esse Padre? Vocês conhecem - era o Padre Martins. Lembram-se do Padre Martins que ganhou uma câmara? Portanto esse foi meu colega e eu hoje sinto uma certa... se calhar fui eu que lhe pus o bichinho do contra. Porque ele já era um homem, com certeza já tinha consciência, ele já não usava esta coisa, andava sempre a assumi-lo. E eu andava sempre com ele. E depois eu falava-lhe nestas coisas e pronto.

Claro, não lhe falava no Partido Comunista, não é? Mas emprestava-lhe livros anticlericais. Epá, ele ficava todo ofendido. Mas tínhamos muita confiança, somos quase da mesma idade. Entramos naqueles pormenores dos namoros, não sei quê: «Epá, não é possível. Tão, mas tu não me digas que...». Ele ria-se. Nós ficámos muito amigos.

Entretanto depois eu vim lá de Porto Santo, vim para Lisboa. E mais um ato revolucionário. Eles não me quiseram dar férias. Eles não dão férias. A TAP abriu um concurso, eu inscrevi-me na TAP e mudei de um sítio para outro - 100 metros de diferença. E então no outro dia fui lá gozar com eles! «Então tás aqui a estas horas?!». «Eu já não tenho nada a ver com isto, eu agora trabalho ali!». [Risos] De maneira que foi assim. Era a minha vida.

Na TAP conheci... tinha lá um grupo de amigos que uma das nossas primeiras ações que tivemos foi: a TAP numa ocasião aumentou o café de 8 para 10 tostões - já estão a ver! - e nós fizemos um grande alarido e recusámos, deixámos de ir ao refeitório. E então comprámos uma cafeteira, dessas que é de fazer o café, comprávamos café, púnhamos lá. Depois o grupo começou-se a alargar, enorme. E formámos ali uma célula do Partido Comunista depois. (...) Chegamos a ser uns 10 que íamos lá todos os dias tomar o café. Depois aquilo era muito... era uma amizade, uma fraternidade, uma coisa enorme! Nós comprávamos o café e a cafeteira e depois no fim de bebermos jogávamos às moedas a ver quem pagava. Os dois últimos: um pagava o café, o outro lavava a loiça. Depois gozávamos com aquilo. Depois tínhamos uma escala: «Epá fulano já pagou o café tantas vezes! O fulano não sei quantos! Tu é que pagaste!». Depois no fim de termos um certo dinheiro íamos todos comer. Íamos a um restaurante e íamos gastar dinheiro, depois gozávamos com isto. Portanto era uma amizade enorme.

Entretanto esta amizade transformou-se depois, veio a atingir o centro. Nós decidimos um dia: «Epá, eles pagam mal», não sei que mais. Então fizemos um abaixo-assinado. Fizemos um abaixo-assinado a pedir melhores condições de trabalho e aumentos, etc. Então ali em poucos dias - eu posso dizer - eu, não sei se vem aqui outro rapaz que vai contar esta história também, ele pensa que foi ele e eu acho que fui eu - decidimos fazer um baixo assinado e em poucos dias conseguimos 600 e tal assinaturas. Isto só no sector da manutenção. E fomos entregar à administração. Fomos entregar não. Viemos um grupo restrito - que quando recolhemos as folhas, que as numeramos para saber se estavam cá todas, a gente sabe se faltam uma ou duas. Houve uma ou duas que nunca mais me chegaram à mão. Depois começamos a pensar que era um fulano. E eu, muitos anos depois, vim a saber que não foi ele. É um outro que me veio dizer a mim, pessoalmente, que foi ele que ficou com a folha. Portanto, nós tivemos sempre a desconfiar que era outro rapaz, não vou aqui dizer o nome porque seria chato. E durante muitos anos esse rapaz se vier cá vai dizer que foi o outro, mas não é, não foi o outro. Porque há um outro, um terceiro que veio ter comigo já depois do 25 de Abril: «Epá, fui eu. Aquela folha que faltava fui eu que fiquei com ela». E, portanto, a gente às vezes desconfia... então fizemos o abaixo-assinado, fomos enviar para a administração, mas fomos através dos correios. Fomos aos Restauradores enviar para a administração aquele pedido. Passado uns dias sou chamado à administração. Eu e outro rapaz. Epá... A gente sabia que eramos nós. Nestas coisas há sempre uma certa precaução. A gente pede a um ou dois para assinar e depois assina a seguir. Para não ser logo o primeiro, porque os primeiros dão logo cana. Já havia uma certa consciência. Nem eu, nem esse rapaz fomos os primeiros a assinar. Fomos os terceiros, quartos, por aí. Fomos lá chamados. O que é que eles querem? Eu fui mais o rapaz. Ainda era no Conde Redondo, neste tempo a TAP ainda tinha as instalações do Conde Redondo. Somos chamados à administração. Vem a conversa que «Não, não é mentira não. É verdade, eu assinei. Acho que está correto as reivindicações que estão lá feitas. Portanto, pretende-se melhor condições, nesta e naquela natureza». E por acaso já não tenho esse abaixo-assinado, que o dei em Peniche, está lá no Espólio, esse documento está lá. Uma

cópia desse documento. Eu tenho pena de não o ter agora, há bocado estava [a pensar]: «Olha deixei isto em Peniche, depois disseram que me davam e nunca mais me deram». Bom... e ficou assim. E viemos embora e começamos a pensar.

No outro dia chegamos ao trabalho e começaram todos a perguntar: «Epá, tão o que é que se passou?». Contámos. Toda a gente, aquele grupo restrito, sabia que eramos nós. E eu e ele em especial sabíamos. «Quem é que foi o gajo que denunciou? É um daqui. Só esta gente aqui é que foi. Epá, é o Manuel? Não. É o Francisco? Não. Não sei. Epá, deve ser fulano». Então embicámos para um senhor, mais velho que nós, que era assim mais conservador e não sei que mais. Foi o Baião Simões que os denunciou. Então arranjamos um estratagema que olhávamos fixamente para ele. Eu estava numa bancada, por exemplo aqui, ele estava numa bancada mais - aquilo era uma oficina que tinha várias bancadas, de vários serviços, eu era do piloto automático, ele era do UHF, mas estávamos ali perto uns dos outros - então combinámos. E combinámos meia dúzia de nós, daqueles que tínhamos mais confiança, fazermos uma perseguição ao homem. Então o homem começou a andar louco. Ele ia para a casa de banho, havia um que ia atrás. Se um não podia, ia o outro. Tinha que ir sempre um atrás dele. Ele ia ao refeitório, fosse onde fosse havia sempre um de nós, daquele grupo, que ia atrás dele. Um dia vem ter comigo: «Ó Marcelino…» - ele chamava-me Marcelino - «… Ó Marcelino, vocês pensam que fui eu que vos denunciei, mas não fui eu. Eu também não sei quem foi».

Então veio-me contar aquilo que é, depois, o evoluir das coisas da TAP. Por isso é que eu estou a contar este pormenor. Então ele conta-me isso, então conta-me mais: «Epá, até lhe digo mais, a TAP convidou o Celestino, o Careca» - e um outro, que agora não me lembro o nome, eu já tenho tentado... sei que eram três: era o Celestino, o Careca, que era o Santos Careca, que era o chefe - «… serem os representantes dos eletricistas». E eles vão anunciar um contrato, um regulamento qualquer, e esses eram os representantes dos eletricistas. «E, portanto, vocês pensam que sou eu, mas eles é que são os bufos». Epá, o que é que ele foi dizer. Ele disse-nos isso, disse-me isso a mim, eu secretamente disse aos outros o que é que se estava a passar. «E para os metalúrgicos vão fazer o mesmo. Já nomearam o Coimbra e mais não sei quantos, eles é que vão representar os metalúrgicos». Epá, o que é que está aqui a acontecer?! Falámos uns com os outros. E então fomos fazer, fomos uns 7 ou 8 - não sei, já não me lembro - ao Sindicato dos Eletricistas Regional. Nós sabemos isto, não dissemos quem é que nos tinha dito. «Mas vocês não podem fazer, nós é que queremos eleger as pessoas! Nós não admitimos que vocês façam isso!». Então conseguimos que o sindicato permitisse que nós fizéssemos as eleições para eleger os nossos representantes.

Fomos aos metalúrgicos e eles encetaram também uma luta. Aí já foi uma luta muito superior. Porque eles conseguiram chegar à direção dos metalúrgicos, mas começou aqui. Deste tal fulano eu às vezes digo: «Você é o precursor das juntas da TAP». Porque foi com a denúncia que ele fez daqueles, a mim, que eu informei nos eletricistas e informei na zona dos metalúrgicos - eu que já estou organizado no Partido Comunista e, portanto, já, não sabíamos quem eramos uns dos outros, não sabia com quem é que lidava. Vou aos metalúrgicos aviso-os, através da pessoa responsável por mim, ele lá avisou. Os metalúrgicos movimentaram-se e chegam ao sindicato dos metalúrgicos. Bom, então aqui o que é que fizemos? Fomos eleger. Então foi um processo que se calhar é inédito. Não

houve candidatos a lugares nenhuns, todos votavam em todos. Eramos todos eletricistas, cada um votava.

Eu sou eleito com a segunda maior votação, portanto, tenho cerca de 600 eletricistas, ou o que era, eu tive alguns 500 votos. Era para três comissões. Era para a comissão mista, para a comissão de segurança no trabalho e para a comissão corporativa. E portanto eu sou eleito e fico na comissão mais importante, que era a comissão mista. Entretanto nós estamos na comissão mista, a elaborar regulamentos, reunimos com a administração. Portanto, isto é tudo muito pouco tempo, você veja. Olhe só para gente ver mais ou menos o espaço de tempo, isto é muito pequenino. A decisão deste baixo assinado, é feita com a organização que tínhamos, mas porque os ferroviários tinham feito uma greve aos bilhetes. E nós: «Epá, os ferroviários fizeram, nós também devíamos fazer». Então o que é que decidimos fazer? Portanto, para ver o tempo que se passa aqui. Eu já fui ver aqui há tempo à internet ver que isto já é com o Marcelo Caetano, já em [19]69 mais ou menos 68 / 69.

Então nós vamos para a comissão, começamos a enrolar os regulamentos, mas aquilo não chegava. Temos de ir mais à frente, temos é de fazer um contrato coletivo de trabalho. Falámos com a direção do sítio, eu sou nomeado como representante para o contrato coletivo de trabalho. Começamos a elaborar uma proposta. A proposta é elaborada. Fizemos um projeto. Foi feito aonde esse projeto, depois de fazermos aquele documento para ser aprovado pelos trabalhadores? Por mim e por mais dois rapazes, também ligados ao Partido Comunista, numa igreja em - nunca disse à pessoa quem era e para que era aquilo - dum Padre, numa igreja em Loures. Foi lá. A primeira proposta de contrato coletivo de trabalho da TAP é feita na Igreja em Loures, que era o Padre Perestrello. Penso que era pai dum fulano que é hoje dirigente do Partido Socialista, não sei quê Perestrello. Penso que é filho dele. (...) Durante muitos anos tentei dizer ao tal padre Perestrello - mas ele já morreu, não lhe disse - mas foi lá feito a proposta. (...) Aquilo era em stencil, aquilo era muito complicado nesse tempo. Hoje a gente vai à internet (...). Depois tinha-se que fazer, depois calhou mal, depois era mais ou menos uma folha. Chegamos, viemos depois com os carros, com sacas serapilheiras cheias dos restos dos stencils. Deitámos ali na Serra de Loures. Portanto, então começamos a fazer isso.

(…) Eu ainda faço uns plenários e aquilo é aprovado. Entretanto em maio, mais ou menos, há prisões de dirigentes do Partido Comunista. Há a prisão de 6 ou 7 e depois em junho, fins de junho / julho, somos mais de 200 e tal presos. Como é que é? Eu não tenho ainda certezas, (...) não sei se ele era um infiltrado, se se rendeu depois de ser interrogado e não suportou a tortura. Portanto há um fulano, que ia a minha casa. Que eu emprestava a minha casa, porque ele era clandestino. Que emprestava a minha casa para ele ter reuniões. E, portanto, sabia disto. Ele, acho que estava neste sector, sabia disto e denunciou. E entre eles denunciou-me a mim. Portanto, sou preso.

Eu não sou preso na mesma leva. Sou outra vez o homem da sorte. Porque, entretanto, eu vou fazer um curso a França, quando são as prisões. Eu já tinha a informação que estava a ser gente presa, já estava a tomar precauções. Mas tinha garantias que as pessoas que estavam a ser presas eram de confiança, tinha esse à-vontade, que não havia problema nenhum - houve. Que ele vendeu-se ou já estava vendido. Eu fui a França, fiz o curso, tenho conhecimento que são presas mais pessoas. Já de base. Primeiro foram pessoas, mais ou menos, dirigentes, de topo, etc. Em julho são presos dois rapazes da TAP, que estavam nestas andanças comigo. Um metalúrgico - que foi para direção dos metalúrgicos

- e um dos eletricistas que estava comigo que estava comigo nestas comissões. Este dirigente dos metalúrgicos é um dos que - essa coisa do abaixo-assinado ele se vier cá vai dizer que foi ele o autor, né? Então como nós fazíamos as coisas, as coisas surgiam. Às vezes nem se sabia quem era o autor. Era uma pedra que se mandava ao ar, não se sabia quem é que a tinha atirado. Não sei se ele virá cá, é capaz de cá vir.

De maneira que foi assim. A minha mulher escreveu-me, informou-me que tinham sido presos esses dois rapazes. Que era o Candeias e o Afonso Rodrigues. E então eu fiquei assim: epá...! Mas como eu não tinha nada com eles politicamente. Politicamente, isto é, organicamente. Eu estava numa célula que não tinha nada a ver com eles, foram eles que se meteram numa alhada. Porque eu tinha estado a combinar com um deles, antes de ir para França, fazermos uma ação dentro da TAP que não se chegou a concretizar. Que era, começaram a surgir lá o parque de estacionamento começou a ser infestado com privados. Era o chefe tal, era o chefe tal, não sei quê. E a malta que tinha carro, chegava lá não conseguia estacionar o carro. Era só para chefes. E nós tínhamos, estávamos a combinar ir lá uma noite com uma lata de tinta e pintarmos aquilo tudo. Mas depois eu fui para França e não fiz. Quando me mandaram [a carta, pensei]: «Olha os gajos meteram-se naquilo e foram apanhados». Pensei eu que tinha sido por isso. Vou, não vou, vou, não vou - decidi regressar. Regressei.

Vim no fim-de-semana. Nós eramos para ir acabar o curso na América, mas depois decidimos passarmos por Portugal para vermos a família e depois íamos para a América a seguir. Eu já não cheguei a ir para América, porque, entretanto, sou preso. Então eu venho e no dia 15, portanto à quarta-feira, salvo erro. Tinha vindo no fim de semana. Aparece a PIDE lá no meu local de trabalho, que queria falar comigo. Sim senhor. Eu vi logo quem era. (...) Percebi logo, fiz-me de anjinho e tal. Eu nesse dia cheguei bastante nervoso a casa. Para já sabia desta situação, se é ou não é. Mas na véspera eu senti que a minha casa estava a ser vigiada. Por um fulano que eu desconhecia. Eu saía com a minha mulher e a minha sogra, saímos de casa, fomos até um largo onde havia uma coletividade, que 'tava sempre lá muita gente ali à porta - isto era no Verão. E quando saio de casa, passado um bocadinho, vi uma pessoa que vinha perto de mim. Quem é este fulano? Já andava desconfiado, fingi que não estava a ver nada. Continuei a andar, disfarçadamente e tal. Vi que ele continuava. Andamos 100 metros. Eu cheguei um momento - também já não eramos parvos - parei, descalcei o sapato e fingi que o sapato me estava a aleijar. Bati com o sapato, como se fosse uma terra que estava aqui assim. E ele passou. E quando passou ficou muito aflito. Senti que ele olhou para trás a ver onde é que eu estava. Ele viu. [Eu]: «Pronto, já está. Vens mesmo a seguir-me». Corri, fui direito à minha mulher e à minha sogra e disse: «Olha, vamos para casa». Elas voltaram. Quando começo a andar para trás outra vez, vejo que o fulano - senti - continuava atrás de mim. Preguei-lhe outra partida do mesmo género, ele despistou-se. Eu avisei a minha mulher: «Olha, eu estou a ser seguido, vocês vão para casa, mas não acendam as luzes». Porque eu morava numa casa, num local em frente, e via-se logo que se acendia a luz e saberia logo onde é que eu vivia. Disse para elas não acenderem a luz, para o fulano não identificar a minha casa. Entretanto despistei-o e então dei-lhe uma corrida. Eu sabia que ele ficou assim... eles eram estúpidos. Esta gente era estúpida. Só tinham um poder: era a pancada, era a tortura, era tudo isso. Hoje as polícias são científicas - descobrem isto, descobrem aqueloutro, não sei que mais. Eles eram estúpidos, completamente! Portanto este homem é despistado por mim - ele se me estava a vigiar tinha de fazer coisa dele. Mas eu consegui topar que ele estava a vigiar.

Porque eu depois vi-o na PIDE, depois vim a revê-lo na PIDE. Então elas conseguiram ir para casa, em casa eu tinha já poucas coisas, porque desde que esses moços foram presos evitei ter... as coisas estavam especialmente bem escondidas. Entretanto alguma coisa que tinha, que eu sabia que tinha destrui. Queimei uma série de papéis ainda, umas coisas que tinha em casa. E fui descansar.

Mas no dia seguinte fui trabalhar. Fui trabalhar cheguei lá, 'tava nervoso, era uma oficina com muita gente e eu tinha que preparar as coisas para ir prá América nesse fim-de-semana. Então decidi ir para um gabinete trabalhar sozinho. Passado um bocado aparecem-me cinco pessoas à entrada do gabinete: o meu chefe; um fulano que oficialmente dizia que era da judiciária, mas não era, ele era um PIDE que estava na TAP a vigiar - eu fiquei a desconfiar logo na ocasião, mas hoje sabemos depois do 25 de Abril que ele era PIDE, não era Judiciaria - era o Miguel, que toda a gente dizia que ele era Judiciária e andava em todo o lado e tal, que era o polícia. Não, o gajo era o homem da PIDE. É ele que me leva a PIDE aonde eu estava a trabalhar. Eles disseram que queriam falar comigo. E eu: «Sim senhor». Nem pedi identificação, nada, eles iam para tirar o crachá eu nem olhei, fiz-me de parvo, não é? E pronto, quando chegaram cá fora o meu chefe foi-se embora, o outro PIDE foi-se embora também e eles disseram [diálogo]: «Precisamos de ir a sua casa». «Tá bem, vão a minha casa sim senhor. Então, mas eu tenho ali o carro, eu vou no meu carro». «Tá bem».

Foram até minha casa, fizeram a vigilância lá a casa, eu deixei-os à vontade: «Vejam, vejam tudo o que tenham a ver». Epá, só que eu pensava que não havia nada que me comprometesse e estavam lá seis Avantes. Eram seis Avantes que eu tinha precisamente para distribuir à minha célula. Mas eu já tinha encontrado alibis prá coisa…: «Então, isso está aí assim. Olhe, encontrei». E eles começaram-se a rir «Então e este?». «Olhe, foi ontem quando cheguei ao trabalho, quando vim de França estava dentro do meu armário. Foi alguém que lá foi pôr isso. Vi o que era, até com medo não o quis deitar fora, com medo de que alguém o visse. Trouxe e escondi, até pensei que vocês não davam com isso. Mas estavam aqui escondidos que era para deitar isso fora». Mas eles comeram isto, eu consegui. Entretanto fui para Caxias."

"— Portanto foi levado logo para Caxias?"

"—Portanto eles levaram-me logo para a António Maria Cardoso e a seguir levaram-me para Caxias."

"— Então... e em Caxias? "

"— Então em Caxias... eu tive quê? eu tive isolado..."

"— Mas primeiro fez algum interrogatório? Ou foi só para...?"

"— Não. Identificaram-me, tiraram-me uma fotografia. Depois puseram um tipo ao pé de mim, que eu também já sabia a história do PIDE bom e do PIDE mau. Conversei com ele. Disse quem era. Eles perguntaram: «Então o que é que sabe do Partido Comunista? O que é que sabe da ARA?». [Eu]: «Nunca ouvi falar nisso. Não sei de nada disso. Eu sou da Comissão Sindical da TAP. Faço parte disto, faço isto». Tive ali dois ou três dias nisto e eu não saia disto. E eles ou convenceram-se ou não, mandaram-me embora. E andamos nisto, ao gato e ao rato, durante 4 meses. Fui chamado três ou quatro vezes sempre com esta história, aparecia o tal PIDE bom sempre ao pé de mim, ele conversava comigo sobre o

Benfica. Sobre o Benfica, sobre aquilo que estávamos a fazer na TAP, as reivindicações que estávamos a fazer. E dizia-lhe: «Depois não cumprem os horários...!». Depois fingi que pensava que a PIDE trabalhava nisso, que resolvia esses problemas: «Se eu soubesse já tinha vindo cá informar isso! Tão eles fazem assim, fazem assado. O horário... Eles mudam a gente de horário de um dia pró outro, sem dizer nada. E eu ando na escola e depois já não posso ir às aulas, pá. Estamos a reivindicar para que isto deixe de acontecer». «Ah pois!». E eu a fingir que estava a contar uma história a um gajo bondoso, eu também já não era parvo de todo, não é? E fiz-me sempre assim. Ele depois dizia que jogava râguebi no Benfica: «Opá! Eu também corri atletismo e fiz ciclismo, pá!». Falávamos sobre a bola, sobre o Joaquim Agostinho e passávamos assim, conseguia entreter-me assim nos interrogatórios.

Eu 'tava isolado num quarto sozinho. E eu 'tava convencido que vinha para casa, já estava mesmo a pensar. Eu consegui dento da prisão ter referências [de] quem é que estava e quem é que não estava preso. Portanto eu já sabia que esses dois rapazes da TAP estavam presos, mas eles não sabiam nada de mim, que eu era do Partido. Eles eram, mas nem eles sabiam de mim, nem eu sabia deles. Eram de células diferentes, eram as células estanques. Portanto eu sabia que da minha célula não estava ninguém preso, sabia também que o controleiro que me deu aqueles Avantes e que reunia comigo não estava preso. Portanto estava mais ou menos à vontade, eu continuei com esta tese de estava no armário. Até que ao fim de 4 meses há um rapaz que nos interrogatórios, através da tortura, etc., disse que me tinha alistado para o partido. Eles chamaram-me lá. Eu continuei a desmentir. Entretanto eles propõem-me uma acareação. E eu tive medo da acareação. [Eu]: «Isso é mentira, mas se ele diz isso..., mas é mentira. Mas eu assino o papel». E assinei em como de facto era do Partido Comunista. Portanto, desmentindo. Eles diziam-me que era outro fulano que 'tava a dizer que era eu. Eu nunca falei com ele sobre isso, se ele tinha dito isso ou não. «Se ele diz isso, o problema é dele. Mas é mentira, ele está a mentir. Mas eu assino isso». E assinei. Portanto a minha acusação foi ser membro do Partido Comunista e que recebia os Avantes. Foi isso.

Eu depois fui julgado, na Boa Hora, em janeiro, com esses dois rapazes da TAP e o Daniel Cabrita, que era presidente do Sindicato dos Bancários, que eles conjugaram isto como se fosse uma célula sindical e então juntaram-nos os quatro. Penso eu que foi por isso, porque eu não conhecia o Daniel Cabrita de lado nenhum. Os outros dois rapazes eu conhecia-os lá da TAP, um mais que outro. E fomos julgados na Boa Hora. Portanto isso foi uma farsa. Há uma acusação dizendo essas coisas, depois eu arranjei advogado através da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos, arranjaram-me um advogado que foi o (...) Baptista, que foi ver-me uma vez a Caxias, depois apareceu no tribunal.

Eles perguntam se queremos alegar, eu disse que não tinha nada a dizer, não adiantava. Não fiz declarações nenhumas no tribunal. Estava lá muita gente. Se calhar metade eram PIDEs, mas estavam lá os meus familiares, alguns deles, que eu tenho uma família... uma coisa enorme? Só irmãos somos 8, não é? Todos com filhos… E já alguns sobrinhos, nessa ocasião já havia sobrinhos. Eu tinha uma filha que nessa ocasião tinha dois anos e tal. E, portanto, fomos julgados. Os juízes foram uma farsa. Eu já publiquei isto no Facebook, o nome deles e tudo. Enquanto o Cabrita e o Candeias e o Afonso defenderam-se disto e de aqueloutro, eles estavam assim. (...) Eu fui o último a ser chamado e disse: «Mas eu estou

a falar para quê? Para o boneco? Não, não tenho nada a dizer». De maneira que fomos condenados. Eu sou o que leva menor pena. O Cabrita levou pena maior. O Candeias e o Afonso levaram ou 18 ou 20 meses, não me lembro. Eu apanhei 16 meses. Mas depois fomos os quatro para Peniche.

Estive lá até outubro, salvo erro. Entretanto eu adoeci e consegui vir para Caxias novamente. Tive aqui até acabar a pena. Era muito mau estar preso. Era horrível. Mas era o menos horrível, para mim, foi a prisão. O mais horrível para mim foram as visitas. Foram as visitas e o desconhecimento de como é que a família estava a viver.

Portanto as visitas. Nós íamos para um gabinete com vidro à frente. De um lado estávamos nós, do outro lado estavam dois familiares. Não nos podíamos tocar. Eu tinha uma filha com dois anos e tal que nunca a pude beijar. Nunca a pude beijar. Não podia dizer - isto agora que eu vos tive a dizer - não podia dizer nada disso. [Dizia]: «Não, não sei, alguma confusão qualquer pá. Vocês estejam descansados que eu vou para casa. Não, eles tratam-me bem, como bem, a cama é boa! Não, é mentira tudo o que dizem que tratam a gente mal». Eu depois saia dali. Aquilo era meia hora, uma coisa assim, e ia para cela. E eu dizia: «Não quero mais visitas nenhumas». Porque aquilo era uma aldrabice que eu 'tava a fazer à família. A família também não podia dizer para eles não saberem. Eu saia de lá completamente rouco, porque tinha de estar a falar alto para eles ouvirem o que é que eu estava a dizer. A pior tortura que eu tive na prisão foram as visitas. Claro, no próximo dia que tinha as visitas, que era uma semana depois, já estava a desejar ver a família, não é? Era aquele momento... estava durante sete dias a dizer que não queria mais visitas, mas ao oitavo dia quando diz: «Tem ali visitas». Eu hesitava primeiro que não ia, mas ia lá. Durante este tempo todo que estive preso todas as visitas foram assim. Ali e em Peniche.

Depois de sair, outro problema enorme. Portanto eu saí, sou despedido da TAP. Entretanto eu vou à TAP à mesma dizer que eu tinha acabado a pena, queria trabalhar. (...) Argumentei com a administração, não em aceitaram. Comecei à procura de emprego. Como felizmente tinha uma boa profissão, que era técnico de eletrónica. Ainda hoje, mas nesse tempo mais, que eramos poucas as pessoas que tinham esta área. Apercebi-me que eu dava o meu currículo, que tinha trabalhado na Material de Guerra, que fui eletricista na Siderurgia Nacional, que tinha trabalhado na Força Aérea, tinha estado na TAP, tinha os cursos, tinha estado na Aeronáutica Civil. Sim senhora, ficavam encantados, depois começavam a notar. «Sim senhor, a gente diz-te alguma coisa». Nunca mais me diziam nada. Alto. (...) Comecei a mentir. E a outros depois comecei a dizer: «Então e depois saiu da TAP?». «Pois, eu não estava satisfeito, emigrei, tive em França, mas depois chateei-me e agora vim e quero retomar».

Consegui ir pró Metro. Fui para o Metropolitano de Lisboa, estive lá 4 meses. Estavam encantados comigo. Portanto eles estavam a fazer renovação dos sistemas de comunicação dos comboios, que era um género de um sistema de GPS que eles estavam a montar e que 'tava cá um francês. E eles não tinham ninguém lá no metro com credenciais, quando me apanharam a mim ficaram encantados, dadas as minhas habilitações. Que eu nessa altura já tinha concluído o curso de eletrónica da Fonseca Benevides, já tinha feito uma especialização em computadores, o curso que eu tinha estado em França era de computadores. (...) Era o primeiro computador que veio para Portugal, fui eu que tiro esse curso. Primeiro computador. Só para verem a versatilidade deles. Primeiro computador, era de 48Ks atenção. Mas fazia somente isto. o piloto automático do 707 eu

demorava uma semana, mais outro rapaz, a fazer o ensaio. Uma semana. Saía do avião porque tinha qualquer queixa, qualquer desconfiança, vinha para a oficina. Eu e outro rapaz, já completamente ligados um com o outro: um a ler as instruções, outro a registar o que é que tinha, era uma semana, se aquilo corria bem. Esse computador quando chegou a Portugal, fazia aquilo em 3 horas. De uma semana passou para 3 horas, só para verem - apesar de ter os tais 48Ks. Tão eles ficaram encantados comigo lá no Metropolitano, então um dia vão dizer à administração. O francês foi lá à administração dizer: «O homem, sim senhora, estamos descansados que este homem toma conta disto».

Vou à administração. Entretanto eles já sabiam que eu não tinha estado em França, já sabiam que eu tinha estado preso. Ou a PIDE ou eles pediram. Então o administrador deles - já agora eu vou dizer, um canalha, eu chamo-lhe canalha. Porque ele aparece, vejo-o na televisão várias vezes armado em arauto das empresas. E queria que eu assinasse um documento, aquele que assinavam os funcionários públicos: «Declaro por minha honra que estou integrado na ordem social», aquela coisa que assinavam os funcionários públicos. E ele queria que eu assinasse um documento daqueles. E eu disse: «Olhe, queira desculpar. Eu só posso assinar a dizer que sim, que estou de acordo com isso. Tanto pode ser mentira como pode ser verdade. Não tem outra hipótese. Olhe, mas eu estou aqui como técnico. Tão satisfeitos comigo como técnico, tão satisfeitos. Como político não tenho nada a ver com vocês. Isso já passou, foi a prisão, portanto não assino». Ficou assim, não assino. Estava lá o engenheiro comigo, o engenheiro meu chefe, ficou também... Não sei quanto tempo depois veio ter comigo: «Epá, nunca esperava você ter essa coragem». Esse homem ficou tão sensibilizado com a minha coragem, que arranjou-me trabalho para outro lado. Claro, já foi também dizendo que eu tinha estado emigrado.

Então fui trabalhar para a Matos Tavares, a sociedade comercial Matos Tavares. Não lhe contei a história. Vinha já credenciado desse engenheiro, que conhecia o engenheiro-chefe. Por acaso acabámos depois por saber que tínhamos relações. Esse engenheiro lá da Matos Tavares era o dono ou o responsável de uma revista de eletrónica e que publicava coisas sobre digitais. E eu tinha esse curso. E eu depois disse: «Olha que no artigo tal isto tá mal e o outro tá não sei quê». portanto eu próprio fazia emendas na revista, que era uma revista conceituada, era o melhor que havia cá no país. Fiquei lá, estavam encantados comigo. Uma posição muito melhor do que tinha na TAP, portanto, eu 'tava na electromedicina. Portanto, adaptei-me lá aos raio-x, a todos esses aparelhos, aos eletrocardiogramas, tudo isso. E depois estava a montar um equipamento, que era o primeiro, que era um aparelho de angiografia no Hospital de Santa Maria. Estive lá a montar aquilo tudo.

Entretanto veio o 25 de Abril e eu fui-lhes dizer a eles [diálogo]: «Epá, vou-me embora». «O quê?! Vais-te embora?». «Epá, então você teve aqui...!» - tive lá um ano e tal, portanto o 25 de Abril é em 74, eu sou solto em fins de 72, portanto tive lá em 73, um ano e picos provavelmente. Ainda saí lá do Metropolitano, tive lá uns 4 meses, tive lá à volta de um ano. «Epá!» «Não, não pá» - e ganhava mais! Eu ganhava lá 8 contos e tal e fui para a TAP a ganhar 6 contos e 500. Era dinheiro nesse tempo, mas tenho que ir lá vingar-me deles, eles agora têm de me gramar. E fui para lá, momento revolucionário, etc., portanto regressei à TAP. Aliás eu ganhava esses 8 contos e tal, mas tinha mais. Eu como normalmente andava deslocado, ia a Coimbra, ia a Faro, ia aqui ia acolá, reparar equipamentos a consultórios, tinha ajudas de custo, tinha os quilómetros do carro e tinha as refeições. Estava bem, estava muito bem, não tinha problemas nenhuns. A minha mulher nem trabalhava nem nada, que,

entretanto, ela depois saiu do emprego, que houve muitas complicações com ela também no emprego. Então saí, fui para a TAP e, entretanto, aparecem também os tipos do Metropolitano, foram lá à minha procura: «Epá, você é que tem de ir para cá!» «Epá não». Depois contei-lhe a história e tal. Depois, entretanto, o Metropolitano que me tinha despedido, naquele movimento revolucionário queriam que eu fosse. Entretanto não. Fiquei na TAP e por lá fui ficando.

Uma ocasião, eu me lembro quando estávamos na prisão, estávamos a falar da nossa vida no futuro, não sei quê e gozávamos. Não pensávamos que íamos ter a sociedade, nem íamos ver outro - a gente desejávamos e lutava por isso - mas era por confiança. Mas cá dentro... será que é possível? Estão tão bem organizados, pá. Fazem tudo o que querem. E assistir ao 25 de Abril, assistir ao 1º de maio. Eu disse muitas vezes: «Olhe, podia vir o fascismo outra vez. Deram-me a maior alegria que eu podia imaginar». Hoje olhe tenho tristezas pá, olha os resultados eleitorais do último fim de semana, fiquei triste. (...)

Eu só votei tinha 30 e não sei quantos anos pá. Nunca tinha votado. E hoje pelo menos então posso dizer: «Não gostas, foste tu que escolheste. Se não escolheste, podias ter escolhido». Dão-nos essa hipótese, apesar de tudo. Com as restrições, com esta comunicação social que temos, etc. Mas apesar de tudo é completamente diferente. É completamente diferente. Eu tive um dia destes na assembleia geral do Benfica, que eu sou benfiquista, e ouvi lá fulano chamarem: «Isto é uma ditadura!». [Eu]: «Você sabe o que é uma ditadura? Epá, meça essa palavra. Vá ao dicionário e veja o que é ditadura. Você 'tá aqui a falar, não concorda com aquilo, eu não concordo consigo, mas podemos dizer frente a frente que não concordamos um com o outro. No tempo da ditadura isto não era possível. Você dizia isso e eu calava-me e ia-me embora. Ou tinha muita coragem, ou 'tava sujeito a isto». E a pessoa ficou assim.

Isto é completamente diferente, vivemos num país...! Olhe uma coisa, que eu estava em França, houve uma manifestação lá em França. Epá, que beleza! Eu 'tava lá, eu 'tava a sentir-me no paraíso a sentir-me ver aquelas bandeiras, aquelas pessoas a gritar. Não sei a título de quê, foi a seguir ao maio de 68, nesse momento. Epá, estou numa manifestação pá! Depois a gente assistiu tanta coisa em Portugal... Não valeu a pena? Valeu a pena.

Então eu fui estudar, como disse há pouco, com 16 anos. Os meus netos têm no mínimo o 12º ano, com 17 anos! Olhe um que está hoje no hospital bastante mal, mas isto é outra coisa. O 12º com 17. Eu com 16 é que fui para o 1º ano! Eu nessa ocasião dava 50 erros numa redação, porque já tinha feito a 4ª classe. Há 5 ou 6 anos já me tinha esquecido destas coisas todas, já não sabia o que era o verbo, o que era um advérbio, o que era uma proposição, o que era tudo isso. Aos 16 anos, eu lembro-me que era uma turma, na Marquês de Pombal, de 40 alunos numa sala! O ensino noturno abriu mais ou menos nessa época, epá, era milhares. A minha turma tinha 40 alunos! Era tudo de 20 erros para cima. E eu consegui acabar o meu curso. Acabei o curso com 30 anos. Olhe, acabei o curso no ano em que sou preso. Se sou preso um mês antes não acabava o curso. Claro, tive em Porto Santo, mudei de curso, tive na Força Aérea - nunca chumbei! Acabei aos 30 anos, mas nunca chumbei. Tenho dois cursos, não é? O meu curso de eletrónica era 9 anos na escola! O meu curso de eletrónica era 9 anos. 9 anos! Era mais que o curso de um engenheiro, que são 4 ou 5. E eu quando acabei - não sei se tão a gravar ainda, então se calhar isto é importante! Eu quando acabei o meu curso de eletrónica, 9 anos, com matemática aplicada e com tudo inerente à eletrónica, se quisesse prosseguir os estudos

tinha de fazer 14 exames. Catorze! Tinha que ir pedir equivalência ao 7º ano para poder ir para o Instituto Superior Técnico. 14 exames. Se quisesse seguir para engenheiro. Então hoje o meu neto tem 17 anos, está no 12º, para o ano pode ir para Engenharia - 17! Eu neste momento já tinha 30. Já tinha estudo, tinha o curso da Força Aérea, tinha trabalhado sempre no duro. (...)

Isto era assim, o ensino era assim, porque havia o curso comercial, o curso industrial e os cursos dos Liceus. Estes eram prós trabalhadores, os cursos dos Liceus eram para as pessoas que tinham mais posses. E eram esses que depois prosseguiam para doutores, para isto, para aqueloutro. Havia alguns que foram engenheiro, eu tenho colegas meus que fizerem os 14 exames e foram. A mesma coisa que eu faria se tivesse só o 2º ano! Porque davam a matéria de tal ordem enviesada, que eu não tinha as equivalências das Histórias Universais, disto e de aqueloutro. Não tinha o Inglês e o Francês, tinha só o Inglês. Epá, então isto não valeu a pena, esta modificação? Ainda hoje estava a ouvir, hoje ou ontem, 'tava a ouvir os professores estão em greve. Epá eles não deviam saber, eles se calhar não sabem isto. No dia das eleições havia um Sindicato dos Professores que estava em greve porque não sei quê, não sei que mais. 'Tá mal? É sempre justo que a gente queira mais. Recuem 50 anos e vejam como é que era. Porque se não a juventude pensa que isto está mesmo mau. Não está. Eu fui para escola descalço, eu andei descalço até aos 14 anos. Lembro-me dos primeiros sapatos que tive. Eu lembro-me ainda hoje perfeitamente quais foi os primeiros sapatos. E já não era de uma família que passava fome, porque tinha lá umas territas. Trabalhava-se, é evidente, tinha de se trabalhar. Isto hoje está completamente diferente.

Salazar nada! Quando se diz: «Ah, precisávamos [do Salazar]», as pessoas não sabem o que era isso. E deviam saber, deviam saber".

José Duarte da Silva Vaz Teixeira

Ano nascimento: 1945
Local do registo: Torres Novas
Data do registo vídeo: 17-01-2022

"O meu pai era funcionário de finanças, pertencia à pequena burguesia urbana nessa qualidade. Como funcionário público sujeito a repressões terríveis e a legislações que o obrigavam a desabafar só no recato e na segurança do lar. Um homem avançado para a sua época, um homem que não era nada repressivo. A minha mãe era a profissão que a maioria das mulheres daquela época tinha - era mãe de família, era a gestora dos dinheiros que o meu pai, o José Joaquim, ganhava. Desde miúdos nos habituámos a sempre que o pai recebia o vencimento, sentávamo-nos a uma mesa com uma série de envelopes: isto é para a renda de casa, isto é para a água, isto é para a luz - e dividia-se aquilo por envelopes. Portanto, desde miúdo tive a noção das dificuldades económicas que havia na família.

Eu vivi a minha vida, desde os meus 3 anos de idade, na cidade da Guarda ao sabor das transferências que o meu pai tinha enquanto funcionário das finanças. Fui com três anos para a Guarda e saí da Guarda para ir estudar para Coimbra, para o primeiro ano de Medicina.

Esse período da minha infância - tive uma infância muito feliz, uns pais dialogantes, nada repressivos. Naquela altura, com 15 anos, tinha a chave de casa, que era quase uma conquista - hoje isso não é importante, como é evidente - [com] 15 anos exibia a chave de casa! Não fumava, porque não queria fumar, porque o meu pai aos 13 anos disse-me: «Se queres fumar, fuma. Antes quero que fumes diante mim do que andes a roubar-me cigarros, que era o que eu fazia ao teu avô».

Entretanto a minha escola primária foi uma experiência muito marcante em toda a minha vida. A escola primária que frequentei era a escola do Bonfim, no limite urbano da cidade da Guarda. Uma cidade com um clima terrível, uma cidade com pobreza muito grande. Os meus colegas de escola no inverno iam com sapatos que metiam água por todos os lados, por cima, por baixo. Malvestidos, com fome no intervalo. Houve uma altura em que me comecei a sentir culpado de levar uma merenda para comer no intervalo, porque a maioria da miudagem não tinha. Passava fome e olhava com olhos quase de inveja para a merenda dos dois ou três que tínhamos possibilidades de levar merenda.

Curiosamente para o liceu - o ensino obrigatório era quatro anos, na altura - para o liceu fomos dois, o resto entrou precocemente no mundo do trabalho ou emigrou com os pais para França. O Toninho Careca andava a acarretar baldes de cimento nas obras, baldes mais pesados do que ele. O Carlos Aragonês tinha um padrinho que era relojoeiro, foi aprender a arte da relojoaria. O Fausto foi carregar móveis para entregar na casa dos clientes. O Luzia foi guardar as cabras que a família tinha. Tudo assim dentro disto. Indivíduos tão inteligentes ou tão bons alunos como eu. Isso chocou-me.

O Zé Joaquim, meu pai, chamou-me à atenção porque é que isso acontecia, porque é que havia essas injustiças sociais e que era preciso criar-se um modo de vida, que se criassem condições - afinal todos nascemos iguais em deveres e obrigações, mas alguns nascem

mais iguais do que outros. O célebre Orwell que não era grande bisca, mas que tem uma afirmação muito curiosa: «Somos todos iguais, mas os porcos são mais iguais».

E seguimos os dois para o liceu e fomos os únicos dois que tirámos um curso superior. Isto chocou-me profundamente, fez-me pensar no «porquê» das coisas. E chamou-me a atenção para as situações reais. Aquilo que era a vida dos jovens na altura, no ensino secundário, são coisas que eu pergunto a mim mesmo: «Como é que eu não fiquei tontinho com tudo aquilo que se passava?». Não havia turmas mistas no liceu - havia turmas masculinas e turmas femininas. Isto porque não havia número de gente suficiente para haver um liceu masculino e um liceu feminino. Os recreios eram separados! Os rapazes tinham um recreio [em que] podiam vir cá fora, para o átrio, as raparigas ficavam lá dentro. Havia um piso para os rapazes e havia um piso para estarem as raparigas. Era proibido falar com raparigas depois de sair do liceu até uma distância de 100 metros! E as raparigas tinham que ir de meias e tinham que ir de saias e saia com altura devidamente estabelecida, abaixo do joelho!

Na altura da Páscoa, em que o Cristão tem de ir à desobriga, iam para as igrejas da Guarda as listas das turmas e que eram descarregados quando se iam confessar. E alunos - especialmente nos últimos anos, que não havia colégios nos concelhos - tinham que trazer um papel passado pelo senhor pároco em como tinham ido à confissão. E na aula de moral era chamado à atenção porque é que não tinham ido, porque é que não tinham cumprido com o preceito cristão pascal da desobriga.

Quando o Humberto Delgado foi à Guarda eu tinha - nasci em [19]45, foi em [19]58 - tinha 13 anos. Num sábado, alunos, funcionários e professores obrigados a ficar no liceu durante a tarde, nas turmas. Quem não fosse era chamado o encarregado de educação, para prestar declarações do porquê disso ter acontecido. O meu pai vira-se para mim e diz-me assim [diálogo]: «Olha lá, tu gostavas de ir ver o general, não gostavas?». «Eu gostava». «Então vais vê-lo, mas vais vê-lo de longe, que pode haver sarrafusca e podes levar». «Ó pai, mas é obrigatório…». «Isso é cá comigo». O meu pai foi chamado ao reitor, disse-lhe que sim senhor, que não, que eu não tinha ido, que tinha receio que no caminho... - mentiu: «Vês filho? Às vezes é preciso uma mentira para salvaguardar certas coisas. E mais importantes». [Risos] Foi assim uma vida até entrar na universidade. Estes pequenos pormenores marcaram-me muito, foram muito importantes na minha vida.

Cheguei a Coimbra e abriu-se um mundo novo. Primeiro e segundo ano ainda hospedado. Gentes de vários locais, uma casa onde às refeições eramos uns 20, em que havia troca de impressões, havia gente das mais variadas opções. E o meu interesse pelas questões sociais aumentou, começou a aumentar. Comecei a questionar, comecei a conversar, comecei a colher informação. Foi muito importante para mim que nessa casa onde almoçávamos havia estudantes das ex-colónias, pessoal das ex-colónias. Em que o problema da independência, dado a educação que tinha recebido em criança de Portugal uno, indivisível, de aquém e de além-mar, pluri várias coisas, começou a ser questionado. Comecei a questioná-lo. E começou a surgir: «Estes povos têm direito à sua independência». E sabendo um pouco de história, no pós II guerra mundial, em que combateram na Europa - tropas das colónias africanas, nomeadamente da França; combateram no Oriente tropas, contra o Japão, das colónias britânicas. Tudo isso claro que

traz como consequência a vaga independentista em África, mais ou menos pacífica, mais ou menos tentativa do neocolonialismo se implantar cedendo na independência. Era uma situação perfeitamente anacrónica, quando, na prática, a legislação, a prática social dos colonos portugueses em África era de colonialismo - com algumas especificidades. Nomeadamente em Angola, devido ao capitalismo português que tinha pouca força. Eramos um bocado os guarda-costas das grandes empresas internacionais e fazíamos o papel dos polícias para manter toda a gente na ordem. Em Angola as coisas eram um bocadinho diferentes - eu posteriormente já falo nisso, que me apercebi.

E começo a interessar-me mais profundamente pelas coisas. Entretanto há a célebre crise académica - a de [19]63 / 64 já não vivi, já foi o rescaldo, porque eu fui em [19]62 / 63 para Coimbra. A crise académica de 69 é um marco muito importante na vida de toda a gente que era estudante de Coimbra, na altura. É uma crise que começa com a eleição de uma lista unitária apoiada pelo Conselho das Repúblicas, em que havia gente democrata com espírito unitário, entre eles alguns comunistas. E que começa a levantar problemas [acerca] do funcionamento da universidade, sem avançar muito no problema da guerra colonial - que a médio e curto prazo nos afetava muito. Eram, portanto, reivindicações pedagógicas, saíram uma série de cadernos pedagógicos que eu hoje leio aqueles cadernos e digo: «Porra, os sociais-democratas subscreviam isto». Então gera-se uma crise terrível, em que o presidente da associação académica é mandatado para pedir a palavra na inauguração de um edifício universitário. Dizem que não, que não está previsto - mas ele fica mandatado para se levantar a meio e pedir a palavra. O Tomás não devia saber de nada - claro que estava a venerável ou venérea figura do Américo Tomás, que não sabia de nada e só disse: «Bem, agora fala o senhor ministro de qualquer coisa». Ficámos convencidos que ele ia falar. De repente começam a cochichar, fala o senhor ministro em questão e saíram todos. Aí tive o gosto, o gozo. A saída era por um corredor estreito, o Américo Tomás saiu rodeado por uma série de gorilas e de ministros todos enfiados e chamei-lhe aquilo que nós chamávamos só assim em surdina no recato do lar ou com amigos de confiança. Insultei-o de tudo - eu e outros. Olhe, foi um desabafar como eu nunca vi. E, claro, como era um corredor único que saía da sala, não havia como desatar a bater-nos, se não o Américo ainda levava também uns sopapos bem merecidos. É claro que a seguir desencadeia-se uma repressão terrível. A direção da associação académica é suspensa. Há processos disciplinares. O Alberto Martins, que era o presidente da associação académica, é chamado à PIDE, é interrogado. Entretanto há um movimento no sentido de suspender as sanções aos estudantes. É declarado o luto académico e, pela primeira vez na história do ensino em Portugal, é decretada uma greve a exames. Eu estava n 6º ano de medicina, era o ano em que me formava.

Entretanto o meu pai tinha falecido. Em termos económicos lá em casa as coisas estavam muito más: pagávamos 750 escudos de renda de casa e a minha mãe recebia 160 escudos de pensão de viuvez. Eu no 5º ano de medicina, o meu irmão no 3º ano de medicina. Eu comecei a dar umas explicações - que já dava, aliás. O meu irmão arranjou um emprego. E uma greve a exames nestas circunstâncias... Eu estava no 6º ano, no ano a seguir começaria a ganhar alguma coisa como interno do 1º ano. Mas pronto: é greve a exames, é greve a exames, está decretada, cumpre-se. Participei ativamente. A nível dos cursos há um movimento de eleição de comissões pedagógicas dentro de cada curso. Eu fazia parte da comissão pedagógica do 6º ano de medicina. Elegem-se delegados de curso, todos praticamente afetos a uma linha democrática unitária. Participo ativamente nessas

movimentações. Respeito a greve. Tenho uma mãe, que era uma mulher de armas. A Lucília, uma mulher de armas e que chamou os filhos e disse: «Eu sei que está decretada a greve a exames, vocês andam aí nas movimentações, nas manifestações públicas. Eu quero vos dizer que farão aquilo que acharem que é mais correto. Estamos em dificuldades económicas grandes, mas que não seja por causa disso que vocês deixam de fazer aquilo que acham mais correto fazer».

Há toda essa movimentação. Claro, respeito a greve. No meu curso, 6º ano de Medicina, ano de formatura, a greve tem uma adesão de 85%, o que é notável - que se reflete ainda hoje nas relações que temos entre nós. A universidade é fechada. A greve é respeitada, há os piquetes de greve, há as correrias com a polícia atrás de nós, há as portas que se abrem do cidadão comum, que nos deixa entrar quando estamos a fugir à polícia. Há as assembleias magnas que votam a favor da greve, massivamente. E depois há a direita. Há a direita minoritária que vota contra e que, curiosamente - eu gosto muito de falar nisto - o Papa, o bonzo mor da direita, era o Lucas Pires. Que curiosamente, um dia sou obrigado, já depois do 25 de abril, a ouvir o senhor doutor Mário Soares a passar um atestado de democrata ao senhor doutor Lucas Pires. Mas são fait-divers dentro da situação.

Entretanto sai uma legislação que subordina o adiamento do serviço militar obrigatório aos estudantes, que condiciona o bom comportamento académico. E, sem haver processos disciplinares de ninguém, há uma leva de gente que vai para a tropa de castigo. Entre eles, eu. Fomos 40 e tal, considerados talvez os mais perigosos da Academia e somos convocados para ir para Mafra.

Curiosamente dá-se talvez aquilo que eu suponho ser a primeira manifestação pública contra a guerra colonial, com os candidatos da CDE de Coimbra a acompanharem-nos ao comboio e em plena estação começar-se a gritar: «Abaixo a guerra colonial!» em público. A polícia não estava preparada para aquilo, não atuou. Acho que é a primeira manifestação pública contra a guerra colonial que é feita, é nessa altura. Que curiosamente soube que foi fotografada, mas perdi o rastro a essas fotografias, não sei ondem param, não sei quem as fez. E soube pelo responsável do PCP já aqui em Torres Novas, o Lancinha, que era funcionário da CP e que estava funcionário num comboio, que ele ia a conduzir e sairia a meio do caminho para entrar na clandestinidade. [Risos] Estas pequenas histórias são o tempero da vida, não é?

Vamos para Mafra. Estamos uma série de gente ligados às direções das comissões pedagógicas, à direção da associação académica, aos organismos autónomos - que entretanto organizaram espetáculos durante o período da greve e convidam-nos para participar num sarau de boas vindas aos novos cadetes. Recusámos em bloco e ficámos quietinhos na caserna.

Somos distribuídos por várias especialidades e a mim coube-me a especialidade de atirador de artilharia - acharam que tinha jeito para atirador, não tinha jeito nenhum. E mandaram-nos para Vendas Novas.

Em Vendas Novas há uma movimentação contra a guerra colonial muito grande da nossa parte. Porque têm a infeliz ideia desses 40 e tal, 14 de nós vão para Vendas Novas e são distribuídos por dois pelotões, por idades. Um pelotão de 20 pessoas, mais ou menos, cada

um. A acrescentar a isso estavam três indivíduos considerados malcomportados do seminário dos olivais, da crise do seminário dos Olivais há três que estão também lá - e que, com algum humor, os tratávamos por peixinhos vermelhos. Peixinho símbolo do cristianismo, vermelhos porque vermelhos. [Risos]

Há toda uma série de coisas que se começam a processar. Obrigam-nos a fazer jornais de parede. Eu tinha algum jeito para isso e participava ativamente - sim senhor, jornais de parede. Passados 24 horas os jornais de parede eram retirados e mandados para as chefias militares como um exemplo organizado de subversão por parte dos comunistas de Coimbra. Os jornais eram pura e simplesmente estudados no estado maior geral da Forças Armadas, como um exemplo de subversão. Havia aulas de ação psicológica. Então um pobre de um alferes ficava em palpos-de-aranha quando a gente lhe perguntava: «Mas qual é a diferença na legislação, nas relações existentes, para se dizer que Angola ou Moçambique são tão portuguesas como aqui Portugal?».

Havia um tenente que dava Educação Física, que dava Aplicação Militar, que era um individuo que defendia e que tinha participado nisso - tenente dos Comandos - que tinha participado em incêndios de aldeias de Moçambique, tinha participado em chacinas, porque tinham lá recebido os chamados terroristas e portanto terroristas eram gente para abater. Contestávamos isso frontalmente.

Eu sou chamado para Mafra em [19]69 e em [19]70 estou em Vendas Novas. Em Vendas Novas havia uns exercícios das marchas finais em que quando íamos nos Unimogs começávamos a cantar: «Ó liberdade / como é bom, é bom / como é bom viver». É uma tradução de uma canção da resistência francesa. [Canta] «O Liberté...». Então mandavam-nos calar. Provocatoriamente, quando nos mandou calar: «Isto não são assembleias magnas de Coimbra!» - dizia lá um alfereszito - ele virou costas e começámos a cantar 'A treze de maio na Cova da Iria'. [Risos] É claro, não teve como dizer nada e retirou-se pacificamente.

Militarmente procurávamos cumprir com as coisas, para não pôr em xeque os Alferes que nos vieram dizer: «Olhem que nós temos de dar informações individuais de cada um. Vocês aqui em termos militares portem-se certinhos» - e nós fazíamos questão de nos portar certinhos.

As marchas finais, nós eramos o inimigo e íamos atacar um pelotão de indivíduos saídos da academia militar, que era o [nosso] inimigo que estavam acampados. Fizemos aquilo tão bem feitinho que os apanhámos todos nas tendas. Só o Capitão dos Comandos, mais alerta, que os comandava é que saiu cá para fora, mas foi placado pelo Manuel Leão - o meu colega de curso, que tem 1,80m e 80 e tal quilos - e ficou ali no chão. E atacámos aos gritos: «Abaixo a guerra colonial! Vai para a tua terra Turra! Vai para a tua terra Portuga!» - aquilo deu um escândalo. É claro que feitos caras de pau limitámo-nos a dizer: «Então, foi assim que dizem que eles atacam, que nos atacam. De maneira que temos de nos preparar psicologicamente para essas situações». [Risos]

Quiseram chumbar dois indivíduos que não tinham perfil para serem Oficiais de Exército. Então nós, nas marchas finais, nas corridas, conseguimos que os pelotões fossem mais devagar, eles saiam à frente e cortavam a meta em primeiro lugar. Chatearam-nos o juízo, tivemos alguns problemas. Quando foi na saída, eles não ficaram lá com uma coisa que eles achavam muito importante - levar a insígnia de aspirante, porque tínhamos a de cadete.

E nós saímos do quartel todos só com as estrelinhas de cadete, tirámos todos a chamada bicha, como eles lhe chamavam, de aspirante.

Fizemos pichagem nas carteiras, que eles obrigavam a apagar - e nós sim senhor, apagamos. Houve ameaças de nos mandarem a todos para Penamacor. Sabendo que quer a rádio de Argel, quer a rádio de Praga davam notícias dessas situações. Curiosamente os melhores classificados do curso [Risos] dos cinco melhores, o primeiro e o segundo, três eram de Coimbra, o primeiro e o segundo eram de Coimbra - desses castigados, desses perigosíssimos.

No começo de [19]71 conclui o curso, conclui o 6º ano de Medicina. Entretanto dá-se, em finais de [19]70 / 71, uma vaga de prisões da organização do MPLA [Movimento Popular de Libertação de Angola] em Portugal - que é desmantelada praticamente. Só não é preso um individuo que foge e que foi até há pouco tempo o Ministro do Interior de Angola, o Comandante Ngongo. É desmantelada e entre eles estão dois estudantes de Coimbra: o Fernando Sabrosa, estudante de Medicina e o Garcia Neto, estudante de Direito. Gera-se um movimento de apoio aos colegas em que se consegue que as aulas sejam transformadas em debates sobre a guerra colonial. A história do movimento académico de [19]69 e continuação, não está ainda muito bem feito. Há de facto um salto qualitativo muito grande entre a greve de 69 e este movimento que se gera em [19]70 / 71. E fecham a universidade, pura e simplesmente. E desata uma vaga de prisões.

Eu, entretanto, fiz o curso, estava no 1º ano de internato médico e gera-se uma vaga de prisões terrível. Em finais de [19]70 dá-se a minha adesão ao PCP. Adiro ao PCP e dá-se uma vaga de prisões. Eu já não era estudante, tinha saído das organizações estudantis do PCP, para criação de uma nova estrutura de jovens intelectuais - talvez um termo um bocado pomposo, mas pronto! Em que fico ligado ao Mota Barbosa, que estava no chamado 5º ano de Direito - que era um ano complementar de ciências político-sociais ou económicas ou políticas. Ele, dado a média que tinha, estava a frequentar esse curso, mas como estudante ainda pertencia à direção da associação académica. A direção da associação académica vai dentro, vai tudo dentro, o Mota Barbosa é preso - isto em janeiro / fevereiro / março de [19]71. Até que me coube a vez a mim, fui dentro.

Em março de [19]71 - aliás eu calculei que ia ser preso e fiz sair de casa toda uma série de papelada que lá tinha e com grande pena minha, que nunca mais recuperei o emblema dos 50 anos do PCP. Tinha o casamento aprazado para dia 28 de março, sou preso dia 21 a sair da ourivesaria onde tinha ido comprar as alianças para o casamento. [Risos] Fico umas horas na PIDE em Coimbra e sou levado para a António Maria Cardoso, onde tenho o tratamento que todos os presos políticos tinham. Eles não sabiam o tempo a que eu estava ou não estava no PCP. É evidente que o pessoal que vivia na clandestinidade, o pessoal do movimento operário, era tratado de uma forma muito mais violenta, muito mais agressiva do que um médico. Um médico sempre seria um gajo recuperável, mais recuperável pelo sistema do que propriamente na atividade sindical.

Chego lá e sou acusado: «Você é comunista, é melhor assinar, porque se não leva aqui porrada que você nem sabe o que é que lhe acontece». Entretanto gerou-se um movimento de apoio muito grande. O curso agarra no diretor do internato e vai à PIDE em Coimbra saber o que é que se passa com o Vaz Teixeira e ao fim de dois ou três dias mandam-me para Caxias. Vou para Caxias, estou isolado. Põem-me depois com um pobre diabo que

era sargento em Tancos na altura em que os helicópteros foram ao ar, que a especialidade dele era minas e armadilhas e que tinha uma vida de uns negócios mais ou menos clandestinos que lhe permitiam ganhar uns tostões e tinha o que seriam hoje sinais exteriores de riqueza pouco compatíveis com o rendimento de um sargento. E levou porrada de três em pipa, ficou tonto, ele que se tinha oferecido como voluntário para ir para a guerra colonial. E eu recatei-me um bocado a falar com ele - podia ser um gajo provocador a querer tirar nabos da púcara, mas não coitado, era um tontinho.

Entretanto a Lucília, minha mãe, visita-me em Caxias. A primeira visita, com a futura cara-metade, ainda sem casamento. Eu consigo mandar cá para fora que ela fez questão de manter a data do casamento: «Estejas cá o tempo que estiveres». Mandei uma procuração para o pai dela e o casamente efetuou-se a 28. Antes disso a minha mãe foi-me visitar. Então a Lucília, minha mãe, que era uma mulher que me deu uma força extraordinária, vira-se para mim e diz-me: «Olha…» - no parlatório, o vidro até acima, o clássico que é conhecido, ela de um lado com um agente da PIDE, eu deste lado com um guarda prisional - e a Lucília só me diz «… olha meu filho, eu sei do que é que te acusam. Espero que seja mentira, que é maneira de saíres daqui mais depressa, mas se for verdade tenho-te a dizer que tenho muito orgulho em ti. Se foi essa a tua opção é porque achaste que era a mais correta. E digo-te mais: lá em casa choro muito por ti, choro mesmo muito. Aqui, diante deles, não hão de ver uma lágrima a correr pela cara abaixo». Aí o PIDE interveio e disse: «Ó minha senhora, nós aqui não tratamos mal ninguém». E a Lucília, que era uma transmontana de pelo na venta, vira-se para ele e diz: «Cale-se! Não seja malcriado. Não se interrompe uma senhora da minha idade quando está a falar com o filho». [Risos] Pronto e a visita terminou ali, é claro.

Entretanto sou colocado com mais gente: com o Fernando Sabrosa, angolano, filho de pais portugueses; com um moço do meu processo, o Mota Barbosa; e com o Bruto da Costa, filho do Juiz da Relação de Lisboa.

O Mota Barbosa foi muito maltratado, coitado, e precisava de comprimidos para adormecer, Deram-lhe logo uns comprimidos que eram uma estupidez, deram-lhe barbitúricos. O Mota Barbosa, perturbado mentalmente como estava, tomou-os todos de uma vez. Eu de manhã levantei-me, havia o conto matinal dos presos e eu disse: «O Doutor Barbosa passou mal a noite, está aqui a dormir ainda, mas ele está aqui». Quando o destapo vejo que está enviusado. Estava em choque profundo. É claro, bateu-se para a cela ao lado - uma pessoa até aprendeu morse, para bater - o que se estava a passar, que tinha visitas, para avisarem que estava em risco de vida. Tiraram-no [para] a enfermaria ao fim da manhã, esteve na enfermaria até à tarde, até ser mandado para o Santa Maria, para uma Unidade de Cuidados Intensivos [onde] recuperou.

O Chico Bruto da Costa, com 19 anos, coitado, teve uma crise de violência contra tudo e contra todos e quase que também contra mim que estava ali ao lado. E é retirado. Eu entretanto no recreio, que era um espaço pequeno, caí e fiz uma rutura de ligamentos e fui para a prisão-hospital também - onde me volto a encontrar com o Chico Bruto da Costa, com o Mota Barbosa. [Risos] Então esse período, para mim, de estadia na prisão-hospital foi notável, porque contactei com gente presa há muitos anos. Gente que eu iria esperar que fossem pessoas duras, pessoas causticadas, revoltadas pela vida e afinal não. Afinal enquadravam-se perfeitamente na célebre frase do Che Guevara: «Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura». Gente de uma solidariedade. Camaradas com uma força

interior, determinação naquilo que queriam, que tinham lutado e combatido e iriam continuar fossem quais fossem as condições. Então há três nomes que para mim foram fundamentais: o Domingos Abrantes, o Ilídio Esteves e o Zé Carlos Corticeiro. O Zé Carlos Corticeiro, com uma insuficiência respiratória muito grande. Foram fundamentais para mim. Se eu entrei lá recém filiado no PCP, saí de lá PCP da cabeça até aos pés e com uma determinação e com uma vontade de fazer e de lutar muito maior graças a eles. Gente, de facto, fora de série.

As condições na prisão-hospital eram diferentes. Havia uma ala para presos políticos e o diretor da prisão-hospital era o Doutor Meira, que permitia condições sem pôr em risco a segurança. Estarmos ali presos, mas com relacionamentos. As famílias iam para uma salinha. Tínhamos uma escala que iam servir café e chá às famílias. Um relacionamento mais aproximado possível de interação e de convívio social. Entretanto eu tinha que fazer fisioterapia, por causa do problema do meu joelho e aproximou-me o tempo de ir para o Porto, porque Coimbra era da competência territorial do plenário do Porto, os crimes de que eramos acusados tinham-se processado em Coimbra. E eu vou para a PIDE do Porto.

Uma enxovia miserável, uma coisa terrível. Era o edifício, depois havia um átrio com plantas atrás e depois, lá ao fundo, uns barracões alinhados sem luz do dia, sem nada e paredes meias com o cemitério. Do jardim viam-se as cruzes do cemitério. Aí a repressão era grande. As condições repressivas eram pesadas.

Entretanto zanguei-me com o médico, porque o meu processo não foi para cima e ao fim de uns dias pedi para ser consultado e disse-lhe [diálogo]: «O que é que se passa? O meu processo clínico?». «Não mandaram». «Ai não mandaram? Então eu estou na prisão-hospital, estou no hospital e venho sem processo clínico? E o senhor não o pede? Eu preciso de fazer fisioterapia!». Perguntou-me o que é que eu fazia, eu disse: «Eu sou médico». Começou a tratar-me por colega, eu continuei a tratá-lo por senhor doutor, com o devido respeito - que não era nenhum, mas pronto. [Risos] E começo então a ir à fisioterapia.

Então dá-se um episódio curioso: um colega do meu curso, o Strecht [Monteiro] que foi deputado - havia dois Strecht, um de Direito e este de Medicina - que estava no Santo António quando soube e foi-me esperar à porta. A PIDE proibiu, porque isto era uma manifestação de apoio a um preso político.

Então a primeira consulta que tenho é notável, porque a consulta num consultório pequeno, só com uma porta de acesso que dava para um corredor; a janela era a nível da cave, só havia umas gateiras que davam para a rua. O PIDE que me vinha a acompanhar fica de pé atrás de mim. O médico pergunta: «Então o que é que se passa consigo?». E eu digo [diálogo]: «Olhe senhor Doutor, a primeira coisa é que a presença aqui deste senhor viola o direito ao segredo profissional a que eu, enquanto doente, tenho». «Então, mas esse senhor não o vem a acompanhar?». «Sim, vem-me a acompanhar, mas por razões alheias à minha vontade. Este senhor vem-me a acompanhar porque ele é agente da PIDE e eu estou aqui preso na PIDE, mas isso não me rouba os meus direitos como doente e tenho direito ao segredo profissional e a presença dele viola esse direito». O médico ficou um bocado atrapalhado, porque estava ali um PIDE e a repressão não era brincadeira e perguntou-me o que é que eu fazia. «Eu sou médico interno do 1º ano do internato». E o homem aquietou um bocado «Pois, de facto o colega tem razão». «Pois, doutor. E até lhe

digo mais: a consulta só se efetiva se este senhor não estiver presente. Se este senhor não sair eu recuso a consulta e faço uma exposição ao meu advogado e à ordem dos médicos do que se está a passar». E o PIDE saiu mesmo. [Risos]

No ginásio, durante os exercícios de fisioterapia que tinha de fazer, solidariedade de alguns doentes que estavam. Foi assim uma experiência curiosa que tive.

Entretanto começou o julgamento. O meu advogado era o Zé Luís Nunes, do Porto, ligado ao PS. Logo das primeiras coisas: «Você não venha para aqui fazer acusações à PIDE, a seguir as palavras de ordem do partido!». [Eu]: «Está bem, eu entendo, não se preocupe». O meu irmão é dado como declarante pela acusação, porque quando me passam a revista a casa - o meu irmão sempre esteve ligado aos meios esquerdistas, antes e depois do 25 de abril - e tinha lá umas traduções em inglês que tinha feito de umas obras do Mao Tsé-Tung e eles levaram aquilo. O meu irmão é chamado e perguntaram-me [diálogo]: «Isto de quem é?» «Isto não é meu» - porque eu na altura partilhava o quarto com o meu irmão - «Então se não é seu, é do seu irmão!» «Isso é convosco». O meu irmão é chamado e perguntam-lhe quem é que lhe tinha cedido aquilo e ele diz «Eu não tenho nada que dizer. Isso é meu e acabou-se», e há um PIDE que lhe dá uma estalada, ele pega na cadeira e avança para o PIDE «Eu posso sair daqui para o hospital, mas há um gajo que leva com a cadeira pelos cornos abaixo!». [Risos]

Foi chamado como declarante. Então tem uma intervenção muito curiosa porque o acusador público começa a ler excertos da tradução e vira-se para mim: «Está a ver? O que foi apanhado no seu quarto!» e eu aí, à revelia do advogado levantei-me e disse-lhe: «Por favor diga-me, isso está escrito com a minha letra ou está assinado por mim?» - o Juiz a fazer-me sinal: «Não, não». [Eu]: «Ah bom, pronto». E sentei-me. Entretanto vem o meu irmão, o declarante, vira-se para o meu irmão [diálogo]: «Então, o senhor..?» «Sim senhor, fui eu que fiz essas traduções». «Curioso. Curioso». O Juiz-Presidente, que era um Campilho de má memória, vira-se para ele «Afinal todos estes papéis que aqui estão são da sua responsabilidade e nenhum é da responsabilidade do seu irmão», e o meu irmão: «Claro, senhor Juiz, porque é que hão de ser da responsabilidade do meu irmão?» [Risos] e acrescentou: «Com isto escrito, por muito pouco não se sentou onde está o seu irmão sentado». «Tem razão, senhor doutor Juiz, tem razão. Aliás, neste país é por muito pouco que as pessoas se sentam ali onde está o meu irmão sentado». Claro que foi expulso [Risos] mandaram-no embora.

Entretanto quando começam as testemunhas de acusação, os PIDEs, que diziam que tínhamos sido muito bem tratados, que tinha sido tudo nos conformes. Entretanto há também uns episódios de uns professores que são testemunhas abonatórias, o professor Paulo Quintela que quase insulta o Delegado do Ministério Público, o acusador público, quando ele insinua que está a dizer coisas de encomenda em relação aos que estão ali sentados. Quando chega a vez dos agentes da PIDE irem testemunhar para irmos para julgamento e somos formalmente proibidos e revistados pela PIDE, que não podíamos levar nem caneta, nem lápis, nem papel nenhum para tirar notas - nem lenços de papel. Eu não gostei daquilo [Risos] é evidente! E quando chego a tribunal, à sessão em que iriam falar os agentes da PIDE, levantei-me - o José Luís: «Não!», sempre a chatear-me para eu estar quietinho - e pergunto: «Senhor doutor Juiz, eu estou, como sabe, estou preso aqui nos calabouços da PIDE. Preso à ordem de Vossa Excelência, que foi assim que determinou» - porque eramos sete, dois sem admissão de caução e cinco com admissão de caução

porque não tinham acusação de pertencer ao PCP apenas acusação de darem apoio público aos terroristas. E perguntei-lhe: «Olhe senhor doutor Juiz, estou aqui preso por ordem de Vossa Excelência, que assim o entendeu e vão ser aqui naturalmente proferidas acusações por parte dos agentes da PIDE e eu gostaria de tirar notas disso que vai ser dito. Com toda a confiança que tenho com o meu advogado, mas gostaria de saber que eu estou aqui, estou presente neste tribunal, para me defender das acusações». [Ele]: «Com certeza! Oficial de diligências, papel e esferográfica». Sabiam com certeza que eu já estava formado, de maneira que lá levava com o doutor à frente. A seguir perguntei-lhe: «Senhor doutor Juiz, naturalmente que as notas - o papel, a esferográfica e as notas que eu tirar - podem ficar na minha posse». «Claro, claro, Doutor, claro», [respondeu]. [Eu]: «Ainda bem que o senhor doutor Juiz o disse, para que os agentes da PIDE que estão aqui atrás oiçam - que foram eles que me proibiram de trazer papel e esferográfica para isto». O gajo fica assim revertido e os PIDEs ainda mais. E passei a ficar com os papelinhos todos na minha posse.

O julgamento foi decorrendo e chegamos às alegações finais - e aí o José Luís voltou-me a chatear o juízo: «Quero que tenha cuidado com o que vai dizer». Eu era o último réu. Os outros falaram muito pouco, eu como era o último: «Factos novos, factos novos!», dizia o Juiz. [Eu]: «Sim senhor, vão ser factos novos». Então inventei um pouco alguma coisa, colori o quadro, de conversas que tinha tido com os PIDEs durante o ato da prisão, nomeadamente com o chefe de brigada Capela e o inspetor Baleizão - um inspetor da PIDE com o nome de Baleizão, é um insulto à terra, mas pronto. [Risos] Comecei a dizer que tinha tido conversas, que sabia muito bem como é que eles atuavam, que muitas vezes tinham abatido a tiro opositores do Regime, que tinham deitado pela janela abaixo da PIDE um preso político que tinha sido presenciado pela esposa do embaixador do Brasil, então em Portugal, que levou à expulsão do embaixador de Portugal - Nuno Dias Coelho, que foi assassinado pela PIDE. Toda uma série de coisas: «Isto são factos novos, senhor doutor Juiz. Foram conversas que eu tive e que não vieram aqui a tribunal». Desfiei ali uma série de rosários contra a PIDE e terminei com uma afirmação de um livrinho que me foi lá parar às mãos - é um livrinho do Jorge de Sena, uma afirmação do Jorge de Sena que destaquei e diz assim: «Olhe como diria o Jorge de Sena, parafraseando o Jorge de Sena, que afirmou que os responsáveis políticos deste país ou prosseguem no caminho que vão e vão mergulhar o país provavelmente num banho de sangue, ou então que se retirem. Pelo menos vão ter um lugar no museu dos jacarés empalhados». [Risos] e terminei assim.

Fomos absolvidos todos. Toda a gente foi absolvida.

Sou libertado em 24 de fevereiro de [19]72. Estive praticamente um ano preso. Em [19]72 acabo o curso, começo a trabalhar já como médico no início de [19]73. E sou chamado para Angola em dezembro de [19]73. Tinha a minha filha nascido em outubro, pequenina - nem me deixaram passar o Natal com a família, fui a 20 de dezembro. Vou para Angola como médico militar.

Chego a Angola. Com a chefia dos serviços de saúde militar, tenho outra vez um arranca-rabo quando o senhor diretor me diz que eu nunca irei para zona do MPLA, porque [sabe] que tenho bons amigos entre os terroristas, que vou para zona da UNITA [União Nacional para a Independência Total de Angola]. Tenho que aprender o que é o nosso esforço de guerra. E era tradição entre os médicos militares, independentemente da patente que detivessem, tratarem-se por colegas: «O colega vai aprender…». E eu aí tratei-o por «meu

tenente-coronel». [Ele] [diálogo]: «tenente-coronel não, somos colegas!». «Com todo o respeito, mas as informações que me acaba de dar não têm que ver o exercício da medicina. Se fosse um oficial de segurança que me dissesse essas coisas eu aceitaria de bom grado, assim...». «Vá-se embora!». «Com certeza, meu tenente-coronel». E fui-me embora - a guerra começou aí. E, de facto, fui para zona da UNITA, onde me apercebi que havia uma tolerância em relação à UNITA muito grande. Havia uma delimitação de uma zona vermelha a partir da qual, por qualquer motivo uma patrulha portuguesa do exército colonial entrasse nessa zona era obrigado a comunicar para as chefias militares e retirar imediatamente.

Vou para o centro de Angola, para a região de Bié, Umpulo. Um posto lá isolado onde há os aldeamentos africanos, que - à boa maneira do Vietname - concentrados para melhor controlo em aldeias estratégicas. Que, para além de uma violência, obrigavam as populações, porque não podiam ter o seu sustento ali próximo, a irem para longe na altura das colheitas, afastarem-se para muito longe. Aquilo era nas margens do Cuanza, para os arrozais nomeadamente. Então estou no Umpulo quando acontece o 25 de abril.

Entretanto há dois agentes da PIDE no Umpulo. Um chefe de brigada que vivia numa casa assim um bocadinho ao lado do quartel. Um dia, para grande surpresa minha, estou a almoçar na Messe e entram-me aqueles dois figurões pela porta dentro para irem lá tomar café. Eu retirei-me. Fez, não sei quem, anos, lá um dos PIDEs, ou a esposa fez anos e foi toda a gente para lá e o Vaz Teixeira ficou sozinho a comer na Messe. Isto fez com que houvesse soldados do recrutamento provincial, como eram chamados os soldados africanos na companhia. Há um deles que vem ter comigo e diz-me [diálogo]: «Ó Doutor, então não foi almoçar ali a casa dos PIDEs?». «Eu não». «Não gosta deles, pois não?». «Não, não gosto muito», fiquei-me por ali, sempre com receio de provocações ou coisa que o valha. «Eu também não» dizia-me ele.

Entretanto vem o 25 de abril. Em cada unidade era obrigatório a eleição de um elemento que representasse o Movimento das Forças Armadas: de um oficial, de um sargento e de um praça. Então esse Neto vem ter comigo e diz-me [diálogo]: «Doutor, satisfeito hã?». «Sim, eu estou. E você também, de certeza, porque Angola vai ser um país independente, pode levar tempo, pode correr muito sangue, mas é irreversível e já devia ter sido há muito tempo». «Bem me parecia que o Doutor não gostava deles!». «Pois não». E depois disse-lhe mesmo: «Eu estive preso em Portugal, acusado de militante do PCP - o que era verdade - fui absolvido. Tenho muito bons amigos entre gente do MPLA, um deles até tem o seu nome Garcia Neto, se calhar é seu parente». «Ai não, família Neto há muitos Netos, há muitas famílias com esse nome, não têm nada a ver um com o outro. Olhe Doutor, nós, os angolanos aqui da companhia resolvemos que vamos votar em si para Oficial representante das Forças Armadas e vinha perguntar a sua opinião sobre sargentos». De facto sargentos não havia assim... havia um moço que era impecável, sério, mas entre os sargentos havia um que era filho do diretor da escola prática da PIDE - uma escola de formação de quadros que a PIDE tinha - e havia um alferes que era genro de um casal de PIDEs do Porto. [Risos] Então disse-lhe [diálogo]: «Olha, votem naquele. Na minha opinião, era aquele». «Então e soldado?». «Soldado, o cabo das comunicações, que o pai dele fez parte da CDE de Braga». E assim foi, assim ficámos.

Dali sou destacado, quando toda a gente, todos os médicos que já lá estavam depois do 25 de abril iam para zonas de cidades - eu sou chutado para o extremo leste de Angola,

para o Luau, então Vila Teixeira de Sousa. Sou chutado para o Luau, que foi uma experiência notável, foi de uma riqueza extraordinária. Porque o Luau é um ponto de passagem obrigatória da estrutura militar e da logística do MPLA que estava baseado na Zâmbia. Então vou encontrar alguns camaradas que tinham estado em Coimbra e que vou encontrar ali.

Há um comité do MPLA formado - eu, um bocado abelhudo talvez, começo a propor fazermos umas conversas sobre vários temas: sobre nacionalismo, revolução, neocolonialismo, colonialismo, racismo; e começo a ter umas conversas com aquele pessoal. Praticamente todos eles eram nacionalistas, mas de revolucionários não teriam assim muito. Então um dia entra-me pela porta dentro - estou lá a conversar - um grupo de militares do MPLA, que me fazem sinal para eu continuar - e eu continuei. No fim o responsável do MPLA no Luau disse-me assim [diálogo]: «O Doutor faz aqui estas conversas, nós concordamos de uma maneira geral com aquilo que diz, mas também não temos bagagem para discordar! Então tivemos de avisar». «E fizeram muito bem». Um homem notável, baixinho, pequenino, o Danjereux - Comandante Danjereux, que era o Comandante da região militar leste do MPLA, com sede em Saurimo, Luso, na altura. A primeira coisa que me pergunta: «Olha, gostei muito de te ouvir, aquilo que estás a dizer é perfeitamente a linha do nosso movimento». «Tenho pedido documentos ao pessoal que passa e de Portugal também me têm mandado algumas coisas». «Olha lá, tu estavas ligado politicamente a alguém, em Portugal?». Disse assim: «Estava. Militante do PCP. Fui preso, fui julgado, absolvido - era verdade. E quando regressar vou retomar o meu lugar no PCP». Aí começou logo a tratar-me por camarada: «Camarada! Nós temos um respeito e uma consideração muito grande pelo PCP. O PCP foi a única força política antes do 25 de abril e até depois do 25 de abril que defendeu a autodeterminação e independência dos povos das colónias. E se não te lembras disso, lembro-to eu: foi no V Congresso clandestino, em 1957!». Por acaso não sabia, vim a saber pela voz do camarada Danjereux qual era a data em que isso tinha sido estabelecido. Em que participaram, verdade seja dita, havia muitos estudantes das ex-colónias ligados aos movimentos da libertação, que eram militantes do PCP em simultâneo. «E a partir de agora ficas a fazer parte do comité local do MPLA». Eu falo disto, não é uma questão de culto da personalidade, é uma experiência que para mim foi importante. Eu só lhe disse: «Epá, eu sou médico, mas sou militar do exército colonial. Isso não se pode virar contra o MPLA? Os outros movimentos não podem valer-se disso e dizer que vocês estão feitos com o exército colonial?». Ele olha para mim muito sério e diz-me assim: «Olha lá pá, e no meio dessa conversa toda onde é que tu pões o internacionalismo proletário?». Pronto, arrumou-me! [Risos] Com aquela do internacionalismo proletário arrumou comigo e fiz parte, integrei o comité local do MPLA com os pelouros da saúde e da formação política - dois cargos assim um bocado pomposos.

Dei formação a enfermeiros, mantive as minhas conversas. Quando o pessoal do MPLA se deslocava a algum lado eu fazia gosto em acompanhá-los. Vivia fora do quartel - eu e outro colega - e a UNITA fez queixa de mim ao comando militar, que não estava a seguir a norma da imparcialidade em relação aos movimentos que as Forças Armadas Portuguesas tinham. Claro que telefonaram e disseram só para ter cuidado".

Vicensa Ferreira Marques

Ano nascimento: 1934
Local do registo: Couço
Data do registo vídeo: 24-02-2022

“Sofremos muito aqui na nossa terra. Foi uma terra de muito sofrimento. A gente passou muito. A gente se queríamos ir buscar uns paus de lenha ou algum mato para queimar, a Guarda apanhava a gente e até as sacas tirava à gente - isto é tudo verdade!

Eu tinha 22 anos. Cheia de vontade de fazer alguma coisa na vida e eles não deixavam. Não tínhamos nada, nada com que a gente se governasse. Quando tínhamos trabalho trabalhávamos, quando não tínhamos trabalho temos fome. Fomos fazer greve. Estava tudo em greve aqui e eles não queriam, é claro, que a gente fizesse greve.

A gente trabalhávamos de sol a sol, pegávamos ao nascer e despegávamos ao pôr. Sempre a pé, a ir para o trabalho, para onde a gente apanhava, para muito longe. A gente chegamos a ir daqui além para o Sol-posto, para as Faias, ali lá para baixo - sempre a pé.

De verão era o arroz e de inverno íamos arrancar mato, arrancar moitas. Não havia tratores, era a gente com as enxadas, os enxadões, a arrancar mato. Eles davam umas empreitadas à gente. Cada uma tinha um talhão para tirar, enquanto não o tirasse não ia para casa. Então a greve foi por isso, para a gente apanhar as oito horas. Mas era uma coisa louca. Foi uma coisa do pior.

Eu não sei bem a data, sei que a minha menina tinha três anos e agora tem 66. A gente ajuntamos assim aos grupos. Eu estava num grupo, com a minha menina ao colo. [Emociona-se] Eu até nem gosto de falar nisto, mas isto passa. Eles mandaram-me largar a menina no chão e levaram-me para uma camionete - a mim e a um grupo de mulheres, todas da mesma idade mais ou menos. Eu devia ter aí 23 anos. Eles mandaram-me largar a menina, eu larguei a menina e levaram-me para dentro do carro. A mim e a várias. Tudo aos empurrões, tudo aos encontrões.

Levaram a gente para Mora. Depois em Mora mudaram a gente para um carro diferente, à noite. Trancaram aquilo tudo, as ruas, com a guarda e meteram a gente para dentro daquele carro. Um carro grande todo em ferro. E fomos. Andaram toda a noite com a gente por aí. Chegou a uma certa altura - um carro cheio de mulheres - umas faziam chichi, outra vomitavam, outras choravam. Eu era sempre a chorar, eu chorava sempre. E mais como eu, mas eu era muita chorona.

Até que chegaram a um sítio, não sei onde, foram buscar uma pouca de serradura e puseram - a gente todas descalças, naquele tempo ninguém tinha sapatos. Não fomos para Caxias logo nesse dia, ficámos numa esquadra. Vinham buscar a gente cá abaixo - ainda me lembro - íamos por uma escada em caracol lá para cima. Era sempre aos encontrões à gente. Cada um levava uma mulher de cada vez. O chefe uma vez chegou lá a uma janela. A gente já estava lá há oito dias, ninguém se vestia, não tínhamos roupa, íamos conforme estávamos. Mais de oito ou quinze dias sem nada... mulheres. Então ele mandava para lá às vezes uns maços de algodão, umas coisas assim para a gente se desenrascar. Ao fim de uns dias lá fomos para Caxias. Lá estivemos uma quantidade de tempo nos interrogatórios.

A mim não me bateram, mas houve lá colegas minhas que apanharam. Falavam muito mal para a gente, muito estúpidos, muito malcriados. Lá tivemos o tempo que eles quiseram, sempre a sofrer, sempre a penar, sempre.

O meu marido ficou cá a tomar conta [da nossa filha]. Andava a trabalhar. Ele ainda fugiu, também o queriam apanhar a ele, mas ele andou uns dias fugido e aquilo depois acalmou. Só uns dias. Ele ficou com a menina e com a vida toda.

Tive aí quase sete meses, mas houve pessoas - esta que aqui está teve mais tempo. A gente não sabia nada. A gente estávamos lá, eles sabiam que a gente não sabia. Alguma mais fresquinha queria falar - eu não falava muito, porque tinha muito medo e só pensava na minha filha. Essas que falavam mais, eram maltratadas e apanhavam. Mas eu não, eu safei-me. Ouvi grandes ripostadas, malcriados, estúpidos. Maltratavam a gente.

Aí [em Caxias] eramos mais maltratadas no comer, comemos mais mal. Mas as salas eram melhores que lá onde a gente estava. A gente lá [António Maria Cardoso] dormíamos no chão e lá em Caxias tínhamos camas. Dormíamos no chão, assim. A gente sofremos assim, sofremos muito, mas não é como certos presos que tiveram.

A gente tínhamos uns sinais lá na prisão que dizíamos uns aos outros, batíamos [na parede], lá uns sinais que a gente tinha, pessoas mais experientes do que nós. E sabíamos quando é que tinham levado porrada, quando é que tinham estado toda a noite no castigo - a gente sabia. Sabíamos mais ou menos. Não sabíamos, mas sabíamos. Passámos assim muito, sofremos muito, mas ainda houve quem sofresse mais do que aquele grupo onde eu estava. Eramos todas raparigas muito novas ainda.

A minha filha tinha três anos, mas ainda se lembra de ir à cadeia. Ainda ontem à noite tivemos a falar disso - ela mora em Santarém. Ela disse: «Mãe, eu ainda me lembro», por isso ela nunca se esquece. E tinha três aninhos, ainda se lembra de me ver lá. E eu também me lembra, porque diziam-lhe a ela: «A tua mãe está presa». e ela pensava que eu estava presa com uma corda. Foi assim a nossa vida. Ninguém imagina o que é que se sofreu. Ninguém imagina.

Deixavam a gente ter visitas ali na esquadra, mas lá em Caxias já não tivemos visitas. Na esquadra o meu homem ainda lá foi, uma irmã minha... ainda lá foram. Agora em Caxias nunca tivemos nada. Tivemos lá aquele tempo.

Não fomos julgadas. Íamos todos os dias ao interrogatório. A gente seguia sempre o mesmo, também estávamos amestradas nalguma coisa, já tínhamos reuniões clandestinas… E a gente seguia sempre o mesmo, não dizíamos mais nada que era aquilo. Levávamos encontrões [diálogo]: «Quem é que as mandou? Quem é que as mandou fazer isto?» E a gente dizia que era a gente, que a gente queríamos as oito horas. Só falámos isso: «A gente parámos». «Então mas pararam porquê?». «A gente queríamos as oito horas, trabalhamos muito, andamos sempre de noite, chegamos sempre a casa de noite». E era verdade, isto era tudo a verdade, a nossa vida. Íamos de noite, abalávamos de madrugada e vínhamos de noite para casa, sempre. Eu não sei como é que a gente aguentou. [Risos]

Eu sofri muito, mas houve quem sofresse muito mais do que eu. Arrancavam-lhes unhas faziam muito mal, punham-nos dentro de calabouços, lá em Caxias, com água a correr. Eu sofri, fui maltratada era assim: palavrões, empurrões e comer mal. E foi assim. Uma vida assim, muito má.

Chegou o dia que vieram levar a gente ao comboio, lá quando eles terminaram. Voltei para cá. Fui trabalhar quando apanhei. Quando apanhava trabalho, trabalhava. Depois a gente apanhámos as oito horas, depois de muitas tentativas, não foi logo naquela altura. Anos e anos.

Foi anos, esta vida sempre, até vir o 25 de abril. Depois isto aqui ganhou calma, aqui e em todo o lado, mas a gente aqui melhoramos muito".

Vítor Manuel Alves Agostinho

Ano nascimento: 1951
Local do registo: Algés
Data do registo vídeo: 14-10-2021

"Eu nasci em Lisboa, no Bairro Alto. Sempre fui um homem ligado ao movimento associativo - ainda hoje mantenho. E havia dentro da coletividade, no Bairro Alto, uma atividade cultural forte, com uma série de iniciativas - na altura para um jovem de 20 anos - muito interessantes.

Fui paquete no SNI [Secretariado Nacional de Informação] - hoje é o Palácio Foz - que era onde o fascismo tinha a sua propaganda. Eu fui paquete ali. O meu pai tinha sido guarda do Museu de Arte Popular, depois morreu, depois arranjaram-me para ir para ali. E é uma coisa interessante. Eu sempre estive ligado, sempre gostei muito de trabalhar com as máquinas - na altura eram os duplicadores… Havia a publicação de um boletim - e é aí que as coisas começam - de um boletim dos Católicos Progressistas. E a PIDE andava em cima daquilo. E então onde é que essa revista era feita? Era feita por mim, no SNI. Ou seja, no sítio onde estava o poder da propaganda do fascismo, era aí que utilizávamos aquelas máquinas. Porque havia o serviço de redação e eu ia para lá escrever nos stencils (ainda) e depois nós pegamos nos duplicadores e mandámos. Nem nunca souberam, nem eu nunca falei muito nisto. Eles nunca souberam - porque nessa altura já não apanharam nada disso - nunca souberam onde é que aquela revista era feita. Deve ter sido uma dor da quinta casa. Aliás, nós na segunda prisão, quando saio, nós tínhamos uma casa de amigos de acolhimento que era mesmo ao lado da António Maria Cardoso, ao lado da PIDE. Quando o elétrico dá ali a voltinha, há ali uma casa. Tive ali nas primeiras horas do 25 de abril, ali guardado dentro desse edifício - não se sabia o que é que estava a acontecer. A ideia que tínhamos era: quanto mais perto nós estivéssemos deles, menos eles desconfiavam. Esta é uma história interessante, também, da vida da consciencialização política. Lá está, é a vivência de bairro.

Eu tinha um amigo - que ainda hoje, felizmente, é vivo - que foi ele que me meteu nestas coisas. [Disse-me]: «Eu tenho uma coisa que gostava que tu ...» - sabia que eu trabalhava lá - «… tinha uma coisa para tu fazeres, tirar ali umas coisas no duplicador». E, para mim, já naquela altura, coisas que eram para o risco aí estava eu! E é uma coisa natural. [Ele]: «Eu tenho ali não sei quantos stencils, que é para fazer 500 ou 300 papéis destes. Se tu te importas de fazer isto». [Eu]: «Epá, é claro que sim!». Estava ele mais preocupado com a minha segurança, do que eu com a minha própria segurança. [Ele]: «Sabes que isto tem que ser feito…» - é realmente o não ter consciência do perigo, do que é que se estava a fazer. Ele recomendava - na primeira vez, pelo menos, recomendou muitas vezes - «…, mas vê lá, porque não te podem ver a fazer isto, vê lá». E foi nesta situação.

Hoje pede-se para a gente tirar, na fotocopiadora, uns papéis que a gente precisa para a nossa organização - pedimos e tiramos. Nessa altura para mim foi entendido assim. Se ele precisa daqueles papéis lá para as coisas que eles estão a fazer, então estou aqui disponível. Andámos a gastar o papel do próprio fascismo em defesa da democracia. [Risos] Foi assim estas ligações!

Só muito mais tarde é que vim a consciencializar-me dos grandes disparates que eu podia estar a fazer e até a estar a pôr em causa o trabalho que os outros amigos estavam a fazer, devido a esta minha forma tão sem saber de nada. Só muito mais tarde…

Reparem: se eu estou a fazer uma coisa na redação do SNI, os Ramiros Valadões, aquela gentalha toda, aqueles fascistas, ali assim. Aquela redação era nesta sala e na sala ao lado era onde se batia o stencil - não era eu que fazia isso, eram lá eles. Eu estou ali, sentado, com uma máquina de escrever ao lado. A escrever aquilo e com eles a entrarem e a saírem! É uma falta de consciência da quinta casa! Quer dizer, bastava um deles dizer assim: «Desculpa lá, o que é que tu estás a fazer?» para tramar toda a ação! O que é facto é que nunca aconteceu! Eles deviam perceber que eu estaria a fazer as coisas lá para o clube, aquelas coisas da coletividade, que a gente não tem nada a ver com isso - que estas coisas, como sabem, depois eram feitas pela madrugada dentro.

Quando saí da coletividade ainda fiz parte de uma cooperativa, que era [a] Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal - que era ali nas escadinhas do Duque. Em que, aí, já havia uma grande presença de outros amigos, já com grande consciência político-partidária. Depois a gente veio a conhecer [o termo], não [sabíamos] o que é que é isso, mas veio a conhecer. Tínhamos um centro de convívio de juventude onde conversávamos e é esta forma lenta, mas a meu ver - pelo menos para a minha tomada de consciência – segura, desta transição de uma pessoa que não ligava a nada, a alguma consciência política.

A minha primeira grande ação é na zona oriental de Lisboa - Marvila, Chelas, uma zona operária na altura. É aí que dou um passo decisivo para o trabalho prático, que me leva a fazer trabalho junto das fábricas, na altura. Não era um trabalho de direção de trabalho, era mais uma pessoa que estaria ali a aprender. Fundamentalmente, toda a vida estive a aprender, ainda hoje. Aprender sempre. E é neste primeiro trabalho que se começa a ver a importância - o 1º de maio a vermelho, as grandes consignas da altura.

Há uma coisa interessante nesta minha primeira tarefa. (...) Em juventude levei logo no toutiço, porque – para mim - a minha ânsia de estar ligado ao PCP era de tal forma, embora sem grande consciência naturalmente, que a gente escrevia nas paredes: «1º de Maio» a vermelho «Viva o PCP!». Um erro crasso, um erro de principiante, porque se queria que o 1º de maio fosse uma coisa unitária e não uma coisa partidária.

É interessante que na minha primeira ação - [eu] todo de grande valor, de grande força - sou levado a dizer [agora] «Isto não devia ser feito. Isto não era para estar cá a escrever PCP nenhum». Para mim foi interessante este meu início.

Houve muitas ações, nomeadamente no Bairro Alto. Uma coisa que registo com agrado, porque a gente via os PIDEs todos aflitos à procura de quem é que andava a entregar os papéis - nós no elevador da glória, cá na parte de cima do Bairro Alto. Nós tínhamos uns papéis assim pequenininhos a dizer «Não à Guerra». «Abaixo a Guerra Colonial». E então o que é que nós fizemos? O tal grupo pequeno, sempre o grupo pequeno, pusemos nos muros do elevador, nas laterais, esses papéis pequeninos, que se aguentaram ali. Não fizemos nada, viemos embora. Depois com o vento os papéis iam caindo. Hoje era uma coisa interessante, com os meios audiovisuais que temos, os patéticos que eram aqueles PIDEs que andavam ali a olhar para todo o lado. Porque os papéis caiam e eles não viam ninguém. Mesmo assim ainda tivemos de fugir por aquelas escadarias a meio do elevador, que depois dá cá em cima para a rua, e tivemos de fugir por ali acima.

O centro de documentos, de propaganda, que tínhamos, foi feito - tem também a ver com a inexperiência - foi feito a partir da minha casa. Toda a documentação que havia foi posta ali. Aliás, quando eu fui preso ainda tinha ali coisas… hoje isso não aconteceria. Quando fui preso a 13 de maio ainda tinha materiais do 1º de maio em casa. Hoje nós guardamos os papéis como recordação, mas hoje não há perigo nenhum de estarmos assim. Na altura... mais uma inexperiência de juventude, não é?

Sou preso exatamente, porque houve aqui - penso - um erro. Na altura quando a PIDE assaltou a minha casa, perguntava acerca de uma organização que existia partidariamente [ARA]. Se eu conhecia aquela organização e eu dizia que não. Só que eu tinha em casa uma mala - e aqui foi o grande problema - uma mala com coisas que tinham vindo de França, com explosivos, com uma série de coisas que nem eu sabia o que lá estava dentro. Sabiam que eu estava no início de carreira - entre aspas - então era mais seguro ter aquilo na minha casa. Só que essa pessoa não sabia a minha envolvência já nisto. A PIDE de certeza que andava atrás daquela mala. Quando assaltam a casa, eu sou preso porque não sabia onde é que tinha o bilhete de identidade, que é uma coisa interessante.

Eles assaltaram - eu já era casado, tinha uma filha, fui pai muito novo - e (...) são quatro PIDEs que entraram por casa adentro. Ouvi uns a dizer para os outros: «Epá, isto se calhar falhou…» (...) - eu à procura do bilhete de identidade - «… pelo sim, pelo não vamos dar ali só uma voltinha, só para ver». Tinha os Avantes pequeninos em casa, tinha os materiais todos do 1º de maio em casa - quando chegam à mala foi a desgraça total. Para mim também, que não sabia daquela envolvência.

Aliás, eles estavam-me a torturar na PIDE e estavam a bater-me… isto tem a ver com a estupidez mesmo da altura. Havia uns sprays que nos adormeciam, depois começou-se a utilizar isto por causa dos assaltos, em defesa. Então o PIDE, com a mala aberta, pegou naquilo, fez assim e carregou. E estava-me a torturar na António Maria Cardoso e a dizer: «Ainda agora estou aflito da cabeça!» «Desculpe lá, mas que culpa é que eu tenho se você pegou naquilo e você próprio...?» Então ele ficava furioso comigo. Fartou-se de [bater]. Foi uma valentíssima tareia, puseram-me todo a sangrar. E como se não valesse a tareia também eu tinha a culpa do PIDE ter disparado.

Na Maria Cardoso, não cheguei a dormir lá. Isto aconteceu às oito da manhã, mais coisa menos coisa, e a meio da tarde levam-me para Caxias, para o isolamento. Onde estou dois meses isolado. Que é uma coisa... um rapaz como eu, como os outros com certeza, que trabalhávamos de dia e à noite íamos para estas tarefas, tínhamos a coletividade onde trabalhávamos, muito cheio da vida… e, de repente, mete-nos dentro de uma cela com zero. Ainda por cima em Caxias fiquei nas traseiras do Reduto Norte, que a única coisa que se via era a bota do GNR a passar de um lado para o outro. Não se via nada. Na parte da frente, pelo menos, a gente via o rio. (...)

É interessante porque acabamos por criar hábitos de disciplina, para passarmos o tempo. Portanto, as coisas que se faziam, as horas em que se tinha que ir tomar banho, a calça que tinha de estar engomadinha, como é que ela se punha. Todo o gastar de tempo. Aquilo que aterrorizava mais, a um jovem, era ser chamado à PIDE lá em baixo, era continuarem com o interrogatório.

Não fazer rigorosamente nada! Estão a ver o que é? Estarmos numa sala, um espaço onde há a cama, a parte da casa de banho - o Reduto Norte já não era como cá em baixo, que

era uma indecência como eles tinham lá os presos - e depois, zero. Não havia jornais, não havia visitas, não havia nada. Estava ali sozinho, perfeitamente sozinho. Com o objetivo de enfraquecer a nossa ação e, com isso, poder-nos retirar mais informações que eles precisavam.

Eles só tiveram um grande azar, porque por muito que eles quisessem tirar, não havia nada para tirar. Não havia organização político-partidária por detrás disto! Eu não estava organizado em lado nenhum, só com estas pequenas coisas.

Quando fui preso, eles queriam que eu dissesse nomes. Eu não tinha nomes para dar. Quando depois me levaram para outra sala na António Maria Cardoso e estava outro camarada a ser torturado também e fazia parte do meu grupo. A mim acabou ali. Eu acho que eles devem ter descoberto isso também, que tinham apanhado peixe muito miudinho, não tinham apanhado nenhuma coisa daquelas forte. [Risos] De maneira que desforraram-se a bater e a fazer aquelas coisas - foi a desforra deles.

Fui ao Reduto Sul várias vezes. [Faziam] Algumas ameaças, [que] enquanto eu não falasse eu não saía dali. Ao fim de algumas horas mandavam-me embora. Eles não eram estúpidos totalmente, sabiam perfeitamente, com as experiências, como é que estas coisas eram feitas. Mandam-me embora e estou lá em cima.

Quando saio, a fim dos dois meses, quando saio do isolamento e venho já para a parte da frente do Reduto Norte. No Reduto Norte, ali com mais dois presos políticos, foi uma loucura de conversa. É interessante é [que] em alturas em que eles eram transferidos e alturas em que estava sozinho voltava a angústia [que sentia] há uns meses atrás. O estar perfeitamente isolado outra vez…

Durante a prisão - [na] parte da frente já era um lugar, que hoje custa muito dinheiro, que tinha vista para o Tejo - e ali já nos ajudava a olharmos, já tínhamos outras coisas para entretenimento. Eu tinha uma namorada - coitada da senhora que nunca me conheceu, nem nunca a conheci a ela também. Cá ao fundo, naquela ribanceira junto ao Jamor, ela andava ali a estender as roupas - para mim era um entretimento extraordinário ver a forma como a senhora estava ali. Era uma coisa muito longe, sei lá, a dois quilómetros de distância. [Risos] Nem a senhora nunca me conheceu, nem nunca a conheci a ela. Mas é interessante, onde é que o nosso pensamento tinha de estar para nos podermos ocupar e não enlouquecermos.

Não cheguei a ter julgamento. Estava tudo preparado para o julgamento, mas eles ao fim daquele tempo de ter estado preso simplesmente chegaram ao pé de mim e disseram - diz o guarda prisional «Prepare-se que vai sair». O que também é estranho. Uma pessoa está ali aquele tempo todo, dão-nos tareia de três em pipa [porque] querem saber; depois está tudo muito bem - entre aspas - e de repente dizem: «Você vai-se embora!», sem nada. Já tinha advogado da Associação de Socorro aos Presos Políticos para me acompanhar e depois puseram-me na rua. Ao fim deste prazo dos seis meses põem-me fora. [Fiquei] quase a sentir-me que - agora a brincar - a sentir-me «órfão»: «Mas agora o que é isto? A guerra acabou?». E interessante!

Pegaram em mim, puseram-me à porta da prisão. Não disseram a ninguém que me tinham libertado. Desci por Caxias, fui por ali abaixo. (...) E vim apanhar o comboio a Caxias para ir para casa. Quando cheguei a casa a minha mulher ficou assim muito [espantada] - não

havia telemóveis, não havia nada destas coisas. [Risos] Foi assim que as coisas aconteceram.

Ou eles, entretanto, se desinteressaram desta célula - porque este período, desde essa altura até ao 25 de abril, foi um período em que eles andaram muito ocupados. Com o rebentar desta ação toda de oposição ao fascismo - eles não deviam ter sítio onde parar. Deviam estar ali aflitos, então tinham necessidade de deitar a raia miúda fora, para terem as prisões livres para entrarem aqueles que lhes interessavam mais. É o raciocínio que eu faço hoje - na altura não fiz nada disto.

Havia uma indicação de que, quando saímos da prisão, há um período - hoje é muito conhecida esta frase - há um período de quarentena. Não havia uma reintegração imediata na atividade partidária exatamente para que a PIDE não pudesse seguir. Comigo não aconteceu isso. Eu saí da prisão, no dia seguinte já estava a trabalhar outra vez nas ações que, penso eu, devem ter de alguma forma também contribuído para alguma desorientação da polícia política. Lá está de novo, devido - eu levo sempre para isto - devido à minha inexperiência e devido também às responsabilidades serem muito baixas em ação do trabalho.

Voltei à coletividade, fui expulso do clube porque era um perigoso comunista e fui expulso da coletividade onde estava, no bairro. Depois fui reintegrado, naturalmente. Hoje para o clube, sou sócio já muito velho daquilo, até é uma bandeira por ter aqui um homem que foi preso político. Mas, na altura, os legionários que estavam dentro do clube, serviram de denúncia áquilo que a gente tinha lá. A história das exposições com os livros proibidos. Todas aquelas coisas serviram para a PIDE entrar ali e ter rebentado com aquilo tudo.

A minha integração é imediata na continuação da atividade. É aí, nessa altura, que eu vou para a Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal e esta envolvência política mais acentuada.

A minha base de trabalho é sempre a base ligada ao movimento associativo. Ligado aos cineclubes, fazíamos sessões de cinema nas várias coletividades, integrando filmes de qualidade. Também um trabalho muito interessante na parte infantil. Eu ainda hoje faço parte de uma escola, sou diretor de uma escola muito conhecida nacional e internacionalmente, que é a Voz do Operário. Isto ficou tudo ligado. (...)

Com esta envolvência cultural, houve uma prisão que aconteceu já numa coisa, que hoje é conhecida historicamente, que era a constituição de uma cooperativa em Benfica. A desculpa naquela reunião que estávamos a ter - eramos mais de 50 ativistas. [Antes] só reuníamos dois ou três, de repente estão 50 juntos! Marcámos aquela reunião ali assim, e o objetivo era - de certeza que a PIDE ia saber, até porque daqueles 50… não sabíamos - se acontecer aqui alguma coisa o que nós vamos dizer é que estamos a constituir uma cooperativa de consumo.

Estávamos todos na reunião, a PIDE assalta aquilo e nós somos todos presos, vamos todos para o Governo Civil. Foi relativamente pouco tempo - era para ser muito tempo, mas foi pouco - foi em abril. Somos presos. Eles ficam muito aflitos, porque desde logo se organizaram coisas na rua em frente ao Governo Civil, onde estávamos presos. Malta a fazer manifestações - e já era uma loucura - malta a fazer manifestações. Porque era muita gente junta! Uma coisa é eles prenderem um ou dois, outra coisa era prenderem 50.

Bastava que as nossas companheiras e os nossos companheiros viessem para a porta do Governo Civil para aquilo ser logo uma grande enchente. Eles estavam muito aflitos, até isolaram o Governo Civil e tudo. Saímos pela porta debaixo do Governo Civil, para se ver o menos possível. E fomos, na altura, para Caxias de camionetes da polícia. E todos juntos, que era uma coisa... já era o descalabro total em termos de investigação. [Fomos] todos juntos, o que deu condições… nós até fomos apanhados [eu e o] Eugénio Ruivo, ele até trazia o manifesto do partido comunista. Íamos para Caxias com aquilo na mão! Estão a ver o que é? E eu disse, já não me lembro muito bem…: «Cuidado com o livro…», então ele pegou no livro…Não, não! Ficou no banco da polícia, lá em baixo, porque a seguir podia algum polícia pegar naquilo e ser mais um a tomar consciência! [Risos]

Nós fomos para Caxias a cantar a Grândola. A Grândola cantada no dia 25 de abril, como sabemos - a gente foi a cantar! Já era o podre do fascismo.

Eu estive preso com o Ruben de Carvalho, o Lino de Carvalho - que na altura tinha sido um homem e que chegaram a atacar, chegaram a pô-lo no hospital outra vez. Era tanta gente que tiveram de nos instalar nas prisões velhas. Eu não conhecia aquilo, era uma coisa louca, sem condições, sem nada e todos ali ao monte. Essa era uma verdade. A outra verdade é que nos ajudou a organizarmos entre nós: «Agora quando tu fores à PIDE tu vais dizer isto assim». Eu quando fui chamado à PIDE [perguntaram] qual era o nome, «Então o que é que aconteceu? É a mesma coisa que os outros gajos têm estado a dizer, não é? Epá, puta que vos pariu!». [Risos] O relatório era igual para todos!

Os dias vão seguindo, eu sou chamado apenas uma vez ao Reduto Sul, para interrogatório, onde fui de novo dizer isto: «Eu não sei» tal é que eles já tinham o meu histórico da prisão anterior. Mas é verdade que não aconteceu nada de especial, nem sequer tortura - nem bateram, nada.

No dia 24 de abril começaram a prender - veio-se a perceber isto depois - eles por vezes prendiam dirigentes políticos e no mundo do trabalho, por causa do 1º de maio, portanto, tinham de libertar de novo… e ali tinha sido um grande buraco, tinham apanhado nada para além de alguns nomes importantes da luta antifascista, mas não havia nada. Podia ser um homem muito importante na luta antifascista, mas ali estavam a tentar fazer uma cooperativa. De maneira que disseram-me «A gente vai-te libertar, mas vens mais depressa cá para dentro do que o que estás a pensar». O que é que eles estavam a tentar fazer? Estavam a prender - foi na altura que o Tengarrinha entra na prisão, quando aqueles nomes sonantes entram na prisão. Era uma prisão apenas - não era para lhes fazer nada - era só para os prender para eles não terem ação no 1º de maio. Depois naturalmente que os libertariam e depois, se calhar, a ideia era vir-nos buscar àqueles que tinham detido (…)

Eu saio. Estive preso com o Modesto Navarro. O Modesto Navarro estava a fazer a escrever um livro. Fui eu que o escrevi à máquina também, depois aquilo não resultou muito bem. Era um livro que, naturalmente, não tinha passado por lado nenhum. E ele convenceu-me, eu deixei-me convencer com toda a facilidade… ele não podia trazer aquilo de Caxias, porque eles iam inspecioná-lo. Então eu peguei no livro, naqueles papéis, trouxe aquilo tudo na minha mala. E eles deixaram-me passar sem revistar nada do que eu trouxe de dentro da prisão - já era realmente o descalabro disto tudo. Então eu trago o documento, esse livro, que depois o Modesto iria publicar. Sai da prisão comigo no dia 24 de abril.

As saídas da prisão, tal como as buscas, têm horários. As saídas da prisão eram até às 19 horas, por aquilo que se sabia. Eles estavam muito aflitos a dizer: «Despache-se, despache-se!» «Tá bem, estou-me a despachar...!» - que eu também me queria vir embora, também me queria despachar o mais depressa possível - se é para vir embora! Senti que havia aquela questão. Eram 19 horas ou pouco depois das 19 horas e eu saí da prisão.

Segundo aquilo que se sabia a libertação dos presos das cadeias, de uma forma geral e dali, era até às 19 horas. Aquela ideia que eu tenho - só para registo - talvez possa ter sido o último ou dos últimos presos políticos a sair no dia 24 de abril. E metem-me, uma vez mais, metem-me à porta e venho por ali abaixo. Mas ali, mais abaixo, já tinha um carro à minha espera. Venho por ali abaixo, para vir para casa. Mas sempre com aquela ânsia de que os gajos disseram que «vens para cá mais depressa do que estás a pensar».

Então cheguei a casa e eram sete da manhã, começam-me aos murros à porta. E eu disse: «Pronto. É mais depressa do que...». Eu não pensava que fosse tão depressa, que fosse dormir uma noite a casa e arrecadarem-me logo. Eu morava no Bairro Alto, num rés-de-chão. E comecei a amarinhar - pensei: «Desta vez vocês já não me apanham» - comecei a amarinhar para fugir pelo saguão. Entretanto começa a minha mulher: «Não fujas, que é um amigo nosso que está aqui a bater à porta. Espera aí, não fujas que não é nada a PIDE». Então eu desci, não sei se subisse aquilo dava alguma coisa, mas para já não me apanhavam logo à primeira. E é quando diz «Está a acontecer aqui um problema. Há as tropas na rua. Mas a gente tem que estar a pau, não te queremos meter já nisto. Anda comigo».

É quando eu vou lá para aquela rua ao lado da António Maria Cardoso. Quando dão indicação que já se pode vir para a rua - é questão de horas. Foi uma coisa muito rápida, estamos a falar desde as sete da manhã. Porque, como vocês sabem, havia o medo se o que estava a acontecer era golpe do Kaúlza ou se era uma coisa diferente. Felizmente foi diferente.

Todo o meu 25 de abril, ou parte dele, é passado aqui, assim. Que é uma coisa extraordinária. Quando um tipo sai da prisão, pensa que vai ser preso outra vez, partiu foi para a liberdade. Como vocês sabem a GNR foram as últimas forças a renderem-se à rutura, ao golpe - ainda não era revolução. (...) Eles estavam a descer a caminho do Chiado, onde é o Teatro da Trindade, com as baionetas ali espetadas. Eles vinham a descer… e nós íamos ao encontro deles. E quando chegamos assim, a um metro de distância, eles com as baionetas apontadas, eles pararam. E nós parámos também. Ao fim de uns segundos pararam, levantaram aquilo [as baionetas] e foi quando se renderam. É interessante dentro da vida de um antifascista sentir que o esbirro do fascismo terminou ali. Eu estive, com outros, muitos outros, ali na primeira linha a amedrontar - entre aspas - o comando daquela tropa. E depois fomos para o 25 de abril.

Eu, que estou nisto desde muito jovem, acho que é uma coisa que levamos na memória. Dentro de tudo o que se faça, se leva na memória extraordinária dentro do ponto da vista da história. Eu farto-me de ter conversas com os alunos, lá na Voz do Operário, que vivemos muito as questões do 25 de abril. Ainda ontem, uma coisa extraordinária, tive com um grupo de crianças do 5º ano na Voz do Operário, que queriam falar comigo sobre o 25 de abril. Sabiam que eu tinha estado preso, [tinham] perguntas. E é interessante olhar para aquelas cinco crianças do 5º ano, são crianças, e começam a falar do 25 do abril… Já tinham

visitado o Museu do Aljube, já tinham estado a ver as coisas. A sensação com que eu fiquei é que há coisas, hoje em dia, [que as crianças] sabem mais que eu. É motivo de felicidade, saber - infelizmente é a minoria das minorias - mas saber que isto vai lá. Não vai com a velocidade que a gente queria, mas vai".